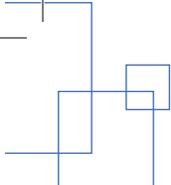


Fenasbac apresenta

Asbac: os Primeiros 50 anos

Por Clovis Naconezy



© Clovis Naconecy

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa edição pode ser utilizada ou reproduzida por qualquer meio, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização do editor.

1ª edição • Brasília, 2018

Editor: Clovis Naconecy

Capa: Fernando Carreira

Tratamento de textos: Clovis Naconecy

Projeto gráfico: Ana Carolina Nunes

Diagramação: Ana Carolina Nunes e Danielle Nogueira

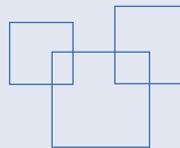
Ilustrações: Cláudio Cunha

Seleção de casos e crônicas: Rosa Maria de Oliveira,
Luiz Tadeu Florentino e Clovis Naconecy

Revisão: Clovis Naconecy

Impressão: Editora e Gráfica Ideal





Palavra do Presidente

50 anos num documentário inesquecível

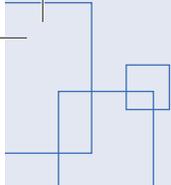
Poderíamos iniciar esta narrativa com os dizeres "Era uma vez ..." e sim, é uma linda história.

Desde aquele longínquo 4 de janeiro de 1966, em que foi criada a associação que passou a ser conhecida como Asbac Nacional, até os dias atuais, mais de 50 anos se passaram. De caixa financeira interna a administradora da assistência médica ao funcionalismo bastaram alguns passos. Regulando de faixa etária com o Banco Central, crescemos juntos, interligados, próximos e prósperos.

Vivendo num país em desenvolvimento, natural que tivéssemos que nos adaptar por caminhos próprios. Monitorados por legislações restritivas, fomos tocando nossas vidas com maior independência e, como tal, experimentando novas visões e oportunidades. Mas isto nunca nos afastou, pelo contrário, sempre mantivemos, nós e o Bacen, fortes laços de amizade e cumplicidade, zelando pela manutenção de ações corporativas em prol dos servidores da Casa.

Com o passar dos anos, ajustes tornaram-se necessários e uma grande reestruturação ocorreu em 1997, ano em que, após estudos de um grupo de trabalho conjunto, uma assembleia geral homologou transformar a Nacional da Asbac numa Federação, desde 4 de janeiro de 1998, mantendo nesta a administração centralizada dos programas nacionais: Seguros, Consórcios e Empréstimos Pessoais – iniciativa esta fonte de inspiração inicial para criar a Associação, além de outras incumbências. Com esta reforma, as dez diretorias regionais da Associação Nacional foram extintas, sendo criadas dez novas Asbacs independentes, com total autonomia e filiadas à Federação.

Amadurecemos neste processo, com olhos atentos ao futuro passamos a operar um novo sistema federativo, integrado, uno e preservando o princípio do associativismo como prática de cresci-



mento e realizações com ganho de escala de benefícios aos servidores do Banco Central.

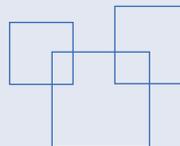
Preservar a história e reconhecer o trabalho de construção institucional dos que nos antecederam sempre esteve em nosso radar. Desta forma, o primeiro reconhecimento e registro histórico formal ocorreu em abril de 2004, com a inauguração da Galeria de ex-Presidentes, na então nova e atual sede, no Setor Bancário Sul, próximo ao Bacen, em Brasília. Muito além de simples fotos nas paredes, foi promovido um grande encontro entre todos os dirigentes. Na oportunidade, emocionado e emocionando os mais de duzentos presentes nos corredores do imóvel, Francisco Silva Nobre, primeiro executivo da Instituição, representando os homenageados, discursou enaltecendo a grandeza de tal iniciativa e rememorando muitos momentos marcantes daqueles 40 anos até então vividos. Infelizmente, veio a falecer alguns meses depois, mas nos confortou termos efetivado o merecido reconhecimento ainda em vida.

Mais proximamente, em novembro de 2011, a Federação criou o Instituto Fenasbac, seu braço educacional para atuar em gestão corporativa nas áreas de finanças, economia, administração e recursos humanos. A partir de sua sede em Brasília, opera em todo território nacional com grande portfólio de produtos e clientes e mantém uma representação regional em Porto Alegre.

Com o advento do Jubileu de Ouro do BCB em 2015, a Fenasbac, associando-se às comemorações, assinou o patrocínio exclusivo do Prêmio Banco Central de Economia e Finanças, concurso de monografias já em sua 3ª edição que, desde de 2016, acolhe trabalhos acadêmicos de estudantes do Brasil e do Exterior, nos segmentos de atuação do Banco Central, notadamente economia, estabilidade financeira e cidadania financeira. A premiação que atinge cerca de R\$50mil é efetivada em SP, durante o Seminário Anual de Estabilidade Financeira e Economia Bancária, evento internacional que está em sua XIII edição em 2018.

Vida que segue, fruto de uma parceria natural, ações conjuntas entre Fenasbac e Banco se intensificaram e o Acordo de Cooperação nas Áreas Ambiental, Cultural, Social, Técnica, de Comunicação e de Educação Financeira foi firmado em junho de 2017, formalizando o que já ocorria na prática entre as instituições, amplificar iniciativas para maior integração e desenvolvimento dos valores institucionais, maiores benefícios e qualidade de vida aos servidores e também em prol da sociedade em geral.

Merecem ainda destaque duas iniciativas conjuntas no campo da inovação tecnológica, o LIFT e o CidaData, ambos em fase de prototipagens. O Laboratório de Inovações Financeiras e Tecnológicas, conhecido como LIFT, é projeto de atuação conjunta Fenas-



bac/BC, que visa criar em ambiente virtual condições de incentivo ao desenvolvimento de ideias e protótipos de aplicativos e inteligência artificial para a indústria financeira, contando com players exponenciais como Oracle, IBM, Amazon, Microsoft e outros.

De forma semelhante, estamos patrocinando iniciativa denominada CidaData, em conjunto com a Fundação Lemann e Banco Central, para incentivo ao desenvolvimento de aplicativos voltados a educação financeira, com utilização de dados disponíveis à população no datacenter do Bacen.

A trajetória desta Federação completou igualmente seu Jubileu de Ouro, permanecendo sólida e em constante crescimento o patrimônio cultural idealizado por aqueles 17 colegas fundadores, trazido até os dias atuais por todos aqueles que ajudaram a escrever esta bela história de 50 anos que, tenham certeza, está apenas começando.

Todas estas conquistas foram marcadas por importantes pessoas e parceiros estratégicos que foram homenageados com a entrega do Prêmio Fenasbac 50 anos, em Brasília e nas demais capitais. Foram momentos especiais de comemorar e agradecer, reforçar elos e registrar nossa história e a interação com o Banco Central do Brasil.

Como Presidente da atual Diretoria Executiva, me sinto extremamente honrado em conduzir os destinos de nossa Instituição, seguindo orientações de nosso Colegiado Gestor e auxiliado pelos demais colaboradores desta família que continua crescendo, fazendo parcerias estratégicas, construindo novos horizontes e, a cada dia, capaz de superar todos os desafios que aparecerem hoje, amanhã e sempre.

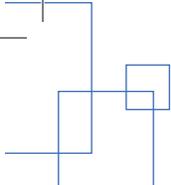
Agora, fechando um ciclo de registros históricos, estamos trazendo à luz uma coletânea de fatos marcantes, colecionados com a especial participação de muitos associados que vivenciaram tais emoções, pesquisa em arquivos escriturais e em acervos fotográficos da Instituição e particulares.

Registro aqui um especial agradecimento aos ensaios iniciais promovidos pelo Conselheiro Luiz Augusto Feitosa Ferraz e ao profícuo trabalho de planejamento, garimpo, pesquisas, entrevistas e muita redação e ralação efetivado pelo Conselheiro Clovis Naconecy de Souza, ambos de forma voluntária e graciosa, possibilitando a conclusão deste verdadeiro documentário da vida de todos nós nos últimos 50 anos.



Parabéns a todos.

Paulo Renato Tavares Stein,
Presidente da Diretoria Executiva



Prefácio

Assistir, congregar, congratular: resgatando a memória

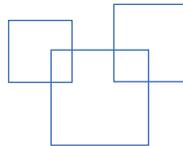
O fundamento da vida é a memória. Ela dá sentido às coisas, às invenções, às criações, à sensação de estarmos vivos. Preservar a memória de uma instituição é manter a instituição viva e uma forma de fortalecer suas bases. Para que esse conhecimento se preserve, é necessário conservar documentos, fotos, objetos e organizar o registro dos fatos. Erros e acertos do passado ajudam a entender o presente e a planejar ações futuras.

Aceitar o desafio de escrever a história da Asbac era missão mais complexa do que inicialmente se imagina. São 50 anos, mas de dez Asbacs, e ainda some a isto a Asbac Nacional, que se transformou em Fenasbac. Ou seja, são onze vezes 50, ou 550 anos de muitas histórias, personagens e realizações. Nada que pudesse nos arrefecer o ânimo.

Pelo contrário, era uma oportunidade de olhar para as pessoas, pois a história institucional é uma construção que traz em si as marcas dos sujeitos que dela fazem parte. Tanto os servidores que passaram pela Asbac como os que continuam trabalhando nela têm dado sua contribuição para construir essa história que se busca preservar.

Entre tantos fatos e visões, práticas e discursos, procuramos selecionar alguns acontecimentos que marcaram a história da Associação que, inicialmente, trazia o lema citado no título. Por trás de cada aspecto levantado, há muitos atores que contribuíram com trabalho e ações, motivados pelas demandas do seu tempo e pela situação social, política e econômica de cada época.

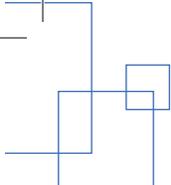
Preservar a memória institucional não é só resgatar o passado. Também é compreender as diferenças e reconhecer os limites de cada período. É ter referenciais consistentes para construir o presente e planejar o futuro. É descobrir valores e renovar os vínculos. É refletir sobre a história, não apenas como quem recorda, mas exercitando uma verdadeira práxis, em que reflexão e prática andam lado a lado.



O tamanho do desafio

O que se nos propunha era reconstituir muitas histórias que o tempo já estava tratando de soterrar com seu impiedoso sopro de esquecimento. Das grandiosas às singelas. Como detetives inconformados com as lacunas dos registros oficiais, fomos fundo para tentar desvendar grandes e pequenos mistérios que foram aparecendo. Como a de trazer à luz a inspiradora da ideia da constituição da Asbac, uma funcionária que, de tão endividada, sensibilizou a cúpula diretiva do Banco e a fez se movimentar em torno de uma solução. A saída encontrada – a criação da Asbac – resolveu a situação da moça, com um empréstimo vultoso do braço financeiro da instituição recém-nascida. Mas apenas temporariamente: Dinorah Ferreira de Souza se demitiu em jan68. Tentamos seguir sua trajetória, de poucas pistas, que nos levou até o interior de MG, na cidade de Uberlândia, onde ela teria falecido em 2015. Sem outras alterações.

Mesmo investigadores mais experimentados estão sujeitos a insucessos. Para nossa sorte, a soma das prospecções exitosas foi altamente positiva. Como conseguir imagens de todos os principais dirigentes, desde os pioneiros, em todos os recantos. Até dos "impossíveis". Aliás, uma palavra inexistente em nosso dicionário. Reviver e resgatar os principais eventos de todos os mandatos foi outra "operação" bem-sucedida. Contatar e entrevistar a concursada melhor classificada no primeiro concurso do BC, de 67, numa cidadezinha no nordeste norte-americano, foi outro feito digno de nota. Escarafunchar os arquivos da Fenasbac, em Brasília, outra aventura em que se pôde deparar com uma falha comum em quem detém imagens: o total descompromisso com as referências. Na hora dos flashes, o tempo está presente, e os personagens são conhecidos. Com o passar dos anos, as imagens podem até desejar contar muitas histórias, mas ficam apócrifas e atemporais. Esse descaramento é generalizado, e fatal para a maioria das imagens. Inapelavelmente, essa negligência vira espaço perdido. Como se pode notar nesse volume, tentamos fazer algum trabalho de reconstituição, e fixar imagens com datas, contando com a colaboração de centenas de asbaqueanos de memória prodigiosa.



As gratas surpresas

Como toda viagem é um lucro, nossa imersão por essa história tão fascinante nos trouxe muitos bons legados. A começar pela publicação das manifestações artísticas de muitos associados, sensíveis à conclamação de participação de Guto Feitoza Ferraz, no capítulo Causos e Crônicas. Nessa parte, é digno de registro a magnífica suite de crônicas de Haroldo Verçosa, que percorre toda a epopeia de um servidor do BC, desde seu noviciado. Também merece destaque a história de amor pelo esporte e de sincera amizade entre três amigos, que ajudaram a propulsionar a atividade na Associação e a movimentar toda a coletividade em torno dos bons valores, no capítulo Olimpíadas. O autor, o gaúcho Luiz Albino de Abreu, além de protagonizar a comovente história, escreve como romancista. Impossível ficar indiferente a seu desempenho, e também a seu texto.

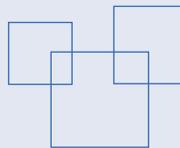
A participação e o coleguismo exemplares do baiano Guto Ferraz, sempre sensível, permanentemente muito disposto a contribuir com seus detalhes e a vivência de Asbac, foram imprescindíveis, em todas as fases do projeto, desde a ideia seminal, há dois anos. Impossível levar adiante empreitada dessa amplitude sem o concurso de muitos abnegados entusiasmados e, para nossa fortuna, com a memória bastante preservada. Devo ter falhado em alguns reconhecimentos, mas a maioria está nominada nas páginas seguintes, nos agradecimentos.

Por fim, e antes de a obra propriamente começar, gostaria de registrar o apoio total do presidente Paulo Renato Tavares Stein que, além de compreender a importância do registro da memória para instituições do porte da Asbac e da Fenasbac, nos deu carta branca para viajar nessa aventura de reconciliação com o passado e reconstituição de um organismo que está se reinventando todo dia, procurando saídas para os novos tempos, e que precisa se espelhar em sua história grandiosa e de muitos heróis para traçar seu plano de voo.

Esperamos ter contribuído, nessa empreitada, para pavimentar nosso passado. A gratidão é a memória do coração. Aguardemos os próximos 50. Gratos a todos amigos e colaboradores.

Clovis Naconecy

Presidente do Conselho de Administração da Asbac-SPO



Agradecimentos

Transbordantemente especiais a Luiza Setsuko Higashi, que quase nunca perdeu a paciência com os milhares de consultas sobre contatos e nomes, nas horas normais e nas inusitadas.

Muito especiais a Aquilina Luiza Torres de Paula Santos, pela memória prodigiosa, a simpatia e a receptividade sempre.

Carlos Tadeu Pimenta, sempre disponível, colaborativo, uma enciclopédia baceniana à nossa disposição.

Fernando Carreira, publicitário multilaureado, que conseguiu achar espaço na agenda abarrotada para nos oferecer mais demonstrações de seu absurdo talento de designer, na capa.

Haroldo Malheiros Duclerc Verçosa, grande e longo escritor, com talento para roteirista hollywoodiano.

Luís Albino de Abreu, um entusiasmo contagiante pela vida, cultor de valores transcendentais, como a amizade e a retribuição.

Luiz Augusto Feitoza Ferraz, um bon vivant, sempre de bem com a vida, disposto a colaborar e se apaixonar pelos projetos, bom de ter por perto.

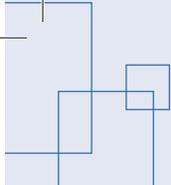
Luiz Carlos Casemiro, grande colecionador de memórias, fino observador dos eventos que valem a pena, sensível e humano.

Luiz Tadeu Florentino, parceiro para todas as horas incertas, cabeça nas estrelas, um cara acima de tudo sério, adepto do "nada a declarar".

Maysa Vicente da Silva, gentileza, disponibilidade e competência em todos os minutos do expediente.

Nestor Brochado Simonetti, entusiasmado companheiro para as empreitadas mais difíceis, está sempre ao lado dos amigos.

Octavio Gravino Filho, inventário vivo dos acontecimentos mais importantes da Asbac-RJA, é sempre generoso e fotográfico memorialista. Prazer enorme em conhecer.



Paulo de Tarso Galarça Calovi é tudo o que dizem dele: assertivo, com opinião formada sobre tudo e sobre todos, fantástico como contador de causos, e mais: muito, muito generoso.

Rosa Maria de Oliveira: parafraseando o título do filme: nunca a vi, mas sempre a amei. Conhece tudo sobre a Asbac-BHO, é apaixonada por cultura e bons valores, e compartilhou muito de suas percepções conosco.

Vânia Magnólia Cortezia Quevedez é excepcional representante carioca: quando vê fogo, transforma-se em incêndio. Entusiasmada, operativa, foi valiosíssima colaboradora.

Especiais a:

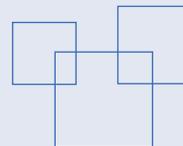
Na BA: Eronides Pituba, Fernando Ribeiro Hermida.

No CE: Carlos Ricardo Lessa de Moura, Elizângela Oliveira, Francisco Paulo Brandão Aragão, Henrique Jorge Medeiros Marinho, Maria Nilta de Oliveira.

No DF: André Martins Ressel, Antônio Pedro Ferreira, Aparício Secundus Pereira Lima, Araci Lopes, Carlos Roberto Silva, Danielle Teixeira, Derci Enrique Mendes, Divino Alberto Soares, Eduardo Augusto Roxo Pereira, Emanoelli Falcão da Silva, Fernando Luiz Meneses Silva, Genésio Lopes Siqueira, George Wanderley da Costa, Geraldo Magela Siqueira, Isabel Egner, Jamil Antonio Helou, João Correa de Magalhães, José Aimoré Bolina de Oliveira, Júlio Leite Cardoso, Kades Corte, Maria de Lourdes Oliveira Lopes, Lucila Cepedes Simão, Luiz Fernando Cardoso Maciel, Luiz Freire Fonseca Júnior, Manoel Miranda de Santos Neto, Marcos Enéas Silva, Miriam de Oliveira, Marinalva Correa de Castro, Nilvanete Ferreira da Costa, Pedro Henrique Fernandes Maia, Pedro Valdenir Pinto da Silva, Rafaella Nunes de Oliveira, Reynaldo de Souza Motta, Sandra de Sousa, Sueli Dias Medeiros, Tatyanna de Pinho Falcão, Walter Gomes de Oliveira.

Em MG: Antonio Carlos Pinho de Lima, Helena Dellamonica, Joaíldo Actis César, José Reinaldo Pimentel Santos, Lúcia Paes Leme dos Reis, Marília Prado Penido, Sirleia Cássia de Oliveira Santos.

No PA: Altino Almeida de Souza, Ferdinando Andrade Pinto, Laércio Cubas, Reginaldo Bentes, Rodrigo da Luz de Souza, Rosiane Malheiros Araújo.



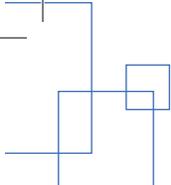
Em PE: Edson Gomes da Silva, Gleice Kelly Bernardino de Melo, Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes, José Inácio Moneta, Nelson Rodrigues de Oliveira, Olívio Pessoa Lira Lins, Pedro Nogueira da Costa Filho, Rose Mary Pinto Barros Barbosa, Wallace Moacy do Carmo.

No PR: Ataliba Renato da Costa Ávila, Celso Luiz Laufer, Dilson Sampaio da Fonseca, João Máximo Iurk, Maria Cristina de Souza, Odacir Pereira da Silva, Regiane Maria Menin, Roberto Siqueira Filho, Rui Jadiel Rodrigues Silva, Salvador Soares de Oliveira, Selito Antônio Bordin, Valdir Barbieri.

No RJ: Abelardo Duarte de Melo Sobrinho, Carlos Filardi, Clemente Preciado, Ênio Franco Coelho, Eunice Borges, Jairo Vítor Machado, José Cláudio Mendes da Silva Pinho, Juarez Bonifácio de Almeida, Luiz Antônio Andrade Gonçalves, Mário Márcio Damasco, Maurício Rodrigues Pereira, Neide Magalhães Gomes, Paulo dos Santos, Rejane Bogado Leite, Roberto Vivas, Ronaldo José de Souza, Wagner Silva D'Oliveira, Wanderson Luiz de Souza Silva.

No RS: Airton Streher Escobar, Angelita Leal dos Santos, Cezar Pons Dias da Costa, Derocy Giácomo Cirilo da Silva, Egon Luis Kross, José Aymoré Bolina, Leonir Borges, Manoel José Pereira Dias, Nelson de Magalhães Feitosa, Newton Afonso Cabral Medeiros.

Em SP: Afonso Mitsuo Sawada, Alberto Francisco, Alberto Kohn de Penhas, Ana Maria Araújo Lima, Antonio Carlos Amaral Rosa, Antônio Ken Iti Kaihara, Aristeu de Campos Filho, Avani Souza e Silva, Cláudia Maria Elias Ferreira Lima Shmyr, Cristiana Kunika Nakazawa, Daniel Delascio Berça, Eleonor Setsuko Kato, Eliana Cesari Borges Hadade, Fernando Roberto Medeiros, Ivete Bergantini Lippi, Grijalva Fonseca Filho, José Eduardo Andrade Gonçalves, José Garcia Netto, José Maria Padilha, José Osório Lourenção, Lauro Teruo Hayashi, Léa Maria de Arruda, Luciana Debieux, Luiz Teixeira, Marcelo Kohn de Penhas, Marco Antônio de Camargo, Marcos Flávio de Cabral Moraes Júnior, Mariângela Zapata de Souza, Marici Amorosino Cossenza, Miriam Debieux Rosa, Rafael Siracusa Neto, Reiji Shinozaki, Roberto Silveira de Moraes, Sérgio Kohn de Penhas, Sheila Barbosa Marques, Sueli Bezerra de Souza Girnius.



Sumário

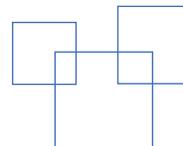
Palavra do Presidente	3
Prefácio	6
Agradecimentos	9
Legendas	14

História

1. Criação da Asbac, transformação em Fenasbac	15
A invenção da Asbac	16
Fenasbac	19
Instituto Fenasbac	20
Asbac, Asbac Nacional, Fenasbac: as estruturas de poder	21
O que produziam as diretorias	22
O que foi sendo alterado	23
Estatuto de 1988	25
Eleitos para os Conselhos (Deliberativo e de Administração) da Asbac Nacional	26
2. Criação e história das Asbacs regionais	29
Belém	30
Belo Horizonte	37
Brasília	43
Curitiba	51
Fortaleza	57
Porto Alegre	62
Recife	73
Rio de Janeiro	77
Salvador	84
São Paulo	91
3. Datas Importantes	101
4. Documentos importantes	115

Personagens

5. Galeria de Presidentes e Dirigentes Regionais	131
Asbac Nacional/Fenasbac	132
Belém	135
Belo Horizonte	137
Brasília	140
Curitiba	143
Fortaleza	145
Porto Alegre	147
Recife	149
Rio de Janeiro	151
Salvador	154
São Paulo	156



6. Pioneiros: a história viva que protagonizaram	159
Aquilina Luiza Torres de Paula Santos	160
Clemente Preciado	166
Dênio Chagas Nogueira	170
Eduardo Augusto Roxo Pereira	179
Eunice Borges	183
José Maria Padilha	186
Lúcia Maria Bello Feitosa	190
Sérgio Paulo Cintra Soares Maciel	193
7. Visão de quem decide	199
8. As sedes: cenários magníficos	227
Belém	228
Belo Horizonte	228
Brasília	230
Curitiba	235
Fortaleza	238
Porto Alegre	239
Recife	242
Rio de Janeiro	242
Salvador	246
São Paulo	248
Atividades	
9. Memorabilia	253
10. Prêmio Fenasbac de Qualidade	325
Histórico	326
Regulamento	327
Todos os vencedores	332
Escoutes	338
TODOSPORUM	341
11. A prestadora de serviços financeiros	357
12. Esportes	363
Esporte e o melhor da Asbac	364
Esportes e jogos: diversificação e qualidade	365
Todos os Top5	366
13. Olimpíadas	401
Olimpíadas marcaram com intercâmbio cultural geração do esporte asbaqueano	402

Paixão pelo esporte anabolizou amizade de pioneiros, por Luiz Albino de Abreu	419
Pequenas crônicas de um grande evento esportivo	447

14. Criação do IFenasbac-Instituto Fenasbac	451
Criação do IFenasbac põe lenha na chama da sustentabilidade do Sistema Federativo Asbac	452
A reinvenção da Federação	454
Triade gestão corporativa, de pessoas e finanças já insere IFenasbac entre maiores em capacitação	457

Percepções

15. Entrevistas com fundadores, dirigentes e expoentes	463
---	------------

Perspectivas

16. Perspectiva do papel do IFenasbac na Federação, por Lucila Simão	545
17. Perspectiva de futuro das Associações, por Paulo Aragão	549

Inventário

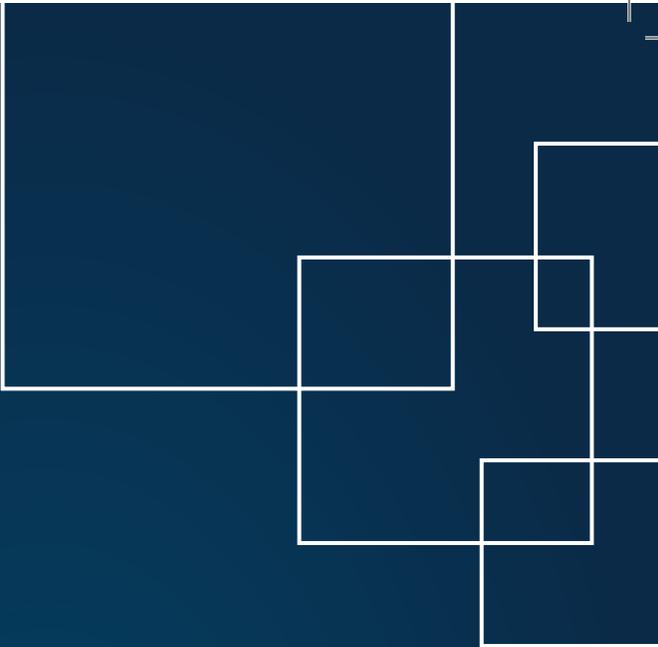
18. Comunicações & Artes: cartazes, peças gráficas que marcaram época	553
19. Quem é Quem Na Asbac	601
Nossa gente	602
Nossos nacionais	609
20. Grandes casos e crônicas	615
21. Tipos inesquecíveis	831

Comemorações

22. Comemoração dos 50 anos	851
Manifestação do Presidente da Diretoria Executiva da Fenasbac, Paulo Renato Stein	852
Prêmio Fenasbac 50 Anos	854
Cerimônia celebra reconhecimento	861
Concurso Nacional de Fotografia: olhar sensível e timing predominam entre vencedores	865
Prêmio BC de Economia e Finanças: Evento se insere entre melhores de Economia	870

Legendas

BEL = Belém, BHO = Belo Horizonte, BSB = Brasília, CWT = Curitiba, FOR = Fortaleza, POA = Porto Alegre, REC = Recife, RJA = Rio de Janeiro, SAL = Salvador, SPO = São Paulo e NI = Não identificado



HISTÓRIA

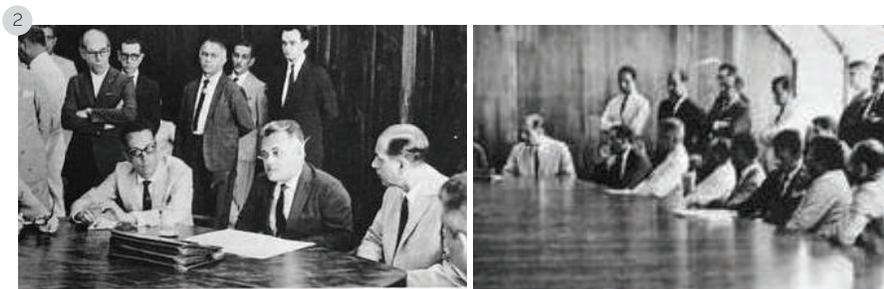
Criação da Asbac, transformação em Fenasbac

A invenção da Asbac

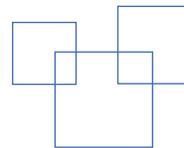
Há muito, muito tempo, num século em que o país gigante pela natureza começava a se erguer do berço esplêndido e modernizar suas diversas atividades, as cabeças mais privilegiadas da economia resolveram se reunir. E, nos moldes das mais progressistas nações do mundo, criaram o Banco Central do Brasil, agregando competências que receberam da Sumoc, do BB e do Tesouro Nacional. Uma instituição que, desde então, caminha junto com todos os governos auxiliando nas políticas econômicas, zelando pelo valor da moeda e contribuindo para o bem estar social da população. Tudo isso muito sério e solene, mas esses homens iluminantes que capitaneavam a nova instituição, suas famílias, assim como todos seus auxiliares que foram sendo agregados em concursos públicos pelos anos seguintes, para o bom funcionamento dessa máquina de controlar o mercado financeiro do país, também tinham necessidades pessoais. E tal qual personagens míticos que precisam tomar um dia para descanso, também os artífices do BC criaram um mecanismo para sua tranquilidade, conveniências e socialização: a Asbac.

A Associação dos Servidores do Banco Central do Brasil foi criada oficialmente em 1965. Contam as línguas menos glamourizadas, e também relatos da época, que nasceu em decorrência da situação de quase insolvência de uma funcionária, Dinorah, do recém-criado BC que, premeida por uma agressiva avalanche de credores, fez caloroso apelo ao então Diretor-Presidente do Banco Central, Dênio Nogueira, para que lhe fosse deferido um auxílio de emergência.

O apelo foi acolhido em caráter rigorosamente excepcional, expressou a autoridade, em sua longa e judiciosa decisão. O Presidente determinou que, no prazo de 60 dias, fosse constituído um Grupo de Trabalho com a incumbência de elaborar "projeto de organização de cooperativa de crédito mútuo dos fun-



¹ Criação Asbac, em 1966: uma das tomadas frontais, pela direita. Na cabeceira, de terno escuro, Silva Nobre. Ao seu lado, de óculos, Bogado Leite. ² Aspectos da Assembleia Geral de Constituição da Asbac, realizada em 4jan66, no salão nobre do Banco do Estado da Guanabara.



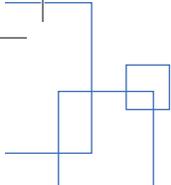
cionários em exercício neste Banco, nos moldes de iniciativas análogas já adotadas com sucesso não só no Brasil como em outros países, que tenha por objetivo o financiamento a longo prazo da aquisição de casa própria, automóvel e bens de consumo durável".

Na verdade, o que se pretendia era verdadeiramente uma panaceia para resolver todos os problemas possíveis do funcionalismo. O Grupo de Trabalho foi instalado sob a presidência do seu chefe de gabinete, Levy Campos Moura, tendo como membros Francisco da Silva Nobre, Dirceu Martins, José Lucas Oswald, Marcos Nogueira da Silva, Onofre Bogado Leite e José Rubem Corrêa, secretário.

Antes mesmo do vencimento do prazo estabelecido, em apenas 13 dias, o Grupo de Trabalho, após várias reuniões de que participaram colegas do Banco Nacional de Crédito Cooperativo e Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, apresentou seu Relatório sugerindo fosse criada a Associação dos Servidores do Banco Central – ASBAC, de amplo caráter assistencial, visando também promover e incentivar a solidariedade e união entre os funcionários do BC. Aprovado o Estatuto da Associação, mereceu referência expressa a constituição dos Departamentos de Administração, de Aplicações, de Benefícios e Social; o Conselho Deliberativo ficou constituído de 20 membros, sendo 10 eleitos e os outros 10 restantes designados pelo Presidente do BC. Os Diretores dos Departamentos de Aplicações e Benefícios seriam recrutados entre os membros do Conselho Deliberativo designados pela Presidência do Banco; as tarefas e encargos de cada Departamento estão especificamente nomeadas no Estatuto da Associação, devidamente registrado no Cartório de Pessoas Jurídicas, em 6 de abril de 1966, cumprindo a disposição legal.

Já no dia seguinte da criação, iniciando as atividades da Asbac, a diretoria outorgou ao presidente do Conselho Deliberativo a dotação de 1 milhão de cruzeiros, então muito significativa, o que permitiu a ele praticar o primeiro ato assistencial: conceder empréstimo à funcionária Dinorah que, sem querer, propiciou o surgimento da Asbac.

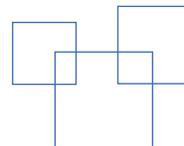
É bom deixar esclarecida essa primeira configuração da Associação, que era verdadeiramente uma solução para todos os problemas do funcionalismo. Se precisasse de um empréstimo financeiro, logo seria atendido; se queria pagar os estudos, ou dos filhos, ou se fizesse tratamento odontológico, se precisasse de médico, de hospital, se desejasse fazer cursos técnicos e especializados, relacionados com o próprio serviço, tinha o Departamento de Benefícios aparelhado para atender. E também, se desejasse praticar esportes, atividades que possibilitariam melhor conagração e amizade dos colegas, o Departamento Desportivo atendia. Não era pouca coisa.



Fundada a Asbac, o que ocorreu oficialmente em 4 de janeiro de 1966, aprovado e registrado seu Estatuto, a entidade pleiteou do Banco Central do Brasil a concessão de um auxílio mensal correspondente ao valor das contribuições pagas pelos associados e, ainda, a cessão de uma sala para seus serviços de secretaria e de um terreno destinado à instalação de um reembolsável de gêneros alimentícios, utilidades, etc., para os funcionários. O pedido mereceu deferimento por parte da Diretoria do Banco Central, em sessão de 11 de fevereiro de 1966 e, posteriormente, foi homologado pelo Conselho Monetário Nacional, em reunião de 24 de março de 1966.

A propósito, e esclarecendo, vale dizer que, na ocasião, a Diretoria do Banco Central, concordando expressamente com a manifestação do Presidente de então, deferiu à Asbac um crédito para ser aplicado estritamente nos moldes da Regulamentação já aprovada, em empréstimos aos funcionários, para atendimento de casos específicos ou dívidas comprovadas. Também a Diretoria do BC, ainda acompanhando o entendimento de seu Presidente, concordou em que a criação da Asbac teve como escopo o interesse do Banco Central em, primeiramente, "evitar que seus funcionários tenham de recorrer a outras fontes de crédito, principalmente a agiotas, em face do risco que tal prática envolve"; e, secundamente, "vincular sua permanência nos quadros deste Órgão à ordem financeira de sua vida". E, nessa ordem de ideias, em seu decisório, a Diretoria do Banco Central determinou que a Asbac inserisse em seu Regulamento "dispositivo prevendo sanções – inclusive comunicação ao Banco Central – aos reincidentes em casos de endividamento, decorrente de desordem financeira em suas vidas". Ou seja, bom entendedores ficariam esclarecidos que, para trabalhar no órgão de controle econômico do país, teriam que demonstrar serem bons administradores das próprias finanças.

A Asbac em seus primórdios, no âmbito de seus amplos e promissores objetivos, procurou executar um abrangente programa de atividades essenciais e recreativas, inclusive constituindo Planos para a aquisição de carros e casa própria. Todavia, fatores os mais diversos e adversos não permitiram que a Associação, no seu início, alcançasse ou projetasse uma imagem que inspirasse plena confiança, não ocorrendo, também, condições favoráveis para que se fixasse em seguros alicerces a realização das iniciativas de relevante interesse social e funcional, então programadas. Esses pequenos percalços no início da caminhada foram superados nos anos seguintes. Assim, a configuração inicial desenhou um órgão prestador de assistência financeira, funcional e à saúde, e de manutenção e incentivo à união por meio de atividades culturais,



sociais, recreativas e para cooperar e estabelecer intercâmbio entre entidades congêneres. Daquele dia em diante, as atividades seriam voltadas à melhoria dos serviços, ao crescimento e esforço para proporcionar aos profissionais recursos indispensáveis e possibilidades acessíveis para ter uma vida tranquila. Nessa linha de raciocínio, a Asbac tem tomado, a partir de então, as iniciativas para que o sonho da casa própria ou o automóvel estejam sempre à disposição de seu quadro de associados, com as melhores condições do mercado.

Após a criação da Asbac, os colaboradores, além de fazer parte de um órgão respeitável e com grande importância para o desenvolvimento do país, passaram a integrar uma nova família que estava se formando, estreitando os laços e começando ali um ciclo de transformações, que unia as principais sedes do BC no Brasil, para garantir a qualidade de vida e oferecer serviços exclusivos com taxas especiais e acessíveis.

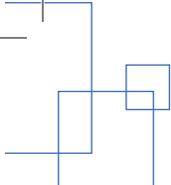
Caminhando ao lado do órgão criador, a Asbac acabou também sentindo os reflexos das particularidades das associações ligadas a instituições públicas, e foi vendo paulatinamente os elos com o BC tomarem outra configuração, ao sabor das mudanças e interpretações das políticas públicas. Em janeiro de 1990, o BC deixa de contribuir com a cota patronal, que representava 50% de sua arrecadação, por força da legislação, e desencadeou uma necessidade de readaptação. Outros tempos começaram; era preciso pensar na renovação.

Fenasbac

Em 4 de janeiro de 1998, a Fenasbac – Federação Nacional das Associações dos Servidores do Banco Central do Brasil –, sucessora da Asbac Nacional, foi criada compondo um sistema federativo para administrar as 10 filiadas com sedes nas principais capitais onde há representação do Banco Central do Brasil: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. De acordo com o Regimento, a Federação como sociedade civil sem fins lucrativos tem a função de zelar pela manutenção da integridade e do crescimento de seu patri-



Entrada da Fenasbac, no 7º andar do prédio Casa de São Paulo, em Brasília



mônio e de suas filiadas, promover atividades de natureza sociocultural, recreativa e esportiva, visando ao bem-estar e o conagraçamen-
to entre os associados, além de eventos de interesse público.

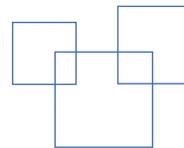
Como forma de homenagem, justa e merecida, o Presidente do Banco Central tornou-se Presidente de Honra da Federação. Após as mudanças e criação do Sistema Federativo, as dez diretorias regionais foram extintas, sendo criadas dez Asbacs independentes com total autonomia e filiadas à Fenasbac.

Com atuação em agenciamento de seguros de vida, administração de consórcios e empréstimo pessoal, a Fenasbac oferece custos diferenciados, segurança e credibilidade, além da responsabilidade pelos imóveis do BC cedidos para funcionamento dos clubes em cada regional, que proporcionam lazer, cultura, eventos sociais, atividades e competições esportivas. Desde a criação, cuidar e zelar pela qualidade de vida dos servidores e associados é uma missão cumprida, com orgulho, todos os dias.

Instituto Fenasbac

Em 25 de novembro de 2011, a Federação criou, em Brasília, o Instituto Fenasbac para atuar em gestão corporativa, finança e economia. Há tempos, a direção estava buscando uma tacada de mestre para fugir da crise que o assolava, e permanece se abatendo sobre clubes e associações precipuamente para classe média. Focado em consultoria e treinamento, e aproveitando de mão de obra proveniente do quadro de seu funcionalismo, o Instituto atua capacitando profissionais e empresas, orientando o alcance de resultados sustentáveis através de soluções que seu marketing chama, sugestivamente, de descomplicadas. O Instituto foi, assim, desenhado com base no entendimento de que "os desafios da gestão pública precisam de soluções inovadoras, considerando a dinâmica do cenário contemporâneo, as particularidades de seus organismos e a complexidade das demandas". Os projetos do instituto são executados por meio de ações diferenciadas e finalizados com excelência. Para o setor privado, as soluções desenvolvidas cumprem o objetivo de atingir resultados tangíveis que otimizam processos estratégicos e a condução de pessoas em direção à consolidação das metas de cada empresa.

Há um grupo expressivo de consultores, alguns deles servidores aposentados, que compartilham a missão de multiplicar conhecimentos. Atualmente, o Instituto Fenasbac está em expansão com início das operações da primeira representação regional, em Porto Alegre. Aguarda-se para breve novas e arrojadas prospecções em outras plagas do país.



Asbac/Asbac Nacional/Fenasbac: as estruturas de poder

A Associação nasceu como uma entidade civil, mantida conjuntamente pelos seus associados e pelo BC, em dezembro de 64, e esse mutualismo permaneceu por 25 anos. Em dezembro de 89, deixou de ter essa participação do BC, perdeu metade dos nutrientes que alimentavam seu orçamento, e teve que andar com as próprias pernas. Ao longo do tempo, também, experimentou modificações em suas finalidades, também.

Mas vamos verificar como foi imaginada, inicialmente. O objetivo primeiro foi o de realizar o conagraçamento de servidores do BC e familiares e propiciar-lhes bem estar geral, através das assistências Social, Previdenciária e Financeira, bem como representar os associados junto à Diretoria do BC.

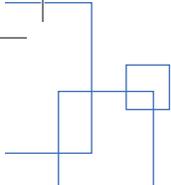
Como foi concebida, a Asbac tinha três áreas distintas, cada uma sob a responsabilidade de um diretor, representadas junto a cada Delegacia do BC pelas superintendências regionais. Eram elas:

- 1.** Diretoria de Assistência Social, que cuidava das atividades recreativas, esportivas e culturais, atenta aos anseios e necessidades dos associados;
- 2.** Diretoria de Assistência Financeira, que executava a política de Assistência Financeira ditada pelo BC: concessão de vários em préstimos e gerência de planos mutualistas para aquisição de bens duráveis; e
- 3.** Diretoria de Assistência Previdenciária, que executava a política do BC no terreno da assistência Médico-Hospitalar e Odontológica, do pagamento dos pecúlios por morte do associado e da gerência do seguro em grupo.

As Superintendências Regionais executavam em termos locais o papel próprio da Asbac.

A Asbac estava visceralmente ligada ao BC, e não só porque executava algumas de suas políticas de pessoal. Como tinha participação financeira substancial, o Banco também atuava diretamente nos destinos da Asbac através de alguns de seus maiores decisórios, uma vez que:

- Metade dos dezesseis membros de seu Conselho de Administração era indicada diretamente pela Diretoria do Banco;

- 
- O Presidente e o Vice-Presidente do seu Conselho de Administração eram, respectivamente, o Chefe de Gabinete da Presidência e o Chefe de Departamento Administrativo do BC;
 - O Presidente da Asbac, bem como seu Diretor de Assistência Financeira, eram escolhidos dentre os oito membros indicados pela Diretoria do Banco para o Conselho de Administração da Associação;
 - O Presidente da Comissão Fiscal da Asbac era o Contador Geral do Banco;
 - Um dos outros três membros daquela Comissão era obrigatoriamente inspetor de bancos do BC.

O poder maior da Asbac, entretanto, era e continua sendo sua Assembleia Geral que é convocada periodicamente.

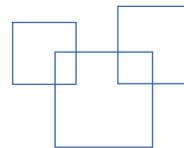
O que produziam as diretorias

Área Social: festas de confraternização, excursões, cursos, campeonatos esportivos, simpósios, etc. A esta brevemente foram entregues as instalações do lago em Brasília, construídas pelo Banco, onde há parque aquático, campos de jogos, salões, etc. A esta diretoria também foi entregue a sede campestre de Comary em Teresópolis- RJ, administrada na época pelo Superintendente Regional da Guanabara. A Asbac oferecia aos associados um clube com modernas instalações, piscina, sauna, campos de futebol, jogos e lanchonete, possuía um jornal de circulação interna no Banco, para o qual qualquer associado podia contribuir com matéria.

Área Financeira: empréstimos de liquidez, empréstimos para cobrir glosas no tratamento médicos e dentários, empréstimos imobiliários e planos mutualistas para aquisição de veículos e outros bens duráveis.

Área Previdenciária: o Sistema da Assistência Médico-Hospitalar-Odontológica, pagamento dos pecúlios por morte do associado e gerência do seguro em grupo.

O recém associado da Asbac não necessitava de qualquer carência para receber a assistência médico-hospitalar-odontológica. Para a financeira, porém, impunha-se um mínimo de dois anos ao associado. Tudo que era proporcionado ao associado na sede, que era no Rio de Janeiro, também o era àqueles lotados nas Delegacias Regionais do Banco.



A Asbac era, como também continua sendo, patrimônio do associado.

Como toda instituição é dinâmica, as muitas alterações na formatação que são sugeridas e aprovadas por sua assembleia geral acabam refletidas em seu estatuto, conjunto de normas jurídicas acordado pelos associados, que regulamenta seu funcionamento, e que é, em última análise, sua "constituição".

A partir de março de 1968, com os departamentos direcionando seus esforços para proporcionar realizações, delineava-se a Associação promotora de cultura, apoio financeiro, benefícios de pecúlio por morte, assistência médico-hospitalar e odontológica.

Vamos ver como o Estatuto da Asbac foi sendo alterado, e como foram sendo compostos os poderes sociais, para se adaptar às novas realidades.

O que foi sendo alterado

No primeiro Estatuto, de 6 de abril de 1966, assinado por seu primeiro presidente, Francisco da Silva Nobre, eram assim constituídos os poderes sociais:

Assembleia Geral: órgão soberano.

Conselho Deliberativo: mandato a cada 2 anos. Tem tantos membros eleitos quanto sejam as centenas de associados fundadores e efetivos; e igual número de membros designados pelo presidente do BC. É fixado em 10 o número mínimo de membros eleitos. 15 dias após eleitos, os membros do CD se reúnem para escolher o presidente e dois vices, assim como a Diretoria executiva.

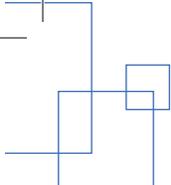
Diretoria Executiva: mandato a cada 2 anos. Compõe-se de um presidente e 4 vice presidentes (Departamento de Benefícios, de Aplicações, Social e de Administração, escolhidos entre os conselheiros designados pelo presidente do BC).

Comissão Fiscal: mandato a cada 2 anos.

Importante registrar que, em seu Art. 39, a Asbac já indicava seu caráter laico e apolítico: "A associação não tem caráter político nem religioso, e nunca se manifestará em questões de tal natureza".

Primeiras alterações no Estatuto

Pequenas adaptações foram feitas em 5 dez 67, 27 mai 68 e 27 dez 71, que resultaram nessa nova concepção na composição de seus conselhos diretivos:



Conselho de Administração, composto pelo:

- Chefe do Gabinete do presidente do BC, que será o presidente;
- Chefe do Depto. Administrativo do BC, que será o vice-presidente;
- 6 funcionários associados designados pela diretoria do BC;
- 8 associados e 5 suplentes eleitos pela Assembleia Geral da Asbac, com mandato de 5 anos, podendo ser reeleitos.

Diretoria Executiva

- 4 membros, 1 presidente e um Diretor Financeiro, escolhidos pelo Conselho de Administração;
- 2 diretores designados pelo presidente do BC;
- 2 diretores eleitos pelo CA.

Na época, de acordo com seu Art. 24, a Asbac assegurava aos membros da Diretoria Executiva as vantagens do cargo comissionado de Chefe de Unidade do BC, e aos demais diretores as vantagens de Chefe de Divisão do BC.

Comissão Fiscal

Composto por 4 membros: 2 indicados pela Diretoria do BC; 2 eleitos pela Assembleia Geral Ordinária, com mandato de 1 ano, vedada a reeleição.

Também de acordo com o art. 27, "A Asbac terá na sede 1 superintendente administrativo, indicado pela Diretoria Executiva ao Conselho de Administração e tantos superintendentes regionais e suplentes quantos delegados tiver o BC", com mandato quinquenal. A partir de nova reforma, em 4 out 76, o Estatuto passou a determinar nova formatação de seus poderes sociais. Ficava assim:

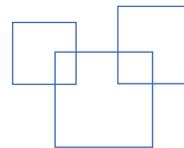
- O Conselho de Administração será integrado pelo: Chefe de Gabinete, que será o presidente; Chefe do Departamento de Administração de RH, que será o Vice-Presidente;
- 6 funcionários associados que serão designados pela diretoria;
- 8 funcionários e 8 suplentes eleitos pela AG, com mandato de 3 anos.

Diretoria Executiva

Presidente e Diretor de Administração escolhidos pelo CA entre seus membros designados, com mandato de 3 anos.

Comissão Fiscal, composta por 4 membros.

A Associação poderá ter tantas diretorias regionais quanto forem suas sedes ou representações regionais.



Após alterações de 20 out 85

Conselho de Administração passou a ser integrado por 13 associados, fundadores ou efetivos, e igual número de suplentes eleitos por Assembleia geral, em escrutínio secreto, com mandato de 3 anos.

Alterada também a constituição da Diretoria Executiva:

"Dentre os seus membros, o CA elegerá a Diretoria da Associação".

Atualização de 05 mai 86

Diretoria Executiva será composta por 1 Presidente, 1 Diretor Administrativo, 1 Diretor Sócio Cultural, 1 Diretor de Esportes. Um Diretor Extraordinário, quando for o caso, será indicado pelo BC.

Estatuto de 1988

O novo Estatuto – que já leva em conta a retirada de apoio financeiro do BC, que por força de lei deixou de depositar sua participação e, por conseguinte, também de fazer indicações para os conselhos e diretorias da associação – determinou que a associação seria administrada pelo Conselho de Administração e pela Diretoria Executiva, e terá os seguintes poderes:

Assembleia Geral

Conselho de Administração, com mandato de 3 anos; observada a seguinte proporção: 1 membro efetivo e suplente para a diretoria regional com até 500 associados efetivos; 2 membros efetivos e suplentes para a diretoria regional com mais de 500 até 2000 associados efetivos; 3 membros efetivos e suplentes para a diretoria regional com mais de 2000 associados efetivos.

Na primeira reunião após a AG que o eleger, o CA escolherá, dentre seus membros, o presidente e o vice-presidente.

Diretoria Executiva será composta pelas diretorias nacional e regionais.

A diretoria nacional se comporá de 1 presidente e 1 diretor de administração e respectivo suplente, 1 diretor de finanças e respectivo suplente e 1 diretor de promoções e respectivo suplente, eleitos pela AG, com mandato de 3 anos, coincidente com o do CA.

Os diretores regionais terão mandatos de 3 anos, eleitos por voto universal e secreto, simultaneamente com os membros do CA, pelos associados lotados nas respectivas diretorias regionais. A estrutura administrativa das Diretorias Regionais será composta de 1 diretor regional e 1 diretor adjunto com 2 suplentes.

Conselho Fiscal: composto por 3 membros e suplentes eleitos simultaneamente com os membros do CA, por 3 anos.

Eleitos para os Conselhos (Deliberativos ou de Administração) da Asbac Nacional

4 de janeiro de 1966

Conselho Deliberativo: Francisco da Silva Nobre, Levy de Campos Moura, João Elias Nazaré Cardoso, João Baptista de Oliveira Sodré, Onofre Bogado Leite, Eduardo Augusto Roxo Pereira, Álvaro Ferreira Barbosa, Jorge Silva, Alcêdo Coutinho, Joaquim Emiliano de Araújo Pereira, Hilton Moura, Sérgio Paulo Cintra Soares Maciel, Arthur Mário dos Reis Braga, José Schemidt, Roberto José Horta Mourão, Francisco Daltro Santos Júnior, Heitor Peres Muniz

19 de dezembro de 1967

Conselho Deliberativo: Álvaro Ferreira Barbosa, Antônio de Figueiredo Machado, Álvaro Ramos da Costa, Avelino Costa, Carlos Alberto Ribeiro da Silva, Carlos Noronha Gomes da Silva, Carlos Waldys Nunes Ferreira, Gilberto Machado, Jacintho Arthur Horta de Siqueira, Jofre Nascimento Tatino, Léo Cardoso, Mauro Lucius Loretto Motta, Miguel Jorge Diab, Ney Latuca Rosadas, Onofre Bogado Leite, Reinaldo Loureiro Rocha, Yvone Pinto do Carmo, Waldemar Soares de Almeida

Janeiro de 1970

Conselho Deliberativo: Membros efetivos: Álvaro Ferreira Barbosa, Antônio Roberto Nóbrega Telles de Menezes, Avelino Costa, Carlos Roberto Ribeiro da Silva, Carlos Noronha Gomes da Silva, Charles Costa, Flávio Ramos, Gilberto Machado, Jair Dezoit, Marco Aurélio Tavares, Marcos Nogueira da Silva, Mauro Lucius Moretti Motta, Miguel Jorge Diab, Onofre Bogado Leite, Orpheu Scarpelli Ferreira, Roberto de Gregório Souza Pinto, Osmar Brasil de Almeida (*Belo Horizonte*), Lauro Moreira Montenegro (*Curitiba*), Cláudio de Oliveira Koehler (*Porto Alegre*), José dos Santos Costa (*São Paulo*), + 5 suplentes. Comissão Fiscal: Efetivos - Clairê de Souza Pires, Ernani Hipólito. José Ribeiro Falcão, mais 3 suplentes

Jul de 1973

Conselhor Deliberativo: José Antônio Berardinelli Vieira (*Presidente*); depois, João Ferreira da Silva; João Elizas Nazaré Cardoso (*Vice-Presidente*), Alfredo Martins de Oliveira (*Presidente, no final do período*), Altino Augusto de Oliveira, Antônio Marsillac de Oliveira, Avelino Costa, Celso de Lima e Silva, Flávio Ramos; depois, Paulo César Ximenes Alves Ferreira, João Ferreira da Silva, José Tupi Caldas de Moura, Mauro Lucius Loretto Motta, Onofre Bogado Leite; depois, Edmundo Pimentel Seabra, Orpheu Scarpelli Ferreira, Roberto de Gregório Souza Pinto

21 de março de 1977

Conselho Deliberativo: Márcio Cartier Marques, depois José Geraldo Bousquat da Silva Rocha; Edson Jorge Abbês, Enos Zanconti de Azambuja, depois Luiz Antônio Andrade Gonçalves; José Alcimar Rocha, João Rocha Costa, José Henrique Germano, Léo Cardoso, Luiz Boanerges Peixoto, Rubens Lopes Nazareth, Waldemar Nogueira, ind., Izaac Oana, ind., Antônio Marsillac de Oliveira, ind., Francisco de A. Figueira, ind., Lélío Carvalho da Silva, ind., Newmar Duarte de Oliveira, ind., Alfredo Martins de Oliveira, ind., Antônio de Pádua Seixas, ind., Fernando Vicente Mello Alves, ind., Celso de Lima e Silva, José Kleber Leite de Castro, Eduardo Pimentel Seabra, depois Antônio Lobo Esteve Júnior

Abril de 1979

Conselho Deliberativo: Aldo Mendes, ind., Carlos Eduardo de Freitas, ind., Dilson Sampaio da Fonseca, ind., depois Maurício Costa de Souza, ind., Mauro Lúcius Loretto Motta, ind., depois Antônio Marsillac de Almeida, ind., Paulo dos Santos Capella, ind., Otto de Carvalho Júnior, ind.

Abril de 1981

Conselho Deliberativo: Vlamir Souto Manhães, Luiz Fernando Cardoso Maciel, Ataliba Renato da Costa Ávila, Maurício Costa de Souza

Março de 1983

Conselho Deliberativo: Dilson Sampaio da Fonseca (*Presidente*), Fernando de Oliveira Ribeiro (*Vice-Presidente*)

Membros Efetivos Indicados: Clorivaldo Fernandes de Abreu, Aldo Mendes, Antônio Marsillac de Oliveira, Caio Luiz de Souza Faria, Luiz Felipe Denucci Martins, Marcelo Ceylão de Carvalho

Membros Efetivos Eleitos: Américo Alvim Soares Drumond, Derocy Giacomio Cirillo da Silva, Cláudio José Paes de Oliveira, José Garcia Netto, José Henrique Germano, José Humberto Saraiva, Pedro Paulo dos Santos, Wallace Moacyr do Carmello e Silva

Diretoria Executiva: Luiz Felipe Denucci Martins (*Presidente*), Caio Luiz de Souza Faria (*Diretor de Administração*), Américo Alvim Soares Drumond (*Diretor Sócio Cultural*), José Henrique Germano (*Diretor de Esportes*), Sérgio Augusto Cibeiros de Souza (*Diretor Extraordinário de Ass. Financeira*)

Março de 1986

Conselho Deliberativo:

Adão Nunes de Carvalho, Carlos Thadeu Pimenta, Cirillo Gomes Neto, Derocy Giacomio Cirillo da Silva, João Antônio Fleury Teixeira, José Cláudio Mendes da Silva Pinho, José Garcia Netto, Júlio Sempere Garcia, Luiz Fernando Cardoso Maciel, Marcos Antônio Feijó de Mello, Neusa Alves Sanroman V. Walker, Paulo de Tarso Galarça Calovi, Ronaldo José de Souza

Março de 1989

Conselho Deliberativo:

Antônio Jorge Melo Viana, Antônio Passos Filho, Antônio Pedro Ferreira, César Pons Dias da Costa, Degel Cruz, Henrique Jorge Medeiros Marinho, José Cláudio Mendes da Silva Pinho, José Vieira Assumpção, Luiz Artur Batelli, Miriam de Oliveira, Olívio Pessoa Lira Lins, Reginaldo Bentes dos Santos, Sebastião Márcio Monteiro, Viriato Ribeiro Caran

Janeiro de 1992

Conselho Deliberativo: Antônio Jorge de Mello Viana, Antônio Passos Filho, César Pons Dias da Costa, Hamilton Pinheiro de Sá, José Carlos Batista, Luiz do Couto Neto, Luiz Fernando Cardoso Maciel, Maria Darcy Lira Andrade, Paulo Augusto de Andrade, Paulo de Tarso Galarça Calovi, Reginaldo Bentes dos Santos, Ricardo Augusto de S. Monteiro, Rubens Lopes Nazareth, Sérgio Luiz Martins Coelho

Janeiro de 1995

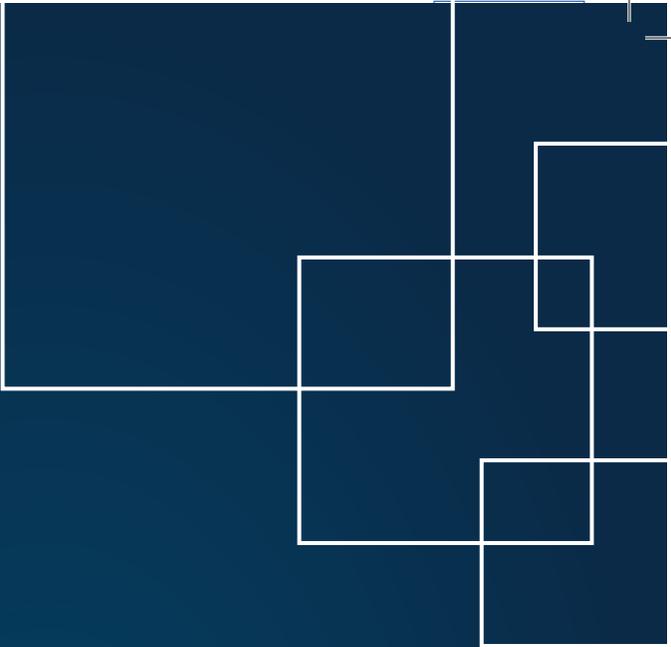
Conselho de Administração:

Antônio Carlos Pinho de Lima, Antônio Gustavo Matos do Vale, Eunice Borges, Jarbas Lopes Lobo, José Humberto Saraiva, José Ruy Blanco Gogia, Juarez Bourbon Vilaça, Marcus Vinícius dos Santos Júnior, Reginaldo Bentes dos Santos, Reynaldo de Souza Motta

Janeiro de 1998

Conselho de Administração:

Antônio Pedro Ferreira, Aparício Ribeiro, George Wanderley da Costa, Vicente Fialkoski



HISTÓRIA

Criação e história das Asbacs regionais

Belém

Período Janeiro de 1972 – Abril de 1977

**Teófilo Pacheco Conduru (Superintendente Regional Efetivo),
Hélio Antônio dos Santos (Superintendente Regional Suplente)**

Conduru era também Delegado Regional, quando se dispôs a colaborar organizando a associação, sendo o primeiro presidente da Asbac- BEL. Seu papel de divulgador e operacional foi bastante útil na regional, para consolidação da nova entidade, porque detinha carisma e muito prestígio na sociedade local. Também era presente como incentivador das atividades esportivas, e com ele na plateia a

regional venceu seus primeiros torneios. Suas festas de Natal, como a de 1973, ficaram na memória. A Asbac- BEL foi a primeira a adquirir um imóvel com recursos próprios, em fev77. Eli Mendes, colaborador da diretoria, fechou o contrato da compra do terreno para servir de sede da Asbac, na periferia de Belém, com a condição de que comportasse um campo de futebol e que o caixa suportasse. A Asbac Nacional completou o valor. Foi comprado quarteirão inteiro (200m X 160m), na Rua da Cohaspa, Conjunto Júlia Seffer, Ananindeua-PA.

A/BAC-BELÉM REALIZA TORNEIO DE FUTEBOL

Contando com a participação de quatro equipes integrantes do Departamento Regional do Belém Centro, em Belém, a ASBAC promoveu, no período de 03 a 12 de fevereiro próximo, um torneio de futebol de campo, em campo de várzea, tendo, de posse, foram realizadas as seguintes partidas: Belém, dividido em dois times, assim constituídos: BELÉM A e BELÉM B - GABRIEL e NYRAN. Promovido a superintendência técnica da seção do GABIN, que venceu, de maneira avassaladora, após um jogo, superando o campeão do torneio, com ampla margem de vantagem sobre o vice-campeão, a não menos poderosa equipe do BELÉM B.

O torneio fez parte da programação esportiva da ASBAC-Belém, visando proporcionar recreação física em seu quadro associativo, juntamente com seus familiares. Além, também, de proporcionar aos associados um grande prazer, através da programação que integrou um grande grupo do Departamento Regional do Belém. Sr. Francisco Batista, o Ten Chico, figura muito simpática a todo o fotorreceptor, que oportunizou fotografar e seu nome ao torneio.

O Nucleo de Jovens, com o auxílio de todos os voluntários, organizou um show e um festival, tendo, ocasião em que o Superintendente da ASBAC-Belém, Sr. Teófilo Pacheco Conduru, realizou a entrega de prêmios, agradecendo o comprometimento de todos os jovens atletas, que se juntaram ao trabalho de forma a proporcionar um torneio esportivo, sempre saudável, proporcionando, ao mesmo tempo, o primeiro de servir ao Belém e a Pátria. Felizmente, o trabalho desenvolvido, através da organização, planejamento e execução de serviços por parte dos "voluntários" do futebol.



Equipe do GABIN, campeã do Torneio "Ten Chico". Em pé: Patrício Tavares, Afonso, Lusinho, Raul. Ten Chico (Homenageado), Gerson e Berredo. Agachados: Hamilton, Górcio, Wagner, Wilson e El Carbon.



Período Abril de 1977 – Março de 1980

**Laércio Cubas da Silva (Diretor Regional),
Antônio Carmo da Silva (Diretor Regional Suplente),
Carlos de Berredo Reis (Diretor Regional Suplente)**

Durante a gestão, foram implementadas algumas providências em relação ao terreno adquirido para a Asbac. Num primeiro momento, após desmatamento, água e energia elétrica, com recursos dos próprios associados, foi realizado um campo de futebol, cobertura rústica e piscina de pequeno porte. Foi enfatizada a atuação em eventos sociais, esportivos e culturais. Em ago77, com a colaboração da AABB e do Quartel Militar da 8ª Região, foi realizada a I Olimpíada da Regional, com 5 modalidades. Em 79, enviou delegação para participar da 1ª Olimpíada Nacional, em Brasília. O suplente da chapa, Antonio Carmo da Silva, deixou o BC para assumir cargo na CEF. Em seu lugar, assumiu Carlos de Berredo Reis.

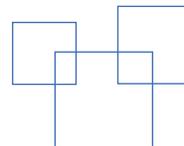
I Olimpíada da ASBAC-Belém

Realizada em suas instalações, a primeira Olimpíada da ASBAC-Belém, no período de 03 a 07 de fevereiro próximo, que, com a participação de atletas de várias modalidades, foi realizada em suas instalações esportivas, sob a direção técnica do Sr. Teófilo Pacheco Conduru, Superintendente Regional do Belém Centro, tendo participado de todas as modalidades, com o apoio de todos os voluntários, que se juntaram ao trabalho de forma a proporcionar um torneio esportivo, sempre saudável, proporcionando, ao mesmo tempo, o primeiro de servir ao Belém e a Pátria. Felizmente, o trabalho desenvolvido, através da organização, planejamento e execução de serviços por parte dos "voluntários" do futebol.

Foram se registrando os seguintes resultados: (1) Futebol de Campo - BELÉM A venceu BELÉM B, BELÉM C e BELÉM D. (2) Vôlei - BELÉM A venceu BELÉM B, BELÉM C e BELÉM D. (3) Basquete - BELÉM A venceu BELÉM B, BELÉM C e BELÉM D. (4) Tênis - BELÉM A venceu BELÉM B, BELÉM C e BELÉM D. (5) Badminton - BELÉM A venceu BELÉM B, BELÉM C e BELÉM D.

Em seguida, a delegação da ASBAC-Belém, composta por Carlos de Berredo Reis, Diretor Regional Suplente, e Antonio Carmo da Silva, Diretor Regional Suplente, viajou para Brasília, onde participou da 1ª Olimpíada Nacional, realizada no período de 03 a 07 de fevereiro próximo, em Brasília, DF, sob a direção técnica do Sr. Teófilo Pacheco Conduru, Superintendente Regional do Belém Centro, tendo participado de todas as modalidades, com o apoio de todos os voluntários, que se juntaram ao trabalho de forma a proporcionar um torneio esportivo, sempre saudável, proporcionando, ao mesmo tempo, o primeiro de servir ao Belém e a Pátria. Felizmente, o trabalho desenvolvido, através da organização, planejamento e execução de serviços por parte dos "voluntários" do futebol.





Período Março de 1980 - Março de 1983

**Dorcélio Renato Brito de Moraes (Diretor Regional),
Cimara Helena Modesto da Silva (Diretora Regional Suplente)**

Popular entre o funcionalismo do BC, Dorcélio assumiu a Associação também incumbido de realizar melhorias no terreno, com vias à construção da sede paraense; mas se bastou em medidas de limpeza. Também promoveu festas, no período, como as juninas, do Dia das Mães e de Final de Ano, com grande frequência. Mas enfrentou dificuldades administrativas e de gerenciamento, que atrapalharam sua imagem final.

Período Março de 1983 - Março de 1986

**Adalberto José Patello de Moraes (Diretor Regional),
José Carlos de Castro Martins (Diretor Regional Suplente)**

Nas eleições de 83, os eleitos Patello e o vice Zé Carlos executaram projeto para construção de sede social, piscina e melhorias do campo de futebol. A Asbac Nacional bancou as obras, e seguiu-se mais de um ano para execução do projeto. Foi inaugurado na gestão seguinte, quando já era presidente José Carlos de Castro Martins.

Período Março de 1986 - Março de 1989

**Carlos Manoel Pacheco de Lima (Diretor Regional),
José Carlos de Castro Martins (Diretor Regional),
Waldemir Barbosa Guimarães (Diretor Regional Adjunto),
Sebastião Sauma Rossy (Diretor Regional Adjunto)**

A sede social foi inaugurada com grande comemoração. A área de festas não foi concluída porque o caixa esvaziou. Mas a piscina e a área de festas pré-existentes foram ampliadas e passaram a ser local de encontro dos associados todos os finais de semana, com as famílias. Todos os eventos eram ali celebrados: São João, festa de Final de Ano, Círio de Nazaré, aniversários, etc. Fatos pitorescos ocorreram na fase de construção da piscina e melhorias do clube, circundadas por muro em todo seu perímetro, quando também foram incrementadas as instalações sanitárias. Zé Carlos, que administrava a obra, fiscalizava os trabalhos durante o dia e era vigia durante a noite, para que não fossem furtados materiais de construção. Dormia em seu Passat vermelho, devidamente paramentado com um trezoitão na cinta, como lembra Selito Bordin. Certa noite, um indivíduo adentrou a área e Zé Carlos não teve dúvidas: mandou bala. Certamente atirou pra cima. Fato é que na manhã seguinte bateu a polícia e o Zé foi dar explicações na Delegacia de Ananindeua. Seu zelo e dedicação eram nesse nível: 24 horas dentro da sede da Asbac.



Período Março de 1989 - Janeiro de 1992

Selito Antônio Bordin (Diretor Regional),

Narciso Aragão de Souza (Diretor Regional),

José Carlos de Castro Martins (Diretor Regional Adjunto)

Na eleição seguinte, o chefe da fiscalização, Selito Bordin, se candidatou à Asbac. Em face da intervenção no Banpará e da pressão política, a Delegacia do BC em Belém também sofreu intervenção. Quatro ou cinco colegas foram transferidos para Brasília ou Rio De Janeiro. Selito resistiu, mas perdeu a autonomia de chefe. Achou conveniente ir cuidar da Asbac. Eleito, tendo como vice o amigo Narciso Aragão, passou a se dedicar exclusivamente à associação. À época, deteve todos os direitos e remuneração garantidos da função exercida por ocasião da eleição. Além de incrementar o consórcio, abriu parcerias com supermercados, farmácias, etc. Por decisão de Assembleia, a Asbac- BEL passou a aceitar sócios contribuintes. Foi criada a escola de natação na Sede Campestre. Eram alugadas a sede e o campo de futebol para eventos. Em dez90, foram construídos no local, com recursos da Fenasbac, ampla piscina e módulo de apoio, com vestiário, banheiros, bar e cozinha. Selito batalhou essas demandas nas reuniões do CA, em Brasília. Tudo visando angariar fundos para concluir a Sede Social que tinha ficado nos alicerces, pois os recursos vindos de Brasília eram insuficientes. Para atrair associados para a Sede aos domingos e visando aumentar a renda, faziam-se churrascos, contratando-se músicos locais, e todo domingo era festa. Com esses recursos, conseguiu-se concluir a Sede e se manteve em plena atividade, até que Selito saiu de Belém, numa licença sem vencimentos, no final do mandato, para cuidar de assuntos particulares em SC. Em jan/91, assumiu o comando o vice, Narciso Aragão, que manteve todas as atividades esportivas e festivas.



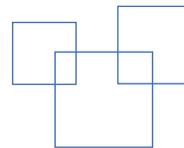
Período Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995

Carlos Augusto Gilonna Soriano de Mello (Diretor Regional),

Reginaldo Bentes dos Santos (Presidente do CA)

Gilonna era popular e venceu a eleição, em 91; no mandato, procurou cumprir as festas habituais, com competência. Passou por alguns episódios desagradáveis, como destruir uma Kombi da Associação, além de outros percalços. Mesmo assim, pensou em alçar voos mais altos na Asbac Nacio-





nal, apoiado pelo dirigente brasiliense Pedro Michelin. Mas problemas particulares renitentes o fizeram optar por receber o dinheiro da Centrus e tentar carreira na Infraero, onde permanece até hoje.

Período Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

**Wilkens Siqueira Mendes Gomes (Diretor Regional),
Regina Maria Silva das Neves (Diretora Regional),
Dorcélio Renato Brito de Moraes (Diretor Regional)
e Reginaldo Bentes dos Santos (Presidente do CA)**

A administração de Wilkens começou dando ênfase às comemorações tradicionais da regional, como festa junina, do Dia das Mães e de Final de Ano, mas logo experimentou muitas atribuições de ordem financeira, que levaram o gestor a ser convencido a entregar o cargo. Regina Neves, e depois Dorcélio, completaram, num mandato tampão, as tarefas que cabiam ao diretor regional.

Período Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001

**Altino Almeida de Souza (Diretor Presidente),
José Flávio Silva Corrêa (Diretor Presidente),
Raimundo Natalino Vieira Silva (Presidente do CA),
e Reginaldo Bentes dos Santos (Presidente do CA)**

À frente da Asbac, Altino procurou oferecer aos associados atrativos para movimentação da sede campestre; inclusive a instalação de refletores com iluminação completa no campo de futebol, propiciando a movimentação das peladas de futebol noturnas, durante a semana. Foram realizadas reforma das mesas de sinuca e bilhar, assim como a recuperação do telhado e dos sanitários do salão de jogos, e também na casa do caseiro e o portão de entrada da sede campestre. Na sede social, situada no primeiro andar do edifício sede do BC, procurou realizar eventos mensais, com sorteios de brindes, buscando a confraternização e a união do quadro em torno da entidade representativa. José Flavio Silva Correa teve mandato tampão, depois que Altino teve que se ausentar, para tratar de assuntos particulares.

Período Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

**Laércio Cubas da Silva (Diretor Presidente),
Altino Almeida de Souza (Presidente do CA)**

Nesta nova administração de Laércio, com presença atuante de Altino, a regional manteve o futebol de campo, inclusive à noite. Também ocorreram promoções culturais e sociais, destacando a participação do pessoal no Círio, festa religiosa que ocorre no segundo domingo de outubro, com a abertura da sede social no primeiro andar do edifício sede do Banco, em que o pessoal assiste à queima de fogos e à passagem da Berlinda com a imagem de Nos-

sa Senhora de Nazaré. Esta atividade ocorre todos os anos, aberta a todos do quadro funcional, com administração da Asbac.

Período Janeiro 2004 - Janeiro 2007

**Ferdinando de Andrade Pinto (Diretor Presidente),
Reginaldo Bentes dos Santos (Presidente do CA)**

A gestão de Ferdinando teve atrativos sociais: comemoração do Dia das Mães, Festa Junina, Dia dos Pais e Almoço dos Filhos, além da festa de final de ano. No campo esportivo, a criação da "Quinta-feira com bola", na sede campestre, atraiu muitos associados. Foi também melhorada a região do portão da frente da sede, com calçamento e piso para acesso. O campo de futebol, vulnerável a invasões, ganhou segurança com a proteção na fiação e nos reatores.

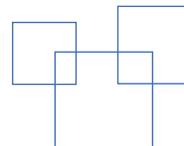


Período Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010

**Altino Almeida de Souza (Diretor Presidente),
Reginaldo Bentes dos Santos (Presidente do CA)**

No período, foram mantidas as realizações de eventos culturais e sociais como passeio fluvial e festas na sede social, com destaques para eventos no Dia das Mães, Festa Junina e participação dos associados no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no segundo domingo de outubro, inclusive na procissão fluvial realizada na véspera do Círio. As confraternizações natalinas, como a de 2009, tiveram ótima repercussão. Foram adotadas providências para reativação do restaurante, mediante terceirização a empresa do ramo, com funcionamento no primeiro andar do edifício sede do BC, em Belém.





Período Janeiro de 2010 - Janeiro 2013

**José Flávio Silva Correa (Diretor Presidente),
Reginaldo Bentes dos Santos (Presidente do CA)**

A Asbac tinha terreno depreciano, no conjunto habitacional Júlia Seffer; José Flávio conseguiu realizar a venda, em jan11, em virtude da baixa frequência do quadro social e custo de manutenção incompatível com a arrecadação mensal da Regional, e ajudar, com préstimos da Fenabac e bingos, a se provisionar para a aquisição de outro terreno próximo da Marisol e das docas, onde se encontra sua atual sede. A regional também se preparou para o Cirio, e realizou o almoço da celebração da tradicional festa paraense, além de outras comemorações habituais.



Período Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016

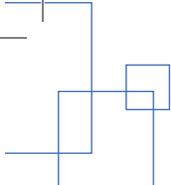
**Altino Almeida de Souza (Diretor Presidente),
Reginaldo Bentes dos Santos (Presidente do CA)**

Em virtude de ter ocorrido na gestão anterior a venda do imóvel da sede campestre, cujo recurso ficou reservado para aplicar em outro imóvel menor, mas compatível com o tamanho do quadro belemense, foi priorizado no período definir junto aos associados que o investimento seria realizado. O grupo de dirigentes optou pela aquisição de terreno próximo ao Centro, com a intenção de construir sede de menor porte. Após busca exaustiva, visitando diversos imóveis, optou-se pela aquisição de terreno na Rua Bernal do Couto, na região central da cidade, cuja aquisição foi efetuada com a aquiescência da Fenabac. Foi contratada arquiteta para elaboração do projeto de prédio de 3 andares, cuja construção seria iniciada pela gestão posterior. No período, foi mantida, em parceria com o Sinal, a realização de eventos culturais e sociais na sede situada no primeiro andar do edifício sede do BC.

Período Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

**Rodrigo da Luz e Souza (Diretor Presidente),
Pedro Paulo Soares Rosa (Presidente do CA)**

Gestão pautada na contrapartida; foram mantidas quatro festas anuais (Dia das Mães, Festa Junina, Cirio de Nazaré e Confraternização de fim de ano) e incluída parceria com o ParaClube: futebol semanal com churrasco mensal, e também tênis de mesa e semana de torneios. Com isso, foi aumentado em cerca de 15% o número de associados: Prêmio (PFQ18-AA) de maior agregação associados entre todas as Asbacs.



Círio de Nazaré

A maior festa da religiosidade paraense é realizada no segundo domingo de outubro, com a duração de duas semanas. No evento se destacam as homenagens e os agradecimentos dos fiéis pelas graças alcançadas à maior Padroeira do povo paraense, Nossa Senhora de Nazaré.

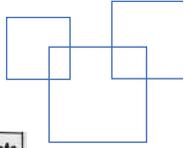
A origem das manifestações de fé se deu, segundo a História, quando o caboclo Plácido de Souza encontrou a imagem da Santa às margens de um igarapé, construindo uma capela para eternizar o amor dos devotos. Desde então, há 225 anos, a romaria vem se tornando cada vez mais concorrida, estimando-se, em média, a participação de 2 milhões de pessoas que adotam Belém, nessa época, como o lugar da fé, do amor e da celebração da vida espiritual.

Dois meses antes, a imagem original da Santa Peregrina visita órgãos públicos e outras entidades, em que há a realização de ofício religioso, aproximando os fiéis e realçando ainda mais a fé na Santa. A Asbac- BEL, o Banco Central e o Sinal patrocinam e promovem, em termos logísticos e financeiros, o ofício religioso no auditório do Edifício-Sede do BC, com a presença livre a todos (servidores, estagiários e contratados); e o "Almoço da Família", na sexta-feira que antecede o Círio de Nazaré, nas dependências do restaurante do Edifício-Sede, com o cardápio predominantemente paraense, e a participação musical de um grupo local.

No dia seguinte, à noite, a Asbac/BEL e o BC também participam na organização e controle das pessoas que acessam o Edifício-Sede para ver, mais de perto e confortavelmente, no restaurante, a passagem da Imagem da Santa na romaria chamada de Trasladação.

No domingo que segue, acontece o Círio de Nazaré cuja romaria também passa na frente do Edifício-Sede, cujo acesso aos servidores e colaboradores também é controlado pela Asbac- BEL e pelo BC. Ao final do período religioso e festivo, a imagem original da Santa retorna à Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, onde permanecerá à espera de mais um Círio.

Glenir Cordeiro de Castelo Branco



Belo Horizonte

Primórdios

Período 1966

Dener Nolasco Pereira (Representante Pioneiro)

Funcionário era o representante da Asbac em BHO, atraindo e captando sócios e informando funcionários dos aspectos da nova associação. Em 25nov66, foi inaugurada a Delegacia de Belo Horizonte.

Delegacia do BC em Belo Horizonte



Figuras da inauguração da Delegacia do Banco Central em Belo Horizonte, junho de 1966. Foto: Arquivo Histórico do Banco Central do Brasil.

Em 25 de novembro de 1966, foi inaugurada a Delegacia do Banco Central em Belo Horizonte. A cerimônia contou com a presença de autoridades locais e nacionais, além de representantes da Asbac. O momento foi marcado por discursos e pela entrega de uma placa comemorativa. A inauguração ocorreu no endereço que atualmente é ocupado pela sede da Delegacia do Banco Central em Belo Horizonte. A presença de representantes da Asbac na ocasião reforça o papel da associação na disseminação de informações e no apoio aos funcionários do Banco Central durante esse período inicial.

Período 1967

Osmar Brasil de Almeida (Representante Pioneiro), Giovani Dumont (Representante Pioneiro), Elza Foltran Maia (Representante Pioneira)

O grupo de disseminadores de informação a respeito da Asbac ganha novos integrantes, que procuravam esclarecer as dúvidas. A Associação promove sua primeira festa de Natal. Curiosidade, relatada por Sérgio Leite: nesta primeira festa, foram compradas várias garrafas de whisky do Sr. Herculano Menezes de Carvalho. As mesmas pertenciam ao seu pai recém-falecido. Foi pago valor simbólico, tornando assim a festa mais animada.

Período 1968 - 1969

Carlos Vitor Alves Delamônica (Representante Pioneiro), Luiz Antônio Andrade Gonçalves (Representante Pioneiro)

O grupo é robustecido com mais interessados no bom início da Associação. Delamônica se envolve com engajamento político, e abandona temporariamente o trabalho no BC.

Período Janeiro de 1970 - Janeiro de 1972

Osmar Brasil de Almeida (Conselho Deliberativo- Efetivo)

Inauguração da Sala da Asbac, em 1970, na Rua Tupinambás, 346, prédio anexo à sede do BC. O ganho deste espaço foi muito importante para o desenvolvimento da Asbac. Início do ressarcimento do serviço de assistência médica aos funcionários do BC, embrião do que hoje é o PASBC. Criação da Biblioteca da Asbac, que hoje tem acervo de 23.400 livros. Criação do espaço físico da associação dentro do BC. Convênios com clubes: Clube Recreativo Mineiro e Clube do Bemge.

Período Janeiro de 1972 – Abril de 1977

**Sérgio Leite Costa Reis (Superintendente Regional Efetivo),
Edson Teixeira Bittencourt (Superintendente Regional Suplente)**

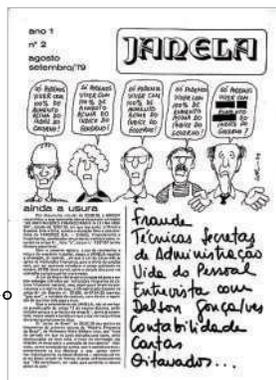
Sérgio Leite recebeu para empossá-lo o presidente Onofre Bogado, em grande cerimônia. Durante seu período, foram realizados campeonatos de futebol, almoços de Páscoa, jantares de confraternização. Inaugurada nova sede administrativa da Asbac, em 1973; contratados os dois primeiros funcionários para a entidade. A Asbac começa a operacionalizar despesas médicas e odontológicas dos funcionários. Biblioteca era dos grandes atrativos, para associados. Realizadas as primeiras grandes comemorações de Natal, Dia das Mães e Festa Junina.

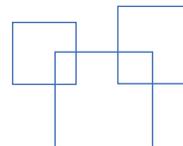


Período Abril de 1977 – Março de 1980

**Joanildo Actis Cézar (Diretor Regional),
Jalcemar Rodrigues Campos
(Diretor Regional Suplente)**

Realizado primeiro torneio de xadrez interno, em 1978; participação importante na I Olimpíada Nacional, em 1979, levando um contingente de 36 atletas; e também produzidas grandes festas de Natal. Jornal "Janela", criativo informativo de Rosa Maria de Oliveira, recebe elogios de Ziraldo. Contratada primeira bibliotecária fixa.





Período Março de 1980 - Março de 1983

Carlos Vitor Alves Delamônica (Diretor Regional),

Rosa Maria de Oliveira (Diretor Regional Suplente)

Grande participação na II Olimpíada Nacional, em 1981. Em 27abr81, celebrado contrato de comodato com o BC, que cedia espaço para a secretaria da Asbac dentro de seu prédio. Agenda das principais festas toda cumprida.

Período Março de 1983- Março de 1986

Rosa Maria de Oliveira (Diretora Regional),

Julio Cezar Pereira Lopes (Diretor Regional Suplente)

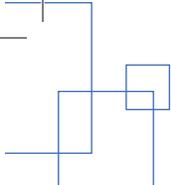
Participação na 3ª Olimpíada Nacional, em 1984, quando houve a maior presença da Asbac- BHO em todas as competições, com o 1º lugar em vôlei e tênis de mesa feminino. Instituiu-se o happy hour às sextas-feiras, o Sexta Show, em que se apresentavam artistas mineiros em início de carreira. Instituído o jornal Janelinha, uma das manifestações mais criativas das Asbacs regionais, que aproveitava da expertise de Rosa. Foram computados 53 eventos, durante os três anos, com destaque para o projeto Fim de Tarde, conagraçamento mesclado com lançamentos literários. Houve também muitas excursões, esporte, subsídios a shows, cursos, recreação infantil e o mercadinho, em que fazia sucesso a mochila da Asbac carioca. Depois de dois anos tentando adquirir terreno para um novo clube, plebiscito de associados decide, por 69%, pela reforma da Casa das Mangabeiras. No entanto, a aproximação das eleições faz a diretoria decidir não iniciar obras e deixar decisão para a próxima gestão.

Período Março de 1986 - Março de 1989

Elisa Maria de Melo Rosa (Diretora Regional),

Sebastião Márcio Monteiro (Diretor Regional Suplente)

Em junho de 87, assinado contrato de comodato com o Banco Central, em que era cedido espaço de terreno para o clube. Inaugurado o clube em novembro de 1987, com a presença da banda da Polícia Militar. Realizado o Bingo da Copa de 1986. Instituída Colônia de Férias para crianças, que ficavam entretidas durante uma semana com atrações e diversões.



Período Março de 1989 a Janeiro de 1992

**Elisa Maria de Melo Rosa (Diretora Regional),
Sebastião Márcio Monteiro (Diretor Regional Adjunto)**

Festa de 25 anos da Associação, com a presença do cantor Fernando Ângelo. Mantidas as festas, eventos e atividades das gestões anteriores. Destaque para o Dia das Mães e o Baile de Final de Ano, com bufês e conjuntos, além de distribuição de presentes. A própria diretora produzia panelões gastronômicos concorridos nos finais de semana, no clube, com iguarias como o vatapá, que agradavam demais.

Período Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995

**Antonio Carlos Pinho de Lima (Diretor Regional),
Paulo Augusto de Andrade (Diretor Regional Adjunto)**

A gestão do "Gaúcho" teve muitas festas: Baile de Fantasia, Noite das Árábias, Desfile de modas, Feijoada, Festa dos namorados, comemoração da Páscoa, Queijos e vinhos, Jantar dos aposentados, Encontro da Turma concursada em 1973. Muitas atividades: excursão à gruta de Maquiné, primeira caminhada ecológica, desfile de modas, aulas de karatê, de ioga, criação do Coral. Muito esporte: Torneio de Futebol, de Damas, de Futebol de Mesa, participação no Torneio de Comary-RJ. Durante baile de Natal, em 1994, sorteio de carro zero km. Criação de novo jornal informativo. Reforma das instalações e construção de berçário no clube; cobertura das quadras. Aquisição do primeiro computador da Asbac-BHO, apelidado de "Juninho".

Período Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

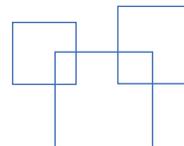
Luiz Carlos de Lima (Diretor Regional), José Pedro Rocha (Diretor Regional), José Raymundo Nardy (Diretor Regional Adjunto)

Continuação das melhorias no imóvel do clube, e realização de muitas atividades: caminhada ecológica, participação na Festa da Vigilância, viagem a Búzios, à Fazenda Pedra do Sino, a Angra dos Reis, com caminhada na Ilha Grande, com visita ao presidio. Jantar dos Aposentados, caminhada do Dia Internacional da mulher.

Período Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001

Elizabete Alves Pedrosa (Diretora Presidente), José Pedro Rocha (Presidente do CA), Marília Prado Penido (Presidente do CA)

Período de muitas atividades: Fim de tarde, happy hour realizado dentro do Banco Central, com objetivo de divulgação de eventos e entrosamento dos sócios; Encontro no clube - Angra à Baiana, apresentação do Coral; oferta do plano de telefonia móvel com preços acessíveis para todos os sócios. No clube, reforma do salão com rebaixamento de teto, mobiliário feito por encomenda, deixando-o com aspecto bem inovador para a época; troca de todo o telhado do imóvel.



Período Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

Katia Pacheco Panisset (Diretora Presidente),

Lúcio Otávio de Souza (Presidente do CA)

Investimento em mais melhorias no imóvel do clube: criação de um novo Playground, reforma de todo o jardim e quiosques. Promovidas parcerias com escola circense, e escola de arte. Incrementada lanchonete e biblioteca. Apesar do orçamento apertado, realizadas com sucesso as festas juninas e de Natal.

Período Janeiro de 2004 - Janeiro de 2007

Cléber Pinto dos Santos (Diretor Presidente),

José Pedro Rocha (Presidente do CA)

Durante o período, realizado convênio com Escola de Cursos Livres, oferecendo no clube aulas de Teatro, futebol, circo, flauta, natação, ioga, entre outras; feira de Artesanato no 6º andar do BC, reunindo vários artesãos, dando oportunidade aos sócios de apreciar, comprar e interagir com os artistas. Os réveillons foram enorme sucesso. Nas dependências do clube, realizado aquecimento da piscina e ampliação do vestiário feminino.

Período Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010

Lúcia Paes Leme dos Reis (Diretora Presidente),

José Pedro Rocha (Presidente do CA)

Entre as atividades realizadas, destaque para a Festa dos namorados, com decoração romântica e presença maciça de associados no salão de festas do Clube; festas de Natal, no BC, muito iluminada, revezando banda e dupla sertaneja, com enorme repercussão. Nessa gestão a lanchonete do Banco era administrada pela Asbac, e os funcionários desfrutavam de café da manhã especial, com produtos artesanais e variados à venda. Também marcante foi o Cozido Português feito pelo sócio Válber Silva, no Clube, em mai07. Durante esse período, foi construído quiosque na área em frente ao bar, com cobertura de Piaçava.

Período Janeiro de 2010 - Janeiro de 2013

Lúcia Paes Leme dos Reis (Diretora Presidente),

Marília Prado Penido (Presidente do CA)

Em seu mandato, Lúcia implementou aula de hidroginástica no clube, além de realizar obras de manutenção da sede. Participou ativamente da retirada de uma escola de Circo que, além de não pagar aluguel em valores atualizados, prejudicava mais que o espaço que foi cedido em administração anterior. Foram feitas todas as festas tradicionais, com sorteios de presentes, e no Dia das Mães e Pais todos ganharam lembrança especial: toalhas bordadas e canecas com mensagens para mães, camisetas para pais.



Período Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016

**Beatriz Marun de Oliveira (Diretora Presidente),
Antônio Carlos Pinho de Lima (Presidente do CA),
Marília Prado Penido (Presidente do CA)**

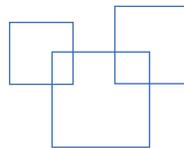
No período, foram realizadas diversas ações de reforma na área do clube: telhado dos quiosques, depósito de estoque, vestiários, bar, sauna, sala e mesa de sinuca. Também foi construída cobertura da área em frente ao Bar, com telhado em policarbonato com termotelha acústica e colocação de toldos fechando as laterais. Adquiriu-se mesa de pingue-pongue e preparou-se área para a prática. E foi feita pintura das paredes e piso da quadra principal. Também, durante esse mandato, foram criados encontros para assistir aos jogos da Copa do Mundo, e foi executada Oficina de Reciclagem, que rendeu à Asbac-BHO o Prêmio Fenabac de Qualidade 2015. Outros prêmios: (PFQ14-RS): Forró da Solidariedade; (PFQ15-SC): oficina de reciclagem.

Período Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

**José Reinaldo Pimentel Santos (Diretor Presidente),
Marília Prado Penido (Presidente do CA)**

Destaques para melhorias no imóvel do clube, como reforma do telhado da quadra e no playground. As festas tradicionais também foram comemoradas, com sucesso. Destaque para a confraternização de final de ano.





Brasília

Primórdios

Período Maio de 1972 a Julho de 1984

Em fevereiro de 1974, a Asbac anuncia o início da construção da sede social em Brasília. No final de 1974, foi realizada portentosa festa com show de Jair Rodrigues, em que foram sorteados 2 fuscões e um buggy para associados. A lista de atrações, nos anos seguintes, foi luxuosa: estiveram se apresentando para a plateia asbaqueana brasiliense Beth Carvalho, Cauby Peixoto, o show Oba Oba de Sargentelli e Gal Costa. As atividades da regional continuam a todo vapor: campeonato de xadrez traz dois ministros e o grande mestre Mequinho. A mesma modalidade, febre na época, traria, em nov78, o vice-campeão mundial Victor Korchnoi, para simultânea.

Período Agosto de 1984 - Março de 1985

José Henrique Germano (Representante Pioneiro)

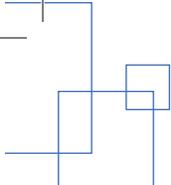
Um dos dirigentes mais populares da Asbac em todos os tempos, Germano era incentivador do esporte, e empolgado e notável empreendedor. Ajudado por orçamento elástico, por sua obra e graça foi realizada a terceira edição das Olimpíadas, em Brasília, com enorme contingente de todas as regionais, que se tornou maiúsculo êxito. Nas festas, destaque para a de confraternização em 1984, com o trio Los Angeles. Seu desaparecimento precoce foi lamentado por todos, especialmente pelos asbaqueanos esportistas.

Período Março de 1985 - Março de 1988

Pedro Valdenir Pinto da Silva (Diretor Regional), Luciano Sales Oliveira (Diretor Regional Suplente)

Participantes de um grupo que revolucionou a Asbac, com a chapa Democracia e Independência, de plataforma sindical, Valdenir





e Luciano investiram em programa de educação integral em que filhos de associados desenvolviam atividades complementares em horários alternados, fora do horário de escola. A Asbac participava inclusive com ônibus para transporte e logística. Até a Constituição Federal de 88, servidores públicos eram proibidos de se sindicalizarem; o grupo teve esse viés sindicalista até que plebiscito decidiu contra essa atuação da Associação. Luciano conta que, ainda no governo Figueiredo, apoiaram greve dos rodoviários reprimida pelo governo militar, emprestando veículos aos grevistas. Por isso, a Asbac Nacional teria decretado intervenção na Regional. Não permitiram que o interventor entrasse no clube. A intervenção nunca conseguiu ser implantada. Luciano lembra muitas ações moralizantes que realizaram, não renovando carteiras que eram fornecidas com gratuidade para políticos e amigos. "Pegamos a Associação com mais de 200 empregados e administrando um grande restaurante e seis bares, além de muitas atividades esportivas e recreativas. Fizemos várias reformas, principalmente acabamos com a malversação de recursos".

Período Março de 1988 - Março de 1991

Pedro Michelin (Diretor Regional),

Carlos Roberto Silva (Diretor Regional Adjunto)

Originário do sul, Michelin fez uma gestão cumprindo a expectativa de festas grandiosas e incentivo a muitas atividades, até que, em 89, foi impactado com a retirada da subvenção do BC. Também fez realizar a miríade de torneios esportivos que costuma agitar a comunidade brasiliense. A Asbac possuía cerca de 300 funcionários, em dois turnos, com diretores dispensados de sua função no BC. Criativo, construiu duas quadras de bocha, para incentivar um esporte pouco praticado na capital federal.

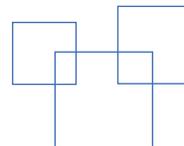
Período Março de 1991 - Janeiro de 1995

Reynaldo de Souza Motta (Diretor Regional),

Luiz Gonzaga da Costa (Diretor Regional Adjunto)

Reynaldo desenvolveu uma administração já com orçamento enxuto, e teve de se reinventar para realizar as comemorações de sempre, mas o fez com competência. Ao assumir, teve que debelar greve de funcionários; usou de sua habilidade no trato com pessoas. Terceirizou todos os serviços. Atraiu muitas empresas para o espaço da Associação, como o restaurante Dom Francisco. Abriu o clube para sócio frequentador, para enfrentar o problema na receita. Levou barco para o lago Paranoá. Colocou toboágua, arrumou a piscina; moralizou a administração, segundo avalia. Em abril de 94, inaugurou a pedra





fundamental da Sede de Camping e Pesca de Aruanã. Os associados passaram a dispor de mais opções de lazer.

Período Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

**George Wanderley da Costa (Diretor Regional),
Carlos Tadeu Pimenta (Diretor Regional Adjunto)**

Depois de ter sido suplente na gestão anterior, Wanderley foi o mais votado nas eleições de 95. Grande destaque de sua administração foi a opulência e a participação dos associados nas festas e bailes promovidos. Neste mesmo período, aproveitou a conquista da doação pela Prefeitura Municipal de Aruanã-GO, em set94, de área urbana, no total de 6.630 m², para implantação de unidade recreativa. Participação do Coral Asbac de Brasília no festival Internacional de Habaneras em Torre Vieja, Espanha, em 1995, com a regência de Antonio Sarazate Pierre Simões. A construção da Sede Campestre Aruanã foi comemorada durante esta gestão, e inaugurada em 27jan96.



Período Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001

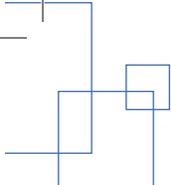
George Wanderley da Costa (Diretor Regional), Antonio Pedro Ferreira (Presidente do CA), Augusto Ribeiro (Presidente do CA)

Em nova gestão, Wanderley realizou construção da prainha abaixo do parque das churrasqueiras à beira lago e ainda reforma da palhoça. A alocação do restaurante Dom Francisco, ao lado da sinuca e da boate no salão Social, foi obra de seu mandato. A boate já não existe mais, e o restaurante ocupa área privilegiada com ótima vista para o lago Paranoá. Construiu, também, pista para jogging ao redor do clube. Não deixou de investir na área social e recreativa, programando muitas festas e bailes, que tinham participação massiva de associados.

Período Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

Kades Côrte (Diretor Executivo Presidente), Helena Maria Duarte (Diretora Executiva Presidente), Derci Enrique Mendes (Diretor Executivo Presidente), Divino Alberto Soares (Diretor Executivo Presidente), Vicente Fialkoski (Diretor Executivo Presidente), Aparício Secundus Pereira Lima (Presidente do CA)

Provindo da informática, Kades gastou seus nove meses à frente da Asbac-BSB saneando contas, contratos e revendo situação de

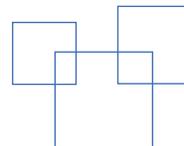


prestadores de serviços que, em levantamento, mostrou muitas inconsistências. Segundo o gestor, significou mudança de rumo da associação. Helena cumpriu alguns meses, realizando as festividades de final de ano com competência. Derci, utilizando de seus contatos, conseguiu remodelar a sede de Aruanã. Também reorganizou o clube, reduzindo o pessoal sem prejuízo da qualidade. Renegociou contratos e pagamentos de dívidas. Foram realizadas muitas atividades esportivas, inclusive os Jogos internos, com participação de 700 servidores. Com a renúncia de Derci, Divino assumiu, realizando: estacionamento externo, em frente à secretaria; estruturação e reforma da portaria; captação subterrânea das águas da chuva na portaria, reforma dos banheiros sob o salão social, acesso ao restaurante e sinuca, reforma da iluminação dos campos de futebol de campo e soçaito e quadras de tênis; reforma e substituição dos azulejos da piscina olímpica e tanque de saltos; reforma e renovação do parque de churrasqueiras, provendo-o de duchas, toldos e freezers. Foi feita, ainda, a criação de novo sistema de reserva das churrasqueiras; atualização e efetivação dos contratos de locação dos bares, restaurantes e da antiga sauna. Reformou, também, o sistema de aquecimento solar para as piscinas; revitalizando as piscinas sociais e parque infantil; criando o Espaço e Bar da Praia. Reestruturou e atualizou ainda o sistema de guarda e estadia para a garagem de barcos.

Período Janeiro de 2004 - Janeiro de 2007

**Antonio Rêgo de Abreu (Diretor Executivo Presidente),
Aparício Secundus Pereira Lima (Diretor Executivo
Presidente), Andreia Medeiros Rocha (Diretora Executiva
Presidente), Márcio Antônio Estrela (Presidente do CA),
Fernando Luiz Meneses Silva (Presidente do CA)**

Mandato focado em plano fiscal austero, visando estancar déficit orçamentário. Foram cortadas despesas e otimizadas as receitas, renegociando contratos com parceiros terceirizados, retirando antigos que pagavam valores irrisórios, e abrindo espaço para novos empreendimentos como a "Macadâmia", maior casa de eventos de Brasília por longo período, que gerava considerável receita. Além disso, no Conselho procurou-se ajudar a administração seguinte da melhor maneira, focando na mudança do Estatuto Social, acabando com eleição individual, passando a ser pela modalidade de chapas, definindo melhor as atribuições de executivos e conselheiros para minorar conflitos e potencializar administrações futuras. Aparício criou o Conselho Consultivo formado por associados representantes das diversas áreas de atuação do clube (futebol, tênis, natação, churrasqueiras, social, sede campestre, etc.) para discutir e realizar melhorias e estreitar laços interativos entre associa-



do e grupo gestor. A maior contribuição de Andreia foi implantar o Planejamento Estratégico na Asbac- BSB, que influenciou também a Fenabac a promover e trabalhar com planejamento e projetos, colocando dentro da sua missão e objetivos ser colaboradora do BC na implantação e promoção dos programas na área que é seu maior interesse, o da Qualidade de Vida, na "comunidade" Banco Central. Estrela, no CA, procurou aumentar a transparência e moralização da gestão, reforçando controles sobre o uso dos recursos da Associação e os poderes do Conselho Fiscal, inclusive fazendo a Asbac ser ressarcida em juízo de recursos utilizados por ex-Dirigentes para fins pessoais alheios aos interesses da Associação. Também viabilizou o estabelecimento de regras mais objetivas para a gestão, com a aprovação de novo Estatuto alinhado às melhores práticas vigentes naquele momento.

Período Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010

Fernando Luiz Meneses Silva (Presidente Executivo),

Genésio Lopes Siqueira (Presidente Executivo),

Apárício Secundus Pereira Lima (Presidente do CA)

Frequenter do clube desde 78, Fernando já havia participado do Conselho Fiscal e da redação do atual Estatuto, quando eleito para o triênio 07/09. Carente de reformas, o clube foi modernizado em vários aspectos. Na área administrativa, foi reformulado o Organograma Funcional, com melhor definição de cargos e atribuições. Tratou-se de criar atrativos para novos associados contribuintes, por meio de convênios. Nas instalações físicas, realizaram-se novos projetos e melhorias das áreas existentes, além da construção do parque esportivo de areia (futevôlei e beach tênis); complexo de 4 quadras completas de tênis em saibro; sistema de aquecimento das piscinas sociais; cercamento em vidro blindex das piscinas sociais e olímpicas; reformas dos banheiros do ginásio de esportes e das piscinas sociais; implantação do circuito inteligente de exercícios ao lado das piscinas olímpicas; construção de campo de futebol soçaito (grama sintética); projeto arquitetônico e construção do Bar do Futebol (com subsolo e elevador para deficientes); e reforma das instalações nas churrasqueiras. Apesar de alguns conflitos na gestão, o período foi dos mais profícuos, no entender do gestor, que credita à colaboração essencial dos colegas e funcionários o coroamento de sucesso da administração.





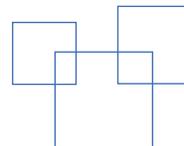
Período Janeiro de 2010 - Janeiro de 2013

**Genésio Lopes Siqueira (Presidente Executivo),
Júlio Leite Cardoso (Presidente Executivo),
Aparício Secundus Pereira Lima (Presidente do CA)**

Realizações: aumento a arrecadação com a assinatura de diversos convênios com órgãos públicos de Brasília; construção e inauguração do Bar dos Campos; implantação de Campeonatos "Infantil (até 15 anos)" e "Principal (até 33 anos)"; aumento da quantidade de times na modalidade "Veteranos" (33 anos acima); implantação do Salão de Jogos Infantil, com campeonatos virtuais; apoio incondicional ao "Futevôlei na Asbac"; transferência das negociações coletivas: Sindicato Patronal (Sinlazer) e Pessoal (Sindclubes). Sucesso também na apresentação "Em Canto" 2012, e no Projeto Menor Aprendiz, de 2013

(28). Além disso, obteve os seguintes Prêmios Fenasbac de Qualidade: (PFQ11-PC) pelo conjunto Revista Viver Asbac, digital AsbacNews, cartazes; (PFQ11-SC) Coral Asbac; (PFQ11-IE) VII Jogos Internos; (PFQ11-RS) pelo somatório de Asbac Solidária (campanha permanente de doativos para instituições de menores carentes) + Um dia de clube (1 dia franqueado a inst. Carentes). Ainda: (PFQ12-PC) Revista Viver Asbac, digital AsbacNews, cartão de aniversário personalizado a associados; (PFQ12-IE) por 16 competições em variados esportes; (PFQ12-SC) pelo Coral Asbac. Em 2013: prêmio (PFQ13-PC): Revista Viver Asbac mais cartazes; (PFQ13-IE) Somatório de modalidades esportivas; (PFQ13-SC) Festa Junina com 5 mil pessoas; (PFQ13-RS) Doação 76 cadeiras de rodas a carentes do DF; (PFQ13-DA): indicação do associado Geraldo Magella.





Período Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016

**João Correa de Magalhães (Presidente Executivo),
Aparício Secundus Pereira Lima (Presidente do CA)**

Realizações: pista de caminhada no Clube, composta de dois circuitos; criação do espaço denominado Brinquedoteca e cobertura externa em formato de lona de circo; reforma da piscina olímpica, inclusive casa de máquinas, e instalação de aquecimento solar (financiada pela Fen-



nasbac); reforma total do Bar que dá apoio ao ginásio de Esportes e às quadras externas de Tênis e Areia; obras de acessibilidade ao Bar dos Campos e revitalização das calçadas de acesso e próximas à Churrasqueira 18; toldos de acesso ao Salão Social e ao andar térreo; reforma do Pier contíguo ao Salão Social e revitalização da área próxima, inclusive a retirada de dejetos acumulados embaixo do prédio que, especialmente no período de seca, exalavam odor desagradável; construção de rampa de acesso de caminhões e máquinas ao Parque das Churrasqueiras; transformação da Churrasqueira 16 (grande) em espaço gourmet; reforma total da Churrasqueira 17 (grande); revitalização do espaço denominado Portal do Lago; reforma de uma das piscinas sociais, inclusive casa de máquinas e aquecimento solar individualizado. Sucesso nas festas, com destaque para as Festas Juninas de 2015. Além dos seguintes Prêmios Fenasbac de Qualidade: (PFQ14-PC) revista Viver Asbac, digital AsbacNews, peças gráficas; (PFQ14-IE) somatório de 16 modalidades; (PFQ15-PC): Revista, projetos gráficos, tweeter); (PFQ15-IE): somatório de 16 modalidades esportivas; (PFQ16-PC): projetos gráficos + whatsapp, Instagram; (PFQ16-RS): lazer para crianças de escolas públicas.

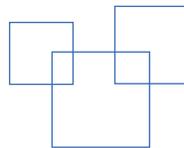


Período Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

**Marcos Enéas Silva (Presidente Executivo),
Eduardo Rogério Melo da Silva (Presidente do CA),
Otto Chaveiro Lobo (Presidente do CA)**

Enéas fez realizar todas as festas comemorativas, inclusive as aguardadas Festas Juninas, ganhando o Prêmio Fenasbac de Qualidade (PFQ18-SC) em 2018. Outras premiações, em 2017: (PFQ17-PC) Modernização do site e da comunicação digital semanal; (PFQ17-IE) Jogos Internos. Em 2018: (PFQ18-PC): modernização com conteúdo visualmente mais atrativo do site, principalmente informações esportivas; (PFQ18-IE) 22 torneios esportivos com participação de 223 sócios efetivos.





Curitiba

Período Janeiro de 1970 - Janeiro de 1972

Lauro Moreira Montenegro (Representante Pioneiro)

Numa fase inaugural, a Asbac de Curitiba tinha seu emissário pioneiro na figura de Montenegro, que fazia encaminhamentos de demandas de ressarcimentos médicos, e planejamento e realização das primeiras festas comemorativas. Já nesta época, a delegação da regional mostrava sua vocação para a interatividade, visitando e excursionando lugares aprazíveis, praticando esportes e fazendo amigos, tendência que se intensificou nas décadas seguintes.



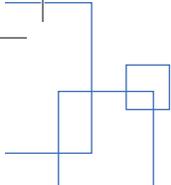
Período Janeiro de 1972 – Abril de 1977

Núncio Montingelli (Superintendente Regional Efetivo), Ataliba

Renato da Costa Ávila (Superintendente Regional Suplente)

Contando com o auxílio do delegado regional Ataliba, Montingelli desempenhou com afinco a missão de divulgar as primeiras ações e possibilidades da recém- iniciada Associação. Também ficavam sob sua incumbência a tramitação dos ressarcimentos de procedimentos médicos e as festas, sempre muito frequentadas e fartas, promovidas nas datas costumeiras. Exemplos disso foram as dedicadas ao Dia das Mães de 1974, com quase todos os associados da regional, e a de Natal, do mesmo ano, com quase 300 pessoas.





Período Abril de 1977 – Março de 1980

Núncio Montingelli (Diretor Regional), Ataliba

Renato da Costa Ávila (Diretor Regional Suplente)

A dupla permaneceu unida e entrosada, como emissários devotados à causa da Associação. Mas suas funções não eram fáceis, já que tinham de cuidar do processamento das demandas ligadas à saúde e as financeiras, além de fazer realizar as principais festas comemorativas.

Período Março de 1980 - Março de 1983

Moacir Hércules de Souza (Diretor Regional),

Francisco Munia Machado (Diretor Regional),

Paulo Roberto Freitas da Rocha (Diretor Regional Suplente),

Pedro Paulo dos Santos (Diretor Regional Suplente)

Hércules herdou uma Asbac poderosa, com muita arrecadação, que incluía a cota patronal, e era revertida em grandes festas e promoções para associados. Mas também exercia as funções de gestor de empréstimos e para tramitação de procedimentos de saúde. Também cuidava de recepcionar muito bem as delegações de dirigentes da Nacional.

Período Março de 1983 - Março de 1986

Jacyr Pellegrini (Diretor Regional), Pedro Paulo dos Santos

(Diretor Regional), Simão Baran Neto (Diretor Regional Suplente)

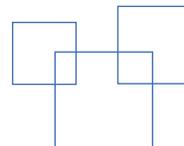
Na gestão de Pellegrini, a Associação conquistou finalmente a sede, e foram construídas quadras de tênis e campo de futebol. A Asbac ganha corpo, tinha já um número bom de associados e muita participação, principalmente nas festas. Mas Pellegrini não chegou a inaugurar seus feitos, concluídos na gestão seguinte.

Período Março de 1986 - Março de 1989

Antônio Aldemir Toledo da Silva (Diretor Regional),

Roberto Siqueira Filho (Diretor Regional Suplente)

Neste período, o Diretor Regional efetivo era Aldemir Toledo, auditor, que realizou administração conjunta com Siqueira Filho, em que os principais assuntos eram decididos em reuniões periódicas. Foi priorizada a continuidade da integração social e cultural entre os associados e seus familiares. Para tanto, eram realizados encontros comemorativos nas datas festivas do calendário geral, bem como nas da própria Asbac e Banco Central. Era promovida a integração dos filhos dos associados, em especial os pequenos, em eventos esportivos como os realizados no campo do Vasco. Foram programados jantares de confraternização pelo Dia das Mães, dos Pais e Natal. Na festa natalina eram feitas distribuições de presentes para os filhos de associados. Algumas excursões eram rotina, todo



novembro, como para compras no Paraguai, mas também para o RS e Termas de Jurema, em Cornélio Procópio- PR. Atividades esportivas eram movimentadas com alugueis de quadras e campo de futebol, e torneios internos e convênio com a AABB, que recebia asbaqueanos como se fosse uma agência do BB. Memorável também a participação no campeonato de Futebol de Salão de Curitiba e na quarta Olimpíada Nacional da Asbac em Brasília, em 87, conquistando medalha de ouro no Tênis de Mesa. Após aprovação de 90% dos associados em consulta, foi criado, em nov88, o grupo de Escoteiros John Thurman, resultado da colaboração de tradicionais escoteiros e do associado Pedro Paulo dos Santos. O movimento propiciou a união de pais, filhos e famílias que, através de ensinamentos educativos, segundo os diretores, formaram pessoas importantes para a sociedade.



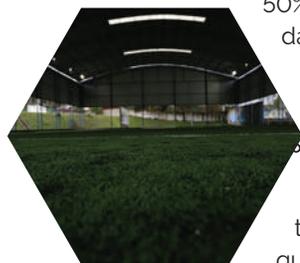
Período Março de 1989 - Janeiro de 1992

**Roberto Siqueira Filho (Diretor Regional),
Mário Alfredo Silva Neto (Diretor Regional Adjunto)**

Construído salão de festas para 120 pessoas, ativado o uso do campo de futebol e quadra de tênis com a contratação de professores de tênis e escolinhas para crianças, na sede cedida pelo BC de 39 mil m² e lago natural. Foi instituída a categoria de sócio contribuinte para minimizar a perda da cota patronal de mais de

50% da arrecadação, durante o governo Collor. Foi captada colaboração da Asbac Nacional para financiar dívida de cobrança do IPTU que, até então suspensa, foi retomada.

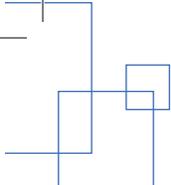
Em busca de nova fonte de renda, foi negociada construção de quadra de grama sintética, que tinha apenas duas instaladas em Curitiba. Após sua inauguração, a receita da Asbac voltou a níveis satisfatórios, mas festas totalmente subsidiadas e distribuição de brindes tiveram que ser excluídas da programação.



Período Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995

Valdir Barbieri (Diretor Regional), Roberto Siqueira Filho (Diretor Regional Adjunto)

Barbieri criou e fez acontecer a 1ª Olimpíada interna, congregando servidores e dependentes, nas dependências do Colégio Estadual do Paraná e Associação da CEF. Modalidades: atletismo, natação, futebol, futebol de salão, voleibol, truco, sinuca. Realizou também a primeira reforma do salão da sede social com a colocação de janelas basculantes e reforço da estrutura da cobertura; e a troca do piso da quadra de tênis de cimento para claytech, pó de pedra.



Também organizou anualmente o campeonato de futebol de salão, e promoveu, ao longo dos três anos, todas as festas tradicionais da regional, como as de jantar do Dia das Mães e de Natal, com distribuição de prêmios.

Período Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

**Roberto Siqueira Filho (Diretor Regional),
Waldemir Bana (Diretor Regional Adjunto)**

Nesta nova gestão, a Asbac estava composta com as seguintes benfeitorias: campo de futebol, campo de futebol com grama sintética, 2 quadras de tênis, churrasqueira para 120 pessoas, lanchonete, vestiários e pista de skate. A redução do quadro social aumentou depois da era Collor, com conseqüente queda da arrecadação; portanto, era preciso encontrar outras fontes de receita. O assunto foi objeto de pesquisa, mas restaram apenas as contribuições sociais de sócios efetivos e sócios contribuintes que eram os que se interessavam em participar do futebol, tênis e atividades escoteiras. A dedicação de Siqueira Filho, integral, foi muito importante, principalmente pela amizade com servidores ativos, aposentados e respectivos familiares. Ao final desta administração, o gestor retornou ao serviço interno do BC, na área de pessoal.

Período Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001

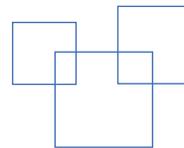
**Odacir Pereira da Silva (Diretor Presidente),
Salvador Soares de Oliveira (Presidente do CA),
Roberto Siqueira Filho (Presidente do CA)**

Criação de festa em homenagens ao Dia das Mães no mês de maio, com café colonial; de churrasco em homenagem ao Dia dos Pais, no mês de agosto. Construção de banheiros masculino e feminino na churrasqueira principal da Asbac-CWT. Realização de excursões às sedes da Asbac das cidades de Teresópolis-RJ e Campos do Jordão-SP. Distribuição por sorteio de brindes em comemoração ao Dia das Mães e festas de Final de Ano. Festas juninas em parceria com o grupo de Escoteiros John Thurman. Torneios de futebol society no campo de grama sintética e natural. Realização de jogos de futebol em jogos de conagraçamento com os clubes AABB, de Curitiba, e União da Polícia Civil, do Paraná. Vacinação anual contra gripe de associados e dependentes da Asbac. Realização de campanha anual de agasalhos.

Período Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

**Odacir Pereira da Silva (Diretor Presidente),
Salvador Soares de Oliveira (Presidente do CA)**

Em novo mandato, Odacir manteve a festa em homenagens ao Dia das Mães, com café colonial, e o churrasco do Dia dos Pais,



em Agosto. Promoveu excursões diversas à cidade de Penha, no Parque Temático Beto Carrero World. Sorteios de brindes em comemoração ao Dia das Mães e festas de Final de Ano. Festas juninas em parceria com o grupo de Escoteiros John Thurman. Torneios de futebol society no campo de grama sintética e natural. Realização de jogos de futebol em competição de congraçamento com o clube LIC de Florianópolis- SC. Vacinação anual contra gripe de associados e dependentes da Asbac. Realização de campanha anual de agasalhos.

Período Janeiro de 2004 - Janeiro de 2007

**Rui Jádriel Rodrigues Silva (Diretor Presidente),
Salvador Soares de Oliveira (Presidente do CA)**

Jádriel foi o diretor eleito, e compunha a cúpula decisória, mas o sempre operante Salvador, de longa data síndico do clube curitibano, é quem ditava as linhas mestras da gestão. No período, foram realizados: terceirização dos serviços de administração da Sede Social e das quadras sintéticas; alteração do estatuto regional para a constituição de farmácia associativa; aulas de dança de salão; terceirização do Espaço Lanchonete na sede social; criação/regularização da farmácia. A regional vence o Prêmio Fenasbac de Qualidade (PFQ16-RS), pela reforma e incrementos na pista de skate, franqueada também para a população.



Período Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010

**Salvador Soares de Oliveira (Diretor Presidente),
Rui Jádriel Rodrigues Silva (Presidente do CA)**

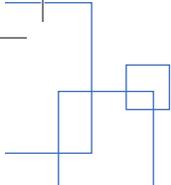
Salvador é o diretor executivo, e realiza convênio com a empresa Anjo da Guarda Cuidadores e Acompanhantes. Incumbe-se da reforma da quadra de tênis e da aquisição de andaimes para utilização em trocas de lâmpadas e serviços diversos. Também são realizadas as festas de Final de Ano, e do Dia das Mães.

Período Janeiro de 2010 - Janeiro de 2013

**Salvador Soares de Oliveira (Diretor Presidente),
Rui Jádriel Rodrigues Silva (Presidente do CA)**

Além das festas habituais, é promovido convênio com a escola CCAA para os cursos de Inglês e espanhol, mediante cessão de espaço para publicidade; e reforma e adequação do salão antigo e da lanchonete. A regional vence o Prêmio Fenasbac de Qualidade (PFQ12-RS), com a destinação ecológica dos Resíduos do Meio Circulante.





Período Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016

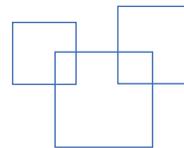
**Salvador Soares de Oliveira (Diretor Presidente),
Celso Luiz Laufer (Presidente do CA)**

Durante a gestão, são realizadas: construção de novo salão com capacidade para até 50 pessoas; construção da segunda quadra de grama sintética coberta; reforma da primeira quadra sintética; plantação de mais de 500 árvores na sede social; construção do sítio da Asbac-CWT, na internet, com análise de orçamentos e autorização de gastos. Também foram conquistados os prêmios de Qualidade: (PFQ14-DA): categoria Destaque Associativo, para o Diretor presidente Salvador Oliveira; (PFQ15-RS) pelo replantio de eucaliptos; (PFQ15-DA); pelo associado Roberto Siqueira Filho, como destaque associativo; (PFQ16-AA) pela maior agregação de sócios entre todas as Asbacs.

Período Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

**Salvador Soares de Oliveira (Diretor Presidente),
Celso Luiz Laufer (Presidente do CA)**

Realizações: reforma da casa do administrador da sede; implantação de projeto de prevenção contra incêndios e primeiros socorros, conforme normas do corpo de bombeiros e brasileiras; modernização/atualização do parque de informática; implantação de horta e pomar; modernização e reforma da casa de máquinas de tratamento de água. Mais dois Prêmios Fenasbac de Qualidade: pela Campanha do Agasalho (PFQ17-RS); e pela quadra de futebol coberta (PFQ17-PE).



Fortaleza

Período Janeiro de 1972 – Abril de 1977

Geraldo Vasconcelos do Carmo (Superintendente Regional Efetivo), Nivardo Gentil Pereira Castelo (Superintendente Regional Suplente)

Considerado por todos como muito operoso, Geraldo, inspetor que veio do BB, fazia as vezes de todas as funções que tinham sido destinadas à Associação. Isso incluía, com seu imediato e sempre disponível Nivardo, também oriundo do BB, credenciar médicos para o programa de saúde e realizar os primeiros empréstimos para colegas. Nessa época inicial, o BC de Fortaleza contava apenas com 16 funcionários. Todos muito participativos, como



Aragão, na festa de Natal de 73. A Asbac passou a funcionar, inicialmente, numa pequena salinha emprestada pelo BC. Nem por isso o pessoal se deixava desanimar, e a confraternização de 1974, que contou com disputa ludopédica no programa, é exemplo dessa disposição. Nivardo participaria, anos mais tarde, da aquisição do prédio da sede da Asbac, que teria, por exigência e iniciativa do diretor Veloso, de ser à beira da praia e conter ginásio de esportes.



Período Abril de 1977 - Março de 1980

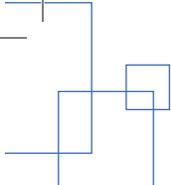
José Humberto Saraiva (Diretor Regional), Alfredo P. Martins Júnior (Diretor Regional Suplente)

Neste primeiro período, Saraiva realizou muitas excursões em praias como Jericoacoara, Lagoinha, Morro Branco, Lagoa do Uruaú, Majorlândia, Canoa Quebrada, entre outras. Promovia muitas festas no clube da Asbac, como anualmente as de Natal, com sorteio de presentes para todos sócios e presença de Papai Noel para as crianças. Outras festas também se tornaram tradicionais: a do Espelho, mensalmente, com distribuição de brindes para todos; a do Dia das Mães; do Dia das Crianças, além de passeios turísticos.

Período Março de 1980 - Março de 1983

José Humberto Saraiva (Diretor Regional), Alfredo P. Martins Júnior (Diretor Regional Suplente)

Em sua primeira sequência de mandato, Saraiva persistiu realizando excursões às praias cearenses, que tinham muita demanda,



além de repetir as festas que eram sempre muito bem recebidas, como a do Dia das Mães, das Crianças e juninas, sempre com a infalível fórmula de fartura e presentes para associados.

Período Março de 1983 - Março de 1986

José Humberto Saraiva (Diretor Regional), Júlio Sempére Garcia (Diretor Regional), Antônio Ribamar de Vasconcelos (Diretor Regional Suplente), Geraldo Moreira de Oliveira (Diretor Regional Suplente)

O time de dirigentes estava ganhando, então não havia por que mexer na fórmula de muitas excursões e festas, incluindo esportes. Neste terceiro período, Saraiva acompanhou passeios a praias, entre muitas festas para associados, com presentes e sorteios de prêmios. As festas de Natal, com presença de Papai Noel, se tornaram legendárias para filhos dos funcionários.

Período Março de 1986 - Março de 1989

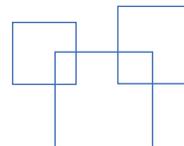
Henrique Jorge Medeiros Marinho (Diretor Regional), Geraldo Costa Aragão (Diretor Regional Suplente)

Henrique Marinho continuou realizando excursões, fez as festas do Espelho, de Natal, do Dia das Crianças. Realizou a reforma do clube da Asbac e, na reinauguração, contratou Eliane, cantora de forró de muito sucesso na época, e também ofereceu almoço para todos os sócios. No BC de Fortaleza há um restaurante que era cedido à Asbac para almoços e lanches, com preços especiais para os sócios, e o pagamento era feito com vales com prazo de um mês pelo Banco do Brasil.

Período Março de 1989 - Janeiro de 1992

José Humberto Saraiva (Diretor Regional), Henrique Jorge Medeiros Marinho (Diretor Regional Adjunto)

Neste retorno à administração da Asbac cearense, Saraiva trouxe alguns ingredientes novos à sua mistura para agradar os associados. Passou a realizar muitos passeios turísticos para Serra de Guaramiranga, Bica do Ipu e visitas ao Museu da Cachaça (Y-park). Incluindo a cidade de Redenção, para visitar o Museu Senzala Negro Liberto, que se tornou muito conhecida por ter sido a primeira cidade a libertar os escravos. Mas também incluiu no cardápio dos três anos excursões para praias de Jericoacoara, Lagoinha, Morro Branco e Canoa Quebrada, entre outras. Muitas festas também foram programadas e prestigiadas no clube da Asbac, como anualmente as de Natal, com sorteio de presentes para todos sócios. A Festa do Espelho voltou a ser grande atração.



Período Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995

**José Humberto Saraiva (Diretor Regional),
Maria Darcy Lira Andrade (Diretora Regional Adjunta)**

Em seu último mandato como cabeça de chapa, Saraiva não se preocupou em inovar; seguiu sua fórmula de sucesso, com festas, excursões que incluíam a garotada, e muito esporte. Também foram realizadas a Festa do Espelho, e comemorações muito concorridas, como a do Dia das Mães, Dia das Crianças, Natal e Réveillon.



Período Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

Helena Maria Duarte (Diretora Regional), Jose Humberto Saraiva (Diretor Regional), Francisco Paulo Brandão Aragão (Diretor Regional Adjunto), Maria Tânia Sales de Alcântara (Diretora Regional Adjunta)

Na gestão, foram realizadas festas de Natal, anualmente, com vários brindes e presentes para todos sócios e familiares. Foram feitas várias excursões, como visitar museus e passeios ecológicos, caminhadas em trilhas na serra de Guaramiranga. Durante o período, o clube da Asbac era muito movimentado, pois havia sempre o incentivo para que sócios frequentassem o clube. Foi construído também um quiosque dentro do clube.

Período Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001

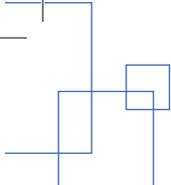
**Maria Tânia Sales de Alcântara (Diretora Presidente),
Francisco Paulo Brandão Aragão (Presidente do CA)**

Maria Tânia aproveitou muito o quiosque feito no clube, que virou point para os associados, que todos os fins de semana compareciam para jogar vôlei e também degustar as delícias culinárias, como as caranguejadas. Foram realizadas também concorridas festas, como as de Final de Ano, que previam distribuir cestas natalinas para funcionários.

Período Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

Nero Torres Neto (Diretor Presidente), Élio Fernandes Teles Gonçalves (Diretor Presidente), Francisco Paulo Brandão Aragão (Presidente do CA)

Nero deu continuidade aos eventos já instituídos na regional, como o do Dia das Mães e das Crianças, com sorteios, e realizou passeios para praias e excursões. Hélio assessorou reforma no ginásio do clube, construiu um poço de água permanente, além de churras-



queira, que eram reservadas para aniversários e outras reuniões. E, na área esportiva, foram realizados campeonatos de futebol e de sinuca. O parquinho infantil do clube também passou por reforma.

Período Janeiro de 2004 - Janeiro de 2007

**Nero Torres Neto (Diretor Presidente),
Élio Fernandes Telles Gonçalves (Presidente do CA),
Francisco Paulo Brandão Aragão (Presidente do CA)**

Foi dado prosseguimento às atividades comemorativas, e promovidas festas de Natal com música ao vivo, além de passeios a praias e excursões. Realizada reforma na piscina do Clube, em consonância com o conselheiro Élio Gonçalves. Programados e realizados campeonatos de futebol e sinuca.

Período Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010

**Marcelo Souza Queiroz (Diretor Presidente),
Francisco Paulo Brandão Aragão (Presidente do CA)**

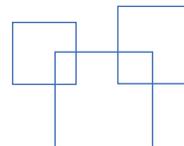
Marcelo deu continuidade aos eventos mais marcantes, como as festas de Natal, campeonato de futebol com encerramento no dia 1º de Maio, Dia do Trabalhador, ofertando muitos prêmios, medalhas e troféus para primeiro e segundo lugar. Reformou-se também a pousada e o quiosque do clube da Asbac. Na área de entretenimento e lazer, foi promovido o pré-carnaval com o bloco chamado Asbactérias e a Banda Tetrex.



Período Janeiro de 2010 - Janeiro de 2013

**José Francisco
Ribeiro (Diretor Presidente), José Carlos Vieira de Oliveira (Diretor
Presidente), Francisco Paulo Brandão Aragão (Presidente do CA)**

Ribeiro promoveu passeios, excursões para Guaramiranga, festas de Natal com bastantes brindes para sorteios, jogos e campeo-



natos, além de agitar com a festa do Dia do Trabalhador. Realizou ainda a festa de São João no estacionamento do prédio do Banco Central, para sócios da Asbac e familiares.

Período Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016

**José Carlos Vieira de Oliveira (Diretor Presidente),
Carlos Ricardo Lessa de Moura (Diretor Presidente),
Francisco Paulo Brandão Aragão (Presidente do CA)**

Vieira teve uma administração encurtada por motivo de saúde, e Lessa, da supervisão do BC, que desde 1998 esteve envolvido com a direção da Associação nas áreas social e esportiva, assumiu a presidência. Manteve a linha do antecessor, promoveu as festas das principais efemérides com competência, sem deixar de lado as competições esportivas, que mantiveram o interesse dos funcionários e contribuintes.

Período Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

**Carlos Ricardo Lessa de Moura (Diretor Presidente),
Francisco Paulo Brandão Aragão (Presidente do CA)**

Seguindo uma linha de racionalidade das administrações, Lessa deu continuidade à realização dos principais eventos do ano, como festa de Dia das Mães, de Natal, do Dia das Crianças, além de jogos de futebol, campeonatos e festa do trabalhador, além de eventos com música ao vivo. Realizou a reforma do campo de futebol, colocando grama sintética; fez a reforma da piscina com



deck do clube da Asbac para melhorar na parte de lanches e comidas, e também o municiou para receber melhor sócios e visitantes. Abiscoitou o primeiro Prêmio de Qualidade por realização da regional (PFQ18-RS), com a doação de artigos esportivos a entidade carente.

Porto Alegre

Primórdios

Período 1968 - Janeiro de 1970

Egon Luís Kross (Representante Pioneiro)

Egon tinha vindo do BB, passou a ser o primeiro representante informal da Asbac, durante seus primeiros meses. Realizou a primeira festa de Natal, com grande participação. Ao final de 1969, no entanto, preferiu sair, pela oportunidade de se tornar diretor em uma financeira.

Período Janeiro de 1970 - Janeiro de 1972

Cláudio de Oliveira Koehler (Conselho Deliberativo- Efetivo)

Oriundo do BB, Koehler representava a Asbac ainda incipiente, realizando bailes, jantares e competições esportivas. Lembra-se de ter promovido rally de Porto Alegre até Gramado, com boa participação de colegas. Começou a fazer, inicialmente, operações de empréstimos a funcionários. Lembra que, ao realizar um primeiro empréstimo foi censurado pelo diretor Aranha, da Asbac Nacional. Ao que retrucou: "fiz o que tinha que fazer". Na área do esporte, houve também muita movimentação, como o Torneio de Futebol de Salão, em 1970, com participação da Asbac Guanabara (atual Rio de Janeiro) e outros clubes locais. Koehler foi nomeado Inspetor de Bancos, o que exigiria constantes viagens. Solicitou então, em entendimentos com a Presidência da Asbac, que houvesse novas eleições.



Período Janeiro de 1972 – Abril de 1977

Paulo César Ximenes Alves Ferreira

(Superintendente Regional Efetivo), João

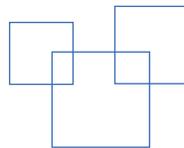
Jorge Krieger Pinheiro (Superintendente

Regional Suplente), Sérgio Luiz Teixeira

Blanco (Superintendente Regional Suplente)

Os 78 servidores do BC em 72, todos associados da Asbac, estavam aptos a votar na eleição daquele ano. Com 43 votos, contra 20 de Henrique José dos Santos, Ximenes foi o vencedor. O que mais marca a memória de Ximenes no período eram as festas de Natal, como a de 1975, sempre suntuosas, em que se uniam pessoas na AABB, e se envolvia o pessoal com a família. Lembra-se da





felicidade generalizada com a distribuição de presentes para os sócios. Na área de esportes, se praticava futebol society: os associados gaúchos se entrosavam participando dos campeonatos do BB, e excursionavam para jogar em cidades próximas, como São Borja. Krieger completou o mandato, realizando atividades e festas que os associados aguardavam, com brilho. Ximenes prosseguiu uma carreira brilhante que culminou com a presidência do Banco, de março a set93.

Período Abril de 1977 - Março de 1980

Roberto Paulo Sholl da Silva (Diretor Regional),

Cezar Pons Dias da Costa (Diretor Regional),

Newton Afonso Cabral Medeiros (Diretor Regional Suplente)

Sholl, durante seu breve período, promoveu muitas festas marcantes e conagração. Tradicionalmente, eram realizadas duas festas no final de ano: uma para crianças, na AABB, e a festa de Natal, na prestigiada Associação Leopoldina Juvenil, com 300 lugares lotados e show de baianas, em 77, ano em que foi inaugurada a sede administrativa da Asbac, no prédio do BC. Newton também se recorda de outro feito inédito, do grupo: montar uma biblioteca inteira com doações dos funcionários. Foi também recepcionada delegação da Asbac- SAL, depois de excursão empreendida a Buenos Aires, com o tradicional churrasco. Depois que Sholl foi comissionado no BC, o delegado considerou que não era conveniente que prosseguisse na direção da Asbac. Então, Pons foi praticamente nomeado, e assumiu numa fase ainda de muito orçamento, embora sem sede. Essa equação revertia em presentes para filhos de associados – cerca de 70 – e festas faustosas, com presenças luxuosas de Fafá de Belém, Ronald Golias e Cauby Peixoto. Para substituir a sede, eram locados clubes como o Leopoldina Juvenil, e o da Varig. Acontecem os I Jogos de Inverno, em 1979, repetidos no ano seguinte, com grande festa na entrega de troféus. No final do ano, a atração é o I Torneio da Amizade Asbac- SPA, realizado em diversas modalidades e categorias. Nessa época houve a inauguração da Asbac-BSB, com Olimpíada e muitos troféus. Como se recorda o diretor, "o clima era de família, e muito unida".



Período Março de 1980 - Março de 1983

**Paulo de Tarso Galarça Calovi (Diretor Regional),
Airton Streher Escobar (Diretor Regional Suplente)**

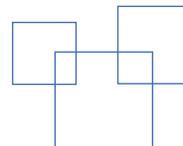
De início, é criado o Boletim Informativo "Quero-Quero", ave símbolo do RS, como forma de comunicação com associados, cujo nome é escolhido por sugestões dos próprios. Participação na V Copa União de Seguros de Xadrez. Excursão ao Hotel Laje de Pedra, em Canela. Acontece o I Concurso de Fotografia e Torneio Interclubes de Voleibol, bem como o Torneio Interno de Futebol de Salão. Firmados diversos convênios com fornecedores de produtos e serviços. Comemorações de final de ano, principalmente, são enorme sucesso.

Período Março de 1983 - Março de 1986

**Paulo de Tarso Galarça Calovi (Diretor Regional),
Francisco José Schmitz (Diretor Regional Suplente)**

O evento social de início de ano foi a "Noite da Alegria", com o Conjunto Itamone. Em continuidade às viagens costumeiras desde a fundação da Asbac, são feitas diversas excursões, aproveitando os feriados alongados. Realizados os V Jogos de Inverno, em diversas modalidades. Dos eventos sempre lembrados, ocorre a I Festa das Bruxas, no Jockey Clube. Em 1984, dois eventos esportivos de grande repercussão: o Torneio de Integração de Bancos Centrais, em Porto Alegre, com os congêneres do Uruguai, Argentina, e a Olimpíada Nacional Asbac, com disputas regionais. Na mesma gestão, foi conquistado o clube, através de comodato do Banco Central, que o havia adquirido da Centrus. A reforma do imóvel foi custeada por recursos da Asbac Nacional e pela regional.





Período Março de 1986 - Março de 1989

Édio Conceição de Oliveira Carneiro (Diretor Regional);

Derocy Giácomo Cirilo da Silva (Diretor Regional Suplente)

Em sua gestão, Édio redesenhou a entrada da sede, que era muito centralizada, e a levou para a lateral, construindo uma guarita para garantir a privacidade. Foi instalada torre de alta tensão, para aumentar a capacidade elétrica, e foi erigida nova portaria. A Asbac de então contava com cerca de 150 sócios. Foram programadas e realizadas as festas mais tradicionais, além da de Natal e de Réveillon.

Período Janeiro de 1989 - Janeiro de 1992

Paulo Renato Tavares Stein (Diretor Regional),

José Aimoré Bolina de Oliveira (Diretor Regional Adjunto),

César Pons Dias da Costa (Diretor Regional Adjunto)

Recém-adquirida a Sede Social e tendo passado por reforma geral, verifica-se sensível crescimento nas instalações e atividades no período. Inaugurado o Salão de Festas, com equipamentos de som e iluminação especial, como também o bar das piscinas e cozinha do salão, das churrasqueiras externas, da cancha de bocha, da pista de danças e palco do Galpão Crioulo, novo playground, etc. É criado o Inform Asbac como instrumento de comunicação com associados e público geral. Continuam os jogos de futebol de salão e voleibol, com aluguel de duas quadras. Área de convênios traz medicamentos a preços de distribuidora e incremento em outras categorias. Criado o programa "Nossa Terra, Nossa Gente, Nossa Asbac" e realização do primeiro jantar no Clube. Além das Festas de Natal tradicionais, outros eventos são efetivados durante o ano, como Jantar dos Namorados, Queijos e Vinhos e Fandangos, com artistas e conjuntos renomados, na Festa de Natal, inaugurando o novo Salão Social. Diversas excursões realizadas, como Gravatal, Foz do Iguaçu e participação no II Torneio de Integração Bancos Centrais, em Montevideo. Realizados os Jogos de Outono e a Mostra Regional de Artes, em comemoração ao Jubileu de Prata do Banco Central. A Diretoria aprova a categoria de Sócio-Convidado, facilitando o convívio no clube dos associados com amigos. Em abr91 é realizado o I Seminário Novos Rumos para a Asbac, face ao impacto sofrido pelas medidas do Plano Collor. Repetem-se os eventos sociais. São realizados os Jogos do Jubileu de Prata da Asbac. Na Sede Social é inaugurada quadra para peladas. Festa de Natal com show e música do Conjunto Arpege. As crianças não foram esquecidas, com a realização das Festas de Natal exclusivas e Colônia de Férias.

Período Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995

Paulo Renato Tavares Stein (Diretor Regional),

Francisco José Schmitz (Diretor Regional Adjunto)

Neste novo período, dá-se continuidade aos eventos característicos do dinamismo de Stein, com eventos sociais diversos e esportivos. Inauguração da cancha de bocha, com torneio. Na entrada do verão, Garden Party nas piscinas, com desfile de modas. Na Festa de Natal, presença do Conjunto Scorpions e distribuição de prêmios. Peça teatral no Natal das crianças. São destaques os concursos "Namorada da Asbac 93" e "Garota Verão Asbac 93", apresentados pela miss Brasil Deise Nunes, que ocorrem com a Festa Tropical 93, em março. Relembrando a extraordinária Festa das Bruxas de 1983, acontece a II Noite das Bruxas, no Salão Social, com os Scorpions. Destaque para as promoções anuais "Asbac Presente", premiando associados pelo consumo de produtos oferecidos pela Associação. Asbac- FOR recebe reunião dos Executivos. Eventos sociais em continuidade, em 1994. Reunião dos Executivos Regionais; desta vez, em Porto Alegre. Acontece o II Concurso Namorada da Asbac e a III Noite das Bruxas. A Mostra de Artes atinge quinta edição. O Diretor Regional Paulo Stein é eleito para a Presidência da Asbac Nacional. Conjunto Arpege novamente na Festa de Natal, com distribuição de brindes a associados presentes.



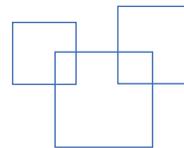
Período Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

Leonir Martins Borges (Diretora Regional),

Manoel José Pereira Dias (Diretor Regional);

José Ruy Blanco Gogia (Diretor Regional Adjunto)

Leonir se recorda de, além de atender às necessidades de promover manutenções nas dependências do clube, era tradição realizar uma grande festa de Final de Ano; não deixou por menos. A Asbac tinha restaurante, e isso facilitava muito. Na época, mesmo que houvesse cerca de 200 associados, o fato de o clube ser distante do centro fazia com que a frequência fosse baixa, durante quase todo o ano. Ela se aposentou em 96, e apenas a Asbac passou a ser sua ligação com a família do BC. Mas a pressão para se dedicar aos filhos adolescentes foi mais forte, e ela deixou a diretoria quatro meses antes da conclusão de seu período. Manoel completou o mandato, e realizou as festas de Final de Ano.



Período Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001

**Manoel José Pereira Dias (Diretor Presidente),
Paulo Renato Tavares Stein (Presidente do CA)**

Primeira gestão dentro do sistema capitaneado pela Fenabac. Preocupação inicial era recuperar a sede social, construída no início do século XX, bem como da infiltração de águas no terreno, causando grande erosão junto às piscinas, no Salão Social e no galpão crioulo. Foram realizadas obras de canalização das águas pluviais, aterramento do terreno das piscinas e nova impermeabilização, isolamento das paredes e teto do Salão Social, recuperação do galpão, e construção de novas churrasqueiras. Realizado convênio de fornecimento de medicamentos, a preços de distribuidora, e também assinado convênio de saúde com a Associação dos Médicos do RS, com consultas a preços bem menores que os do mercado. Em 1999, ocorreu a primeira edição do Galpão do Harmonia, como parte do Acampamento Farroupilha realizado anualmente em Porto Alegre, em comemoração à Revolução Farroupilha. A sede social foi liberada aos associados no ano seguinte. No ano de 2000, ocorre a primeira parceria de telefonia celular com a Vivo.

Galpão do Harmonia

No Rio Grande do Sul, a data de 20set comemora a Revolução Farroupilha, marco da história do Estado. Nessa época, são realizadas festividades da Semana Farroupilha, há mais de um quarto de século, notadamente em Porto Alegre, onde é realizado o Acampamento Farroupilha. Essa atividade se iniciou com um grupo de amantes do tradicionalismo e se transformou em evento oficial, organizado pelos governos estadual e municipal, e realizado por entidades tradicionalistas, obedecendo a um regulamento geral. A participação da Asbac- POA no Acampamento Farroupilha remonta a 1999, com a montagem de um galpão, denominado Galpão do Harmonia, em homenagem ao parque onde é realizado o evento, que tem esse nome. A programação oficial é aberta com o hasteamento das bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul e canto de hinos. Os cardápios são diários, compostos de comidas típicas do RS, com programações artísticas diversas. Da programação constam também apresentações de projetos culturais obrigatórios a cada entidade acampada, com temas relativos aos costumes regionais, ideais farroupilhas, as raízes, as lendas, etc. Em 2005, foi lançado um CD denominado "As Melhores do Galpão do Harmonia", com uma coletânea das músicas de maior sucesso, interpretadas pela atração permanente do Galpão, o cantor Elias Fernandes. Implantados o Concurso Regional de Fotografia da Semana Farroupilha, abordando todas as formas de manifes-

tação da cultura gaúcha, bem como o Troféu Querência, como reconhecimento àqueles que se destacam nas atividades do Acampamento. O troféu é uma estilização do mapa do RS, combinado com alguns símbolos gaúchos.

Manoel Pereira Dias

Período Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

**Manoel José Pereira Dias (Diretor Presidente),
Paulo Renato Tavares Stein (Presidente do CA)**

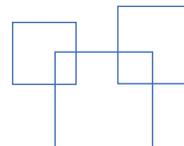
Depois de conversações desde administrações anteriores, foi assinado contrato de parceria com a AABB, em abr01. As condições principais eram de que a AABB assumiria a administração da Sede Social da Asbac, arcando com custos decorrentes, exceto IPTU, e os associados da Asbac poderiam frequentar as instalações da AABB querendo inclusão no convênio, mediante o adicional de pequena parcela na mensalidade, a ser repassada à AABB. Cerca de 50% dos associados aderiram, o que redundou benéfico a ambas as entidades. Dentro desse convênio, dirigentes e associados da Asbac passam a fazer parte do Grupo de Cultura Gaúcha Rancho Posteiro, da AABB, inclusive compondo a patronagem. Já no ano de 2001, o Galpão do Harmonia é construído dentro da parceria, em nova localização no Parque Harmonia, em terreno maior e mais bem localizado. Novo convênio com a Vivo. Festa de Natal, em 2002, com show do conjunto Scorpions (cover) e o showman Santolin.



Período Janeiro de 2004 - Janeiro de 2007

**Manoel José Pereira Dias (Diretor Presidente),
Paulo Renato Tavares Stein (Presidente do CA)**

Criado em 2004 o periódico mensal Chasque Posteiro, do GCG Rancho Posteiro, com assuntos da tradição gaúcha. Troca da parceria de celulares, agora com a Claro, e Festa de Natal, com o grupo Scorpions. Em set05 são recepcionados os diretores executivos das Asbacs, para reunião. A edição do Galpão do Harmonia de 2005 trouxe duas novidades: foi concedido um terreno também para a AABB, contíguo ao da Asbac e a organização do Acampamento estabelece a obrigatoriedade dos Projetos Culturais. Foram apresentados os projetos "Cavalo - A Encilha e os



Aperos" e "Inseparável Companheira – A Faca", com a forja de uma faca artesanal. Foi lançado o CD "As Melhores do Galpão do Harmonia". Reunião da Direx, em 2005. Em ago06, retomados os eventos que marcaram época, com a reedição da festa "Ritmos de Boate Anos 60/70/80", no Salão Social. Homenagem ao colega aposentado Vil-

tus Gualdi, por apoio às atividades culturais da Associação. Dentro das comemorações do Galpão Farroupilha, em 2006, institui-se o Troféu Querência e o Concurso Regional de Fotografia da Semana Farroupilha, contemplando fotografias da cultura gaúcha. Grandiosa Festa de Natal, em 2006.

Período Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010

**Manoel José Pereira Dias (Diretor Presidente),
Paulo Renato Tavares Stein (Presidente do CA)**

No Galpão do Harmonia de 2007, é repetido o projeto cultural "Danças Gaúchas". Festa de Natal de 2007 com show do Guri de Uruguaiana. Em 2008, teve início a reforma das instalações da sede administrativa da Asbac, cuja inauguração, em 2010, trouxe o diretor de administração do BC e chefes do Depes e Demap. Dentro da parceria com a AABB, é instituída a isenção da parcela adicional ao associado Asbac que aderir ao convênio de mai-nov08. O Projeto Cultural criado para fazer parte do Acampamento Farroupilha de 2008, "Chimarrão para todos", disponibilizou mate e água quente para o público. Reeditado o concurso de fotografias alusivo à Semana Farroupilha. São realizadas tratativas com a AABB para recuperação de áreas da sede social, como quadra esportiva e vestiários, reinauguradas em grande evento. Em 2009, firmado novo contrato para corretagem de seguros de automóveis e residencial. Em junho, em São Paulo, realizada reunião dos executivos das Asbacs Regionais, para intercâmbio. Realizada a "Noite Brasileiríssima". Representantes da regional participaram do II ENARF, em Brasília, para alinhar conhecimentos sobre produtos da Federação. Em 2009, aconteceu no foyer do Auditório do BC o Café Campeiro, com palestra sobre a Revolução Farroupilha. Foi ainda realizada excursão à região dos Aparados da Serra, com visita aos cânions. Em 2009, a Festa de Natal teve como atração o humorista André Damasceno e música de Edgar Pozzer e Trio Latino.



Período Janeiro de 2010 - Janeiro de 2013

**Manoel José Pereira Dias (Diretor Presidente),
Paulo Renato Tavares Stein (Presidente do CA)**

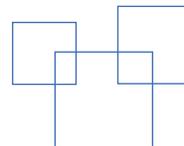
Em 2010, participação no Seminário Interno de Gestores Asbac, em Brasília. A festa de Natal destacou o tema "50 Anos de Anos 60", que conjuntamente com a Festa dos Aposentados venceu o Prêmio Fenasbac (PFQ11-SC). Em mar11, a Asbac POA recepcionou executivos das regionais em reunião nacional, com churrasco e show musical. No mês seguinte, desenvolveu-se mais uma Campanha de Vacinação contra a Gripe. Em ago10, lançada campanha de incentivo ao ingresso como associados dos novos colegas a serem empossados, com o slogan "20 Razões para ser associado da Asbac". A campanha captou 40% dos recém-empossados, e teve adesão de outros 21: prêmio (PFQ11-AA) de maior agregação de associados no ano. Realizada excursão a Serra do Rio do Rastro, em SC. Na Festa de Natal, os participantes curtiram show de rock clássico. A iniciativa "Sou + Sócio 2012" aproveitou a premiação financeira recebida do Prêmio Fenasbac de Qualidade, que resultou em doze inclusões de novos sócios no ano, sete decorrentes da campanha. Em set11, realizada mais uma edição do Acampamento Farroupilha, em que a Asbac participou com seu Galpão do Harmonia. Ocorreu ainda a entrega do Troféu Querência- 6ª. Edição, em noite de gala, em dez11, com o grupo Bee Gees Alive, e mais de 200 participantes. Em 2012: (PFQ12-SC) Galpão do Harmonia levou Prêmio Fenasbac de Qualidade. Manoel Dias, e José Mário Correa, representantes da AABB POA, passam a fazer parte do Conselho do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore - IGTF, como conselheiros culturais. Já, em março de 2012, participação em reunião dos Diretores Executivos, na regional de SP. Contratada profissional de marketing para incremento do setor de convênios. Prêmio (PFQ12-AA) de maior agregação de associados do ano (PFQ13-PC). Prêmio de projeto de comunicação, com nova identidade visual e atualização do website; (PFQ13- PE): Projeto Especial, criação do IFenasbac; (PFQ13-DA) prêmio Destaque Associativo, para indicação do dirigente Antônio Carlos Oliveira.



Período Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016

**Manoel José Pereira Dias (Diretor Presidente),
Paulo Renato Tavares Stein (Presidente do CA)**

Comemorados os 70 Anos da parceira AABB Porto Alegre, com jantar dançante em agosto, com Banda Alma Beat. No mesmo mês,



Torneio-Curso de Xadrez. Galpão do Harmonia, no último ano de participação no Acampamento Farrroupilha municipal, com o tema "Nossas Lendas, Cultos e Mitos", com concurso popular. Noite mágica na Festa de Natal ao som da Banda Zoom Beatles. Migração do plano empresarial, em 2014, da Claro para a Vivo. Comemorações da Semana Farrroupilha, na Sede Social, com a mesma formação de shows musicais e bailarinas. Diversas iniciativas de ação social, com Prêmio de Qualidade (PFQ14-RS) por gêneros não percebíveis para desassistidos; com doações de equipamentos de informática usados; outro pelo conjunto (PFQ15-RS) de vacinação de contratados + campanha de agasalhos + doação TV para creches. Festa de Natal de 2014 com o show de humor de Thiago Carmona, mais Rodrigo Soltton, com seu piano de cristal. Grande promoção de final de ano, "Feliz Clube Novo", que proporcionou a associados e dependentes a frequência livre aos dois clubes, apenas com pagamento de mensalidade padrão da Asbac. 2015 se inicia com a programação dos 50 Anos do BC. Toma corpo a promoção "Feliz Clube Novo", acrescido de maiores vantagens aos associados. Participação, em mai15, na Reunião de Executivos das Asbacs, em



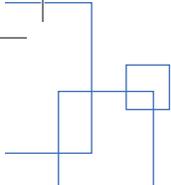
Brasília-DF. É criado o projeto ABC – Asbac Benefício Complementar, programa de benefícios nas áreas de saúde, medicina, esportes, ensino, cultura, lazer e serviços, com edição do livreto ABC- Asbac: Benefícios Complementares (PFQ16-PC). A comunicação é melhorada com a reformulação da página na internet (PFQ16-PE). Indicação do consultor jurídico Vandir Nascimento ao Prêmio Fenasbac: (PFQ14-DA). Criação de grupo dos aposentados no whatsapp e novo portfólio do projeto ABC. Na Festa de Natal 2015, pocket show com mágico Adriano Ramos e musical do grupo Mas Bah.

Período Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

**Manoel José Pereira Dias (Diretor Presidente),
Paulo Renato Tavares Stein (Presidente do CA)**

Realizações: curso básico de xadrez; nova Campanha de Vacinação contra a gripe. No mês de jun16, Comissão julgadora do Concurso Nacional de Fotografias, patrocinado pela Fenasbac, avalia material recebido, na ocasião do Almoço dos Aposentados na Sede Social. Vernissage da exposição das fotos vencedoras no mês seguinte. BC conclui obras no espaço de convivência, no 14º andar da sede; Asbac encarrega-se da conclusão, com novo mobiliário e colocação de toldos; iniciativa leva Prêmio





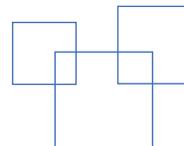
Fenasbac de Qualidade (PFQ17-SC). Nova edição do Acampamento Farroupilha, na sede social, Chá das Pensionistas, Outubro Rosa e Novembro Azul. Novo curso de xadrez, fase Estratégia Básica II. Festa de Natal 2016 com abertura pelo Mágico Eddie e retorno do show de Rodrigo Solton e seu piano de cristal, acompanhado de Johnny Grace dublê de Elvis Presley. 2017 principia com conversações com a AABB para recuperação do casarão da sede social. Ações sociais do ano anterior se repetem. Parceria de telefonia móvel com a Vivo é incrementada com ampliação dos benefícios. Festa de Natal 2017 abre com show do quinteto Voice In, seguido do Sexteto Tempero Brasil. Xadrez: curso de Aberturas I – A Natureza do Desenvolvimento, no início do ano seguinte.

A Asbac na minha vida

A Asbac-SAL foi essencial para minha ambientação no BC, para o lazer e socialização com os colegas, tendo ainda o papel fundamental no desenvolvimento dos meus filhos, na infância e adolescência. No clube, por 20 anos participei de atividades esportivas e sociais, com destaque para futebol e apresentações de música ao vivo, com alguns colegas. Dei contribuição também como diretor sócio-cultural, nos anos 1980. Belas e prazerosas recordações

José Clovis Batista Dattoli, Asbac-SAL





Recife

Período 1970 - Dezembro de 1971

Higino Belo Neto (Representante Pioneiro)

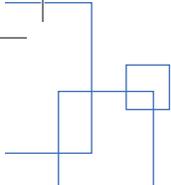
Representante informal de início, Higino foi eleito por aclamação, em 1970. Realizações: implantar a regional da Asbac em Recife. Conseguir espaço físico no prédio para a Associação, inscrever os associados, negociar com a administração do BC condições necessárias para o funcionamento. Na época, Higino trabalhava no núcleo local da contabilidade, até ser transferido para a Sede em Brasília, lotado na Firce.

Período Janeiro de 1972 - Abril de 1977

Leopoldo Brasileiro de Lima Filho (Superintendente Regional Efetivo), Fernando do Rêgo Pessoa de Macedo (Superintendente Regional Suplente)

Lima Filho consolidou a Regional formalmente, com aprovação do Estatuto Social, CNPJ, conta bancária. Organizou a secretaria; contratou funcionários e deu início a atividades sociais. Uma delas era a de comemorar aniversariantes do mês, como na foto de 73, em que Leopoldo (1° à esquerda) está ao lado de José Raimundo Lima Filho, Perilo Lima, Jesu Padilha, Ademar Alencar, Olavo Melo, Mauricio Xavier, Rubem Gomes, Luis Piragybe, Antônio Lira, Nilvande Vasconcelos e João Lacerda. A época era de definições, e o diretor de administração, Paulo Yokota, veio a Recife, no final de 74, para explicar implicações da opção dos funcionários de outras instituições em ficar no BC. As festas passaram a ser incrementadas, como as juninas de 1975 e as de Natal. Na época, o BC não oferecia plano de saúde e o Diretor desenvolveu programa de reembolso dos gastos com saúde dos servidores do Banco.





Período Abril de 1977 - Março de 1980

**Jefferson José Costa Albuquerque Filho (Diretor Regional),
Wallace Moacy do Carmelo Silva (Diretor Regional);
Manoel Gonçalves de Azevedo (Diretor Regional Suplente)**

Jefferson deu continuidade às atividades existentes, ficando pouco mais de um ano no cargo. Wallace reorganizou os trabalhos administrativos. A regional participou da 1ª Olimpíada nacional da Asbac e, surpreendentemente, levou o troféu de primeiro lugar no futebol de campo, vencendo Brasília na final.

Período Março de 1980 - Março de 1983

**Wallace Moacy do Carmelo Silva (Diretor Regional),
José Inácio Moneta (Diretor Regional Suplente)**

Wallace criou três núcleos distintos: um englobando a área financeiro-administrativa, outro para a área social e um terceiro para práticas esportivas. Celebrou convênios nos quais o associado comprava seus produtos com descontos expressivos. Intensificou as atividades sociais com eventos como Dia das Mães, Dia das Crianças, confraternização natalina e São João. Adquiriu a sede campestre em Dois Irmãos, bairro de Recife. Moneta manteve a linha de atuação do antecessor, incentivando competições esportivas. Um dos marcos de sua administração foi transferir a parte administrativa da Asbac/Direc para Guarantã; construiu uma piscina na localidade e uma quadra esportiva, transformando a seguir aquela localidade em Sede oficial da Asbac-Recife.

Período Março de 1983 - Março de 1986

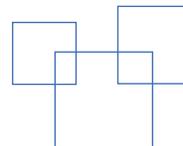
**José Sebastião Veloso da Silva (Diretor Regional),
Fernando Câmara Ferreira (Diretor Regional Suplente)**

Veloso permaneceu pouco tempo como diretor, e foi substituído por Fernando Câmara. Em seu mandato tampão, Câmara criou escolinhas de futebol e de natação e incentivou participação dos sócios em práticas esportivas, inclusive maratonas.

Período Março de 1986 - Março de 1989

**Manoel Camilo Brollo (Diretor Regional),
Olívio Pessoa Lira Lins (Diretor Regional), Rejane
Tandaitnik Kelner (Diretora Regional Suplente)**

Brollo permaneceu poucos meses na administração, e manteve atividades existentes; Lira implementou várias frentes de ação, como viagens culturais, incentivo à participação de associados em competições fora do BC, e criou a Colônia de Férias para a criançada.



Período Março de 1989 - Janeiro de 1992

**Nelson Rodrigues de Oliveira (Diretor Regional),
José Inácio Moneta (Diretor Regional), Pedro Nogueira
da Costa Filho (Diretor Regional Adjunto)**

Oliveira manteve os eventos existentes na administração do antecessor; Moneta continuou a mesma linha de atuação, incentivando competições esportivas. Costa Filho, por sua vez, além de manter atividades, criou na Associação um bazar para venda de produtos diversos; e também incentivou bastante a prática esportiva.

Período Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995

**José Félix Pereira Evangelista (Diretor Regional),
Olívio Pessoa Lira Lins (Diretor Regional Adjunto)**

Evangelista manteve atividades existentes, e criou o cheque Asbac, com o qual o associado fazia suas compras nas empresas conveniadas realizando o pagamento com esse vale, que era descontado em sua conta no BB.

Período Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

**José Félix Pereira Evangelista (Diretor Regional),
Wallace Moacy do Carmello Silva (Diretor Regional),
Maria Inez Borba Gomes de Melo (Diretora Regional Adjunta)**

Evangelista reativou a Colônia de férias da criançada, cujo evento estava então inativo. Esse mandato não foi concluído por motivo de o BC solicitar a volta dos diretores à disposição da Asbac. Manteve as atividades existentes. Wallace incentivou a promoção do nome da Asbac junto à sociedade recifense, através dos jornais da cidade, na parte de esportes amadores.

Período Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001

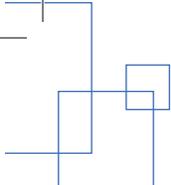
**Francisco Jefferson Sá (Diretor Presidente),
Wallace Moacy do Carmello Silva (Presidente do CA)**

Sá prosseguiu promovendo eventos sociais e esportivos tradicionais, incentivando novas adesões à associação. Deu ênfase à ampliação da carteira de segurados da Fenabac e intensificou as vendas de cotas de consórcio.

Período Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

**Wallace Moacy do Carmello Silva (Diretor Presidente),
Francisco Jefferson Sá (Presidente do CA)**

Wallace dotou a Regional de um Clube Campestre, em Dois Irmãos, com piscinas, quadras e campo de futebol. Adquiriu, junto



ao BC, em sistema de dação, o prédio da Guarantã, na Caxangá, que se tornaria, a seguir, sede da Asbac fora do BC.

Período Janeiro de 2004 - Janeiro de 2007

**Marcos Antônio Rodrigues Silva (Diretor Presidente),
Francisco Jefferson Sá (Presidente do CA)**

Rodrigues Silva deu continuidade aos eventos sociais e esportivos praticados e incentivou as adesões e renovações dos seguros da Fenasbac.

Período Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010

**Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes (Diretor Presidente),
David Falcão (Presidente do CA), Wallace Moacy do Carmello
Silva (Presidente do CA), Francisco Jefferson Sá (Presidente do CA)**

Joaquim manteve atividades, implantou núcleo de xadrez e incentivou diversos torneios. Falcão criou o Plano de Cargos e Salários para funcionários da Asbac; comandou a fase classificatória, em Fortaleza, para a Olimpíada em Brasília, e manteve eventos existentes.

Período Janeiro de 2010 - Janeiro de 2013

**Roberto Parrini (Diretor Presidente), Joaquim
Pinheiro Bezerra de Menezes (Presidente do CA)**

Parrini instalou lanchonete para os associados, criou espaço convivência com televisão, sofás, mesas e computador.

Período Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016

**Roberto Parrini (Diretor Presidente), Joaquim
Pinheiro Bezerra de Menezes (Presidente do CA)**

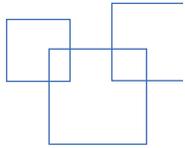
Parrini reformou as instalações com novo piso e mobiliário, informatizou os serviços e firmou convênio com o BC regional para viabilizar o funcionamento da biblioteca. Criou a Loteca (PFQ-14-PE), Prêmio de Qualidade Fenasbac, e recuperou a biblioteca (PFQ16-SC), na ocasião com mais de 6 mil livros, também Prêmio de Qualidade.



Período Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

**Roberto Parrini (Diretor Presidente), Joaquim
Pinheiro Bezerra de Menezes (Presidente do CA)**

Parrini reavivou comemorações que andavam relegadas, como a de São João e confraternização de fim de ano.



Rio de Janeiro

Primórdios

Criada em 4jan66, em reunião com ata de 17 assinaturas, a Asbac, na Guanabara, teve sua primeira reunião social com um jantar "volante", animado pelo comediante José Vasconcelos, para mais de cem pessoas, em 31out66. No final desse ano, era alardeada na primeira página do jornal "Asbac" a cultura da moça que abischoitara o primeiro lugar no primeiro concurso do BC, mesmo representando as mulheres apenas 22% das competidoras do certame. O jantar comemorativo do segundo aniversário da Associação ocorreu no late Club do Rio de Janeiro, em 31mar67. Outro marco, agora na área da saúde, aconteceu em set67, com a inauguração do consultório odontológico próprio da Asbac, para atendimento de associados. Quase um ano depois, veio o segundo. Em 1969, um clube em Comary passou a ser objetivo. Em agosto de 71, A Asbac "Nacional" começa a mudar sua administração para Brasília.



Período Janeiro de 1972 – Abril de 1977

Roberto Henry Guitton (Superintendente Regional Efetivo), Carlos Noronha Gomes da Silva (Superintendente Regional Suplente)

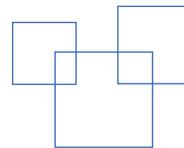
Primeiros dirigentes eleitos para o Rio de Janeiro realizam Inauguração da sede campestre da Asbac, em Comary, Teresópolis, com restaurante, saunas, piscinas e campos de esporte. Festa de Natal realizada no clube Monte Líbano, com show do menestrel Juca Chaves. Em 1974, outra festa monumental. Operacionalização das funções de plano de saúde e financeira, pela Asbac. Noronha, com muito carisma e diplomacia, de acordo com o contemporâneo Octávio Gravino, era considerado a pessoa mais importante da Asbac na área esportiva. A sede Campo no Canadá, no bairro de Cidade Nova, leva seu nome em homenagem merecida.



Período Abril de 1977 – Março de 1980

Leon Kohn de Penhas (Diretor Regional), Octávio Gravino Filho (Diretor Regional Suplente)

Gestão tranquila, à imagem de seus dirigentes, no Rio. Segundo Gravino, eram incrementadas principalmente as práticas esportivas, grande interesse dos associados, o que incluiu grande participação nas Olimpíadas internas. Os esportes mais praticados eram futebol de campo, de salão, vôlei masculino e feminino. Eram utilizados o campo do Estácio e o de Comary. Como faltava espaço para tanta demanda, foi alugado o campo auxiliar do Flamengo e também do Floresta. Gravino participava na organização, sempre auxiliado pelo animado Carlos Noronha, já que Leon não era muito afeito a esportes.



Período Março de 1980 - Março de 1983

**Sérgio Luiz Martins Coelho (Diretor Regional),
José Vieira Leite (Diretor Regional Suplente)**

A eleição de Sérgio Coelho representou a ruptura com o antigo jeito de gestão, que era herança dos dirigentes originários de outras entidades, como o BB. A nova chapa teve que superar alguns percalços, como a pequena intervenção da administração nacional, que o obrigava a compartilhar a responsabilidade com os gastos. Superado o problema, a nova gestão realizou o campo de soçaite, na Praça Onze, da Asbac, onde era terreno baldio. Construiu também os primeiros 18 apartamentos em Comary, para que associados pudessem agendar estadias. Era uma época de intensa participação do quadro social. A Asbac-RJA participou da 2ª Olimpíada, de 81, em Brasília, com o segundo maior contingente. Foi construída também uma piscina, e reformou-se o restaurante.

Período Março de 1983 - Março de 1986

**Ronaldo José de Souza (Diretor Regional),
Eládio da Costa Nery (Diretor Regional Suplente)**



Em sua gestão, Ronaldo teve que conviver com a questão da criação da representatividade, do sindicato e da AFBC, e se posicionar. Também foi nessa época que primeiro se fizeram sentir os efeitos da retirada da contribuição do BC, que passou a exigir enxugamento em todas as atividades. Também a discussão se a Asbac teria que investir em ser clube aflorou quando surgiu a oportunidade de se adquirir, por comodato, a sede de Andaraí, o que foi efetivado. Neste período, com os préstimos de Eládio, também foi concluída a primeira fase das obras da sede de Comary. Foi também construída uma

sede de lazer no Edifício Delamare, na Av. Presidente Vargas, 446, cuja obra foi gerenciada pelo associado José Vieira Assumpção, assim como a da piscina de Comary.

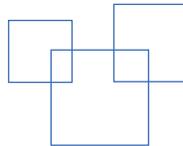
Período Março de 1986 - Março de 1989

José Vieira Assumpção (Diretor Regional),

Cláudio José Paes de Oliveira (Diretor Regional Suplente)

Vieira foi eleito para a administração seguinte e tocou outras duas obras: a construção de mais 12 apartamentos em Comary e o início, em dez88, da sede do Andaraí. Diversos outros associados participaram e colaboraram com essas três administrações, destacando-se, pela extensão de tempo que o fizeram, os associados José Valério Pereira da Silva, José Claudio Mendes da Silva Pinho e Eládio da Costa Nery. Em seguida, dois fatos relevantes ocorreram: o Banco retirou a verba que disponibilizava para a Associação, questão que gerou muitas dificuldades para as administrações seguintes, e o Presidente Nacional da Asbac passou a ser eleito, posto que anteriormente era assumido por pessoa indicada pelo Banco. A Asbac- RJA participa com grande contingente, em 87, das IV Olimpíadas de Brasília. Grandes festas de Natal: no maior parque de diversões da cidade, era fechado um domingo apenas para associados, que também recebiam presentes. Um mês das férias a colônia de Comary era reservada exclusivamente para crianças, apanhadas em ônibus fretado, semanalmente, e acompanhadas com monitores. No restaurante do BC, eram feitas festas, incluindo até a Orquestra Tabajara. No Carnaval, eventos como o da carreata até a praça de Teresópolis, com sua tradicional feirinha de artesanato, ficaram célebres.





Período Março de 1989 a Janeiro de 1992

**Sandra de Souza Leal (Diretora Regional),
Roberto de Carvalho Vivas (Diretor Regional Adjunto)**

A primeira mulher eleita na Asbac- RJ teve que se defrontar com o corte de patrocínio do BC, e a associação passou a ser custeada apenas com recursos dos sócios. O BC começou a ser informatizado, o que teve reflexo direto na Asbac: foram comprados os primeiros microcomputadores. Foram realizadas as tradicionais festas no Tivoli Park, e o Baile de final de ano passou a ser feito das dependências do próprio BC. Na opinião da dirigente, "com resultados surpreendentemente bons". Inaugurada (14set91) parcialmente, também, a Sede do Andaraí, com campo de futebol, quadra de tênis, salão de festas, quatro churrasqueiras e estacionamento.

Período Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995

**Eunice Borges (Diretora Regional), Abelardo Duarte
de Melo Sobrinho (Diretor Regional Suplente)**

A inauguração das piscinas adulta e infantil da Sede de Andaraí, em abr92, deu formatação final para o clube, aparelhando-o para os sócios. Foi realizada a festa Unforgettable, no clube Sirio Libanês lotado, em homenagem aos servidores do BC que completavam 15 anos de serviço, outorgando-lhes medalhas. Também a reforma completa de Comary, com a construção de dois apartamentos especiais para a diretoria que estivesse de plantão, foi implementada. Neste mesmo período, foi instituído também os happy hours, no 446 (maneira como o pessoal se referia à sede no prédio do Banco, na Av. Pres. Vargas). Outro ponto memorável desta administração foi o 1º Festival de Chopp da Asbac.

Período Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

**Eládio da Costa Nery (Diretor Regional),
Ênio Franco Coelho (Diretor Regional Adjunto)**

Neste período, foi realizada reforma da sede de Andaraí, recuperação do casarão, aumento do deck da piscina, criação do parque infantil, seguidos de grande festa junina. Também cumpridas com sucesso as festas de final de ano, de Réveillon e Junina, além de desenvolvidos diversos campeonatos de futebol e vôlei.

Período Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001

**Wagner Silva D'Oliveira (Diretor Regional),
Eládio da Costa Nery (Presidente do CA)**

A gestão de Wagner deu continuidade às novidades introduzidas no período de Eládio. Para equilibrar o orçamento, foi utilizada a criatividade na instituição de sócio frequentador da sede de Andaraí; estendeu-se também a modalidade para o campo da Canadá,

com valores proporcionais. Investiu-se, também, nas festas tradicionais em Comary, com muito sucesso.

Período Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

Ênio Franco Coelho (Diretor Presidente); Wagner Silva D'Oliveira (Diretor Presidente), Vânia Magnólia Cortezia Quevedez (Presidente do CA)

A gestão realizou a equalização dos custos das quatro sedes, instalando um sistema integrado. Conseguiu arrendar o 25º andar do prédio do BC para restaurante, em 2001, que funciona ainda hoje. Nesta época, houve a extinção da Asbac Nacional e a transformação das regionais, que adquiriram personalidade jurídica autônoma. Foi promovida reforma no programa de qualificação dos funcionários, que passaram a ter quadro de carreira mais realista. Representação do BC argentino participou de animado jogo-churrasco contra seleção da Asbac-RJA, em Andaraí: dois jogos, uma vitória para cada equipe. Ênio renunciou, Wagner foi novamente chamado a conduzir a Asbac-RJA. Realizou uma gestão saneadora, não descuidando da realização das grandes comemorações festivas. Promoveu, também, automatização da porteira em Comary. As reformas no piso das quadras e do telhado, também, foram iniciadas e concluídas.

Período Janeiro de 2004 - Janeiro de 2007

Wagner Silva D'Oliveira (Diretor Presidente), Eládio da Costa Nery (Presidente do CA), Léa Maria Domingues (Presidente do CA) e Maria Auxiliadora de Paiva Menezes (Presidente do CA)

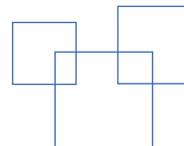
Na ótica do dirigente, a ação mais memorável durante o mandato foi feita após ter recebido e-mail solicitando donativos para crianças aidéticas do Hospital Gaffrée e Guinle, da Presidente Vargas. Colocou o apelo no Informativo Asbac, abriu conta no BB, e entrou em contato com a Nestlé. Ao final do período, foram arrecadadas 400 caixas do leite especial para aquele público, além de receber donativos de todo o país. Incrementou, também, as festas juninas em Teresópolis e no Andaraí.

Período Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010

Wagner Silva D'Oliveira (Diretor Presidente), Carlos José Pontes Villas Lobos (Diretor Presidente), José Bispo dos Santos (Presidente do CA), João Bosco Gomes Mendes (Presidente do CA), José Bispo dos Santos (Presidente do CA)

Na gestão, foi criada a festa de Queijo e Vinho, em Comary, talvez a de maior sucesso desde então na Associação. Compareciam cerca de 170 pessoas, su-





perlotando o espaço. Foi cogitado o aquecimento da piscina de Teresópolis, e travou-se longa batalha de autorização, que até o final do período não havia sido concluída.

Período Janeiro de 2010 - Janeiro de 2013

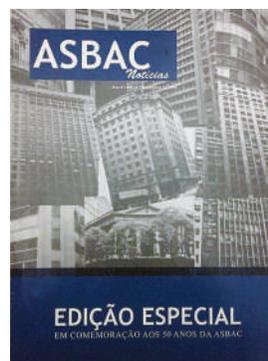
Carlos José Pontes Villas Lobos (Diretor Presidente), José Bispo dos Santos (Presidente do CA), Fernando Vicente Mello Alves (Presidente do CA), Carlos Alberto Fillardi (Presidente do CA)

Muitas festas no período, com destaque para a de final de ano, no prédio do BC, e também as de Queijo e Vinho, Carnaval, Festa Julina e Réveillon em Comary. Concluída a troca de grama sintética no Campo do Canadá; feitas alterações no leiaute da administração. Ampliação da área de lazer em Comary, além de eventos esportivos. Prêmio Fenasbac de Qualidade, para o (PFQ13- CS) Réveillon em Comary.

Período Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016

Carlos Alberto Filardi (Diretor Presidente), Paulo dos Santos (Presidente do CA)

O que mais orgulha o dirigente Filardi é ter conseguido equilibrar a situação financeira da Associação, o que permitiu realizar projetos fora do trivial, além de realizar festas e eventos com muito sucesso e responsabilidade fiscal. Desmembrar o CNPJ das sedes também foi progresso sensível, que permitiu que as demonstrações financeiras fossem realizadas com uma sede e três filiais. Criada a revista Asbac Notícias, com grande repercussão entre associados. Prêmio Fenasbac de Qualidade (PFQ16-SC) para o conjunto de eventos ligados a efemérides.



Período Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

Carlos Alberto Filardi (Diretor Presidente), Paulo dos Santos (Presidente do CA)

Depois de navegar tranquilo sobre orçamento equilibrado, a segunda gestão de Filardi enfrenta algumas intempéries ligadas à manutenção: a piscina da sede de Andaraí está condenada, e praticamente terá de ser refeita. Implantado novo plano de cargos e salários para funcionários. Diversas melhorias na comunicação com o associado, com incremento na revista e modernização dos meios eletrônicos. Prêmios de Qualidade para (PFQ17-PC) modernização site e comunicações eletrônicas; outro (PFQ18-PC) para novo leiaute e refinamento da revista, com mais aproximação do leitor.

Salvador

Período Janeiro de 1972 – Abril de 1977

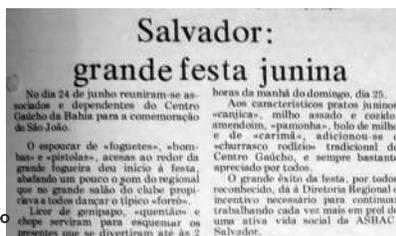
**Luiz Pereira Barbosa (Superintendente Regional Efetivo),
Milton Fernandes Dias (Superintendente Regional Suplente)**

Primeiro executivo da Diretoria Regional da Asbac em Salvador, Luiz Barbosa, como tantos outros funcionários do Banco Central, era oriundo dos quadros do BB. Foi Diretor Regional vencendo eleição geral, com a chapa de amplitude nacional Realidade e Democracia, com 22 votos. Suas festas eram muito prestigiadas, como a de confraternização de fim de ano de 1973, no restaurante Dona Zélia, quando compareceram 102 pessoas, incluindo 40 dos 42 associados na época. Permaneceu até abril de 1977, quando deu lugar a Newton de Mello Sá, vitorioso na segunda eleição geral. Fase incipiente e de formação, quando ainda eram poucos os servidores lotados na Delegacia soteropolitana.

Período Abril de 1977 – Março de 1980

**Newton de Mello Sá (Diretor Regional),
Antônio de Passos Filho (Diretor Regional Suplente)**

Até início dos anos 1980, ainda na fase da Asbac Nacional, período que se estendeu até dezembro de 1997, quando foi votado e aprovado o estatuto social da Asbac- SAL, a diretoria regional não dispunha de instalações sociais como hoje, e funcionava em espaço cedido pelo BC nas dependências da Delegacia de Salvador. Como marca administrativa desse período, a memória registra tanto a alegria do convívio social na chácara próxima à Praia de Patamares, alugada para uso nos fins de semana, quanto a emoção das muitas viagens de turismo organizadas pela associação. As festas, principalmente as juninas, também davam o que falar.

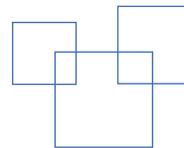


Período Março de 1980 - Março de 1983

**Carlos Tadeu Pimenta (Diretor Regional),
Jackson Miguel R. Arléo (Diretor Regional Suplente)**



A sede social da Asbac Salvador ocupa uma grande área urbana, com 14 mil metros quadrados, no Bairro da Pituba. Adquirida pelo Banco Central em 11mai81, nela funciona até hoje com base em contrato de cessão de uso firmado por



Abner Garcia (pelo Banco) e Jairo Victor Machado (pela Asbac) na gestão de Carlos Tadeu Pimenta, Diretor Regional naquela oportunidade. Iniciava-se, ali, um período de grande motivação social para o quadro funcional de uma instituição relativamente nova. Eram jovens com filhos pequenos que encontravam no clube um belo ponto de confraternização. Foi criado o Cartão Frequência em 1982, para cobrança de não associado, denominado sócio contribuinte ou usuário. Posteriormente, de 89/95, Tadeu Pimenta foi diretor de administração da Asbac Nacional.

Período Março de 1983 - Março de 1986

**Cláudio Ivo de Magalhães Gomes (Diretor Regional),
Juarez Bourbon Vilaça (Diretor Regional Suplente)**

Amante da gastronomia, o carioca Cláudio Gomes marcou sua administração com a qualidade e o bom atendimento que impôs ao restaurante do clube. De iniciativa sua resultou a abertura de uma bem estruturada área de alimentação e lazer no 10ª andar do edifício sede do Banco Central em Salvador, que oferecia cardápio executivo para almoço dos associados. Memorável.

Período Março de 1986 - Março de 1989

**Roque Oliveira Silva (Diretor Regional),
Eronides Batista Pituba (Diretor Regional Suplente)**

Com Roque Oliveira Silva, cuja gestão conviveu com o período das "diretas já" e da "constituição cidadã", foi inaugurada uma era de importantes reformas nas instalações físicas do clube, num leque de obras que vai da recuperação dos muros externos à construção de churrasqueira e de vestiários para ambos os sexos, passando pela reforma do campo de futebol soçaito, dotando-o de eficiente sistema de iluminação artificial. Esse sistema é até hoje utilizado, quase tanto tempo quanto o pavimento em grama natural, só recentemente substituído por piso sintético. Nessa época existia forte apelo da natação, sendo o carro-chefe das receitas, aliado à forte representatividade do esporte aquático em competições regionais e nacionais.

Período Março de 1989 - Janeiro de 1992

**Júlio Clímaco Leite de Oliva (Diretor Regional),
Djalma Rocha de Oliveira (Diretor Regional); Lourival
Vasconcelos de Melo Sobrinho (Diretor Regional Adjunto)**

Neste período, acentuou-se a presença da Asbac Salvador nas competições do esporte-amadorismo baiano, notadamente na natação infanto-juvenil. Datam dessa fase os mais antigos troféus conquistados pelo clube, de caráter regional e nacional. Como incentivadores, Júlio Clímaco Leite de Oliva, Djalma Rocha de Olivei-

ra e Lourival Vasconcelos de Melo Sobrinho conduziram a Asbac Salvador por esse caminho, não descuidando das comemorações das festas tradicionais.

Período Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995

**Oswaldo da Silva Mattos Filho (Diretor Regional),
Antônio de Passos Filho (Diretor Regional Adjunto)**

Nesse triênio, a Asbac Salvador foi dirigida por um amante do futebol, Oswaldo Mattos, que focou sua atuação no desenvolvimento desse esporte e a criação da "Lavagem da Visgueira do Meu Que-rido", evento realizado todos os anos por ocasião do encerramen-



to dos campeonatos de futebol, trazendo fanfarra, afoxés e bandas de axé, tornando-se o evento mais importante do calendário festivo da Asbac- SAL. Em sua gestão, com concurso e recursos da Asbac Nacional, foi iniciada a construção do ginásio poliesportivo, que seria concluída por Arlindo Menezes de Cerqueira no período subsequente.

Período Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

**Arlindo Menezes de Cerqueira (Diretor Regional),
Juarez Bourbon Vilaça (Diretor Regional Adjunto)**

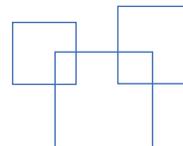
Arlindo geriu a Asbac Salvador por dois períodos seguidos. No primeiro, concluiu o ginásio de esportes e atuou fortemente no social. Foi ele quem recepcionou um grupo de funcionários do Banco Central do Chile com festa e disputas esportivas. Posteriormente, em retribuição pela visita, promoveu uma viagem ao Chile, que se estendeu até Bariloche, na Argentina, da qual participaram cerca de 20 associados.



Período Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001

**Arlindo Menezes de Cerqueira (Diretor Presidente);
Juarez Bourbon Vilaça (Presidente do CA)**

Reconduzido ao cargo nas eleições gerais de 1998, Arlindo empenhou-se na implantação de piso sintético na quadra de futebol de salão (poliesportiva a céu aberto), então apenas cimentada. Foi a segunda de Salvador a adotar esse tipo de pavimento. No campo administrativo, enfrentou e superou com galhardia questões trabalhistas ajuizadas por antigo professor de natação, responsável pelo processo preparatório dos atletas do clube em períodos anteriores. Nesse segundo mandato de Arlindo, a Regional transformou-se na Asbac- SAL como a conhecemos hoje. Seu primeiro



estatuto social foi firmado por ele na condição de primeiro presidente de fato e direito.

Período Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

**Juarez Bourbon Vilaça (Diretor Presidente),
Paulo Caetano da Silva (Presidente do CA)**

A gestão de Juarez representou um ponto de inflexão no processo de prestação de serviços aos associados e frequentadores da regional da capital baiana. Para evitar problemas trabalhistas, deu início ao sistema de terceirização das atividades esportivas promovidas e realizadas no clube: inicialmente com os profissionais da natação e, passo seguinte, com as demais modalidades. É dessa fase a estruturação dos campeonatos próprios de futebol amador, importante medida que deu ao clube sua atual feição no cenário esportivo.

Período Janeiro de 2004 - Janeiro de 2007

**Oswaldo da Silva Mattos Filho (Diretor Presidente),
Fernando Ribeiro Hermida (Diretor Presidente),
Luiz Augusto Feitoza Ferraz (Presidente do CA)**

No seu segundo período à frente dos destinos da Asbac- SAL, Oswaldo Mattos atuou fortemente no campo social, com a realização de festas e passeios, com destaque e elogios para o programa de visitas guiadas aos Fortes Históricos de Salvador. Em razão de denúncia sobre irregularidade do processo eleitoral em que foi eleito, precisou se afastar ao final do primeiro semestre de semestre de 2006 em cumprimento a decisão judicial. Por ocasião do afastamento, a Fenasbac assumiu com o propósito de realizar as eleições da gestão seguinte. Vale ressaltar que, no período, a Asbac-SAL passava por problemas financeiros. Os últimos seis meses do triênio foram cumpridos por Fernando Hermida, até realização das eleições seguintes.

Período Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010

**Luciano Marcos Souza de Carvalho (Diretor Presidente),
Francisco Mendes (Presidente do CA) e
Eronides Batista Pituba (Presidente do CA)**

Luciano Carvalho iniciou sua jornada de trabalhos dando sequência à missão de restabelecer as finanças da associação, para o que contou com os esforços de Fernando Hermida, nomeado para a função de Diretor. Fez uma administração austera, colocando o calendário de festas em segundo plano. Construiu a estação de tratamento de água, com o que logrou importante economia nas faturas mensais da Empresa Baiana de Água e Saneamento; assentou piso antiderrapante em todas as áreas descobertas do clube, inclusive no estacionamento. Ao final de seu mandato, as demonstrações financeiras da associação exibiam superávit em torno de 400 mil reais.

Período Janeiro de 2010 - Janeiro de 2013

Edérson Macedo Campos (Diretor Presidente),

Juarez Bourbon Vilaça (Presidente do CA)

O triênio assistiu a uma Asbac- SAL festiva, marca da administração de Edérson Campos. Um farto calendário de festas era iniciado com um grito de carnaval nos moldes do frevo pernambucano e encerrado com uma autêntica "festa de largo" para comemorar o encerramento das competições esportivas. Apresentação do Projeto Seranus, de Lenivaldo Gaia, em 2012. Com uma gestão controlada, conseguiu ainda reformar a churrasqueira, instalar cobertura na passarela entre o estacionamento e o bar do clube e entregar a associação a seu sucessor com disponibilidades financeiras da ordem de 800 mil reais. Prêmios de qualidade (PF-Q11-SC) para a Lavagem da Visgueira do Meu Querido. (PFQ12-CS). No ano seguinte, outro (PFQ13-AA) para a maior agregação de associados do ano, entre todas as Asbacs.



Lavagem da Visgueira do Meu Querido

Na Bahia tudo é motivo para comemoração, e criatividade não tem limites para criar uma festa. O ciclo de festas de largo e lavagens de igrejas, que celebram o sincretismo e têm aspectos religiosos e profanos, toma boa parte do verão e se estende até o Carnaval. A lavagem do Bonfim, conhecida também como lavagem de corpo e alma, com cortejo que vai da Conceição da Praia à famosa Igreja do Bonfim, já remonta a mais de dois séculos e é a mais famosa de todas.

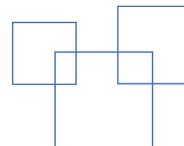
Foi nessa sintonia que se deu a criação da Lavagem da Visgueira de Meu Querido. A ideia, surgida na administração na Asbac- SAL de Osvaldo Mattos, em 1995, era celebrar a amizade. Para isso cortejo, ao som de batuques alegres de animada bandinha, reunindo bloco de baianas e travestidos, comemorava o encerramento dos campeonatos de futebol de cada ano, com a entrega de troféus e muita animação.

A inspiração do tradicional evento vem do costume de Osvaldo reunir-se com amigos embaixo de frondosa árvore na sede do clube, chamada de visgueira, ao final dos jogos de futebol, os famosos babas, quando se discutia os lances com alegria e espírito crítico. A simpatia de Osvaldo, tratando a todos de "meu querido", que virou bordão, fez com que, ao lado de Arlindo, Missinho e Dr. Luiz (Ratinho), se criasse a "Lavagem da Visgueira do meu querido", que virou tradição em suas 23 edições, algumas das quais ilustradas por escolhas das Rainhas da Visgueira, que alçaram a estrelas figuras como Ilma Junqueira de Freitas e Vânia Ramos.

A Lavagem da Visgueira ressalta a vibração dos vencedores, ao tempo em que traz ânimo para a vontade de vencer dos perdedores, que jogam a decepção para o alto.

Guto Feitoza Ferraz





Período Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016

Eronides Batista Pituba (Diretor Presidente),

Luiz Augusto Feitoza Ferraz (Presidente do CA)

Pituba foi eleito duas vezes para a Presidência da Asbac- SAL; o primeiro mandato foi profundamente marcado por ação fiscalizadora do Ministério Público Estadual, que determinou vistorias nas instalações sociais do clube, pela Vigilância Sanitária do Município, pela Superintendência de Ordenamento e Uso do Solo do Município, pelo Corpo de Bombeiros e pela Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia. Todas as pendências apontadas nas notificações recebidas foram regularizadas e, em posterior processo de verificação, o Ministério Público decidiu pelo arquivamento do feito. Também foi enfrentada, equacionada e solucionada – com exceção da parcela relativa à cobrança de IPTU, que é motivo de ação judicial capitaneada pelo próprio BC – uma antiga pendência com a fazenda municipal, relacionada com a cobrança de IPTU, taxa de lixo e ISS, cujo montante ascendia a mais de 5,5 milhões de reais. Apesar dessas dificuldades, foi tocada a obra de restauração da cobertura do prédio central do clube, que se encontrava comprometida. Também foram construídos novos banheiros/vestiários para o corpo funcional, reforma do bar e cozinha, ambulatório médico com desfibrilador em atendimento a exigência da Vigilância Sanitária e realizada jardinagem em toda área social. Por outro lado, manteve o calendário festivo da gestão anterior e criou a festa de confraternização natalina realizada no Quartel de Amaralina, com bufês, bandas e bebidas da melhor qualidade como cortesia institucional, cuja adesão se dava em torno de 300 pessoas entre sócios efetivos e familiares, marco desta administração. Houve ainda a promoção de jogos de xadrez aos sábados à tarde com a participação da federação baiana da Xadrez e, finalmente, a qualificação do quadro funcional diretamente contratado, em processo que demandou recursos da ordem de 200 mil reais para pagamento de direitos trabalhistas. Prêmios de qualidade para (PFQ14-SC) Grito de Carnaval; (PFQ15-SC): Festa natalina com prendas diferenciadas; e (PFQ-15-RS): palestra sobre educação financeira.

Período Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

Eronides Batista Pituba (Diretor Presidente),

Miguel Laert dos Santos Pinheiro (Diretor Presidente),

Luiz Augusto Feitoza Ferraz (Presidente do CA)

O segundo mandato de Pituba foi iniciado com obras de engenharia para a recuperação e ampliação da rede de esgoto pluvial em todas as áreas da sede social do clube, que passou a ser atendido em 100%. Foi realizado também assentamento de piso sintético, padrão Fifa, nas duas quadras de futebol, a maior em substituição à

grama natural, como também troca do piso da quadra polivalente no ginásio de esportes. Para melhor controle institucional e maior segurança de todos, implantou-se novo sistema digital de gerência integrada (Sistema Clube), com evidente melhoria no acesso às instalações internas, via catraca, na administração do caixa, na confecção de relatórios gerenciais e na eliminação de inadimplência, bem como no controle de frequência funcional, que passou a ser digital. Com isso, previnem-se futuras reclamações trabalhistas. Por fim, destaque para a ampliação da rede informatizada do clube, inclusive com acesso via Wi-Fi em todos os espaços sociais. E para mais um prêmio Fenasbac de Qualidade (PFQ17- PE) para a sensacional iluminação do campo de futebol, marco na cidade. Razões médicas impuseram o afastamento de Pituba a partir de 20ago17, sendo substituído por Miguel Laert dos Santos Pinheiro. Pinheiro, que atuava na área de informática e como vice-presidente da associação, assumiu e continuou mantendo a política traçada para o ano de 2017. Prêmio de qualidade (PFQ17-DA) para Lenivaldo Gaia, destaque associativo.

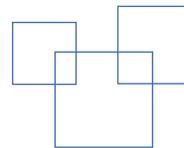


A Asbac na minha vida

Sou sócio da Asbac desde 1974 e continuarei até 2 mil e pontinhos.

José Pedro Rocha, Asbac-BHO





São Paulo

Primórdios

Período Dezembro de 1967 - Janeiro de 1969

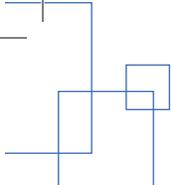
**Pedro de Moura Maia (Delegado do Presidente),
José Eduardo Andrade Gonçalves (Representante Pioneiro),
Geraldo José Guimarães da Silva (Representante Pioneiro),
José dos Santos Costa (Representante Pioneiro)**

Em 12dez67, a Asbac em São Paulo foi instalada, ainda precariamente, na Rua Boa Vista, 304, 1º andar, quando foram definidos seus responsáveis. Assim, foram indicados: o Delegado do Presidente, Sr. Pedro de Moura Maia; os Diretores Auxiliares da Presidência, Dr. Hamilton Pinheiro de Sá e Dr. Luiz Teixeira (Jurídicos); Dr. Pedro Augusto Barotti de Carvalho e Dr. Vicente de Paula Oliveira (Técnicos); e o Sr. Lincoln Marques Ribeiro (de Relações Públicas).

Da mesma forma, foram nomeados Auxiliares de Vice-Presidente de Departamento: a) Administrativo, o Sr. José Eduardo Andrade Gonçalves, capitaneando Diretores de Divisão de Secretaria, de Contabilidade, de Tesouraria e de Patrimônio; b) Social, Geraldo José Guimarães da Silva, tendo seus Diretores de Divisão de Sede Social, de Esportes, Cultural, Artística, Recreativa, de Turismo e Excursões (todos com auxiliar) e de Biblioteca (com três auxiliares); c) de Aplicações, o Sr. José dos Santos da Costa, tendo seus Diretores de Divisão de Empréstimos e de Financiamentos; d) de Benefícios, o Sr. Mário Olivani, com Diretores de Divisão de Assistência Médica, de Previdência e de Assistência Jurídica (com dois auxiliares) e de Divisão de Ensino e Aperfeiçoamento Técnico (com dois auxiliares). Todos os dirigentes acima estavam reportados ao Presidente e ao Vice-Presidente da Asbac.

A partir de março de 1968, com os departamentos direcionando seus esforços para proporcionar realizações, delineava-se a Associação promotora de cultura, apoio financeiro, benefícios de pecúlio por morte, assistência médico-hospitalar e odontológica.

Em São Paulo, iniciou-se aquisição de mobiliário para oferecer instalações mínimas da Asbac para atividades recreativo culturais na sede da Rua Boa Vista, em set68. Em out68, com a aprovação do novo Estatuto da Asbac, no artigo 45 foram previstas as Delegacias da Associação, e promoveu-se a convocação para eleição dos respectivos delegados regionais por um período de dois anos. Cada Delegado Regional eleito poderia escolher seus diretores ad referendum da mesma Diretoria Executiva da Asbac. Para formalizar o ato, deveriam ser apresentados candidatos para eleição em 5nov68, a uma Comissão Eleitoral. Ainda em 31 de outubro, foi Co-



municado pela Diretoria de São Paulo a inauguração da sede social já com suas instalações aprovadas pelo Delegado Regional do BC em São Paulo, Sr. Benedito de Oliveira Alves, com todos os departamentos, a partir da segunda quinzena de novembro.

Para concorrer à primeira eleição regional em São Paulo, que escolheria o Delegado da Asbac, houve inscrição de duas chapas. Integração, com Pedro de Moura Maia como Delegado, e a chapa Novos Rumos, com Deli Borges como Delegado. Ambas teriam por base cinco diretorias: Administração, Social, Aplicações, Benefícios e Esportes. Em 6nov, foi divulgado o resultado da eleição: vitória de Pedro de Moura Maia com 104 votos; contra 56 de Deli Borges, anulados 2, em branco 1 e 31 ausentes, num total de 194 votantes.

Período Janeiro de 1969 - Janeiro de 1970

Pedro de Moura Maia (Delegado do Presidente)

Já com sua primeira formação eleita, a Diretoria convocou associados para a inauguração da Sede Social da Asbac São Paulo, à Rua Boa Vista nº 314, 1º andar, em 29nov68, sexta-feira, às 18h30, com realização de coquetel. Pode-se considerar que a Asbac São Paulo foi criada a partir de dezembro de 67, por nomeação, e em janeiro de 69, com o mandato do primeiro Delegado, Pedro Maia.

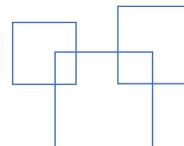
Em São Paulo, foi realizado o conagração nos dias 23 e 26dez68, ambos na sede social. A primeira, para avaliar o bufê, com salgadinhos e uisque escocês, com sorteio de 40 brindes, e destaque para uma TV portátil; na segunda data, houve coquetel às 18h30, após o expediente, com sorteio de cortes de tecido, jogos de caneta, máquinas de escrever, dentre outros presentes. Maia se despediu do BC em jantar, em maio de 70, em que compareceu o ministro Delfim Neto, para assumir a presidência do Banespa.



Período Janeiro de 1970 - Janeiro de 1972

José dos Santos Costa (Vice-Presidente de SP)

No primeiro mandato de dois anos, consolidou-se a implantação dos empréstimos aos associados, benefícios e assistência médica-odontológica (primeiro convênio com a Beneficência Portuguesa), seguro de vida (pecúlio por morte de 70 salários mínimos – NCr\$10.920,00), excursões nacionais, bem como as grandes festas natalinas. Em São Paulo, houve implantação dos torneios de tênis de mesa, xadrez, e outros. Em 1971, nos dias 19 e 20 de dezembro, houve a festa natalina na Colônia de Férias do Satélite Esporte Clube, na praia do Suarão, em Itanhaém.



Período Janeiro de 1972 – Abril de 1977

Paulo Garcia de Andrade (Superintendente Regional Efetivo), José Maria Padilha (Superintendente Regional Suplente), Aquilina Luiza Torres de Paula Santos (Conselho de Administração-Representante Efetivo)

A sequência de mandatos na Asbac- SPO obedeceu à própria evolução do BC. Com a realização do 2º Concurso para Técnicos do BC, em 1972, cerca de 1500 novos técnicos viriam a se juntar aos quadros bacenianos e da Asbac. Numa primeira leva, São Paulo recebeu novos 200 associados, a partir de julho de 1973. Em novas eleições, Paulo Garcia e Padilha foram os vencedores, e Padilha passou a comandar a superintendência da Asbac em São Paulo. Principais realizações do período: ainda a regional vivia fase de implantação de vários serviços, principalmente os ligados à saúde. Recebiam-se processos de ressarcimento, encaminhavam-se para o Rio de Janeiro processar, além de realizar as atividades sociais.



Destaques para o jantar de Fim de Ano, na Cantina Don Ciccillo, em 73; Festa do Play Center, em 75; sorteio de carro Volkswagen 1500, zero Km. Padilha ainda permaneceu por mais três anos à frente da Asbac- SPO, com prorrogação de mandato até início de 77, quando vários concursos para o BC foram promovidos (para Técnicos, Economistas, Auditores, Auxiliares de Serviços Administrativos) e o contingente associativo aumentou significativamente, levando à primeira grande eleição para a Asbac paulistana. Também nessa época, os campeonatos

de futsal eram enorme atração, com a rivalidade que era histórica entre os setores de Câmbio e do Patrimônio. Em mai76, foi assinada, pelo delegado do BC Benedicto de Oliveira Alves, a escritura de compra da sede localizada às margens da Represa Guarapiranga. Padilha se recorda que, quando saiu da direção, os processos de ressarcimento tinham se avolumado muito, e já se fazia necessária alocação de mão de obra para as atividades da associação em período integral.



Período Abril de 1977 – Março de 1980

Luiz Carlos Casemiro (Diretor Regional), Suely Bezerra de Souza (Diretora Regional Suplente)

Realizada a alocação no 9º andar do Prédio da Av. Paulista, 1804, incluindo diretoria, secretaria, biblioteca. Em mai77, foi inaugurado

o restaurante, no andar mais alto do prédio, administrado pela Asbac. Promovidas festas de fim de ano, no Círculo Militar I e II, no Tênis Clube Paulista; shows e teatro; torneios de futebol, tênis, vôlei e basquetebol no Clube de Guarapiranga. Festa Junina, excursões a Assunção, Buenos Aires e Bariloche, e também ao Chile; excursões nacionais. Locação de Chácara em Itapevi, para finais de semana, em set77. Na época, Diretores-presidentes detinham comissão de chefe de Divisão (gerente) e eram liberados para a Asbac, que contava na ocasião com cerca de 1.400 associados.

Período Março de 1980 - Março de 1983

Luiz Carlos Casemiro (Diretor Regional) e Aristeu de Campos Filho (Diretor Regional Suplente)

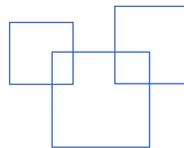
Muita atividade: festas de fim de ano incluíam Club Homs/Play Center/Tênis Clube Paulista; Círculo Militar I e II, Tênis Clube Paulista. Grandes festas no clube de Guarapiranga; torneios de futebol de campo e salão, tênis, vôlei e basquetebol, no clube. Ingressos para shows sorteados e gratuitos, e teatro, Undocai; Festa Junina, e de Queijo e Vinho; excursões a Assunção, Buenos Aires/Bariloche. Comodato do Clube de Guarapiranga, que entrou em processo de reforma/licitação, a partir de 1978, sendo inaugurado em dez81, com a Festa de Natal.



Undocai

Entre nipodescendentes que vivem fora do Japão, o Undocai é referência universal. Trata-se de atividade comunitária, que une famílias inteiras com brincadeiras ingênuas e gera algumas das melhores lembranças da infância. Traduzindo-se "ao pé-da-letra", undocai (aportuguesado) significa "reunião ou encontro de esportes". Entretanto, ao contrário da conotação altamente competitiva ou profissional que têm os encontros ou meetings de atletismo, num undocai os participantes são pessoas comuns, que não são necessariamente praticantes de uma modalidade esportiva específica. Como todos os participantes são atletas-de-um-dia, amadores, convencionou-se traduzir undocai como "gincana poliesportiva".

Organizado por comunidades locais, as atividades de um undocai são prioritariamente direcionadas às crianças, que não comparecem ao evento para testar seus limites, mas para brincar e interagir não apenas com outras crianças da mesma idade, como também com suas próprias famílias e com todo o resto da comunidade. O senso de grupo e de comunidade é fundamental para a própria existência



e realização de um undocai. Na cultura japonesa, sem a comunidade não há como organizar e fazer o evento acontecer.

Como São Paulo detém o maior número de imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil, consequentemente é também o BC com maior contingente de servidores com essa procedência. Calcula-se que, durante certo período, chegue a 20% do total. Essa modalidade de conagraçamento foi muito popular no clube da Asbac- SPA a partir de 1980.

Luiza Setsuko Higashi

Período Março de 1983 - Março de 1986

**Alberto Shigueru Matsumoto (Diretor Regional),
Luiza Setsuko Higashi (Diretora Regional Suplente),
José Garcia Netto (Presidente do CA)**



Nesta gestão, foi feito investimento em melhor comunicação entre servidores (jornal O Vogal), festas de fim de ano: Clube Homs, Tênis Clube e Paineiras Clube do Morumbi; festas de Queijo e Vinho e Juninas, dois Undocai, torneios esportivos, Olimpíada entre Asbacs, campeonatos anuais, shows, time da Asbac-Quaren-

tões. Na época, o Diretor-Presidente auferia comissão de Chefe de Divisão e dirigentes eram liberados para a Asbac, que contava com aproximadamente 1.000 associados.



Período Março de 1986 - Março de 1989

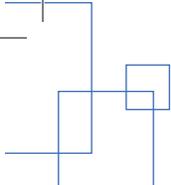
**Dérvio Rondon Carmelino (Diretor Regional),
Glicério Braun (Diretor Regional Suplente),
Neusa Alves Sanroman Valeri Walker (CA)**

Muitos eventos sociais: realizadas festa de fim de ano, no salão do ginásio do clube, com show dos Três do Rio; torneios anuais de futebol, sala de musculação, excursões a preço de custo, excursão a Disneyworld; reformados cinco apartamentos no Casarão de Guarapiranga. Imprevistos: cortes de participação do BC. Despesas de mão de obra representavam 70% do total da arrecadação de contribuições. URP, paralisação de obras no Clube, devolução de Porto Seguro sem alvará. A administração foi obrigada a se ajustar em novos patamares.

Período Março de 1989 - Janeiro de 1992

**Dérvio Rondon Carmelino (Diretor Regional),
Glicério Braun (Diretor Regional Adjunto)**

Em sua segunda gestão, Dérvio inaugurou a Colônia de férias de In-daiaí (Bertioga), adquiriu a colônia de madeira em Campos do Jordão;



realizou grande festa de fim de ano, no ginásio do Clube. Promoveu, também, concorridas excursões para Buenos Aires e Montevideú.

Período Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995

**Dérvio Rondon Carmelino (Diretor Regional),
Marcus Vinícius dos Santos Jr. (Diretor Regional Adjunto)**

Em nova gestão, Dérvio empreendeu muitos campeonatos esportivos, com destaque para os de futebol de campo, de salão e tênis. Também investiu na manutenção do clube. Ficaram na memória e nos registros grandes festas de fim de ano, do Dia das Crianças e das Mães.

Período Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

**Dérvio Rondon Carmelino (Diretor Regional),
José Nogueira Cândido (Diretor Regional Adjunto)**

Foram mantidos os principais eventos ligados a efemérides, além dos campeonatos tradicionais de futebol e tênis. Mas muitos problemas tiveram que ser enfrentados: fechamento da Colônia de Campos do Jordão; devolução à recém-criada Fenasbac.

Período Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001

**José Nogueira Cândido (Diretor Presidente),
José Garcia Netto (Diretor Regional Suplente)**

Em seu primeiro protagonismo como dirigente, Nogueira realizou torneios de futebol de campo, society, de salão e tênis, além de marcar com comemorações das principais datas festivas, como Dia das Crianças, das Mães, Festas Juninas. Também se investiu em folder, para divulgação do clube.

Período Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

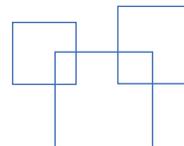
**José Nogueira Cândido (Diretor Presente),
José Garcia Netto (Presidente do CA)**

Nogueira, em seu segundo mandato, promoveu os eventos comemorativos de praxe, e realizou torneios de futebol de campo, salão e tênis. Também procurou atender demanda de associados locando quadra de futebol de salão no Colégio São Luiz. Mas também se deparou com problemas: o que fazer com as colônias e as dívidas correspondentes.

Período Janeiro de 2004 - Janeiro de 2007

**Carlos Alberto de Amorim Revoredo (Diretor Presidente),
Cristiana Kunika Nakazawa (Presidente do CA)**

Numa chapa composta predominantemente por associadas, Revoredo foi escolhido como gestor. As principais realizações do grupo foram: festa de fim de ano no Mercure Hotel; venda da colônia



de Campos e devolução do valor do empréstimo para a Fenasbac; Festa Junina, retomada do Setor Náutico do Clube, reforma do Casarão. Também foram marcantes os Encontros musicais no Casarão e no Salão do Restaurante do Clube.

Período Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010

**Luiz Tadeu Florentino (Diretor Presidente),
Clovis Naconecy de Souza (Presidente do CA)**

Realizações: edição do Jornal É Nós, festas de fim de ano no Hotel Intercontinental, inauguração da Cafeteria Kopi Luwak, em ago07, com 30% de desconto para associados, e da Sala de Promoções, com até 15% de desconto para sócios. Torneio Girnius de Torcidas, Jogo comemorativo contra Masters da Seleção. 1º Grande Almoço dos Aposentados na churrascaria Vento Haragano (PFQ11-SC), Prêmio Fenasbac de Qualidade; Dia do Crepe musical na Kopi Luwak e no Clube; convênio para sessões de Cinema gratuitas para sócio e acompanhante no Espaço Unibanco, depois Itaú; convênio com a Academia Biorritmo.

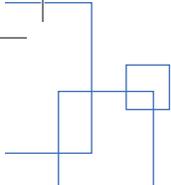


Período Janeiro de 2010 - Janeiro de 2013

**Luiz Tadeu Florentino (Diretor Presidente),
Clovis Naconecy de Souza (Presidente do CA)**

Festa de fim de ano; eventos técnicos no Hotel Intercontinental, em parceria com BC; parceria com Sinal para eventos, 2º, 3º e 4º Grandes Almoços dos Aposentados na churrascaria Vento Haragano; dia do Crepe Musical; criação do informativo semanal Asbac On Line, Prêmio Fenasbac de Qualidade (PFQ12-PC), implantação do seguro náutico e do Seguro das edificações do Clube (situação do clube era de depreciação). Cinema gratuito no Espaço Unibanco; Jogos da amizade São Paulo-Curitiba, em Guarapiranga (PFQ11-IE), prêmio Fenasbac de Qualidade. Ainda em 2012: folder Asbac Família Clube; (PFQ12-IE)





prêmio Fenasbac de Qualidade esportivo pela promoção de quatro modalidades esportivas; (PFQ12-RS), e outros prêmios Fenasbac de Qualidade por outras iniciativas: Projeto Olímpico da Delegação Brasileira de Vela; (PFQ12-PE) Criação e edição da Revista Salutar. (PFQ13-IE) prêmio pela somatória de modalidades esportivas; (PFQ13-RS); Apoio a Projeto Paralímpicos 2013; (PFQ13-DA) destaque associativo para o funcionário Vantoir Carneiro.

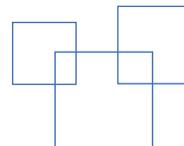
Período Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016

Luiz Tadeu Florentino (Diretor Presidente),

Clovis Naconecy de Souza (Presidente do CA)

Entre muitas atividades, reforma da piscina, reinstalação do Sistema de Para-Raios, recuperação do poço artesiano, seguro náutico e das edificações. Muitas iniciativas premiadas com o Prêmio Fenasbac de Qualidade: Criação do Pomar da Amizade (PFQ16-IE), (homenagem a ex-dirigentes e amigos do Clube), Projeto Transição 2015 (para recuperação e transformação da Asbac e estímulo a novos dirigentes); I e II Festa da Família do BC (patrocínio e apoio); Dia do Crepe, Happy hour Vespertina; 5º, 6º e 7º Grandes Almoços dos Aposentados, no Vento Haragano. Edição do Asbac On Line- boletim semanal + peças





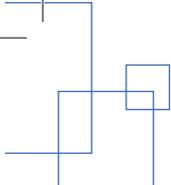
gráficas (PFQ14-PC); (PFQ14-SC) Wifi e Tablets para associados; três Prêmios Fenasbac de Qualidade (PFQ14-IE) pelo somatório de modalidades esportivas, nos três anos consecutivos (PFQ15-IE): somatório de quatro modalidades; (PFQ16-IE) somatório de cinco modalidades. Destaque associativo (PFQ16-DA) para José Garcia Netto, ex-dirigente regional e nacional.

Período Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

Luiz Tadeu Florentino (Diretor Presidente),

Clovis Naconecy de Souza (Presidente do CA)

Principais realizações: torneios tradicionais (futebol society, xadrez); festividades dos 50 Anos Asbac- SPO; 8°, 9° e 10° Almoços dos aposentados; reinauguração da midiateca (volta ao 9° andar), Projeto "Não deixe a peteca cair", sobre ações de manutenção da Asbac (reestruturação da secretaria, promoções, sorteios, passeios, convênios, cursos), estudo para filial do IFenasbac em Sampa. Eventos culturais: midiateca, homenagens ao "Meu Tipo Inesquecível da Asbac - SPO 50". Festa da família 2017/8, Asbac 50 Anos-2018. Prêmios Fenasbac de Qualidade: (PFQ17-IE): Somatório de cinco modalidades esportivas; (PFQ17-SC): Contadora de histórias e Festival do Crepe. (PFQ18-IE); somatório de cinco modalidades esportivas; (PFQ18-IE): conjunto de curso de iniciação ao vinho mais Dia do crepe em homenagem aos pais, mais recriação Coral Asbac 2017; (PFQ18-RS): inclusão de cadeirantes e cegos e surdos-mudos em veleiros; (PFQ18-DA) destaque associativo para Luíza Higashi, ex-dirigente e associada.



Santos

Período Dezembro de 1978 - Março de 1980

**Moacir Cordeiro (Diretor Regional), Pedro Ramos
Rosas Filho (Diretor Regional Suplente)**

Com uma subdelegacia de bom porte em Santos, com mais de 60 servidores associados, decidiu-se montar uma filial da Asbac na cidade praiana. Foi aportado 100 mil cruzeiros para sua instalação, num sobrado do bairro de Vila Rica. O eleito para diretor regional foi Moacir Cordeiro, auxiliado por Pedro Rosas. Foram promovidos muitos churrascos e torneios, para dinamizar o conagraçamento da turma.

Período Março de 1980 - Março de 1983

**Moacir Cordeiro (Diretor Regional), Edison Benedito
Alexandre (Diretor Regional Suplente)**

Moacir foi reeleito, agora em parceria com Edison Alexandre. A sucursal no litoral paulista não se sustentou, e mesmo promovendo festas, competições esportivas e jantares, alugando bufês, viu minguar o número de associados para 30 e ter dificuldade até para pagar a locação do espaço. Foi então decidido, no início de 83, pelo fechamento.



HISTÓRIA

Datas importantes

Datas importantes

31 de dezembro de 1964

Fundação do BC, no Rio de Janeiro, no antigo estado da Guanabara, pela lei 4595



4 de janeiro de 1966

Data oficial da criação da Asbac, pelo presidente do BC, Dênio Nogueira, no auditório do Ed.-Sede do Banco Estado da Guanabara, e primeira assembleia.

Primeiro presidente escolhido foi o Francisco da Silva Nobre. Na mesma reunião foram eleitos 20 membros do conselho deliberativo: dez indicados pela presidência do BC, dez eleitos pelos associados. Ata original contém 17 assinaturas. Ainda em janeiro, criada a Diretoria Regional em Salvador-Disal

Agosto de 1966

Primeiro concurso para o BC atrai mais de 6 mil candidatos. Mulheres são 22,2%, mas levam o primeiro lugar. Lúcia Maria Bello Feitosa, de Petrópolis-RJ, foi a primeira colocada.

Naquela data, o BC era constituído de 306 funcionários cedidos pela Sumoc, a grande maioria admitida em 1953/54.

O concurso exigia que o candidato tivesse segundo grau completo, máximo de 26 anos incompletos, fosse brasileiro nato ou naturalizado, e dois retratos recentes, 3x4, tirados de frente e sem chapéu

5 de abril de 1966

Publicado o primeiro estatuto da Asbac



Março de 1966

Divulgado o regulamento para empréstimos de curto prazo



1 de setembro de 1966

Criada a Diretoria Regional no Rio de Janeiro-Dirja

31 de outubro de 1966

Primeiro evento social, jantar dançante com show do comediante José Vasconcelos, para mais de 100 pessoas em salão próprio

Novembro de 1966

Criados os planos de casa própria e de automóveis, para associados

25 de novembro de 1966

Inaugurada a Delegacia do BC em Belo Horizonte, pelo presidente Dênio Nogueira



12 de dezembro 1967

Instalada precariamente, na Rua Boa Vista, 304- 1º andar, a Asbac-SPO, quando foram definidos os responsáveis pela Delegacia Regional de São Paulo



29 de novembro de 1967

Inaugurada sede da Asbac- SP, no prédio do BC, com presença do presidente do BC, Ernane Galveas, e do presidente da Asbac, Bogado

19 de dezembro de 1967

Primeira eleição, para renovação dos Conselhos Deliberativo e Fiscal. Venceu a chapa Realidade e Democracia, eleita com 842 votos contra outras duas. O Conselho Deliberativo tinha como presidente Edivaldo de Mendonça Andrade

27 de maio 1968

A Diretoria Executiva da Asbac passou a instituir delegacias da Associação junto às Delegacias do BC nos estados, desde que contassem com um número mínimo de 30 associados

Setembro de 1968

Inaugurado Consultório Dentário próprio, com atendimento dos cirurgiões dentistas extraídos do quadro do Banco Alcyr Ribeiro, Clemente Preciado e Amin Bedran

6 de novembro de 1968

Primeira eleição para escolha de Diretoria nas regionais

29 de novembro de 1968

Inauguração da sede social em São Paulo, no 1º andar do prédio do BC, na Rua Boa Vista, 314, Centro de São Paulo

15 de abril de 1969

Assinada a escritura de doação do lote 28, do Setor Bancário Norte, ao BC, pela prefeitura do DF. A partir dessa data, o BC tinha um ano para começar a construir sua grande sede em Brasília

27 de janeiro de 1971

Eleições na Asbac

16 de dezembro de 1969

Eleição para Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal para 1970/71

19 de novembro de 1969

Aquisição de dois lotes de terreno em Brasília para construção da sede social

16 de setembro de 1969

Criação de Vice-Presidência para Asbac-SPA



2 de setembro de 1969

Inaugurado o segundo Consultório Dentário da Asbac, no Rio de Janeiro, com a presença do presidente do BC Ernane Galveas

1 de agosto 1969

Criada a Diretoria Regional em Belém- Dibel, e também a Diretoria Regional em Fortaleza-Dirce



21 de maio de 1971

Cúpula da área econômica do país prestigia aposentadoria de Pedro Maia, ex-diretor da Asbac- SPA, que ocupava na ocasião a presidência do Banespa

31 de julho de 1971

Lançamento do livro "Vinte e um Contos", com os mais bem classificados pelo júri do 1º Concurso do gênero realizado pela Asbac, realizado pela Editora Vecchi, no Rio de Janeiro



25 de agosto de 1971

Início da transferência da sede da Asbac para Brasília, sendo removido todo o departamento de benefícios



13 de agosto de 1971

Criação da Delegacia da Asbac em Recife

27 de dezembro de 1971

início da construção da sede campestre de Comary

Dezembro de 1971

Transferência do BC para Brasília. Asbac era constituída de um presidente, Onofre Bogado Leite, 5 Vice-presidentes no Rio de Janeiro e um em SPA. Havia Delegacias da Asbac em BEL, BHO, CWT, FOR, POA E SAL, além de representantes em CWT e REC. Decidiu-se que a Asbac seria administrada por um Conselho de Administração e uma Diretoria Executiva. No Novo Estatuto, a Asbac teria um superintendente administrativo, indicado pela Diretoria Executiva ao Conselho de Administração, e tantos superintendentes regionais e suplentes quantas delegacias tiver o BC. Os superintendentes regionais seriam eleitos quinquenalmente pelos associados, podendo ser reeleitos. Os recursos da Asbac: contribuição dos sócios, igual a 1% dos vencimentos, mais contribuição do BC= 2% a folha de pagamento geral do funcionalismo associado. A Festa de Natal deste ano foi realizada nas instalações provisórias da sede campestre de Teresópolis

27 de janeiro de 1972

Primeira reunião de dirigentes ocorrida em Brasília, na nova sede da Asbac, no Edifício BCB, Setor Comercial Sul, Quadra 11, nº179, Brasília-DF, em que também funcionava a Centrus. Instituída a eleição para o Conselho de Administração e Comissão Fiscal, em lugar do Conselho Deliberativo. Eleição para Superintendentes Regionais (efetivo e suplente) em todas as Asbacs

1 de julho de 1972

Criada a sede da Diretoria Regional em Recife-Direc



Abril de 1972

Iniciam-se os trabalhos para construção da sede do clube da Asbac em Brasília



Dezembro de 1972

Inaugurada a sede de Comary, com presença do presidente do BC Ernane Galveas e do presidente Onofre Bogado Leite



1 de setembro de 1973

Criada a Diretoria Regional de São Paulo-Dispa

1 de abril de 1974

Criadas as Diretorias Regionais em Belo Horizonte- Dimig, em Curitiba- Dipar, e em POA-Disul

Agosto de 1974

AAsbac transferiu sua sede administrativa para as novas instalações situadas no Setor Comercial Sul, Quadra 12, lotes 29-B e 29-C, 214 e 218, Ed. Venâncio 2000, em frente ao Ed. Brasal II



31 de dezembro de 1974

Diretoria do BC e funcionários, em sua grande maioria, optam por ficar no BC, nesta data estipulada como limite



Outubro de 1974

Deixa de ser obrigatória a associação dos servidores à Asbac. O BC manterá a contribuição correspondente à cota pessoal por 2 anos, no caso de o associado se desfiliar da Asbac. A contribuição da cota patronal passa a ser em percentual fixo da folha de pagamento do funcionalismo, na época 1%, e com caráter permanente

15 de setembro de 1975

Celebrado convênio entre BC e Asbac para a execução do Programa Geral de Assistência Financeira. O BC foi representado pelo diretor Berardinelli; a Asbac pelo presidente Lélcio Carvalho da Silva. O PGAF tem por objetivo proporcionar aos funcionários meios para atender suas necessidades de crédito, nas modalidades de empréstimo e financiamento



28 de novembro 1975

Inauguração da sede social de SPO, com a presença do diretor Luiz Carlos Casemiro, do adjunto Aristeu Campos, e do delegado do BC Araken Farias



Dezembro de 1976

Festa de Natal no Minas Brasília Tênis Clube, só para associados, com show de Roberto Carlos

4 de outubro de 1976

Novo Estatuto

21 de maio 1976

Assinada a escritura de compra da sede da Asbac-SPO, nas margens da Represa de Guarapiranga



Janeiro de 1976

Realizado torneio de "futebol de 8", em Brasília, para comemorar o décênio de fundação da Asbac

23 de dezembro 1975

Confraternização de Natal no Rio realizou-se no Canecão, com show de Roberto Carlos e jantar

Janeiro de 1977

Início da construção do edifício-sede da Delegacia do Rio de Janeiro do BC

Março de 1977

Eleições gerais, para Diretores Regional e Suplentes. Início de funcionamento do restaurante na delegacia de São Paulo, administrada pela Asbac, que vai servir 500 refeições por dia

27 e 28 de agosto de 1977

Torneio integração "Léo Cardoso" reúne equipes de futebol de BHO, SPO, RJA e BSB em Comary, Teresópolis- RJ. Rio de Janeiro venceu, com Brasília vice

24 de outubro de 1977

Homologada a escolha do novo símbolo da Asbac, que vigora até hoje, de autoria de Pedro da Silva Lima Filho, servidor lotado no Deafi, de BSB. Na memória descritiva, o autor consagra a ideia de integração entre as duas instituições, BC e Asbac, sem no entanto se confundir com este e longe de ser sua simples deturpação. E que, por ser simétrico, é imutável, e sempre será o mesmo desenho visto pelo verso ou anverso. O vencedor, pelo trabalho, recebeu passagem ida e volta até Manaus-AM

10 de dezembro de 1977

Inaugurado o Centro de Recreação da Asbac- BSB, com presença de pequenas delegações de todas as regionais e do exadrista gaúcho Meckinho, que fez simultâneas com associados e convidados especiais, como o ministro Mário Henrique Simonsen

6 de junho de 1978

Contratada a construção do edifício sede do departamento regional de BHO

26 de maio de 1978

Show de Chico Anísio, para 1200 pessoas, no Salão social da Asbac- RJA

Janeiro de 1978

Asbac-SPO realiza convênio com o Clube de Campo Itapevi, para utilização de suas instalações



15 de novembro de 1978

O vice-campeão mundial de xadrez russo, naturalizado suíço, Victor Korchnoi, e o ex-campeão mundial, o russo naturalizado francês Boris Spassky fizeram simultâneas, no Ginásio de Esportes da Asbac-RJA, com associados e convidados. Ambos fizeram 40 partidas: Korchnoi venceu 28 partidas e perdeu 4; Spassky venceu 31 e empatou 9



Janeiro de 1979

Criação da Delegacia da Asbac em Santos-SP, que durou até Mar/83

11 de maio de 1981

Adquirida pelo BC a sede social cedida à Asbac-SAL, grande área urbana de 14 mil m², no bairro da Pituba

15 de março de 1983

Toma posse o novo Conselho de Administração, a Comissão Fiscal, pela última vez contendo membros indicados pela administração do BC. Do CA, foram escolhidos 5 nomes para a Diretoria Executiva. Foram empossadas também as diretorias de todas as regionais

16 de agosto de 1984

Término da obrigatoriedade de associação à Asbac

17 de agosto de 1984

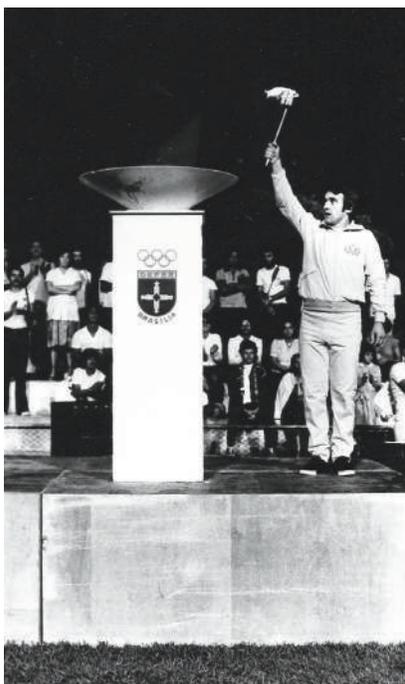
Criada a regional da Asbac de Brasília, pelo Voto 84/71

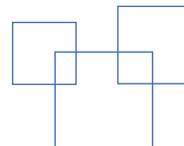
3 de setembro de 1979

Início da 1ª Olimpíada Nacional da Asbac, em Brasília, até 8set

7 de setembro de 1981

Realização da 2ª Olimpíada Nacional da Asbac, em Brasília, até 9set





3 de dezembro de 1987

Vencedora da eleição em Brasília foi a chapa Resgate, com 1133 votos, tendo à frente Pedro Michelin, como Diretor Regional, e Carlos Roberto Silva, como Diretor de Sede

18 de agosto de 1988

Voteada alteração do Estatuto



19 de novembro de 1987

Convocação de sócios para eleger Diretor Regional e outros cargos da Diretoria regional de Brasília, para mandato de 12mar88 a 11mar91

Outubro de 1987

Realização das 4ª Olimpíada Nacional da Asbac, em Brasília

Fevereiro de 1986

BC corta 20% da contribuição que faz à Asbac

12 de setembro de 1985

Plebiscito para decidir se Asbac manteria atuais objetivos ou encamparia funções de sindicato, representando junto à Administração do BC em questões de natureza funcional e econômica, rejeitou a alteração

1 de julho de 1985

Criação da Diretoria Regional em Brasília-Dibra

11 de março de 1989

Seminário em Brasília para dirigentes da Asbac



31 de dezembro de 1989

BC deixa de fazer contribuição com a cota patronal, aproximadamente 50% de sua receita total, por força de nova legislação

23 de outubro de 1997

Homologação do novo estatuto da Fenasbac e das unidades, que entram em vigor em 4jan98 (34)

11 de março de 1998

Transformação da Asbac Nacional para Fenasbac- Federação Nacional das Associações de Servidores do Banco Central, sob a presidência do paulista José Garcia Netto. Criação do Conselho Gestor, para comandar a Federação

Abril de 2004

Inauguração da Galeria dos ex-presidentes, na sede da Fenasbac

14 de setembro 1991

Asbac-RJA inaugura sede de Andaraí

4 de janeiro de 1998

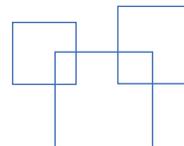
Criada a Fenasbac



12 de dezembro de 2000

Inauguração da nova sede da Fenasbac, agora propriedade da Federação, no Edifício Casa de São Paulo





2 de janeiro de 2012

Inaugurado o novo leiaute do andar da Fenasbac, agora comportando as instalações do IFenasbac



25 de novembro de 2011

Criado o Instituto Fenasbac, o IFenasbac

14 de maio de 2010

Homenagem à Abace, durante o seminário SIGA 2010, no auditório da Abace, em Brasília

12 de julho de 2013

Finalização da entrega dos barcos a remo para a Asbac- BSB (1º Barco: Fenasbac Seguro I, entregue em 29nov96; 2º barco, Fenasbac II, em 27ago09; 3º Barco, Instituto Fenasbac, nesta data), pelo presidente Paulo Stein





25 de outubro de 2013

Homenagem aos 30 anos da AAFBC

13 de maio de 2015

Entra em vigor a mais recente versão do Estatuto Social

27 de abril de 2017

Homenagem aos 50 anos do BC- 2ª edição

26 de junho de 2017

Termo de cooperação atual, com o BC

7 de maio de 2018

Homenagem póstuma ao ex-Conselheiro Fiscal Francisco de Assis Sampaio Pires de Castro

8 de maio de 2015

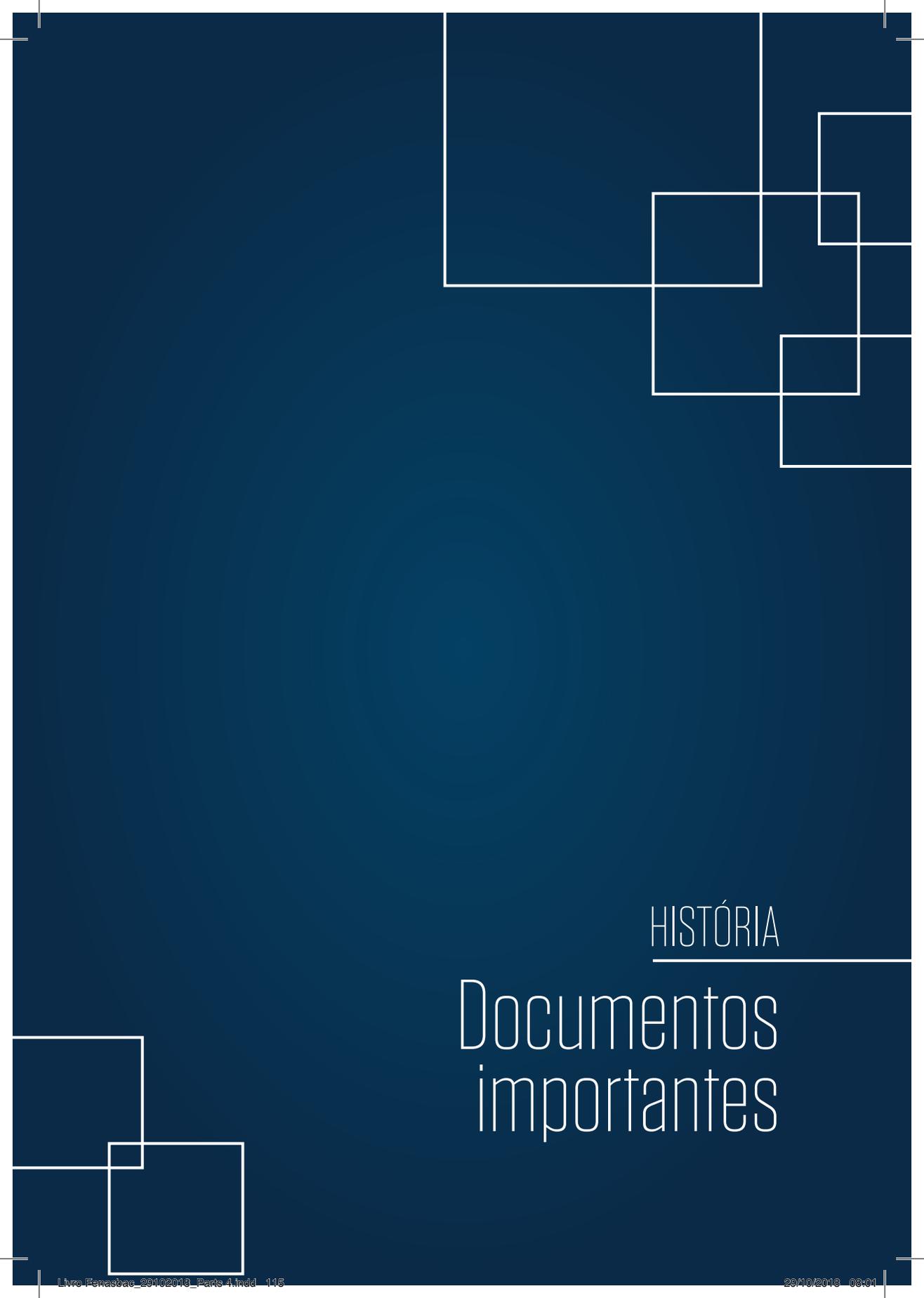
Homenagem aos 50 anos do BC- 1ª edição



9 de maio de 2018

Aditivo do termo de cooperação atual com o BC





HISTÓRIA

Documentos
importantes

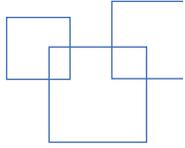
Documentos importantes

2

Ata da Assembleia Geral de Constituição da Associação dos Servidores do Banco Central (ASBAC)

Às onze horas de dia quatro de junho de mil novecentos e sessenta e seis, no auditório do edifício sede do Banco do Estado de Guanabara S.A., gentilmente cedido por seu Presidente, teve início a Assembleia Geral de Constituição da Associação dos Servidores do Banco Central (ASBAC). O Sr. Francisco Silva Nobre declarou iniciados os trabalhos e esclareceu, inicialmente, que o Presidente do Banco Central, Sr. Denis Nogueira, compareceu à instalação da Assembleia, mas, por motivos inadiáveis, não pôde se demorar e retirou-se após animar e competente breve presença e encaregar o seu chefe de gabinete, Sr. Jery de Lemos Moura, de representá-lo. Considera os Srs. Jery de Lemos Moura, Carlos Alberto Vieira, Presidente do Banco do Estado de Guanabara, e Antonio de Jesus Soares Torres, Diretor do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, para integrarem a mesa, assim como o Sr. Onofre Fagundes Leite para secretariar os trabalhos. O Sr. Carlos Alberto Vieira retirou-se no decorrer dos trabalhos, para atender a assuntos urgentes, tendo fido, em substituição, o funcionário do Banco Central pelo vínculo do ASBAC e colocando a inteira disposição deste todos os préstimos do Banco do Estado de Guanabara. O Sr. Francisco Silva Nobre, no presidência dos trabalhos, esclareceu que de há muito constituiu preocupação do Presidente do Banco Central o problema da assistência social e financeira ao funcionalismo da casa, principalmente por entender que, em face das suas obrigações e responsabilidades no sistema financeiro nacional, devem os servidores contar com órgão próprio, capaz de proporcionar-lhes os meios e recursos

Registro do Primeiro Estatuto, de 1966, 1ª página



CARTÓRIO DO 2.º OFÍCIO DE REGISTRO DE TÍTULOS, DOCUMENTOS E PESSOAS JURÍDICAS
BRASÍLIA, DF.
Ronda Augusto de Lencastre
Ofício Substituto

conforme, vai assinado pelos membros de mesa e amovados presentes. (1) de janeiro, 4 de janeiro de 1966.

Francisco Silva Nobre	* FRANCISCO SILVA NOBRE
Levy de Campos Moura	LEVY DE CAMPOS MOURA
José Elias Nairaré Cardoso	* JOSÉ ELIAS NAIRARÉ CARDOSO
José Baptista de Oliveira Sobrinho	* JOSÉ BAPTISTA DE OLIVEIRA SOBRINHO
Onofre Barbosa Leite	ONOFRE BARBOSA LEITE
Eduardo Augusto Razo Pereira	EDUARDO AUGUSTO RAZO PEREIRA
Alvaro Ferreira Barbosa	ALVARO FERREIRA BARBOSA
Jorge Silva	* JORGE SILVA
Alcides Coutinho	ALCIDES COUTINHO
João de Araújo Pereira	JOAQUIM EMILIANO DE ARAÚJO PEREIRA
Hilton Moura	* HILTON MOURA
Sergio Paulo Cintas Soares Maciel	SERGIO PAULO CINTAS SOARES MACIEL
Arthur Mario dos Reis Braga	* ARTHUR MARIO DOS REIS BRAGA
José Schemidt	JOSÉ SCHEMIDT
Roberto José Horta Mourão	ROBERTO JOSÉ HORTA MOURÃO
Francisco Daltrê Santos Jr	* FRANCISCO DALTRÊ SANTOS JR
Heitor Peres Muniz	HEITOR PERES MUNIZ

2.º OFÍCIO
REGISTRO DE TÍTULOS, DOCUMENTOS E PESSOAS JURÍDICAS
Ed. Nat. Vendas de Silva, Lote 60/70 - Fone: 224-1666 e 224-2174
Procedência no Livro A - Sub III -
e registrado sob o nº. 92466 69101 do Livro 132
V. Nº REGISTRO
Brasília - DF, 04 de Janeiro de 1966

Presentes na Assembleia de Constituição

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS
ALVARO CÉSAR DE MELLO CASTRO MENEZES
OFICIAL
ALMIR ALEXANDRINO DA SILVA
OFICIAL SUBSTITUTO
Av. Franklin Roosevelt, 125-2.º S/205 Tel.: 52-9918

Prot. - 40.363/L-A/4

Ord. - 15.103/L-A/7

Em 6 de abril de 1966

Eu, ALVARO CÉSAR DE MELLO CASTRO MENEZES, Oficial do Registro Civil das Pessoas Jurídicas, nesta Cidade do Rio de Janeiro, Capital do Estado da Guanabara.

Certifico que no livro "A" numero sete, do Registro Civil das Pessoas Jurídicas, deste Cartório, dele consta, sob o numero de ordem quinze mil cento e tres, o registro de estatuto da ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL (ASBAC), feito a requerimento de Francisco da Silva Nobre, seu Presidente e representante legal, em seis de abril de mil novecentos e sessenta e seis e, na mesma data apontado sob o numero de ordem quarenta mil trezentos e sessenta e tres, do Protocolo, livro "A" numero quatro. O estatuto da referida Pessoa Jurídica, foi publicado por extrato, em o numero sessenta e quatro, do Diário Oficial do dia cinco de abril de mil novecentos e sessenta e seis, ficando arquivados neste Cartório, um exemplar do mesmo Diá-

Registro do Primeiro estatuto, de 1966

Diário Oficial e outro do aludido estatuto, do qual
 consta os fundadores e a Diretoria da supra mencio-
 nada Pessoa Jurídica e entregue os demais documen-
 tos ao seu representante legal, tudo de acordo com
 a legislação em vigor. E, para constar, onde convier,
 passo a presente certidão, que subscrevo e assino,
 nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara,
 em seis de abril de mil novecentos e sessenta e
 seis. Eu, Almir Alexandrino da Silva, Oficial Substitu-
 to, subscrevo, dou fé e assino.

Rio de Janeiro, 06 de abril de 1966

ALMIR A. DA SILVA
 OFICIAL SUBSTITUTO
 DE JANEIRO

Não há...
 com o...
 DE JANEIRO...
 1966

20.º TABELIONATO - MENOTTI
 Cacharel, Fátima C. Del Picchio
 Largo São...
 A...
 Está fotocopiado...
 original, do qual...
 São Paulo

5 JUN 1966
 TELA DO ESTADO PAO PAO

10.º TABELIONATO
 Tel. 22-5500
 LARGO
 OSASIO BENTO, 48
 PAULO FERREIRA
 SÃO PAULO

Registro do Primeiro estatuto, página 2

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL

ASBAC

Banco Central de Reservas -
SÃO PAULO
- 2 MAR 1966

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1966

AO BANCO CENTRAL
Diversos setores

Sr. Gerente/Chefe/Delegado,

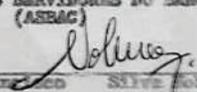
Para colher elementos indispensáveis à elaboração do plano inicial de trabalho desta Associação, necessitamos conhecer, com absoluta exatidão, os dados constantes do questionário anexo, relativamente a todos os colegas, já associados, ou não, da ASBAC.

Pedimos-lhe, assim, a gentileza de fazer distribuir os exemplares aqui juntos entre os funcionários desse setor, para que sejam devidamente preenchidos e devolvidos, dentro de setenta e duas horas, por seu intermédio, a esta Associação, devendo a entrega ser feita no Gabinete da Presidência (sr. Sodré).

Não precisamos ressaltar a importância da resposta correta e objetiva a todos os quesitos, a fim de que o plano a ser elaborado se mostre realmente capaz de atender às justas necessidades e aos anseios dos servidores do Banco Central.

Saudações

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL
(ASBAC)


Francisco Silveira
Presidente

Primeiro censo para conhecer necessidades e anseios de associados, de 20fev66

BANCO CENTRAL VITORIOSO EM SEU 1º ANO

Conquista da ASBAC: Ajuda Financeira a Curto Prazo



ASBAC

Órgão da Associação dos Servidores do B. Central.
ANO I — ABRIL — 1966 — N.º 1

IMPOSTO DE RENDA

(Pág. 6)

SINDICAL; MODERNO
PENSAMENTO ECONÔMICO

(Pág. 6)



“OS REFELEXOS DE NOSSA POLÍTICA JÁ ULTRAPASSARAM AS FIMTEIRAS E SÃO ALTAMENTE COMPENSADORES.”

MENSAGEM

Entusiasmo que superou todas as expectativas

COUBE-ME a honra de vos dirigir a palavra nesta oportunidade tão significativa para o Banco Central. É com imenso prazer que o faço, pois estamos comemorando dois eventos de magna importância para o funcionalismo: o primeiro aniversário do Banco e a oficialização da Associação dos Servidores do Banco Central, através das recentes decisões da Diretoria e do Conselho Monetário Nacional.

Quanto ao primeiro — integrante que sóis do seu quadro de servidores —, conheceis o suficiente para tornar supérfluas as minhas palavras. Está ele ligado aos destinos econômico-financeiros do País e, para satisfação nossa, em pouco tempo já se firmou no cenário nacional.

O outro, porém — a Associação — necessita de um voto de confiança. Constitui ela a concretização de uma idéia que, paradoxalmente, ultrapassou seu próprio engenho — o entusiasmo dos que lutaram por torná-la em realidade superou todas as expectativas. A esses idealistas devemos nós a ASBAC, um novo órgão destinado a assistir, sustentar e congraciar todos os servidores do Banco Central, como verdadeiro baluarte de sua causa comum.

Neste momento, sinto-me grato pela oportunidade de haver contribuído para a criação da ASBAC cuja consolidação depende principalmente do entusiasmo e da colaboração de todos, para que se constitua, dentro em breve, um motivo de justo orgulho para todos nós.

DÊNIO NOGUEIRA

Primeiro número do jornal da Asbac, abr66

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL - ASBAC

Sr. José Eduardo Andrade Gonçalves
Representante da ASBAC
junto à Delegacia do Banco Central em S. PAULO

PROTOCOLO N.º
REC. EM 9 MAI 1966
RESPONDIDA EM.....
CARTA N.º

Sr. Representante,

Juntamos, para distribuição entre os nossos associados, as instruções relativas aos empréstimos simples, adiantamentos salariais e respectivos formulários para concessões dos citados empréstimos; os associados poderão devolvê-los, após preenchidos, à Superintendência da ASBAC, cuja sede nesta Capital está instalada na Av. Rio Branco, 39 - 8º andar - Tel.- 23-8370 - Ramal 21.

Juntamos, outrossim, 30 escudos da Associação para serem vendidos à Cr\$1.100 por unidade, sendo o produto da venda transferido por ordem de pagamento em favor do Sr. JOÃO BAPTISTA DE OLIVEIRA SODRE, agora Superintendente.

S a u d a ç õ e s
ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL (ASBAC)
Departamento de Administração

Onofre Augusto Leite
Vice-Presidente

Os escudos, propostas já enviados por portador.

NOTA: A ficha financeira (espelho) do último mês, deverá vir anexa ao pedido de Empréstimo (Serve termofax)

S. Paulo - 32-4433

Comunicação de instruções sobre empréstimos, de 9 mai 66

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL

Rio de Janeiro, 10 de junho de 1966.

Ac
BANCO CENTRAL DA REPÚBLICA DO BRASIL
-
Sr. JOSÉ EDUARDO ANDRADE GONÇALVES

PROTOCOLO N.º
REC. EM 23 JUN 1966
RESPONDIDA EM
CARTA N.º

Sr. Delegado,

Como estímulo ao desenvolvimento técnico-cultural do funcionalismo do Banco Central, resolveu esta Associação instituir o Prêmio PRESIDENTE DÊNIO NOGUEIRA, a ser concedido na forma do apenso Regulamento.

2. Permitimo-nos assinalar que ao mesmo poderão concorrer os funcionários da Casa, individualmente ou em conjunto, que apresentem, em 1966, trabalho de análise da atividade do Banco Central sobre a economia nacional. A obra que for escolhida fará jus ao prêmio de Cr\$ 1 (hum) milhão, além da sua publicação em livro.

3. Desejamos que a concessão do prêmio alcance, principalmente no ano do seu lançamento, o maior brilhantismo possível, honrando os foros de inteligência do funcionalismo do Banco Central.

4. Com este objetivo, muito apreciaremos o eficiente empenho de V.Sa. junto a seus subordinados, estimulando-os a concorrerem e facilitando-lhes os estudos e pesquisas necessários.

Valemo-nos da oportunidade para reiterar-lhe os protestos de nossa admiração e apreço.

Associação dos Servidores do Banco Central

(ASBAC)

Anexo.

F. Silva Nogueira
Francisco Dênio Nogueira
Presidente

Criação do Prêmio Dênio Nogueira de economia, em 10jun66

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL - A S B A C

Delegacia de São Paulo

Comunicamos ao distinto quadro de associados desta Delegacia Regional, que, por iniciativa de nosso Diretor de Esportes, Sr. Gilberto Amado Rodrigues da Cunha, será realizada, no dia 26-11-67 (domingo), às 15 horas, na Sede de esportes da Associação Atlética Panco do Brasil, uma partida de futebol, em caráter amistoso, entre a equipe representativa da ASBAC - São Paulo e a da Cooperativa de Consumo dos Funcionários do Banco do Brasil.

Por se tratar da primeira peleja promovida pela nossa Divisão Desportiva, os atletas sentir-se-ão certamente, prestigiados com o estímulo dos demais colegas, no local.

Comunicação da 1ª partida de futebol promovida pela Delegacia de São Paulo, em 26nov67

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL

À B B A C - SÃO PAULO

COMUNICADO Nº 67/1

São Paulo, 12 de dezembro de 1967

Comunicamos aos distintos associados que a nossa ASBAC-SP acha-se instalada à Rua Boa Vista, 304, 1º andar.

Esperamos contar com a boa vontade de todos os associados para o desenvolvimento de nossa agremiação.

Com efeito, a vida da nossa ASBAC não poderá depender só da Diretoria, mas tem de contar, principalmente, com o entusiasmo dos prezados colegas.

A ASBAC não é de ninguém, é de todos.

Assim, não obstante a Diretoria já ter recebido considerável e efetiva participação, é necessário que qualquer e todo colega, que se sinta em condições, nos ofereça os seus conselhos e as suas idéias.

Prezado colega, a ASBAC depende de você para se tornar realidade, para se dinamizar.

Cerre fileiras em torno de nós, participe, pois, seu trabalho será incentivo para todos; seu engajamento será mais que proveitoso, será necessário à toda a comunidade.

Em nossa Diretoria, não cabe pensamento, nem atuação pessoal, só tem guarida a idéia de equipe.

Colega, não seja expectador, colabore.

São responsáveis pela Associação, nesta Delegacia, os seguintes colegas:

DELEGADO DO PRESIDENTE - PEDRO DE MOURA MATA

Diretores Auxiliares da Presidência

Diretores Jurídicos - Dr. Hamilton Pinheiro de Sá e Dr. Luis Teixeira

" Técnicos - Dr. Pedro Augusto Barotti de Carvalho e Dr. Vicente de Paula Oliveira.

Diretor de Relações Públicas - Lincoln Marques Ribeiro

- continua -

Conclamação de participação aos funcionários da Delegacia de São Paulo, em 12dez67



ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL (ASBAC)

DIRAS/PSE-05/72

INAUGURAÇÃO DE COMARY

Caros associados,

Cumprindo mais uma etapa de realizações desta Entidade, temos a satisfação de comunicar a todos os associados o término das obras de construção da sede campestre, localizada na Granja Comary, em Teresópolis (RJ).

O ato de inauguração, que deverá ser presidido pelo Exmo. Sr. Dr. ERNANE GALVÊAS, Presidente do Banco Central do Brasil, se dará entre 11 e 12 horas do dia 2.12.72, ocasião em que será servido coquetel aos nossos sócios, a suas Excelentíssimas famílias e aos convidados que lá comparecerem.

Brasília, 20 de novembro de 1972.

Associação dos Servidores do Banco Central (ASBAC)

AVELINO COSTA
Diretor de Asses. Social

Comunicado de inauguração da sede de Comary, em Teresópolis-RJ, em 20nov72

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL DO BRASIL (ASBAC)

C O M U N I C A D O

SETOR DE ASSISTÊNCIA PREVIDENCIÁRIA

GABINETE DENTÁRIO

Comunicamos aos senhores associados que fixamos para o próximo dia 25 do presente mês, segunda-feira, o início do funcionamento do Consultório Dentário, na Sede da ASBAC, à Rua Boa Vista, 314, 19º andar. Esclarecemos, ainda, que continua em pleno vigor o sistema de livre escolha de dentistas, o que a ambos os processos têm acesso o funcionário matriculado ao Banco do Brasil S.A. ou a outras entidades.

Ficam, em consequência, adotados o seguinte programa de atuação do Gabinete Dentário, bem como as normas de atendimento, abaixo transcritas:

PROGRAMA DE ATUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ODONTOPEDIATRIA

Dra. Conceição

- 1 - Exame Clínico e Radiológico
- 2 - Orientação aos Pais para Preservação de Dentes Decíduos
 - 2.1 - Noções de profilaxia
- 3 - Ortodontia Preventiva
 - 3.1 - Restauração de cáries inter-proximais
 - 3.2 - Dentisteria com técnicas modernas
 - 3.3 - Conservação de espaços
 - 3.4 - Correção de hábitos que interferem com o desenvolvimento da oclusão
 - 3.5 - Guias de Erupção
- 4 - Ortodontia Interceptiva
 - 4.1 - Planos inclinados
 - 4.2 - Placas de mordidas
 - 4.3 - Mentoneiras
 - 4.4 - Recuperadores de espaço
 - 4.5 - Redutores de diastemas
- 5 - Endodontia
- 6 - Dentística-Operatória

Comunicado de início de funcionamento de consultório odontológico na Delegacia de São Paulo, em 14set72



ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL (ASBAC)

COMUNICADO Nº 16

Levamos ao conhecimento dos Srs. Associados que resolvemos organizar grupos de 100 (cem) participantes para, sob o mesmo regime dos planos mutualistas já em funcionamento nesta Associação, proporcionar nova oportunidade para aquisição de veículos para uso próprio.

Assim, em caráter de pesquisa, manteremos abertas as inscrições para aquisição de carros da marca "VOLKSWAGEN" e "CORCEL", visando à formação de grupos distintos, devendo os interessados, preencher formulário apropriado, nos seguintes períodos, e através das dependências abaixo citadas:

- a) de 1 a 15.8.1968 - inscrições nas Delegacias Regionais;
- b) de 16 a 31.8.1968 - inscrições nesta Sede (GB).

Esclarecemos que os grupos a serem criados funcionarão sob sistema misto, de sorteio e de lance, distribuindo-se um total de 18 carros anualmente, obedecido o esquema a seguir mencionado:

em janeiro : 3 carros
em abril : 2 carros
em julho : 3 carros
em dezembro: 2 carros
e 1 carro nos demais meses, totalizando 8 carros

TOTAL 18 carros, anualmente.

Inicialmente, só poderão se inscrever associados que ainda não participem dos grupos existentes. Tencionamos, todavia, na hipótese de não ser atingido número suficiente, para constituição dos grupos que pretendemos organizar após a prescrição dos prazos para as respectivas inscrições permitir se inscrevam nos planos, ora em formação, àqueles que já participem de outro, mas com apenas um veículo.

Oportunamente e antes da realização da Assembleia para constituição efetiva dos grupos, faremos a divulgação do novo regulamento (em elaboração), o qual disciplinará o funcionamento dos planos em organização.

10 de Janeiro, 12 de agosto de 1968.

ONOPRE BOGADO LEITE
ADESÕES COM SUJEITO - 4º ANDAR

JOÃO FERRAZ DA SILVA
Vice-Presidente do Departamento de Ações Especiais

Abertura de inscrições para participação em consórcios, de 1º ago 68



ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL
DIRETORIA REGIONAL DE BRASÍLIA

RECEBUEMOS O VOTO Nº 84/072
EM 02/10/74
ASSOCIADOS Nº 5083

que contou com a assessoria do DEPES. A partir do diagnóstico efetuado, a matéria que se chegou à aproximação apresentada e que tinha como objetivo ser matéria para debates.

Assim sua implantação poderia ser dada, parcialmente, desde que uma diretriz fosse tomada. Haveria um período de teste, principalmente, quanto a cargos, que se aprovados na prática, seriam levados à decisão da AGE.

Fora isso, historicamente, foi ressaltado ter a ASBAC 20 anos e até agora não possuir uma estrutura formal de funcionamento.

O Conselho voltará a examinar a proposta após as eleições da Regional de Brasília.

-----000-----

VOTO Nº 84/072 - TÉRMINO DA OBRIGATORIEDADE DE ASSOCIAÇÃO.

O Presidente da ASBAC relatou a matéria a partir das reclamações recebidas, de documentos elaborado pelo DEPES em fevereiro de 1983 e de considerações apresentadas pelos Conselheiros Dilson Sampaio da Fonseca, Aldo Mendes e José Garcia Neto.

Após os esclarecimentos e discussões havidas, aprovou-se o fim da obrigatoriedade dos funcionários admitidos a partir de outubro de 1974. Obedecidas as seguintes condições:

- a contribuição da cota patronal será em percentual fixo da folha de pagamento do funcionalismo, atualmente 1%, e terá caráter permanente;
- o Banco Central manterá a contribuição correspondente à cota pessoal pelo prazo de 02 anos, no caso do associado se desligar da ASBAC;
- o associado poderá pedir sua exclusão do quadro social a qualquer momento desde que esteja quitas com a ASBAC;
- a jôia para os que desejarem retornar ao quadro social será de 10 vezes o valor de sua contribuição, pago em uma só parcela;
- após aprovação do fim da obrigatoriedade, pela Diretoria do Banco, o funcionário que desejar se associar terá 03 meses para fazê-lo sem o pagamento da jôia fixada no item anterior;

Término da obrigatoriedade de associação

CAPÍTULO I

Da Associação, Seus Objetivos e Recursos

Art. 1º – A ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL (ASBAC), fundada em 4 de janeiro de 1966, é uma sociedade civil sem fins lucrativos, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no Cadastro Geral dos Contribuintes do Ministério da Fazenda sob o nº 33.350.620, com atuação em todo Território Nacional e sede em Brasília (DF).

Parágrafo único – A Associação tem foro em Brasília (DF) e nos demais Municípios onde houver Diretorias Regionais, para os atos que forem por elas praticados.

Art. 2º – O prazo de duração da Associação é indeterminado.

Art. 3º – São objetivos da Associação:

- I – manter e desenvolver atividades de natureza sócio-cultural-recreativa e esportiva, visando ao bem-estar e ao conagraamento dos associados;
- II – prestar assistência social e financeira aos associados efetivos, como tais definidos no inciso I do artigo 5º do presente Estatuto, de acordo com as diretrizes fixadas pelo Conselho de Administração.
- III – elaborar, promover, patrocinar e realizar eventos de natureza técnica e ou cultural, voltados a sociedade, relacionados com as atividades do Banco Central do Brasil ou de relevante interesse para o País.

Parágrafo único – As atividades de que trata este artigo serão definidas no Regimento Interno da Associação.

Art. 4º – Constituem recursos da Associação:

- I – jóias e mensalidades sociais;
- II – contribuições do Banco Central, na forma deliberada pela Diretoria daquele Órgão;
- III – receitas provenientes da prestação de serviços pela Associação;
- IV – doações e subvenções;
- V – rendas de aplicações e de bens patrimoniais;
- VI – receitas eventuais.

CAPÍTULO II

Dos Associados

SEÇÃO I

Das Categorias

Art. 5º – São as seguintes as categorias sociais:

I – Efetivos:

- a) os que assinaram a ata de fundação;
- b) os funcionários, o Presidente e os Diretores do Banco Central;
- c) os funcionários aposentados do Banco Central;
- d) a(o) viúva(o) dos associados definidos nas alneas a, b e c do presente inciso;
- e) a(o) companheira(o), assim reconhecida(o) pelas leis vigentes, de associados já falecidos definidos nas alneas a, b e c do presente inciso.



PERSONAGENS

Galeria de Presidentes e Dirigentes Regionais

Asbac Nacional/Fenasbac



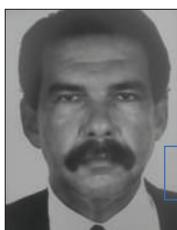
Alfredo Martins de Oliveira,
Presidente, C. Administração,
ago74- mar79



Antenor Araken Caldas
Farias, Presidente C.
Administração, out85- fev 86



Aristeu de Campos Filho,
Presidente C. Fiscal,
mar89- dez89



Carlos Thadeu de Freitas
Gomes, Presidente C.
Administração, jan85- set 85



Dilson Sampaio da Fonseca,
Presidente C. Administração,
ago79- dez 84



Edvaldo de Mendonça
Andrade, Presidente C.
Deliberativo, jan66- dez67



Eimar de Andrade Avillez,
Presidente C. Administração,
abr79- ago79



Eunice Borges,
Presidente C. Administração,
jan95- mar96



Flávio Fernando da
F. Ferreira, Presidente
C. Fiscal, jan90- dez91



Francisco Paulo Brandão
Aragão, Presidente
C. Gestor, jan00-



Francisco Silva Nobre,
Presidente Executivo,
jan66- dez67



Jairo Vítor Machado,
Presidente Executivo,
jan81- nov81



João Ferreira da Silva,
Presidente Executivo,
ago73- mar75



José Antônio Berardinelli
Vieira, Presidente C.
Administração, fev72- jul 74



José Cláudio Mendes da
Silva Pinho, Presidente C.
Administração, mar89- dez91



José Garcia Netto, Presidente C.
Fiscal, jan95- dez97; Presidente C.
Gestor, jan98- dez99; Presidente
Executivo, jan 92- dez 94



José Manoel Tavares da
Silva, Presidente Executivo,
mar80- dez80



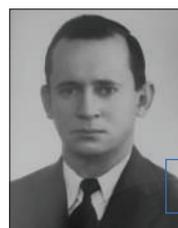
Lélío Carvalho da Silva,
Presidente Executivo,
abr75- jan78



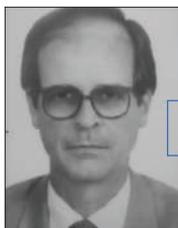
Luiz Felipe Denucci Martins,
Presidente Executivo,
dez 82- dez85



Luiz Fernando Cardoso Maciel,
Presidente C. Administração,
mar86- mar89



Maurício Ferreira Bacellar,
Presidente C. Deliberativo,
jan68- dez 71



Maurício Neves Spinolla,
Presidente C. Fiscal,
jan92- dez94



Newmar Duarte de Oliveira,
Presidente Executivo,
fev78- mar79



Onofre Bogado Leite,
Presidente Executivo,
jan68- jul73



Paulo de Tarso Galarça Callovi, Presidente C. Administração, jan92- dez94
Presidente Executivo, mar 86- dez91



Paulo dos Santos Capella, Presidente Executivo, abr79- fev80



Paulo Renato Tavares Stein, Presidente Executivo, jan 95-



Roberto Lara Cucino, Presidente Executivo, jan 86- mar 86



Selito Antônio Bordin, Presidente C. Administração, abr96- dez97



Walter Gomes de Oliveira, Presidente C. Fiscal, jan98-

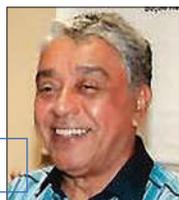


Vlamir Souto Manhães, Presidente Executivo, dez81- dez82

Belém



Adalberto José Patello de Moraes, Diretor Regional, Mar83- Mar86



Altino Almeida de Souza, Diretor Presidente, Jan98- Jul00; Jan07- Jan10; Jan13- Jan16; Presidente do C. A., Jan01- Jan04



Carlos Augusto Gilonna Soriano de Mello, Diretor Regional, Jan92- Jan95



Carlos de Berredo Reis, Diretor Regional Suplente, abr/77- Mar80



Carlos Manoel Pacheco de Lima, Diretor Regional, Mar86- Dez87



Cimara Helena Modesto da Silva, Diretora Regional Suplente, Mar80- Mar83



Dorcélio Renato Brito de Moraes, Diretor Regional, Mar80- Mar83; Jul96- Jan98



Ferdinando de Andrade Pinto, Diretor Presidente, Jan04- Jan07



José Carlos de Castro Martins, Diretor Regional, Jan88- Dez89; Diretor Regional Adjunto, Mar89- Jan92; Diretor Regional Suplente, Mar83- Mar86



José Flávio Silva Corrêa, Diretor Presidente, Jul00- Jan01; Jan10- Jan13



Laércio Cubas da Silva, Diretor Regional, abr/77- Mar80; Jan01- Jan04



Narciso Aragão de Souza, Diretor Regional, Jan91- Jan92



Pedro Paulo Soares
Rosa, Presidente do C. A.,
Jan16- Jan19



Raimundo Natalino Vieira
Silva, Presidente do C.A.,
Jan98- Jan01



Regina Maria Silva das
Neves, Diretora Regional,
Mar96- Jul96



Reginaldo Bentes dos Santos,
Presidente do C.A., Jan92- Jan95;
Jan95- Jan98; Jan98- Jan01;
Jan04-Jan07; Jan07- Jan10;
Jan10- Jan13; Jan13- Jan16



Rodrigo da Luz e
Souza, Diretor Presidente,
Jan16- Jan19



Sebastião Sauma Rossy,
Diretor Regional Adjunto,
Jan88- Dez89



Selito Antônio Bordin,
Diretor Regional,
Mar89- Dez90



Teófilo Pacheco Conduru,
Superintendente Regional
Efetivo, Jan72- Abr77



Waldemir Barbosa
Guimarães, Diretor Regional
Adjunto, Mar86- Dez87



Wilkens Siqueira Mendes
Gomes, Diretor Regional,
Jan95- Mar96

Belo Horizonte



Antonio Carlos Pinho de Lima,
Diretor Regional, Jan92- Jan95;
Presidente do C. A., Jan13- Jan16



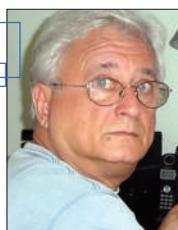
Beatriz Marun de Oliveira,
Diretora Presidente,
Jan13- Jan16



Carlos Vitor Alves Delamônica,
Representante Pioneiro,
Jan68- Dez69; Diretor
Regional, Mar80- Mar83



Cléber Pinto dos
Santos, Diretor Presidente,
Jan04- Jan07



Edson Teixeira Bittencourt,
Superintendente Regional
Suplente, Jan72- Abr77



Elisa Maria de Melo Rosa,
Diretora Regional, Mar86-
Mar89; Mar89- Jan92



Elizabete Alves
Pedrosa, Diretora Presidente,
Jan98- Jan01



Elza Foltran
Maia, Representante
Pioneira, 1967



Geovani Dumont,
Representante
Pioneiro, 1967



Jalcemar Rodrigues Campos,
Diretor Regional Suplente,
Abr77- Mar80



Joanildo Actis César,
Diretor Regional,
Abr77- Mar80



José Pedro Rocha, Diretor
Regional, Jun97- Jan98; Presidente
do C. A., Jan98- Jul/99; Jan04-
Jan07; Jan07- Jan10



José Raymundo Nardy,
Diretor Regional Adjunto,
Jan95- Jan98



José Reinaldo Pimentel
Santos, Diretor Presidente,
Jan16- Jan19



Julio Cezar Pereira Lopes,
Diretor Regional Suplente,
Mar83- Mar86



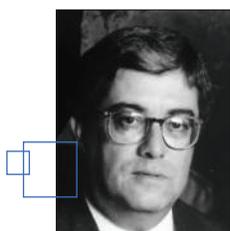
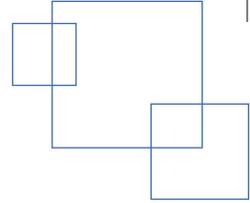
Katia Pacheco Panisset,
Diretora Presidente,
Jan01- Jan04



Lúcia Paes Leme dos
Reis, Diretora Presidente,
Jan07- Jan10; Jan10- Jan13



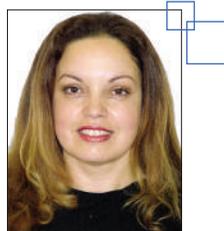
Lúcio Otávio de
Souza, Presidente do C. A.,
Jan01- Jan04



Luiz Antônio Andrade Gonçalves, Representante Pioneiro, Jan68- Dez69



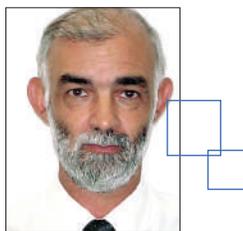
Luiz Carlos de Lima, Diretor Regional, Jan95- Jun97



Marília Prado Penido, Presidente do C. A., Jul99- Jan-01; Jan10-Jan13; Jan13- Jan16; Jan16- Jan19



Osmar Brasil de Almeida, Representante Pioneiro, 1967; Conselho Deliberativo-Efetivo, Jan70- Jan72



Paulo Augusto de Andrade, Diretor Regional Adjunto, Jan92- Jan95



Rosa Maria de Oliveira, Diretora Regional, Mar83- Mar86; Diretora Regional Suplente, Mar80- Mar-83



Sérgio Leite Costa Reis, Superintendente Regional Efetivo, Jan72- Abr77



Sebastião Márcio Monteiro, Diretor Regional Suplente, Mar86- Mar89; Diretor Regional Adjunto, Mar89- Jan92

Brasília



Andréia Medeiros Rocha,
Diretora Executiva
Presidente, Mar06- Jan07



Antonio Pedro Ferreira,
Presidente do C. A.,
Jan98- Jan01



Antonio Rêgo de Abreu,
Diretor Executivo Presidente,
Jan04- Ago04



Aparício Secundus Pereira Lima,
Diretor Executivo Presidente,
Ago04- Mar06; Presidente do C.
A., Jan01- Jan04; Jan07- Jan10;
Jan10- Jan13; Jan13- Jan16



Augusto Ribeiro,
Presidente do C. A.,
Jan98- Jan01



Carlos Roberto Silva,
Diretor Regional Adjunto,
Mar88- Mar91



Carlos Tadeu Pimenta,
Diretor Regional Adjunto,
Jan95- Jan98



Derci Enrique Mendes,
Diretor Executivo Presidente,
Fev02- Jun03



Divino Alberto Soares,
Diretor Executivo Presidente,
Jun03- Jan04



Eduardo Rogério Melo da Silva, Presidente do C. A., Jan16- Ago18



Fernando Luiz Meneses Silva, Presidente Executivo, Jan07- Abr09; Jun09- Jan10; Presidente do C. A., Ago05- Jan07



Genésio Lopes Siqueira, Presidente Executivo, Abr09- Jun09; Jan10- Ago10; Jun11- Jan13



George Wanderley da Costa, Diretor Regional; Jan95- Jan98; Jan98- Jan01



Helena Maria Duarte, Diretora Executiva Presidente, Set01- Fev02



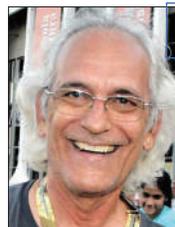
João Correa de Magalhães, Presidente Executivo, Jan13- Jan16



José Henrique Germano, Representante Pioneiro, Ago84- Mar85



Júlio Leite Cardoso, Presidente Executivo, Ago10- Jul11



Kades Corte, Diretor Executivo Presidente, Jan01- Set01



Luciano Sales Oliveira,
Diretor Regional Suplente.
Mar85- Mar88



Luiz Gonzaga da Costa,
Diretor Regional Adjunto,
Mar91- Jan95



Márcio Antônio Estrela,
Presidente do C. A.,
Jan04- Ago05



Marcos Enéas Silva,
Presidente Executivo,
Jan16- Jan19



Otto Chaveiro Lobo,
Presidente do C. A.,
Ago18- Jan19



Pedro Michelin,
Diretor Regional,
Mar88- Mar91



Pedro Valdenir Pinto da Silva,
Diretor Regional,
Mar85- Mar88



Reynaldo de Souza Motta,
Diretor Regional,
Mar91- Jan95

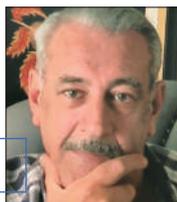


Vicente Fialkoski,
Diretor Executivo
Presidente, Fev02

Curitiba



Antônio Aldemir Toledo da Silva, Diretor Regional, Mar86- Mar89



Ataliba Renato da Costa Ávila, Superintendente Regional Suplente, Jan72- Abr77; Diretor Regional Suplente, Abr77- Mar80



Celso Luiz Laufer, Presidente do C. A., Jan13- Jan16; Jan16- Jan19



Francisco Munia Machado, Diretor Regional, Ago80- Mar83



Jacyr Pellegrini, Diretor Regional, Mar83- Dez85



Lauro Moreira Montenegro, Representante Pioneiro, Jan70- Jan72



Mário Alfredo Silva Neto, Diretor Regional Adjunto, Mar89- Jan92



Moacir Hércules de Souza, Diretor Regional, Mar80- Ago80



Núncio Montingelli, Superintendente Regional Efetivo, Jan72- Abr77; Diretor Regional, Abr77- Mar80



Odacir Pereira da Silva, Diretor Presidente, Jan98- Jan01; Jan01- Jan04



Paulo Roberto Freitas da Rocha, Diretor Regional Suplente, Mar80- Ago80



Pedro Paulo dos Santos, Diretor Regional, Jan86- Mar86; Diretor Regional Suplente, Ago80- Mar83



Roberto Siqueira Filho, Diretor Regional, Mar89- Jan92; Jan95- Jan98; Diretor Regional Suplente, Mar86- Mar89; Diretor Regional Adjunto, Jan92- Jan95; Presidente do C. A., Jul99- Jan01



Rui Jadel Rodrigues Silva, Diretor Presidente, Jan04- Jan07; Presidente do C. A., Jan07- Jan10; Jan10- Jan13



Salvador Soares de Oliveira, Diretor Presidente, Jan07- Jan10; Jan10- Jan13; Jan13- Jan16; Jan16- Jan19; Presidente do C. A., Jan98- Jul99; Jan01-Jan04; Jan04- Jan07



Simão Baran Neto, Diretor Regional Suplente, Mar83- Mar86



Valdir Barbieri, Diretor Regional, Jan92- Jan95



Waldemir Bana, Diretor Regional Adjunto, Jan95- Jan98

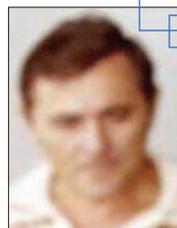
Fortaleza



Alfredo P. Martins Júnior, Diretor Regional Suplente, Abr77- Mar80; Mar80- Mar83



Ana Maria Teles Nobre Pedrosa, Diretora Regional Adjunta, Jan95- Jul97



Antônio Ribamar de Vasconcelos, Diretor Regional Suplente, Mar83- Jun84



Carlos Ricardo Lessa de Moura, Diretor Presidente, Fev14- Jan16; Jan16- Jan19



Élio Fernandes Teles Gonçalves, Diretor Regional, Out03- Jan04; Presidente do C. A. Jan02- Abr04; Jan04- Jan07



Francisco Paulo Brandão Aragão, Diretor Regional, Jul97- Jan98; Presidente do C. A., Jan95- Jul97; Jan98-Jan01; Jan01- Jan04; Jan04- Jan07; Jan07- Jan10; Jan10- Jan13; Jan13- Jan16; Jan16- Jan19



Geraldo Costa Aragão, Diretor Regional Suplente, Mar86- Mar89



Geraldo Moreira de Oliveira, Diretor Regional Suplente, Jun84- Mar86



Geraldo Vasconcelos do Carmo, Superintendente Regional Efetivo, Jan72- Abr77



Helena Maria Duarte, Diretora Regional, Jan95- Jul97



Henrique Jorge Medeiros Marinho, Diretor Regional, Mar86- Mar89; Diretor Regional Adjunto, Mar89- Jan92



José Carlos Vieira de Oliveira, Diretor Presidente, Abr12- Jan13; Jan13- Fev14



José Francisco Ribeiro,
Diretor Presidente,
Jan10- Abr12



José Humberto Saraiva, Diretor
Regional, Abr77- Mar80; Mar80-
Mar83; Mar83- Jun84; Mar89-
Jan92; Jan92- Jan95; Jul97- Jan98



Júlio Sempere Garcia,
Diretor Regional,
Jun84- Mar86



Marcelo Souza Queiroz,
Diretor Presidente,
Jan07- Jan10



Maria Darcy Lira Andrade,
Diretora Regional Adjunta,
Jan92- Jan95



Maria Tânia Sales de Alcântara,
Diretora Presidente, Jan98-
Jan01; Diretora Regional
Adjunta, Jul97- Jan98

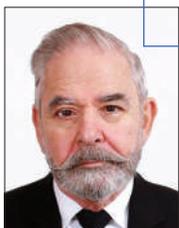


Nero Torres Neto, Diretor
Presidente, Jan01- Out03;
Jan04- Jan07



Nivardo Gentil Pereira Castelo,
Superintendente Regional
Suplente, Jan72- Abr77

Porto Alegre



Airton Streher Escobar,
Diretor Regional Suplente,
Mar80- Mar83



Cezar Pons Dias da Costa, Diretor
Regional, Out78- Mar80; Diretor
Regional Adjunto, Jan89- Jan92



Cláudio de Oliveira Koehler,
Conselho Deliberativo- Efetivo,
Jan70- Jan72



Derocy Giacomio Cirilo
da Silva, Diretor Regional
Suplente, Mar86- Mar89



Édio Conceição de Oliveira
Carneiro, Diretor Regional,
Mar86- Mar89



Egon Luis Kross,
Representante Pioneiro,
68- Jan70



Francisco José Schmitz,
Diretor Regional Adjunto,
Jan92- Jan95; Diretor Regional
Suplente, Mar83- Mar86



João Jorge Krieger Pinheiro,
Superintendente Regional
Suplente, Jan72- Abr77



José Aímore Bolina de Oliveira,
Diretor Regional Adjunto,
Jan89- Jan92



José Ruy Blanco Gogia,
Diretor Regional Adjunto,
Jan95- Jan98



Leonir Martins Borges,
Diretora Regional,
Jan95- Set97



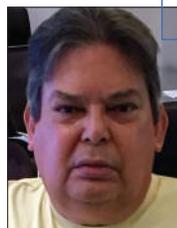
Manoel José Pereira Dias, Diretor
Regional, Set97- Jan98; Diretor
Presidente, Jan98- Jan01; Jan01- Jan04,
Jan04- Jan07; Jan07- Jan10; Jan10-
Jan13; Jan13- Jan16; Jan16- Jan19



Newton Afonso Cabral Medeiros, Diretor Regional Suplente, Abr77- Mar80



Paulo César Ximenes Alves Ferreira, Superintendente Regional Efetivo, Jan72- Abr77



Paulo de Tarso Galarça Calovi, Diretor Regional, Mar80- Mar83; Mar83- Mar86



Paulo Renato Tavares Stein, Diretor Regional, Jan89- Jan92; Jan92- Jan95; Presidente do C. A., Jan98- Jan01; Jan01- Jan04; Jan04- Jan07; Jan07- Jan10; Jan10- Jan13; Jan13- Jan16; Jan16- Jan19



Roberto Paulo Sholl da Silva, Diretor Regional, Abr77- Out78



Sérgio Luiz Teixeira Blanco, Superintendente Regional Suplente, Jan72- Abr77

Recife



David Falcão,
Presidente do C. A.,
Jan07- Jan10



Fernando Câmara Ferreira,
Diretor Regional,
Jan84- Mar86



Fernando do Rêgo Pessoa
de Macedo, Superintendente
Regional Suplente, Jan72- Abr77



Francisco Jefferson Sá, Diretor
Presidente, Jan98- Jan01;
Presidente do C. A., Jan01- Jan04;
Jan04- Jan07; Jan07- Jan10



Hígino Belo Neto,
Representante
Pioneiro, 70- Dez71



Jefferson José Costa
Albuquerque Filho, Diretor
Regional, Abr77- Mai-77



Joaquim Pinheiro Bezerra de
Menezes, Diretor Presidente,
Jan07- Jan10; Presidente do C.
A., Jan10- Jan13; Jan13-
Jan16; Jan16- Jan19



José Félix Pereira
Evangelista, Diretor Regional,
Jan92- Jan95; Jan95- Jul97



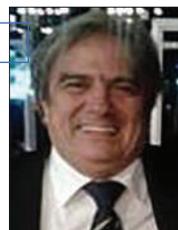
José Inácio Moneta, Diretor
Regional, Mai90- Jan92;
Nov81- Mar83



José Sebastião Veloso
da Silva, Diretor Regional,
Mar83- Jan84



Leopoldo Brasileiro de Lima
Filho, Superintendente Regional
Efetivo, Jan72- Abr77



Manoel Camilo Brollo,
Diretor Regional,
Mar86- Dez86



Manoel Gonçalves de Azevedo, Diretor Regional, Mai77- Out78



Marcos Antônio Rodrigues Silva, Diretor Presidente, Jan04- Jan07



Maria Inez Borba Gomes de Melo, Diretora Regional Adjunta, Jan95- Jan98



Nelson Rodrigues de Oliveira, Diretor Regional, Mar89- Mai90



Olívio Pessoa Lira Lins, Diretor Regional, Dez86- Mar89; Diretor Regional Adjunto, Jan92- Jan95



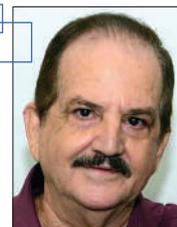
Pedro Nogueira da Costa Filho, Diretor Regional, Mar89- Jan92



Rejane Tandeytnik Ketner, Diretora Regional Suplente, Mar86- Mar89



Roberto Parrini, Diretor Presidente, Jan10- Jan13; Jan13- Jan16; Jan16- Jan19



Wallace Moacyr do Carmello Silva, Diretor Presidente, Jan01- Jan04; Diretor Regional, Ago97- Jan98; Mar80- Nov81; Out78- Mar80; Presidente do C. A., Jan07- Jan10; Jan98- Jan01

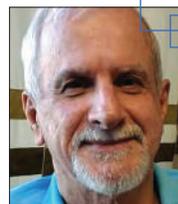
Rio de Janeiro



Abelardo Duarte de Melo Sobrinho, Diretor Regional Suplente, Jan92- Jan95



Carlos Alberto Filardi, Diretor Presidente, Jan13- Jan16; Jan16- Jan19; Presidente do C. A., Jan10- Jan13



Carlos José Pontes Villas Lobos, Diretor Presidente; Mai09- Jan10; Diretor Presidente, Jan10- Jan13



Carlos Noronha Gomes da Silva, Superintendente Regional Suplente, Jan72- Abr77



Cláudio José Paes de Oliveira, Diretor Regional Suplente, Mar86- Mar89



Eládio da Costa Nery, Diretor Regional, Jan95- Jan98; Presidente do C. A., Jan04- Jan07; Jan98- Jan01; Diretor Regional Suplente, Mar83- Mar86



Ênio Franco Coelho, Diretor Presidente, Jan01- Fev03; Diretor Regional Adjunto, Jan95- Jan98



Eunice Borges, Diretora Regional, Jan92- Jan95



Fernando Vicente Mello Alves, Presidente do C. A., Jan10- Jan13



João Bosco Gomes Mendes, Presidente do C. A., Out09- Jan10,



José Bispo dos Santos, Presidente do C. A., Jan07- Out09; Jan10- Jan13



José Vieira Assumpção, Diretor Regional, Mar86- Mar89



José Vieira Leite,
Diretor Regional Suplente,
Mar80- Mar83



Léa Maria Domingues,
Presidente do C. A.,
Jan04- Jan07



Leon Kohn de Penhas,
Diretor Regional,
Abr77- Mar80



Maria Auxiliadora de Paiva
Menezes, Presidente do C. A.,
Jan04- Jan07



Octávio Gravino Filho,
Diretor Regional Suplente,
Abr77- Mar80



Paulo dos Santos, Presidente
do C. A., Jan13- Jan16;
Jan16- Jan19

A Asbac na minha vida

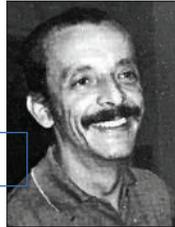
Eu e a Asbac nunca nos separamos. Desde 1973, quando tomei posse em SP, aos 20 aninhos, nos bons e maus momentos. Programa de saúde, sindicalismo, festas. Canecão, empréstimos, consórcios, viagens e seguros. Comary com pais, sogros, irmãos e namorados; queijos e vinhos, Tívoli Parque; Andaraí com inaugurações, festa junina e dia das crianças com filho; Biblioteca, convênios, competições. Assim tem sido e continuará sendo a nossa Asbac

Izalina Vitoria Villela, Asbac- RJ





Roberto de Carvalho Vivas, Diretor Regional Adjunto, Mar89- Jan92



Roberto Henry Guitton, Superintendente Regional Efetivo, Jan72- Abr77



Ronaldo José de Souza, Diretor Regional, Mar83- Mar86



Sandra de Souza Leal, Diretora Regional, Mar89- Jan92



Sérgio Luiz Martins Coelho, Diretor Regional, Mar80- Mar83



Vânia Magnólia Cortezia Quevedez, Presidente do C. A., Jan01- Jan04



Wagner Silva D'Oliveira, Diretor Presidente, Fev03- Jan04; Jan04- Jan07; Jan07- Mai09; Diretor Regional, Jan98- Jan01

Salvador



Antônio de Passos Filho,
Diretor Regional Adjunto,
Jan92- Jan95; Diretor Regional
Suplente, Abr-77- Mar80



Artindo Menezes de
Cerqueira, Diretor Presidente,
Jan98- Jan01; Jan95- Jan98



Carlos Tadeu Pimenta,
Diretor Regional,
Mar80- Mar83



Cláudio Ivo de Magalhães
Gomes, Diretor Regional,
Mar83- Mar86



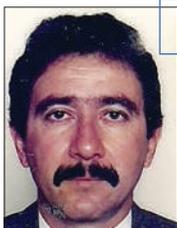
Djalma Rocha de
Oliveira, Diretor Regional,
Ago90- Jan92



Edérson Macedo
Campos, Diretor Presidente,
Jan10- Jan13



Eronides Batista Pituba, Diretor
Presidente, Jan13- Jan16; Jan16-
Set17; Presidente do C. A.,
Jul08- Jan10; Diretor Regional
Suplente, Mar86- Mar89



Fernando Ribeiro
Hermida, Diretor Presidente,
Jul06- Jan07,



Júlio Climaco Leite de
Oliva, Diretor Regional,
Mar89- Ago90



Jackson Miguel R. Arlêo,
Diretor Regional Suplente,
Mar80- Mar83



José Francisco Mendes,
Presidente do C. A.,
Jan07- Jul08



Juarez Bourbon Vilaça, Diretor
Presidente; Jan01- Jan04;
Presidente do C. A., Jan10- Jan13;
Jan98- Jan01; Diretor Regional
Adjunto, Jan95- Jan98; Diretor
Regional Suplente, Mar83- Mar86



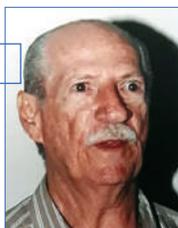
Lourival Vasconcelos de Melo Sobrinho, Diretor Regional Adjunto, Mar89- Jan92



Luciano Marcos Souza de Carvalho, Diretor Presidente, Jan07- Jan10



Luiz Augusto Feitoza Ferraz, Presidente do C. A., Jan04- Jan07; Jan13- Jan16; Jan16- Jan19



Luiz Pereira Barbosa, Superintendente Regional Efetivo, Jan72- Abr77



Miguel Laert dos Santos Pinheiro, Diretor Presidente, Set17- Jan19



Milton Fernandes Dias, Superintendente Regional Suplente, Jan72- Abr77



Newton de Mello Sá, Diretor Regional, Abr77- Mar80



Osvaldo da Silva Mattos Filho, Diretor Presidente, Jan04- Jul06; Diretor Regional, Jan92- Jan95



Paulo Caetano da Silva, Presidente do C. A., Jan01- Jan04



Roque Oliveira Silva, Diretor Regional, Mar86- Mar89

São Paulo



Alberto Shigueru Matsumoto, Diretor Regional, Mar83- Mar86



Aquilina Luiza Torres de Paula Santos, Conselho de Administração- Representante Efetivo, Jan72- Abr77



Aristeu de Campos Filho, Diretor Regional Suplente, Mar80- Mar83



Carlos Alberto de Amorim Revoredo, Diretor Presidente, Jan04- Jan07



Clovis Naconecy de Souza, Presidente do C. A., Jan07- Jan10; Jan10- Jan13; Jan13- Jan16; Jan16- Jan19



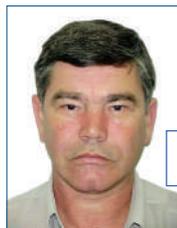
Cristiana Kunika Nakazawa, Presidente do C. A., Jan04- Jan07



Dérvio Rondon Carmelingo, Diretor Regional, Mar86- Mar89; Mar89- Jan92; Jan92- Jan95; Jan95- Jan98



Geraldo José Guimarães da Silva, Representante Pioneiro, Dez67- Jan69



Glicério Braun, Diretor Regional Suplente, Mar86- Mar89; Diretor Regional Adjunto, Mar89- Jan92



José dos Santos Costa, Vice-Presidente de SP, Jan70- Jan72; Representante Pioneiro, Dez67- Jan69



José Eduardo Andrade Gonçalves, Representante Pioneiro, Dez67- Jan69



José Garcia Netto, Presidente do C. A., Jan01- Jan04; Mar83- Mar86; Diretor Regional Suplente, Jan98- Jan01



José Maria Padilha, Superintendente Regional Suplente, Jan72- Abr77



José Nogueira Cândido, Diretor Presente, Jan01- Jan04; Jan98- Jan01; Diretor Regional Adjunto, Jan95- Jan98



Luiz Carlos Casemiro, Diretor Regional, Abr77- Mar80; Mar80- Mar83



Luiz Tadeu Florentino, Diretor Presidente, Jan07- Jan10; Jan10- Jan13; Jan13- Jan16; Jan16- Jan19



Luiza Setsuko Higashi, Diretora Regional Suplente, Mar83- Mar86



Marcus Vinicius dos Santos Jr., Diretor Regional Adjunto, Jan92- Jan95



Paulo Garcia de Andrade,
Superintendente Regional
Efetivo, Jan72- Abr77



Pedro de Moura Maia,
Delegado do Presidente,
Dez67- Jan69; Jan69- Jan70



Suely Bezerra de Souza
Girnius, Diretora Regional
Suplente, Abr77- Mar80

Santos



Edison Benedito Alexandre,
Diretor Regional Suplente,
Mar80- Mar83



Pedro Ramos Rosas Filho,
Diretor Regional Suplente,
Dez78- Mar80



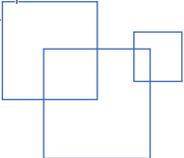
Moacir Cordeiro, Diretor
Regional, Dez78- Mar80;
Mar80- Mar83



PERSONAGENS

Pioneiros: a história viva que protagonizaram

Na ocasião certa, na hora precisa, todos emprestaram competência e mergulharam fundo nas oportunidades que emergiam: foram atores e atrizes de seus destinos. Aqui contam um pouco de como fizeram a história, em pequenas e grandes dimensões, e como deram vazão a suas ideias e ideais. As entrevistas foram concedidas a Clovis Naconecy



Aquilina Luiza Torres de Paula Santos, Representante Efetivo do Conselho de Administração da Asbac- SPO, Período Janeiro de 1972 – Abril de 1977

“Nos primeiros tempos, trabalhar para a Asbac exigia proatividade, empatia e coragem para assumir riscos”

Vinda do interior, uma das primeiras servidoras em SP fez carreira brilhante, ouviu dizer que tralhava como homem, enfrentou preconceitos mas sempre encontrou quem a ajudasse a se aperfeiçoar. Ainda hoje, em plena atividade no exterior, encontrou tempo para esta entrevista, em que mostra, ao lado da simpatia conhecida em contar casos de que participou, uma memória impressionante

Como soube pela primeira vez da criação da Asbac? E que viria para São Paulo?

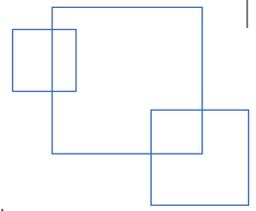
À época, havia acabado de ingressar no Banco e, muito nova, não tinha ainda muita noção do significado de uma Associação nos moldes da Asbac. Como ela havia sido criada pelo Banco, as primeiras iniciativas em São Paulo tiveram à frente o então Delegado Regional, meu conterrâneo, Sr. Benedito de Oliveira Alves, o “Seu Alves”, como o chamávamos, egresso da Sumoc. Assim, fiquei sabendo que a Associação já existia e, posteriormente, fui informada que a Asbac Regional/SPO seria criada pelo Chefe da Divisão (Reban/Subof) onde eu atuava, Sr. Mario Olivani. “Seu Mario”, vindo do Banco da Amazônia, foi um dos primeiros colaboradores da Asbac- SPO, na Área de Benefícios.



O que a levou a se prontificar a ajudar, nos seus primeiros passos?

Criada a Asbac em São Paulo, um dos Assistentes da Reban/Subof, Sr. Antônio Baptista de Oliveira, passou a colaborar com o “Seu Mario”, na Área de Benefícios. Ele, vindo do Banco do Brasil, havia sido Diretor do Satélite e, portanto, com experiência em Associação de Funcionários. “Seu Baptista”, por sua vez, me solicitou se poderia

¹Aquilina Luiza hoje em dia, em grande atividade



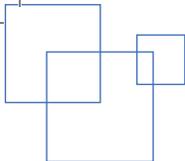
auxiliá-lo na parte operacional. Foi então que comecei a entender melhor o significado da Associação e a me interessar por ela. "Seu Mario" e "Seu Baptista" foram, então, se afastando aos poucos e me passando o trabalho, de forma que, tempos depois, fui nomeada Diretora de Benefícios.

Como você analisa o perfil de todos os que se ofereceram a participar das primeiras diretorias?

Os Membros da primeira Diretoria foram indicados pelo Delegado Regional. Posteriormente, houve eleição, com a participação dos funcionários, mas sempre sob a tutela do Delegado Regional, que selecionava os candidatos. A atividade não era remunerada e, acredito, todos os membros das Diretorias eram pessoas que participavam por dedicação ao Banco e ao funcionalismo. Muito bem escolhidos, alguns tinham larga experiência, vastos conhecimentos jurídicos, contábeis etc. E, como se dizia na época, eram todos pessoas "probas".

De quem você se lembra especialmente, naqueles primórdios da configuração da Associação?

Do primeiro Presidente Regional, Sr. Pedro de Moura Maia, o "Seu Maia", vindo do Banco do Brasil. Era uma pessoa extremamente humana, afável e devotadíssimo ao Banco e à Asbac. E tinha muita personalidade para assumir responsabilidades. Depois dele, veio o Sr. José dos Santos da Costa, da Área de Pessoal, quem, aliás, me deu posse, em 12jan67. "Seu Costa" era queridíssimo de todos, alegre, jovial e, também, como o "Seu Maia", muito humano. E, em particular, temos que nos lembrar da abnegação do colega Antenor Araken Caldas Farias, à época também da Área de Pessoal, que, entre outras, foi o criador da importante biblioteca da Asbac. Lembro-me ainda do José Maria Padilha, da Contabilidade, que era outro dedicado. Tanto o Araken como o Padilha trabalhavam na Asbac, na Rua Boa Vista, antes do seu expediente no Banco, em horários de almoço e mesmo à noite. E houve, além desses, o Ruy Dias Brochieri, da Área Bancária, companheiro de muito trabalho nos primórdios da Asbac. E também o Luiz Mauro de Moura – ex-funcionário – e o José Antônio Benedito, o Josenildo Fontes dos Santos e o Renato Ribeiro Brandin, maravilhosos parceiros colaboradores. Outra pessoa que não pode ser esquecida é a Bely Gabriela Teixeira Gaspar, da Reban/Sudel, criadora do primeiro jornal da Asbac- SPO, o JASP. Até aqui, estamos falando da Asbac- SPO. Mas tenho que me referir aos membros da Diretoria Nacional do Rio: Presidente Bogado, Diretor Carlos Noronha Gomes da Silva e o Diretor de Benefícios, cujo nome me foge. Extremamente interessados, batalhadores e parceiros incríveis da Asbac- SPO.



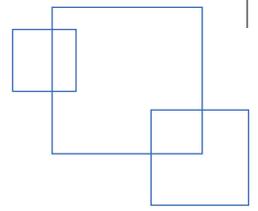
Considera que as atribuições da instituição, que surgia com braço de financeira para empréstimos e também de plano de saúde, além do lado social, cultural e esportivo, tinha muitos atrativos para atrair todo o funcionalismo do BC?

Certamente. Sendo a Asbac, entretanto, vinculada ao Banco, a adesão a ela era praticamente compulsória. Não para os funcionários experientes, vindos de outras instituições, mas pelos recém concursados (concurso de 1966), muitos dos quais pouco sabendo a respeito. Graças aos benefícios que a Asbac proporcionava e às atividades sócio-culturais e recreativas, logo e logicamente passou a ser de interesse geral.

De que se lembra ter participado da realização, na época?

Fui primeiramente Diretora de Benefícios e, depois, Diretora Social. Posteriormente, fui eleita Representante da Asbac- SPO junto à Diretoria da Sede. Na Área de Benefícios, participei praticamente do seu início em São Paulo, porquanto assumi o posto logo após a criação da Asbac- SPO. Era um segmento árduo. Havia casos graves de saúde, adiantamentos a serem concedidos, atendimentos em regime de urgência. Nem sempre se podia aguardar os trâmites burocráticos. Por isso, era necessário ter proatividade, empatia e coragem para assumir riscos. Não era fácil para alguém jovem e com pouca experiência. Assumi, depois, a Diretoria Social na sequência do primeiro Diretor, o Lincoln Marques Ribeiro. Essa área era bastante adequada ao meu perfil: festas, excursões, esporte. Lembro-me de alguns eventos. Excursão a Campos do Jordão, de ônibus: muitas adesões, inclusive do Delegado e família. Ficamos hospedados no Hotel Estoril, em Capivari. Aliás, "Seu Alves" e muitos Chefes sempre prestigiaram, com sua presença, todos os eventos que a Asbac proporcionava.

Excursão ao Rio, para assistirmos ao jogo Brasil X Paraguai, pela classificação para a Copa do Mundo de 1970. Brasil 1X 0, no Maracanã(*). Eram dois ônibus, com quase 70 pessoas no total. Hospedamo-nos no Hotel Savoy Othon, em Copacabana. A Diretoria do Rio nos ofereceu um almoço maravilhoso em Niterói, no Clube Samanguaiá. Festas de Final de Ano: ousávamos levar diversos ônibus até a Colônia de Férias do Satélite, em Itanhaém, graças ao "apadrinhamento" do Sr. Antônio Baptista de Oliveira, ex-Diretor daquele Clube dos Funcionários do Banco do Brasil. A alegria era garantida. Funcionários levavam as famílias, o Delegado e os seus sempre presentes. Havia diversas modalidades de jogos esportivos para adultos e outros direcionados às crianças. Um "buffet" de São Paulo, o Baiuca, localizado na Rua Maranhão, era encarregado de descer a serra com os comes e bebes para os dois dias de festa: um dia de churrasco e outro de almoço mais sofisticado, com direi-



to até a sorteio de carro. Todos os filhos de funcionários recebiam presentes, trazidos por um Papai Noel que vinha de carroça... Desfile de modas: muito concorrido, com um chá da tarde e um desfile de trajes de uma famosa "boutique", da especialista Hermantina Soares. O evento aconteceu no atual Hasbaya Clube, na Rua dos Franceses. Jogos de diversas modalidades eram disputados pelos funcionários das diferentes Divisões do Banco, na Rua Boa Vista e no Edifício Gazeta, ali perto do Viaduto Santa Ifigênia. Houve um convite do Banco América do Sul para que a Asbac levasse os times até sua Colônia de Férias, em Arujá, para uma disputa. Os esportistas da Asbac ganharam muitos dos jogos, mas perderam no ping-pong. No mesmo dia, houve um churrasco comemorativo.

Existe no registro que, depois de um ano de criação, a Asbac já tinha conseguido a associação de 90% do funcionalismo. Como você explica a façanha?

Pelos motivos que expus agora há pouco: era compulsória, por regulamento, a filiação.

Na área em que você mais contribuía, a de benefícios, quais eram os principais desafios?

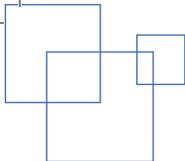
Já respondi alguma coisa, em questão anterior, mas vale acrescentar que, em determinado momento, os empréstimos foram suspensos. Soubemos com um dia de antecedência e conseguimos renovar vários deles para que os funcionários tivessem mais tempo para os quitar. O Diretor de Benefícios da Sede, muito nosso amigo, chamou isso, em tom de brincadeira, de "rasteira de paulista".

Pela característica de rotatividade das equipes dirigentes, muitas gerações de asbaqueanos acabam não tendo seus méritos e contribuições tão reconhecidas, e não se homenageou muitos personagens importantes para sua fundação e o desenvolvimento. Pode nos contar alguns casos de que tenha tomado conhecimento, para que possamos, de alguma forma, atenuar a injustiça?

Pedro Moura Maia, o primeiro Presidente da Asbac- SPO, foi esquecido. Para os diversos eventos que a Asbac- SPO realizava, não era sequer convidado. Faleceu magoado com isso. Carlos Noronha Gomes da Silva, Diretor da Asbac Nacional, também merece todas as homenagens pelo tanto que fez pela Associação.

Quais são suas melhores lembranças dos primeiros tempos da criação da Asbac paulista?

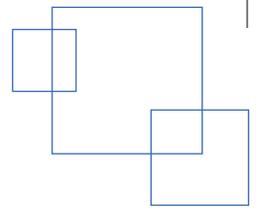
A primeira delas foi a da inauguração da Asbac em São Paulo e, também, a presença, na Sede da Associação, do então Presidente



do Banco Central, Dr. Ernane Galveas, até hoje vivo e atuante, Eu, nova de Banco, senti-me - e ainda me sinto - honradíssima em ter sido fotografada junto a ele.

Depois, as reuniões de Diretoria, sob a presidência do Sr. Pedro de Moura Maia. Sempre humano, disposto a fazer o que fosse necessário para o bem estar do funcionalismo. Sob a direção do Sr. José dos Santos da Costa as lembranças são as melhores, pois foi a época das grandes festas, dos eventos esportivos e culturais, das excursões, de um grande conagraçamento dos funcionários. Havia uma grande amizade entre todos os trabalhadores, sem distinção entre aqueles que tinham vindo de outras instituições e os do primeiro concurso. Da excursão ao Rio, para o jogo Brasil X Paraguai, recordo-me da entrada no Maracanã, com todos nós de mãos dadas, em razão de elevadíssimo número de torcedores presentes. Ainda guardo na memória que, ao retornarmos no domingo para São Paulo, em dois ônibus e logo após o jogo, ficamos sabendo na estrada que o então Presidente da República, General Artur da Costa e Silva, há tempos doente, havia falecido. Entendemos que, na segunda-feira, seria feriado e, portanto, que não haveria expediente no Banco Central. Assim, como estávamos viajando pela madrugada, nem comparecemos ao Banco. Qual não foi minha surpresa quando fui chamada às pressas na segunda-feira para dirigir-me ao trabalho, pois a morte de Costa e Silva tinha sido um boato? Se fosse hoje, fake news... Lembro-me também que foi o Sergio Paulo Teixeira de Oliveira, da Reban/Subof, o ganhador de um carro sorteado pela Sede. Assim que ele soube do resultado do sorteio, prontificou-se a ir buscá-lo no Rio. E o vendeu, em seguida, ao colega da Recri, Hermando de Oliveira Mello. Era um fusca... Outra fase boa da Asbac- SPO foi a inauguração do Clube de Campo de Guarapiranga. Havia grande participação do funcionalismo, o que criava muita familiaridade e amizade entre todos. Eram as atividades esportivas: tênis, futebol, natação, windsurf na represa, campeonatos de buraco. Eram os almoços deliciosos, sob a batuta da concessionária gerida pelo Antonio Carlos, eram as aulas de natação e de windsurf com o mestre Nestor. Programa para todos os finais de semana. Lembro-me também das visitas à biblioteca da Asbac- SPO, tão bem montada. Quantos livros li, quantas informações importantes ali obtive! Recordações há muitas daqueles primeiros tempos, tempos de dedicação, de realização pessoal e profissional e de muitas alegrias e amizades.

Você trilhou uma história bonita no Banco Central, e chegou ao patamar dos dirigentes mais graduados – o que era incomum, nos primeiros tempos-- . No século passado, quando mulheres



conseguiam galgar postos muito altos, por conta das suas muitas funções, supunha-se que tinha sido às custas de sua vida pessoal. Você considera que pagou esse preço, também?

Fiz o primeiro concurso do Banco Central e me foi dado escolher entre o Rio, Sede, ou São Paulo. Optei por São Paulo, mais próxima de minha cidade natal, Guaratinguetá. Ingressei no Banco em Jan67. A única funcionária mulher da Delegacia era Dona Heloísa Negreiros de Castro, vinda do Banco do Brasil (Sumoc). No mesmo dia em que eu, tomou posse a Hélia Clivatti Arantes.

Depois, chegou a Nilza Mello, filha de um funcionário do BB. O Delegado Regional, Sr. Benedito de Oliveira Alves, por coincidência, era meu conterrâneo, conhecido de minha família. Fomos, as três funcionárias, destacadas para trabalhar na Reban/Subof, cujo Chefe da Divisão, Mario Olivani, foi quem nos aceitou. 15 dias após a minha posse, já passei a substituir um funcionário comissionado, que havia saído em férias, o Edson Gonçalves Otero. Na Divisão, diziam que nós mulheres trabalhávamos como os homens... No segundo semestre de 1967, já fiz cursinho preparatório para o vestibular e, em 1968, comecei a cursar a FEA/USP. Portanto, longe da família, trabalhando e estudando, minha vida pessoal se resumia aos amigos do Banco e da Faculdade. Não houve sacrifício. Sempre agradecei à vida por me ter proporcionado trabalhar no Banco Central e conviver com quem convivi. Enfrentei alguns preconceitos, por vezes não tive maturidade, mas sempre houve quem, despretensiosamente, me ajudasse a corrigir as falhas. Posso citar, sem medo de errar, dois deles: Francisco Raimundo Domingues Castro e Antenor Araken Caldas Faria.

*1) 31 de agosto de 1969 – Brasil 1 x 0 Paraguai (183.341); até hoje, o jogo com maior público na história do Maracanã.



Vestida de branco e olhando para a câmera, Aquilina Luiza se reúne com os dirigentes paulistas Rui Brochieri, Nilza Mello, Pedro Maia, José Eduardo Gonçalves e Geraldo Guimarães

Clemente Preciado, funcionário da primeira leva do BC e cirurgião-dentista na 1ª equipe da Asbac

“Os funcionários sempre tinham confiança que nossos tratamentos eram de alto nível”

Incluído na 1ª equipe que viria a ser o protótipo do Pasbc, Preciado revela nesta entrevista como foi criado o serviço odontológico, que ainda trabalha muito e leva vida saudável, e que ganhou e gastou muito. E confidencia: “pode morrer que viveu a vida”

O senhor esteve na primeira turma de cirurgiões-dentistas que atenderam os funcionários assim que o programa de saúde passou a ser gerido pela Asbac. Como foi essa experiência? Estava no lugar certo na hora certa? Já era funcionário do Banco Central? Como se deu seu recrutamento?

Estive na primeira turma, um pouco ansioso com a nova experiência, mas estava no lugar certo na hora certa. Era funcionário do Banco do Brasil para o Bacen. Estava no BB em Chapecó- SC, quando fui requisitado para o Bacen.



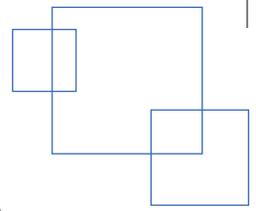
Ainda curtindo a atividade odontológica, Preciado posa em sua sala de espera

Como era seu estilo de vida, quando entrou no Banco Central?

Adorava esporte, minha família toda era de nadadores. Todo mundo nadava e competia. Em 1953, fui à final do campeonato brasileiro, e tirei 2º lugar. Mas casei cedo, e tive três filhos. Hoje, tenho netos de 26 anos.

Como se tratava de um serviço novo, como contribuiu para estruturá-lo? A administração auxiliava, tinha intenção de que fosse efetivado, na Associação?

Ao chegar à Instituição, já me requisitavam para auxiliar no antigo NASPE, que foi o início para os tratamentos dentários dos funcionários. Na ocasião, o primeiro a pedir auxílio foi o Sr Sergio Pinha, que estava



à disposição do NASPE, do serviço médico. E o segundo foi o Sr. Alfeu Escarpeli. A Administração não tinha intenção de me efetivar.

Como foi o interesse dos funcionários, nesses primeiros tempos, de se tratarem com um dentista "da casa"?

Montou logo uma equipe?

Como já era funcionário, e houve a intenção da Asbac de montar consultório para atender os funcionários, assim foi feito. Montamos o primeiro consultório em 1968 e tive a honra de chefiar a clínica para atendimento de segunda a sábado. Inicialmente, trabalhamos com os seguintes dentistas: Dr. Amim Bedran, Dr. Alcir, Dr. Edvar e, um ano depois, montamos o segundo consultório, e para os atendimentos foram acrescentados os Drs. Álvaro Peres e Fausto Barbuto. O interesse para atendimento era enorme, vivia cheio.

O senhor tinha alguma especialidade na época, ou era clínico geral? Como fazia para tratar casos específicos de especialidades, como ortodontia, periodontia ou tratamentos de canal?

Era especialista em Ortodontia, mas sempre fiz atendimento em clínica geral. Atendimentos desta especialidade não eram feitos nesta Associação.

Quanto tempo chegou a desenvolver os tratamentos pela Asbac, até que fosse o serviço passado para o programa de saúde gerenciado pelo Fasje, do Banco Central?

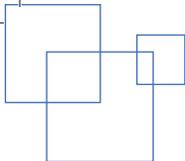
Acho que foi até o final de 1967 até 1974; depois disso, virei o perito do Programa, no Rio. O único que virou perito; os demais foram devolvidos aos setores de origem.

Além de funcionários, vocês atendiam também aos familiares? Existia a facilidade de poder ser realizado o tratamento dentro do horário de expediente, ou os funcionários tinham que procurar horários alternativos?

Atendíamos aos familiares também. Os atendimentos eram nos horários de expediente e, muitas vezes, na hora do almoço ou aos sábados.

Como foi sua atuação, depois que esse serviço passou a ser realizado em outras praças, como Brasília e São Paulo, por exemplo?

O Dr. Robson da Rocha, que trabalhava também na Asbac e era militar, foi transferido para Brasília, passando a fazer as perícias neste local. Em São Paulo, esse atendimento era realizado com o Dr. José Maria Jacinto, que ainda é credenciado como profissional, depois de aposentado como servidor.



Como avalia que era o perfil dos funcionários e familiares, naquela época: críticos, observadores atentos, ou confiantes de que os tratamentos iriam ser realizados segundo as melhores técnicas e alto padrão?

Com certeza estavam confiantes e sabiam que o atendimento era em alto padrão.

Como era funcionário do Banco Central, e estava emprestado à Asbac, era de alguma forma tratado diferentemente, quanto à sua carreira no Banco? Que regalias tinha, além das de um escriturário regular?

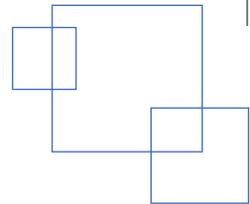
Continuei como auxiliar técnico, com as mesmas regalias de um escriturário regular.

Quando deixou de realizar tratamentos, e a função odontológica passou para o serviço médico do Banco, sua atividade passou a ser a de perito, e a supervisionar tratamentos de cirurgiões-dentistas credenciados, foi isso?

Transferimos o consultório dentário para a Sede do serviço médico, situado na Av. Presidente Vargas, 84 - 2º andar. Minha atividade passou a ser de perito e supervisor dos tratamentos dos Cirurgiões-Dentistas credenciados.



Clemente Preciado, em atuação, em 1969, no Rio de Janeiro



Notícia da inauguração do consultório, em 1969

Com quantos anos se aposentou do BC? Gostava de seu trabalho?

Devido à insalubridade que contou o tempo desde que estava na Asbac como dentista, foi possível me aposentar com 25 anos de casa e 50 anos de idade.

Como continuou sendo sua relação com a odontologia? Ainda a exerce? Quais são suas preocupações, hoje em dia?

Minha paixão: trabalho muito até hoje, praticamente todo dia. Minha única preocupação maior, hoje, é com meu filho que precisa de cuidados especiais. Mas vou levando a vida em frente.

Ainda conserva clientes que conheceu naquela época de Asbac?

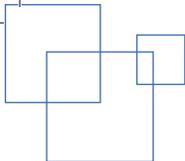
Como eu era novo, muitas pessoas que me procuravam continuam sendo minhas clientes. Atualmente ainda possui muitos clientes do Banco.

Conte-nos uma experiência inesquecível por que passou, naqueles tempos.

Nunca passei por uma experiência ruim, nos tempos de Asbac. Mas algumas me deram a oportunidade de conhecer melhor as pessoas, e ter certeza de que minha formação foi uma das melhores heranças que recebi de meus pais.

Considera que está exercendo uma vida produtiva e prazerosa?

Ganhei muito dinheiro, e também gastei muito. Sempre gostei muito de viajar, e viajei pelo mundo todo. Mês que vem vou completar 78 anos, e estou voltando para a academia, para as atividades de que sempre gostei. Como já disse para minha mulher, "posso morrer que vivi a vida".



Dênio Chagas Nogueira, primeiro Presidente do Banco Central do Brasil

Participação de Cristina Maria de Souza e Silva
e Mário Márcio Damasco, em 8 de junho de 1995

“A Asbac é outro orgulho que coleciono na minha trajetória”

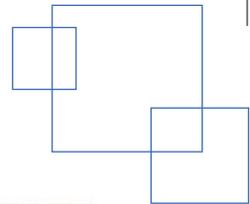
Mesmo que nada mais tivesse feito em seus 76 anos de vida, Dênio Chagas Nogueira seria sempre lembrado pela obstinação com que lutou por sua principal causa: criar o BC. Nesta que é uma de suas últimas entrevistas, feita originalmente para o trabalho “30 anos de BC nas primeiras páginas dos jornais”, Dênio fala de sua vida, as dificuldades que enfrentou como primeiro presidente da instituição, se solta em irreverências que a idade lhe permite, pede licença para abotoar o paletó, “se não fico parecendo muito populista”, professa sua imodéstia com a dimensão e importância adquiridas por sua “criatura”, gosta quando a beleza de sua mulher é elogiada (“sempre tive bom gosto”), e também exalta a alegria de ter sido decisivo na criação da Asbac

O senhor está com uma aparência diferente da conhecida, deixou a barba. Parece mais jovial, saudável.

Obrigado. A barba foi cuidar do câncer, pois o único sintoma que eu tive foi um emagrecimento muito rápido. Então essa ruga que tenho aqui começou a juntar com a de baixo feito aquele boneco que apareceu muito tempo na televisão, o Fofão. Bem, estava me achando a cara do Fofão. Já basta a gente ser burro, mas ter cara de burro aí é demais. (risos)

O senhor nasceu em berço de ouro?

Não venho de família rica. Meu pai era militar, reformou-se em 1930 porque era coronel gaúcho e não queria lutar contra o RS, já que a revolução foi contra o RS. Ele foi o primeiro lugar da primeira turma da Missão Francesa, quando veio para o Brasil. Então ficamos naquela situação, salário de reformado, não havia reajustamento. Não pedíamos esmola, mas vivíamos modestamente.



Como encaminhou sua vocação?

A família era grande. Éramos sete irmãos, quatro homens e três mulheres. Os dois mais velhos e eu tínhamos feito escola e colégio militar e já éramos oficiais do exército. A tendência normal minha era a de seguir a carreira militar do meu pai e dos irmãos. Então, quando acabei o colégio militar prestei exame de admissão para a escola militar. Mas fui reprovado no exame de vista.

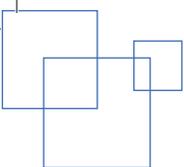
Eles eram muito severos?

A reprovação foi engraçadíssima. Como eu tinha a vista cansada, havia uma tolerância, na escola militar. Podia ser miope até certo grau, eu tinha um décimo acima desse grau.

Então, pedi ao meu pai, que já sabia disso, um pistolão, um médico militar que tinha servido com ele, para conversar com o chefe da banca médica da escola militar, no exame, para ver se dava uma concessão para eu passar. E de fato sei que ele recebeu o pedido. Ocorre que um outro colega meu de colégio que era muito alto e muito magro, e a relação peso e altura estava fora da norma, também tinha um pistolão com o chefe da banca. Então lá estou com o dr.Galvão, cujo apelido era dr. Gogol, porque tinha passado há pouco tempo no Rio um filme chamado "Dr. Gogol, o médico louco". Então, na hora do exame, eles chamavam na ordem alfabética. Esse que era magro era Darcy, tinha um outro Délcio, e logo em seguida era eu. O Darcy fez exame de vista, tinha boa vista, e não teve problema. Dai ele chamou o Délcio; o Délcio não era miope, era cego. O Délcio não conseguia ler nem a primeira fila daquele quadro padrão de exame oftalmológico, com as letras enormes. Então, o médico virou-se para o Délcio, e falou: "Menino, você deve estar muito nervoso; senta lá um pouco que depois eu chamo de novo". O "senta lá um pouco" era numa cama bem embaixo do quadro que ele mandava a gente ler. Ai ele me chamou. Eu li até a quarta fila; o limite era a terceira. No fim do dia, me reprovaram, e o Délcio também reprovaram. Cheguei em casa, falei com o meu pai, e ele então ligou para o médico amigo dele que tinha pedido pistolão. O médico disse a ele no dia seguinte que o Dr. Gogol mandou lhe dizer que se o Dênio não merecesse ser reprovado por ser cego, merecia por ser burro, porque o mandou sentar em baixo para decorar aquelas 5 letras e ele não entendeu. Quer dizer, ele confundiu



Dênio na capa, em encontro com Castelo Branco: número em homenagem ao presidente morto, em 1967



o meu nome com o do Délio, que era quase cego. Por causa disso, não sou militar. Precisei fazer dois anos de colégio complementar para fazer o vestibular. E era para engenharia que eu ia fazer. Então, quando eu já estava fazendo o complementar, meu pai me chamou e disse: não vai dar para eu manter você na escola de engenharia por cinco anos sem trabalhar. Naquela época não tinha ajuda de custo. Então, você vai ter que escolher uma outra carreira que você possa estudar à noite. A única que me atraiu, e era uma das poucas que tinha, no curso noturno, era Economia.

O senhor fez pós-graduação nos EUA, não é isso?

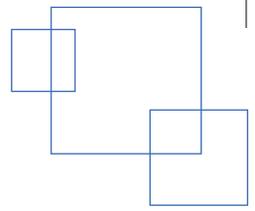
Sim, fiz pós na Universidade do Michigan.

Supomos que lá o senhor tenha tomado contato com muitos economistas renomados. Com quais o senhor se impressionou mais?

O mais conhecido deles é o Boulding¹. Ele é autor do Flying System. Esse livro foi traduzido para o português e foi livro-texto das faculdades de Economia do Brasil. Ele era professor consagrado. Outro, que era professor de Macroeconomia, era Ackley (2), que foi depois membro do Council of Economics Advisers. A faculdade de maior prestígio no Michigan era a de Botânica, considerada a melhor dos EUA. Economia estava entre as melhores, mas a de Chicago era melhor, Harvard era melhor, mas estava naquele mesmo nível, um pouco abaixo deles.



Dênio, depois de deixar a equipe econômica: opiniões irreverentes e relaxadas.

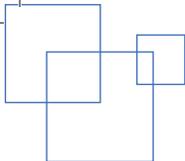


Como era sua vida no estrangeiro?

Vivia com duzentos dólares por mês na fronteira com o Canadá, a 60 milhas de Detroit, pegando 16, 18" abaixo de zero e, para economizar, não tomava ônibus. Depois das aulas da manhã, ia direto para a biblioteca e ficava até as seis horas. . No caminho, comprava um saco de maçã – a coisa mais barata no inverno dos EUA, mas que não alimentava nada. – e enchia o estômago até o dia seguinte. Alugava um quarto na casa de um pintor de parede que ficava a uns quatro km da cidade. Para economizar, ia a pé até o centro com 16" abaixo de zero. Chegava lá com os pés congelados e tinha que ficar meia hora me esquentando para ver se podia pensar em alguma coisa. Foi duríssimo, vocês não fazem ideia. Hoje, os bolsistas vão para os EUA como milionários. Os bolsistas brasileiros, especialmente os do Banco Central, chegam lá ganhando mais que os professores americanos.

Como se seu o ingresso no Conselho Nacional de Economia?

Quando completei o curso de mestrado nos EUA, voltei para o Brasil. Tinha feito concurso para estatístico logo que saiu o resultado em que fui reprovado no exame de saúde da Escola Militar. Tinha que trabalhar para ajudar em casa, meu pai tinha sete filhos. Fui aprovado em 35º lugar nesse concurso, mesmo sem nunca ter estudado estatística na vida. De 800 candidatos, 80 passaram. Os primeiros classificados foram para o Ministério da Fazenda. Não tinha feito curso de pós-graduação ainda, então esperei mais uns dois ou três meses e fui nomeado para o Ministério da Educação, para estatística de Educação, que não me interessava nada. Ai me candidatei a bolsa para ir aos EUA e ganhei. Era o governo Dutra, um dos caras mais burros que já vi na vida. Quando voltei, pretendi ser transferido para o Ministério da Fazenda. Era formado e tinha mestrado em Economia, e não tinha nada que fazer no Ministério da Educação. Mas no Brasil tem dessas coisas. Não conseguia, já estava ficando frustrado. Um dia, encontrei um ex-professor de política fiscal que gostava muito de mim e trabalhava com o Bulhões. Eu morava em Copacabana, e os ônibus paravam à meia noite e voltavam a funcionar às 6 da manhã. Eu acordava às 4h15 da manhã, chegava em casa às 23h30, que eu estudava à noite. Saía de casa às 4h30, tomava três bondes, de Copacabana até São Cristóvão. Então, vivia dormindo. Disse ao professor que estava formado e que havia feito um estudo sobre as causas de inflação no Brasil. Ele me pediu para ligar para ele mas foi complicadíssimo. O Brasil era – e é até hoje – uma anedota, com suas leis e proibições. O Bulhões leu e percebeu que meu trabalho sobre inflação estava certo e, como havia acabado de ser criado o Conselho Nacional de Economia, me perguntou: "Quer ir comigo para o Conselho?". Dei um salto e disse que sim.

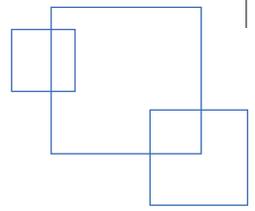


Recorda-se de onde foi instalado o primeiro Banco Central?

O primeiro Banco Central foi na Presidente Vargas, 84. Eu nem cheguei a ter escritório lá. Na transição, já estava em obras mas aí o Costa e Silva resolveu não respeitar meu mandato. O prédio era na Candelária, no Rio, no Edifício Leonardo Truda. Um prediozinho vagabundo que existe até hoje, na esquina da Primeiro de Março., em frente à antiga agência central sede do Banco do Brasil que é hoje o Centro Cultural do BB.

Como foi formada a primeira diretoria?

Tinha o Casimiro Ribeiro no Redesconto, o Aldo Franco, o Biolchini e eu. O Aldo Franco era diretor da Cacex e, como não incluímos a Cacex no organograma do Banco Central, ele ficou meio frustrado, já que era contra. Eu aí chamo o diretor de Câmbio do Banco do Brasil e disse a ele: "Olha aqui, o ministro não está satisfeito com sua contribuição, e nós também. Compreendo sua posição, você vem de uma época em que câmbio era polícia, quer dizer, administração de câmbio era polícia na rua. E nós achamos que administração cambial não tem nada a ver com polícia. Tem a ver com medidas corretas na área monetária. Que câmbio não é outra coisa se não moeda. Então, eu acho que você está sobrando aqui. Então, se fosse você, pedia demissão". Ele era diretor interino de câmbio, que o diretor principal tinha se matado. Era um homem seriíssimo, imediatamente se demitiu. Aí apareceu um outro nome, que era genro do presidente do Banco da Bahia, Clemente Mariani, que tinha sido ministro da Fazenda mais de uma vez, e ministro da Educação. Um homem fantástico, que indicou ao Bulhões o genro dele, um rapaz nascido na Suíça e que trabalhava no Banco da Bahia, que era do Clemente Mariani, na parte de câmbio. A gente imaginava que o cara era de ideias arejadas em matéria de câmbio. O cara era pior, era mais intervencionista em câmbio do que o anterior, que havia se matado. Isso não era nada. Só quem conhecia o Bulhões percebia. Ele era suíço e nem era nem naturalizado. O nome dele chegou a ir ao Senado e antes (risos) de chegar às comissões, constatamos que ele era suíço, não era brasileiro e não podia exercer o cargo. Aí apareceu o Biolchini, o Luis Biolchini. Era diretor de câmbio do Banco Boa Vista, que era um banco pequeno e hoje é um dos bancos com maior crescimento em lucratividade. Ele tinha acabado de fazer uma operação e tinha tirado, devo estar exagerando, 9 décimos do estômago, numa operação de úlcera. Nós o convencemos a arriscar a vida nos ajudando na parte cambial. Esse sujeito é – ainda é vivo – fantástico como pessoa humana, técnico, como honestidade, seriedade. Infelizmente, só ficou conosco um ano e meio, dois anos, e teve seu estado de saúde agravado e se afastou. Assim foi constituído o Banco Central, com esses percalços todos.



Quem eram os idealizadores da economia da época?

Muitas delas partiam do Bulhões, muitas delas de cada um de nós. Todos debatíamos e discutíamos nas reuniões de diretoria. Quando sentíamos que devíamos tomar uma medida, preparávamos uma minuta – na época chamada de instrução da Sumoc e hoje Resolução do Banco Central – e submetíamos ao Bulhões antes e, sempre que houvesse acordo, mandávamos ao Conselho Monetário.

Na época, não havia condições para testar medidas menos ortodoxas, as chamadas mágicas na economia, não é mesmo?

Na época, não havia esse negócio de planos econômicos mirabolantes. Era o liberalismo econômico e monetário, quer dizer, acreditávamos nas medidas que controlavam o câmbio, não havia o "pode ser, pode não ser", controlávamos com as medidas econômicas mais a taxa de câmbio e da moeda, o restante se organizava como vocês estão fazendo agora.

A quanto caminhava a inflação, em 1964?

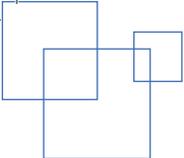
Não me lembro agora, mas ela caiu para menos de metade em pouco mais de um ano. Estou acabando de ler o depoimento do Roberto Campos e li ontem um dado que apresentava a inflação anual de quando começou o Banco Central como sendo de 30%, se não estou enganado. Quando entramos, passamos a 6% ao ano, isso quer dizer menos de 0,5% ao mês.

Quais eram as principais pressões do cargo?

As que mais sentia vinham principalmente dos estados, dos bancos estaduais, que amarrávamos muito para evitar as emissões. Porque o Banco Central não tem caixa; e o Banespa agora não tem como saldar seus compromissos e o BC empresta, é como se o BC estivesse emitindo papel-moeda. Tínhamos esse problema, com todos os bancos estaduais. O país também, quando recebemos do Jango, estava numa virtual moratória cambial: uma taxa de câmbio ultra-supervalorizada. Então, tínhamos de ir atualizando para ela ficar num nível de equilíbrio. Isso é inflacionário também. Todas essas medidas, para serem tomadas, tinham que ser compensadas do lado monetário para reduzir o efeito monetário, ou se possível anular. Às vezes, a medida era tão forte que não podia anular, mas através da política monetária a gente reduzia o efeito inflacionário.

Como o senhor explica que o Crédito rural tenha ido parar no BC?

A mesma coisa que está acontecendo hoje, o pessoal do crédito rural querer subsídio na taxa de juros, tinha naquela ocasião. Então, a pressão sobre o Congresso, o ministro da Agricultura, sobre o ministro da Fazenda, todos os cargos políticos, era muito grande para



subsidiar a agricultura através do juro. Não discuto que você subsidiasse, mas nunca através da taxa de juros. Ela é uma coisa séria demais para que possa ser manuseada de acordo com o grau de subsídio que se queira dar a um setor. Então, levei para o BC para impedir que houvesse subsídio a taxa de juros através do Banco do Brasil, ou Ministério da Fazenda ou o que fosse, pois o Banco Central, tendo independência, teria condições de recusar. É como foi feito. O BC não ia examinar pedido de crédito de qualquer empresa de crédito rural. Era como se fosse um redesconto especial ao empréstimo bancário. Esse redesconto estabelecia a taxa mínima de redesconto. O juro podia ser mais alto, mas mais baixo não podia, porque o Banco do empréstimo perdia dinheiro. Então, foi como se fosse um redesconto especial para a agricultura. E redesconto o que é? Atividade do Banco Central. Eu, tendo independência, o único com essa regalia entre os cargos que lidavam com o assunto, garanti que não fosse por subsídio.

Como se deu sua saída do BC?

Preferia não comentar. Isso envolve problemas políticos. Renunciei ao mandato. O Costa e Silva mandou um projeto de lei acabando com o mandato. Quer dizer, sentimos que éramos personas non gratas no governo Costa e Silva. É isso mesmo, mas estou eliminando as coisas que não podem ser ditas, pelo menos ainda não. Percebemos que o Costa e Silva queria mudar tudo. Ai, das duas uma: ou peço demissão, e aí havia duas possibilidades, o Costa e Silva fechava o Banco Central – estávamos num período revolucionário – ou então mandava uma lei acabando com a independência do Banco Central. Então ele tinha poder na revolução de ou acabar com o mandato da diretoria, que era inútil a gente querer brigar com ele ou, pior ainda, fechar o Banco Central. Não tinha dúvida que ele teria coragem de fazer isso. Uma luta que vinha há mais de quarenta anos no Brasil se perderia. Então, era melhor nós tomarmos a iniciativa de abrir mão do direito de continuar como diretores do Banco Central.

Como o senhor analisa o governo Castelo Branco?

Diria que a profissão do administrador público não é importante, a pessoa é importante. Sou suspeito, mas considero de longe o melhor que o Brasil já teve. Não há governo que se compare com o de Castelo Branco. O Brasil modernizou-se, toda essa legislação que você vê hoje, o open market, não só no setor econômico mas em todos os setores, tudo isso foi

gestado, decretado, passado por lei para o Congresso no governo dele. Havia um respeito muito grande à figura dele. Era um homem de fato extraordinário.

Como o senhor enxerga a questão da quarentena dos dirigentes?

Acho que dirigentes do Banco Central têm o mesmo direito que o Ministro da Saúde tem quando deixa o ministério e vai ser diretor em hospital, ou o ministro da Indústria e Comércio sai e vai ser diretor de uma indústria: ingressar no mercado financeiro. Veja, o que é importante é que as pessoas que vão para esses cargos devem ser pessoas sérias. Se a pessoa é séria, não vai sujar seu nome levando segredos do Banco Central para a administração privada. Há uma solução intermediária: há países, se não me engano os EUA fazem isso, que dão o mandato para a diretoria do Federal Reserve de quatorze anos. Tenho a ideia, não juro que seja, que um diretor do Federal Reserve quando sai, mesmo que termine o seu mandato, tem sete anos pagos como era pago como diretor e no fim desse período fica livre para fazer qualquer coisa. Veja só: a profissão do indivíduo gira em torno de moeda, créditos, essas coisas, se ele fica proibido de exercer a profissão vai fazer o quê? Vai pedir, esmolar? Ou vai roubar dentro do Banco Central para quando sair não ter que pedir esmola?



Dênio, como o repórter Clovis Naconecy, em jun95

O senhor acha fundamental a Independência do Banco Central?

Sem o Banco Central independente, não acaba a inflação. Eu o fiz independente. Pela Lei 4595, os presidentes tinham mandato de seis anos e escalonados, de tal maneira que só podia trocar um por ano, ou serem reconduzidos. O Castelo Branco me deu o mandato de seis anos, eu só tirei dois anos e meio porque tivemos o Costa e Silva, um gênio da burrice que devia ter dor de cabeça quando dormia.

E a invenção da Asbac, como se deu?

Foi na verdade uma consequência natural de ter iniciado uma instituição do porte como o Banco Central teria, e já tem. Teria que ser constituído um arcabouço de facilidades e conveniências que seres humanos de alto nível, que iriam constituir o BC, precisariam para formar uma coletividade coesa, integrada, e com os direitos básicos de socialização e possibilidades de acesso a saúde e cré-

ditos, sem precisar recorrer ao mercado. Uma instituição sua, feito pelos seus. É outro orgulho que coleciono em minha trajetória.

Depois de sua saída do BC, o senhor investiu muito na carreira acadêmica. Como tem sido sua produção na área?

Já escrevi três livros e estou começando o quarto. Um deles tem um título em inglês, a pedido de uma editora inglesa que se chama Joint International Business Ventures in Brazil, quer dizer, Empresas de Capital Misto no Brasil. O outro foi "Raízes de uma Nação", de umas 500 páginas, que escrevi depois que saí do governo e fui lecionar História Econômica do Brasil. Ele mostra o Brasil o que é e por que é, juntando a parte política com a econômica. Outro foi editado pela Fundação Getúlio Vargas. Agora estou querendo escrever mais um, que não tem título ainda, que poderá ser o livro para a Economia Brasileira Contemporânea, que é uma das cadeiras da Faculdade de Economia. Mas vai ficar como uma herança, já que me aposentei da universidade agora em dezembro.

Olhando para trás, avaliando tudo o que precisou ser construído, como o senhor enxerga o Banco Central como está configurado hoje em dia?

É excelente com essa diretoria atual, diria até que me orgulho em ser brasileiro pelo fato de ter um Banco Central como temos atualmente. Me orgulho muito de ter sido o criador do Banco Central.

¹ Boulding, Kenneth Ewart nascido na Inglaterra, autor de varias publicações na área de economia e foi professor de Michigan.

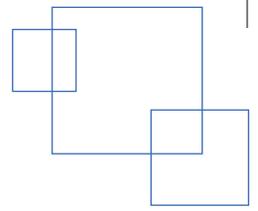
² Ackley, Hugh Gardner foi autor de livro de macroeconomia muito utilizado pelas escolas de economia do Brasil nas décadas de 50/60. Foi conselheiro na área de economia de alguns presidentes norte americanos (Council of Economic Advisers) e professor em Michigan.

A Asbac na minha vida

A Asbac me lembra bons momentos, festas animadas, boa comida, muita dança e gargalhadas. Um clima amigável e divertido. Chegávamos a Guarapiranga e nos divertíamos muito num ambiente de total alegria e confiança. Bercinhos para as crianças descansarem e mães e pais cuidarem das unhas, cabelos ou se divertirem. Os filhos guardam boas lembranças, bem como a família que curtiu almoços e churrascos

Léa Maria Arruda, Asbac-SPO





Eduardo Augusto Roxo Pereira, integrante
da Assembleia que criou a Asbac

“Comissão que criou a Asbac exalava generalizada e animada efervescência criativa”

Um dos subscritores sobreviventes da reunião que selou nascimento da Associação, Roxo dedica-se hoje às artes plásticas, à música, aos livros, à equitação e, mais recentemente, à militância política no whatsapp. Em meio a tanta atividade, nos conta nesta entrevista que, depois desse episódio da Asbac, focou mais na carreira do BC, e que teve existência muito produtiva dentro e fora do BC

Como começou sua carreira profissional?

Como primeiro emprego, com a expectativa de nele progredir profissionalmente.

Era sua inclinação desde novo, trabalhar numa instituição cheia de hierarquia e burocrática?

Decerto que sim, pois assim ocorrera com meu pai, que sempre me pareceu muito ajustado à sua carreira no Banco do Brasil.

Qual era a profissão de seus pais?

Bancário e “do lar”.

E o encaminhamento até a criação do Banco Central, como foi levado a atuar nas primeiras atribuições do Banco Central, ainda pertencendo oficialmente à instituição anterior?

Sem solavancos, porquanto era funcionário da extinta Sumoc.

O que levou o senhor ser escolhido a estar numa comissão para criar uma entidade para dar assistência financeira, de saúde, e ainda ser um braço social, cultural e esportivo dos funcionários do BC?

Talvez a confiança, certamente demasiado benevolente, em mim depositada por chefes de altíssima categoria, como v.g. Onofre Bogado Leite.

Consta, e foi relatado pelo chefe de gabinete do presidente Dênio Nogueira, Levy Moura, que o trabalho dessa comissão durou exatos 13 dias. O senhor se recorda de detalhes dessa reunião?

Foram deletados da minha memória.

Qual era o espírito?

Lembro-me de uma generalizada e animada efervescência criativa.



Tinha-se liberdade para incluir o máximo de benefícios nesse guarda-chuva?

Se não me engano, havia sim esse tipo de liberdade.

Depois que a Asbac foi fundada e se sedimentou no seio da comunidade do Banco Central, qual era a sensação para quem se associava?

Penso que principalmente a de tranquilo pertencimento a um grupo conhecido, sem contrastes sociais desconfortáveis.

De ter o conforto de ter todos seus anseios pessoais e comunitários bem atendidos?

"Todos" não tenho certeza; mas certamente muitos; ou a maioria.

Depois da criação da Asbac, o senhor ficou propenso a se engajar entre suas primeiras direções, ou se limitou ao papel de pioneiro e pensador da entidade?

Engajamento, não; sempre estava mais voltado para os trabalhos do Banco.

Quem conheceu, naqueles primeiros tempos de Asbac, entre os que levaram à frente todas suas atribuições, delimitadas em estatuto?

Além do especialíssimo Bogado, vários outros, que ora infelizmente me fogem da memória.

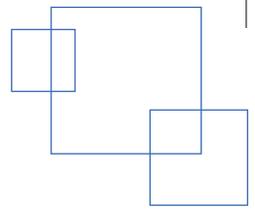
O que acha deles?

Pelo que me recordo, excelentes pessoas, cidadãos, profissionais.

Mantiveram seus pendores comunitários e de luta por melhores condições pela continuação de suas carreiras?

Certamente sim.

¹Roxo, hoje em dia: equitação e redes digitais



E sobre sua carreira, à parte esse parágrafo bonito que foi a fundação da Asbac, que outros pontos altos o senhor considera ter vivido, e que pode nos contar?

O gerenciamento da montagem da pioneira unidade de organização e método do BC; a administração, por iniciativa e sob o competente comando do Diretor Berardinelli, da integralidade da montagem e o posterior gerenciamento da unidade fabril de porte significativo, voltada ao suprimento das demandas do Banco por produtos gráficos diversificados (o BC, por intermédio da DEMA/O/DIGRA-Divisão Gráfica, chegou a suprir-se de mais de 22 T/mês de material impresso de várias categorias e naturezas); a chefia do Demap, a convite do Diretor Paulo R. Franco Ferreira, após o que integrei-me, requisitado pelo ministro Delfim Neto, ao Programa Grande Carajás/Presidência da República.

E a vida particular, que reservou para o senhor?

Fui abençoado com uma família excelente, ótimos amigos e mestres, além de exposto a grandes desafios, profissionais e intelectuais, que me traquejaram para melhor compreender, na medida em que vim envelhecendo, meu universo real; enfim, graças a Deus, não tenho motivos para queixar-me da vida que tem vivido em mim.

Seus filhos ou netos também se deixaram seduzir em carreiras em instituições públicas?

Um dos dois, sim.

Tentaram realizar concursos?

Minha filha é Assessora Judiciária Federal, por concurso público.

Do país em que vive, o Brasil, que passa por um momento muito especial e de indefinição depois de uma situação dramática de destituição de presidente, que visão de futuro tem?

Intensamente intranquila e absolutamente misteriosa; até aqui, 518 anos após Cabral (o Pedro Álvares), nada garante que os brasileiros tenham conseguido criar sequer (A) um arremedo de uma civilização com bom grau de eficiência, eficácia e efetividade; (B) uma elite condutora (só conseguimos classes dominantes; e obtusas); (C) uma Pátria voltada para os anseios e os melhores destinos de Pindorama; (D) uma efetiva capacitação ideológica e operacional, mesmo nas classes dominantes, para proteger os patrimônios materiais e imateriais do Povo; (E) músculos e doutrinas suficientes para torná-los capazes de operacionalizar a defesa, contra ameaças externas e internas, das místicas, dos símbolos, dos valores da nacionalidade e das riquezas materiais e culturais da Terra Brasilis. Além disso, o Brasil jamais conseguiu implantar a República; e

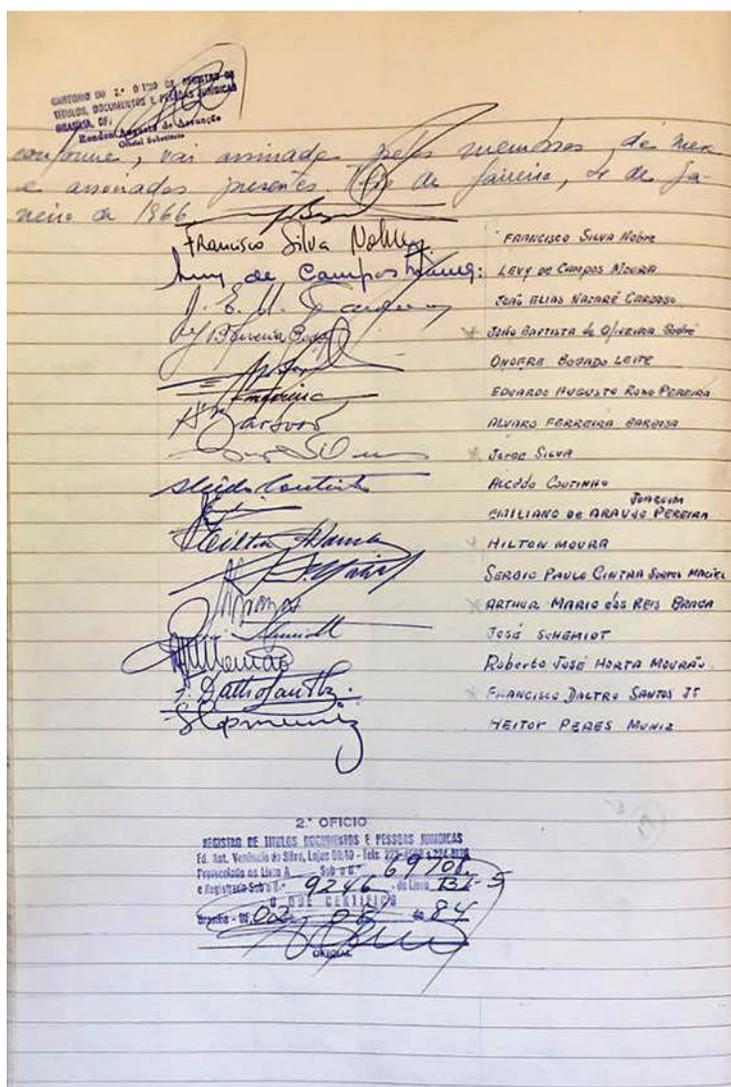
jamais deixou de perder oportunidades de perder oportunidades,
apud Roberto Campos.

No final das contas, que balanço o senhor faz da sua vida?

Até aqui, vivi uma relativamente boa e razoavelmente produtiva existência no Planeta.

O senhor é um homem feliz?

Ainda não consigo entender perfeitamente esse conceito.



Autógrafo de Roxo, o sexto, na assembleia de fundação da Asbac

Eunice Borges, membro efetivo Conselho Deliberativo
Asbac Nacional, Janeiro de 1995- Janeiro de 1998

Uma anapolitana que trouxe voz feminina ao gerenciamento nacional da Associação



Primeira mulher na direção da Asbac Nacional, Eunice credita seu êxito à qualidade da equipe, exalta suas realizações sociais do tempo em que foi diretora da Asbac carioca e conta, nesta entrevista, que as reuniões do Conselho Nacional, que presidiu, sempre se desenvolveram em ambiente amigável e respeitoso

**O que te levou a participar da vida associativa?
Como foi se interessar por dirigir uma associação de classe?
Tinha tido alguma experiência anterior?**

Recebi convites e me interessei. Por trabalhar em recursos humanos a vida inteira, era bastante conhecida, considerada e respeitada dentro do ambiente do Banco Central. Contei com o apoio durante a campanha, dentre tantos, do colega Marco Antonio Montenegro Beltrão (Montenegro), que fez toda a diferença em minha administração e minha vida em uma associação de classe.

Qual sua formação? Você é carioca?

Química, Comunicação, Pós-graduação em Recursos Humanos. Sou goiana de Anápolis-GO.

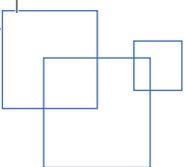
Você é oriunda de qual concurso? Como estava dirigindo sua carreira no Banco, antes de dividir com as funções de dirigente?

1977, em Brasília. Na época da Asbac, trabalhava na área de pessoal do BC-Rio.

Você considera que o fato de se dedicar a administrar a Asbac retardou seu progresso na carreira? Quando retomou as atividades no Banco, algo se modificou?

Não. Ao término da minha gestão, fui convidada a trabalhar no Câmbio onde, rapidamente, fui comissionada.

¹Eunice Borges, hoje em dia



Quando assumiu a Asbac-RJA, como diretora regional, o BC já havia retirado o subsídio com que sempre participou, até então, fazendo com que houvesse uma diminuição drástica nos orçamentos. Como isso impactou nos planos que você tinha?

Em demasia mas, a despeito de tudo, fizemos uma administração correta e com incremento do patrimônio dos associados com a inauguração das piscinas adulta e infantil da Sede de Andaraí, em abr92, que deu formatação final para o clube, aparelhando-o para os sócios, dentre tantas. Foi realizada a festa "Unforgettable", no clube Sírio Libanês lotado (que contava entre esses diretores com nosso excepcional Montenegro), em homenagem aos servidores do BC que completavam 15 anos de serviço, outorgando-lhes medalhas. Também foi implementada a reforma completa de Comary, com a construção de dois apartamentos especiais para a diretoria que estivesse de plantão. Neste mesmo período foi instituído também os happy hours, no 446 (maneira como o pessoal se referia à sede no prédio do Banco, na Av. Pres. Vargas). Outro ponto memorável desta administração foi o 1º Festival de Chopp da Asbac. A regional deve ter todos os registros em seus arquivos de nossas realizações na associação.

O que te levou a aceitar um cargo na Asbac Nacional? Teve que se mudar para Brasília?

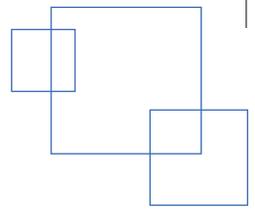
Não. Fui presidente do Conselho de Administração da Asbac Nacional e não havia necessidade de deslocamento e a consequente moradia na capital.

Conta um pouco de sua experiência como primeira mulher dirigente na esfera nacional numa instituição praticamente formada por homens.

Fui convidada a ser presidente na primeira reunião nacional do Conselho de Administração em um ambiente amigável e respeitoso.



Comandando reunião deliberativa nacional, em 1995: única mulher entre 27 presidentes



O que conseguiu realizar enquanto estava naquele posto?

Devem estar nos registros e arquivos da Asbac Nacional.

Rememorando aqueles tempos, qual é sua principal impressão?

O clima era mais de colaboracionismo ou era competitivo, com briga de egos, nas reuniões?

Reuniões amigáveis e com grandes colaborações de todos participantes.

De quem você guarda as melhores lembranças, como defensores da vida associativa, e como artífices para uma convivência melhor e coleguismo, entre tantas pessoas que conheceu?

Para mim, que assumi no momento que o BC retirou o subsídio com que sempre participou, até então, fazendo com que houvesse uma diminuição drástica nos orçamentos e cessão de funcionários, contar como os meus diretores Abelardo Duarte de Melo Sobrinho (Abelardo), Paulo José Adenes Junior (Adenes) e o colega e amigo Montenegro fez toda diferença para a continuidade de nossa administração regional e o merecido respeito dos colegas.

E sua vida particular, foi muito afetada por todos os compromissos dessa função associativa?

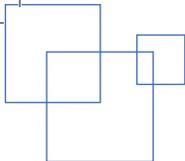
Não. Absolutamente nada.

Em que medida essa experiência agregou na sua vida? Guardou muitos contatos? Fez muitas amizades? Elas duram até hoje?

Repito: o Abelardo, o Adenes e o Montenegro foram figuras importantíssimas em nossa administração. Sem eles, acredito, não teríamos conseguido administrar tão bem a Asbac-RJA com tantas adversidades vividas naquele momento, não só pela falta de recursos, como ausência de apoios tão fundamentais como o funcional e o associativo. Somos amigos até hoje e guardamos um carinho profundo entre nós.



Eunice bate papo com o dirigente paulista José Garcia Netto, em 1996



José Maria Padilha, Superintendente Regional Efetivo Substituto da Asbac- SPO, Período Janeiro de 1972 – Abril de 1977

“Meu tempo de Asbac foi muito profícuo, me permitiu crescimento pessoal e funcional”

Precursor na Asbac- SPO, Padilha entendia a Associação como elo importante para integração dos funcionários, e precisava oferecer condições para transformar os colegas associados numa autêntica família. Numa pausa em seu recanto no interior paulista, o ex-dirigente nos concede entrevista em que credits muito do progresso conquistado à visão e ao apoio do delegado Benedito de Oliveira Alves

Como você redigiria uma pequena biografia?

Nascido em Zago45, na cidade de Araraquara-SP, casado, dois filhos, formado em Direito, entrou no BC, em 1967, pelo primeiro concurso público, e aposentou-se em 1997, quando exercia a função de chefe da Divisão da Área de Recursos Materiais (Remap). No início da carreira foi convidado a contribuir com a Asbac nos trabalhos administrativos, sendo indicado mais tarde para a função de Diretor Regional. Aposentado, retornou para o interior, onde passa praticamente todo seu tempo em imóvel rural que possui em sua cidade natal.

Como você chegou a ocupar o cargo de diretor da Asbac-SP?

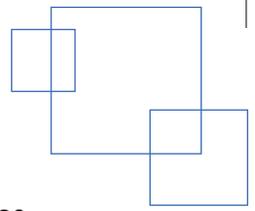
Por indicação da administração da Delegacia Regional do BC, coloquei meu nome à disposição, juntamente com o colega Paulo Garcia de Andrade. A Asbac encontrava-se em formação, e foi uma das primeiras eleições para o cargo de Diretor.

Qual é sua formação, e ela ajudava ao relacionamento com associados?

Certamente que o curso na área de Ciências Sociais contribuiu, mas a meu ver a atenção dia a dia dispensada aos associados foi fator preponderante para essa relação.

Padilha, na montanha-russa: vocação para o coletivo





Quanto tempo ocupou a presidência da diretoria da Asbac-SPO?

Permaneci no cargo de Superintendente Regional até abr77, quando me desliguei dessa atribuição, tomando posse o novo Diretor eleito.

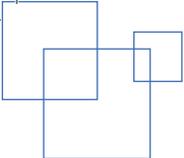
O que pensava ser mais importante na constituição de uma Associação como a Asbac, no seu começo de implantação, entre os funcionários?

A Asbac estava crescendo e a integração entre os funcionários sempre foi muito importante, a maioria originava-se de outras entidades já estruturadas, e a Associação precisava oferecer condições para desenvolvimento de atividades sociais que unissem esses funcionários, como uma família, a família Baceniana.

Quem foram seus principais colaboradores nessa tarefa? Que diretorias foram constituídas e como funcionavam?

Como em outras associações, o destaque das atividades era no social e no lazer. Tudo que a Associação conseguiu implantar, como Biblioteca e sala de jogos, e os eventos de confraternização que pôde realizar, como jogos esportivos, excursões, festas comemorativas, foram feitos com a colaboração, esforço, dedicação e trabalho de servidores que se engajaram nessas atribuições voluntariamente. Posteriormente, a Associação conseguiu construir uma colônia de férias, na praia de Bertioga, e obteve a cessão de um clube de campo, às margens da represa de Guarapiranga, com atividades inclusive náuticas. Além disso, a Asbac atuava na concessão de outros benefícios, administrados pela Sede, como empréstimos, seguro, consórcio, e nascia, a cargo da Asbac, o programa de assistência médica e odontológica, devida pelo Banco. Esse programa deu origem ao PASBC, envolvendo a Regional com a seleção e credenciamento de profissionais, laboratórios e hospitais, só possível com o esforço extra de servidores dedicados que reconheciam a importância dessa missão, uma vez que não havia nenhuma estrutura disponível para esses serviços. Não posso nomear colaboradores sem correr o risco de pecar, isto é, deixar de mencionar colegas e amigos que, pouco mais ou pouco menos, direta ou indiretamente se dispuseram a atender e contribuir com os objetivos da Asbac.

Lembro, como egresso do segundo concurso público, que vocês tinham uma forma bastante eficiente de angariar novos associados, que era a de fazer todos assinarem a ficha de filiação já no mesmo ato da posse no Banco. Isso era uma forma de marketing estudada, fazia parte do regulamento ou foi



um improviso que deu certo, já que praticamente ninguém se eximia de se tornar sócio?

No meu caso, entendi que a filiação à Asbac era importante como caminho para uma melhor integração com os funcionários em geral; mas fazia parte do regulamento.

Dessa atividade que tomava bastante seu tempo, do que mais se lembra, passado tanto tempo?

Lembro que as atividades sociais eram muito concorridas, necessitando até de sorteios, como nos casos de excursão, e havia grande participação dos associados também nas outras atividades.

O fato de ter que dedicar parte substancial de seu tempo numa atividade paralela à função no BC não veio a atrapalhar sua carreira no Banco?

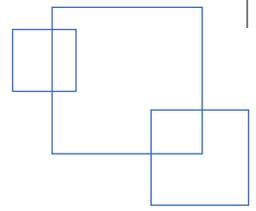
Não atrapalhou porque tinha o apoio da administração e o reconhecimento dos colegas com quem trabalhava, que se desdobravam na execução das tarefas e me davam forças e reconhecimento de que aquela atividade era de interesse de todos os servidores.

Também com a perspectiva do distanciamento do fato, como você classificaria o tempo em que atuou na Asbac?

Foi muito profícuo, pois permitiu crescimento pessoal e funcional dada a experiência que as atividades ali desenvolvidas me proporcionaram.

Como você analisa que era o entrosamento com a direção do Banco? Era de interesse da cúpula que a Associação fosse um êxito? Em que medida?

Considero que o entrosamento com a direção da Regional foi o melhor possível, pois além de incentivar e apoiar o desenvolvimento das atividades, participava das realizações sociais da Asbac. A propósito, passo-lhe cópia de um documento histórico, que espe-



lha muito bem essa integração Banco/Asbac, funcionários/associados, uma homenagem prestada, por ocasião da aposentadoria do então Delegado Regional, Sr. Benedicto de Oliveira Alves, sócio fundador, considerado como o Benfeitor da Asbac-Regional.

Quem foram os dirigentes que mais eram simpáticos à ideia da Asbac, em seu tempo de mandato?

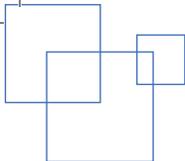
Além da Chefia da Unidade, o clima de apoio às atividades da Asbac era geral, tanto por parte dos dirigentes como dos demais funcionários.

Depois que se aposentou, você se distanciou das atividades associativas?

Sim, passei a residir no interior o que enfraqueceu meus contatos, pelo tempo de permanência muito curto na capital. Quero aproveitar este momento para reafirmar meus agradecimentos, indistintamente, a todos que se empenharam e colaboraram comigo e com a Associação durante o tempo em que ali estive atuante, e que ainda me deixa emocionado e com muitas saudades.



Padilha, em cena familiar com a esposa, neta e filha (parcialmente).



Lúcia Maria Bello Feitosa, 1ª colocada
no primeiro Concurso do BC, em 1966

“Do gabinete da Presidência ao pool de datilografia, início não chegou a ser promissor”

1ª. Colocada no primeiro concurso do BC, Lúcia trazia enorme expectativa quando ingressou no Banco e foi alçada a postos perto da diretoria. Pouco tempo depois, no entanto, a realocação num grupo de datilografia arrefeceu seus ânimos. Acabou permanecendo menos tempo do que gostaria, até que novos desafios nos exterior a requisitassem. Hoje, mora na cidadezinha de East Providence, Rhode Island, no nordeste norte-americano, de onde nos concedeu esta entrevista

Como foi curtir essa glória de ter sido a primeira num concurso tão concorrido como o do BC, que tinha 80% de candidatas homens?

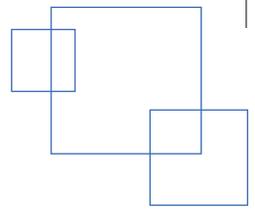
Foi realmente uma tremenda surpresa saber que era a primeira colocada no concurso. Até então o Banco do Brasil, de onde saiu o Banco Central, não aceitava mulheres e no primeiro concurso aberto fui eu a primeira colocada.

O que acha desses movimentos de empoderamento feminino? Acha que as mulheres estão conseguindo mesmo avanços rumo à igualdade de direitos no mundo ocidental?

Fiquei orgulhosa que estejam acontecendo. Acho que ainda há muito para ser feito.

Como foi sua breve carreira no BC?

Fui colocada no Gabinete do Presidente, como era de praxe para o candidato que tirasse o primeiro lugar. Quando o Presidente saiu fui colocada no “pool” de datilografia. Fui depois transferida para servir de secretária para um grupo de peritos das Nações Unidas que tinha vindo fazer um trabalho no Banco. Isso porque eu falava inglês com fluência.



Era o que você estava esperando que fosse? Os dirigentes da época tinham a mentalidade aberta que devia ser esperada por gente extraída da universidade, como você?

Não, não foi o que eu esperava que fosse. Foi na verdade uma reversão de expectativas. Começando junto à presidência, foi uma ducha de água fria ser colocada num grupo de datilografia. A gente espera que seja aproveitada melhor pelas qualidades intelectuais, naturalmente.

O que o destino estava reservando para você? Depois de entrar no Banco Central, que outras novidades aconteceram na sua vida?

Consegui uma bolsa de estudos do Population Council para fazer o doutorado em Demografia. Fui aceita para uma das melhores universidades do Estados Unidos, a Brown University, e completei meus estudos. Quando voltei, apliquei um pouco de meus conhecimentos na equipe do censo do IBGE.

Aqueles anos de regime militar fez você repensar sobre querer ficar no Brasil?

O regime militar não me afetou diretamente.

Desde quando mora nos EUA? Fez família?

Moro há mais de 40 anos dos EUA. Não casei.

Como basicamente pode comparar viver no Brasil, e no Rio de Janeiro, como você vivia, com morar na principal potência mundial? Recebe muita notícia do Brasil? Como imagina nosso país hoje?

Vou todos os anos ao Brasil. Não faço comparações, não é possível, tudo é muito diferente.

Como é sua vida hoje nos Estados Unidos?

Estou aposentada, vivo bem

Tem o hábito de visitar o Brasil? Se sim, é prazeroso ou mais melancólico?

Não sinto melancolia quando vou ao Brasil, acho ótimo.

O que gosta de fazer para se divertir, hoje em dia? Como é sua vida cultural?

Aprecio literatura, gosto de ver TV, programas variados, não tenho costume de ir a cinema.

Se tivesse o poder de reescrever sua vida, hoje, o que faria de diferente?

Difícil dizer. Eu não escrevi a minha vida, quanto mais reescrever.



Cultura de Eva encanta o BC

A reportagem do "ASBAC" entrevistou a jovem classificada, em primeiro lugar, no concurso público realizado recentemente pelo Banco Central. Culta, distinta, estudiosa dos problemas socio-culturais, Lúcia Maria Belo Feltoza discorreu, com segurança e fluência, a propósito dos diversos assuntos que lhe submetemos à apreciação, representando, à sociedade, o excelente material humano que a nós se vem juntar para a árdua e gloriosa tarefa de estabelecimento definitivo do nosso BACEN.

Filha do famoso caudilco já falecido — Dr. Nelson de Magalhães Feltoza — e de D. Leopoldina Belo Feltoza, Lúcia Maria nasceu nesta bela metrópole de Estácio de Sá. Fêz o primário no Colégio "Melo e Souza"; o ginásio e o curso científico, respectivamente, no "Rio" e no Instituto Carlos Alberto Werneck, ambos em Petrópolis. Em seguida, matriculou-se na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, onde se licenciou em Sociologia e Didática.

ANTES DO BC

Vivendo em Petrópolis, onde se radicara a sua família, a jovem Lúcia Maria ali lecionou o curso primário, ansejando bons subsídios para seus estudos sociológicos. Em 1961, ingressou no Banco Nacional de Crédito Cooperativo, donde hauriu os conhecimentos necessários à carreira bancária.

IDEAL

A reportagem quis saber se o ingresso no BC era a consecução de um ideal ou uma etapa a mais, na ascensão das suas ambições de mãe inteligente. Lúcia Maria considera o BC como o campo propício ao emprego dos seus conhecimentos de Sociologia. Acha que, num trabalho de equipe, o sociólogo pode colaborar, eficiente e desinteressadamente, na realização de altos mistérios. E adiantou: — Não alimento outra aspiração. O Banco Central, uma instituição nova mas com um campo vasto para se desenvolver e uma missão enorme a cumprir, deve ser aquele local que eu procurava para trabalhar, com dedicação e contentamento. Quem sabe se o BC não criará, um dia, o cargo de sociólogo em seu quadro funcional?

Lúcia Maria recebeu a notícia de sua aprovação. Dominada pela alegria, a jovem, ao saber que conquistara o primeiro lugar no certame, pulou e cantou, juntamente com as colegas, que, no Forte do Leme, aguardava o exame politécnico. Tal reação causou espanto ao colega Sérgio Pinha, que ali se encontrava acompanhando o desenrolar dos exames.

PROGRESSO DO BRASIL

A propósito do progresso do Brasil, assim como das perspectivas de um porvir risonho, manifestou-se Lúcia Maria: — Em face desse progresso, teremos que evoluir para uma revolução que ponha por terra o que ainda resta de arcaísmo e que ainda atrapalha nosso desenvolvimento. Refere-se, em seguida, a métodos ultrapassados, mentalidades desatualizadas e a um ritmo que não está

acompanhando as necessidades de um país, que tem de assumir uma posição de líder. E adianta: — "Acredito que, no ano 2.000, nossa pátria tenha superado seus problemas e finalmente assumido a posição de liderança que lhe está reservada".

DESNIVEL SOCIAL

O repórter do "ASBAC" abordou o desnível entre o Norte e o Sul do Brasil, pedindo-lhe a opinião. Lúcia Maria declarou: — Os que se desenvolveram mais precilaram dos menores. O dinheiro arrecadado no Norte era aplicado no Sul. Aqui se aplicou, também, o produto da mão-de-obra que vinha de lá, do Norte, desse grande e pobre Norte. Por isso, é justo e necessário que se proceda ao desenvolvimento daquela região. O desequilíbrio gerará tensões, problemas sociais e econômicos. Não é fácil conseguir, de imediato, um resultado considerável, mas um esforço enorme deve ser feito para diminuir o desnível existente.

MOCIDADE

A propósito da missão da juventude: — Sim, o Brasil pode confiar em sua mocidade. A juventude está interessada na solução dos problemas nacionais de hoje. Os jovens que conseguem chegar às faculdades estão se preparando, embora seja a minoria, para a grande tarefa. E verdade que há muita gente do lado de fora das escolas e que o povo precisa estudar para não ser manobrado pelos demagogos.

CONSELHOS

Sobre a experiência dos mais ideais, manifestou-se Lúcia Maria: — Eles têm muita razão, mas precisam, também acompanhar o progresso do mundo, e não quererem um mundo estático. Eles têm que acompanhar as modificações e contribuir para as conquistas; pelo menos, a estas se adaptarem!

CABELUDOS & MODA

A gentil entrevistada nada tem contra os cabelos compridos, desde que os seus orgulhosos portadores mantenham as suas cabeleiras dentro dos padrões higiénicos aceitos pela coletividade, achando, por outro lado, que a moda é questão de gosto. Na juventude — segundo Lúcia Maria — só é reprovável o exagero.

"HOBBIES"

Finalmente, a reportagem apurou que Lúcia Maria, nas horas de descanso, gosta de um violão e de fazer poesias; pretende voltar a praticar tênis e adora a música popular (de modo especial, a "bossa nova"); detesta o "ré-té-té" e já (preferências: romances e livros de sociologia), não gostando de biografias.

PLANOS

São muitos os planos de Lúcia Maria, para o futuro. Pretende, acima de tudo, ser boa e dedicada funcionária do BC, prestando eficiente colaboração aos que instalaram este grande órgão. Pretende, por outro lado, dedicar-se, novamente, ao magistério, transmitindo conhecimentos aos que deles têm sede.

DEZEMBRO/1966 — PÁGINA 7

1 Lúcia, nos anos 1980: desafios internacionais

Entrevista para o jornal da Asbac, em 1967: cultura surpreendida

Sérgio Paulo Cintra Soares Maciel,
integrante da Assembleia que criou a Asbac

Participação de Sueli Dias de Medeiros, em 8 de junho de 2018

“Fiz muitas amizades, trabalhei para seis ministros: não há como se desligar do BC e da Asbac”

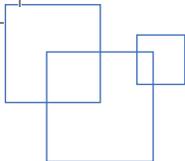
Personagem bem colocado na cena carioca nos anos 60, Maciel conta nesta entrevista histórias maravilhosas, como a do tio importante que escreveu a carta final de Vargas, e que o impulsionou no início de carreira, e outros episódios saborosos do tempo em que frequentava o Beco das Garrafas e conheceu Cauby e Elis Regina

Como era sua família, qual era a profissão de seu pai?

Minha família era de classe média, meu pai era jornalista. Quem era importante era meu tio, que foi presidente da Sumoc e era homem de confiança do Getúlio Vargas. Ele que escreveu a carta da morte do Getúlio. O Getúlio tinha o estilo de fazer uns rascunhos e comandava: “Maciel, fale desse assunto”. Ele, que era um baba de quiabo, e escrevia que era uma maravilha, desenvolvia. E como fazia muita coisa em casa, tinha no cofre várias folhas de papel da presidência com a assinatura do Getúlio em várias alturas da página para se adequar. Quando ele morreu, meu tio estava no Edifício Leonardo Trudell, atrás da Candelária. Eu estava na Galeria dos Empregados do Comércio, onde começou a Sumoc. Então, a dona Darci ligou para meu tio, e ele foi para o Palácio, que o Getúlio tinha se suicidado. Era 24 de agosto de 1954. E ele, como tinha esses documentos, preencheu com seu estilo.



Sérgio mostra parte do organizado arquivo, em seu apartamento de Brasília



**Foi dele, então, a famosa frase
"saio da vida para entrar na história"?**

Sim, ele era baba de quiabo, escrevia muito bem. E ele era o dono do dinheiro. Era presidente do Bando do Desenvolvimento Econômico e da Sumoc. Tinha o dinheiro todo do Brasil, na mão.

Como foi sua primeira experiência profissional?

Vivia numa boa, no Rio de Janeiro tranquilo do ano 1953, jogando sinuca como um profissional, e usufruindo de privilégio de filho temporão, com uma mesada generosa. A vida que pedi a Deus, aos 17 anos. Eu saía com o velho Guinle, dono hotel Copacabana Palace. E andava com uma turma de garotas de teatro, conhecia todo mundo, quando meu irmão entregou para meu pai: "olha, o Sérgio sai todo dia de lancha com o Guinle e uma mulherada, isso não vai acabar em boa coisa". Até que meu pai achou que aquela vida tinha que terminar. Sem aviso prévio, me levou até meu tio, José Soares Maciel, que era diretor executivo da Sumoc. Ele me encaminhou até o chefe do Pessoal, que me inquiriu sobre o que eu sabia fazer. Fui sincero: disse que não tinha qualquer preparo. Perguntou-me se sabia datilografia. Eu disse que a máquina de escrever mais perto que tinha visto era aquela sobre uma mesa. O chefe de pessoal disse que, para exercer qualquer função na Sumoc, era preciso no mínimo ser excelente datilógrafo. À noite, no jantar, meu pai perguntou como tinha me saído no primeiro dia de trabalho. Contei que não tinha sido aceito por causa da datilografia. No dia seguinte, ele foi conversar com meu tio. Passou a ser ponto de honra o chefe de pessoal me transformar num excelente datilógrafo. Assim foi minha estreia.

Mesmo sendo a contragosto, acabou se adaptando?

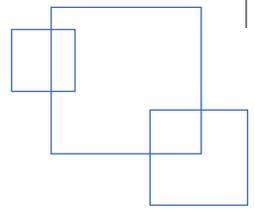
Foi a melhor coisa que podia ter me acontecido. Na seção, todos eram mais velhos que eu, a maioria profissional experiente, requisitado do Banco do Brasil. Aprendi com todos e devo muito do que sou a eles. Era meio inconsequente e sem responsabilidade, conseguiram me enquadrar e sou grato por esse grande aprendizado.

O que você avalia que aprendeu, nesses primeiros tempos?

Ao lado da responsabilidade, dos horários a cumprir, do trabalho a ser executado a qualquer custo, também descobri o valor das verdadeiras amizades, do companheirismo. Éramos como uma família.

Havia muitas tentações para largar a Sumoc?

Havia. Me lembro que, quando recebi meu primeiro salário, foi uma maravilha: meu professor da faculdade ganhava 600 contos; meu ordenado era 2.200 contos. Logo comprei um MG importado. Que



época boa, nossa, mãe! Pensei, vou ficar aqui mesmo na Sumoc. Aí namorava uma francesa, filha do Bloch, da joalheria. Um dia, ele me chamou, e perguntou quais eram minhas intenções com a Françoise. Eu disse "são as melhores do mundo". Ele me disse: "A Françoise quer ficar noiva..." Ponderei que ainda era muito cedo. Ele disse: "ela tem quatro joalherias, tem duas em Paris, e duas aqui, que estão em nome dela". E que eu teria que fazer um curso de joias, para administrar. "Você larga o banco, e vai administrar". Eu pensei: nem estou casado com ela, não estou entendendo. Estava com 19 anos de idade. Conhecia todos os artistas, tinha a vida que sonhava. Me mandei, caí fora. Adorava a vida que levava. Eu ia ao Little Club, ali no Beco das Garrafas, no Rio de Janeiro, que na segunda-feira era vazio, e os artistas todos se reuniam para tomar canja lá. A Dolores Duran namorava um amigo meu. Então, estavam na turma o Cauby Peixoto, Elis Regina – que conheci, era uma chata – o Bola Sete, o Tito Madi, Dick Farney. Foi uma época fértilhante, não queria nada de casamento.

Os colegas veteranos eram sempre amigáveis?

Lembro que fui convidado por três colegas para um jogo de sinuca. Os mais velhos, sem conhecer minhas habilidades, pensavam que ganhariam com facilidade e ficariam com meu salário. Levei o dinheiro dos três para casa.

Fez muitos amigos importantes, no Banco?

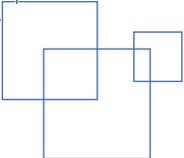
Fiz muita amizade, depois que fiquei mais velho, com o Berardinelli. Quando ambos estávamos no gabinete da Presidência. Ele foi como chefe do gabinete do Ernani Galvêas. E ajeitou a minha vida. Mas eu respondia. Tudo que precisava fazer, eu era o ponta de lança. Fiquei fazendo muita coisa particular dele e do presidente. Não tinha horário, não tinha nada.

Em 4 de janeiro de 1966, no Rio, ocorreu a reunião que fundou a Asbac. Entre os presentes, consta você. Dos 17 que assinaram presença naquele dia, apenas você e o Eduardo Roxo Pereira são vivos. Você se recorda daquele dia?

Deixa-me ver, me empresta as fotos. Hum, não estou me reconhecendo. Engraçado, não estou vendo o Berardinelli. Foi o cara que fez tudo no Banco. Eu era muito garoto na época.

Como foi sua mudança para Brasília?

Muitos colegas já estavam em Brasília. Eu não queria, mas me disseram vários argumentos que me alteraram a convicção. "Você vai ganhar um apartamento, vai economizar". No Rio de Janeiro, trabalhava no Gabinete da Presidência e vim para Brasília requisitado



como auxiliar de Gabinete da Presidência. No início, a maioria encarava a mudança para a nova capital com verdadeiro pavor, deixaríamos familiares e amigos para enfrentar o que muitos pensavam ser um verdadeiro deserto.

O que foi marcante para você, nesses primeiros tempos em Brasília?

Mais uma vez, a solidariedade falou mais alto. Todos se ajudavam e a construção das quadras residenciais e da Asbac, durante a administração do José Antônio Berardinelli, foi decisiva para fixação das famílias. Além disso, o Banco valorizava muito seus quadros profissionais, e a gente tinha muitos benefícios. Recebi uma grana alta e vim. Eram tão baratos os terrenos aqui. Da ponte do Lago, até o Gilberto Salomão, depois era tudo picada, só mato, os terrenos custavam 500 reais. Hoje custam 3 milhões. Se for ponta de picolé, é seis. Eu tinha dinheiro para comprar 100 terrenos. Mas era burro: sabe o que comprei? Uma Lamborghini.

Com quantos anos se casou?

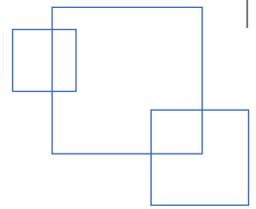
Com 26. Casei com uma colega de Banco. Era sobrinha do Nero Moura, que era ministro. Mas era gaúcha, braba pra chuchu, e eu jogava muito. Jogava poker. E aquilo atrapalhou um pouco meu casamento. E ela achava que eu era o gostosão do mundo, que toda mulher queria coisa comigo. Eu não podia olhar para o lado. Tive três filhos, até chegar num ponto que, amigavelmente, nos separamos. Ai tirei a sorte grande, porque casei com a mulher mais maravilhosa que você possa imaginar. Essa é paulistana. Só falta me dar banho. E, se deixar, me dá. Estou casado com ela há 35 anos. Ela dorme de mãos dadas comigo até hoje.

Ficou o tempo todo no Banco Central?

Como estava lotado no Gabinete da Presidência, acompanhei Berardinelli quando o ex-diretor foi cedido aos Ministérios da Agricultura e da Fazenda.

Como foi sua carreira, chegou até onde pretendia?

Cheguei a trabalhar para seis ministros. Com Delfim Netto, Ernani Galvêas, Dornelles. Me aposentei como Chefe de Departamento, muito graças ao amigo e colega Berardinelli. Ele sempre me incentivou e ajudou muito. Por mais dois anos, depois de 1984, quando me aposentei após 31 anos como bancário, ainda trabalhei em um órgão ligado ao Ministério da Fazenda.



Você se mantém, depois de aposentado, informado sobre o que acontece no Banco Central?

Desde 1979, sou um dos integrantes do Hebdo, que vem do grego hebdomadário, que significa semanal. O Hebdo reúne colegas tanto aposentados como da ativa uma vez por semana. Nos encontros, colocamos os assuntos em dia. Sempre há novidades e não há como nos desligarmos de casas tão importantes como foram o Banco Central e a Asbac em nossas vidas.

Quais são seus passatempos, hoje em dia? O que te diverte?

Adoro usufruir do convívio da família e dos meus netos. Também gosto demais de cuidar do meu jardim, passear, viajar e relembrar boas histórias do tempo de bancário.

Do Banco Central, só leva boas memórias?

Uma maravilha. Eu era protegido. Toda minha vida trabalhei na presidência, e fiz muitas amizades. Na época, tinha muito poder. Ajudei muita gente, todos meus amigos. O Berardinelli, que fez a Carteira de Empréstimos, era um amigo de todo mundo no Banco. E o Banco, quando você vinha para cá, praticamente dava pra você um apartamento, a gente pagava uma mixaria. E o padrão de vida aqui é muito bom. Se eu quiser, tenho programa todo dia.

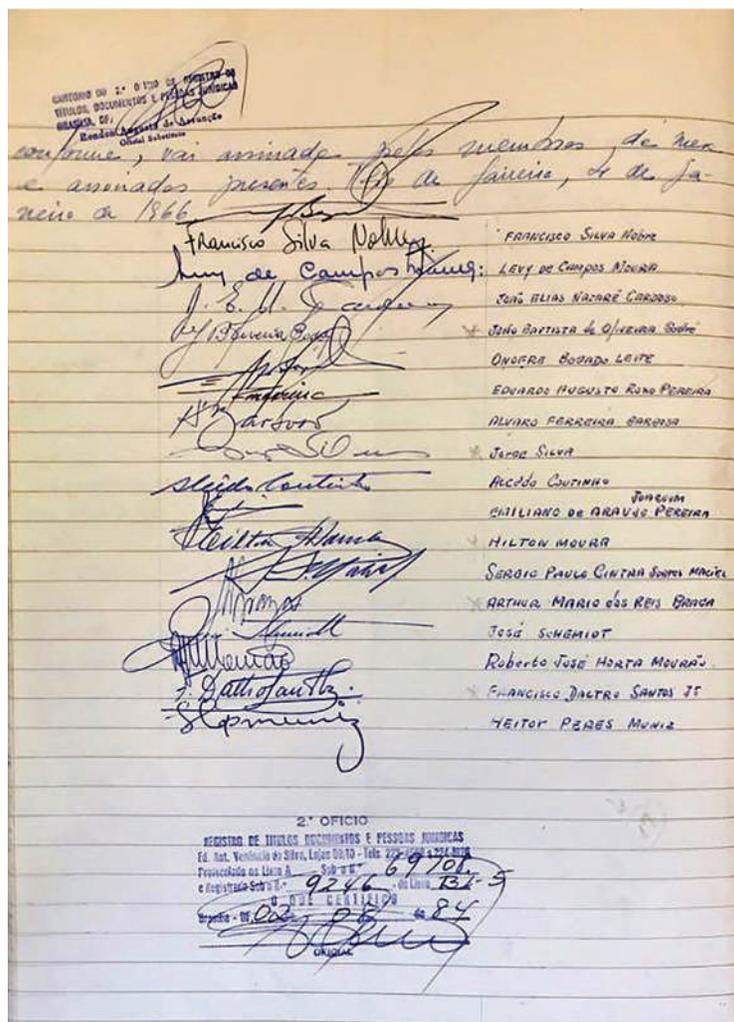


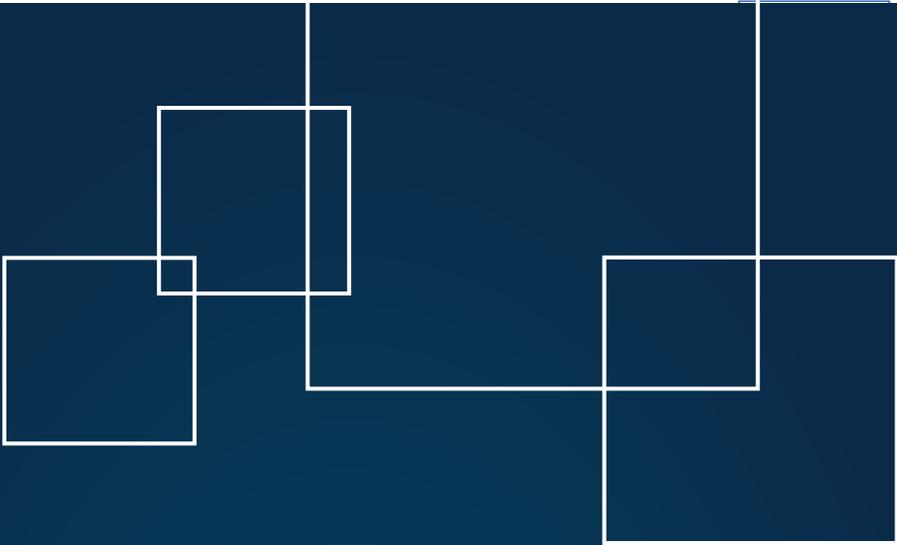
¹ Carteirinha de sócio fundador da Asbac, de Sérgio Maciel

² Carteira funcional da Sumoc, de Sérgio Maciel

³ Sérgio Maciel também foi sócio fundador do clube da Sumoc, em 1955

Almoço, tenho que descartar, porque se não a gente morre de tanto se alimentar. Não ia gostar de Brasília, mas adorei e adoro Brasília, não quero sair daqui. Viajo muito para o Rio. Mas viagem muito longas, agora que estou velho, tem que ser em primeira classe. E está caro para chuchu. Estava vendo agora para ir para fora, para ela e para mim, 40 mil reais, em primeira classe. Mas o dinheiro é pra isso mesmo, né? Já estou pronto para ir para o segundo andar, vou gastar com o quê?

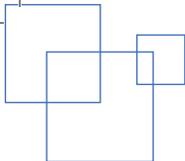




PERSONAGENS

Visão de quem decide

Diretores Presidentes Executivos atuais interrompem por minutos a árdua labuta diária para analisar, do alto de suas responsabilidades, a dura perspectiva de suas Asbacs em todo o país, e contar como transformam limões em limonadas para driblar a crise e manter a atividade e o espírito associativo ativos e sempre operantes



Incrementar festas e esportes, receita para sensibilizar associados

Rodrigo da Luz e Souza, Belém-PA

Tido como prático e paciente, mente aberta e dono de rara capacidade inovadora, Rodrigo, da nova geração (três anos de BC), tem soluções práticas para manter o interesse dos associados nas atividades da Associação

Há quanto tempo é associado?

981 dias.

O que o levou a dedicar seu tempo à administração da Asbac?

A possibilidade de acrescentar na qualidade de vida dos associados, inclusive à minha.

O tempo dedicado a essa atuação causa alguma dificuldade ou crítica em casa?

Não.

O que faz para driblar as dificuldades financeiras e limitações orçamentárias que são comuns hoje, e ainda manter grau de interesse do corpo associativo?

Foco em projetos que se revertam em contrapartidas que agradem os associados.

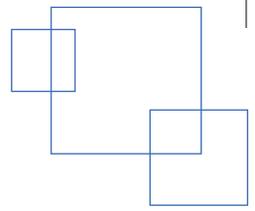
Na sua percepção, quais são os tipos de atividades que mais sensibilizam os associados?

Festas e esportes em geral.

Considera que os clubes do tipo da Asbac, cada vez mais, vão se transformar em prestadores de serviços?

Não temos clube tipo Asbac nesta regional.





Consegue se lembrar de alguma solução simples, sem tanto custo, que tenha impactado com muito sucesso no quadro associativo?

Compra de mesa de tênis de mesa.

Como imagina que poderia ser solucionada a crise de novos associados?

Obtivemos crescimento de 30% no quadro associativo no último ano; isso aconteceu por sempre estar acontecendo algum evento pela Asbac, procurando criar atividades a que os não associados aspiram.

Que aspecto da relação de uma associação como a Asbac com o funcionalismo do Banco te traz mais satisfação?

A integração.

Imagina que em sua Asbac, no final de sua gestão, vai haver concorrência ou disputa para novos administradores?

Não.

Há interesse da participação das novas gerações?

Não.

Por quê?

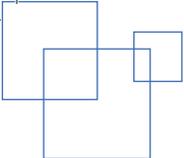
A regional Belém tem uma rotatividade muito grande, com a maioria dos servidores sendo de outras regiões e por isso não tem interesse de se envolver em atividades de médio e longo prazos.

A Asbac na minha vida

Permitir que exercesse a criatividade e pusesse em prática projetos que miscigenam esportes, eventos sociais e misticismo, como a criação da Lavagem da Visgueira e Caminhada dos Fortes - quando promovemos caminhadas para visitas aos inúmeros Fortes históricos, foi apenas um diferencial da Asbac- SAL. Para todos que formaram nossa geração, desde que ingressei, a Asbac é uma entidade real e obrigatória

Oswaldo Matos, Asbac-SAL





A Asbac sempre se viabilizou como local de amizade e convivência extrabanco

Jose Reinaldo Pimentel Santos, Belo Horizonte-MG

Veterano que retornou ao Banco para um tempo adicional, o popular José Reinaldo se multiplica para atender as demandas do Pasbc e muitos acionamentos da comunidade associada de Belo Horizonte

Há quanto tempo é associado?

36 anos, desde a entrada no Banco em 1977.

O que o levou a dedicar seu tempo à administração da Asbac?

Gostar de frequentar um clube, desde tempos de ACM, em 1970/71. Gostar da Asbac como local de convivência extrabanco.

O tempo dedicado a essa atuação causa alguma dificuldade ou crítica em casa?

Não, nenhuma dificuldade.

O que faz para driblar as dificuldades financeiras e limitações orçamentárias que são comuns hoje, e ainda manter grau de interesse do corpo associativo?

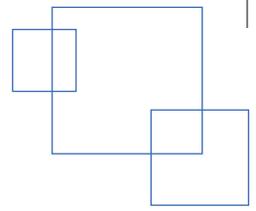
Melhorias no Clube, visando atender melhor os que o frequentam.

A Asbac na minha vida

Sou sócio fundador, e nesse tempo todo venho me servindo do congraçamento, dos eventos e da assistência financeira possibilitados pela Associação. Não só na sede do RJ como na de Teresópolis. Parabéns a quem deixou seu nome nesta história.

Sebastião Simas Pereira, Asbac-RJA





Na sua percepção, quais são os tipos de atividades que mais sensibilizam os associados?

Prestação de serviços.

Considera que os clubes do tipo da Asbac, cada vez mais, vão se transformar em prestadores de serviços?

Sim, pois há muito tempo clubes deste tipo já são prestadores de serviços, tais como aula de natação, aula de dança, incentivo à prática esportiva em geral, estética feminina, etc.

Consegue se lembrar de alguma solução simples, sem tanto custo, que tenha impactado com muito sucesso no quadro associativo?

Não me recordo de nenhuma solução simples que tenha impactado o corpo social nos últimos tempos.

Como imagina que poderia ser solucionada a crise de novos associados?

Não tenho opinião formada, tampouco alguma ideia que pudesse reverter o quadro atual.

Que aspecto da relação de uma associação como a Asbac com o funcionalismo do Banco te traz mais satisfação?

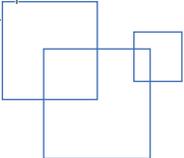
Amizade, um pouco mais de intimidade, além do ambiente de trabalho.

Imagina que em sua Asbac, no final de sua gestão, vai haver concorrência ou disputa para novos administradores?

Há interesse da participação das novas gerações? Por quê?

Não, não acredito que haverá concorrência; ao contrário, haverá dificuldades para montar uma chapa para as eleições, especialmente com funcionários mais novos, de geração mais nova. Penso que não há por parte da Fenasbac preocupação com propaganda, divulgação, incentivos ou outros fatores impulsionadores para a adesão de novos associados ao quadro da Asbac.





A satisfação de participar de atividades que estreitam relações com o BC

Marcos Enéas Silva, Brasília-DF

Atenado com iniciativas arrojadas mas austero, Marcos Enéas, 40 anos de BC, transborda simpatia e generosidade, tem perfil de empresário ético, cuida das contas e diz não pensar em novo mandato

Há quanto tempo é associado?

Há 40 anos, desde minha posse no BC em 18jul77.

O que o levou a dedicar seu tempo à administração da Asbac?

Convidado e convencido a participar de uma chapa como conselheiro, vi uma oportunidade de conhecer de maneira mais detalhada como funcionava o clube. A partir desse conhecimento, senti-me desafiado a contribuir para tornar o clube e a Associação melhor para os seus associados, conseqüentemente para mim e para minha família também.

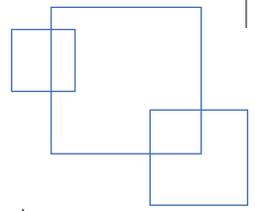
O tempo dedicado a essa atuação causa alguma dificuldade ou crítica em casa?

Sem dúvida, já há 8 anos nessa labuta entre conselheiro e nos dois últimos anos como Presidente Executivo, várias horas que seriam destinadas à família foram negligenciadas em nome de dedicação às resoluções demandas pela Asbac. No meu caso, minhas filhas muitas vezes se chatearam pela demora em voltar para casa ou dias de atividades que não permitiam a devida atenção ao lar. Mas digo com alívio: só mais um ano e isso acaba.

O que faz para driblar as dificuldades financeiras e limitações orçamentárias que são comuns hoje, e ainda manter grau de interesse do corpo associativo?

Austeridade é a palavra de ordem, cuidado ao máximo com os gastos e prudência com investimentos. Mais que prudência, na gestão que ora integro investimentos têm sido muito poucos já que nesses dois anos temos nos esforçado para chegar ao final de cada um deles sem déficit operacional, uma vez que a perda de receitas devido a inadimplências, diminuição no número de associados e ou-





tras têm sido a tônica dessa época de crise econômica pela qual passa o país.

Na sua percepção, quais são os tipos de atividades que mais sensibilizam os associados?

Qualquer promoção que tenha como foco atendimento às crianças tem um resultado de adesão muito considerável. O lazer para as crianças com atividades esportivas, culturais e lúdicas é o que atrai grande público. Os pais precisam de alternativas para os filhos. Carnaval infantil, gincanas e festa das crianças foram muito bem frequentadas em 2017. Os torneios infantis que promovemos também têm sido fator de atração e aumento da frequência da nossa Asbac.

Considera que os clubes do tipo da Asbac, cada vez mais, vão se transformar em prestadores de serviços?

Sim, considero uma vez que a adesão às associações de forma geral tem sido realizada por meio de serviços mais vantajosos aos associados do que aqueles que são disponibilizados no mercado. Convênios com escolas em geral (ensino médio, fundamental, graduação, idiomas etc.) têm contribuído para manutenção ou adesão de associados. Ainda que timidamente, mas os possíveis associados querem mais serviços do que aqueles que são oferecidos nos clubes como esporte e lazer.

Consegue se lembrar de alguma solução simples, sem tanto custo, que tenha impactado com muito sucesso no quadro associativo?

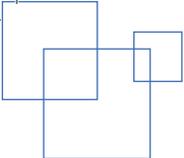
Temos sazonalmente um incremento de associados e usuários contribuintes nos campeonatos de futebol que promovemos, porém não temos conseguido mantê-los como associados ativos quando os campeonatos estão em recesso, notadamente o futebol.

Como imagina que poderia ser solucionada a crise de novos associados?

Iniciaremos campanha de filiação em que o associado que indica novo associado ganha como incentivo desconto de 20% por até 12 meses, caso o indicado se mantenha adimplente e pontual no pagamento. Com isso, o associado poderá ter até um ano de isenção se indicar o número de associados que lhe proporcionem isso.

Que aspecto da relação de uma associação como a Asbac com o funcionalismo do Banco te traz mais satisfação?

No nosso caso, realizamos a cada dois anos os jogos internos de Banco Central e quando conseguimos conquistar a parceria da di-



reção do banco nessa realização temos tido momentos de grande satisfação. Nas diversas festividades promovidas pelo Banco, quando há oportunidade de participarmos, é sempre motivo de satisfação com esse estreitamento de relacionamento Asbac e funcionalismo do BC. Ainda não conseguimos com isso a adesão considerável dos servidores como associados a Asbac. Falta-nos um trabalho mais profissional na gestão da Asbac e isso nos custa dinheiro para contratação de profissionais ou capacitação dos nossos, que não dispomos com a abundância necessária.

Imagina que em sua Asbac, no final de sua gestão, vai haver concorrência ou disputa para novos administradores? Há interesse da participação das novas gerações? Por quê?

Sim, vai haver uma tímida concorrência pois, na Asbac Brasília, ocorre um fenômeno negativo demais. Os gestores que se sucederam, com exceções, tornaram-se desafetos, transformando a Asbac numa zona de disputa política representativa. As novas gerações, no meu modo de ver, não têm interesse em assumir tamanha responsabilidade sem a devida contrapartida econômica. Nessa gestão, conseguimos compor um grupo no qual apenas três de nós são da chamada "velha guarda". Os outros sete têm de 3 a 20 anos de associados mas, pelo desenrolar dos fatos não deverão continuar, uma vez que, desse grupo, aqueles que ainda estão na ativa no Banco têm ocupado cargos que os impedem de se dedicarem a Asbac de maneira mais efetiva. A grande maioria dos membros do Conselho atual ocupa funções gerenciais ou de assessoria no Banco, e a Asbac pode atrapalhar suas carreiras.

“Estando na Asbac, estou em casa: esposa, filhos e netas adoram a Associação”

Salvador Soares de Oliveira, Curitiba-PR

Participando da direção da regional curitibana desde 98, o inoxidável Salvador cuida da propriedade como síndico determinado, e sua presença solar vem mantendo o interesse pelas atividades com criatividade e foco no custo-benefício

Há quanto tempo é associado da Asbac?

34 anos.

O que o levou a dedicar seu tempo à administração da Asbac?

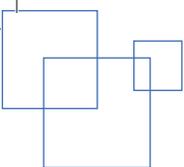
Num primeiro momento, entrei para compor chapa encabeçada pelo colega Odacir Pereira da Silva. Depois, me mantive no quadro diretivo devido à falta de gestores dispostos a dar continuidade ao Clube. A Asbac Curitiba vinha operando com elevados custos de manutenção, IPTU pendente de solução, perda de receita com o afastamento de associados, acrescido à manutenção de atividades deficitárias que privilegiavam quase que exclusivamente não associados, como era o caso da lanchonete e quadra de tênis. Quando iniciei como Diretor da Asbac, havia a questão do IPTU, cuja cobrança, se mantida, inviabilizaria a manutenção da Sede Social. Juntamente com o Diretor Executivo Presidente Odacir Pereira da Silva e a indispensável colaboração da Gerência Regional do BC, em que se destacaram o Delegado Alceu Cesar de Almeida Neto e Salim Cafruni Sobrinho, depois de muita luta acabamos por resolver esse problema.

O principal motivo, contudo, é o prazer da convivência social com os associados da Asbac, grupo com o qual mais me identifico, tanto na prática de esportes (futebol, tênis de campo, truco), quanto nas festas comemorativas que promovemos. Por fim, a necessidade da manutenção da Asbac Curitiba e de nossa maravilhosa Sede Social.

O tempo dedicado a essa atuação causa alguma dificuldade ou crítica em casa?

Estando na Asbac me sinto em casa. Minha esposa, filhos e netas adoram a Asbac.





O que faz para driblar as dificuldades financeiras e limitações orçamentárias que são comuns hoje, e ainda manter grau de interesse do corpo associativo?

O equilíbrio financeiro da Asbac Curitiba só foi possível graças ao apoio financeiro da Fenasbac, que nos possibilitou a construção de duas quadras de grama sintética que são nossa principal fonte de recursos. Dentre outras fontes de recursos que completam nosso orçamento, destacamos: a mensalidade de nossos associados que se mantêm fiéis à Asbac; a locação de espaço – salões e placas de publicidade; o pró labore das apólices de seguro em grupo da Fenasbac; e convênios diversos.

Na sua percepção, quais são os tipos de atividades que mais sensibilizam os associados?

Aquelas atividades que de alguma forma lhes possibilitam algum ganho financeiro e/ou a possibilidade de conagraçamento, como é o caso de nossa farmácia associativa e as festas do dia das mães e de encerramento do ano. Temos ainda atividades esportivas, futebol, tênis de campo e truco que agregam um grande número de associados do sexo masculino.

Considera que os clubes do tipo da Asbac, cada vez mais, vão se transformar em prestadores de serviços?

De certa forma, sim. É notório que os associados querem benefícios que compensem pelo menos o valor da mensalidade, mas há os abnegados que gostam de companhia e encontros na Asbac.

Consegue se lembrar de alguma solução simples, sem tanto custo, que tenha impactado com muito sucesso no quadro associativo?

Sem dúvida, nossa farmácia associativa. Temos caso de diversos servidores do BC que voltaram a ser sócios em razão dos medicamentos que adquirem em nossa farmácia. Nossos preços são bas-

A Asbac na minha vida

Sou sócio da Asbac desde 1970, no RJ. Meus filhos só não nasceram na Asbac porque ela não tem maternidade. Crescemos juntos com o nosso clube, participando sempre de suas atividades. Asbac é meu segundo lar.

César Martins Borba, Asbac-BSB



tante atraentes, podendo representar uma economia de 40% para aqueles que fazem uso da farmácia.

Como imagina que poderia ser solucionada a crise de novos associados?

As iniciativas adotadas pelo nosso Conselho de Administração, redução de custos e aumento de receitas, nos afastaram da "crise".

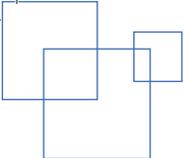
Que aspecto da relação de uma associação como a Asbac com o funcionalismo do Banco te traz mais satisfação?

O reconhecimento de bons serviços prestados ao Banco e seus servidores. Em nossa Regional é notável o carinho e respeito que os servidores do Banco têm para com os funcionários da Asbac e seus Diretores. Frequentemente, somos convidados a colaborar com patrocínio de festividade e até colocando colaboradores e amigos a serviço do Banco.

Imagina que em sua Asbac, no final de sua gestão, vai haver concorrência ou disputa para novos administradores?

Há interesse da participação das novas gerações? Por quê?

Não alimento essa esperança. No quadro associativo, não encontrei pessoas interessadas em assumir cargos de gestão na Asbac Curitiba. O comando deverá continuar com a atual diretoria, talvez com a inclusão de um associado mais jovem. Ser diretor da Asbac é um compromisso que dá trabalho. Precisa de muito amor!



Relatos sobre construção de amizades na Asbac sempre fascinaram o gestor Lessa

Carlos Ricardo Lessa de Moura, Fortaleza-CE

Na regional cearense, há mais de uma década o nome de Lessa é indissociável da Asbac. Afável e de fácil interação, o dirigente conquistou a confiança dos colegas e conseguiu transmitir o carinho e orgulho pela associação à família

Há quanto tempo é associado?

Desde que tomei posse no BC, há 23 anos, ou seja, 13 de setembro de 1994. Naquela época, quando o servidor se apresentava no Setor Pessoal, era apresentada a opção de associação.

O que o levou a dedicar seu tempo à administração da Asbac?

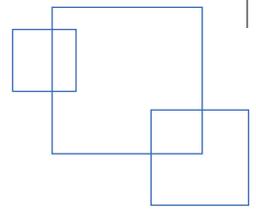
Aceitar o desafio de procurar manter vivo o principal objetivo da associação: o de buscar o congraçamento e o bom relacionamento interpessoal entre servidores do Banco Central, ativos ou aposentados, incluindo os familiares, mesmo com os problemas advindos da mudança da legislação e a consequente perda de apoio da administração do BC.

O tempo dedicado a essa atuação causa alguma dificuldade ou crítica em casa?

Meus filhos cresceram frequentando o clube e possuem muito carinho e orgulho pela luta na manutenção da estrutura da Asbac Fortaleza.

O que faz para driblar as dificuldades financeiras e limitações orçamentárias que são comuns hoje, e ainda manter grau de interesse do corpo associativo?

Nos dias atuais, as dificuldades são gigantescas. Buscamos uma estrutura mínima de funcionários e investimentos autossustentáveis, a exemplo do campo de grama sintética.



Na sua percepção, quais são os tipos de atividades que mais sensibilizam os associados?

Os eventos festivos superaram em muito as atividades esportivas.

Considera que os clubes do tipo da Asbac, cada vez mais, vão se transformar em prestadores de serviços?

Acredito que a continuidade dos clubes depende da vontade política e do entendimento dado pela alta administração do BC à importância das Asbacs na melhoria da qualidade de vida dos servidores.

Consegue se lembrar de alguma solução simples, sem tanto custo, que tenha impactado com muito sucesso no quadro associativo?

Difícil elencar uma, são várias ações pontuais que agradam grupos diversos de associados.



Como imagina que poderia ser solucionada a crise de novos associados?

Não imagino solução sem a participação do BC.

Que aspecto da relação de uma associação como a Asbac com o funcionalismo do Banco te traz mais satisfação?

Os relatos dos mais antigos sobre a construção de amizades.

Imagina que em sua Asbac, no final de sua gestão, vai haver concorrência ou disputa para novos administradores?

Há interesse da participação das novas gerações? Por quê?

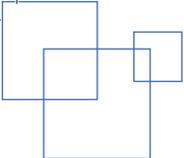
Acho difícil, mas possível. Como relatei anteriormente, só haverá solução caso haja empenho da alta administração em derrubar a restrição legislativa atual e o conseqüente apoio institucional. Ai, sim, a nova geração interessar-se-á em participar.

A Asbac na minha vida

Ter participado da Asbac em várias fases, enquanto estava na ativa, foi muito prazeroso. Vivíamos como uma família. A convivência com os colegas, cheios de energia e muita disposição nos fortalecia. Que continue firme, conquistando o coração dos associados.

Noélia Rodrigues Pinho, Asbac-RJA





Serviços para facilitar a vida e o bolso ainda podem sensibilizar associados

Manoel José Pereira Dias, Porto Alegre-RS

Ativo, articulado e com toda a boa vontade do mundo para tratar das causas da Associação gaúcha, Manoel se aposentou em 97, e já no ano seguinte assumiu a gestão da Asbac, sempre agitando soluções criativas e entretenimento ao gosto das tradições



Há quanto tempo é associado?

Desde o ingresso no banco, em 1º de abril de 1980.

O que o levou a dedicar seu tempo à administração da Asbac?

Com as alterações introduzidas no serviço público pelo governo Collor, de corte de verbas, as administrações da Asbac não vinham tendo bons resultados, com grandes problemas de manutenção da sede social. Coincidindo com o retorno do colega Paulo Stein de Brasília, em 1998, foi formado um grupo com projetos adequados à nova realidade.

O tempo dedicado a essa atuação causa alguma dificuldade ou crítica em casa?

Não.

O que faz para driblar as dificuldades financeiras e limitações orçamentárias que são comuns hoje, e ainda manter grau de interesse do corpo associativo?

Talvez tenhamos sido a primeira, ou uma das primeiras Asbacs a oferecer convênios aos associados e buscar alguma receita extra com isso. Inicialmente, utilizamos de taxas de adesão a convênios de saúde e celular, retenção de parcela de desconto em medicamentos, etc. já em desuso. Os convênios ainda são utilizados para, pelo menos, manter o atual número de associados, como também eventos sociais, como os almoços mensais dos aposentados e a festa de fim de ano. Em 2001, foi firmada uma parceria com a AABB local, que atualmente abrange a manutenção da sede social e o livre ingresso dos associados de ambas as associações a qualquer um dos clubes, o que livrou a Asbac das despesas de manutenção da sede social.

A Asbac na minha vida

“ Às sextas, depois do Banco, jogos, música e dança. Às 8 da manhã de sábado, lá estávamos de novo até o fim do dia e, novamente, no domingo batíamos o ponto outra vez. Era a nossa rotina na Asbac, onde nossos filhos praticamente nasceram e se criaram.”

Telma Arléo, Asbac-SAL



Na sua percepção, quais são os tipos de atividades que mais sensibilizam os associados?

Com a mudança do perfil da população em geral, com os mais jovens tendo outros interesses e os mais velhos dedicando-se mais às suas famílias, cuidando dos netos, etc., além da introdução de atividades de lazer na estrutura dos prédios, ficou muito difícil a presença de associados em atividades lúdicas ou festivas. Na minha percepção, relativamente à Asbac local, são os serviços que podemos prestar para facilitar-lhes a vida e o bolso.

Considera que os clubes do tipo da Asbac, cada vez mais, vão se transformar em prestadores de serviços?

Concordo plenamente.

Consegue se lembrar de alguma solução simples, sem tanto custo, que tenha impactado com muito sucesso no quadro associativo?

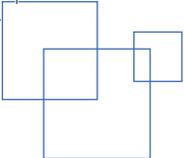
Acredito que, inicialmente, os convênios de saúde, medicamentos e de telefone celular tiveram um grande impacto positivo no quadro social.

Como imagina que poderia ser solucionada a crise de novos associados?

A não ser que haja uma inesperada mudança no cenário nacional e mudanças favoráveis no perfil dos novos funcionários, não creio que haja outra solução para angariar novos associados. Já tentamos diversas alternativas e promoções, como mensalidades grátis na temporada de piscinas, etc., sem qualquer sucesso.

Que aspecto da relação de uma associação como a Asbac com o funcionalismo do Banco te traz mais satisfação?

A Asbac surgiu como elemento de integração e interação entre os funcionários do Banco e, particularmente, ainda acho que é o aspecto que me traz mais satisfação.



Imagina que em sua Asbac, no final de sua gestão, vai haver concorrência ou disputa para novos administradores?

Há interesse da participação das novas gerações? Por quê?

Desde 1998 estamos praticamente o mesmo grupo, com raras alterações, na administração da Asbac local, possivelmente pela falta de interesse dos demais colegas. Das novas gerações poucos colegas tornaram-se sócios e alguns até conselheiros, mas é um número mínimo. Acho que o motivo é a falta de motivação das novas gerações de maior participação social. Promovemos diversos eventos, com participação gratuita dos novos colegas, buscando motivá-los à participação, e mesmo assim não houve interesse.

A Asbac na minha vida

A Asbac representou a oportunidade que tive de me relacionar mais com colegas e dar vazão à minha índole de servir. Particpei de trabalho social em prol de flagelados da seca, e de eventos sociais, que incluíram excursão ao Chile e Argentina, em que confraternizamos com os colegas dos Bancos Centrais de lá. A Asbac pertence à alegria da minha vida.

Arlindo Menezes, Asbac-SAL



Mudar a natureza e prestar serviço, armas para enfrentar a crise

Roberto Parrini, Recife-PEZ

Cuidadoso com o orçamento da Associação como era controlando o numerário do BC, Parrini consegue ser atuante e participativo mesmo requisitado pelos netos e atravessando fase de cuidados com a saúde



Há quanto tempo é associado?

Desde o dia que tomei posse no BC, assinei a ficha de filiação na Asbac; portanto, tenho 40 anos como sócio.

O que o levou a dedicar seu tempo à administração da Asbac?

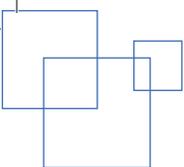
Pelo risco que a Asbac-Recife corria de fechar, e levando em conta os serviços que a Regional prestou aos associados nos últimos anos sendo o centro de convivência. Além disso, queria manter o ponto de encontro dos colegas aposentados. Lembro que Recife não possui sede própria e a Asbac é prestadora de serviços e ponto de apoio aos aposentados.

O tempo dedicado a essa atuação causa alguma dificuldade ou crítica em casa?

Sim. O tempo na Asbac consome grande tempo que poderia ser dedicado à família e à minha casa. Os netos são os que mais cobram. Também a saúde fica um pouco prejudicada porque, às vezes, sou obrigado a remarcar consultas e exames para atender interesse da associação.

O que faz para driblar as dificuldades financeiras e limitações orçamentárias que são comuns hoje, e ainda manter grau de interesse do corpo associativo?

Convênios com descontos e vantagens. Recorremos à criatividade criando alternativas para manter os atuais e atrair novos sócios como, por exemplo, intermediando assinaturas de telefones móveis. A Associação comprou um pacote com vantagens e repassou aos filiados. Mantemos uma loteca semanal com prêmios. Prestamos auxílio do E-social e declaração de imposto de renda, entre outras facilidades.



Na sua percepção, quais são os tipos de atividades que mais sensibilizam os associados?

De certa forma, esta resposta está contida na resposta anterior. Pois, lembrando que não temos sede, o que segura os associados são os convênios.

Considera que os clubes do tipo da Asbac, cada vez mais, vão se transformar em prestadores de serviços?

Sim. A tendência mundial dos clubes sociais e de serviços é mudar sua natureza para enfrentar a crise ou fechar. Para sobreviver teremos que nos adaptar às novas tendências.

Consegue se lembrar de alguma solução simples, sem tanto custo, que tenha impactado com muito sucesso no quadro associativo?

Sim. As festas de conagraçamento, principalmente a do final do ano, têm causado grande repercussão pelo fato de velhos colegas se reencontrarem. As demais festas (juninas, dia das mães) também causam efeitos positivos.

Como imagina que poderia ser solucionada a crise de novos associados?

Esta pergunta fica um pouco prejudicada porque não tem havido ingresso de novos servidores, já que o Banco não promoveu concurso na minha gestão. Mas apostamos na prestação de serviços que venham ao encontro dos interesses dos servidores.

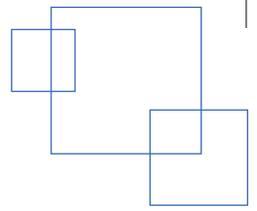
Que aspecto da relação de uma associação como a Asbac com o funcionalismo do Banco te traz mais satisfação?

Poder encontrar uma vez ou outra com amigos, colegas que demostraram aparecer ou que moram em outra praça.

Imagina que em sua Asbac, no final de sua gestão, vai haver concorrência ou disputa para novos administradores?

Há interesse da participação das novas gerações? Por quê?

Não. Sem atrativo financeiro como antigamente, fica difícil alguém querer se dedicar. Mesmo os antigos sócios estão correndo, sem querer participar.



Perfil personalista da nova geração é entrave à maior participação associativa

Carlos Alberto Filardi, Rio de Janeiro-RJ

Sempre sério e incansável na direção da Asbac carioca, Filardi luta para gerir um quadro social que vem encolhendo, várias sedes, orçamento curto, e acredita que, sem mudança de rumos, o futuro dos clubes é incerto

Há quanto tempo é associado?

Há 40 anos.

O que o levou a dedicar seu tempo à administração da Asbac?

Quando entramos para o Banco, em 1977, a filiação à Asbac era obrigatória e foi parte importante na nossa vida, tanto profissional quanto privada, o que me levou depois de aposentado a tentar ajudar, o que vimos fazendo até agora.

O tempo dedicado a essa atuação causa alguma dificuldade ou crítica em casa?

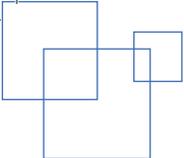
Eventualmente, mas facilmente contornável.

O que faz para driblar as dificuldades financeiras e limitações orçamentárias que são comuns hoje, e ainda manter o grau de interesse do corpo associativo?

As dificuldades financeiras e as limitações orçamentárias são o principal entrave para a condução dos trabalhos na Asbac. Hoje, com a violência aumentando no Rio e a construção, há alguns anos, de prédios "conceito", ou seja, aqueles que encontramos atividades oferecidas pelo próprio condomínio, fica difícil conseguir novos associados, pois quase tudo que procuram encontram sem sair de casa.

Acredito que a maioria dos associados efetivos permanece na Asbac mais por uma questão afetiva do que pelos produtos oferecidos. No que se refere aos usuários, a grande atração e interesse é pela estrutura da Sede Andaraí.





Na sua percepção, quais são os tipos de atividades que mais sensibilizam os associados?

Hoje, as atividades sociais sensibilizam bastante os associados, mas nada que os faça frequentar e participar ativamente da vida da Associação.

Considera que os clubes do tipo da Asbac, cada vez mais, vão se transformar em prestadores de serviço?

Acho que já estamos nessa situação.

Consegue se lembrar de alguma solução simples, sem tanto custo, que tenha impactado com muito sucesso o quadro social?

Não. A única medida que teve um impacto grande no quadro social desta Asbac foi a retirada da festa de final de ano, que era realizada nas dependências do Bacen, para o Monte Líbano. Mas o custo foi alto para as nossas finanças.

Como imagina que poderia ser solucionada a crise de novos associados?

Acredito que deveria haver uma mudança radical nos rumos da Associação pois, se não houver, estaremos condenados à extinção, infelizmente.

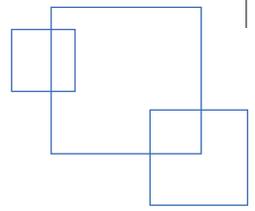
Que aspecto da relação de uma associação como a Asbac com o funcionalismo do Banco te traz mais satisfação?

O reconhecimento que o trabalho que está sendo feito é sério.

Imagina que em sua Asbac, no final de sua gestão, vai haver concorrência ou disputa para novos administradores?

Há interesse da participação das novas gerações? Por quê?

Não acredito que vá haver disputa para novos administradores nem interesse da participação das novas gerações pois, no caso destas, o perfil dos associados é muito personalista e não se interessam pela vida em grupo.



Vão-se associados e frequentadores, chegam os tomadores de serviço: a parceria é boa para o BC?

Eronides Batista Pituba, Salvador-BA

O popular e eficiente Pituba, alagoano de Arapiraca, 40 anos de Asbac, é devoto de Santa Edwiges e da sua Asbac soteropolitana, a quem tem dedicado zelo de contador e grande parte de seu horário nobre, muitas vezes sacrificando o convívio familiar

Há quanto tempo é associado?

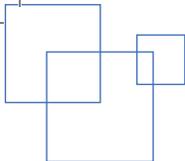
Sou associado da Asbac desde minha posse no BC, com registro de filiação datado de 28 de agosto de 1978. Em números redondos, já faz 40 anos de vínculo associativo.

O que o levou a dedicar seu tempo à administração da Asbac?

Gosto de pensar que minha inclinação pessoal pelos esportes e os reflexos dessa preferência em minha história de vida – frequento clubes sociais desde a pré-adolescência, tanto para participar das modalidades esportivas colocadas à disposição dos associados, quanto para socializar em disputas de jogos de salão – são fatores importantes, se não decisivos, para explicar essa iniciativa. No que diz respeito à Asbac Salvador, embora somente a partir de 1985 tenha efetivamente compartilhado sua administração, desde sempre fui participante assíduo de todas as modalidades esportivas disputadas em sua sede social. Como gestor, minha trajetória, que teve início na diretoria de esportes, passa pelo Conselho de Administração, do qual fui presidente em uma oportunidade, e chega até a presidência da Diretoria Executiva. A convite da Fenabac, também integrei o grupo de intervenção responsável pelas eleições gerais subsequentes ao afastamento de diretoria por decisão judicial.

O tempo dedicado a essa atuação causa alguma dificuldade ou crítica em casa?

Por todos os motivos que todos enfrentamos nessas circunstâncias, mas principalmente pela impossibilidade de fazer viagens com a família no final de cada ano, período de mais forte atuação na Asbac Salvador, enfrentei, sim, dificuldades em casa e muitas críticas da família. Fui, muitas vezes, empurrado contra a parede



para decidir entre a manutenção de meu casamento e um matrimônio com a Asbac Salvador. Apesar de tudo, continuo bem casado: escapei do divórcio.

O que faz para driblar as dificuldades financeiras e limitações orçamentárias que são comuns hoje, e ainda manter o grau de interesse do corpo associativo?

A Asbac Salvador, talvez por razões de natureza eminentemente local, tem enorme potencial para captação de receitas. Administrada com zelo, funciona sem maiores percalços. Por algum tempo, no passado menos próximo, experimentou algumas dificuldades, todas praticamente superadas durante a gestão dos dois últimos presidentes da Executiva, Fernando Hermida e Ederson Campos, que primavam pela contenção de despesas. A atual gestão, mediante investimentos em áreas de grande demanda esportiva, logrou aumentar a capacidade de faturamento do clube, que se coloca em situação de crescente conforto financeiro com o amadurecimento das inversões realizadas. Paradoxalmente, tal resultado não tem correspondência proporcional nos fatores motivacionais de interesse social e frequência dos associados efetivos. Na verdade, como foram atingidos outros clubes similares, também a Asbac Salvador se ressentia da escassa ou nula modernização de seu complexo de serviços sociais, incompatível com os novos tempos.

Na sua percepção, quais são os tipos de atividades que mais sensibilizam os associados?

Hoje, considerado apenas o leque de opções disponíveis, não há atividade que sensibilize o associado típico da Asbac Salvador. Os novos servidores do Banco Central – quer pela data de admissão, quer pela idade cronológica ou pela afinidade com as tecnologias dominantes – não se interessam pela filiação à Asbac Salvador, atitude diametralmente oposta à que se observa quando de sua criação/estabelecimento na sede social da Pituba. Não importa o apelo sócio comercial que se empregue nos contatos feitos para despertar-lhes o interesse pela associação. Nem mesmo o baixo valor da mensalidade praticamente congelada há muitos anos. Em todas as pesquisas de satisfação realizadas pela Asbac Salvador, talvez por conta do “approaching” adotado, os resultados desautorizam conclusões confiáveis, tão desinteressadas são as pessoas ouvidas e, por conseguinte, desprezíveis suas escassas manifestações.

Considera que os clubes do tipo da Asbac, cada vez mais, vão se transformar em prestadores de serviço?

Estão caminhando nesse sentido. Aqueles clubes que vislumbrem essa possibilidade de forma mais clara devem intensificar suas



ações com tal desiderato. O risco é a paulatina perda da pretensão associativa, substituída pelo norte empresarial. Na Asbac Salvador, já se observa essa tendência há algum tempo e ela a segue de forma bem eficiente: vão-se os associados e frequentadores, chegam os tomadores de serviços; de permeio fica a indagação: até que ponto tal forma de parceria interessará ao Banco Central.

Consegue se lembrar de alguma solução simples, sem tanto custo, que tenha impactado com muito sucesso o quadro social?

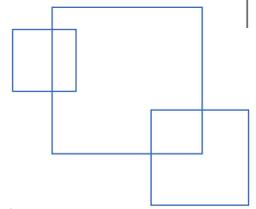
Não consigo. Não é simples e não acredito que boas ideias individuais façam diferença. O mundo mudou e com ele o conceito de clube social, que já não pode sobreviver assentado em moldes de antigas gerações; perderam, quando nada no Brasil, o trem da cibernética e a sintonia com as demandas e anseios do crescente número de potenciais associados do século XXI, mais interessados na navegação pela internet e no consumo voraz de jogos eletrônicos. Busquemo-los, então.

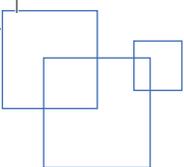
Como imagina que poderia ser solucionada a crise de novos associados?

Não é um problema que as associações possam resolver de forma fácil e isoladamente. Contudo, em parceria com a Fenasbac – utilização de seus recursos financeiros e aproveitamento da expertise dos profissionais do Instituto Fenasbac – há grande chance de sucesso: não há uma regra única; para cada regional, em razão de suas peculiaridades, haverá um caminho a seguir. Exatamente por isso, mostra-se tão interessante a perspectiva de uma pesquisa que contemple o conjunto dos problemas já mapeados para o universo Fenasbac, mas se detenha também nas características de cada uma de suas afiliadas, colhendo ideias, hábitos, usos e costumes de seu efetivo e potencial quadro de associados.

Que aspecto da relação de uma associação como a Asbac com o funcionalismo do Banco te traz mais satisfação?

No campo pessoal, sem falsa modéstia, a doce sensação de êxito no cumprimento da tarefa que me impus nos últimos seis anos. Mas esse sentimento está intimamente ligado e, em grande medida decorre de seu correspondente no plano social, previsão estatutária de ser a Asbac Salvador um espaço de confraternização para o funcionalismo do BC: a satisfação em atender às expectativas de quem procura o clube para a realização de um evento familiar; o gosto de perceber a satisfação que o associado exhibe, e um certo orgulho que tenta disfarçar, quando traz amigos, colegas ou fami-





liares para uma visita à sede de sua associação são boas medidas da boa administração.

Imagina que em sua Asbac, no final de sua gestão, vai haver concorrência ou disputa para novos administradores?

Há interesse da participação das novas gerações? Por quê?

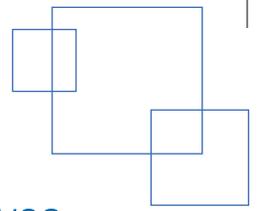
Pituba – O processo sucessório preocupa e já é discutido no Conselho de Administração da Asbac Salvador há algum tempo. Falta motivada dedicação aos associados vindos de concursos mais recentes e sobra esgotamento aos mais antigos. A médio/longo prazo só enxergo um remédio para essa crise, mas que será tão mais eficaz quanto mais cedo administrado: alterar o estatuto de modo a permitir que os integrantes dos poderes sociais elegíveis passem a receber remuneração por seu trabalho no clube, (verba de representação em dinheiro ou outros sem, contudo, confrontar a soberania da legislação em vigor) com conseqüente assunção de novas e maiores responsabilidades. A inerte alternativa pode levar ao agravamento da situação atual e causar grande dor de cabeça à própria Fenasbac.

A Asbac na minha vida

Nesses 42 anos de convivência, só tenho a agradecer ao quadro administrativo da Asbac- RJA. Sou assídua frequentadora, não só do lazer e das festas, como também dos produtos oferecidos pelos convênios, seguros, consórcios; das facilidades financeiras.

Sílvia Regina Punto Neto, Asbac-RJA





Equilíbrio financeiro e desinteresse das novas gerações, os principais estresses gerenciais

Luiz Tadeu Florentino, São Paulo-SP

Há mais de uma década à frente da Asbac paulista, Luiz Tadeu acha tempo para iniciativas criativas que o fazem campeão do Prêmio de Qualidade, mas suas rotineiras viagens de Jundiaí a São Paulo ainda são povoadas de preocupação com a sustentabilidade

Há quanto tempo é associado?

Aposentei-me em 2011, tenho 38 anos de BC e 44 anos de Asbac (11 anos no CA).

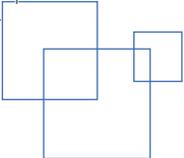
O que o levou a dedicar seu tempo à administração da Asbac?

Inicialmente, para dar sequência ao trabalho iniciado pelo amigo Carlos Alberto de Amorim Revoredo, especificamente para viabilizar o reajuste das contribuições que estavam congeladas por mais de 14 anos e, assim, manter as receitas acima das despesas. Essencialmente, relação de amizade com associados e grupo de amigos: Clóvis Naconecy de Souza, Amadeu João Caparroz, Eduardo Felix Bianchini, presentes no CA. de 2007-2009, e que tinham relação clara do sentido construtivo da Asbac para a comunidade baceniana. Mas a principal dificuldade já havia sido instalada pela postura de indiferença de boa parte do quadro de servidores.

O tempo dedicado a essa atuação causa alguma dificuldade ou crítica em casa?

A partir de 2010-2012, com a proximidade vertiginosa da aposentadoria e alguns problemas com doenças de familiares, foi-se mostrando uma dificuldade séria com os familiares que demandavam mais tempo de atenção. Ao mesmo tempo, algumas barreiras criadas pela administração do BC em São Paulo foram dificultando a administração prazerosa da Associação. A sequência, para a gestão 2013-2015, já implicou em não haver candidatos interessados, o que levou à candidatura emergencial e de chapa única, com o CA em seu limite mínimo: três membros, conforme apregoa o estatuto.





O que faz para driblar as dificuldades financeiras e limitações orçamentárias que são comuns hoje, e ainda manter o grau de interesse do corpo associativo?

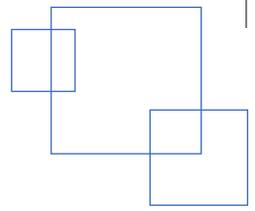
A situação de insuficiência de receitas e de limitação do quadro de associados vem, desde 2015, sendo o principal obstáculo enfrentado: encargos salariais elevados, receitas de contribuição em declínio (problemas de remuneração dos servidores e associados), custos rescisórios elevados dificultam a renovação do quadro para possibilitar busca por melhores funcionários (especialmente no Clube). Para driblar as dificuldades financeiras, há necessidade de maior percentagem de recursos oferecidos pela Fenasbac (aumento dos limites de assistência financeira, maior percentual nas receitas de seguros, além das atuais opções de apoio às atividades/eventos oferecidos aos associados e demais servidores). A renovação do quadro funcional, diminuindo o custo e elevando a eficiência, é fator essencial à administração possível, podendo manter o aspecto motivacional dos dirigentes. O interesse do corpo associativo está vinculado diretamente às vantagens oferecidas mas, em geral, é focado em interesses por atividades para grupos pequenos entre outras coisas, pelas dificuldades criadas pela mobilidade na capital paulista. Apenas o Café Kopi Luwak, no 9º andar do prédio do BC, agrega a atenção de associados ativos e outros servidores não associados por seus serviços e, como foi planejado para gerar receita adicional que supera o déficit de recursos com a saída de associados, mantém o colapso financeiro afastado mas tangenciando o modelo de gestão atual, que precisará ser revisto para ainda haver interesse de associados na Administração.

A Asbac na minha vida

Já fui até homenageado pela Associação de BSB, quando participei do Conselho Fiscal. E fui frequentador das dependências durante muitos anos, para ver futebol, utilizar sauna, churrasqueiras, ou simplesmente bater papo com os amigos. Foi e é parte importante da minha vida.

Benito Lima Vasconcelos, Asbac-BSB





Na sua percepção, quais são os tipos de atividades que mais sensibilizam os associados?

As atividades gastronômicas e as festas mais específicas (família, shows, etc.), desde que com custo de participação baixo (ou gratuito), são as que mais agregam associados e despertam interesse.

Considera que os clubes do tipo da Asbac, cada vez mais, vão se transformar em prestadores de serviço?

Os clubes do tipo da Asbac eram deficitários desde sua origem, pois demandavam mão de obra específica e custosa. Atualmente, as despesas com manutenção e com pessoal inviabilizam sua existência, além de desafiar o equilíbrio entre funcionalidade e atividades possíveis.

Consegue se lembrar de alguma solução simples, sem tanto custo, que tenha impactado com muito sucesso o quadro social?

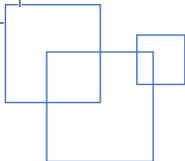
Não. Aquelas organizadas pelos associados interessados e com responsabilidades distribuídas entre os participantes são as que se revelam menos onerosas, como vem ocorrendo com a Festa da Família. Apoiadas em parcerias institucionais. Eventos gastronômicos como o Almoço dos Aposentados, os Dias de Crepe, Jogos com Atrações de Famosos, Dia da Família são aqueles que, apesar de parecerem ter custo elevado, trazem em seu conceito baixo custo diante da satisfação promovida.

Como imagina que poderia ser solucionada a crise de novos associados?

Essa crise passa pela percepção de que o modelo de Asbac implantado desde os primórdios (contribuição social, seguro de vida, PGAFI, atividades reduzidas e programadas, organização e atuação dos associados) possa ser reinventada. As rotinas operacionais decorrentes desse modelo necessitam estar nas mãos de pessoas que tenham competência e aptidão, que compreendam que fazem o que gostam.

Que aspecto da relação de uma associação como a Asbac com o funcionalismo do Banco te traz mais satisfação?

Apenas o aspecto inicialmente criado: você, servidor(a) do BC percebe que, para participar de algo (curso, evento social, atividade

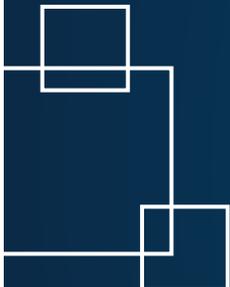
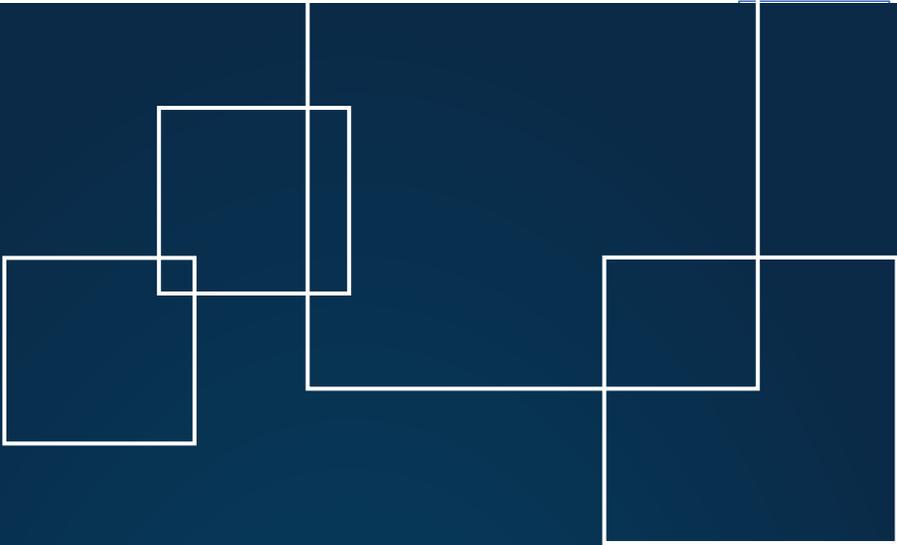


esportiva ou cultural), necessita estar efetivamente contribuindo para isso que lhe traz ou trará satisfação. E que vai gerar amizade, altruísmo, gratuidade. Sem pensar em levar vantagem. Minimamente, com a contribuição social; ou trabalhando nesse algo que lhe interessa (para fazer frente ao custo individual da participação). Mas sem o compromisso nessa participação.

Imagina que em sua Asbac, no final de sua gestão, vai haver concorrência ou disputa para novos administradores?

Há interesse da participação das novas gerações? Por quê?

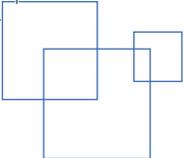
Não imagino, mas tenho feito contatos para que isso ocorra. O interesse não é o maior fator. Tem que haver viabilidade operacional para mexer com a fantasia dos associados.



PERSONAGENS

As sedes: cenários magníficos

Entidades surgidas sob a inspiração de conceitos de conagraçamento, promoção e incentivo à solidariedade e união entre os funcionários do BC, as Asbacs disseminaram esses princípios quase sempre se valendo de locais diferenciados onde dinâmicas sociais, esportivas e culturais pudessem florescer: as sedes sociais. Nesses cenários especiais ocorreram e ocorrem quase todas as interações. Vejamos como estão constituídas, em todo o país



As 10 Asbacs e seus endereços

Belém

Sede administrativa no prédio do BC; no momento não tem sede social, mas faz parceria com o Pará Clube. No espaço de convivência no BC, disponibiliza jogos como tênis de mesa, totó, carteador, dominó e damas.

Sede administrativa

Boulevard Castilhos França 708 - 1º andar - Campina
66010-020 | Belém-PA | (91) 3181-2046 - Rosi

Belo Horizonte

Sede administrativa no prédio do BC, e sede social localizada em área nobre da cidade. Distância entre os locais de 4,7 km, equivalente a 16 minutos de carro.

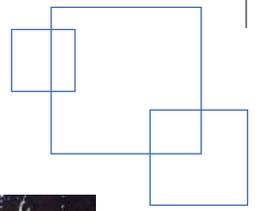
A sede social tem 2 quadras, sendo uma poliesportiva, 1 piscina, quiosques, salão para festa, área de lazer para sinuca e pingue-pongue e lanchonete. Aberto de terça a domingo. Não dispõe de área para carros, mas tem estacionamento livre nas ruas ao redor e pagos, nas proximidades.

Sede administrativa

Av. Álvares Cabral 1.605, 2º subsolo - Santo Agostinho
30170-001 | Belo Horizonte - MG | (31) 3253-7100/7204 - Sirleia

Sede social - Clube

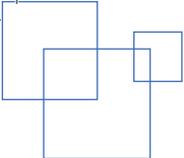
Rua dos Dominicanos, 105 - Serra
30210-480 | Belo Horizonte - MG | (31) 2535-8797



Clube, em BHO: quiosques



Clube, em BHO: visita das piscinas



Brasília

Não tem representação no prédio do BC; sedes administrativa e social ficam no Setor de Clube Esportivo Sul, a 15 minutos de carro (8,2 km). Já a sede de Aruanã dista 496 km do prédio do BC, que normalmente é percorrido em 6 horas e 20 minutos, desde o prédio do BC.

A Sede social possui academia da terceira idade, circuito inteligente de exercícios físicos, pista de caminhada e corrida com 2,5 km, ginásio de esportes, 3 quadras poliesportivas sem coberturas, complexo com 5 quadras de areia, 5 quadras de tênis em piso rápido, 4 quadras de tênis em saibro, piscina olímpica de 50m, piscina do tanque de saltos, campo de futebol oficial, campo de futebol em grama sintética, 2 campos de futebol soçaite com grama natural, complexo de ginástica artística, prainha para esportes aquáticos, sala de game. Tem ainda em seu espaço, para eventos: Salão Social com capacidade para 1000 convidados, Portal do Lago (salão para eventos com capacidade para 150 convidados), Espaço Gourmet (capacidade para 80 convidados), Varanda Tropical (espaço para shows de médio porte, com capacidade para 2000 convidados, com 2 palcos), Prainha (espaço aberto à beira do lago para shows de grande porte, com capacidade para 15000 pessoas), Bar da Praia (capacidade para 80 convidados), Bar dos Campos (capacidade de 130 convidados). Para entretenimento infantil: Parque aquático com escorregadores, chafariz e castelinho para crianças de até 7 anos e Brinquedoteca. Dispõe ainda, dos seguintes bares e restaurantes: Dom Francisco (alto padrão); Bar das Churrasqueiras, Bar das Piscinas, Bar do Futevôlei, Bar do Tênis. Há também os seguintes serviços terceirizados: Club LED-Lazer, Esporte e Desporto – escola de esportes e idiomas para crianças, A Casa da Luz Vermelha - Estúdio fotográfico do renomado Kazuo Okubo, Academia Fit Club- Academia de alta performance, e Lava Jato Prime. Funciona todos os dias. Estacionamento grátis.

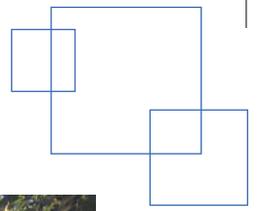
Já a Sede de Camping e Pesca em Aruanã dispõe de 8 apartamentos, piscina infantil e adulta, quiosque, cozinha com cozinha industrial, churrasqueira e sinuca. Funciona todos os dias. Estacionamento grátis.

Sede administrativa e social - Clube

SCES Trecho 2, Conjunto 31 - Avenida das Nações Sul
70200-002 | Brasília-DF | (61) 3212-5419/5420 | www.asbac.com.br

Sede de Camping e Pesca

Rua Landi, esquina com Luiz Alves - Q. 23 Lote 01, Setor de Mansões,
Parque do Araguaia | 77710-000 | Aruanã - GO | (62) 3376-1255 - Valdecir



Aruanã, salão de jogos e cozinha comunitária



Aranã, piscinas



Clube, churrasqueiras



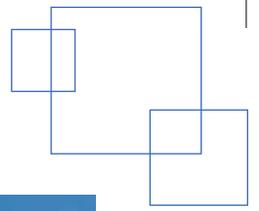
Clube, ginásio



Clube, parque aquático



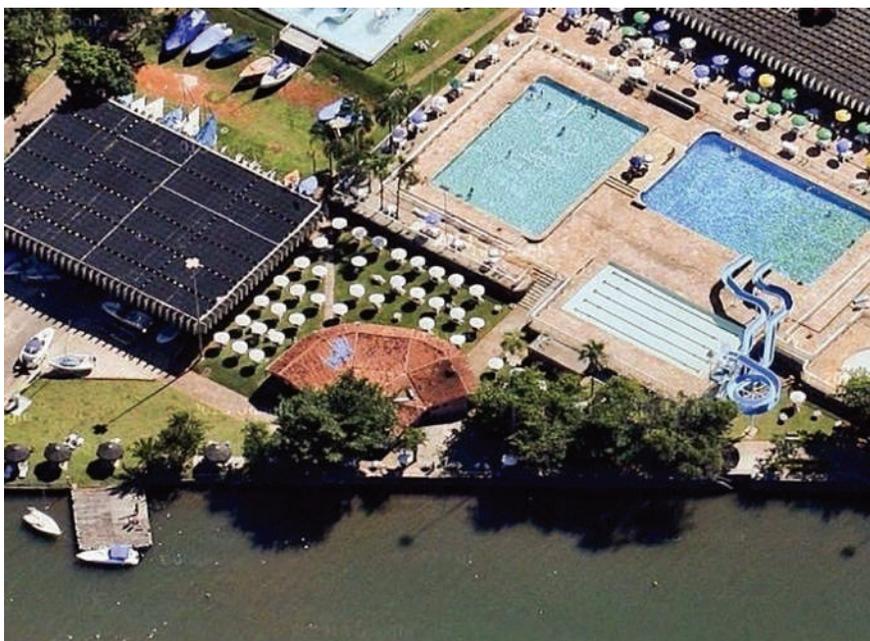
Clube, prainha



Clube, prédio do salão social



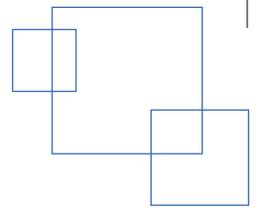
Clube, prédio do salão social, vista do lago



Clube, vista aérea próxima



Clube, vista aérea



Curitiba

Sede administrativa, no prédio do BC, e clube, distante 4 km, o que significa de 5 a 10 minutos de carro, em dias de trânsito normal.

A Sede social tem lago natural, campo de futebol, 2 quadras de futebol society com grama sintética (uma coberta), quadra de tênis, 2 salões pequenos para reuniões, que comportam até 50 pessoas, e um grande, para 100 pessoas. Funciona todos os dias. Estacionamento grátis.

Sede administrativa

Av. Cândido de Abreu 344 - 3º andar – Centro Cívico
80530-914 | Curitiba – PR | (41) 3281-3092 e 99687-9026 - Regiane

Sede social - Clube

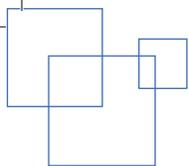
Rua Mateus Leme 3992 - São Lourenço
82200-000 | Curitiba - PR | (41) 3254-2182 - Ademir



Clube, em CWT: campo de grama sintética



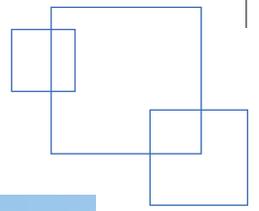
Clube, em CWT: campo de futebol iluminado



Clube, lago



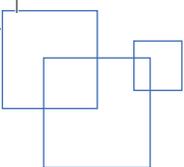
Clube, pista de skate



Clube, salão de eventos



Clube, vista aérea



Fortaleza

Sede administrativa no prédio do BC. A sede social fica a 22 minutos (9,2 km) do prédio do BC. Dispõe de piscina, sauna, parque infantil, Ginásio com quadra de tênis em saibro. Funciona todos os dias, das 8 às 23 horas. Estacionamento na rua da praia, grátis.

Sede administrativa

Av. Heráclito Graça 273, 8º andar - Centro
60140-061 | Fortaleza – CE | (85) 3308-5466 - Nilta

Sede social - Clube

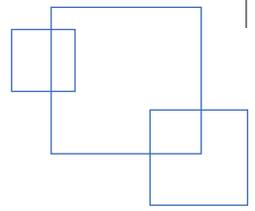
Av. Dioguinho 5543 - Vicente Pinzon, na Praia do Futuro
60182-001 | Fortaleza- CE | (85) 98762-0765



Clube, vista do campo de futebol



Clube, piscinas



Porto Alegre

Sede administrativa no prédio do BC; sede social a 22 minutos de carro (13,2 km). Sede social- Clube Asbac com lanchonete, área de lazer interna, área de lazer externa, galpão, salão de festa, piscinas e casarão.

AABB, com convênio, possui 3 quadras poliesportivas (uma coberta), 2 quadras de beach tênis, 14 churrasqueiras, 3 piscinas (1 coberta), academia, 9 selões para locação, biblioteca. Estacionamento grátis para sócios. Funciona todos os dias até 23 horas.

Sede administrativa

Rua Sete de Setembro 586, 14º andar - Centro
90010-190 | Porto Alegre - RS | (51) 3215-7234
www.asbacportoalegre.com.br

Sede social - Clube

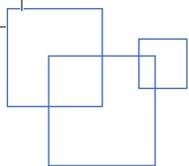
Rua Cel. Marcos, 1039 - Ipanema
(51) 3243-1000 | 91760-000 | Porto Alegre- RS

Associação Atlética Banco do Brasil - Porto Alegre

Av. Coronel Marcos, 1000 | Bairro Ipanema
91760-000 | Porto Alegre- RS | (51) 3243-1000



Clube, em POA: vista aérea



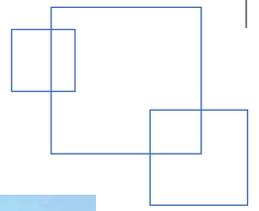
Clube, vista aérea



Área kids



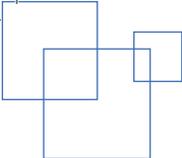
AABB, convivência



AABB, parque aquático



AABB, family free surf



Recife

Sede administrativa funciona no prédio do BC. Não dispõe de sede social. Em sua sede, dispõe de salão de jogos, além da secretaria, que realiza alguns serviços de conveniência. Funciona todos os dias em horário bancário.

Sede administrativa

Rua da Aurora 1259 - Térreo - Santo Amaro
50040-090 | Recife - PE | (81) 2125-4184 - Gleice Kelly

Rio de Janeiro

Sede administrativa no prédio do BC, duas outras sedes sociais na cidade do Rio, e outra em Teresópolis.

Distâncias entre a sede administrativa até a de Andaraí: 15 minutos; até a do Canadá: 5 minutos de metrô (2 estações); até Comary: 1 hora e 50 minutos, de carro.

Sede social de Andaraí dispõe de bar, churrasqueira, piscina, 2 campos de futebol com grama sintética, ginásio com quadra poliesportiva, quadra de vôlei de praia, quadra de tênis, piscina aquecida, espaço infantil, academia (terceirizada), sauna, espaço para eventos. Funciona todos os dias. Estacionamento interno, grátis para sócios. Funciona todos os dias.

Sede social Campo Carlos Noronha- Canadá possui campo de futebol com grama sintética, bar, churrasqueira, sauna. Estacionamento pago, nas imediações; acesso fácil por metrô. Funciona todos os dias.

Sede social - Comary dispõe de grande espaço verde para lazer e serviço de hospedagem para associados. Em sua estrutura encontra-se sala de TV, sala de jogos, restaurante, campo de futebol, churrasqueira, espaço infantil e quadra de tênis. Estacionamento grátis. Funciona todos os dias (não há serviço nas segundas-feiras).

Sede administrativa

Av. Presidente Vargas 730 - 11º andar - Centro
20071-001 | Rio de Janeiro - RJ | (21) 2189-5128 | www.asbacrj.com.br

Sede social - Andaraí

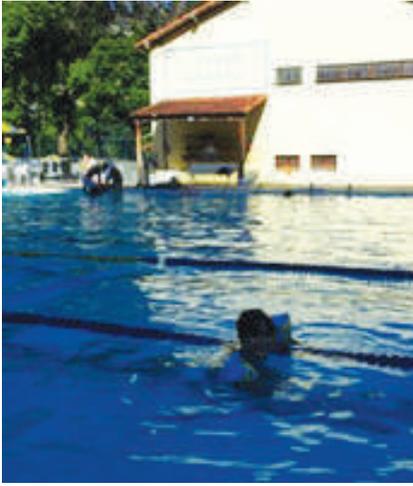
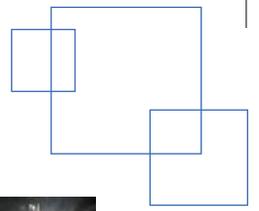
Rua Barão de Mesquita 872
20540-004 Andaraí - RJ | (21) 2288-3578/2570-8449

Sede social - Campo Carlos Noronha - Canadá

Rua Júlio do Carmo 83 - Cidade Nova
20211-160 | Rio de Janeiro - RJ | (21) 2504-3130

Sede social - Comary

Rua Tobias Barreto 380
25000-950 | Teresópolis - RJ | (21) 2642-1530/2270



Clube Andaraí, piscina



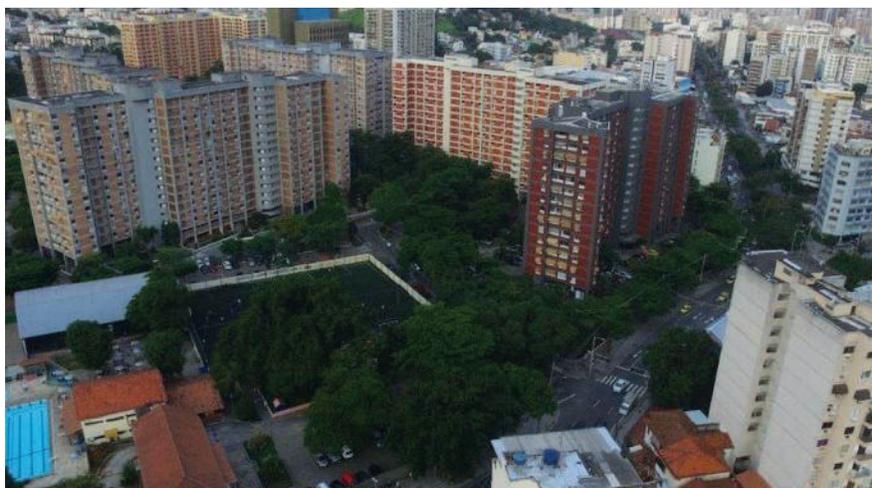
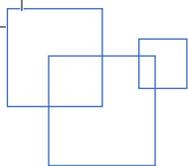
Campo Noronha, futebol de campo



Clube Andaraí, campo de futebol, visão frontal



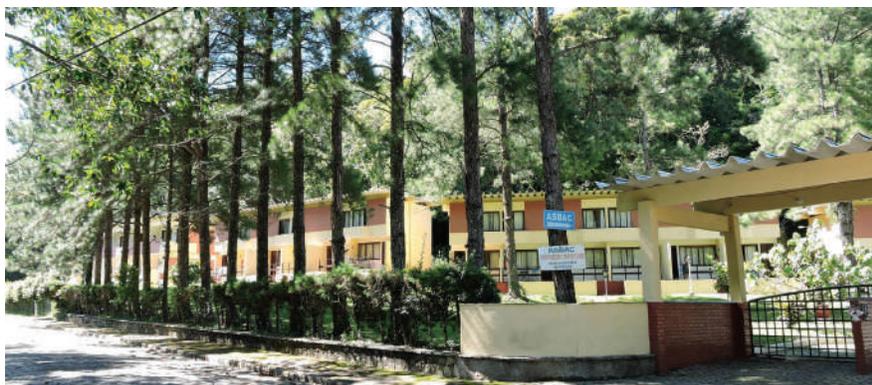
Clube Andaraí, campo de futebol, visão lateral



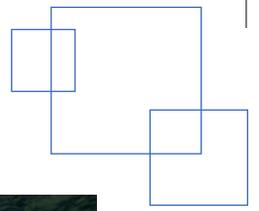
Clube Andaraí, vista aérea



Comary, apartamentos



Comary, vista da entrada



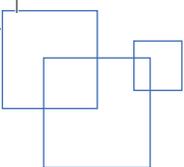
Comary, vista do campo e piscina



Comary, vista da piscina



Comary, vista do restaurante



Salvador

Não tem representação no prédio do BC, no momento. Distância do prédio do BC até a sede administrativa e social (10,8 km) pode ser percorrida em 15 minutos, de carro.

Na sua sede social, dispõe de duas piscinas, uma infantil e outra semiolímpica, um campo de futebol society, outro menor, ambos com grama sintética, além de ginásio coberto. Funciona todos os dias da semana; nas segundas, parcialmente. Estacionamento grátis, para sócios.

Sede administrativa e social

Rua Ceará 999 - Pituba

41830-450 | Salvador - BA | (71) 3240-3573/0346 - Lenira

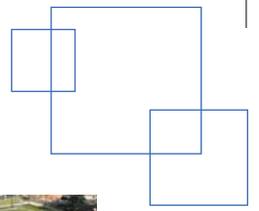
www.asbacsalvador.com.br



Clube, campo de futebol



Clube, iluminação noturna



Clube, vista aérea



Piscina



Playground

São Paulo

Sede administrativa, no prédio do BC, e social, à beira da represa de Guarapiranga. Distância entre a sede administrativa e a social: 1 hora, de carro.

Na sede administrativa, além de prestação de serviços, há lanchonete administrada pela própria Asbac, com descontos para sócios, biblioteca e midioteca.

A sede social possui ginásio poliesportivo, campo de futebol, 4 quadras de tênis (uma de saibro), quadra poliesportiva, playground, salão de jogos, lanchonete, espaço de restaurante, 3 quiosques, piscina semiolímpica, piscina infantil, estacionamento de velas, sala de bilhar. Funciona sábados, domingos e feriados. Estacionamento grátis.

Sede administrativa

Av. Paulista 1804 - 9º andar - Cerqueira César
01310-922 | São Paulo - SP | (11) 3491-6114/6366 - Sheila
www.asbacsapaulo.com.br

Sede social - Clube de Campo de Guarapiranga

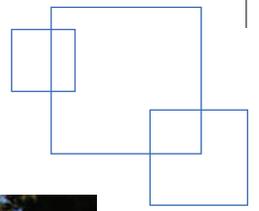
Rua Maria Stella 165/167 - Chácara Vista Alegre, Jardim São Francisco
04922-110 | São Paulo - SP | (11) 5514-6372



Clube, sala de jogos



Clube, bosque



Clube, campo de futebol



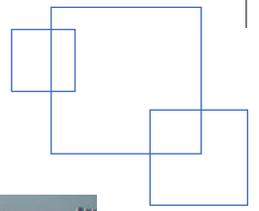
Clube, churrasqueiras



Clube, estacionamento de velas



Clube, ginásio de esportes



Clube, parque aquático



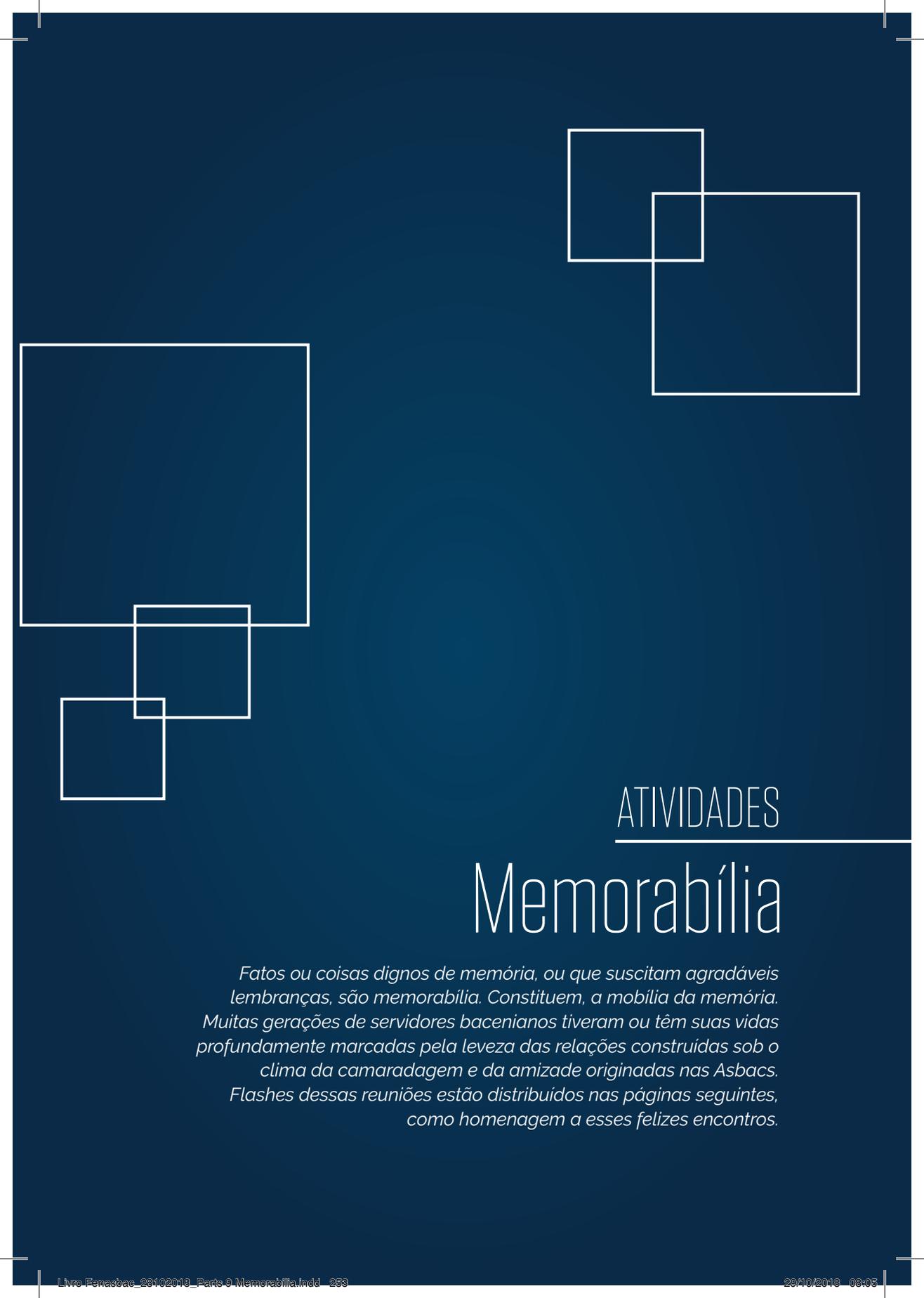
Clube, prédio principal



Clube, quadras de tênis



Clube, restaurante

The background is a solid dark blue color. It features several white-outlined squares of various sizes and orientations. Some squares are partially overlapping, creating a layered, geometric effect. The squares are positioned in the upper left, upper right, and lower left areas of the page.

ATIVIDADES

Memorabilia

Fatos ou coisas dignos de memória, ou que suscitam agradáveis lembranças, são memorabilia. Constituem, a mobília da memória. Muitas gerações de servidores bacenianos tiveram ou têm suas vidas profundamente marcadas pela leveza das relações construídas sob o clima da camaradagem e da amizade originadas nas Asbacs. Flashes dessas reuniões estão distribuídos nas páginas seguintes, como homenagem a esses felizes encontros.

Belém



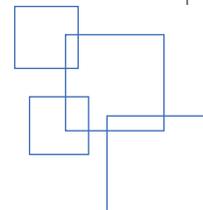
Ex-dirigente Carlos de Berredo Reis assina a posse na Asbac- BEL, em 1977



Adalberto Patello, ex-dirigente da Asbac-BEL, com esposa, em festa nos anos 2000, na regional



Reunião do Conselho Gestor, em out93, leva o dirigente da Asbac-BEL Selito Bordin, (último à direita) a Brasília



Ex- diretor regional Teófilo Conduro fala a associados, durante festa nos anos 1970



Ex- dirigentes Wilkens Gomes, à esquerda, e Altino Almeida, durante festa na regional de BEL, nos anos 1990



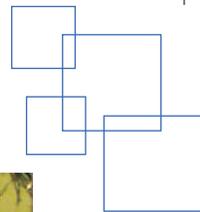
Atual diretor presidente da Asbac- BEL, Rodrigo Luz fala em data comemorativa em 2015



Reginaldo Bentes, à esquerda, e José Flávio, durante programação festiva nos anos 2000, na Asbac-BEL



Reunião festiva na Asbac- Bel, nos anos 2010, reúne Reginaldo Bentes, Pedro Paulo Rosa, Ferdinando Pinto, José Flávio e Altino Almeida



Narciso Aragão, o primeiro a partir da esquerda, confraterniza com outros dirigentes da Asbac- BEL, nos anos 2010



Ex- diretora da Asbac- BEL, Regina Maria posa ao lado de associados, em festa nos anos 2000

Belo Horizonte



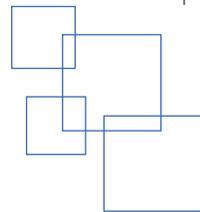
Diretor da Asbac Antônio Carlos do Pinho, de BHO, com Sebastião Márcio, Alvaro Aguiar Silveira e Paulo Andrade, em 1992



Dirigente José Pedro Rocha serve angu à baiana, em 2000



Caminhada do Dia Internacional da Mulher, em 1996



Aula de Yoga, e, 1992



Biblioteca, em 1976



Baile à fantasia, em 1992



Bingo da copa, em 1986



Coral da Asbac, em 1994



Caminhada ecológica, em 1993



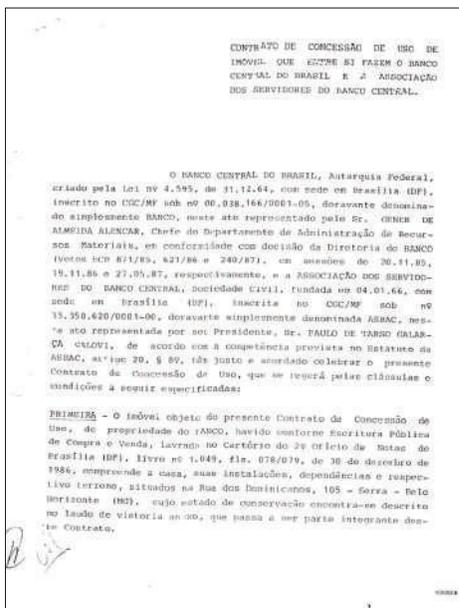
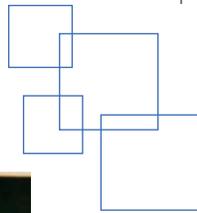
Desfile de modas, em 1992



Confraternização dos aposentados, em 1996



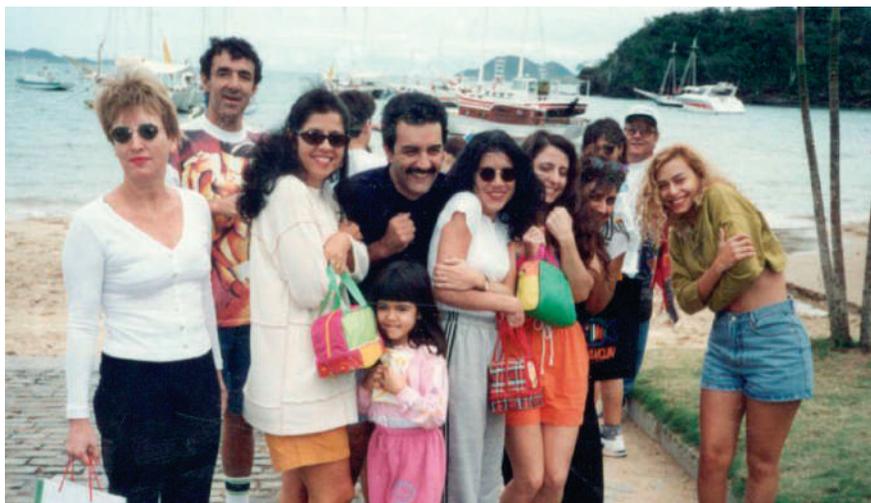
Feijoada, em 1992



Contrato de concessão do clube



Coral da Asbac, em 1994



Viagem a Búzios, em 1995



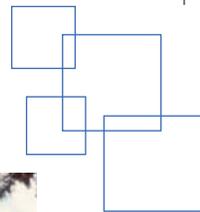
Inauguração da Sala da Asbac, nos anos 1990



Eleição e posse do diretor regional da Asbac e jantar comemorativo, em 1972



Posse da Diretoria, em 1972



Criação do jornal informativo, em 1992



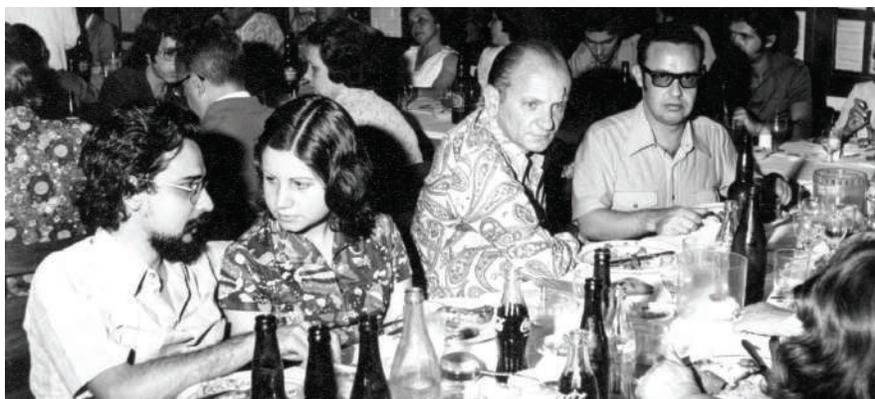
Excursão à Gruta de Maquiné, em 1993



Sorteio de carro zero km, em 1994



Curiosidade: primeiro computador da Asbac, de 1993



Jantar de confraternização, em 1972



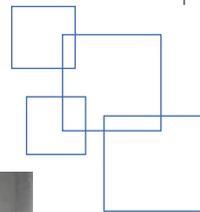
Noite das Árábias, nos anos 1990, com Antônio Carlos do Pinho ao microfone



Reveillon, em 2004, com Marília Prado



Reforma do jardim e dos quiosques e criação do novo playground, nos anos 1990



Posse do diretor Joanildo, em abril de 1977



Viagem a Angra dos Reis, em 1996

Brasília



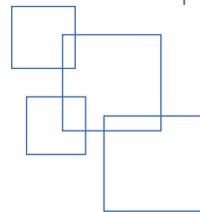
Clube Asbac de BSB fervilhando, no verão de 1976



Apresentação no Dia das Crianças, em 2014



Apresentação do Projeto Menor Aprendiz, em 2013



Maestro Salazar dirige Coral da Asbac-BSB, nos anos 1980



Festa de Confraternização da Asbac-BSB, em 1984, com o Trio Los Angeles



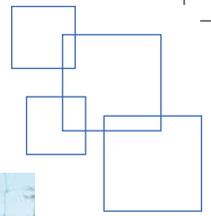
Coral da Asbac-BSB, em confraternização de fim de ano, nos anos 1990



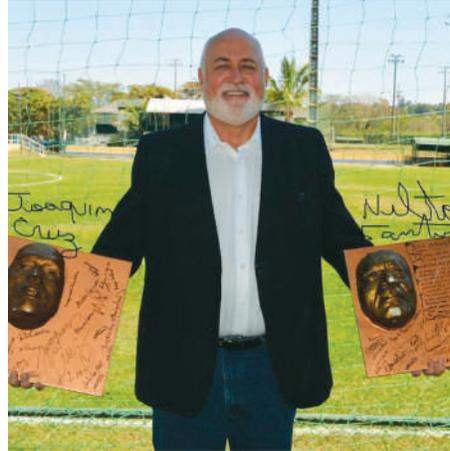
Plateia do Festival Em Canto, em dez2012



Baile de Debutantes, por volta do ano 2000



Durante cerimônia de posse, nova diretoria da Asbac- BSB formada por Antônio Pedro Ferreira, George Wanderley e Carlos Tadeu Pimenta, em 1998



Diretor Presidente Marcos Enéas mostra as máscaras esculpidas de Joaquim Cruz e de Nilton Santos, para museu da Asbac-BSB



Festa Junina da Asbac- BSB, em 2013

Brasília - Estrelas de campos e palcos



Lulu Santos



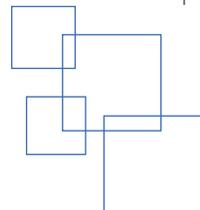
Alcione



Angela Maria



Beth Carvalho



Cauby Peixoto



Christian e Ralf



Golden Boys



Dominguinhos



Luiz Ayrão



João Bosco



Joaquim Cruz e Nilton Santos



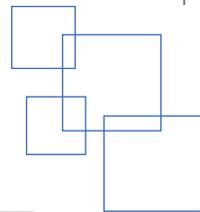
Manoel Tobias



Henrique Mecking, o Mequinho



Árbitro Margarida



Oswaldo Sargentelli
e seu show de Mulatas



Tom Cavalcanti



Zizi Possi



Wando



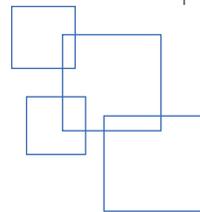
Os 3 do Rio



Raimundos



Os Vips



Curitiba



Quadra de grama sintética da Asbac-CWT



Festa de final de ano de 2017



Festa do Dia das Mães, em 2018



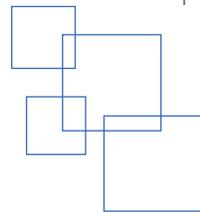
Festa das "competições cidadinas", em 2018



Jantar de confraternização, em 2016



Viagem a Balneário Camboriú, em 2018



Fortaleza



Ginásio do clube da Asbac-FOR



Piscinas movimentadas no verão, em Fortaleza



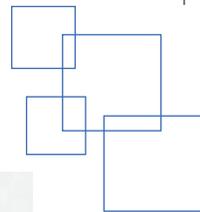
A diretoria da Asbac- FOR, em 2012: Paulo Aragão, Elio Fernandes, Ricardo Lessa, Nero Torres e Joel



No Natal da Asbac- FOR, o associado João Monteiro entretém o filho, diante do Papai Noel, em 1987



Paulo Aragão, com megafone, tenta organizar distribuição de presentes de Natal em 1979, na regional de FOR



Dona Nilda, de lado, e Francisco Ferreira Costa ("Costinha"), então delegado de FOR, ao lado de Geraldo do Carmo e Isabel e, de camiseta escura, Nívardo Castelo e Nélia, em festa de Natal, de 1973



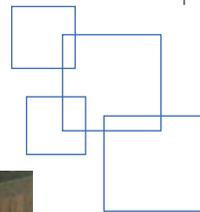
Diretor presidente da Asbac Henrique Marinho, ao microfone, enquanto Maria Izabel entrega prêmio a João Evangelista, em festa de 1985



Sorteio de prêmios, em Fortaleza, em 1986, com Henrique Marinho, Francisco Tarcilo, Zé Humberto (ao microfone) e Angela Bomfim



Henrique Sérgio, Almir, Evandro Toddyinho, Luís Abelha, Eduardo, Breder e Paulo Aragão, comemorando no bar do Kartódromo etapa do I Campeonato de Kart In Door da Asbac-FOR, vencido por Aragão



Missa do dia 23dez94, no salão nobre do BC, reúne Perpétua, Audísio, Angela Gurgel, Angela Bonfim e Helena Duarte



De pé, em primeiro plano, a partir da esquerda, José Joaci, Benedito Saraiva, Francisco Tarcilo, Nuitane, Fernando Leite, Virginia Lee e José Aguiar, nos anos 1990

Porto Alegre



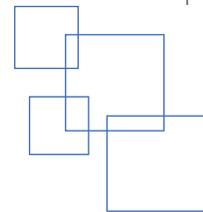
Jurada Denise Nunes, miss Brasil 86, ao lado de concorrente a Garota Verão, em 1993



Paulo Stein, à esquerda, e Manoel Dias, recebendo o diploma pela participação da Asbac-POA no Acampamento Farroupilha, em 2009



Diretor Paulo Stein, entre candidatas a Garota Verão e Princesa Asbac, em 1993



POA Foto vencedora do Concurso de Fotografia da Asbac- POA, de 1988, de autoria de Emilton Rocha, do Rio de Janeiro



Foto 2º lugar do Concurso de Fotografia da Asbac-POA, de 1988, de autoria de Maria de Lourdes Baldan, de São Paulo



Capitaneados pelo casal Manoel Dias, o primeiro a partir da esquerda, oito casais gaúchos vestidos a caráter preparam apresentação no galpão Farroupilha, no início dos anos 2000, na Asbac-POA



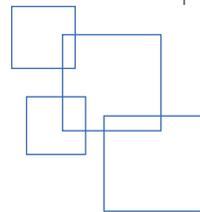
Reunião da Asbac-POA que decidiu pela criação do Galpão Farroupilha, nos anos 1990



Reunião de magos e bruxas durante Festa de Halloween, da Asbac-POA, nos anos 1990



Solenidade do Acampamento Farroupilha, da Asbac-POA, em 2006



Recife



Dirigente Parrini comanda festa Junina da Asbac- REC, em 2015



Em festa de final de ano, cerca de 2000, na Asbac- REC, Fernando Macedo, José Félix Evangelista, Gener Alencar e Paula



Reunião social da Asbac- REC, nos anos 1990



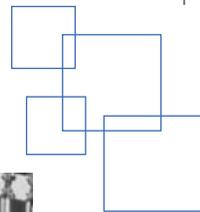
Reunião festiva da Asbac- REC, nos anos 2000, trouxe Wallace Carmello, Hélio Pequeno e a viúva do sr. Francisco Batista



Festa junina da Asbac- REC reúne, nos anos 2010, Jefferson Sá, Graça Rodrigues, Graça Souza, Marcos Rodrigues e Roberto Parrini



Cena de confraternização de final do ano de 2006, com destaque para o ex-diretor de REC Olívio Lins, de camisa azul-clara



Festa de aniversariantes do mês da Asbac- REC, nos anos 1970. A partir da esquerda: Leopoldo Lima Filho, José Raimundo Lima Filho, Perilo Lima, Jesu Padilha, Ademar Alencar, Olavo Melo; do lado direito: Maurício Xavier, Rubem Gomes, Luis Piragybe de Freiras Jr., Antônio Silva, Nilvande Vasconcelos e João Lacerda



Mesa de festego natalino da Asbac- REC reúne Jefferson Sá, a esposa Graça, NI e Carlos Sá, na década de 2000

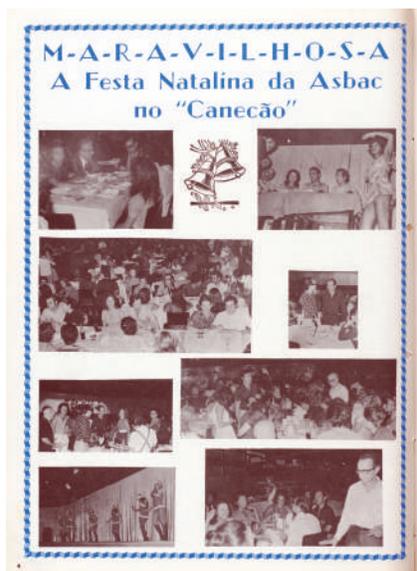
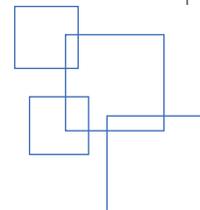


Festa de Natal da Asbac- REC reúne Ricardo Monteiro, Fernando Macedo, José Félix Evangelista, Carlos Lemos e Fernando Clemente, nos anos 2000



Três casais na mesa da festa de final de ano da Asbac- REC: Maria Helena e Djair Farias, Edson e Fátima Caldeira, Lourdinha e Sílvio Dantas, por volta dos anos 2000

Rio de Janeiro



Festa de Natal no Canecão, em 1971



Festa junina em Andaraí, em 1992



Nos 35 anos da Asbac- RJ, em out2001, comemoração reúne os mais antigos associados da Asbac



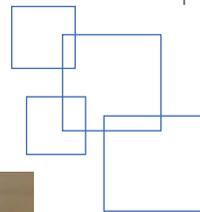
Baile de Carnaval na sede de Comary, em 2016



Jornal Espelho, n° 90, trata da festa Junina na sede Canadá, em 1991



Carnaval em Comary, em 2013



Comary preparada para festa Tropical, em 2012



Festa do Dia das Crianças na sede Andaraí, em 2016



Festejos do Dia das Mães na sede Administrativa, em 2017



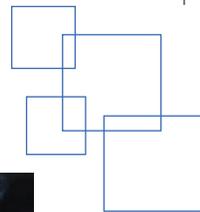
Comemoração do Dia das Mães na sede Administrativa, em 2014



Festejo do Dia dos Pais, na sede Administrativa, em 2015



Dia dos Pais na sede Andaraí, em 2017



Festa de final de ano, em 2015



Festa do final de ano de 2016



Festa de fim de ano, em 2017



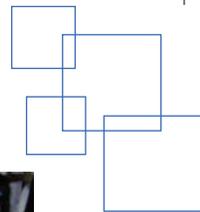
Festa de fim de ano, em 2017



Festa de fim de ano, em 2017



Festa Junina no Andaraí, em 2016



Festa Junina no Andaraí, em 2013



Festa Junina no Andaraí, em 2013



Festa Junina em Comary, em 2012



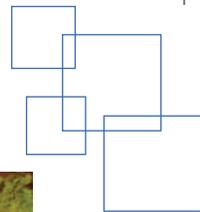
Festa Junina em Comary, em 2012



Festa Junina em Comary, em 2012



Festa do Queijo e Vinho, na sede Comary, em 2016



Festa do Queijo e Vinho na sede Comary, em 2015



Festa do Queijo e Vinho na sede Comary, em 2017

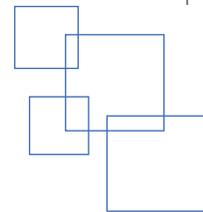


Reveillon em Teresópolis, na sede Comary, em 2016



Reveillon em Comary, em 2017

Salvador



Flagrante tirado na cordilheira dos Andes, em excursão de servidores e familiares soteropolitanos ao Chile, em 1998. A partir da direita, em pé, Guto é o quarto, de gorro marron.



Durante o Carnaval de Salvador-BA, funcionários, familiares e amigos brincam na Lavagem da Visgueira, em 2002



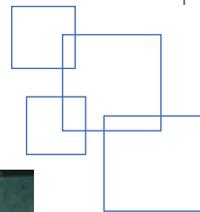
Eronides Pituba e Osvaldo Matos, em festa nos anos 1990 na Asbac-SAL



Ao centro, Fernando Ribeirinhas Hermida durante a "Lavagem", nos anos 1990, em Salvador



Luiz Pereira Barbosa inaugura sala com seu nome, na Asbac-SAL, em 1997



Milton Fernandes Dias, o segundo na foto, durante almoço de confraternização nos anos 1990, na Asbac-SAL



Em pé, Newton de Mello Sá, segundo presidente da Asbac-SAL; sentado, o primeiro à direita é Luiz Pereira Barbosa, o primeiro presidente



Em festa nos anos 1990, Ademir Clavel, Dorilena Andrade, Dário Schneider, Mário Quirino, NI e NI, na Asbac- SAL



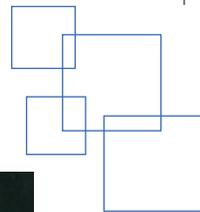
Luiz Augusto Ferraz, conferindo cestas básicas a serem entregues a flagelados no sertão baiano, em 1998



O próprio Newton Sá, durante inauguração do Ginásio de Esportes que recebeu seu nome, em 1995, na Asbac- SAL



Colegas e músicos Clóvis Dattoli e Haroldo animam festa em Salvador-BA, nos anos 1990



Barbosa, Arlindo Menezes, Godofredo Massarra e Mário Miranda, o Barão, em comemoração da Asbac- SAL, nos anos 1990



Em festa nos anos 1990, na Asbac- SAL, mesa composta por Deraldo Andrade, Celina Vasconcelos, Vânia Ramos e NI



No flash, Rosa Coelho Figueiredo, Madalena, Marília Nicodemus, NI, Têlio Barroso, Emilia Fagundes, Graça Ledo de Brito, Carlos Manoel, em festa da Asbac- SAL, nos anos 1990

São Paulo



Assinatura da escritura do Clube de Guarapiranga, em 21mai76, com Benedicto Alves, delegado da Despa, George Marcondes Coelho de Souza, chefe do Jurídico, Antenor Araken Farias, chefe da Administração, Padilha, superintendente da Asbac-SPO e chefe de cartório



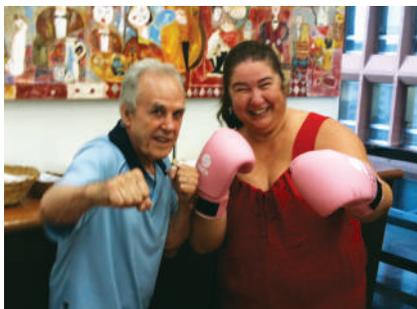
Na festa de final de ano de 2003, os eleitos para o triênio 2004/06: Cristiana Kunika, Carlos Alberto Revoredo, Mitie Hassunuma, Sérgio Watanabe e Maria de Fátima Cavalcante



Em festa de final de ano de 1979, José Luiz Ubida, Carlos Alberto Schmidt, João Henrique Leite Martins e o cantor Gonzaguinha, entre seus músicos



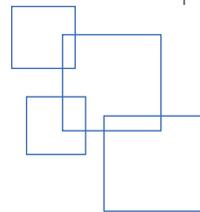
O conjunto genuinamente paulista, formado por Ademir Gargiulo (camisa branca), João Henrique Martins e José Luiz Ubida, com músicos convidados, no sábado musical em 26mai79



Associada Ivani Souza boxea com Eder Jofre, durante lançamento de revista em dez2011



Cena de Pescaria em Manaus, com Rubens Nazareth, Lincoln e Geraldo Toledo, em 26nov78



Os eleitos para o mandato de 1977/80, da Asbac-SPO: Luiz Carlos Casemiro e Suely Bezerra, depois Girnius



Garcia, Rubens Nazareth e diretor presidente Nogueira, em festa do Queijo e Vinho, na Choperia Joan Sehn, ago97



Em aula de dança, no ano de 1991, o casal Ivani e Sebastião de Souza



Em cena da prova de cigarro no Undocai de 22ago81, a partir da direita, Alfredo Seegerer e X, entre outros participantes



Em festa de final de ano na década dos anos 2000, José Maria Jacinto, Luiz Antônio Girnius, Euclides Bonfim, esposa, Maria Lúcia e Carlos Alberto Revredo



Em comemoração festiva, de 1998, ao centro, a ex-diretora regional Cristiana Nakazawa



Numa das formações do Coral da Asbac paulista, com Carlos Affei no teclado



Outra formação do Coral da Asbac, com a solista Fátima Antunes e a regente Mirian Carpinetti



Vantoir Carneiro, chefe da secretaria da Asbac- SPO, em Festa Junina de 2000



Durante posse do diretor regional Alberto Matsumoto, em 1983, presentes Eduardo Lundbergh, Alencar, Sérgio Paulo, Carlos Daniel, Nazaré, Aquilina Luiza, Alberto, José Carlos Paes e Luís Décio



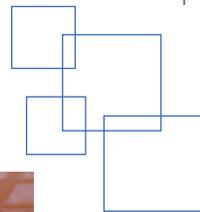
Registro da inauguração do restaurante, na Asbac- SPO, com Maria Luiza Nogueira e Carlão, aguardando o início de atividades



Cena do restaurante da Asbac em funcionamento, nos anos 1980



Pedro Moura, o primeiro presidente da Asbac-SPO, ao lado do primeiro delegado do BC em São Paulo, Benedicto de Oliveira Alves, em 1969



Delegado Benedicto Alves assina a posse de José Maria Padilha, em 1972



Escolha da miss Asbac-SPO, em set79



Casal Carlos Daniel Cláudio e Nazaré, em dez84



Padilha faz exposição para grupos de associados, em 1973



Sueli Souza assina peça gráfica ao lado da funcionária Zilda, em 1974



Ex-diretor Luís Carlos Casemiro assiste ao associado João Couto Machado, jogador de tênis de mesa, ser cumprimentado pelo diretor regional Alberto Matsumoto, em 1984



Associada Toyomi Araki relaxa no intervalo de partida do campeonato de tênis de mesa, em 1985



Diretor Padilha toma a frente num carrinho de montanha-russa, no Play Center, durante confraternização, em 1975



Antenor Araken Caldas Farias, dirigente nos anos 1960, ex-delegado do BC em São Paulo e diretor de Administração



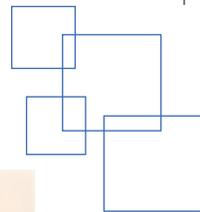
Reunião em São Paulo discute a Asbac representativa, em 1983



Excursão da Asbac- SPO a Barra Bonita, em 1978, com (a partir da direita) Márcio, Aquilina Luiza, Cyro Santos, Silvio Cipriano, Maria Dolores Cañedo, Cláudia Lima, Spencer Ferreira Lima e Alberto Cristophe



Associado Aires Daniel Gomes carrega em triunfo presente sorteado em festa de final de ano, no início dos anos 70



Apresentação do Coral Asbac- SPO no 1º Encontro de Corais das Associações. ADCs e Grêmios (Fepaf), em 15ago98



Em intervalo da festa de Natal de 1981, Aristeu de Campos filho (à direita) observa ensaio do violonista Paulinho Nogueira, astro do evento



Baile da Primavera encena a "Ilha da Fantasia", no clube da Asbac em Guarapiranga, sob as vistas do casal Luis Carlos Cazemiro, diretor regional, em out81



Encontro na Sala de Reuniões do prédio da Peixoto Gomide, os dirigentes Araken Farias, Adilson Modesto, José Osório Lourenção e José Maria Padilha, nos anos 1970



Em Festa Junina realizada em jun81, Aristeu de Campos Filho e Carlos Schmidt



Dois dirigentes pioneiros da Asbac-SPO: Geraldo José Guimarães e Rubens Nazaré, em 1969



Foto vencedora do Concurso de Fotografia da Asbac, feita pelo associado Ricardo Franco Martins, nos anos 1990



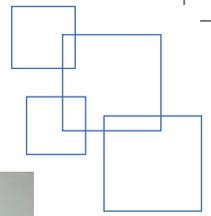
Luiza Regina Zierhofer, eleita Miss Asbac-SPO, no início dos anos 1980, em concurso para representar SPO na Olimpíada



Um dos dirigentes pioneiros da Asbac-SPO, Paulo Garcia de Andrade entrega medalha de esportes para José Armando Bagatella, no início dos anos 1970



O cantor Cauby Peixoto, durante show no "monumental" de Guarapiranga, nos anos 1990



Casal de asbaqueanos, nos anos 1990: Pedro Nebesnyj e Jeanne Bezerra



Associada Luiza Higashi exhibe o troféu do Prêmio de Qualidade, na categoria Destaque Associativo, de 2017



Casal Rafael Siracusa Neto e esposa, nos anos 1990



Associada Michelle Zmetek velejando em Guarapiranga, em 2010



Grupo Originais do Samba se apresenta em confraternização natalina na Asbac- SPO, nos anos 1980, com o comediante Mussum à frente



Inauguração do clube em Guarapiranga, com a presença dos delegados Alexandre Russo (a partir da esquerda) e esposa, Araken Farias e esposa, além dos dirigentes da Asbac Luiz Carlos Casemiro (de terno branco), Aristeu Campos Filho e José dos Santos Costa



Festa Junina na Asbac-SPO, em Guarapiranga, em 1984



Integrantes do grupo vocal MPB4 posam junto com o diretor Carlos Schmidt, antes de show na Asbac nos anos 1970



Ex-delegado do BC paulista, Furugem, o quinto a partir da esquerda, era incentivador da Asbac



Mesa de asbaqueanos em festa nos anos 1970 com, a partir da esquerda, Virgínio Santos, Mauro Daré e Luiz Tadeu Florentino, com esposas



Plateia presente na solenidade de inauguração da Asbac paulista, nos anos 1960

¹ Noêmio Félix de Oliveira Lima; ² Abraham Neustein; ³ José Roberto da Silva; ⁴ Sérgio Paulo Teixeira de Oliveira; ⁵ Luiz Décio Teixeira Novaes; ⁶ Nilza Mello; ⁷ Aquilina Luiza Torres de Paula Santos; ⁸ NI; ⁹ NI; ¹⁰ Mário Luiz Martins Ramos; ¹¹ Hélio Mauro Lopes da Cruz; ¹² José Alberto Brazão; ¹³ Diogo Feijó Carneiro; ¹⁴ NI; ¹⁵ NI; ¹⁶ Ari Chaves Pires Camargo; ¹⁷ Alberto Christophe; ¹⁸ Hermann Wagner Wey; ¹⁹ Camargo; ²⁰ NI; ²¹ NI; ²² Yara Bednarek Salek; ²³ Lúcia Saraiva Cardoso; ²⁴ Heloisa Negreiros de Castro; ²⁵ Regina; ²⁶ NI; ²⁷ Mário Othero; ²⁸ Bely Gabriela Teixeira Gaspar; ²⁹ Sebastiana Costa de Souza; ³⁰ Antônio Marson; ³¹ Oswaldo Taveira.



Antes de sorteio em festa comemorativa, o dirigente Costinha fala, ao lado de Moretzsohn (camisa escura), Lourenção e Regina Zierhofer



Grijalva Fonseca recebe distinção de Leyla Borges, no auditório do BC, por volta dos anos 2000



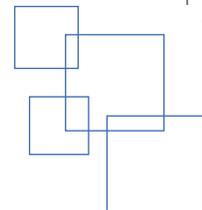
Luiza Higashi, associada desde o ingresso no BC, é considerada a mais representativa nissei do quadro do BC, em levantamento de 1994 do jornal NotaNova



José Maria Padilha, diretor regional da Asbac, ao lado do delegado Benedicto Alves, da Despa, e esposa, nos anos 1970



Joaquim Menezes, Guto Ferraz, Clovis Naconecy e Luiz Tadeu Florentino, em intervalo da Comissão do Prêmio Fenasbac de Qualidade, em 2017, em São Paulo



Posse da Diretoria nacional, Conselho de Administração e Fiscal, para 1995/97, no auditório do Centro de Treinamento do BC, na Asbac-BSB; da dir. para a esq.: Calovi, Garcia, Flávio Fernandes, Tadeu Pimenta e NI



Paulo Stein e Cezar Barrozo entregam escultura ao presidente do BC, Pêrsio Arida, em 1995



Cezar Barrozo e Paulo Stein, agradecendo o presidente do BC, Gustavo Franco, com peça de arte, em 1998



Presidente do BC Ernane Galvêes deseja sucesso aos participantes da 2ª Olimpíada da Asbac



Hall de entrada da Fenasbac, no 7º andar do Edifício Casa de São Paulo, em Brasília



Operário trabalhando na obra de adaptação para comportar o Instituto Fenasbac



Vencedores do Prêmio Fenasbac de Qualidade de 2014, em Salvador: Laufer, Vândir, Stein, Naconecy, Guto, Marília, Joaquim e Aparício



José Garcia Netto, Paulo Calovi e Paulo Stein, durante reunião da Diretoria executiva, em 1995.



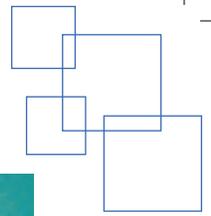
Milene Xavier, Bel Egner, Lucila Simão e Gerson Bonani, da Fenasbac, em 2000



Antônio Carlos Feijó, Miriam de Oliveira, Derci Henrique; atrás, Paulo Calovi e Nicolino, famoso jogador de sinuca paulistano



Homenagem ao Sinal, em 1º nov 2013, com Isso Sendacz, de SPO, Luis Carlos Paes de Castro, FOR, a diretora Nalva, Eduardo Stalin, SPO, Gustavo Diefenthaeler, POA, e José Carlos Silva Corrêa, BEL



Reunião da Fenasbac em Brasília, em 2001



Reunião do Conselho Gestor, nos anos 2010, em Brasília- DF



Dirigentes presentes no Siga, em mai10, em Brasília



Componentes do Seminário Interno de Planejamento Estratégico, realizado em Teresópolis, em out06



Posse de Tadeu Pimenta como conselheiro na Asbac Nacional; na mesa, a partir da esquerda, José Garcia Netto, Luiz Fernando Maciel, Miriam Oliveira, Paulo Calovi, José Cláudio Pinho e secretária, nos anos 1980



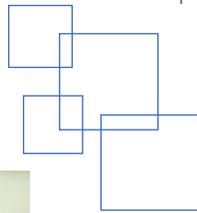
Reunião da Asbac Nacional, com Paulo Calovi no comando, nos anos 1980, traz o dirigente Pedro Valdenir ao microfone



Agraciados pelo Premio Qualidade em 2014- Laufer, CWT, Vandir, Fenasbac, Stein, POA, Clovis, SPO, Guto, SAL, Marília, BHO, Joaquim-REC e Aparício, BSB



Apresentação do IFenasbac à diretoria do BC, em 2011, com Nilvanete, Altamir, Paulo Stein, Juliana Sandri (chefe UniBC), Roberto Horta e Nalva



Reunião da equipe de auditoria de Consórcios, nos anos 1990



Diretor Carlos Eduardo recebe homenagem, em nome do BC, de escultura em madeira do diretor da Fenasbac Cézar Barrozo de Faria, e Paulo Stein, presidente



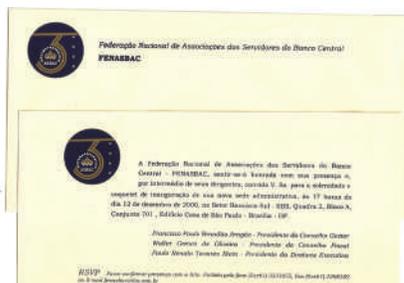
Assembléia de contemplação Consórcio Fenasbac, em ago2002, com Raimunda Almeida à frente



Assinatura do contrato de Seguros de Vida Fenasbac com a Icatu Hartford, por Paulo Aragão



Audiência da Fenasbac com o presidente do BC Alexandre Tombini, em 2015



Convite para o coquetel de inauguração da nova sede Fenasbac, em 12dez2000



Fenasbac, em BSB- Sala de Reunião



Flagrante da Reunião do CG em 2014, em Brasília



Inauguração da nova sede Fenasbac, em dez2012, com Paulo Stein e Walter



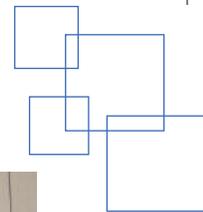
Paulo Stein e Marco Antonio Montenegro Beltrão, presidente da AAFBC, em cerimônia



Placa da inauguração da nova sede Fenasbac em 12dez2000



Prêmio 50 Anos de BC, obra de arte de dupla expansão em mármore branco



Premiação 50 anos do BC, em fev/2015, com Alexandre Tombini, Presidente do BC



Presentes à reunião do CG em 2015, em Brasília



Reunião dos Diretores das Asbacs, em 2015, em Brasília



Seminário para Dirigentes das Asbacs em 11mar89.

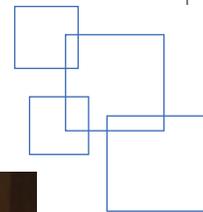
¹ Antônio Passos Filho; ² José Cláudio Mendes da Silva Pinho; ³ Mário Márcio Damasco; ⁴ Saulo Fernandes de Azevedo; ⁵ José Henrique Germano; ⁶ Neuza Sanroman; ⁷ Marcus Vinicius dos Santos Jr.; ⁸ Carlos Alberto Filardi; ⁹ Selito Antônio Bordin; ¹⁰ Ozitha Ottoni Teatini de Andrade Lobo; ¹¹ Paulo Renato Tavares Stein; ¹² Antônio Jorge Melo Viana; ¹³ Glicério Braun; ¹⁴ Carlos Eugênio Mendes Cleto; ¹⁵ Dimas Soares de Sousa; ¹⁶ Paulo de Tarso Galarça Calovi; ¹⁷ Reginaldo Bentes dos Santos; ¹⁸ Luiz Fernando Cardoso Maciel; ¹⁹ Flávio Fernando de Fontoura Ferreira; ²⁰ José Humberto Saraiva; ²¹ Sandra de Sousa; ²² Pedro Valdenir; ²³ Dervio Rondon Carmelino; ²⁴ Viriato Ribeiro Caram; ²⁵ Henrique Jorge Medeiros Marinho; ²⁶ Roberto Siqueira Filho; ²⁷ Luiz Arthur Batelli; ²⁸ Júlio Sempère Garcia; ²⁹ Degel Cruz; ³⁰ Olivio Pessoa Lira Lins; ³¹ Miriam de Oliveira; ³² Carlos Tadeu Pimenta; ³³ César Pons Dias da Costa; ³⁴ Roberto de Carvalho Vivas; ³⁵ Divino Alberto Soares; ³⁶ Marcos Antônio Feijó de Mello; ³⁷ José Garcia Netto; ³⁸ Nelson Rodrigues de Oliveira; ³⁹ Aristeu de Campos Filho; ⁴⁰ Elisa Maria de Mello Rosa; ⁴¹ Sebastião Márcio Monteiro; ⁴² Ronaldo José de Souza.



Presentes no Programa de Capacitação de 2014, em BSB



Presidente do BC Gustavo Franco recebe homenagem ao BC pelo diretor Cezar Barrozo e o Presidente da Fenasbac Paulo Stein, em 1994



Presidente Paulo Stein dá boas vindas aos novos servidores em BSB, em 2015



Prêmio Qualidade 2014 sendo entregue por Paulo Stein a Antonio Carlos Mendes de Oliveira, chefe do Demab, pela sua contribuição às Asbac



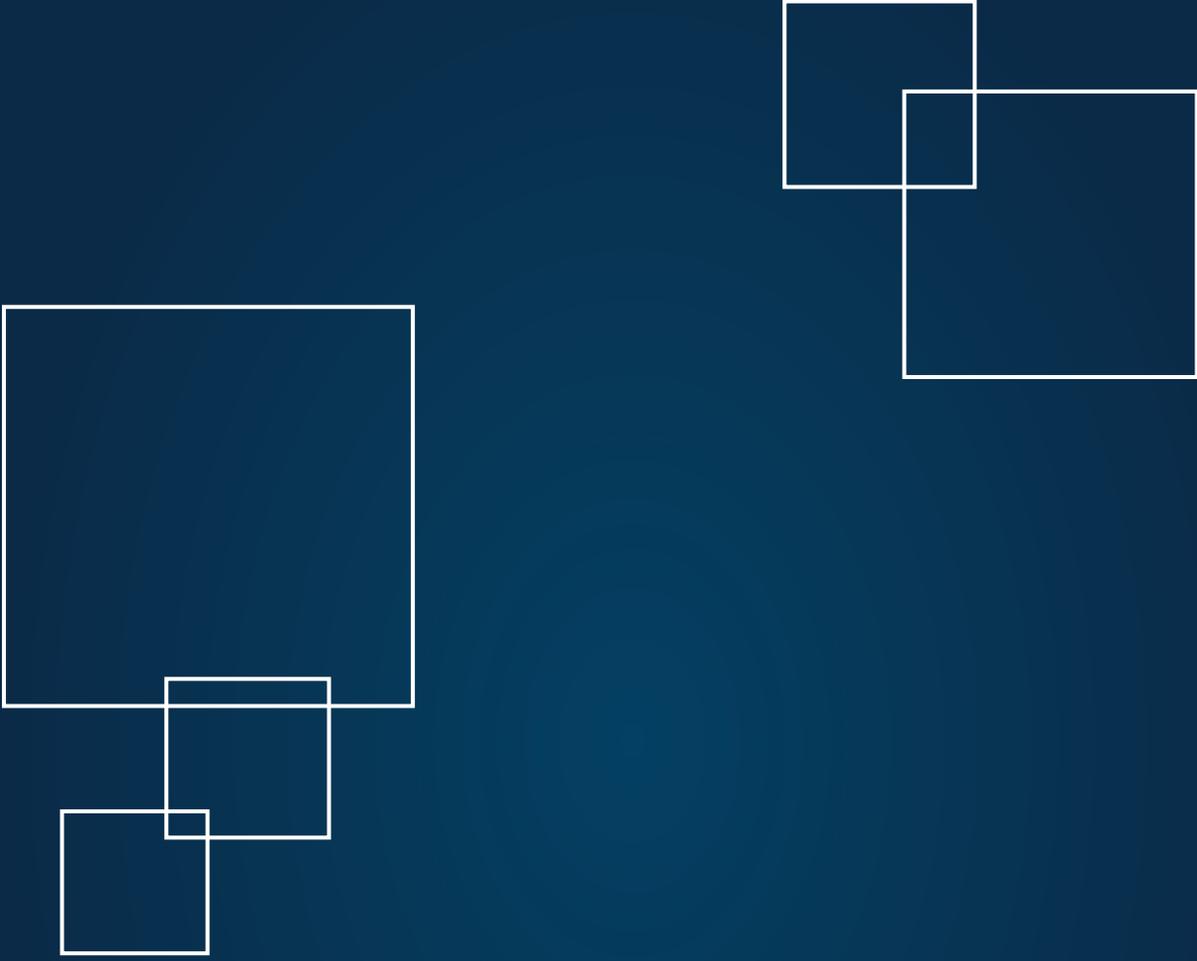
Presidente Paulo Stein fala durante Programa de Capacitação em 2014, do BC de BSB



Presidente Paulo Stein faz batismo com champagne ao Barco da Fenabac, em 2013

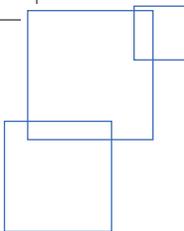


Reunião da Asbac Nacional, Diretoria Executiva, nos anos 1980, formada por José Garcia Netto, Luiz Fernando Maciel, Miriam de Oliveira, Paulo Calovi, José Cláudio e Flávio Ferreira



ATIVIDADES

Prêmio Fenasbac de Qualidade



Criado em 2009, PFQ estimula criatividade e intercâmbio entre dirigentes das Associações

Prêmio Fenasbac de Qualidade recompensa Asbacs que buscam algo mais, além de promover apenas as festas e competições tradicionais

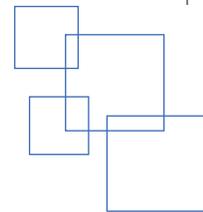
Imaginado em reunião de 2008, e instituído por um Voto da Asbac paulistana em 2009, o Prêmio Fenasbac de Qualidade foi criado para reconhecer o esforço em diversas áreas do relacionamento associativo, como agregação de associados, iniciativa esportiva, cultural e social, de responsabilidade social e comunicação de todas as Asbacs do país.

Periodicamente, a Fenasbac reúne seus dirigentes para tratar de questões mais emergentes, em que predominam as de viés financeiro e formais. A criação deste prêmio abriu janela na agenda dos encontros para tratar de temas diversos que compõem o dia-a-dia e as preocupações cotidianas das associações. A ideia é avaliar e trocar experiências e soluções entre os proponentes que enviem descrição pormenorizada de projetos desenvolvidos, incluindo resultados, dentro das categorias indicadas, na última reunião anual dos componentes da Federação.

Com essa iniciativa, destacar as ações das administrações das Asbacs, ampliando o resultado de iniciativas bem sucedidas; disseminar os resultados, promovendo o aumento da qualidade, da produtividade, da competitividade, e auxiliar as associações no processo de desenvolvimento sustentável.

Foram, inicialmente, propostas cinco categorias, para abranger sinteticamente todos os campos de atuação da Associação: Melhor agregação de associados, Iniciativa esportiva, Iniciativa cultural e social, Iniciativa de responsabilidade social e Projeto de comunicação. Posteriormente, foram incorporadas mais três: Projeto Especial, Destaque Associativo e Iniciativa de Apoio Administrativo, perfazendo as oito válidas para a 9ª edição do Prêmio.

O julgamento das propostas é realizado por comissão especialmente escolhida para a tarefa, formada por três componentes de seu Conselho Gestor, ratificada a cada ano. Os prêmios – troféu e estímulo financeiro – são entregues pela diretoria da Fenasbac, em conjunto com a Comissão Julgadora do Prêmio, em cerimônia contígua à primeira Reunião Ordinária de seu Conselho que ocorre a cada ano.



Prêmio Qualidade Fenasbac 2019 | Regulamento

O prêmio

O "Prêmio de Qualidade Fenasbac", instituído pelo Voto Asbac São Paulo de 28 de abril de 2009, chega à nona edição para reconhecer esforços e proporcionar incentivos em diversas áreas do relacionamento associativo, como agregação de associados e iniciativas nas áreas esportivas, culturais e sociais, de responsabilidade social e de projetos de comunicação de todas as Asbacs.

O objetivo

Destacar as ações das administrações das Asbacs, ampliando e fazendo repercutir o resultado de iniciativas bem sucedidas, disseminar os resultados, promovendo o aumento da qualidade, da produtividade, da competitividade, e auxiliar as associações no processo de desenvolvimento sustentável.

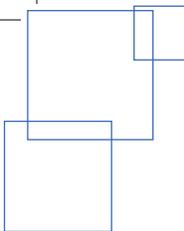
As categorias

Melhor Agregação de Associados

Concorrem Asbacs que tenham resultado positivo na incorporação de novos associados.

Parâmetros: a vencedora será a que obtiver, dentro do quadro de servidores ativos do Banco Central na sua regional (ou sede) maior índice percentual de novos sócios, considerando a equação "número de sócios incorporados" menos o "número de sócios evadidos". Esses números, naturalmente, têm de ser comprovados com extratos do último dia do ano anterior a ser computado e do número final do ano a que se refere o prêmio, sem o que serão desconsiderados para julgamento. Exemplo: regional possui 100 servidores, 70 associados da Asbac; conseguiu durante o período (jan a dez/2016) 10 novos sócios. Seu índice de agregação é de 33,3%. Vence apenas a de maior índice.

Observação importante: os concorrentes deverão trazer a julgamento comprovante do número de associados efetivos e de funcionários na ativa no 1º de janeiro de 2018 e a equação "nº de sócios incorporados" menos "nº de sócios evadidos", com o resultado final,



facilmente destacáveis e verificáveis. Não se procederá, durante o julgamento, a conferências por telefone ou outros meios de comunicação para preencher lacunas de informação, ficando, assim, a Asbac que remeter pleitos incompletos, automaticamente desclassificada no quesito.

Iniciativa Esportiva

Concorrem promoções esportivas com número mínimo de quatro modalidades – que podem ser realizadas simultaneamente, no formato de "jogos abertos" ou "olimpíadas", ou separadamente – e que reúnam, percentualmente, contingente de pelo menos 15% de seu quadro associativo. Esses números deverão ser comprovados. Serão agraciadas todas as Asbacs que cumprirem as exigências.

Parâmetros: número de modalidades, envolvimento de participantes.

Iniciativa Cultural e Social

Concorrem projetos desenvolvidos com o intuito de promover aproximação dos associados com produções artísticas e culturais, e ainda projetos, eventos, festas e encontros realizados para reunir o corpo associativo, manter clima amistoso, promovendo, prioritariamente, confraternizações entre os servidores do Banco Central. Serão agraciadas as duas primeiras Asbacs que mais efetivamente cumprirem as exigências.

Parâmetros: índice de participantes, envolvimento, campanha, resultados, conagraçamento.

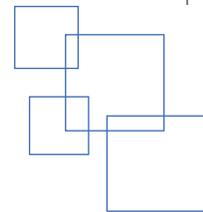
Iniciativa de Responsabilidade Social

Estão aptas a concorrer Asbacs que tenham desenvolvido ações de estreitamento com a comunidade em que estão inseridas.

Parâmetros: abrangência, alcance social, reconhecimento, melhoria da imagem associativa. Serão agraciadas as duas primeiras Asbacs que mais efetivamente cumprirem as exigências.

Projeto de Comunicação

Concorrem conjuntos de mídias desenvolvidas com periodicidade para divulgar as atividades, manifestações e realizações das associações, tais como jornais e boletins, cartazes e peças gráficas e digitais de apoio a eventos, além de iniciativas de marketing e ações que visem melhorar a imagem da associação e diferenciar positivamente o quadro associativo de quem ainda não é associado. Serão agraciadas as duas primeiras Asbacs que mais significativamente cumprirem as exigências.



Parâmetros: projeto gráfico ou digital, redação, fotografia, técnicas, criatividade, relação custo/benefício, repercussão e impacto da mensagem.

Projeto Especial

Concorrem dirigentes ou conjunto de dirigentes responsáveis por projetos que visem à sustentabilidade do sistema federativo. Serão analisados projetos e iniciativas criativas que busquem solução para autogestão das Asbacs, e deem perspectiva de continuidade à ideia. Será vencedor o melhor projeto.

Parâmetros: abrangência, repercussão e impacto no quadro de dirigentes e associativo.

Destaque Associativo

Concorrem funcionários, dirigentes da Asbac ou do Banco Central que tenham demonstrado, através dos anos, acima da relação trabalhista, dedicação de afeto no trato das coisas com a Associação, em sua representação ou realizado iniciativas de extremo valor para os destinos de cada Asbac, e que revelem o verdadeiro espírito de conagraçamento que deve permear a ideia associativa.

Parâmetros: descrição do perfil do candidato, abrangência, repercussão e impacto de sua(s) ações no quadro associativo. Será agraciado o candidato que mais efetivamente demonstrar, através de relatos e fatos, o cumprimento dos parâmetros.

Iniciativa de Apoio Administrativo

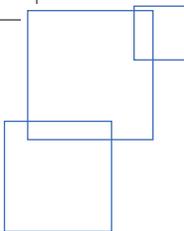
Concorrem funcionários de áreas operacionais e administrativas das Associações por ações que, implicando ganhos sensíveis em: economia/desenvolvimento de rotinas administrativas, otimização de tempo, ou implementando medidas inovadoras, extrapolem as competências triviais da função. Será vencedor o(a) melhor proponente.

Esclarecimento: nos moldes do Destaque Associativo, vencedor leva troféu, incremento financeiro vai para a Asbac correspondente.

Parâmetros: comprovação da significância da(s) medida(s), com descrição pormenorizada, comparativo com a realidade anterior. e impacto na rotina de trabalho.

Julgamento

As categorias "Melhor agregação de Associados" e "Iniciativa Esportiva" vão ser avaliadas objetivamente, por meio de números encaminhados à comissão julgadora da Fenasbac (Iniciativa Esportiva



também com registros fotográficos). As demais vão ser examinadas através da descrição detalhada, sempre que possível com registros fotográficos, das iniciativas e projetos, por comissão julgadora especialmente escolhida para a ocasião.

Prêmios

A Fenasbac entregará, por intermédio de sua diretoria, em conjunto com a Comissão Julgadora do Prêmio, em cerimônia contígua à Reunião Ordinária de seu Conselho Gestor, os troféus e estímulos financeiros a que os vencedores fizerem jus.

Estímulo Financeiro aos Vencedores

3 mil reais a cada categoria. Adicionalmente, todas as Asbacs que forem premiadas em alguma categoria receberão apoio financeiro, em valor de 5 mil reais, para complemento de realização de suas festividades de encerramento de ano.

Data de Validade dos Projetos Concorrentes

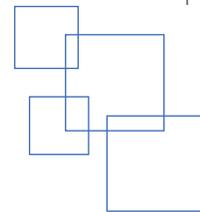
O sétimo Prêmio de Qualidade Fenasbac vai julgar projetos iniciados e/ou em andamento desde de março de 2018 até fevereiro de 2019.

Caracterização de Novidade dos Projetos

Um projeto poderá concorrer ao Prêmio exclusivamente no ano de sua implantação. Nos anos seguintes, para concorrer à mesma categoria, deverá apresentar alterações consideradas significativas pela Comissão. Ainda assim, o tema do projeto – por exemplo, festa junina – só pode participar três vezes da competição, consecutivas ou não, a contar do prêmio referente a 2014.

Comissão Julgadora

Foram escolhidos para compor, a partir da edição de 2014, os se-



guintes representantes: Clovis Naconecy (Asbac-São Paulo), Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes (Asbac- Recife) e Luiz Augusto Feitoza Ferraz (Asbac- Salvador). Anualmente, após a entrega dos Prêmios, a composição da Comissão será homologada ou alterada pelo Conselho Gestor da Fenasbac.

Prazos

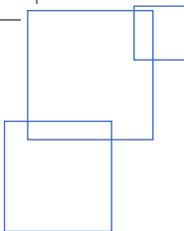
Foi fixada a data de X 2019 (sexta-feira) como limite para que as Asbacs enviem seus projetos à concorrência dos prêmios, com descritivo individualizado de cada projeto, indicação da categoria a que concorrem, e elementos que possam comprovar o cumprimento dos objetivos, como fotos e outros recursos áudio-visuais e digitais, para a Fenasbac, aos cuidados da sra. Maysa Vicente. Terá a Comissão Julgadora o prazo de até X de 2019 (sexta-feira) para divulgar os resultados. Eventuais recursos vão poder ser enviados à apreciação da Comissão, na pessoa de seu presidente, Clovis Naconecy (naconecy@yahoo.com.br) até o dia X de 2019 (sexta-feira). Resultados finais serão divulgados até X de 2019.

Premiação

A premiação será outorgada na primeira reunião do Conselho Gestor realizada após o dia X de 2019.

Observação Final

Reprisando recomendação de prêmios anteriores, sugerimos às Asbacs que enviem à competição apenas o que considerar o melhor projeto dentro de uma categoria, para não deixar que a Comissão tenha que fazer esse primeiro julgamento. Ou seja, não serão levados em conta mais de uma iniciativa concorrente à mesma categoria, da mesma regional (ou sede).



Todos os vencedores

1º Prêmio Fenasbac Qualidade | Vencedores

Data julg.	N° projetos	Reg.conc.	Local
03.03.2011	15	5	São Paulo-SP

Projeto de comunicação

Brasília (revista Viver Asbac, digital AsbacNews, cartazes)

Iniciativa Esportiva

Brasília (VII Jogos Internos), São Paulo
(Jogos da amizade São Paulo-Curitiba)

Iniciativa Social e Cultural

Brasília (Coral Asbac), São Paulo (Almoço dos Aposentados),
Porto Alegre (Festa Aposentados + 50 anos de anos 60),
Salvador (Lavagem da Visgueira do meu querido)

Maior Agregação de Associados

Porto Alegre

Iniciativa Responsabilidade Social

Brasília | Somatória de Asbac Solidária (campanha permanente
de donativos para instit. menores carentes) + Um dia de clube
(1 dia franqueado a inst. Carentes)

Resultado final

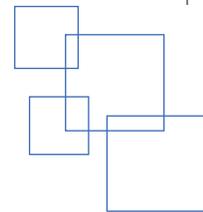
Brasília, quatro troféus; Porto Alegre
e São Paulo, dois; Salvador, com um.

2º Prêmio Fenasbac Qualidade | Vencedores

Data julg.	N° projetos	Reg.conc.	Local
30.03.2012	28	17	Brasília-DF

Projeto de comunicação

Brasília (revista Viver Asbac, digital AsbacNews, cartão
de aniversário personalizado a associados), São Paulo
(digital AsbacOnLine, folder Asbac Família Clube)



Iniciativa Esportiva

Brasília (16 competições), São Paulo (4 modalidades)

Iniciativa Social e Cultural

Brasília (Coral Asbac), Rio de Janeiro (Festa Julina),
Porto Alegre (Galpão do Harmonia), Salvador
(Lavagem da Visgueira do meu querido)

Maior Agregação de Associados

Porto Alegre

Iniciativa Responsabilidade Social

Curitiba (Destinação dos Resíduos do Meio Circulante),
São Paulo (Projeto Olímpico da Delegação Brasileira de Vela)

Projeto Especial

São Paulo (Revista Salutar)

Resultado final

São Paulo, prêmio em quatro categorias; Brasília, prêmio em três; Porto Alegre, em duas; Salvador e Curitiba, em uma.

3º Prêmio Fenabac Qualidade | Vencedores

Data julg.	Nº projetos	Reg.conc.	Local
18.06.2013	27	5	Brasília-DF

Projeto de comunicação

Brasília (revista Viver Asbac, cartazes), Porto Alegre
(nova identidade visual, atualização do website)

Iniciativa Esportiva

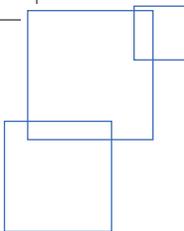
Brasília (somatório de modalidades),
São Paulo (somatório de modalidades)

Iniciativa Social e Cultural

Brasília (Festa Junina com 5 mil pessoas),
Rio de Janeiro (Reveillon em Comary)

Maior Agregação de Associados

Salvador



Iniciativa Responsabilidade Social

Brasília (Doação 76 cadeiras de rodas a carentes do DF),
São Paulo (Apoio a Projeto Paralímpicos 2014)

Projeto Especial

Porto Alegre (Criação do IFenasbac)

Destaque Associativo

Brasília (Geraldo Magella), Porto Alegre (Antônio
Carlos Oliveira), São Paulo (Vantoir Carneiro)

Resultado final

Brasília, prêmio em cinco categorias; Porto Alegre e
São Paulo, com três; Salvador e Rio de Janeiro, com uma.

4º Prêmio Fenاسبac Qualidade | Vencedores

Data julg.	N° projetos	Reg.conc.	Local
21.03.2014	35	8	Salvador-BA

Projeto de comunicação

Brasília (revista Viver Asbac, digital AsbacNews, peças gráficas),
São Paulo (digital AsbacOnLine + peças gráficas)

Iniciativa Esportiva

Brasília (somatório de 16 modalidades),
São Paulo (somatório de quatro modalidades)

Iniciativa Social e Cultural

São Paulo (Wifi e Tablets para associados),
Salvador (Grito de Carnaval)

Maior Agregação de Associados

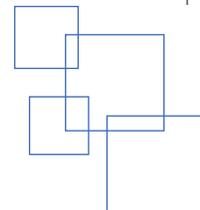
Sem vencedor

Iniciativa Responsabilidade Social

Porto Alegre (Gêneros não percebíveis para desassistidos),
Belo Horizonte (Forró da Solidariedade)

Projeto Especial

Recife (Loteca/Lanchonete)



Destaque Associativo

Curitiba (Salvador Oliveira), Porto Alegre (Vandir Nascimento)

Resultado final

São Paulo, três categorias; Brasília e Porto Alegre, com duas, Salvador, Curitiba Recife, Belo Horizonte, uma.

5º Prêmio Fenabac Qualidade | Vencedores

Data julg.	Nº projetos	Reg.conc.	Local
24.04.2015	20	7	Belém-PA

Projeto de comunicação

Brasília (revista, projetos gráficos, tweeter);
Rio de Janeiro (revista Asbac Notícias)

Iniciativa Esportiva

Brasília (somatório de 16 modalidades),
São Paulo (somatório de quatro modalidades)

Iniciativa Social e Cultural

Belo Horizonte (oficina de reciclagem), São Paulo (Pomar da amizade), Salvador (Festa natalina c/prendas diferenciadas)

Maior Agregação de Associados

Sem vencedor

Iniciativa Responsabilidade Social

Curitiba (replanteio de eucaliptos), Porto Alegre (vac. contratados + campanha de agasalhos + doação TV p/creches), Salvador (palestras s/ educação financeira)

Projeto Especial

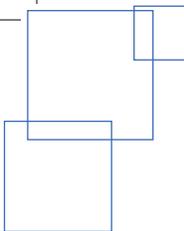
Sem vencedor

Destaque Associativo

Curitiba (Roberto Siqueira Filho)

Resultado final

Brasília, Curitiba, São Paulo, e Salvador, duas categorias;
Porto Alegre, Belo Horizonte, Rio, uma.



6º Prêmio Fenاسبac Qualidade | Vencedores

Data julg.	Nº projetos	Reg.conc.	Local
20.05.2016	16	6	São Paulo-SP

Projeto de comunicação

Brasília (projetos gráficos + whatsapp, Instagram),
Porto Alegre (upgrade na página da internet)

Iniciativa Esportiva

São Paulo (somatório de cinco modalidades)

Iniciativa Social e Cultural

Recife (recuperação de biblioteca), Rio de Janeiro
(conjunto de eventos ligados a efemérides)

Maior Agregação de Associados

Curitiba (19 sócios)

Iniciativa Responsabilidade Social

Curitiba (pista de skate p/população),
Brasília (lazer p/crianças escolas públicas)

Projeto Especial

Porto Alegre (livreto ABC- Asbac: Benefícios Complementares)
Destaque Assoc. São Paulo (José Garcia Netto)

Resultado final

Brasília, Curitiba, Porto Alegre, São Paulo,
duas categorias; Recife, Rio de Janeiro, uma.

7º Prêmio Fenاسبac Qualidade | Vencedores

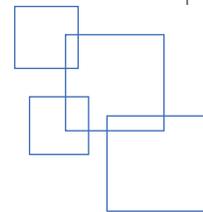
Data julg.	Nº projetos	Reg.conc.	Local
31.03.2017	17	6	São Paulo-SP

Projeto de comunicação

Brasília (modernização do site e da comunicação digital semanal),
Rio de Janeiro (modernização site e comunicações eletrônicas)

Iniciativa Esportiva

Brasília (X Jogos Internos), São Paulo
(somatório de 5 modalidades)



Iniciativa Social e Cultural

Porto Alegre (espaço convivência no topo do edifício, São Paulo (Contadora de histórias e Festival do Crepe)

Maior Agregação de Associados

Sem vencedor

Iniciativa Responsabilidade Social

Curitiba (Campanha do Agasalho)

Projeto Especial

Curitiba (quadra de futebol coberta), Salvador (arena com iluminação)

Destaque Associativo

Salvador (Lenivaldo Gaia)

Resultado final

Brasília, Curitiba, São Paulo, com duas categorias; Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, uma.

8º Prêmio Fenabac Qualidade | Vencedores

Data julg.	Nº projetos	Reg.conc.	Local
15.03.2018	14	5	São Paulo-SP

Proj.comunicação

Brasília (modernização com conteúdo visualmente mais atrativo do site, principalmente informações esportivas); Rio de Janeiro (novo leiaute e refinamento da revista, com mais aproximação do leitor)

Iniciativa Esportiva

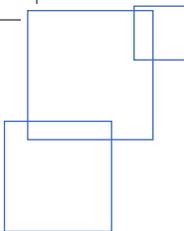
Brasília (22 torneios esportivos c/participação de 223 sócios efetivos, 16,27% do total de efetivos), São Paulo (somatório de 5 modalidades)

Iniciativa Social e Cultural

Brasília (conjunto festas de 7 efemérides); São Paulo (conj. Curso iniciação ao vinho + Dia do crepe em homenagem aos pais + recriação Coral Asbac 2017)

Maior Agregação de Associados

Belém (14,6%)



Iniciativa Responsabilidade Social

São Paulo (inclusão de cadeirantes e cegos e surdos-mudos em veleiros); Fortaleza (doação de artigos esportivos a entidade carente)

Projeto Especial

Sem vencedores, nem proponentes.

Destaque Associativo

São Paulo (Luiza Setsuko Higashi)

Resultado final

São Paulo, com quatro categorias; Brasília, com 3; Belém, Fortaleza e Rio de Janeiro, com uma.

Escautes

- **Brasília:** 23 prêmios
- **São Paulo:** 22 prêmios
- **Porto Alegre:** 13 prêmios
- **Curitiba:** 8 prêmios
- **Salvador:** 7 prêmios
- **Rio de Janeiro:** 6 prêmios
- **Recife:** 2 prêmios
- **Belém:** 1 prêmio
- **Fortaleza:** 1 prêmio

Por categorias

Projeto de Comunicação

Brasília: 8 prêmios; Rio de Janeiro, 3; Porto Alegre, São Paulo, 2 prêmios

Iniciativa Esportiva

São Paulo: 8 prêmios,
Brasília 7 prêmios

Iniciativa Social e Cultural

Brasília, 7 prêmios; Porto Alegre, 6 prêmios, São Paulo, 5 prêmios; Salvador, 4 prêmios; Rio, 3 prêmios; Belo Horizonte e Recife, 1 prêmio

Maior Agregação de Associados

Porto Alegre, 2 prêmios, Belém, Curitiba e Salvador, 1 prêmio

Iniciativa de Respons. Social

Curitiba, 4 prêmios, Brasília e São Paulo, 3 prêmios; Porto Alegre, 2 prêmios; Belo Horizonte e Fortaleza, 1 prêmio

Projeto Especial

Porto Alegre, 2 prêmios; Curitiba, Recife, Salvador, São Paulo, 1 prêmio

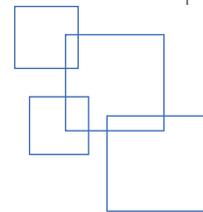
Destaque Associativo

São Paulo, 3 prêmios; Curitiba e Porto Alegre, 2 prêmios; Brasília, Salvador, 1 prêmio

Por iniciativas vencedoras

Projeto de Comunicação

- Brasília (revista Viver Asbac, digital AsbacNews, cartazes)



- Brasília (revista Viver Asbac, digital AsbacNews, cartão de aniversário personalizado a sócios)
- Brasília (revista Viver Asbac, cartazes)
- Brasília (revista Viver Asbac, digital AsbacNews, peças gráficas)
- Brasília (revista, projetos gráficos, tweeter)
- Brasília (projetos gráficos + whatsapp, Instagram)
- Brasília (modernização do site e da comunicação digital semanal)
- Brasília (modernização c/ conteúdo visual + atrativo do site, principalmente inf.esportivas)
- Rio de Janeiro (revista Asbac Notícias)
- Rio de Janeiro (modernização site e comunicações eletrônicas)
- Rio de Janeiro (novo leiaute e refinamento da revista, c/+ aproximação do leitor)
- São Paulo (digital AsbacOnLine, folder Asbac Família Clube)
- São Paulo (digital AsbacOnLine + peças gráficas)
- Porto Alegre (nova identidade visual, atualização do website)
- Porto Alegre (upgrade na página da internet)
- São Paulo (Jogos da amizade São Paulo-Curitiba)
- São Paulo (somatório de quatro modalidades)
- São Paulo (somatório de modalidades)
- São Paulo (somatório de quatro modalidades)
- São Paulo (somatório de cinco modalidades)
- São Paulo (somatório de cinco modalidades)
- São Paulo (somatório de quatro modalidades)
- São Paulo (somatório de 5 modalidades)

Iniciativa Social e Cultural

- São Paulo (Almoço dos Aposentados)
- São Paulo (Wifi e Tablets para associados),
- São Paulo (Pomar da amizade),
- São Paulo (Contadora de histórias e Festival do Crepe)
- São Paulo (Curso iniciação ao vinho + Dia do crepe/homen. país + recriação Coral Asbac 2017)
- Brasília (Coral Asbac),
- Brasília (Coral Asbac)
- Brasília (Festa Junina com 5 mil pessoas),
- Brasília (conjunto festas de 7 efemérides)
- Salvador (Lavagem da Visgueira do meu querido)
- Salvador (Lavagem da Visgueira do meu querido)
- Salvador (Grito de Carnaval)
- Salvador (Festa natalina c/prendas diferenciadas)

Iniciativa Esportiva

- Brasília (VII Jogos Internos)
- Brasília (16 competições)
- Brasília (somatório de modalidades)
- Brasília (somatório de 16 modalidades)
- Brasília (somatório de 16 modalidades)
- Brasília (X Jogos Internos)
- Brasília (22 torneios esportivos c/participação de 223 sócios, 16,27% do total de efetivos)

- Porto Alegre (Festa Aposentados + 50 anos de anos 60),
- Porto Alegre (Galpão do Harmonia),
- Porto Alegre (espaço convivência no topo do edifício)
- Rio de Janeiro (Festa Julina)
- Rio de Janeiro (Reveillon em Comary)
- Rio de Janeiro (conjunto de eventos ligados a efemérides)
- Belo Horizonte (oficina de reciclagem)
- Recife (recuperação de biblioteca)

Maior Agregação de Associados

- Porto Alegre
- Salvador
- Curitiba (19 sócios)
- Belém (14,6%)

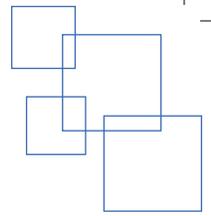
Iniciativa de Responsabilidade Social

- Curitiba (Destinação dos Resíduos do Meio Circulante)
- Curitiba (replanteio de eucaliptos)
- Curitiba (pista de skate p/população)
- Curitiba (Campanha do Agasalho)
- Brasília (Somatória de Asbac)

- Solidária (campanha permanente de doativos para instit. menores carentes) + Um dia de clube (franqueado a inst. Carentes)
- Brasília (Doação 76 cadeiras de rodas a carentes do DF)
- Brasília (lazer p/crianças escolas públicas)
- São Paulo (Projeto Olímpico da Delegação Brasileira de Vela)
- São Paulo (Apoio a Projeto Paralímpicos 2014)
- São Paulo (inclusão de cadeirantes e cegos e surdos-mudos em veleiros)
- Porto Alegre (Gêneros não perecíveis para desassistidos)
- Porto Alegre (vac. contratados + campanha de agasalhos + doação TV p/creches)
- Belo Horizonte (Forró da Solidariedade)
- Salvador (palestra s/ educação financeira)
- Fortaleza (doação de artigos esportivos a entidade carente)

Projeto Especial

- Porto Alegre (Criação do IFenasbac)
- Porto Alegre (livreto ABC-Asbac: Benefícios Complementares)
- São Paulo (Revista Salutar)
- Recife (Loteca/Lanchonete)
- Curitiba (quadra de futebol coberta)
- Salvador (arena com iluminação)



Destaque Associativo Projetos enviados

- São Paulo (Vantoir Carneiro)
- São Paulo (José Garcia Netto)
- São Paulo (Luíza Setsuko Higashi)
- Curitiba (Salvador Oliveira)
- Curitiba (Roberto Siqueira Filho)
- Porto Alegre (Antônio Carlos Oliveira)
- Porto Alegre (Vandir Nascimento)
- Brasília (Geraldo Magella)
- Salvador (Lenivaldo Gaia)
- **Brasília:** nos 8 Prêmios
- **São Paulo:** nos 8 prêmios
- **Rio de Janeiro:** nos 8 Prêmios
- **Porto Alegre:** em 7 Prêmios
- **Salvador:** em 6 Prêmios
- **Curitiba:** em 5 Prêmios
- **Belo Horizonte:** em 3 Prêmios
- **Recife:** em 2 Prêmios
- **Belém:** em 1 Prêmio
- **Fortaleza:** em 1 Prêmio

TODOS PORUM

[Boletim da Comissão Julgadora do 1º Prêmio de Qualidade Asbac | 3 e 4 de março 2011 | São Paulo- SP]

Em 1ª edição, "Prêmio" homenageia Asbacs protagonistas e de iniciativas



Decorridos 3 anos desde que foi suscitado, na prorrogação de uma reunião com os conselheiros de administração das Asbacs, em 2008, finalmente o Prêmio Asbac de Qualidade tomou forma e saiu do papel. Depois daquela primeira boa recepção, a ideia saiu de estufo para virar um Voto de São Paulo e ser sacramentado como uma das melhores formulações pensadas para reverberar as boas iniciativas das que vivem o dia-a-dia das Asbacs em todo o país. Com a reunião oficial ocorrida no último dia 3 de março, na Abac de São Paulo, o prêmio pavimentou seus primeiros degraus no sentido de se firmar como uma instituição que veio para ficar. Os três integrantes dessa primeira Comissão escolhida para essa difícil tarefa de filtrar as melhores projetos e realizações, Aparício Secundus Pereira Lima, presidente do Conselho de Administração da Asbac-Brasília, Dr. Vandir Nascimento, procurador-chefe da Fenabac, e Clovis Naconey, presidente do Conselho de Administração da Asbac-São Paulo, tiveram muito trabalho para proceder às escolhas.

No total, foram enviadas até 31 de janeiro 15 propostas para serem examinadas e concorrer às cinco categorias criadas, que procuraram abranger o universo de interesse das associações. A pasta, contendo todo o conteúdo que foi enviado à Fenabac, e que foi remetida a cada um dos integrantes da Comissão – um primor de trabalho elaborado pela sra. Maysa Vicente – dava uma boa dimensão da qualidade do material.

As melhores iniciativas
A primeira categoria posta sob julgamento foi "Melhor projeto de

comunicação". A regional de Salvador concorria com a publicação "Jornal Asbac", cujo primeiro número foi extraído a duras penas pela pouca receita da Associação local. São Paulo colocou em disputa suas iniciativas na área, cujo carro-chefe é o boletim "Asbac OnLine", informativo digital semanal com notícias de esportes, eventos, promoções, e do clube de Guarapiranga. Brasília, por sua vez, trouxe seu conjunto de instrumentos usados para comunicação com seus associados, que incluem a revista *Viver Asbac*, com 7 mil exemplares, *Asbac News*, informativo digitalizado veiculado pela internet, além de vários cartazes e peças gráficas elaboradas para eventos, e outras peças de marketing. Mesmo ressaltando o esforço das regionais paulista e soteropolitana, a Comissão não teve como não se render à qualidade dos esforços desenvolvidos na área por Brasília, fruto de investimento mas também de boas escolhas nos profissionais que a dirige.

Se houve uma sensação renitente que insistia em ser lembrada a cada julgamento feito, era o da ausência de participação de várias outras regionais, que não enviaram projetos à participação. Mas numa categoria, em especial, a lástima foi maior, já que por regulamento não era competitiva: bastaria cumprir alguns requisitos para abdicar o prêmio. Nem isso, porém, animou oito associações a concorrer na categoria "Melhor iniciativa esportiva", que trouxe propostas apenas de São Paulo e Brasília. Feitas as conferências às premiações do regulamento, tanto São Paulo, com seus "Jogos da Amizade S. Paulo-Curitiba", quanto Brasília, com a somatória das associadas envolvidas em seus VII Jogos Internos Bacen 2010

FERRAMENTAS EFICIENTES



[O portfólio de Instrumentos de comunicação da Asbac-DF, tamanha a variedade e penetração nas mídias, foi imbatível pela qualidade: troféu merecido]

JOGOS PARA TODAS AS IDADES



[Competição de tênis de mesa, uma das modalidades dos VII Jogos Internos Bacen, da Asbac-DF: prêmio para a iniciativa]

ARROJO EM CONQUISTAR NOVOS



[Contingente dos novos servidores do BC-Porto Alegre: quase todos assimilaram a ideia associativa criada por Paulo Stein]

Qualidade dos projetos sociais e culturais surpreendeu Comissão

e os demais eventos em várias modalidades, preencheram as condições e fizeram jus à distinção.

Para concorrer à categoria de "Iniciativa de Responsabilidade Social", a regional de Salvador trouxe duas ações: convênio com o Centro de Zoonoses da Secretaria de Saúde de Salvador, franqueando a sede da Asbac como ponto de apoio ao combate da dengue, e outro convênio permitido que grande contingente dos oficiais da Polícia Militar do Estado da Bahia utilizasse as instalações do clube para reuniões. São Paulo veio com seu "Projeto para-olímpico de vela-Campeonato Brasileiro de Vela Para-olímpica", evento que congrega, dentro de projeto maior idealizado para as Olimpíadas do Rio de Janeiro-RJ, atletas para-olímpicos para e tetraplégicos em torno da vela, em competições nacionais, internacionais e olímpicas, desde as Olimpíadas de Beijim, em 2008. O campeonato, realizado nas dependências do Clube de Campo Guarapiranga, trouxe competidores de Brasília, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A regional de Brasília, outra vez, trouxe um leque de atividades à disputa. Destques para o projeto social "Asbac solidária", campanha contínua alimentada por cartazes, banners e jornal eletrônico para captação de doativos para instituições com menores carentes; "Um dia de clube", em que se franqueia instituições carentes a frequentar o clube, além do patrocínio de equipes de futsal, de futevôlei e de tênis. Avaliadas as dimensões e intensidades dos projetos, o prêmio foi para Brasília.

Árduo trabalho matemático
Talvez o tópico mais complicado para a comissão tenha sido o de "Melhor agregação de associados", que exigiu, mais que uma operação aritmética, a compreensão de conceitos. A regra estipulada exigia que se conhecesse o número de servidores da regional proponente ao final de 2010, o número de associados da Asbac na mesma data e ao final de 2009 para, a partir daí, se realizarem os cálculos do número passível de conquistas de novos

associados. Salvador, com 9 novas conquistas em 43 possíveis (número de servidores ativos na regional não associados), conseguiu índice de agregação de 20,93%. Brasília, com a mesma metodologia, chegou a 15,21%, resultado dos angariados novos 56 associados entre 368 possíveis (diferença entre os 2224 servidores ativos do BC e 1856 associados da Asbac). Porto Alegre, com uma arrojada investida entre os novos servidores, conseguiu arrebatar 64,51% de novos sócios, levando em conta que detinha em seu quadro 168, e acresceu mais 20 de 199 possíveis (número de servidores do BC em dez/2010). Ponta e troféu para Porto Alegre.

Agitando os associados
derradeira, debruçaram-se os três componentes da comissão no material encaminhado para competição no item "Melhor iniciativa cultural e social". Todas as quatro regionais encaminharam projetos consistentes e de grande amplitude para o quadro associativo. Brasília trouxe registros de seu Coral Asbac, diversos projetos sociais ligados a efemérides, palestras e eventos esportivos; Porto Alegre veio com seu Almoço de aposentados, Festa 50 anos de Anos 60, acampamento e excursão. Salvador, proporcionalmente à sua dimensão, agitou com a promoção de vários eventos, com destaque para a Lavagem da Visgueira do Meu Querido, com frequência de quase mil pessoas. Para São Paulo, o evento do ano na área foi o Almoço comemorativo ao Dia dos Aposentados, que em sua terceira edição conseguiu parceria com o Sinal e monopolizou quase 300 associados em torno de um banquete farto e amigoso. Ponderados os números, a dimensão dos projetos enviados, a penetração no quadro associativo, a comissão achou por bem considerar um quádruplo empate para a categoria.

Tabulados os resultados, Brasília ficou com quatro troféus, Porto Alegre e São Paulo com dois, Salvador com um, que vão corresponder a estímulos financeiros nos valores, respectivamente, de 11 mil, 7 mil para ambos, e 5 mil.

50 ANOS DE ANOS 60



[A festa temática que reuniu a comunidade portoalegrense deu à regional prêmio de Iniciativa social e cultural]

AMISTOSO ENTRE IRMÃOS



[Colegas da Asbac de Curitiba desembarcam para jogos amistosos no Clube de Campo de Guarapiranga, em SP: iniciativa premiada]

DURA TAREFA DE AVALIAR



[A Comissão Julgadora, formada por Aparício Secundus Lima, da Asbac-DF, Dr. Vândir Nascimento, procurador da Fenasbac, e Clovis Naconecy, da Asbac-SP, concluiu trabalhos muito satisfeita com os resultados. A certeza de atingir os objetivos propostos faz com que o grupo espere que a divulgação da qualidade avaliada estimule outras regionais à participação nas futuras premiações. Troféus e valores monetários devem ser entregues na primeira reunião dos presidentes de Conselho Administrativo, previstas para o final de abril]

TODOS POR UM é publicação da
FENASBAC Federação Nacional de
Associações dos Servidores do Banco
Central [www.fenasbac.com.br]
Texto: Clovis Naconecy
Fotos: Vanessa leiri

TODOSPORUM

[Boletim da Comissão Julgadora do 2º Prêmio de Qualidade Fenasbac | 30 de março 2012 | Brasília - DF]

Consolidado, "Prêmio 2012" incita arrojo e criatividade em eventos para associados

Criado em 2008, e realizado pela primeira vez no ano passado, referente a 2010, o Prêmio de Qualidade Fenasbac (rebatizado este ano) tem sua segunda versão em 2012, e desta vez com uma prévia auspiciosa: sensibilizou 7 das 10 Asbacs. O aumento no número de participações não foi mero acaso. Na verdade, era possível verificar, quando da entrega dos troféus da edição inicial, um certo ar de "olho grande" entre os que ficaram de fora da festa, e não levaram nem troféu nem o valor do estímulo financeiro por simplesmente não enviarem projetos e iniciativas para concorrer. Assim, houve expressivos 75% de aumento no número de participantes. A quantidade de projetos, por sua vez, também teve incremento sensível.

Com a reunião oficial ocorrida no último dia 30 de março, na sede da Fenasbac, o prêmio confirmou o que se suspeitava no ano passado: consolidou seus dois primeiros passos, agora com firmeza e bom som, seu destino de se firmar como uma instituição que veio para ficar. Os três integrantes da primeira Comissão, bisada agora para a difícil tarefa de filtrar os melhores projetos e realizações, Aparício Secundus Pereira Lima, presidente do Conselho de Administração da Asbac-Brasília, Dr. Vândir Nascimento, procurador-chefe da Fenasbac, e Clovis Naconecy, presidente do Conselho de Administração da Asbac-São Paulo, tiveram ainda mais trabalho para proceder às escolhas, em relação a 2011.

No total, foram enviadas até 29 de fevereiro 28 propostas para serem examinadas e concorrer às seis categorias criadas – foi acrescentada uma, em relação à proposta inicial – que procuraram abranger o universo de interesse das associações. A pasta,

interesse das associações. A pasta, contendo todo o conteúdo que foi enviado à Fenasbac, e disponibilizada a cada um dos integrantes da Comissão – foi novamente um trabalho caprichoso elaborado pela sra. Maysa Vicente – dava uma boa dimensão da qualidade do material. Feitas as ponderações, confrontações dos registros escritos e fotográficos, ao final do dia chegou-se aos seguintes resultados.

MELHOR AGREGAÇÃO DE ASSOCIADOS | Vencedor foi Porto Alegre, com o índice de captação de 9,2%, batendo São Paulo, com 1,38%, Salvador, que não enviou os dados exigidos, e Rio de Janeiro, que também apenas informou o número de servidores incorporados ao quadro de associados, mas nenhum dos outros dados exigidos pelo texto do quesito.

INICIATIVA ESPORTIVA | Abiscotaram a categoria as Asbacs de Brasília e de São Paulo. São Paulo trouxe a combinação de competições de futebol soçite + futebol de campo + xadrez + regata, com participação agregada de 49,40% do corpo associativo, enquanto que Brasília, com a somatória das competições de 16 competições diferentes, reuniu 36,13% dos associados. A outra concorrente, Rio de Janeiro, não cumpriu com os requisitos de comprovação da tarefa, trazendo apenas menções de que são realizados treinos de futebol de botão, além de elencar as modalidades de que seus associados do Andaraí dispõem.

INICIATIVA CULTURAL E SOCIAL | Com certeza, foi a categoria mais difícil de julgamento, já que a qualidade proporcional dos eventos ficou num nível bem alto. Por fim, numa decisão nada salomônica, o júri resolveu abrir uma exceção e decretar um quádruplo

ESCULTURA MUITO DISPUTADA



[Por sugestão de conselheiros, a segunda edição do Prêmio Fenasbac de Qualidade terá troféus em metal mais leve]

FICHAS NA SUSTENTABILIDADE



[Publicação da Asbac-SP que faz ponte entre interesse dos associados e o Programa de Saúde levou o Prêmio na categoria "Projeto Especial"]

SIMPLICIDADE E ORIGINALIDADE



[Mala direta, revistas, e peças originais levam Asb ac-DF ao segundo Prêmio consecutivo de Projeto de Comunicação]

Números evidenciam avanço: 28 projetos, de 7 Asbacs; SP leva 4 prêmios

Brasília fica com 3; Porto Alegre, 2; Curitiba, RJ e Salvador, um

empate. Levaram os prêmios os representantes de Brasília, Salvador, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Essa foi a segunda categoria mais disputada, também em número de propostas, com 7 projetos de 6 afiliadas. Brasília venceu com sua iniciativa "Coral da Asbac", que tem participação de 40 pessoas (25 servidores), é apoiado culturalmente pela Associação e fez inclusive apresentação na Hungria, e se faz presente em praticamente todos os eventos promovidos pela regional brasileira. Salvador leva também o prêmio com a sua "20ª. Lavagem da Visgueira do meu Querido", que segue a tradição cultural baiana, realizada em dezembro com cerca de 1100 participantes, e contando com shows de artistas baianos de destaque na música e no folclore. Porto Alegre trouxe para disputa seu "Galpão do Harmonia", festa que promove a tradição gaúcha e envolveu, entre os 1123 participantes, boa parte dos associados gaúchos. Por fim, Rio de Janeiro foi agraciado com seu único troféu graças à Festa Juliana, realizada no Andaraí que, segundo relato da direção esbaqueana carioca, envolveu 1500 participantes.

INICIATIVA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL | Os vencedores, depois de muita ponderação, foram São Paulo e Curitiba. Inesperadamente, foi a categoria com maior número de projetos concorrentes: 9. Curitiba trouxe dois a julgamento, mas seu destaque foi o projeto "Destinação dos resíduos do Meio Circulante". A iniciativa, que deu finalidade ecológica ao resíduo resultante do dinheiro fragmentado pelo setor de gerenciamento da moeda física da capital paranaense, é criativa e inovadora, trazendo ganhos para o meio ambiente da metrópole curitibana. São Paulo também sensibilizou o Juri com o apoio ao "Projeto Olímpico da Delegação Brasileira de Vela", em Guarapiranga. Com esse projeto, se desenvolveram treinamento e aperfeiçoamento técnico com vistas a competições paralímpicas, planejando as Paraolimpíadas de 2012, em Londres. O grupo paraolímpico da modalidade, é bom lembrar, tem ponto de encontro cativo nas dependências do clube.

PROJETO DE COMUNICAÇÃO | Quatro representantes concorreram, com vantagem para as afiliadas de Brasília e

São Paulo. Brasília trouxe um substancial e consistente trabalho na área, e desta vez trouxe o conjunto de jornais e boletins, como o Asbac News e a revista Viver Asbac, além de várias peças gráficas de excelente nível e acabamento profissional. Neste segmento, tem relevância, entre outros, seu cartão de aniversário, iniciativa de marketing em que se envia cartão de felicitação a todos os associados aniversariantes. São Paulo, por sua vez, trouxe seu houvêre organ eletrônico, AsbacOnLine, que é sistemático e semanal, apresentando drops das informações mais importantes. Também foi levado em conta, como ação destacada de marketing, o folder Ásbac F.C. (Família Clube), com texto e fotos conjugados de forma atraente.

PROJETO ESPECIAL | Sem concorrentes, o projeto de São Paulo "Revista Salutar", iniciativa que agrega publicação em forma de revista os interesses da associação articulados com outra conquista funcional – seu plano de saúde – levou o prêmio. A revista traz, em suas páginas finamente acabadas, além da listagem atualizadíssima dos profissionais de saúde do PASBC, reportagens críticas e informativas de tudo o que rola nesta área e no setor de qualidade de vida. Foi consenso entre os julgadores tratar-se de valiosa contribuição de seus criadores à sustentabilidade do sistema federativo.

OBSERVAÇÕES FINAIS | Apenas a lamentar o pouco apuro no envio de informações que pudessem conferir consistência aos projetos enviados, lamentavelmente notado com veemência por parte das regionais do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte. Menções bem intencionadas, sem números, datas, repercussão e relatos textuais e fotográficos eficientes foram insuficientes para que o corpo de julgadores pudessem avaliar suas dimensões e importância, e por consequência se sensibilizasse para conferir prêmios. Outra puxadinha de orelha: será que não houve nada digno de menção durante o ano inteiro de 2011 nas plagas das Asbacs de Fortaleza, Recife ou Belém?

CORAL INTERNACIONAL



[Com 40 participantes, o Coral ASBAC participa de quase todos os eventos da filial de Brasília, desde 83, e já fez vitoriosa apresentação na Hungria: prêmio de Iniciativa Cultural e Social]

ECOLOGICAMENTE CORRETOS



[Projeto inovador da Asbac-Curitiba conseguiu transformar resíduos de dinheiro fragmentado pelo Meio Circulante em adubo orgânico, que alimenta a grama de seu campo de futebol: Prêmio de Iniciativa de Responsabilidade Social]

BRINDE E CONFRATERNIZAÇÃO



[Dr. Vandir Nascimento, procurador da Fenabac, Clovis Naconecy, da Asbac-SP, e Aparício Secundus Pereira Lima, da Asbac-DF, a comissão encarregada dos prêmios, brindam à saúde dos participantes: no próximo ano, regulamento deve ter refinamentos]

TODOSPORUM é publicação da Fenabac

[www.fenasbac.com.br]

Texto: Clovis Naconecy e Tadeu Florentino
Fotos: Vanessa Ielir

TODOS POR UM

[Boletim da Fenasbac do 3º Prêmio Fenasbac de Qualidade | 18 de junho de 2013 | Brasília-DF]

6º Prêmio Fenasbac consagra idéias e ideais de Qualidade

Cercado de grande expectativa, principalmente quanto à maior participação em relação ao ano passado, o Prêmio Fenasbac de Qualidade 2013 tinha muitos ingredientes favoráveis para consagrar um ano glorioso. Primeiramente, iria passar um ano de batalhas contínuas dos dirigentes pela sustentabilidade de suas Associações. Essas fases, como se sabe, acabam criando condições de superação e de criatividade inesperadas. Outro fator a levar em conta é: a atual safra de próceres é, depois de muitos períodos de turbulência, na visão dos mais presentes ocupantes da hierarquia federativa, a que mais parece afinar com o equilíbrio e a racionalidade que costumam orientar decisões positivas e favoráveis a encontrar melhores soluções para as crises.

Quando a comissão, pela terceira vez incumbida de avaliar os projetos de cada Asbac, abriu os envelopes que caprichosamente capeavam as propostas, no dia 18 de junho, na sede da Fenasbac, em Brasília, não houve como disfarçar o tom de descrença. Nas tetes joviais do jurísculto Vândir Nascimento, do brasiliense Aparício Secundus, e do paulistano Clavis Nacanezy, por instantes, ficou estampada o vinco da decepção. Recompastos, e depois de algumas confirmações que a sempre presente Maysa Vicente realizou via

Telefone, ficaram com a certeza de que apenas cinco das dez Asbacs haviam, por sedex ou web, enviado propostas. Detalhe: todas receberam e confirmaram ter sido comunicadas dos prazos e regulamentos.

DE TODAS AS CATEGORIAS:

Passo seguinte, os três julgadores passaram a se ocupar das sete categorias do Prêmio. Melhor Agregação de Associados foi a primeira. Três regionais concorreram. Foi observada a estrita obediência ao texto do regulamento, que estipula como referência o número de servidores ainda não associados, que seriam potenciais objetos da conquista para o quadro. Sob esta ótica, Salvador foi a vencedora, comprovando seus 12,6%, seguida pela Rio de Janeiro, com 4,9%, e Porto Alegre, com 3,73%.

Iniciativa Esportiva foi a categoria que mais deixou os componentes da Comissão chateados pela falta de "competitividade". Bastaria ter comprovado ter promovido competição esportiva, com um mínimo de quatro modalidades, para abiscaltar o prêmio. Não havia comparação. Comprovasse, ganhava. E vencendo ao menos uma modalidade, já faria jus ao bônus dos premiados. Nem assim a maioria das regionais se sensibilizou. Apenas três mandaram relatos de seus feitos, e só duas levaram. Brasília, com seu

AGREGAÇÃO DE ASSOCIADOS



[Asbac-Salvador venceu o quesito, conseguindo 12,6% de novos associados: foto da Lavagem da Visgueira.]

DESTAQUE ASSOCIATIVO



[Prêmio por suas contribuições às Asbacs, conjuntamente com Vantoir Carneiro, de SP, e Geraldo Magella, de BSB]

Com doação de 76 cadeiras de roda, Asbac-BSB levou responsabilidade social

conjunto envolvente de múltiplas atividades esportivas, do qual fazem parte, entre muitas outras, truco, tênis de mesa, natação, sinuca, vôlei de areia, dentre outras mais tradicionais, sobretudo. São Paulo, com seus futebóis (de campo, society e de salão), além de regatas e xadrez, cumpriu as exigências de multiplicidade e de envolvimento, e também mereceu o galardão. Rio de Janeiro, mesmo enviando uma feira de atividades – muitas delas ainda a realizar, em 2013 –, não conseguiu o mínimo exigido. Apenas uma modalidade foi considerada apta a concorrer, mas não foi mencionada o número de participantes, nem de modalidades. Uma pena.

A categoria **Projeto de Comunicação** foi item relativamente fácil de obter consenso. Muito às custas do trabalho soberbo do pessoal de Brasília, composto por um conjunto consistente de apoios gráficos para seus eventos, cartazes magníficos, além de uma revista, "Viver Asbac", primorosa em texto e reportagens fotográficas. E, em menor proporção, mas não com menos grandeza, no esforço gaúcho de promover nova identidade visual e atualização de conteúdo a seu tradicional website. São Paulo também concorria, mas teve que se render a essas exibições acintosas de criatividade.

Brasília e São Paulo, de acordo com a Comissão Julgadora, trouxeram as exibições mais significativas para a categoria **Iniciativa de Responsabilidade Social**. A maior das Asbacs doou 76 cadeiras de roda no Rotary Club para pessoas carentes do DF e cidades próximas. A associação paulista apoia e capitaneia o projeto Paralímpicos 2014, que pretende preparar a equipe de vela que concorrerá às Olimpíadas do RJ. A

Asbac gaúcha também levou projeto interessante, mas ficou em terceiro lugar.

De todos os prêmios disputados, **Social**. A menor nota, entre os cinco concorrentes, foi "6", de Salvador. Brasília, novamente, foi superb, um degrau acima com sua festa junina para 5 mil pessoas e show com DJs. As outras regionais disputaram no fotochart o segundo lugar, que afinal foi abiscotado pelo Rio de Janeiro, com seu Reveillon em Camary, com envolvimento e animação de quase 300 pessoas.

O toque de personalismo marcou o julgamento das duas novas categorias criadas para o Prêmio em 2013. Para **Projeto Especial**, houve três proponentes. Brasília indicou sua Sala de Games. Porto Alegre mencionou a Executiva Nacional da Fenasbac, enquanto São Paulo cravou conseguindo consenso imediato, a criação do Ifenasbac, ideia sacada pelo seu ghostwriter, Paulo Stein. No entender da Comissão, o troféu vai para a Ifenasbac, enquanto o valor do prêmio vai recheiar o conta da Asbac-POA, sede do criador.

O outro prêmio estreante, o de **Destaque Associativo**, por sua vez, não conseguiu consenso. Depois de alguma discussão produtiva, por fim, houve de se considerar um empate triplo, já que todos os indicados – Geraldo Magella, secretário executivo da presidência do BC, e sócio participativo da Asbac-BSB, Antônio Carlos Oliveira, chefe do Demap e, na ótica das colegas porto-alegrenses, grande defensor das causas asbaqueanas, e Vantair Carneiro, chefe da secretaria paulista, da Asbac e dedicado servidor das lides associativas –

mostraram, por seus defensores, empenho e simpatia pela causa, em diferentes âmbitos mas com a mesma intensidade.

TOTALIZANDO

Ao final dos trabalhos, com a certeza do dever cumprido, e principalmente do acerto e da validade do Prêmio, e tudo o que representa nas associações do tipo em termos de trocas de boas experiências, ficou para lamentar apenas o pouco empenho ou, para tentar ser mais ameno, a falta de tempo de alguns dirigentes regionais, que certamente não puderam ter atenção e coletar, ou registrar, as atividades que poderiam lhes render laureis e glórias nos eventos que representam a essência e a razão de ser das entidades associativas.

Mas ano que vem tem mais. Contabilizando o total, Brasília ficou com o prêmio em cinco categorias. Porto Alegre e São Paulo, com três, Salvador e Rio de Janeiro, com uma. No conta bancária, vai para Brasília 20 mil reais, para São Paulo e Porto Alegre, 14 mil reais, para o Rio e Salvador, 8 mil reais. Parabéns a todos os que participaram.

TODOSPORUM é publicação da Fenasbac

Textos: Clovis Naconecy

Participação: Vandir Nascimento, Aparício Secundus

TODOS POR UM

[Boletim da Fenasbac do 4º Prêmio Fenasbac de Qualidade | 21 de março de 2014 | Salvador - BA]

PODE CHAMAR O SÍNDICO



[Salvador Soares, de lilás, é figura fantástica que, de tão dedicado às cores asbaqueanas de Curitiba, incorpora o síndico e o zelador do clube desde criança. Mereceu, por unanimidade, o prêmio Destaque Associativo do ano]

COMUNICAÇÃO PAULISTANA



[Asbac paulistana trouxe seu veículo online, que marca ponto toda semana para os associados, com as notícias fresquinhas]

Na 4ª edição, Prêmio amplia participantes e majora premiação

Depois de três anos demonstrando que as Asbacs são bem mais que entidades às voltas com apreensões financeiras, o Prêmio Fenasbac de Qualidade chega à quarta edição comemorando recordes de participação. E comprova esses triunfos por fatos, fatos e muita participação de seu corpo associativo. Tanto o número de regionais foi inédito – oito estiveram envolvidas – quanto o número de projetos enviados à competição, 35, confrontados com os 27 da premiação de 2013. E não se pode dizer que não haja motivo: é sempre visível a oitar de saudável inveja dos “barraões” na festa, nas cerimônias de entrega dos troféus, que também trazem a bônus de um estímulo financeiro bastante substancial para os minguados coixas das associações.

E muita coisa foi renovada para esta 4ª. Premiação, a começar pela Comissão Julgadora. Foram convocados Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes, da Asbac de Recife, e Luiz Augusto Feitoza Ferraz, o Guto, da regional de Salvador, para os lugares de Aparício Secundus Pereira Lima e dr. Vandr Nascimento, permanecendo apenas Clovis Naconecy, da Asbac-São Paulo, dos antigos integrantes. E, na reunião de 21 de março, no hotel Portobello, na festiva Salvador-BA, a nova comissão se mostrou entrosada, coesa e muito objetiva, na perseguição da coerência na apreciação de todas as iniciativas.

Foram mantidas as categorias novas, “Projeto Especial” e “Destaque Associativo”, criadas no 3º. Prêmio, que permitiram olhas para novas participações sensíveis no andamento do dia a dia das associações. Merece elogios a trabalho habitualmente atencioso e muito atento da sra. Maysa Vicente, aue

secretariou todas as opções de recepção e repasse das informações, com a competência que desta vez recebeu, durante algumas etapas, a ajuda da diretora administrativo-financeira Marinalva Castro. Então, vamos aos quesitos.

MELHOR AGREGAÇÃO DE ASSOCIADOS | Não houve vencedor. A Asbac-Rio foi a única a pleitear, mas incorreu no mesmo engano da premiação de 2012: não atentou para o texto do regulamento. Como daquela vez, informou apenas o número de servidores incorporados ao quadro de associados – no caso, 8. Mas a redação desse quesito era clara: tratava-se de uma operação matemática que levava em conta os agregados depois de subtrair os excluídos. Assim, infelizmente ninguém levou este troféu.

INICIATIVA ESPORTIVA | Abiscotaram a categoria as Asbacs de Brasília e de São Paulo. São Paulo trouxe a combinação de competições de futebol sobraite + futebol de campo + regata + tênis, com participação agregada de 29,35% do corpo associativo, enquanto que Brasília, com a somatória das competições de 16 competições diferentes, reuniu 33,26% dos associados. As duas regionais, aliás, monopolizaram esta categoria desde a criação do prêmio.

INICIATIVA CULTURAL E SOCIAL | Tradicionalmente, a categoria mais disputada desta vez recebeu uma leitura mais aguda, por parte dos julgadores. Como praticamente todas as regionais enviaram a julgamento suas confraternizações nas diversas efemérides, a comissão resolveu não colocar em comparação as festas comuns às Asbacs. Dessa forma, Dia das Mães,

Vitória: pela primeira vez, oito das dez Asbac trouxeram projetos

dos Pais, das Crianças, Almoço dos Aposentados, Festa de Natal e de Final de Ano, praticamente um lugar-comum em todas as regionais, não foram considerados para competição, visto que todos têm seus méritos, belezas, significâncias e são, proporcionalmente, um alento à participação dos associados em cada praça. Ficaram os prêmios para o Grito de Carnaval, do Asbac-Salvador, uma festa-evento que tomou proporções gigantescas na cidade, reunindo parte substancial do corpo associativo soteropolitano, e o projeto Wi-Fi e Tablets para associados, da Asbac-SP, que se aproveitou da oportunidade da restrição de acesso à rede, por parte do Banco Central, para disponibilizar a associados a internet sem fio e também tablets, que puderam – e podem – ser utilizados no Café Kopi Luwak, cafeteria/lanchonete que ocupa grande parte do espaço da regional paulista em São Paulo, no prédio do BC.

INICIATIVA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL | Três regionais enviaram projetos, duas delas em quantidade surpreendente, o que fez a comissão imaginar restringir o número de inscrições de cada regional, por categoria. A própria regional deveria promover uma seleção prévia, e trazer para julgamento sua melhor proposta, e não entregar essa tarefa à Comissão. De toda forma, a proposta mais original de Porto Alegre, a que coletou e entregou gêneros não percebíveis para pessoas desassistidas, é que conseguiu mais sensibilizar os julgadores, pelo seu entonação humanitária, o volume arrecadado e a participação grandiosa de associados. Em segundo lugar, a Farrã da Solidariedade, da Asbac- Belo Horizonte, também foi significativo como ação de estreitamento com a comunidade e a melhoria da imagem associativa. Os projetos encaminhados pela Asbac- Brasília, no entender dos julgadores, também foram muito interessantes, mas não se caracterizavam no espírito do regulamento, inserindo-se mais como ações imaginativas de auto-alimentação e de marketing.

PROJETO DE COMUNICAÇÃO | Apenas duas representações concorreram, e como são previstos dois vencedores, era apenas uma questão de verificar se preenchiam as requisitos para esta categoria. Brasília, como sempre, trouxe um substancioso e consistente trabalho na área, e desta vez reuniu um conjunto de jornais e boletins, como o Asbac News e a luxuosa revista Vivier Asbac, além de

várias peças gráficas de exuberante nível e acabamento irretocável. Sempre renovados, e com uma frescura criativa surpreendente, São Paulo, por sua vez, trouxe seu house organ eletrônico, o AsbacOnline, que é sistemático e semanal, apresentando drógs das informações mais importantes. Também foi levado em conta, como ação destacada de marketing, a qualidade das cartazes e pôsteres confeccionados para dar suporte a todas as iniciativas comerciais e comemorativas. Prêmios, então, para Brasília e São Paulo.

PROJETO ESPECIAL | À falta de alguma iniciativa mais grandiosa, e de amplitude mais global, a comissão optou por gratificar o empreendimento da Asbac-Recife, concorrente único na categoria, por sua combinação de Loteca/Lanchonete que movimentou uma regional que padecer do básico: um espaço para existir. Os dirigentes queimaram fósforo para fazer brotar um empreendimento que captasse interesse da comunidade, virou point e despertou o espírito lúdico dos associados, fazendo com que o resultado se encaixasse no caráter de “buscar solução para a autogestão da associação e dar perspectiva de continuidade à ideia”. Pela repercussão, e o impacto no quadro associativo daquela regional, valeu o esforço. Ponto para Recife.

DESTAQUE ASSOCIATIVO | Três foram os nomes colocados para avaliação. Pela Asoc-Curitiba, surgiu um nome que, por toda a história que já virou mito asbaqueano, era “barbada” na premiação: Salvador Soares de Oliveira. Praticamente um síndico do clube, e um herói da resistência naquelas plagas, é um abnegado desde a existência da associação naquela regional, e um nome muito forte e identificado com o a fibra e o desvelo que se esperava dos dirigentes, desde a formação das Associações. O diretor-presidente da regional foi uma unanimidade. Por seu lado, a Asbac-Porto Alegre propôs o nome do dr. Vandir Nascimento, o incansável jurista da Fenabac. Confrontando com a letra fria do regulamento, o nome talvez não se encaixasse ortodoxamente na gramática do dispositivo, sobre a categoria, que discorre sobre funcionários, dirigentes da Asbac ou do BC que tenham demonstrado denodo acima do apenas profissional na trata das coisas asbaqueanas. Mas a Comissão resolveu tomar para si uma licença poética e, ao ler e rier a redação do prêmio, não conseguiu ver quem mais se enquadrasse no papel de defensor das coisas e

e, ao ler e rier a redação do prêmio, não conseguiu ver quem mais se enquadrasse no papel de defensor das coisas e destinos da Associação quanto o procurador jurídico. De fato, desde sua contratação pela Federação, há décadas, todas as regionais e seus representantes legais estão casados de testemunhar a atuação paterna com que o Dr. Vandir trata o patrimônio de todos os associados, independentemente do local. Sua dedicação e empenho representam com extrema competência o verdadeiro espírito da ideia associativa. Sem embargo do figura simpático, bem humorado e sempre disponível que é Assim, a Comissão resolveu também outorgar esse prêmio ao dr. Vandir Nascimento. A terceira concorrente, com o nome proposto pela Asbac- Rio, é uma funcionária muito dedicada daquela regional, que começou como estagiária e galgou o posto de chefe de setor, na regional da Cidade Maravilhosa, num percurso muito rápido. Sua biografia é irretocável, mas foi prejudicada, neste ano, pelo tamanho da concorrência.

TOTALIZANDO: a Asbac-São Paulo ficou com três categorias (Iniciativa Esportiva, Iniciativa Cultural e Social e Projeto de Comunicação), a Asbac- Brasília com duas (Iniciativa Esportiva e Projeto de Comunicação), assim como a Asbac- Porto Alegre (Iniciativa de Resp. Social e Destaque Associativo), enquanto que as demais vencedoras ficaram com o troféu referente a uma categoria (Salvador, de Iniciativa Cultural e Social; Curitiba, de Destaque Associativo; Recife, de Projeto Especial); e Belo Horizonte, de Iniciativa de Resp. Social). O impacto na contabilidade da Federação ficou na ordem de R\$68 mil, sendo R\$14 mil para São Paulo, R\$11 mil para Brasília e Porto Alegre; R\$8 mil para Salvador, Curitiba, Recife e Belo Horizonte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: para o próximo ano, a Comissão deve, no entender de seus participantes, além de promover a divulgação de suas modalidades com mais antecipação, parametrizar melhor algumas categorias, e sugerir às regionais que façam suas próprias escolhas entre os projetos concorrentes, para enviar à disputa apenas sua melhor proposta. Também deve ser divulgada lista de todos os eventos que já foram premiados, desde a primeira edição, para que não existam casos de se contemplar várias vezes as mesmas concepções, no caso de não apresentarem novidades na formatação. A Comissão gostaria também de deixar registrada a satisfação de trabalhar com o apoio de todo o pessoal de secretaria da Fenabac, no suporte das tarefas e encaminhamento dos projetos, sempre muito eficiente, cordial e disponível.

TODOS POR UM

[Boletim da Fenasbac do 5º Prêmio Fenasbac de Qualidade | 24 de abril de 2015 | Belém- PA]

POMAR DA AMIZADE



[Cada sócio dedicado, na Asbac SP, teve a chance de batizar sua árvore frutífera, no bosque do clube em Guarapiranga: prêmio para iniciativa social e cultural]

CRIADOR DA QUADRA CURITIBANA



[Ex-gerente administrativo da regional Curitiba, responsável por sua sustentabilidade, foi o Destaque Associativo, neste ano]

Prêmio Fenasbac dá realce a novidades na edição 2015

Com a mesma harmonia com que as águas do Rio Amazonas deságuam no oceano Atlântico, num fenômeno também conhecido como macaréu ou mupororoco, a comissão incumbida de escolher os melhores do ano passado no âmbito associativo das Asbacs se reuniu numa manhã quase ensolarada e chuvosa de Belém, dia 24 de abril, no 12º andar do prédio do BC, em localização de cartão postal. De fato, poucos prédios do BC possuem a proximidade dos principais pontos turísticos das cidades quanto a da regional paraense: de lá, se avista tanto a famosa Estação das Docas que concentra, nas margens do rio, restaurantes de comidas típicas, sorveteria, quiosques de guloseimas, barezinhas e souvenirs, ao longo de seus galpões espaçosos, limpos, climatizados e muito bem iluminados quanto, mais ao longe, o legendário Mercado Ver-o-Peso, com sua muito típica feira de peixes da região.

Depois de um tempo aplaudindo a admiração, o trio formado por Luiz Augusto "Guto" Feitoza Ferraz, Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes e Clovis Nacanecy, sempre cercado por mimos e gentilezas pelo acumula-tudo em matéria de cargos, na regional belenense, Reginaldo Bentes, e de sua assessora para assuntos especializados, Betê, imergiu na farta documentação enviada pelas regionais para concorrer às sete categorias de premiação. Rapidamente, e com grande decepção, descobriu que se limitavam a seis: nenhuma havia enviado proposta para a categoria "**Maior Agregação de Sócios**". Em se tratando de entidade associativa, não é exatamente uma notícia auspiciosa: conquistar sócios é, emprestando a expressão da cartilha do BC, a "atividade-fim" da instituição.

O grupo foi, então, se dedicar às categorias em que as análises seriam mais simplificadas, como "**Iniciativa Esportiva**", em que não haveria exatamente uma concorrência: bastava apenas a comprovação, pela regional, do preenchimento de requisitos que se levaria o prêmio. Todas poderiam abiscoitar o troféu. No entanto, apenas Brasília e São Paulo encaminharam propostas: Brasília, como sempre, com as realizações da seu multifacetado departamento de esportes, que atueu com cardápio para agradar a muitos gostos de seus associados, e em número que ultrapassou, em muito, o mínimo exigido pelo regulamento. São Paulo, por sua vez, novamente fez uma composição de esportes que habitualmente preenchem suas quadras esportivas, como futebol de campo, society e tênis de campo, com outros mais adequados às águas que margeiam sua frondosa sede, como a vela. Prêmio para os duas.

"**Projeto de Comunicação**" também não exigiu muito fosfato da comissão julgadora: seriam vencedores as duas que apresentassem melhor projeto; mas apenas duas enviaram novas iniciativas. Resultado: prêmio para Brasília, que além de nos brindar com a proverbial corbeille de mídias, como a luxuosa revista e os projetos gráficos em forma de pôster, trouxe também iniciativas digitais interessantes, como o twitter. O Rio de Janeiro, depois de muito tempo apenas com iniciativas tímidas na área, esboçou um avanço maior, com a inauguração de uma pequena revista, para divulgar os feitos de seu povo. Também mereceu levar o troféu.

A ruptura de tanta tranquilidade nas escolhas foi auebrada quando se deparou

Asbac-RJ mereceu destaque e prêmio pela iniciativa de lançar revista

com a categoria "Projeto Especial". O nome ensaja uma infinidade de propostas, mas a leitura mais acurada do regulamento diz poderem concorrer "dirigentes ou conjunto de dirigentes responsáveis por projetos que visem à sustentabilidade do sistema federativo, e deem perspectiva de continuidade à ideia". As duas iniciativas aventadas, na ótica da comissão, não apresentaram avanço na direção do espírito do regulamento. Porto Alegre foi quem chegou mais perto, com sua iniciativa de troca de operadora da telefonia celular, e também com o projeto Felix Clube Nova que, no entanto, ainda vai precisar terminar seu primeiro ciclo para comprovar algum proveito associativo efetivo.

Depois dessa passada de olhos minuciosos, mas que não necessitou de tanta discussão para encontrar vencedores, chegou a hora das três categorias mais acirradas:

"Iniciativa de Responsabilidade Social" teve quatro concorrentes de peso, para seus dois prêmios. Depois de ponderar muito sobre o significado e a amplitude dos projetos apresentados, a comissão deliberou que o replantio de mudas de eucaliptos, na sede de Curitiba, compunha uma opção que conseguiu envolver associados numa causa essencialmente ecológica, e merecia ser disseminada. E que, em segundo lugar, deveriam empatar duas iniciativas bem diferentes, mas não menos nobres. A de Porto Alegre, com o conjunto de vacinação de contratadas mais campanha de agasalho mais doação de tênis a creche merecia ser destacada; a de Salvador, com Palestras sobre Educação Financeira, também é uma importante contribuição da regional soteropolitana a uma matéria que é tão contemporânea e presente nos centros urbanos. Portanto, salomonicamente, troféu para as três.

Tradicionalmente a categoria mais disputada, "Iniciativa Cultural e Social" não fez por menos desta vez. Seis, das sete filiais da Asbac que enviaram projetos para concorrer ao Prêmio de Qualidade, tentaram o sorte neste quesito. Talvez mais neste que nos outros,

percebe-se a falta de sintonia entre as direções das Asbacs e seu corpo operativo, aquele que, no final das contas é que coleta o que vai concorrer ou não e, na sequência, preenche cada evento com provas documentais. Na maior parte das vezes, desconhece-se por completo o aspecto muito realçado nas reuniões e que, também, foi insistido com mestria pelo departamento de marketing da Fenasbac, quando elaborou os bonitos cartazes de divulgação do Prêmio: não seriam levados em conta eventos remetentes na essência a efemérides, como Dias das Mães, das Crianças, das Avós, Festa dos Aposentados, de Final de Ano de Reveillon, e que tais. E não é que – com as exceções de praxe – quase todo mundo enviou? Fiel à leitura do regulamento, a Comissão conseguiu salvar algumas originalidades, e as destacou para a premiação: o galardão foi para Belo Horizonte, com sua interessantíssima Oficina de Reciclagem; Salvador, com sua Festa Natalina com prendas diferenciadas, e para São Paulo, com o "Pomar da Amizade", em que os associados mais populares e atuantes tiveram a primazia de inaugurar, num lindo bosque verde, seu pé de fruto, plantado há quase dois anos.

A derradeira escolha também se mostrou muito complicada, e demandou que a comissão tivesse que avaliar os escopos e as trajetórias dos concorrentes. O prêmio "Destaque Associativo" acabou indo, pela segunda vez consecutiva, para a regional de Curitiba; desta vez, para Roberto Stiguel Filho, ex-gerente administrativo do BC paranaense que sempre teve a Asbac como um de seus maiores bens afetivos, e foi responsável na sua gestão pela criação da quadra esportiva de grama sintética, que é a grande responsável pela sustentabilidade financeira da regional. Sua concorrência não estava fraca: São Paulo trouxe identicamente uma personalidade muito decisiva em sua trajetória, enquanto Porto Alegre indicou associado que, encharcado de méritos, não se enquadrava no regulamento. Brasília, de sua feita, nos brindou com o candidatura de Aparicio Secundus, cujo currículo de serviços prestados à causa brasileira é de tirar o chapéu. Os integrantes da Comissão, no

entanto, ainda acharam que outorgar-lhe o prêmio seria fazer com que ele já se sentisse consagrado, e tivesse a tendência de desconsolar nos louros da glória: todos consideram que ele tem ainda muita lenha para queimar pela causa associativa, e que oportunidades não faltarão.

Pois foi isso. É necessário, nesta oportunidade, não deixar de engrandecer a presença muito prestativa de Iord Inglês de Reginaldo Bentes, cuidando de seus colegas como se fossem do membros da família; não deixando que nada faltasse à estrutura de Belém. Tudo correu perfeitamente, também por obra e graça do departamento de Maysa Vicente, e suas auxiliares, secretariando toda a logística da reunião; antes, depois, e nunca se esquecendo do durante.

Só em passant, porque têm muita justificativa, lamenta-se a falta de participação das três menores regionais, Recife, Belém e Fortaleza. A representante cearense, por sinal, foi a única a nunca ter submetido projetos à avaliação.

Merece menção, também, a visita que fizemos ao terreno adquirido pela Fenasbac para a regional de Belém, e que está em fase de estudo de projetos. O cicrone da Asbac, Altino, sorridente e de papo solto, até que se esforçou para nos proporcionar um tour bacano pelo local, mas esbarrou num cadeado emperrado. D pouca que vimos foi um espaço extenso, numa localização privilegiada, na coreção de um bairro valorizado e bem frequentado.

Voltando para o prêmio, para o próximo ano, provavelmente, tendo em vista a projeção de muitas defecções no atual quadro de dirigentes, talvez seja o caso de se renovar a comissão e, com o auxílio de experientes e tarimbados colegas, dar mais alguns toques de originalidade a esse prêmio que, pelo jeito, veio para ficar.

Abraços e agradecimentos a todos.

A Comissão

TODOS PORUM

[Boletim da Fenasbac do 6º Prêmio Fenasbac de Qualidade | 20 de maio de 2016 | São Paulo-SP]

6º Prêmio Fenasbac consagra idéias e ideais de Qualidade

São Paulo ainda não padecia da tremeliques pela temperatura polar de junho quando os componentes nordestinos da Comissão Julgadora do 6º Prêmio Fenasbac de Qualidade desceram para ter com o representante paulistano e garimpar os vencedores de 2016. O clima agradável colaborou para que tudo fluísse com a naturalidade que o entrosamento do trio, formado por Guto Ferraz (Salvador), Clovis Naconey (São Paulo) e Joaquim Pinheiro (Recife), já testado e aprovado em dois julgamentos anteriores, fazia antecipar.

Nada de diferente na cenário, as dependências da Asbac paulista no prédio do BC, na imponente avenida Paulista. Cedinho, depois do café da manhã, o trio se debruçou sobre o material enviado e, massageando as cãs, passou às análises.

Antes de tudo, principalmente para quem imagina o prêmio como um fator de motivação e comunhão para a ideia associativa e de disseminação de boas idéias entre as coirmãs, foi um tanto desalentador constatar que quatro das dez Associações, mesmo com a extensão dos prazos de entrega, não conseguiram enviar projetos à concorrência. O destaque negativo é Fortaleza que, até esta edição, bate o recorde de nunca chegar a se sensibilizar e trazer iniciativas para serem conferidas. Também deixaram de comparecer

regionais de Belém, Belo Horizonte e Salvador.

*Feita essa consideração, passou-se ao crivo das sete categorias propostas. Para começar, **Agregação de Associados**, que nas duas últimas edições muito preocupantemente ficou sem concorrentes, voltou a ter um vencedor. E foi a regional de Curitiba que, com sua incorporação de 5 sócios efetivos e mais 14 contribuintes, levou o troféu, ainda que sem rivais. Parabéns a Curitiba.*

*No categoria **Iniciativa Esportiva**, São Paulo remeteu o registro de suas competições de futebol society, de campo, tênis de campo, vela e xadrez que, no somatório, completaram o quórum exigido para o quesito. Brasília que, como é usual, conseguiu promover um cardápio bem diversificado de esportes e modalidades, que abrangeram os vários segmentos etários de associados, não conseguiu, no entanto, comprovar ter monopolizado o mínimo de 15% dos associados nas competições, previsto no regulamento. Um tributo ingrato pelo gigantismo de seu quadro de associados, composto por mais de 6 mil associados, entre ativos, aposentados, pensionistas, contribuintes e outros. Talvez uma particularidade desse quesito seja uma das mais negligenciadas pelas regionais, pois é a única em que não existe competição - basta cumprir a*

RESPONSABILIDADE SOCIAL



CARNAVAL EM TERESÓPOLIS



[Conjunto de festas promovidas pela Asbac- Rio de Janeiro foi um dos vencedores na categoria Iniciativa Cultural e Social deste ano.]

A contabilidade dos prêmios, Brasília, Curitiba, Porto Alegre e São Paulo levaram em duas categorias, o que, além dos troféus, vai significar estímulo de 11 mil reais em seus caixas. Recife e Rio de Janeiro, por seu turno, ficaram com o galardão em uma categoria, que faz jus a 8 mil reais na conta bancária. Para Belém, Belo Horizonte, Salvador e Fortaleza, apenas um recado: #morrãndeinveja, rarará. Mas se encham de brios para participar, pelo menos por savoir-faire, com todo o gás, da próxima edição.

Arena de Salvador, com iluminação espetacular, aposta na sustentabilidade

exigência do envolvimento dos associados, e é prêmio garantido. Difícilmente, confabula a comissão, as Asbacs não teriam com o que concorrer, já que algum ou vários esportes são sempre praticados, na decorrer do ano, em todas as localidades, regiões e rincões.

Dois projetos chamaram a atenção pela qualidade e originalidade, na disputa pela categoria **Iniciativa de Responsabilidade Social**. O da regional de Curitiba, que franqueou uma caprichada pista de skate para a população da capital paranaense, e em pouco tempo virou point para os entusiastas do esporte, foi um deles. Realizado com baixo custo, ela uniu estreitamente dos laços com a comunidade em que está inserida com fortalecimento da imagem da associação, num resultado de grande repercussão. A regional de Brasília também obteve reverberação positiva para a ação de permitir visitas de escolas da rede pública todas as sextas feiras, em suas instalações. Nessas ocasiões, crianças de um extrato menos privilegiado da capital têm possibilidade de desfrutar de um dia de lazer com piscina, tobogã, e toda a estrutura do clube, incluindo monitores, das 10 às 16 horas. Todo o mérito para mais essa iniciativa de grande impacto para a coletividade.

Um dos aspectos que mais têm recebido investimentos das regionais da Asbac, os **Projetos de Comunicação**, vieram com três concorrentes fortes, desta vez. Brasília trouxe sua artilharia de peso, composta de revistas e outras mídias impressas com acabamento profissional, que já foi premiada em outras oportunidades, desta vez enriquecida por um arsenal eletrônico, cujas novidades foram

whatsapp, instagram e Twitter. Levou o prêmio, assim como a regional de Porto Alegre, que fez uma renovação completa em sua página na internet, tomando-a mais contemporânea, interativa, mais próxima ao seu público. A proposição do Rio de Janeiro, que trouxe seu carro chefe do ano passado, a revista "Asbac Notícias", como veículo de suas novidades, foi considerada a menos forte das três iniciativas, por já não possuir o ineditismo.

Mas dentre todas as categorias, a mais disputada foi sem dúvida a de **Iniciativa Cultural e Social**, com quatro interessados às duas premiações previstas. Quem, ao final, abscoltou o troféu, só foi descoberto por fotochart, aquele aparelho usado em hipódromos para registrar a linha de chegada, nas casas de aparente empate. De todo jeito, Recife se destacou com sua recuperação de biblioteca para a Regional, numa ação que, com pouco investimento e muita imaginação, resgatou uma atividade cultural que já era dada como abandonada para a comunidade. Para os outros concorrentes, mesmo relevando os diversos apelos para que não se enviassem à disputa eventos tradicionais que se repetem anualmente, poucas Asbacs seguiram a recomendação. A comissão, depois de muita relação das condições das regionais, achou por bem premiar Rio de Janeiro, pelo conjunto bem sucedido dos eventos ligados a efemérides, e que puderam trazer com nitidez a comprovação do comparecimento alegado.

Porto Alegre e Brasília trouxeram material para concorrer em **Projeto Especial**, com vantagem para a regional gaúcha. Seu "ABC Asbac Benefícios Complementares" foi

considerado muito útil e inovador, e mereceu a distinção. Brasília nominou seu "Viva + Asbac", atividade meritória que, no entanto, padeceu por comprovar a pública máxima de 24 associados. Bastante para qualquer Asbac; insuficiente para o porte de Brasília.

Por último, a categoria **Destaque Associativo** trouxe dois personagens de grande reconhecimento e penetração em suas praças, um de São Paulo, outro de Brasília. O brasiliense Cláudio Baruzzi é o associado padrão; filho de asbaqueano, conheceu a esposa nas piscinas do clube, e permaneceu sócio depois de fazer concurso para o Banco Central. Hoje ainda é atuante nas atividades esportivas e sociais promovidas. O paulistano José Garcia Netto, por sua vez, foi destacado dirigente paulista, que depois ficou marcado como integrante do comitê gestor da Fenasbac durante três anos, em que contribuiu para o engrandecimento do espírito associativo. Pela amplitude da abrangência, e o quilate de gestor, desta vez o comitê optou por premiar Garcia, até como desagravo ao bulling que os antigos colegas cometem, em todos os eventos e encontros sociais, ao inventar que ele fazia – sempre – aniversário.

Bem, foi isso. Antes que o dia terminasse, Guto Ferraz ainda arranjou tempo para promover reunião no setor de treinamento da regional paulista para expor o projeto que está capitaneando, com competência e simpatia, como parte das programações festivas de aniversário de cinquentenário das Asbacs. Antena sempre ligada, o baiano está à frente da produção que pretende reunir histórias, cantos, crônicas e causas vivenciadas dentro do BC ou nos clubes Asbacs, que serão publicadas em livro, previsto para ser lançado no segundo semestre de 2016. Será certamente mais um êxito da associação Guto & Fenasbac.

Para o próximo ano, a Comissão pensa em dar uma pequena refinada em alguns tópicos, para facilitar o julgamento em algumas categorias, e deixar o regulamento menos sujeito a subjetividades. E também solicitar para as regionais entregarem a número atualizado de sócios, em cada final de ano civil, para ajudar no cálculo das

TODOSPORUM

[Boletim da Fenasbac do 7º Prêmio Fenasbac de Qualidade | 31 de março de 2017 | São Paulo-SP]

Prêmio chega à 7ª edição querendo sensibilizar também menores Asbacs

Se o ser humano é movido a desafios, premiar é distinguir a soma de esforços e a criatividade dedicada a eles, e também uma das formas mais eficazes de produzir engajamento e motivação. Foi esse espírito que norteou a criação deste Prêmio Fenasbac de Qualidade, agora na sétima edição. E mesmo com pouca ressonância em algumas regionais de menor porte, vem resistindo e servindo de oásis aos temas puramente financeiros, que estafam a maior parte as reuniões periódicas do Conselho Gestor.

Desta vez, o trinco da Comissão Julgadora do prêmio se reuniu mais uma vez em São Paulo, e o clima de velhos amigos permeou o encontro desde o início, na sede do BC paulista. Clovis Naconecy (São Paulo), Joaquim Pinheiro (Recife) e Guto Ferraz (Salvador) têm apreço parecido pela qualidade, imparcialidade e equidade, então tudo rolou natural e democraticamente, sem qualquer exaltação.

Como diriam os analistas de esportes das tevês, vamos à verdade matemática dos fatos, os escaltes: quatro das dez Asbacs não enviaram projetos, o que significa 40% de ausências. Foram 17 iniciativas enviadas a julgamento, em sete categorias, o que representa a média de 2,8 por cada Asbac. Numa categoria crucial, a de Maior Agregação de Associados, pela primeira vez, e sintomaticamente, não tivemos concorrentes. Mesmo com o grau de otimismo que sempre move os desassalariados componentes desse conselho gestor,

não deixa de ser mais uma constatação desoladora.

E olhe que nós, da Comissão Julgadora, não nos conformamos tão fácil. Houve prazo bem dilatado para o envio das propostas, e foi concedida mais uma prorrogação. Por fim, esse escribo que vos fala pegou o instrumento de Meucci e ligou para cada uma das regionais que não tinha feito inscrição. Ainda faltava uma semana para o término do prazo. Da Asbac de Belém, não conseguiu falar com Pedro Paulo, nem Rodrigo. Tampouco com Rosi, a secretária, que estava ausente por dois dias, de acordo com a telefonista. Para Fortaleza, ficou sabendo por Nilta, a faz tudo da regional – que não sabia da existência do Prêmio – que Lessa estava viajando, e que Aragão estava em missão internacional. Disse que gostaria de maiores informações, mas que não tinha e-mail para que enviássemos. Para Belo Horizonte, o único telefone registrado toca, mas não atendeu durante dois dias seguidos: nem José Reinaldo nem Marília foram contatados. O caso de Recife é bem particular: nem Parrini nem Joaquim conseguiram coletar atividades adequadas para entrar na concorrência. Bem, isso depois do esforço do departamento de divulgação da Fenasbac, com o empenhado Pedro Paulo, e a onipresente e inoxidável Maysa Vicente, a eficiência e gentileza em pessoa.

Bem, depois dessas considerações iniciais, vamos à lista de vencedores. Aqui estão:

ESPAÇO PRIVILEGIADO



[Cobertura do prédio do BC em Porto Alegre, que recebeu contornos e decoração sofisticados para todas as ocasiões]

LENIVALDO GAIA



[Advogado, comentarista esportivo e membro da APL, Gaia foi homenageado]

NO INTERVALO DAS ANÁLISES



[Joaquim, Guto, Clovis, da Comissão, e Tadeu, Executivo da Asbac-SP: num idioma]

Arena de Salvador, com iluminação espetacular, aposta na sustentabilidade

Os prêmios

Iniciativa Esportiva

Brasília | o universo multiesportivo da maior Asbac, desta vez, comprovou comparecimento de número expressivo em suas práticas, que incluíram os aguardados e mega X Jogos Internos.

São Paulo | regional paulista conseguiu reunir, em mais uma oportunidade, seus aficionados de futebol de campo, society, tênis, regata de velas e xadrez em número suficiente para cumprir exigências.

Iniciativa Cultural e Social

Porto Alegre | seu Espaço de Convivência, arquitetado com luxo e requinte no topo do edifício do BC, virou cenário com toda pampa para associados em festividades e eventos de porte municipal.

São Paulo | a combinação original de dois eventos, separadamente – Festival da Crepe e Contadora de Histórias – fez com que a criatividade paulista se incluisse entre os melhores.

Iniciativa de Responsabilidade Social

Curitiba | campanha do agasalho feita em junho, com grande envolvimento da regional e redes sociais, conseguiu, com 532 peças doadas a asilos, atenuar o frio ingrato da capital curitibana.

Projeto de Comunicação

Brasília | o ponto alto foi a modernização do site e da comunicação digital semanal, que ficaram com apelo bem contemporâneo. E comunicação sempre é show na Asbac brasiliense. Rio de Janeiro | depois de enveredar por projetos gráficos no ano anterior, a regional carioca pisou mais fundo, investindo em site e mais comunicações eletrônicas bem feitas e certeiras.

Projeto Especial

Curitiba | nova quadra de futebol coberta, com grama sintética, se somou à renovação da antiga para que, em 10 meses, se adicionasse 230

mil reais extra em caixa, rumo à autossuficiência. Salvador | reformada e com padrão Fifa, a Arena Asbac, agora comporta jogos de campo e society alternadamente, com iluminação espetacular, e é aposta certa na sustentabilidade.

Destaque Associativo

Salvador: Lenivaldo Gaio | criador do projeto Seranus, que revolucionou a relação de asbaqueanos e bacenianos a partir de 2011, com verdadeiros saraus integradores, ainda é lembrado como incentivador da cultura e do refinamento interpessoal na regional soteropolitana.

Maior Agregação de Associados

Não houve premiada.

Considerações finais

Algumas categorias, felizmente, foram muito disputadas, e exigiram que se conferissem detalhes, ou até mesmo se evocasse o espírito da iniciativa. Foi o caso da "Iniciativa Cultural e Social", que foi a mais renhida e disputada de todo. Brasília trouxe muita substância, mas incluiu as atividades rotineiras de todos os anos, que inclusive já lhe valeu prêmios anteriores, mas que são vetados pelo regulamento. Rio de Janeiro seguiu a mesma linha, elencando o kit social de toda regional, com as festas ligadas às efemérides. Curitiba foi original, mas depois de muita consideração, a excursão a Camboriú que afluente esporte e social foi avaliada de menor poder de abrangência e assemelhada a outras incursões do mesmo estilo da regional.

Três das quatro concorrentes da categoria Destaque Associativo reúnem mérito para novas candidaturas, nos próximos anos, e com chances para abiscolter o prêmio. Claudio Baruzzi, associado brasiliense que teve a vida modificada com a vivência no clube; Regiane Maria Merin, funcionária

QUADRA COM GRAMA SINTÉTICA



[Asbac de Curitiba reforçou a caixa com iniciativa]

exemplar de Curitiba, e Luiza Higashi, dirigente vários anos e que tem mais de 40 anos de intensa participação associativa fariam jus à homenagem. Mas desta vez optou-se por ficar com Lenivaldo Gaio, e o impacto de seu projeto que ainda hoje ressoa na comunidade osbaqueana e baceniana de Salvador.

Merece, por último, menção a observação feita pela funcionária Hadya Sales, do marketing de Brasília que, sendo novata no processo, diz sentir falta de projetos relacionados às áreas operacionais e administrativas dos clubes. Argumento entender que todos os setores das associações são de suma importância para o bom andamento das mesmas e premiações como esta podem incentivar os departamentos a criarem oportunidades de melhoria, como o operacional de desenvolver medidas de reaproveitamento de material, otimização de tempo e o administrativo, medidas de controle da base de dados de associados, campanhas para clima organizacional, enfim. Muito obrigado pela contribuição, Hadya; para o próximo ano, a Comissão estará pensando na pertinência e a possibilidade de se criar alguma coisa a respeito, se houver como avaliar e quantificar. De todo jeito, sugestões são sempre muito bem-vindas.

Por fim, e por fim mesmo, gostaríamos que a mesa avaliasse a troca da Comissão Julgadora, que para o próximo ano injetasse novos olhares e quem sabe espargisse novo ânimo à iniciativa. Somos sempre pela renovação, e antes que venham com um #foraclovis, #foraguto ou #forajoaquin, concedam-nos a permissão de ser apenas participantes, ou torcedores e espectadores.

TODOS POR UM

[Boletim da Fenasbac do 8º Prêmio Fenasbac de Qualidade | 15 de março de 2018 | São Paulo-SP]

Projetos criativos mantêm competitividade, mas participação desidrata e ameaça futuro do Prêmio

Quanto mais disputado um prêmio, mais se evidencia seu valor, sua aceitação como diferencial de qualidade. Isso acontece qualquer ramo da atividade: cultura, esporte. Se esse postulado tem estofo na verdade – e tudo leva a crer que tem – o futuro do Prêmio Fenasbac de Qualidade, a se manterem os atuais parâmetros, e o surto da irresponsabilidade parecer contaminar a maioria dos dirigentes, corre sério risco de vida. Essa foi a constatação dos três intrépidos representantes das Asbacs, Joaquim, Guto e Clovis, das regionais de Recife, Salvador e São Paulo, ao se defrontarem com os números encalhados dos projetos enviados a exame, e da participação míngua das representantes regionais. Foram apenas 14 projetos encaminhados para a competição; o recorde negativo anterior tinha sido na 1ª edição, com 15. E 5 regionais, tão somente, se dignaram a entregar projetos; empatando com a 1ª e a 3ª edições, como as menos prolíficas. Como essa discussão precede a uma maior, que é a de se conseguir argumentos e de atividades criativas para conquistar a sustentabilidade de nosso sistema federativo, há que se também repensar objetivamente no que se pretende com essa premiação, seus objetivos, o fato de estar ou não preenchendo uma lacuna de incentivar iniciativas que, numa suposição otimista, é a finalidade das associações a que ajudamos a presidir. Mas precisamos disso? Ou bastaria apenas seguir com nosso “um dia no escritório”, fazendo sempre igual, que nosso público já nem é tão exigente assim para pedir que sejamos inventivos.

Precisamos falar sobre a Asbac de nossa cotidiano. Essa é uma boa oportunidade de avaliar se queremos mais esse “fardo” de todo início de ano ver o que se pode extrair das tarefas anuais para cumprir compromissos.

Bem, antes de nos determos nessa discussão, que fecharemos ao final, vamos tratar do Prêmio desse ano: quem foram os grandes vencedores.

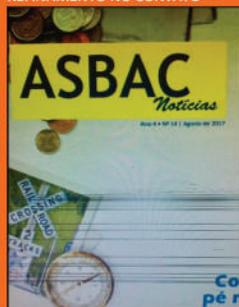
Iniciativa Esportiva

Categoria das mais tranquilas, porque para abiscotá-la basta apenas provar ter cumprido as exigências; não há competição. Ainda assim, outra vez, apenas Brasília e São Paulo enviaram projetos à análise. Brasília venceu enumerando a série de 22 torneios esportivos que realizou, com participação de 223 sócios efetivos, 16,27% de seu total. São Paulo, por sua vez, listou série de 5 modalidades com envolvimento de seu quadro, incluindo circuito interclubes de Vela e torneio de soccer kids.

Iniciativa de Responsabilidade Social

Neste caso, houve três concorrentes, para dois troféus. Depois de detida análise, a Comissão considerou que as propostas de São Paulo, com inclusão de cadeirantes e cegos e surdos-mudos em veleiros, e a de Fortaleza, com doação duradoura de artigos esportivos para entidade assistencial, com maior abrangência e amplitude. Brasília trouxe à vista o meritório Queen's Day, em que conseguiu arrecadar 50 kg de alimentos e distribuiu para duas instituições de assistência.

REFINAMENTO NO CONTATO



[Rio volta a ter um veículo de comunicação de peso, com seu associado]

LUÍZA HIGASHI, A ESPORTIVA



[Animada sempre, a tenista premiada é exemplo de esportividade, e participação]

COZINHA INDIANA EM SAMPA



[Trio Joaquim, Clovis, L. Tadeu e Guto]

Destaque positivo, Asbac-BEL consegue agregar 14,6% de novos sócios

Iniciativa Cultural e Social

A categoria mais concorrida, com quatro postulantes aos dois troféus. Ao final das ponderações, foram considerados mais consistentes os projetos de: Brasília | que, listando uma série de sete grandes eventos, de fevereiro a dezembro, conseguiu arrastar boa parte de seu corpo associativo para comemorações com cuidados gastronômicos, musicais e de bom gosto para sua sede; e São Paulo | que reuniu três grandes comemorações com toques de cristividade, como foram a curso de iniciação ao vinho e à degustação; o dia do crepe em homenagem aos pais, além da recriação do Coral Asbac 2017, conseguindo o feito de agradar a vários segmentos de seu grupo associativo. A proposta carioca que, pelos relatos se embasou numa monumental festa de confraternização de fim de ano, padeceu da falta de inovação, já que se assemelhou em muito às duas iniciativas de anos anteriores, que foi o réveillon em Comary e o conjunto de eventos ligados às comemorações do calendário. Belém, que enviou evento que pegou carona na procissão do Círio de Nazaré, mesmo com toda a significância da festa religiosa regional, no entender dos julgadores, ficou carente de se configurar iniciativa genuinamente da Asbac, mas sim programação regular da prefeitura.

Projeto de Comunicação

Brasília | foi perceptível o cuidado da maior Asbac com pequenas detalhes de seu contato com sua clientela, modernizando seus informativos eletrônicos com conteúdo visualmente mais atrativo, principalmente no que toca a notícias esportivas. Mereceu mais uma vitória na categoria. Rio de Janeiro | também jogando suas fichas no refinamento da revista, e procurando mais aproximação com seu leitor, a Asbac carioca mostrou novamente que está seguindo na direção certa. O projeto gráfico passou a ser o carro chefe de sua comunicação institucional.

Projeto Especial

Desta vez, não houve vencedores nem proponentes. Vamos torcer para o departamento de criação ser iluminado, no próximo ano.

Destaque Associativo

São Paulo: Luiza Satsuko Higashi | no BC e na Asbac desde 1976, Luiza pavimentou sua relação com a associação participando de todas as esferas; capitaneou o Conselho de Administração da gestão Alberto Matsumoto, de 83/86, colecionou abiscoitos inúmeros troféus pelo desempenho nas quadras de tênis, e sempre foi a voz gurgul a puxar o coro das torcidas, em todas disputas paulistanas, qualquer esporte que fosse. Até hoje é referência de animação e arrebatamento. Exemplo de esportividade e associatividade. O concorrente brasiliense, fortíssimo, foi considerado de peso semelhante, e candidato natural a levar o prêmio do próximo ano.

Maior Agregação de Associados

Belém: a categoria volta a ter premiada, após dois anos. A regional paraense provou ter acrescentado incríveis 14,6% de novos sócios, num ano. Que prossiga nesta trajetória.

Considerações finais

Em poucas eras já teríamos considerado a possibilidade de confeccionar carimbo agradecendo a proficiência e a gentileza da Maysa Vicente, da Fenasbac. Mas como esse artefato está em desuso, não nos custa digitar nosso agradecimento pela eterna disponibilidade no trato de nossas necessidades logísticas. Rafaella e Lourdes também nos ajudaram bastante. Por derradeiro, não custa lembrar que uma funcionária criativa da Asbac-BSB, ano passado, sugeriu a criação de prêmio para as tarefas operacionais e de administração. Sensível, a comissão estudou e formatou nova categoria que, no próximo ano, já vai valer. Quando fomos felicitá-la pelo feito, no entanto, soubemos que ela já não mais pertencia aos quadros da Asbac.

DIA DAS CRIANÇAS EM BRASÍLIA



[Asbac-BSB encheu o clube de atrações, que por instantes esqueceram as eletrônicas]

TODOSPORUM é publicação da
FENASBAC Federação Nacional de
 Associações dos Servidores do Banco
 Central.
 Texto: Clovis Naconecy e Tadeu Florentino
 Fotos: Clovis Naconecy

Inventário do Prêmio

Ao final das apreciações, ficou assim a distribuição dos prêmios:

- Asbac-SPA, com 4 Categorias e 17 mil reais em premiação;
- Asbac-BSB, com 3 Categorias e 14 mil reais em premiação;
- Asbac-BEL, Asbac-FOR e Asbac-RJA com 1 Categoria e 8 mil reais em premiação, cada.

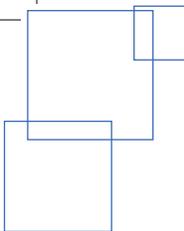
Interrogação Final

Ano passado, nesta mesma ocasião, jogamos essa bola no campo; agora, depois de cinco anos, é chegada a hora de se renovar a Comissão Julgadora do Prêmio, que teria também como função reavaliar sua função e critérios. A renovação pode não ser sempre remédio salutar para todos os males, mas certamente o é para a monotonia. A Comissão exige que se faça essa RJA, antes de sua próxima edição. Com a palavra, o Conselho Gestor.

The background is a solid dark blue color. It features several white-outlined squares of various sizes and orientations. Some squares are partially overlapping, creating a layered effect. The squares are positioned in the upper left, upper right, and lower left areas of the page.

ATIVIDADES

A prestadora de serviços financeiros



Primar pelos diferenciais personaliza a Fenasbac prestadora de serviços financeiros

Empréstimo numa hora difícil, consórcio nas oportunas, ou seguros, a qualquer tempo, têm sempre algo em comum, na Federação: são operações descomplicadas, há mais de 50 anos

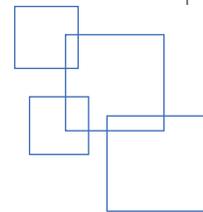
Uma das mais importantes vertentes da Fenasbac, o setor de produtos financeiros disponibilizados aos associados, é capitaneado pelos eficientes Jamil Helou e Nalva Castro, que cuidam para que, nas horas de necessidade ou de investimento em bens, a interface seja sempre diferencial para uma escolha consciente, bem informada e amigável.

Neste pequeno balanço, os dois dirigentes falam um pouco de suas experiências e de como o segmento impacta em graus diferentes na comunidade de associados.

Investimento ou necessidade

Uma das três funções exercidas pelas Asbacs, supervisionadas por sua Federação, é a de gerenciar produtos financeiros para os associados efetivos. Há mais de 50 anos, as Asbacs têm realizado trabalho importante no sentido de atender seus associados, servidores do Banco Central, em demandas de crédito pessoal, seguro de vida e consórcio. Estes produtos inclusive estão entre seus objetivos institucionais, definidos em estatuto.

Qual o balanço pode ser feito dessa importante atividade? Jamil Helou, Diretor de Operações da Fenasbac há mais de 20 anos, resume um pouco do que tem observado na área: "Podemos concluir que no período Fenasbac, a partir de 1998, registrou-se grande avanço nas áreas financeira e patrimonial, seja de recursos próprios da Federação, seja em relação aos programas sob sua responsabilidade. Entendemos que o desafio maior é manter e incrementar cada vez mais benefícios aos associados do sistema Asbac. E isso significa blindar nossos segurados, consorciados e pgafianos de prejuízos, bem como viabilizar avanços e melhorias em todo o sistema. Importante destacar que os avanços alcançados só têm sido possíveis graças ao apoio incondicional do Presidente da Diretoria Executiva, Paulo Stein".



Seguros de vida

O volume de pessoas que investe em seguros é sempre muito significativo. Considerando não o número de pessoas, mas sim o número de sinistros (morte e invalidez), foram quitados cerca de 1.501 eventos ao longo dos anos, sendo que só de maio de 2002 – período da Icatu Seguros – até 19 de maio de 2018 foram pagos 1.018 sinistros no valor total de R\$ 4,3 mi.

Ainda assim, muita gente hesita na hora de investir num seguro de vida. Para Marinalva Castro, Diretora Administrativo Financeira há 9 anos, é sempre bom levar em conta alguns dados práticos nessa hora. “A morte, a doença, o imprevisto, não mandam recado; portanto, fazer seguro de vida é questão social e de amor. Melhor prevenir a remediar”, aconselha.

O Seguro de Vida visa amparar seus dependentes e a si mesmo em casos de eventuais sinistros, sejam por morte ou invalidez. A qualquer momento pode-se contratar mas, de acordo com a diretora, “quanto mais cedo melhor, já que, conforme a sabedoria popular nos ensina, o seguro morreu de velho”.

Analistas sérios e justos

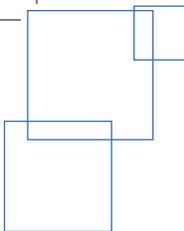
Jamil Helou avalia que possuir equipe de grande expertise e senso de justiça faz grande diferença, em muitos casos. Lembra de um caso curioso que ocorreu, na hora de um resgate. “Houve um caso interessante de um segurado que, ao descer de seu veículo acabou escorregando e, ao cair, bateu a cabeça no chão. Por ora, tal acidente não afetou sua vida laborativa. Passados pouco mais de um mês ele veio a óbito, presumidamente por causas naturais, haja vista sofrer de algumas doenças. Foi dada a entrada no processo de requerimento do seguro de vida e, dentre os formulários solicitados, existe um que é a Declaração Médica por Doença, em que um médico responsável no acompanhamento do quadro clínico do segurado relata tratamentos, datas e diagnósticos referentes às causas que o levaram a óbito. Foi constatado em um dos itens

A Asbac na minha vida

Desde a posse, em 1976, a Asbac sempre fez parte da minha vida através do esporte, com participação em campeonatos internos (futebol, vôlei, gamão, dominó) torneios e olimpíadas externos durante muito tempo. No que concerne à família, meu namoro começou lá e perdura beirando 37 anos. Já meus filhos foram criados na Asbac, com participações em torneios de natação, futebol, vôlei, mantendo amizades desde a infância

Deraldo Cunha Andrade, Asbac-SAL





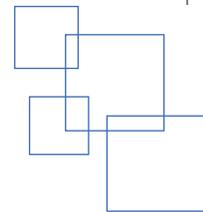
que a possível causa da morte estava diretamente relacionada ao acidente, traumatismo craniano. Resultado: foram reanalisados os documentos e concluído que de fato o principal motivo da morte do segurado foi devido ao acidente. Portanto, o que inicialmente seria morte por causas naturais e, por conseguinte, resultaria no pagamento de apenas um valor de capital segurado, foi revertido para morte acidental, de modo que os beneficiários receberam em dobro o valor do capital vigente a época do falecimento, uma vez que a cobertura por morte acidental gera indenização especial. Logo, se não houvesse a competência da análise crítica do processo, os beneficiários seriam prejudicados".

Diferenciais decisivos

Na hora de optar por seguros oferecidos pelas seguradoras disponibilizadas pela Fenabac, é interessante atentar para alguns tópicos que fazem toda a diferença. As mais fáceis de enumerar são: taxas competitivas em relação ao mercado; trabalhar sempre com seguradoras sólidas em relação ao mercado; contar com cobertura de invalidez por acidente estendida ao cônjuge (em caso de plano casal); e apólice especial Master, sem avaliação médica, ou seja, a preexistência de doenças não será motivo de negativa de cobertura para faixa etária de 55 a 80 anos de idade. Mas para quem tem proximidade com o pessoal da Asbac, aspecto que acaba fazendo com que a decisão de investimento seja facilitada, é o apoio efetivo da Fenabac – como estipulante, atuando de forma competente, efetiva e permanente em todas as fases do processo – o diferencial importante.

Mercado com viés de declínio

O panorama na área de seguros, ultimamente, todavia, não tem sido muito animador. No segmento de seguros de automóvel e de residência, que é oferecido em parceria com a Liberty Seguros, toda contratação é realizada diretamente com a Seguradora, sem intermédio da Fenabac. No caso do seguro de auto também pode ser feito diretamente em algumas de filiadas. No que tange ao seguro de vida, a realidade não é das mais otimistas, pois as adesões, nos últimos anos, relata Jamil Helou, "têm sido em número inferior aos sinistros e desligamentos; ou seja, não está havendo crescimento real do número de vidas seguradas, seja pela não adesão dos novos funcionários do BC, seja pela diminuta contratação pelo BC de novos servidores". Outro ponto a ser analisado é que os jovens ingressados no mercado de trabalho não veem o seguro como item importante em suas contas, consideram que o motivo de tais coberturas é algo para se pensar futuramente.



Produtos novos sem repercussão

Aproximadamente 8 mil consorciados – entre servidores e associados das Asbacs tiveram seus bens adquiridos pelo consórcio Fenasbac. Além do consórcio de automóveis – o mais demandado – tem havido novas ofertas de produtos nessa área, como os consórcios de imóveis, de eletrodomésticos e de serviços. Jamil Helou não vê significativa receptividade dos associados a estes produtos. "Grupos de eletrodomésticos têm pouca ou quase nenhuma demanda, pois não se encontrou ainda um diferencial em relação aos do sistema de consórcio que são oferecidos no comércio ou pela internet, estes com vantagem da entrega imediata do bem. Temos conseguido a formação de apenas 1 grupo de até 50 consorciados a cada 2 anos. No segmento de serviços, disponível e oferecido à nossa clientela, não obtivemos adesões suficientes para formação de grupo com até 50 consorciados. Por sua vez, nos grupos de imóveis, em que mantemos parceria com o Sicredi, temos participação em torno de 30 componentes de nosso público alvo – demanda insignificante, não obstante custo competitivo, segurança, facilidade operacional, assessoria desta Federação, e reembolso pela Fenasbac de até 100 reais relativo ao valor da contribuição social junto às Asbacs". Cabe registrar que as taxas praticadas pela Fenasbac nos segmentos de automóveis e eletrodomésticos são as mais baixas em relação às que vigoram no país.

Atrativos do crédito pessoal

Mas se há uma modalidade que é sempre muito utilizada pelos associados, é a de crédito pessoal. Atualmente, são registrados em média 600 contratos ativos. O custo – juros mais taxa de administração – cobrado é o grande diferencial, inferior ao praticado no mercado, inclusive quando comparados com empréstimos consignados. Ainda assim, há outros plus: agilidade na liberação, tratamento pessoal cordial e respeitoso e prazos de até 36 meses.

Experiência e atenção

Estes produtos financeiros têm sido conduzidos nos últimos



Jamil Helou: tratamento atencioso, agilidade, prazos e taxas mais baixas são os atrativos



Nalva Castro: fazer seguro de vida é questão social e de amor: quanto mais cedo, melhor

anos por uma dupla muito entrosada e que sobressai pela excelência no atendimento: Jamil e Nalva.

Jamil Antonio Helou, Diretor de Operações desde 1998, é contador e administrador de empresas pela PUC-GO, foi auditor concursado do BC e do Ministério do Trabalho, onde também teve experiência como Ordenador de Despesas da Secretaria Geral, e ex-conselheiro do CRC- DF.

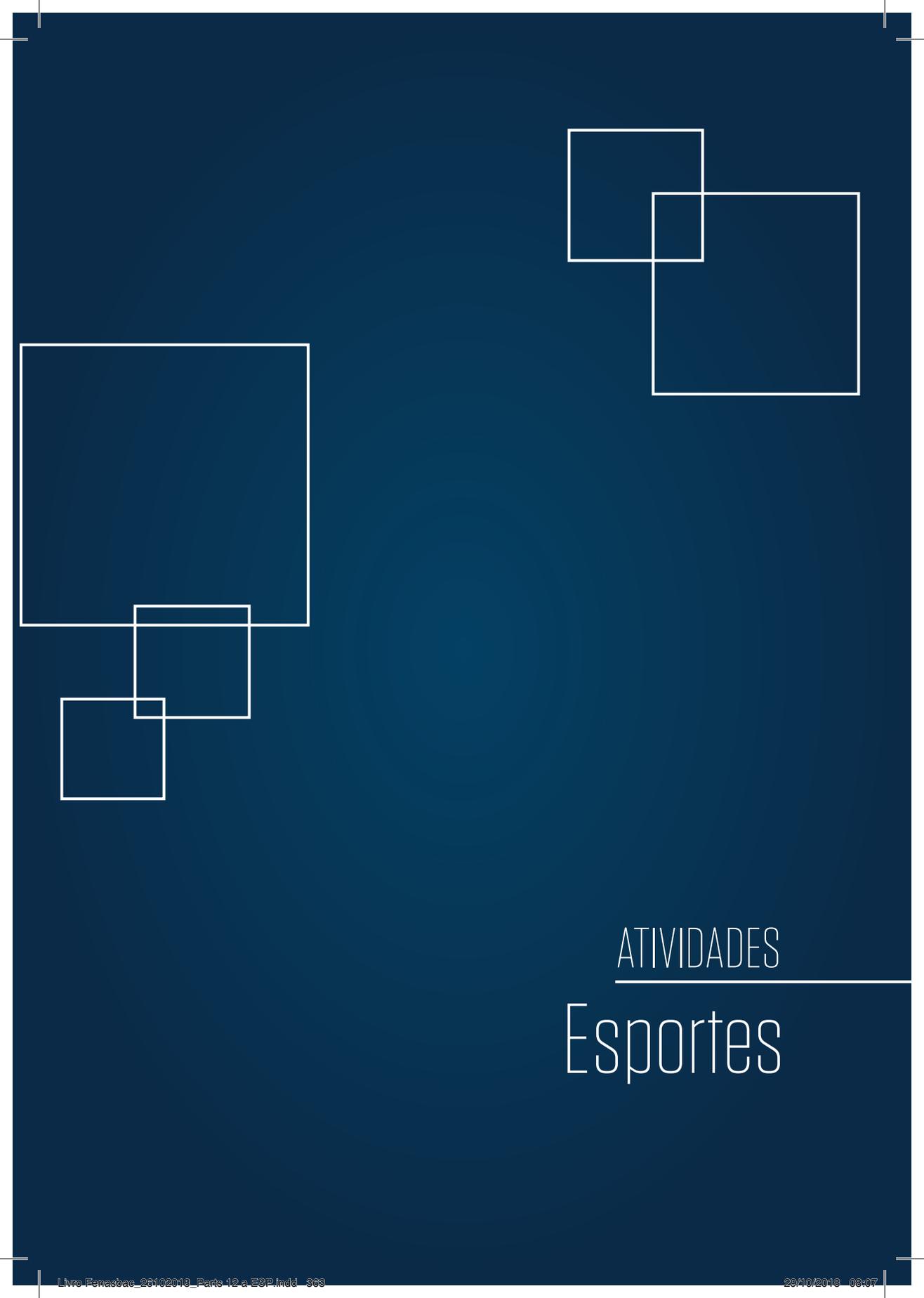
Marinalva Correa de Castro, Diretora Administrativo Financeira há nove anos, é técnica em contabilidade e funcionária da Asbac Nacional (atual Fenabac), período em que exerceu a função de auxiliar de contabilidade, subchefe de contabilidade, chefe do setor financeiro, assistente administrativo e, atualmente, Diretora.

A Asbac na minha vida

Oriundo do BB, trabalhei no BC desde a criação, e afirmo que a Asbac exerce papel da mais alta relevância na minha vida e de toda minha família. Vi os filhos crescerem nas atividades sociais, muito bem organizadas e em clima familiar. Participei dos campeonatos de futebol de salão, futebol de campo, vôlei. Ainda hoje sou do "Grupo de Peladeiros", de aposentados, na Sede Canadá, que gera muita amizade e respeito. Agradeço aos céus, de coração, por pertencer a essa Associação

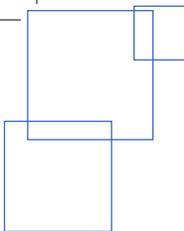
Luiz Antonio Jacobson, Asbac-RJA





ATIVIDADES

Esportes



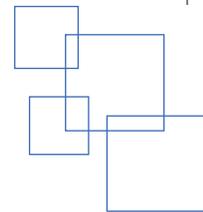
O esporte e o melhor da Asbac

Importante forma de integração, o esporte na comunidade do BC se apoderou do cenário dos clubes das Asbacs para usufruir do lazer de qualidade, manter saúde e confraternizar

A prática esportiva, dos principais fatores de integração e conagração na sociedade contemporânea, sempre foi muito incentivada nas Asbacs por se inserir entre seus objetivos e missão, mas também por seus múltiplos benefícios.

Desde sua origem, quando foi imaginada por um grupo de operosos sonhadores para dar suporte social e financeiro aos servidores e familiares do Banco Central, a Associação tinha como destino ser o braço direito da instituição. Em pouco tempo, a ambiciosa panaceia multifuncional imaginada para atender a todos os anseios da comunidade, promovendo saúde e bem-estar, lazer e segurança de futuro, integração e convivência entre associados e servidores do BC, foi refinada. E algumas das funções importantes, como a de plano de saúde e previdenciária, acabaram repassadas para outros tentáculos do próprio Banco. As de sociabilização e interação, agora como carros-chefes de suas atribuições, juntamente com seguros e empréstimos – permaneceram vivas com as Asbacs, e seus dispositivos de porte variável, em cada uma das dez capitais em que estão instaladas.

Nem é preciso realçar os benefícios do esporte como instrumento de desenvolvimento humano e de inclusão social, e como fenômeno sociocultural de múltiplas possibilidades. No contexto das Asbacs, a atividade esportiva desde os primórdios monopoliza parte substancial da coletividade baceniana, sendo procurada pelos associados de todas as extrações etárias: jovens, maduros e seniores, assim como filhos e netos crianças e adolescentes. Em suas variadas modalidades, é sempre bom destacar, faz-se valorizar, ao lado da qualidade de ser sadia manifestação recreativa e competitiva, pelos aspectos relacionados à construção de valores morais e



éticos. Assim, reunindo o lazer e o lúdico, se credencia como muito importante para o desenvolvimento integral das pessoas.

Mas também é importante ressaltar o papel social que o esporte desempenha nesse desenvolvimento integral, visto que a prática envolve a aquisição de habilidades físicas e sociais, valores, conhecimentos, atitudes e normas. Portanto, observa-se que o esporte possui amplas repercussões, sendo fenômeno que possui linguagem universal.

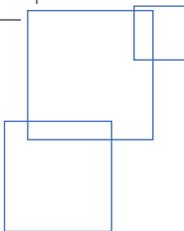
Esportes e jogos: diversificação e qualidade

Dito isto, cabe destacar os sotaques e as diversificações de afinidades esportivas, de norte a sul do país. No levantamento feito especialmente para essa publicação, foram verificadas práticas de nada menos que 22 modalidades, nas quais foram apontados os Top 5: os maiores destaques nos últimos cinquenta anos.

É bom deixar registrado que, no nível da Associação, salvo raras exceções, esporte sempre foi atividade amadora que principalmente visava ao congraçamento. Dentro desse espírito, São Paulo foi a regional campeã, apontando tradição em 12 variedades, seguida por Porto Alegre, com 10 e Belo Horizonte, com 8.

Entre os esportes, pouca surpresa. Futebol de campo, a exemplo da preferência nacional, aparece como o favorito de todas as décadas, e construiu uma memória de performance em todas as dez representações da Asbac. Futsal surge em segundo lugar, com 8 regionais que habitualmente o praticam, enquanto vôlei masculino aparece em terceiro, com 7 menções. É bom deixar claro que, mesmo conhecendo a existência de diferença conceitual entre esporte e jogo, para efeito deste levantamento cinquentenário fechamos os olhos para essa nuance. Nessa licença poética, portanto, foram permitidos rankings de modalidades bem heterodoxas, como truco, dominó e botão, aqui também entendido como futebol de mesa.

Importante: ao lado de cada nome, está registrado o motivo de estar perfilado entre os Top 5.



Todos os Top 5

Pesquisa aponta os maiores destaques nos esportes mais praticados em todas as Asbacs

Belém

Futebol de campo

- **João Freire:** o craque era tão bom em campo quanto no salão.
- **João Bento Galvão de Souza:** categoria, firulas e muitos gols.
- Ronaldo **"Vulcão"** Wilson Ferreira: alto e hábil, decisivo.
- Raimundo **Natalino** de Souza: meio campo que pensava o jogo.
- Roberto **Feio:** habilidade garantida no meio campo.

Futsal

- **Jorge** Amauri Maia Nunes: melhor goleiro de todos os tempos.
- **Reginaldo** Bentes dos Santos: becão sério, fixo, seguro.
- Raimundo **Teófilo** de Souza: sempre o craque do time.
- **Wagner** Ormanes: categoria e domínio sobre a bola.
- José **Ibernon** dos Santos: corria o tempo todo, e decidia.

Vôlei masculino

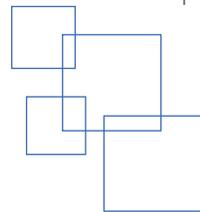
- José Carlos de **Miranda:** a altura favorecia esse tremendo cortador.
- Francisco **Sérgio** Sales Andrade: cortador decisivo e cheio de iniciativa.
- Sérgio **"Serginho"** Andrade da Silva: segurança nas manchetes e levantamentos.
- **Selito** Antonio Bordin: compunha com seguro estofa a defesa.
- Raimundo **Natalino** de Souza: as melhores soluções para a retaguarda.

Dominó

- **Reginaldo** Bentes dos Santos: mestre do esporte e campeão olímpico.
- **Pedro Paulo** Soares Rosa: dominador, fez dupla invencível.
- Roberto **Feio:** campeão, sempre se aprimorando.
- **Janary** Silva da Conceição: o contador, incansável e sempre com uma saída.
- Mariene **Naomi** Ueoka: inteligência da nova geração.

Pingue-pongue

- **Edson** Cunha: ágil, imbatível.
- **Glenir** Cordeiro de Castelo Branco: raquetada mortal.



- **Antônio** Alvez: destaque nos campeonatos.
- **Eudson** Araújo: foco na vitória, sempre.
- **Iuri** Souza da Rocha: cortada certa.

Sinuca

- **Guilherme** Pinto dos Santos Filho: mágico dos tacos.
- **Sérgio** Bernardes: bambambam, era profissional.
- Jorge **Amauri** Maia Nunes: sempre um jogador a ser batido.
- **Wagner** Ormanes: incrível; era bom também nas mesas.
- **Gontron** Magalhães Júnior: um taco certo, cantava a jogada.

Belo Horizonte

Futebol de campo

- **Adalberto** Luiz da Silva: raça e voluntariedade.
- Luiz **Prata**: garra, determinação e seriedade.
- **Paulo Roberto** Melo Castro: segurança e firmeza.
- **Sebastião** Márcio Monteiro: classe no desarme.
- José **Pedro** Rocha: "vai Rocha", carregava o time nas costas.

Futsal

- **José Reinaldo** Pimentel Santos: arrojo e segurança.
- **Lúcio** César de Faria: habilidade na armação.
- **Geraldo** Magnani: simplicidade e efetividade.
- **Raimundo** Reis Filho: habilidade no drible infalível.
- José **Pedro** Rocha: chute forte e precisão.

Vôlei feminino

- **Simone** Brant: levantadora precisa.
- **Solange** Brant: craque, muita regularidade.
- **Silvana** Brant: qualidade em harmonia com irmãs.
- **Flávia** Costa: muito boa, categoria na manchete.
- **Raquel** Pires Doclou: paixão pelo vôlei, longeva.

Xadrez

- Carlos Antônio Monteiro **Velasco**: grande estrategista.
- **Allan** Rocha: cerebral, paciente, competitivo.
- **Ilton** **Caldeira**: muito fosfato e alto nível.
- **João** **Gomes**: difícilimo vencê-lo, sempre.
- **Domingos** Antônio dos Reis: perfeccionista, sempre à procura do melhor lance.

ASBAC em foco

A festa dos Campeões



Manoel Lucio Lorenzi Netto

A festa de 14 de junho, comemorativa ao aniversário de 50 anos da ASBAC, foi realizada no salão de festas do clube. O evento contou com a presença de familiares, amigos e autoridades locais. O presidente Manoel Lucio Lorenzi Netto destacou a importância da entidade para a comunidade esportiva de São Paulo.

Entre as atrações, houve uma apresentação musical e a entrega de troféus aos atletas campeões das modalidades de futebol, tênis e badminton. O jantar foi realizado em um ambiente agradável, com música ao vivo.

O presidente também falou sobre o futuro da ASBAC e a importância de manter o clube sempre atualizado e aberto para todos os interessados em praticar esportes.

Relato do 1º título, em 14jun67

ASBAC-SÃO PAULO promove manhã esportiva



Realizada no dia 11 de julho, uma manhã de futebol disputada entre os solteiros e casados, sob o patrocínio da ASBAC, reuniu atletas e torcedores em um ambiente de confraternização.

O jogo foi disputado no campo do clube, com a presença de familiares e amigos. A partida foi emocionante e contou com a participação de atletas de alto nível.

Após o jogo, houve um jantar em homenagem aos participantes. O presidente Manoel Lucio Lorenzi Netto agradeceu a todos e destacou a importância da prática esportiva para a saúde e o bem-estar.

Em ago70, Asbac- SPA faz jogo de solteiros e casados

ESPORTES NA ASBAC

Campeonato de Futebol Society da ASBAC-RJA



O campeonato de futebol society da ASBAC-RJA foi realizado no mês de agosto. O torneio contou com a participação de diversas equipes locais. O vencedor foi o time da ASBAC-RJA, que se sagrou campeão após uma emocionante final.

O jogo foi disputado em um ambiente de muita tensão, com gols marcados nos dois tempos. O público presente acompanhou o jogo com muito interesse.

O presidente Manoel Lucio Lorenzi Netto parabenizou o time vencedor e destacou a importância do futebol society para a comunidade esportiva.

Seção "Esportes na Asbac" noticia campeonato de futebol society da Asbac-RJA, em ago71

EXCURSÃO DA ASBAC CURITIBA AFOZ DO IGUAÇU

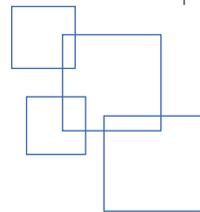


O grupo de excursionistas da ASBAC de Curitiba realizou uma viagem a Foz do Iguaçu. Durante a viagem, os participantes aproveitaram a beleza da paisagem e visitaram o famoso Salto das Cataratas.

O grupo também participou de atividades recreativas, incluindo uma partida de futebol no Salão da ASBAC de Foz do Iguaçu. A viagem foi muito agradável e proporcionou momentos de confraternização entre os participantes.

O presidente Manoel Lucio Lorenzi Netto agradeceu a todos os participantes e destacou a importância da prática esportiva e do lazer para a comunidade.

Excursão da Asbac de Curitiba a Foz do Iguaçu, em jun70



Dama

- **Kleber** Pinto: inteligência em todas as jogadas.
- **Mauro** Duarte: intuitivo, raciocínio matemático.
- **Lúcio** Lopes: lógico, um estudioso no esporte.
- Carlos Antônio Monteiro **Velasco**: dedicado, competidor nato.
- **Pedro** Rocha: veterano, sempre empolgado.

Peteca

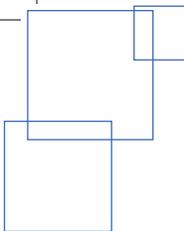
- **Nelson** Silva: inteligência e muita rapidez.
- José **Avelino** Maia: muita resistência e flexibilidade.
- José Raimundo **Nardy**: muito veloz e resistente.
- **Flávio** Tribuzzi: competitivo e muito técnico.
- **Carlos Henrique** de Paula: muita vontade e refinamento.

Sinuca

- **Mauro** Duarte de Bastos: astro do taco, campeão em 81.
- **Cléber** Pinto dos Santos: mestre do tapete verde, calculista.
- **Silvio** Rocha do Nascimento: expert no esporte, conhece todos os atalhos.
- José **Pedro Rocha**: muito ágil em vários esportes, sempre competitivo.
- **Saulo** Fernandes de Azevedo: outro campeão que só refina sua arte.

Atletismo masculino

- **Felipe** da Costa Camelo: 20 km todo dia, fez 2h47 na maratona.
- **José Augusto** Monteiro Neto: maratonista dos 80s, disciplinado.
- **Walter** Batista Cançado: grande corredor, raçudo.



Brasília

Futebol de campo

- **Antonio Pedro** Ferreira: o Tartaruga Ninja era meio campista de raça fenomenal.
- **Walter** José "Pezão" de Souza: maior cabeceador da história da Asbac: o golpe era um petardo.
- **Geraldo Magela** Siqueira: o violino sempre foi um grande garçom a servir os companheiros.
- **Tarquínio** Costa Cardoso: zagueiro viril da seleção da Asbac: a bola passava; atacante, não.
- **Divino** Alberto Soares: zagueiro respeitado, elegante no domínio, antes foi profissional em GO.

Futsal

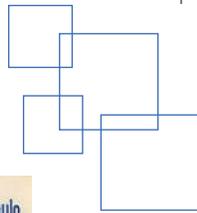
- **Altino** Thoma: excelente driblador. Atleta da seleção da Asbac, muito ágil nas bicudas.
- **Rafael** Corte: ala competente, disputou a liga brasileira de Futsal representando a Asbac.
- **Therje** de Carvalho (sócio atleta): goleiro da Asbac e da seleção brasileira. Só isso.
- **Marlon** Sérgio (sócio atleta): ala veloz e matador que foi campeão brasiliense pela Asbac.
- **Ricardo** Corte: filho de presidente da Asbac, é ágil, tem reflexo, chute e pontaria certos.

Natação

- **Hélio** Fernando Siqueira **Celidônio**: exímio competidor, várias vezes campeão internacional.
- **Fernanda** Gomes Celidônio: tem medalhas internacionais, e recorde sul americano juvenil.
- **Ana** Lúcia Leão Maia **Baruzzi**: altamente competitiva, tem medalhas nas olimpíadas e jogos do BC.
- **Geraldo Bruno** da Silva: o "Piaba" participava de todas as provas e levava muitas medalhas.
- **Edmar** da Rocha Pereira: superatleta, participa de todas as provas e coleciona medalhas de ouro.

Sinuca

- **Joeton** Gomes de Ornelas: a "enciclopédia", era exímio nos efeitos especiais nas tacadas.
- **Flávio** Fernando da Fontoura **Ferreira**: "o fincador", exímio marcador e dominador da bola branca.
- **Abelardo** Duarte de Melo S^o: põe as bolas na cesta como se fosse com a mão, de tão seguro.



Repercussão e relato da campeã Gedip, em 1971, e homenagem com placa a Noronha em 1971.



Torneio de tênis de mesa em SPA, em jul71



Notícias do Torneio Início da Asbac-REC, em 1974



Time do final dos anos 60, de SPA, com o goleiro Sérgio Paulo (3º agachado, a partir da esq.)



Equipe 2ª colocada do campeonato de mini-futebol da Aasbac- REC, em jun79



Time da Remap, de SPO, campeão nos anos 70, com Alcides erguendo a taça



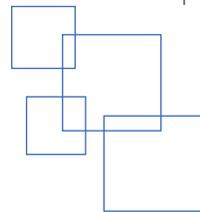
Artur, Aristeu, Casemiro, Costinha e Douglas, em Guarapiranga, no início dos anos 1970



Jorge Kawassaki e Alberto entregam troféu ao goleiro Jonathan, observado por Fernando Medeiros na Asbac-SPO dos anos 80s



Equipes paulistanas de vôlei masculino e feminino para amistoso no RJA, nos anos 1980



- Carlos **Tadeu** Pimenta: seguro com a bola branca, arriscava sempre. Vice na olimpíada de 81.
- **Altamir** José Rodrigues: exímio matador, astuto nas fincadas, perigoso nas tacadas agressivas.

Atletismo masculino

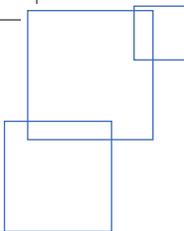
- Cláudio **Baruzzi**: competidor ferrenho das corridas asbaqueanas, é acumulador de medalhas.
- Paulo **Polegatti**: grande corredor de longa distância e vencedor de maratonas nas olimpíadas.
- **Oswaldo** Teruz: corre maratona na muralhas da China; sempre quer estender limites.
- Daso **Maranhão** Coimbra: exímio fundista em 5 e 10 mil m, resistente e assíduo na Asbac.
- **Antônio Augusto** Pinto Pinheiro: triatleta e maratonista internacional de ponta.

Xadrez

- **Milton** Luiz de Melo **Santos**: muita categoria, aliava teoria e prática com mestria.
- **João Bosco** della Bianca: sempre nas cabeças nos torneios; é craque.
- **Hélio** Márcio Pimentel Coutinho: estudioso, gostava de comentar aberturas e ganhar.
- **Felipe** Poulain Parente: caso em que inteligência vem de família: fino estrategista.
- **Luiz Rafael** G. Giordano: sabia como poucos enredar os adversários em suas teias.

Atletismo feminino

- **Ana** Lúcia Leão Maia **Baruzzi**: muito competitiva, tem medalhas das olimpíadas e jogos do BC.



Curitiba

Futebol de campo

- **Luiz Augusto** Cioffi e Moura: craque, faro de gol, jogava em todas as posições.
- **Odair** Túlio: canhotinha de ouro, excelente marcador, exímio cabeceador.
- **Francisco** José Grossl: técnico e elegante, dono de um petardo, foi campeão da cidade.
- **Valdir** Barbieri: famoso galinho de Bandeirante, técnico e refinado como Zico.
- **Salvador** Soares de Oliveira: voluntarioso, goleador nato, incansável, lembra Falcão.

Tênis masculino

- **João** Máximo lurk: craque e vencedor em qualquer piso, é eclético e dono de quadras.
- **Valdir** da Costa Frazão: nossa melhor batida e passada; bom saque e domínio de quadra.
- Francisco José **Grossi**: não tem bola perdida para esse rei do slice; vencê-lo é dura tarefa.
- **Dalton** Ortiz: grande companheiro de dupla, preciso na rede e devolução.
- **Salvador** Soares de Oliveira: tão bom de tenista quanto de aglutinador de pessoas.

Sinuca

- **Hermínio** Paiva de Castro: nosso melhor jogador, como vinho, melhora envelhecendo.
- **Valdir** Barbieri: parece que está se divertindo, mas é tática para abater adversários.
- **João Máximo** lurk: sabe como poucos sair de um prego de bico. Muito competitivo.
- **Waldemir** Bana: seu melhor fundamento sempre foi aplicar o giz na sola.
- Deyjaldo **"Rochinha"** Moreira da Rocha: confia no seu taco, e faz jogadas memoráveis.

Truco

- **Ivo** Marchesi: abnegado, conhece e sabe explorar todos os truques da modalidade.
- **Salim** Kafruni Sobrinho: sabe sempre escolher o melhor parceiro que o entende.



Equipe da Asbac- SPO de 2003, com Wilson com Wilson (1'), Ramez (3°), Agachados, Mário (1'), Ricardo (3')



Tenistas paulistas Wenceslau Geres (3°) e Ricardo Florence (4°) em desafio contra gaúchos



Uma das formações dos famosos times de Gaijin, que marcaram época nas quadras e campos da Asbac Paulista. Destaque para o longevo Sadao Nishioka, o goleiro (5° em pé, a partir da esquerda).



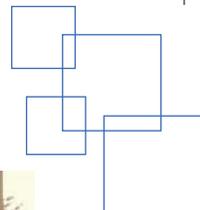
Time cearense de peladas, do final dos anos 1970, formado por Adalberto, NI, NI, Vicente e latagan. Agachados: Liduino, Valquirio, Nunes Esquema, NI, NI



Equipe de Society da Asbac- SPO de 2004. Destaque para Girnius (4° em pé), Marco (2° agachado), Jung (3°) e Henrique (4')



Entrega de troféu para a equipe da Asbac, no futebol society, nos anos 2000. Destaque para Rafael Silva (com o troféu), Vantoir e o diretor presidente Luiz Tadeu Florentino





Luiza Higashi recebe um de seus mais de 50 troféus de tênis, representando a Asbac-SPA, nos anos 1980



Henrique Shitsuka e Francisco "Peninha" de Paiva Amorim, dois dos maiores fundistas da Asbac- SPA, antes de corrida nos anos 2000



Evaldo Porto recebe do diretor regional Dêrvio Carmelino, em 1981, troféu de artilheiro do campeonato de futsal



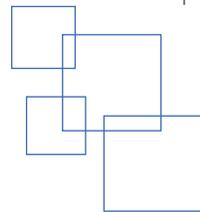
Veteranos craques do futebol visitam a Asbac-BSB para amistoso, nos anos 1980. A formação era Tobias, Lima, Lázaro, Pedro Rocyha, Oreco, Edu Bala e Dudu; agachados Paulo Borges, Mirandinha, Ademir da Guia, Ivair e Forlan



Caminhada ecológica, da Asbac- BHO, em 1995.



Caminhada dia Internacional da Mulher, da Asbac-BHO, em 1996



- **Hermínio** Paiva de Castro: ouros, espadas, copas e paus: conhece e blefa com todos.
- **João Máximo** lurk: grande manipulador de adversários, joga com intimidação.
- **Roberto** Siqueira Filho: além de bom, domina a arte dos sinais: é fatal.

Futebol feminino

- **Mayara Bordin**: filha de Selito, é uma das 3 melhores da Espanha, e já jogou na seleção e EUA.

Fortaleza

Futebol de campo

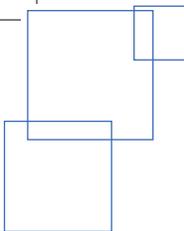
- **Oswaldo** Strutzel Filho: domínio raro do espaço, cérebro no meio campo.
- **José Carlos** Oliveira: zagueiro de fina estirpe, garantia da defesa.
- **Nelson** Sá: craque, chegou a ser meio campo do Ceará.
- **Marco Antônio** de Almeida: faro de gol insuperável, técnica apurada.
- **José Nunes** da Silva: centroavante, garantia do placar não ficar no zero.

Futsal

- Sérgio **Rola**: uma presença no gol que garantia o jogo.
- **Marco Antônio** de Almeida: craque raro, chegou a jogar no Ferrim.
- **José Nunes** da Silva: atacante decisivo, iniciou no aspirante do Fortaleza.
- **Valquírio** Maia Filho: como juvenil, jogou nos grandes do CE.
- **Henrique** Machado: zagueirão clássico, xerifão, era uma parede.

Tênis masculino

- Ricardo **Lessa**: dedicado, devolve sempre uma bola a mais.
- Paulo **Aragão**: cerebrino, faz uso de arsenal invejável de golpes.
- **Evandro** Teixeira Arruda: rápido, é dono de preparo físico incomum.
- **Stênio** Lacerda: mais treino e seria um craque.
- **Nelson** Gondim: carreira promissora interrompida pela coluna.



Porto Alegre

Futebol de campo

- **Edison** Collares: extraordinariamente técnico, atuou no Guarani, de Bagé-RS.
- **Alberto** Rachele: bom domínio de bola, no drible e nos lançamentos.
- **Claudio** Mauch: zagueiro forte e com chute potente.
- **Francisco** Braulino: habilidoso no drible e goleador nato.
- **Altamar** Mendes: talento e chute potente.

Futsal

- **Sérgio** Prates: absoluto no domínio de bola.
- **José Carlos** Miguel: futebol aguerrido, não desistia nunca.
- **Ademir** Schenatto: soberano na zaga e no controle de bola.
- Luiz Carlos **Grippa**: misto de ótimo goleiro e zagueiro.
- **Erno** Brentano: excelente no controle de bola e no desarme.

Vôlei masculino

- José Aimoré **Bolina**: sua habilidade era o levantamento, atual líbero.
- **Luiz Carlos** Bergamin: versátil, atuava na defensiva e no ataque.
- **Eugênio** Erichsen: ótimo atacante.
- **Ademir** Schenato: ótimo na defesa ou no ataque.
- **Fabiano** Nogueira (dependente): excelente atacante.

Vôlei feminino

- **Silvia** Grimaldi: ótima atacante, ainda continua jogando.
- **Lili** Matilde Kruger: ótima tanto na defesa como no ataque.
- **Eliane** Cantelle: defensora muito acima da média.
- **Renata** Peres (dependente): toque de bola refinado.
- **Denise** Erichsen (dependente): defensora e atacante com classe.

Tênis masculino

- **Newton** Medeiros: ótimo saque e posicionamento.
- **José Afonso** Nedel: boa técnica nos deslocamentos.
- **Luiz Carlos** Bergamin: dono de "aces" potentes.
- **César** Pons: movimentação e domínio de espaço na quadra.
- **Geraldo** Schubach: saque forte e bem colocado.

Tênis feminino

- **Marieta** Gonçalves: excelente movimentação na quadra.
- **Ana Luísa** Dick: ótima na rede e na retaguarda.
- **Zelita** Bergamin (dependente): certeira nos saques e nos ataques.
- **Lili** Matilde Kruger: senso de posicionamento e cobertura em quadra.
- **Maristela** Ughini: boa movimentação na quadra.



Integrantes da foto Turma do Tênis paulista: da esquerda pra direita abaixo: ¹ Claudio Yamashita; ² Masao Suehara; ³ Tereza Kawashita; ⁴ Olga; ⁵ Yoko Yamashita; ⁶ Netinho da Yoko; ⁷ Antônia Yokota; ⁸ Luiza Setsuko Higashi; ⁹ Luiza Yuba; ¹⁰ Marcos Yuba; ¹¹ Francisco Sano (im memoriam); ¹² Seiti Yokota; ¹³ Cleonice Fujiki; ¹⁴ Hideaki; ¹⁵ Edson Miyagawa (um memoriam); ¹⁶ Marina Miyagawa; ¹⁷ Ernesto Fujiki; ¹⁸ Tarcilio Aparecido D'Oro; ¹⁹ Oscar Sakuraba; ²⁰ Tamiko Suehara; ²¹ Alexandre Hirata; ²² Fumiko Uenoyama; ²³ Toshiyuki Uenoyama.

É NÓS | ESPORTES

Masters suam para vencer Asbac

A reunião era de rotina para o clube paulista de tênis. Mas, naquele dia, aconteceu algo diferente: uma reunião para comemorar o aniversário de 20 anos do clube. O aniversário foi comemorado com um jantar e um jantar de confraternização.

A expectativa O jogo Confraternização

Jogo de sucesso também em DVD

Na próxima edição do jornal, o clube vai publicar um DVD com o jogo de sucesso também em DVD.

Relato da visita da equipe de Masters, em 2009, na regional paulistana da Asbac

É NÓS | ESPORTES

Palmeiras surpreende e leva Torneio das Torcidas

A vitória de um jogador paranaense por jogadores de outros clubes surpreendeu a todos. O jogador paranaense venceu o jogador paulista por um placar de 2 a 0.

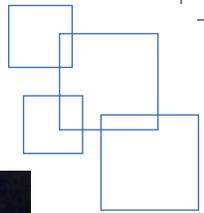
Asbac marca presença na São Silvestre

Desde janeiro, os associados da Asbac estão participando do Torneio das Torcidas. O torneio é organizado pela Asbac e acontece em São Silvestre.

Quadrões vão ser reformados

Os jogadores de outros clubes estão participando do torneio. O torneio é organizado pela Asbac e acontece em São Silvestre.

Reportagem da revista ÉNOS narra o Torneio das Torcidas, tradicional na Asbac-SPA, nos anos 2000





Equipe paulista de futebol de campo, para torneio no RJ em 78. Formado por José Carlos Paes, Lima, Lino Penha, Watanabe, Glicério, Gilton, Sérgio Paulo, Fausto Faustino e Edmundo; agachados Batelli, Verzola, Clovis, Serrano, Akira, NI e Glauco



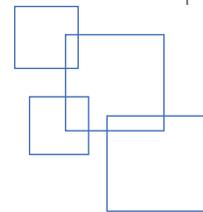
Festa na regional de FOR, ao final de competição esportiva de 1986



Time de futsal de FOR, em 1978: Adalberto, NI, NI, Vicente e latagan; agachados: Liduino, Valquirio, Nunes Esquema, NI, NI



Equipe do Sevip, campeã do primeiro campeonato aberto de futsal da Asbac-BSB, nos anos 1980, formado por Botelho, Lindomar, William, Tarquinio, Pereira e Freire. Agachados: massagista, Júlio, Duarte, Edval e Mariano



Sinuca

- **Flávio** Fernando Ferreira: grande estrategista.
- **Enio** Seligmann: jogo ofensivo sempre.
- **César** Pons: certeiro na caçapa.
- **Eugenio** Erichsen: dono de tacada forte e certeira.
- **Roberto** Paulo Wallauer: típico jogador clássico e eficiente.

Xadrez

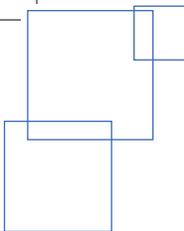
- **Ernani** Saraiva: o mais veterano do grupo que deu início aos cursos.
- **Luiz Ernesto** Serra Azul: deu continuidade aos cursos de formação.
- **José Betin** Filho: estrategista refinado.
- **Gabriel** Menna Barreto: jogo agressivo e matador.
- **Paulo** Fernandes: grande estrategista.

Tênis de mesa

- **Alcione** dos Santos: boa movimentação, fatal.
- **Francisco** Braulino: saque bem colocado.
- Luiz Carlos **Feio**: diferenciado nos deslocamentos.
- **Jorge** Luiz Xavier: excelente movimentação.
- **Arilton** Cândido: dono de jogadas criativas.

Futebol de mesa (botão)

- **Gilberto** Noer: muito boa técnica.
- **João Paulo** Kirsch: excelente chute a gol.
- **Geraldo** Schubach: futebol sempre agressivo.
- **Adão** Viana: surpreendente estrategista.
- **Manoel** Dias: uma tática para cada jogo.



Recife

Futebol de campo

- Antônio Fernandes **"Pai Veio"** Torres: artilheiro do BC, mais de 3 mil gols em 55 anos.
- **Ivan** Vieira dos Santos: atleta mais longo, passou dos 70 mas não sai do campo.
- **Jaime** Costa Medeiros: craque, trouxe experiência da 1ª divisão da Federação Oficial.
- **Nilvan** de Azevedo Correia Vasconcelos: dominava mais a pequena área que Romário.
- José Inácio **Moneta**: zagueiro limpador de área: só a bola ou o atacante passava, nunca os dois.

Futsal

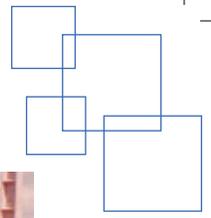
- **Ricardo** Augusto de Souza **Monteiro**: craque polivalente, gestor, morreu aos 72, na quadra.
- João Urquiza **Valença**: multiatleta, arrastou toda a família para práticas esportivas.
- **Walmir** Ferreira Serra: bom na bola e no grito, conseguia anular marcação dos juizes.
- **Almir** Pereira Lima: o apelido diz tudo: "quebra-perna".
- **Jarbas** Lopes Lobo: muita técnica, rapidez e garra para pouco menos de 1,60m.

Vôlei masculino

- **Fernando** Macêdo: valia tanto como jogador como pela torcida pelo barulho na quadra.
- **Roberto** Kelner: sempre o craque do time.
- João Urquiza **Valença**: tão craque no vôlei como nas outras modalidades.
- **Fernando** Câmara: outro polivalente, em alto nível.
- **Edson** Gomes: bom mas avesso à seleção; fugia para se concentrar em outras modalidades.

Vôlei feminino

- **Margarida** Maria Cavalcante Lobo: desequilibrava: brilhou até na seleção, além da Asbac.
- **Rejane** Kelner: jogadora de escol; elegância e altura acima da média.
- **Vera** Lúcia Maciel: jogadora de bons predicados, vigor sempre em destaque.
- **Sueli** Torres: ótima escolha para as partidas mais disputadas.
- **Ana** Valença: jogava vôlei e torcia pelo marido e filhos em outras modalidades.



Time vice-campeão do Torneio de Clubes do Lago, em 1982, em BSB. Formação: Morales, Pedro Michelin, Alexandre Júlio, Marco Antônio Pereira, Dirceu Lucas, Rubens Bosco, Lindomar, Adilson, Francisco Timbó e o técnico Manoel Miluir; agachados: Divino Soares, Geraldo Magela, Altino Thoma, Walter José, Waldir Damasceno, Cláudio Soares, Januário Vitor e o massagista Itamar



Time de basquete paulista para o Torneio do Clube Guarapiranga de jun81. Formado por Nestor Simonetti, Simão, Steiner, Machado, Edson, Jorge, Renato e Mário Roberto. Agachados: Dilson, Edson, Tarcísio Freitas, Garcia, José Carlos, Dêrvio e Alfredo.



Alunos da aula de Karatê, da Asbac-BHO, em 1992



Participantes do Campeonato Interno de Futebol de Salão, da Asbac- BHO, em 1972



Equipe mineira que participou de torneio em Comary, em 1994



Competições do torneio de dama da Asbac-BHO, em 1993



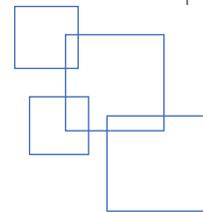
Pedro Bigatto, paulista campeão de xadrez



Cláudio Lysias, repórter Globo, ao lado de Joaquim Cruz (medalha de ouro Olimpíada 84), Marcos Enéas e Nilton Santos (bicampeão mundial no Chile), durante evento em BSB



Esquadra de futsal da Asbac- BSB, anos 2000: Mauro Brasília, Therje, Nino, Rô, Mistura e James Santa Catarina



Sinuca

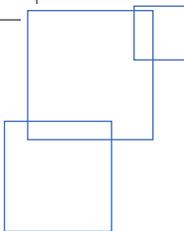
- **Manuel** Joaquim de Santana: ouro em todas as competições que a Asbac disputou.
- **Inaldo** Francisco da Silva: perturbava adversários com cigarro inteiro entre uma tacada e outra.
- **José Francisco** Xavier: técnica primorosa para físico que passava pouco da altura da mesa.
- **Pedro** Jota: paciência de Jó, submetia adversários a longa espera por suas tacadas calculadas.
- **José Marques**: trocou o taco de sinuca por uma caneta de Prefeito no RN.

Xadrez

- **Fernando** Pinheiro: pioneiro e incentivador, ensinou aos subordinados como derrotá-lo.
- João Urquiza **Valença**: vencedor de quase todos os torneios até a chegada de Kodama.
- Milton **Kodama**: auditor do Sul, desbancou pernambucanos, antes de levar mate do câncer.
- Edmilson "**Batatinha**" Bezerra Batista: muitas vezes o esforço era anulado pelos aperitivos.
- **Joaquim** Pinheiro: craque, multiplicou enxadristas com novos tabuleiros, peças e relógios.

Tênis masculino

- **Severino** Melo: ás das quadras, imbatível, era sempre campeão.
- **Francisco** Costa e Silva: grande nas duplas, individualmente era o "primeiro dos últimos".
- **Percival** Barbosa: bom na raquete mas melhor na garganta. Como gritava.
- **Ricardo** Monteiro: veterano que se ombreava a jovens. Morreu com raquete, na quadra.
- **Fernando** Câmara: um gentleman. Não ganhava todas por compaixão aos amigos.



Rio de Janeiro

Futebol de campo

- **Marco Aurélio** Taysom: meio campo de tanto talento e mestria que podia ter sido profissional.
- Antônio de **Abreu** Freitas: muralha, autoconfiante, reflexo que garantia ótimas defesas.
- José Carlos "**Zé Pequeno**" Pereira de Vasconcelos: centroavante ágil, fazia o que queria com a bola nos pés.
- Luís Fernando "**Rivelino**" Antônio: volante com muita disposição, lucidez e domínio de bola.
- Maurício "**Mauricinho**" Rodrigues Pereira: incansável, grande domínio da bola, matador.

Futsal

- Carlos "**Carlinhos**" Barbosa: pivô hábil, preciso e matador. Fazia diferença.
- Carlos Alberto **Filardi**: sempre uma segurança e muita elasticidade embaixo das traves.
- **Roberto** Visentini: becão intransponível, com elegância e liderança.
- José Carlos **Herédia**: ala esquerda de muita qualidade, astúcia e potência nos pés.
- Sérgio "**Serginho**" Luiz de Castro Lima: ala direita, drible desconcertante, velocidade e técnica.

Vôlei masculino

- **Eudes** Furtado: nunca perdia a concentração, era ofensivo e muito regular.
- **Ítalo** Gasparini: conhecia todos os fundamentos, e jogava para o time.
- Carlos José "**Carlos Maluco**" Ribeiro da Silva: sabia jogar em grupo, ágil.
- **Sérgio** Rubens: muita vontade em todas as jogadas, defendia muito.
- Marlos **Cabral**: muita vitalidade, qualidade em todos os lances.

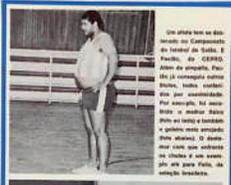
Pingue-pongue

- Carlos "**Carlinhos**" José Barbosa: futebolista que curtia a raquete, competitivo.
- **Laerte** Silveira Porto: muita classe, tinha repertório e definia logo os pontos.
- Francisco "**Chicão**" Carlos: gozador, usava o artifício para irritar e virar o jogo.

CAMPINHO DO CANADÁ JÁ VAI FICAR PRONTO

Um atleta tem se destacado no Campeonato de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, na modalidade futebol de salão. O atleta é o jogador Carlos Noronha, do ASBAC, de Bangu.

Ele jogou em jogos de futebol de salão, em jogos de futebol de campo, em jogos de vôlei, em jogos de tênis, em jogos de badminton, em jogos de xadrez, em jogos de damas, em jogos de bilhar, em jogos de carrom, em jogos de damas americanas, em jogos de damas europeias, em jogos de damas indianas, em jogos de damas japonesas, em jogos de damas chinesas, em jogos de damas coreanas, em jogos de damas vietnamitas, em jogos de damas tailandesas, em jogos de damas indonésias, em jogos de damas filipinas, em jogos de damas vietnamitas, em jogos de damas tailandesas, em jogos de damas indonésias, em jogos de damas filipinas.





Anúncio da Asbc- RJ de que, em breve, campo do Canadá estará pronto, em ago72

ESPORTES

Belém: torneio de futebol reúne bancos

Com grande aproveitamento, de demonstração em Belém, com a participação de atletas de várias equipes de futebol, foi realizado o torneio de futebol de salão, promovido pelo ASBAC, em Bangu, RJ, em maio de 1972.

O torneio reuniu atletas de várias equipes de futebol, de Bangu, RJ, e de outras cidades do Estado do Rio de Janeiro. O torneio foi realizado em um campo de futebol de salão, em Bangu, RJ.

Salto ornamental

Salto ornamental em piscina olímpica, realizado em Bangu, RJ, em maio de 1972.

Natação

Natação em piscina olímpica, realizado em Bangu, RJ, em maio de 1972.

Destaque de que a Asbac de Belém agita com futebol, em mai78

ASBAC

Resultados gerais das eleições na ASBAC

1970

NATAL DA ASBAC	HOMENAGEM A UM ESTADISTA E DEMOCRATA DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA
EM BELHORIZONTE	CURIOSIDADES
AS MUDANÇAS DE TONACIDADE	O VIGIA
MÚSICA	A PERFORMANÇAS FRANCESA
	JURISTAS X CIENTISTAS



Carlos Noronha, pioneiro dos esportes, vence com Guilton eleição na Guanabara, em jan72

ESPORTES NA ASBAC

Um agradecimento da ASBAC por intermédio da Vice-Presidência de Esportes

ASBAC - CURITIBA realiza "Campeonato de Peladas"

Realizado em Curitiba, o campeonato de peladas, promovido pelo ASBAC, reuniu atletas de várias equipes de futebol de salão, em Curitiba, em novembro de 1971.

O campeonato foi realizado em um campo de futebol de salão, em Curitiba, RJ.

Curitiba realiza Campeonato de Peladas, em nov71



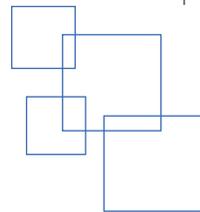
Delegação de BSB em Canela- RS, em out84



Delegação de BSB em Salvador, em dez83



Equipe formada para jogo contra a Associação da Polícia Civil, na preliminar do jogo Seleção de BSB e Seleção do Luciano do Valle. Placar- 4x4, gols de Pezão



- **Octávio** Gravino Filho: incansável, era perseverante e sempre buscava a vitória.
- Luís Otávio "**Fofinho**" de Mello Resende: sereno, compenetrado, cheio de qualidade.

Xadrez

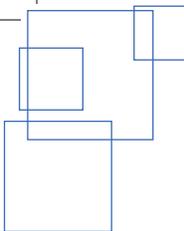
- **Jorge** Luiz Moreira Muniz: o melhor de todos, muito inteligente, muitas jogadas acima.
- José Luiz **Paravatto**: teórico e estudioso, era aplicado e inesperado em todos torneios.
- **Herman** Sander Mansur: PhD em engenharia e química, era praticamente imbatível.
- **Agostinho** Chaves de Mello: sabia como poucos enredar adversários em suas armadilhas.
- **Wagner** Dias Fernandes: repertório imenso de jogadas, todas com muita inteligência.

Sinuca

- **Luís** Clemente Pereira: era o fino, contínuo de taco certo, quase imbatível.
- José Domingos **Barbosa**: noção espacial acima dos mortais, conhecia todas caçadas.
- **Jeová** Cacique: muito hábil, vigilante que construía e constrói jogadas incríveis.
- **Wagner** Dias Fernandes: aplicava a inteligência do xadrez no espaço das mesas.
- **Wilson** Figueiredo Nallin: apurado e preciso, sempre um adversário temido.

Atletismo masculino

- Eduardo **Nakao**: grande atleta, se dedicava a treinamentos e a chefiar o Mecir.
- **André** Andrades Lima: exímio corredor de maratona, atualmente treina na Europa.



Salvador

Futebol de campo

- **Arlindo** Menezes: goleador aguerrido, asas nos pés, girava e batia com arte.
- **Edilson** Santana: com estratégia no olhar, transmitia inteligência nos lances.
- **Lourival** Vasconcelos: eficiente no ataque e marcação vigorosa, era mestre na criação.
- **Oswaldo** Matos: tático, comandava jogadas e arrebatava, empolgando torcidas.
- **Télio** Barroso: ágil, flexível, sereno, era segurança entre as traves.

Vôlei masculino

- Luiz Augusto "**Guto**" Feitoza Ferraz: olhar de lince, sacava e cortava com precisão.
- Mário **Quirino** do Nascimento Filho: levantador inigualável, armava jogadas sensacionais.
- **Antônio** Adail Barbosa Filho: muita versatilidade: bom com bolas nos pés e nas mãos.
- **Jackson** Miguel Reis Arleo- calma, equilíbrio e harmonia, transmitindo isso ao time.
- **Pedro** Sena Gomes: garra, paciência e abnegação, buscando sempre técnica e tática.

Sinuca

- **Aldo** Picard Moreira: sempre um taco inteligente e respeitável.
- Eronides **Pituba**: campeão na olimpíada 81, pontaria infalível.
- **Wilson** Menezes: campeão na olimpíada 81, era certeiro.
- Carlos **Tadeu** Pimenta: além de craque, treinava com Rui Chapéu.
- Rogério "**Macarrão**": foi para o BB, e compunha dupla impossível com Tadeu.

Tênis de mesa

- **Telma** Arleo: ágil e inesperadamente eficaz.
- Maria **Madalena** de Jesus: raciocínio rápido e colocação.
- **Celso** Carilo: sensibilidade na raquete.
- **Eduardo** Augusto Valverde de Moraes: veneno nas trocas de bola.
- **Roque** Oliveira: muita técnica, sempre devolvia uma a mais.



Competidores do torneio de futebol de mesa, da Asbac- BHO, de 1992



Entrega de troféus durante os Jogos da Amizade SP- Curitiba, em 2010



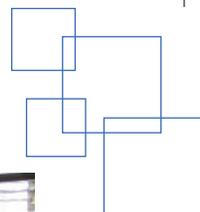
Equipe do Cobra, várias vezes campeã da Asbac nos Veteranos e Novos. Em pé, da esq. para a direita: Luiz Henrique, Dorinha, Tarquinio, Tadeu, Etel Eugênio (Flecha), Júnior, Romildo e Alexandre; Agachados: Rubão, Tião, Euzébio, Cezinha, Abelzinho, Paulinho e Carlos Euzébio.



Combinado Coafi, Copes e Mecir, formado por Rafael, Fernando, Clovis; Paivinha, Hamilton, Giuseppe e Seiki, nos anos 1990, em torneio da Asbac- SPO



Competição de futsal infantil, em Guarapiranga, da Asbac- SPO, nos anos 1990





Competição de vôlei, da Asbac-SPO, nos anos 1980



Equipe paulista de boliche, com destaque para Ricardo (2'), Nogueira (3') e Daro, (5'), nos anos 1990



Competição de natação, na piscina do clube de Guarapiranga, em São Paulo, nos anos 1980



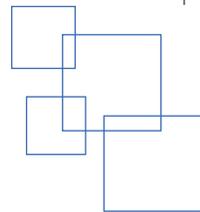
Diretor regional Alberto entrega troféu de artilheiro a Luiz Canuto, do setor de Pessoal, nos anos 1980 na Asbac- SPO



Diretor Ricardo Terranova confraterniza com colegas que disputaram campeonato de society, no clube de Guarapiranga, nos anos 2010



Dois lendas do xadrez asbaqueano paulista, Dicolla e Alvarez, nos anos 1970



São Paulo

Futebol de campo

- **Ricardo** Terranova: criativo e genial, podia ser profissional de destaque.
- **Alberto** Francisco: zagueiro firme, sério, cheio de recursos.
- Ubiratã "**Bira**" Rios Lima: atacante técnico e eficiente, fazia diferença.
- José Armando **Bagatella**: inteligente e rápido, sempre elevava o padrão.
- **Delcio** do Pinho Angelo: ponta direita estilo anos 60, imparável.

Futsal

- **Evaldo** Correa Porto: sempre caçado nas quadras, genial nas soluções.
- **Alcides** Alves da Fonseca Júnior: capitão e líder de equipe competitiva.
- Osvaldo Rubens **Ubrig**: biotipo e desempenho de craque.
- **Rafael** da Silva: ágil, rápido e técnico, é sempre fatal.
- Edson **Tonello**: raro faro de gol num corpanzil improvável.

Vôlei masculino

- **Dilson** Carvalho da Cunha Filho: reflexo apurado, boa defesa.
- Eduardo "**Dudu**" Sérgio de Holanda Araújo: melhor atacante e bloqueio.
- **Jorge Nelson** Ribeiro: esforçado, se integrava na turma com técnica.
- **Edmundo** de Paulo: o melhor levantador, pensava o jogo.
- **Mario** Mello Matos: boa recepção, era atacante e bloqueio de rede.

Vôlei feminino

- **Irma** Sano Uchima: pequena grande levantadora do time.
- **Liria** Inomata: referência, por ser educadora física e assistente do técnico.
- **Luiza** Setsuko Higashi: garra inabalável e grito de guerra desconsertante.
- **Ligia** Farias: mascotinha do time, sempre animada.
- Maria **Júlia** Martins Mullenmaister: levantadora preciosa, de mão cheia.

Basquetebol

- Luiz Alberto **Boninni** dos Santos Pinto: DNA de cestebolistas, eficiente em todas as funções.
- **Alfredo** Seegerer: exímio driblador e atacante, sempre era o cestinha da equipe.

- **Sérgio** de Holanda Araújo: ex-jogador do Corinthians paulista, verdadeira torre nos rebotes.
- **Jayme** Cardoso Júnior: excelente preparo, no ataque funcionava nos rebotes ofensivos.
- José **Garcia** Netto: armador experiente e de qualidade, completava o quinteto.

Xadrez

- Ademar **Dicolla**: óculos fundo de garrafa acentuava a visão privilegiada.
- Luiz Carlos **Alvarez**: QI privilegiado, usava a inteligência também no xadrez.
- Milton **Kodama**: vencê-lo era uma tarefa que beirava o impossível.
- **Carlos Roberto** Cassetari: focado, sério, talentoso, o melhor das novas gerações.
- **Aires** Daniel Gomes: muito conhecimento, muita técnica e tarimba.

Tênis masculino

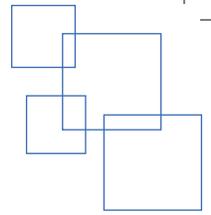
- **Ricardo** Florence: talento natural, jogo completo com backhand.
- Wenceslau "**Lalau**" Geres : frieza e variedade de golpes que surpreendia.
- **Rubens** Yamashiro: cerebral e estratégico, nunca desperdiçava força.
- **Clovis** Naconecy: drive que foi melhorando até fazer diferença.
- **Dilson** Carvalho da Cunha Filho: longo, joga e refina categoria por prazer.

Tênis feminino

- **Luiza** Setsuko Higashi: raçuda e determinada, chegou à 3ª classe da FPT.
- **Tamiko** Suehara; talentosa, encarava até homens de igual para igual.
- **Irma** Sano Uchima: bailarina; elegante, sacava na ponta dos pés.
- **Tereza** Kawashita: sempre com elegância de gestos e visual, uma musa.
- **Cleonice** Fujiki: enervava adversárias com arsenal de recursos, até balão.

Sinuca

- **Nicolino** Rodrigues dos Santos Filho: experiente, gozador, sempre brincalhão.
- **Hugo** Okajima: o melhor de todos, com a célebre bituca entre os dedos.
- **Afonso** Mitsuo Sawada: preciosista, sempre em busca da caçapa perfeita.



Titulo concedido a Nilton Santos, de Benemérito n° 1 da Asbac-BSB, em 7mai02



Equipe de futsal da Asbac-SPO dos anos 1980, formada por NI, Akira, Mário e Fernando. Agachados: Bagatella, Evaldo e Feitosa



Excursão da Asbac- FOR ao Restaurante da Pousada, em 1995, com Henrique Sérgio, Almir, Evandro Toddyinho, Luis Abelha, Eduardo e Breder



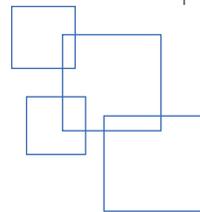
Neusa Uchita, da Asbac-SPA, joga tênis de mesa em dupla feminina, em preliminar de Olimpíada, nos anos 1980



Equipe de futebol da Desup, da Asbac-SPA, formada por Alberto (em pé, à esquerda), e agachados- Mário, Marco Antônio, Nelson e Kiyoto



Equipe de futsal paulista nos anos 70, com Lúcio, Oscar, Fernando, Evaldo, Freitas. Agachados: Vílson, Paulo Lino, Clovis e Alberto



- Eduardo Félix **Bianchini**: estudioso, calculista e fatal.
- **Ivo** Batistuzo Cagiali: depois de curso na Usp, se inseriu entre os melhores.

Tênis de mesa

- João Hiroki **Takauti**: ágil, inteligente e preciso: o melhor.
- **Alberto** Shigueru Matsumoto: muito concentrado e eficiente.
- **Tiemi** Feitosa: agilidade era sua principal qualidade.
- **Ernesto** Massao Tanoue: em qualquer posição, grande cortador.
- **Neusa** Uchita: habilidosa, sempre tirava uma jogada da manga.

Atletismo masculino

- Francisco de Paiva "**Peninha**" Amorim: incansável e obstinado, treinava nas ruas.
- **Henrique** Shitsuka: com disciplina militar, buscava a perfeição.
- **André** Alves Amorim: persistente, tenaz, tinha enorme resistência.

Pebolim (totó)

- Francisco Carlos **Serrano**: esportista nato, une agilidade e força.
- **Clovis** Naconecy: petardo na direita, controlando a defesa.
- **Rogério** Eduardo Falciano: ágil, esperto e canhoto, é completo.

Escalate por sedes

Belém

6 esportes | fut.campo, futsal, vôlei masc., sinuca, dominó, pingue- pongue

Belo Horizonte

8 esportes | fut.campo, futsal, vôlei fem., sinuca, xadrez, dama, peteca, atletismo masc.

Brasília

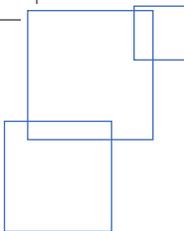
7 esportes | fut. campo, futsal, natação, sinuca, atletismo masc., atletismo fem., xadrez)

Fortaleza

3 esportes | fut.campo, futsal, tênis masc.

Curitiba

6 esportes | fut.campo, sinuca, tênis masc., truco, tênis mesa, fut.feminino



Porto Alegre

10 esportes | fut.campo, futsal, vôlei masc., vôlei fem., sinuca, tênis masc., tênis fem., xadrez, tênis mesa, fut. mesa

Recife

7 esportes | fut.campo, futsal, vôlei masc., vôlei fem., sinuca, xadrez, tênis masc.)

Rio de Janeiro

7 esportes | fut.campo, futsal, vôlei masc., sinuca, pingue-pongue, atletismo masc., xadrez

Salvador

4 esportes | fut.campo, vôlei masc., sinuca, tênis de mesa

São Paulo

12 esportes | fut.campo, futsal, vôlei masc., vôlei fem., sinuca, basquete, xadrez, tênis masc., tênis fem., tênis mesa, atletismo masc., pebolim

Escaltes por modalidades

Fut. Campo: 10; futsal: 8; vôlei masc.: 7; vôlei fem.: 4; sinuca: 9; dominó: 1; tênis masc.3; tênis fem. 2; atletismo masc.4; atl.fem.1; natação 1; dominó 1; pingue-pongue2; tênis mesa 4; xadrez 6; dama 1; peteca 1; truco 1; basquete 1; pebolim 1; fut.mesa 1; fut.feminino 1.

N° modalidades: 22 | Total: 70



Final do Campeonato de futsal da Asbac-SPA, em set75



Primeiro quadro de futebol de campo da Asbac, em mai69



Relato fotográfico do primeiro campeonato vencido pela Asbac, em jun67



Reportagem fala do primeiro título, no futebol de salão, em 14jun67



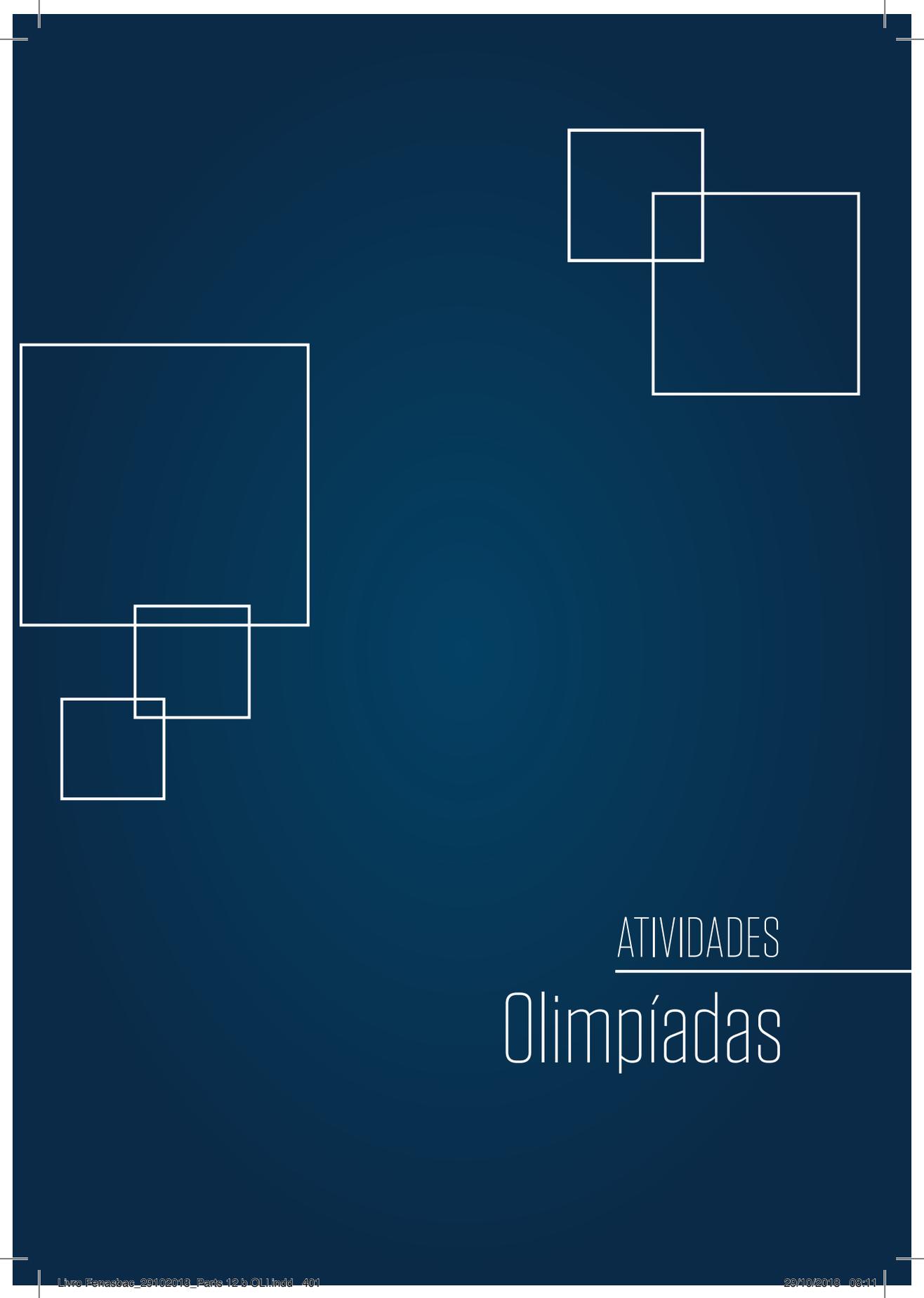
Torneio integração, promovido em ago77



Vitória da Asbac no Interclubes de xadrez, realizado em mai74 em BSB

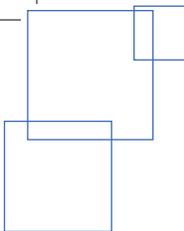


Equipe da Asbac vencedora do primeiro campeonato de veteranos do DF, acima dos 35 anos. Formada por Tarquinio, Rubão, Zé Bodão, Zé Maria, Magalhães, Euclides e Divino; agachados: Valter Pezão, Baldez, Antônio Pedro, Rubão, Dezan, e o menino Pezinho

The background is a solid dark blue color. It features several white-outlined squares of various sizes and orientations. One large square is positioned on the left side, with two smaller squares overlapping its bottom edge. In the upper right quadrant, there are two overlapping squares. The overall composition is minimalist and geometric.

ATIVIDADES

Olimpíadas



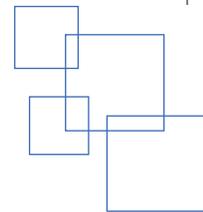
Olimpíadas marcaram com intercâmbio cultural geração do esporte asbaqueano

Aproveitando fase áurea de ingresso associativo, que coincidiu com admissões numerosas no BC, astuciosos dirigentes integraram com grandes e inesquecíveis competições esportivas

Olimpíadas foram os maiores eventos esportivos coletivos promovidos pela Asbac. E certamente, para todos que vivenciaram as competições, nos anos 1970 e 1980, foram festas de grande importância para reforçar o sentimento de orgulho de pertencimento à instituição. Foram feitas quatro edições nacionais, todas muito grandiosas e de enorme esforço logístico, com participação das dez representações do Banco Central. Todas tiveram as fases finais em Brasília-DF. As três primeiras foram planejadas e realizadas, dentro de um roteiro muito preciso, tendo como mentor intelectual José Henrique Germano, um dos maiores incentivadores do esporte na comunidade asbaqueana. A última, meticulosamente pensada em sua agenda e horários, foi capitaneada por Marcos Antônio Feijó de Mello e Paulo Calovi.

A Associação já havia experimentado outras competições de imensa grandeza, como a narrada a seguir com tanta sensibilidade por Luiz Albino de Abreu, e ocorrida na sede, em Brasília-DF. Muitas outras vezes, também, a sede produziu disputas de variados esportes, tendo também o título de "olimpíadas", igualmente com êxito e participação massiva. Mas é preciso levar em conta a dimensão que a sede sozinha comportava, como ainda hoje, mais da metade do contingente dos associados da Asbac, assim como dos servidores do BC. Dessa forma, então, em termos, era possível sempre, com a faixa etária média dos associados da época, reunir grande contingente em torno de competições multiesportivas, se bem motivados fossem os "atletas".

Mas a concentração de 400 ou 500 associados de todas as regionais possuía um desafio adicional, além do componente multicultural, de autoconhecimento e integrador nacional. E conven-



cendo seus companheiros de Asbac Nacional a embarcarem nesse périplo, Germano conseguiu um feito nunca antes imaginado e, depois de 1987, jamais igualado.

Para nossa sanha investigatória de jornalistas, infelizmente, as três décadas que decorreram até que voltássemos a remexer com as informações desses projetos bem sucedidos, malgrado a meticulosidade de seu autor, que não dispunha dos recursos digitais e de rede de hoje em dia, foram cruéis. Muitos arquivos fotográficos foram armazenados, e muitas preciosidades ainda podem ser vistas. Mas todas possuem aquele pequeno probleminha de "falta de identificação", que também são uma restrição original: as fotos, por mais plásticas e bem enquadradas que fossem (e sempre eram, já que a cargo do mestre Sanagê), padecem de discriminação. Não jogam luz sobre personagens, esportes, origem ou data. E como dizem os professores mais calejados na ciência imagética do jornalismo, foto sem identificação é espaço perdido. Além disso, todos os mínimos registros feitos com acurácia pelo arquiteto dos eventos, e guardados a sete chaves em pastas e envelopes, em seus arquivos na sala ao lado do ginásio de esportes da Asbac brasiliense, sucumbiram a alguma higienização radical, depois de sua ausência. Resultado: apenas poucas lembranças existem de tão gloriosas aventuras, e todas orais.

Mas as palavras voam, e os escritos permanecem. O pouco que pudemos resgatar, reproduzimos a seguir, e em alguns relatos dos que viveram a época e mantêm essa memória viva.

Olimpíadas nacionais da Asbac, reunindo sede e regionais

1ª Olimpíada Nacional | 3 a 8 de setembro de 1979, Brasília

400 atletas participaram, nas modalidades de xadrez, sinuca, tênis de mesa, vôlei, basquetebol, futsal e futebol de campo.

Brasília levou todos os primeiros lugares, exceto futebol de campo, inesperadamente com o time de Recife, e tênis de mesa, com Curitiba. No futsal, houve empate entre Brasília e Porto Alegre. São Paulo foi vice em basquete masculino e xadrez por equipe.

A maior delegação, a brasiliense, teve representantes em todas as modalidades. São Paulo não ficou muito atrás, e trouxe adeptos de basquete masculino, futsal, vôlei masculino e feminino, xadrez, tênis de mesa, sinuca.



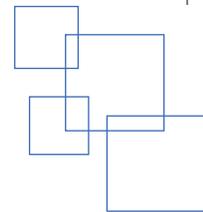
Acendimento da pira olímpica,
no início da 2ª Olimpíada



Dirigente Dilson Sampaio, ao centro,
entrega troféu, durante a 2ª Olimpíada



Tadeu Pimenta agradece a medalha que recebeu, na 2ª Olimpíada



A delegação paulistana

Foram convocados, e viajaram para representar as cores de São Paulo os seguintes atletas:

Basquete: Alfredo (Refim); Serjão (Refir), Jayme (Refim), João Batista (Refim); José Altino (dependente); Garcia (Refib), Zé Luiz (Refir); Bonini (Refib) e Milton (Redif).

Futsal: Ademir- técnico (Refib); Akira (Remap); Alberto Francisco (Susan); Armando (Repec); César (Reban), Douglas (Refib); Evaldo (Nupla); Bagatella (Remap), Oscar (Recam), Watanabe (Refim), Pedro (Reban) e Shogoro (Reban).

Vôlei masculino: Feitosa (Nupla), Armando (Reafi), Edmundo (Refib), Edson (Reafi), Eduardo (Refib), Gilberto Amado (Refim), Glicério (Repec), Jorge (Refim), Jorge Nelson (Recam), Batelli (Refib).

Vôlei feminino: Serpa (Recir), Geni (Reban), Pina (Recir), Irma (Recam), Júlia (Recam), Líria (Recam), Luíza (Recam) e Mariko (Refim).

Xadrez: Dicolla (Redip, Israel (Recir) e Alvarez (Refib) e Kodama (Refib).

Tênis de mesa: Alberto- Dir. Esportes (Quadro Especial), Antônio Hélio (Remec), Issamu (Refim) e Takauti (Recam).

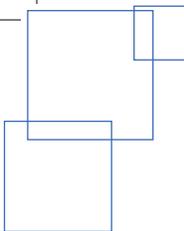
Sinuca: Afonso (Refim), Hugo (Refib) e Costa (técnico), Assistente da Diretoria, aposentado.

Além dos esportistas, também viajaram as madrinhas da Asbac-Luiza Regina (Reban), Maria Regina (Refim), os diretores Carlão (Departamento Social), Degel (Cultural), Casemiro (Diretor Regional- Asbac-SPO) e Moacir (Diretor Regional Asbac- Susan), e o Conselheiro, Sr. Rubens Lopes Nazareth.

2ª Olimpíada Nacional | 4 a 9 de setembro de 1981, Brasília

Como era de esperar, Brasília, que já havia promovido competições gerais também denominadas Olimpíadas, só que internas, no ano anterior, estava bem afiada e não teve muita dificuldade em abiscoitar o primeiro lugar geral. Das sete modalidades que valiam pontos, foi vencedora em quatro – futsal, empatada com Rio de Janeiro—, vôlei masculino, vôlei feminino, e tênis de mesa. Somou ainda o segundo lugar em tênis de campo, e o bronze em sinuca e xadrez.

A representação carioca, além do empate com Brasília pela medalha em futsal, ainda foi pódio no vôlei masculino, com o segundo



lugar, e no vôlei feminino, como terceira melhor equipe. Porto Alegre, por sua vez, surpreendeu e foi vencedora no xadrez e no tênis de campo. O torneio de sinuca foi vencido pela equipe de Belo Horizonte, e foi o destaque de suas apresentações, que acumularam também um honroso terceiro lugar em tênis de campo. Ainda não foi desta vez que os paulistas conheceram o lugar mais alto do pódio: consolaram-se por arrebatar os vice-campeonatos de vôlei feminino e xadrez. O ponto alto da delegação de Curitiba foi levantar o troféu de vice-campeões de tênis de mesa. A equipe pernambucana galhardamente levou medalhas de bronze em vôlei masculino e tênis de mesa. As demais delegações, de Salvador, Fortaleza e Santos, abrilhantaram as competições, mas não somaram pontos suficientes para levar metais cintilantes para casa.

3ª Olimpíada Nacional | setembro a novembro de 1984; finais em Brasília

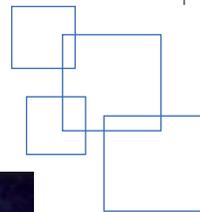
Pela primeira vez, as competições foram formatadas com fases classificatórias regionais, que selecionaram os mais bem classificados para as finais, em Brasília-SD. As sedes escolhidas foram Rio (Teresópolis), São Paulo e Fortaleza.

Resultados da região Norte/Nordeste, em que os dois primeiros colocados iriam disputar a final em Brasília:

Participaram Belém, Brasília, Fortaleza e Recife. Brasília levou os primeiros lugares em futsal, futebol de campo, tênis de campo, tênis de mesa masculino, tênis de mesa feminino, vôlei feminino e xadrez. Recife venceu vôlei masculino, dominó e sinuca. Recife ainda foi vice em tênis de campo, tênis de mesa feminino, vôlei feminino. Fortaleza foi vice em futsal, futebol de campo, tênis de mesa masculino, vôlei masculino, sinuca. E Belém foi vice em xadrez e dominó.

Resultados das competições, competições da região Sul, de 12 a 14out, com São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, em que apenas a equipe vencedora iria para Brasília: SPO venceu futsal, vôlei masculino e feminino, tênis de mesa masculino e feminino, xadrez, tênis de campo e dominó. Curitiba levou o primeiro lugar em futebol de campo, e Porto Alegre ficou com o melhor lugar no pódio em sinuca.

Resultados da região, da região Leste, com Rio, Salvador e Belo Horizonte, em Teresópolis- RJ, em que apenas os campeões tinham o direito de ir às finais em Brasília: RJA venceu nas modalidades futsal, vôlei masculino, tênis de mesa masculino e tênis de campo; BHO foi vencedora em futebol de campo, vôlei feminino, tênis de mesa feminino, enquanto SAL levou xadrez, sinuca e dominó.



Dirigentes fazem as apresentações iniciais, com as delegações perfiladas para a 4ª Olimpíada



Entrada das delegações no ginásio em Brasília, na 2ª Olimpíada



Banda da PM promove a abertura triunfal da 2ª Olimpíada



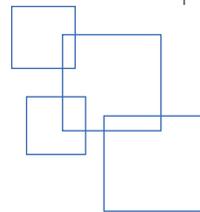
Dilson Sampaio (o quinto a partir da esquerda) saúda representantes durante a 2ª Olimpíada Nacional, de 1987



Geraldo Schubate, ao centro, celebra feito da equipe brasileira, durante 4ª Olimpíada Nacional Asbac



Comemoração da equipe de Brasília, durante a 4ª Olimpíada, em 1987



Para as finais, em Brasília, foram selecionadas as delegações:

- Futsal: BSB, FOR, RJA, SPO
- Futebol de campo: BSB, FOR, BHO, CWT
- Vôlei masculino: REC, FOR, RJA, SPO
- Vôlei feminino: BSB, REC, BHO, SPO
- Tênis mesa masc. BSB, FOR, RJA, SPO
- Tênis de mesa fem. BSB, REC, BHO, SPO
- Xadrez: BSB, BEL, SAL, SPO
- Tênis de campo: BSB, REC, RJA, SPO
- Sinuca: REC, FOR, SAL, POA
- Dominó: REC, BEL, SAL, SPO

Nas finais, Brasília foi a vencedora da maioria absoluta das modalidades, e São Paulo arrebatou medalha de ouro em tênis de mesa masculino e feminino, além de dominó.

4ª Olimpíada Nacional | outubro de 1987, Brasília

Em tempos de reivindicações salariais que mobilizavam grande atividade sindical, fato curioso acabou acontecendo no dia em que estava programada a abertura dessa Olimpíada. O comitê organizador confabulou com as delegações e foi combinado que todo contingente iria se dirigir à frente do prédio do BC para se solidarizar com os servidores que estavam fazendo movimento paredista. Os jogos efetivamente acabaram se iniciando na tarde do dia seguinte.

À tarde, afinal, os jogos começaram a todo vapor. No final das competições, o lugar comum: Brasília, 1º lugar.

A novidade foi a delegação de São Paulo, que num feito inédito conquistou o 2º lugar geral, com a somatória dos seguintes performances: 1º lugar em vôlei feminino – a primeira em esportes coletivos da regional; tênis de campo feminino (2º, com Bia, Irma e Mariko); corrida rústica (2º, com Peninha); bronze no xadrez (Degel, Aires); bronze na sinuca (Nicolino, Humberto e João Batista); bronze no vôlei masculino (Dilson, Jorge, Glicério, Batelli, Oscar, Eduardo, Edmundo e Marco Aurélio); e bronze no tênis de mesa feminino (Celina, Mitiko, Mari).

Rio de Janeiro veio a seguir, com o 3º lugar.

35 anos de muitas histórias

Em janeiro de 1966 nasce uma Associação que iria mudar o comportamento dos servidores do Banco Central.

Em um momento de crise de confiança do cidadão em relação ao trabalho - criado por desconhecimento do estilo de gestão de Banco Central de Brasília, Carlos Magalhães - após meses de estudo, elaborou um projeto de sistema de comparecimento baseado no sistema de comparecimento do Banco Central. A ideia chegou até a direção nacional em Brasília, com o projeto aprovado, com alterações, subordinadas ao sistema de comparecimento do Banco Central. Em sua origem, deveriam ser

formadas, através de um processo de seleção, em que todos os associados votariam para escolher o seu representante. Mas isso não aconteceu. O Diretor de Asbac/Direc (Olimpiada Norte).

Quando a Asbac/Direc mostrou porque Pernambuco é o Leão do Norte

Após alguns meses de trabalho, a comissão de trabalho da Asbac/Direc mostrou ao Diretor de Asbac/Direc o projeto de sistema de comparecimento baseado no sistema de comparecimento do Banco Central. Em sua origem, deveriam ser

formadas, através de um processo de seleção, em que todos os associados votariam para escolher o seu representante. Mas isso não aconteceu. O Diretor de Asbac/Direc (Olimpiada Norte).



Atleta, goleiro do futebol de campo, na 1ª Olimpíada: descredita, levou o ouro com empate na final

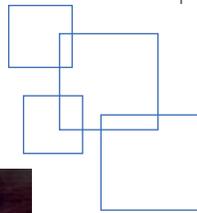


Final dos 400 metros, durante a 4ª Olimpíada, em 1987

Jornal Carcará exalta feito da seleção recifense de futebol de campo, na 1ª Olimpíada: descredita, levou o ouro com empate na final



Disputa enxadrística, na 4ª Olimpíada, em 1987



Competidores se preparam para a saída da Corrida Rústica, durante a 4ª Olimpíada Nacional, em 1987



Athletas ouvem considerações iniciais, antes do início das competições, na 4ª Olimpíada Nacional



Destaque para a delegação feminina de São Paulo, para a 4ª Olimpíada, em 1987



Recepção com faixas na entrada do clube da Asbac, em Brasília, para a 4ª Olimpíada



Entrada da delegação de Santos, na 2ª Olimpíada



Equipe de vôlei paulista, na 4ª Olimpíada formada por Nestor (técnico), Jorge, Dilson Eduardo e Marco; Edmundo, Batelli e Glicério.



Time de FOR da 4ª Olimpíada, com Leitão, Diogo, Zé Carlos, Estéfano e Adriano. 22. Equipe de vôlei paulista, na 4ª Olimpíada. Agachados, a partir da esquerda Sândalo, Missias, Liduino e Maia



Plateia da 3ª Olimpíada, em 1984



Delegação carioca, na 4ª Olimpíada



Time curitibano de futebol de campo, em 1987



Time curitibano de vôlei, para a 4ª Olimpíada.



Equipe gaúcha de vôlei, na 4ª Olimpíada



Equipe brasileira de vôlei, para 1987



Equipe brasileira de salão, vencedora da 4ª Olimpíada



Delegação paulistana para a 4ª olimpíada



Time de CWT - Nilton D'Oliveira, Inácio Kato, João Iurk, Diógenes Rocha, Valdir Barbieri e Gustavo do Vale. Agachados- Adilson Brum, Teógenes Leite, Luiz Cioffi, Oscar Hirata e Ivo Maczuga



Equipe de POA de futebol de campo, na 4ª Olimpíada, com Ari Damin, Francisco Peixoto, José Paulo Silveira, Ulisses Filho, Antônio Dias, Silvío Silveira, Luiz Albino de Abreu, treinador. Agachados Mário Tronco, Júlio Costa, Luís Grippa, Francisco Fernandes e Ari Cruz



Equipe de CWT de vôlei - Adilson Brum, Ivo Marchesi, João Iurk, Hélio Macedo. Agachados - Maurício Brito, Pedro Yoshio e Gilson Baliana



Sala das disputas enxadrísticas, durante a 4ª Olimpíada



Presidente do BC Ernane Galvêas felicita participantes da 1ª Olimpíada, em 1979



Desfile da delegação de POA, na 4ª Olimpíada



Germano, coordenador da 2ª Olimpíada



Delegação de POA: com troféu de tênis de quadra, Luiz Bergamin e Marieta Gonçalves. Da dir. para a esq.: Édio (dir. reg.), Ênio Seligmann e Flávio Ferreira (sinuca), Marieta, Geraldo Schubach (diversos) e Paulo Fernandes (xadrez). Agachado: Bergamin



Equipe de FOR- Tuita, Dideus, Bacurau, Zé Carlos, Liduino, Roberto Messias, Oswaldo, Adalberto e Flávio Brito



Delegação de BHO na 2ª Olimpíada Nacional Asbac, de 4 a 9set



Mineiros exibem faixa exaltando a alegria, na 2ª Olimpíada



Delegação de FOR- Fernando Bacurau, Renato Menezes, Marcos Antônio, José Carlos, F40, Equipe de FOR- Tuita, Diddeus, Bacurau, Zé Carlos, Liduino, Roberto Messias, Oswaldo, Adalberto e Flávio Brito, Fausto Faustino, Esquema, Valquirio e Roberto Messias



Componentes da corrida rústica posam, pouco antes da saída, durante a 4ª Olimpíada



Formação no ginásio das delegações, na 4ª Olimpíada Nacional



Formação no ginásio das delegações, na 4ª Olimpíada Nacional



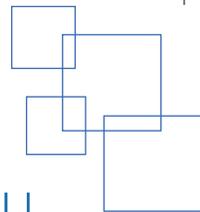
Equipe de POA de futebol de campo: Ari Damin, Francisco Peixoto, José Paulo Silveira, Ulisses Filho, Antônio Carlos Dias, Sílvio Silveira, Albino Abreu e Treinador. Agachados: Mário Tronco, Júlio Costa, Luiz Grippa, Francisco Fernandes e Ari Cruz.



Time de POA de futsal, na 4ª Olimpíada: Luiz Albino de Abreu, Francisco Braulino Peixoto, Mário Tronco, Achilles Pittigliani, Ari Damin, treinador. Agachados: Erno Brentano, Júlio Costa, César Pons, Luiz Grippa e Júlio Felipe



Esquadrão de POA, no vôlei masculino: Francisco Schmitz, Eugênio Erichsen, Manoel Dias, Roberto Sholl, Treinador. Agachados: Arilton Cândido, Luiz Carlos Feio e Luiz Carlos Bergamin



Paixão pelo esporte anabolizou amizade de pioneiros

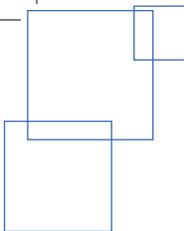
Toda história inesquecível costuma ter herói e enredo emocionantes. Neste texto, o colega gaúcho Luiz Albino de Abreu narra com emoção como a semente do esporte foi espargida na Asbac, e suas mudas espalhadas e levadas por três bravos pioneiros pelos quatro cantos do país. Até entranharem nas memórias e se materializarem em sólidas amizades, deixando a impressão de que pode vicejar independentemente da estação do ano

Esta é uma história de esporte, e também uma história de trabalho e amizade. Sobretudo sobre como uma linguagem tão saudável, integradora, e que monopoliza a espécie humana desde muito cedo, pode servir para criar e fortalecer laços de companheirismo, cordialidade e apreço profundos. Três colegas desbravadores e apaixonados pela causa – Carlos Noronha Gomes da Silva, José Henrique Germano e Luiz Albino de Abreu—sempre que puderam potencializaram a capacidade de costurar amizades genuínas pelo esporte, fazendo acontecer e promovendo competições memoráveis, além de olimpíadas internas que elevaram para sempre o patamar de sociabilização do Banco Central.

A Asbac, assim que foi criada, proporcionou o surgimento dessa força integradora de solidariedade e aproximação: o esporte. Para sua manifestação em plenitude, adquiriu clubes, em quase todas suas unidades, cenário ideal para a prática.

Em verdade, quando era de fato e direito o setor social, cultural, financeiro e esportivo do funcionalismo do BC, a Asbac promoveu encontros e atuou afinidades que até hoje exibem frutos.

A história de como começou o esporte na Asbac vai ser contada aqui na voz de um desses pioneiros, Luiz Albino de Abreu, um gaúcho que hoje mora em Canela, e trabalha com turismo, num roteiro emocionante que começa na inspiração brotada nos cafundós do Rio Grande do Sul, faz escala no Rio de Janeiro e aterrissa em Brasília. E inclui solidariedade, competitividade, empatia, a saudável busca por melhores resultados, e muito espírito esportivo.



Dos recônditos do Rio Grande

Para descrever a história de Luiz Albino de Abreu junto à Asbac, é necessário regredir no tempo, até onde aconteceu a convivência inseparável e indissociável entre o esporte e sua vida profissional, ao longo de todos esses anos.

Era o longínquo ano de 1963. O Brasil organizava o Pan-Americano, realizado no período de 20abr a 5mai daquele ano, na cidade de São Paulo.

Canela-RS e Gramado-RS, pequenas cidades localizadas no Estado do Rio Grande do Sul, tinham como atividade principal a extração da madeira.

Plantavam-se, na época, poucas sementes com atividades ligadas ao turismo, que, ao longo do tempo, proliferaram e transformaram as duas cidades nos grandes polos turísticos do Brasil de hoje.

Mas, na época, como toda cidade pequena – em Canela não era diferente – concentravam-se em pouquíssimos colégios todos os estudantes da mesma faixa etária.

E, no caso, agregavam-se os estudantes da vizinha cidade de Gramado, que se deslocavam diariamente, todas as noites, para estudarem num único colégio, o Colégio Ceenecista, em Canela.

Ou seja, estudantes da época trabalhavam durante o dia e à noite dirigiam-se ao colégio para estudar. Mas os finais de semana estavam reservados para festinhas e esportes.

Nesse período, o noticiário era extremamente precário, principalmente nas cidades interioranas. E Canela não destoava desse cenário. Porém, soube-se da realização dos Jogos Pan-Americanos. E, com isso, despertou, dentre os estudantes, em plena adolescência, 16 para 17 anos de idade, numa pequena sala de aula, a possibilidade de se organizar uns "jogos", a exemplo do que ocorrera em São Paulo meses atrás.

Sob a liderança do jovem Luiz Albino de Abreu, mesmo sem nenhuma experiência ou mesmo conhecimento de como planejar todo um conjunto de atividades, brotou a idéia de formar Comissão, com seus colegas e amigos Luiz Carlos Dreschler e Clezio Santos, para organizar e planejar os pretendidos "Jogos".

Com "dicas" dadas pelo canelense Ademar Faller, Campeão Brasileiro de Tiro e, na época, integrante da equipe que representou o Brasil no Pan-Americano, foi organizada a miniolimpíada intercolegial, denominada: 1ºs. Jogos Estudantis da Primavera - JEP-63.

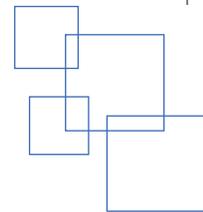


Imagem da Abertura dos Jogos Estudantis da Primavera, no dia 20.09.1963



Coroação da Rainha e das Princesas dos JEP-63, na noite de 20.09.1963

Por ser feriado na sexta-feira e início da primavera, aproveitou-se para realizar os Jogos no período de 20, 21 e 22 de setembro de 1963.

Foram três dias de intensas competições, com inúmeras modalidades de esportes, disputados entre o Colégio Ceenecista de Canela e demais colégios de Gramado.

E o resultado: sucesso total.

No ano seguinte, os Jogos foram ampliados com a participação dos demais colégios de Canela, assim como os dos municí-

pios vizinhos de São Francisco de Paula, Igrejinha, Três Coroas e Nova Petrópolis.

E, na sequência, os JEPs, como denominados, tomaram conta do Estado do Rio Grande do Sul, com a presença de dezenas de cidades, sempre realizados em Canela.

Os JEPs foram realizados durante 40 longos anos.



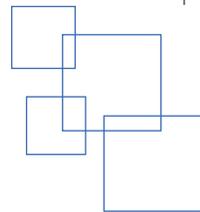
Imagem do 30º JEP - Edição 1993

No ano de 1993, durante a realização de sua 30ª Edição, os responsáveis pela idealização e criação do JEP, Luiz Carlos Dreschler, Clezio Santos e Luiz Albino de Abreu, na foto acima, esquerda para a direita, portando as bandeiras, foram merecidamente homenageados pelos organizadores daquela edição.

Na sequência, após ter realizado concurso para o Banco do Brasil e nomeado, em 1966, para trabalhar em Gramado, Luiz Albino, residindo em Canela, deslocava-se diariamente de ônibus, entre as duas cidades.

E o esporte era uma atividade semanal obrigatória, levando-o a promover a prática entre seus colegas do Banco do Brasil lotados nas duas agências, de Canela e Gramado e, como consequência, a integração entre as duas cidades, com competições esportivas intermunicipais.

No ano de 1972, tomou a iniciativa de fundar a primeira AABB Regional do Brasil, criando a Associação Atlética Banco do Brasil Regional Gramado/Canela, com a participação maciça dos funcionários das duas agências. Atualmente, a AABB está sediada numa bela sede social e esportiva localizada entre as duas cidades.



Passo seguinte, transferiu-se para o Rio de Janeiro, para exercer suas funções no Banco Central do Brasil.

Na chegada, deparou-se com as competições do Campeonato Interno de Futebol interdepartamental, organizado pela Asbac- RJ e realizado no campo denominado "Canadá".

Na semana posterior, já estava sendo escalado para a equipe da Gemec- Gerência do Mercado de Capitais, em que foi trabalhar. Naquele ano, a equipe não foi campeã, mas beliscou o vice-campeonato.

Quem estava à frente da organização dessas competições?

O Grande Líder Carlos Noronha Gomes da Silva, o "Seu" Noronha, como todos o tratavam.

E Luiz Albino de Abreu, em respeito à hierarquia funcional, passou a chamá-lo da mesma forma, mantendo esse tratamento mesmo depois de se transformarem, ao longo dos anos, em grandes amigos.

Chefe de Divisão da saudosa Gemec, o "Seu" Noronha era um líder nato. Comandava a Divro- Divisão de Autorizações, com mestria. Sabia tudo.

E, no esporte, não era diferente. Organizava, comandava, liderava a todos com uma naturalidade impressionante. E em tudo o que fazia, na Asbac ou na condução de sua equipe de futebol, a Gemec, os resultados eram sempre satisfatórios.

Mudança para o Planalto

Entre 1972 e 1973, transferia-se o Banco Central do Brasil da cidade do Rio de Janeiro para Brasília. E a grande massa de servidores seguiu em caravana, inclusive o "Seu" Noronha, rumo à Capital Federal.

Brasília era uma cidade diferente, esquisita, sem cruzamentos, sem esquinas. Nos períodos de seca, convivia-se com pó intenso e, com as chuvas, muita lama. Tudo avermelhado.

1º Encontro, em Brasília, dos inseparáveis amigos, da esquerda para a direita: Roberto Veiga Feijó, Gustavo Garcez, Luiz Albino de Abreu e Walter Fázio, na inauguração da casa do recém casado Gustavo





Em 1973 - 1ª Equipe do Setor Gemec/Sexpe

Em Brasília, Luiz Albino de Abreu, como Encarregado de Setor, formou sua 1ª equipe de trabalho para o setor Gemec/Sexpe- Gerência do Mercado de Capitais, Setor de Expediente.

Formada, da esquerda para a direita, por: Carlos Alberto Correa, Lídia, Luiz Albino de Abreu, Eliane, Paulo Tavares e Ronaldo Schroder.

Já no início de suas atividades, procurava "provocar" os colegas de outros setores para realizar enfrentamentos esportivos, principalmente no futebol. Eventualmente, realizava uma competição entre "solteiros e casados". Adquiria um troféu, que era oferecido ao "vencedor".

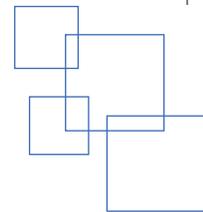
Ou seja, não perdia oportunidade de buscar condições para transformar colegas em amigos, fossem do mesmo setor, de outros setores e mesmo de outras unidades departamentais.

Em meados de 1973, foi chamado para uma reunião no Gabinete do Chefe Adjunto da Gemec, Sr. Amilcar Figueira, juntamente com seu Chefe de Divisão, "Seu" Noronha, e seu Coordenador, Luiz Peregrino Fernandes Vieira da Cunha.

"Tremeu", pois mesmo tendo boa convivência e bom trânsito com suas chefias, mantinha extremo respeito pelos seus superiores.

Mas o objetivo da reunião era para que Luiz Peregrino fizesse um desafio a Luiz Albino. Convocá-lo a assumir novo setor, visando organizar e implantar controle de cadastro e informações sobre instituições financeiras ligadas ao mercado de capitais e respectivos componentes de seus órgãos estatutários.

As alternativas para a resposta eram: aceitar ou aceitar.



Desafio aceito, foi-lhe apresentado o novo setor:

Local: Sótão do Edifício União, no Setor Comercial Sul;

Material de Trabalho: Dezenas de arquivos de aço, recheados de documentos de constituições de instituições financeiras, eleições de Diretorias e Conselhos, penalidades aplicadas ao mercado de capitais e muito mais;

Equipe: um funcionário: Antonio Carlos Martins Logato.

Foi um choque, porém sem nenhum desânimo. O objetivo era: trabalho, trabalho e trabalho.

O início foi árduo e desgastante, contudo, com o passar do tempo, foram criando condições de organizar e planejar trabalho de curto, médio e longo prazo, auxiliado pela chegada, lenta e paulatina, de novos colegas.

A obrigação de permanecer em Brasília por período mínimo de dois anos levou a todos os funcionários a se habituarem com aquelas novidades. Mas a cidade foi tendo melhorias em todos os sentidos.

À beira do Lago Paranoá, instalavam-se os Clubes Sociais, vinculados às suas áreas de atuação na esfera federal, que proporcionavam oportunidades de lazer e esportivas aos respectivos funcionários e seus familiares.

Assim, na época, já estavam instalados e em plena atividade inúmeros clubes sociais, dentre eles o Clube do Congresso, a AABB e outros.

E no Banco Central, recém instalado em Brasília?

Começamos a nos organizar no sentido de ativarmos a prática de esportes. E "Seu" Noronha, sempre presente. Era o Líder.

Inicialmente, interagimos com os dirigentes da Asbac, cuja administração era indicada pelo próprio Banco Central.

Sem sede própria, tratou-se de viabilizar condições de praticar o esporte favorito, o futebol, mediante locação de determinados horários junto aos Clubes vizinhos: Cota Mil, entre outros.



Luiz Albino de Abreu, no alto do Edifício União, no Setor Comercial Sul- Unidade da Gemec, do Banco Central, em Brasília, no dia em que assumiu o novo posto

E, na AABB, os funcionários do Banco Central, para ter acesso às instalações do Clube, conseguiram inscrições em equipes da própria AABB, que disputavam suas competições internas.

As dificuldades foram sendo superadas e competições esportivas realizadas, buscando a imprescindível integração entre as Gerências de cada área do Banco Central.

E, sempre à frente dessas iniciativas, estava presente o Chefe da Divro-Divisão de Autorizações de Processos, da Gemec: "Seu" Noronha, um grande líder dentro do Banco Central, tanto nas rotinas de trabalho, quanto na esfera esportiva da Asbac.

Em inúmeras ocasiões, em dia de competição, os "atletas" que não possuíam condução própria eram buscados, pelo "Seu" Noronha, em sua já tradicional Kombi, veículo que o acompanhou durante longos anos de vida, com o objetivo de buscar e levar os colegas de trabalho "atletas" menos favorecidos.

Em 1975, no prazo final para que o Banco Central pudesse requisitar funcionários de outras Instituições, aconteceu uma surpresa agradável.

Recém chegado do Banco do Brasil, de Aracajú, apresentava-se o colega José Romero Libório, com bem mais idade do que Luiz Albino, que, na época, tinha menos do que 30 anos.

Na sequência, o sergipano demonstrou ser uma pessoa de extrema docilidade, comprometida e abnegada pelo trabalho. Gerou-se uma convivência harmoniosa no ambiente do dia-a-dia, como também uma profunda amizade familiar, fora das áreas de labuta do Banco.

Em 1976, as competições interdepartamentais organizadas pela Asbac já eram sucesso.

Terminado o campeonato de um ano, já ficava, entre os funcionários, a expectativa da competição do ano seguinte.

Nesse ano, a equipe de futebol da Gemec, liderada por Seu Noronha e Luiz Albino, sagrava-se vice-campeã da competição.

Na imagem a seguir, inúmeros jovens "atletas" que vieram, ao longo do tempo, galgar postos de Chefias de Departamentos, Diretorias do Banco Central, assim como relevantes cargos em outras Entidades Governamentais.

A Asbac na minha vida

Frequentei muito a Asbac em Brasília, e as dependências como a sauna, e sempre foi uma extensão da minha casa. Minha filha e a família são sócios hoje em dia e aproveitam muito o lazer oferecido, além das festas, anualmente

José Augusto Alves Barros, Asbac-BSB



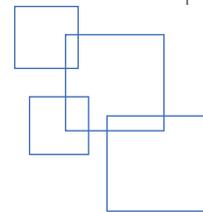


Imagem da Equipe da Gemec, de 1976

No ano de 1977, ocorreram dois relevantes fatos para a história do Banco Central e da Asbac.

Com intensa experiência na área bancária, em Aracaju, outro sergipano, José Joviniano Melo, lançou-se ao desafio de se submeter, em Brasília, a concurso realizado pelo Banco Central. Por considerá-lo extremamente experiente na área bancária, dois departamentos, Deban e Demec, lançaram-se a disputar sua nomeação para seus quadros de funcionários.

Com muito diálogo entre as chefias das duas Unidades junto ao Depes, o Demec conseguiu sua nomeação, para assumir suas funções na Divisão chefiada por Luiz Albino de Abreu.

Formava-se o trio Albino, Libório e Joviniano, que, com uma pequena, porém, dedicada e competente equipe de colegas, passaram a desenvolver trabalho de intensa importância na implantação das atividades para as quais houve o desafio lançado pelas chefias do Demec, em 1973.

Germano, o dinâmico

Nesse mesmo ano, com novo Diretor de Esportes, a Asbac alcançou sua maturidade, chegando ao auge do sucesso.

José Henrique Germano, com seu dinamismo, entusiasmo, dedicação e comprometimento com o esporte dentro da Asbac, transformou as competições esportivas interdepartamentais e também os campeonatos citadinos realizados em Brasília.

De início, realizou o maior Campeonato entre equipes formadas pelos departamentos do Banco Central, extremamente disputado e aguerrido, com nenhuma equipe querendo abrir mão do espaço conquistado em anos anteriores.

Depois de muitos anos "nadando e morrendo na praia", o Demec- Departamento do Mercado de Capitais, denominação substituída da Gemec, liderado mais uma vez por "Seu" Noronha e Luiz Albino, tornou-se a grande Campeã.

O Demec, nesse ano, ficou conhecido como o time da "Rapadura", pois Luiz Albino de Abreu, na condição de liderança dentro de seu Departamento, convidava todos os colegas de trabalho para, sistematicamente, realizarem churrascos em seu sítio, localizado em Santo Antônio do Descoberto. Dentre as plantações, havia a cana de açúcar, transformada em rapadura. E todos se habituaram a degustar rapadura.

Essa rapadura era levada por Luiz Albino ao Campeonato da Asbac que servia uma porção aos atletas do Demec, antes do início dos jogos. E, para reenergizar, outra porção de rapadura no intervalo entre primeiro e segundo tempos.

Os adversários não conseguiam acompanhar o ritmo da equipe do Demec, que, por muitos anos, sempre foi uma das finalistas dos Campeonatos organizados pela Asbac.

E, nesse ano espetacular, ganhou todas as premiações: campeão da competição, Troféu Disciplina, Defesa Menos Vazada.



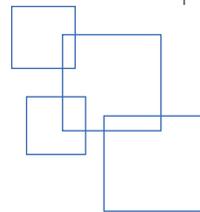
Equipe do Demec - Campeã de 1977, com "seu" Noronha presente, 1º à esquerda, em pé



Defesa Menos Vazada, representada pelo Goleiro: Ramiro



Troféu Disciplina: Demec.



Diretor de Esportes da Asbac Germano, entregando as medalhas de campeã ao líder da Equipe do Demec



Diretor de Futebol da Asbac, "Seu" Noronha, entregando o troféu de campeão a Luiz Albino de Abreu



Germano celebrando o sucesso do Campeonato Interno de Futebol de 1977



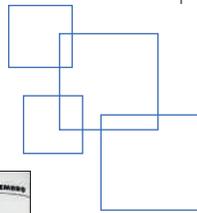
O líder da Equipe do Demec, Luiz Albino de Abreu, homenageando o "Torcedor Símbolo" do Campeonato, Sr. Vitório Logato, pai do atleta da competição, Antonio Logato, do Demec



Colegas de trabalho do Demec/Dicad, celebrando a conquista



Germano entregando as medalhas de Vice-Campeã, à equipe do Depec



Germano confraternizando com a equipe do Deorg, terceira colocada na competição



Ampla reportagem sobre a competição, estampada no jornal da Asbac

Em 1978, o Diretor de Esportes, Germano, e o recém assumido Diretor de Futebol da Asbac, Luiz Albino de Abreu, organizaram o campeonato numa competição também muito disputada, com o desafio de que os jogos finais seriam realizados no Estádio Mané Garrincha.

E o campeonato finalizou com as mesmas equipes do ano anterior: Demec x Depec, porém, com o resultado totalmente diferente: goleada do Depec, por 5 x 2, sagrando-se campeão.

O Demec teve que se conformar com o vice-campeonato e a Presi, como terceira colocada.



Equipe do Depec – Campeã de 1978



Equipe do Demec – Vice-Campeã de 1978



Equipe da Presi – 3ª Colocada em 1978

Amizade por cartões postais

Nesse ano, a Asbac já não contou mais com a atuação marcante de "Seu" Noronha, que se despediu, retornando à sua cidade Natal, Rio de Janeiro.

"Seu" Noronha passou a enviar cartões postais, numa demonstração da grande amizade que o uniu a Luiz Albino de Abreu, tanto como profissionais do Banco Central, como esportistas ligados à Asbac, com imagens das praias do Rio de Janeiro, inserindo mensagens de apoio e grande apreço preservado, mesmo à distância.

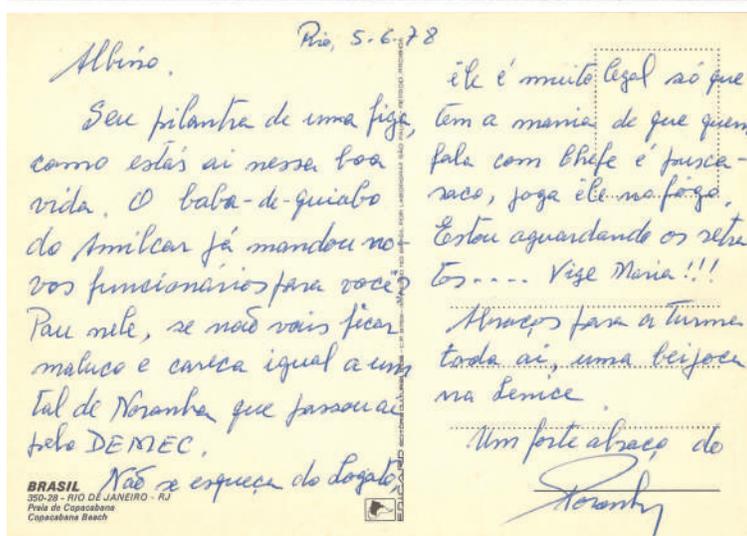
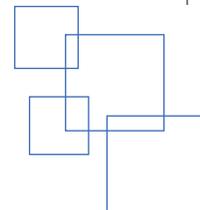


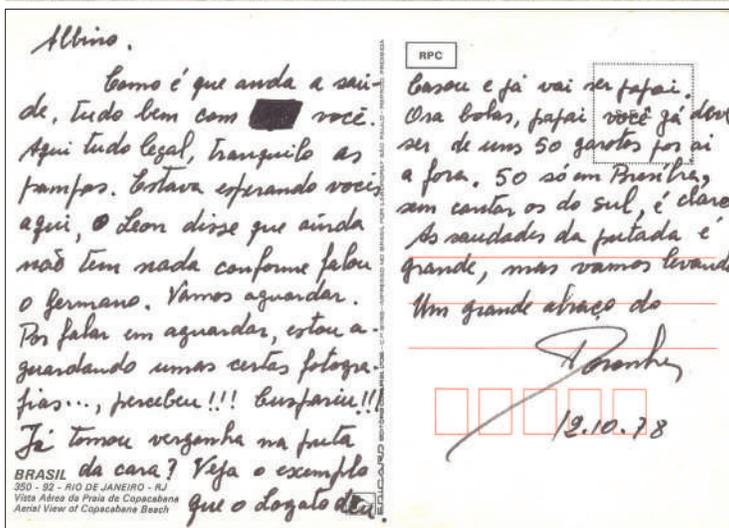
Imagem da praia de Copacabana, com a seguinte mensagem:

"Rio, 5.6.78

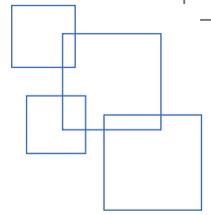
Albino. Seu pilantra de uma figa, como estás aí nessa boa vida. O baba-de-quiabo do Amilcar já mandou novos funcionários para você? Pau nele, se não vais ficar maluco e careca igual a um tal de Noronha que passou aí pelo DEMEC. Não se esqueça do Logato, ele é muito legal só que tem a mania de que quem fala com chefe é puxa-saco, joga ele no fogo. Estou aguardando os retratos ... Vige Maria ...!!!
Abraços para a turma toda aí, uma beijoca na Lenice.

Um forte abraço do Noronha"

"Seu" Noronha envia novos cartões postais para Luiz Albino, contendo mensagem de amigo para amigo:



Em 12.10.1978 - Vista aérea de Copacabana



BRASIL TURÍSTICO
 77 - RIO DE JANEIRO - RJ
 Vista noturna das lindas praias
 de Ipanema e Leblon
 Night view of the beautiful Ipanema
 and Leblon beaches

Albino.

*Sumiquita tu? Espero
 que esteja bem de saúde e
 continue com aquele "apetite".*

*Eu aqui estou na boa, mu-
 dei para Ipanema; Rua Presi-
 dente de Moraes, 241 - apt: 104
 telef: 267-3750, uma quadra
 da praia, legal as fampas.*

*Aguardo você aqui, tá legal,
 como vai a moçada ai, e
 as meninas, tudo em ordem*

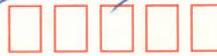
"mercator" impresso no Brasil - graficas brunier Ltda. - C. 21.029 - São Paulo - reprodução proibida

RPC

*KD as fotografias, Deus
 que te perdoe. Espero estar
 ai no principio de março,
 para despedida dos "fampas-
 thos".*

Um abraço de

Rozinha



20.2.79

Em 20.02.1979 - Vista noturna do Leblon e Ipanema

Mas o ano de 1979 foi marcante, oportunidade em que o Diretor de Esportes José Henrique Germano ampliou e incentivou a prática de inúmeras modalidades de esportes, sobressaindo-se, além do futebol, natação e vôlei.

Esse último esporte liderado por Euds Pereira Furtado, que, na condição de Diretor de Vôlei, formou dobradinha com Luiz Albino de Abreu, Diretor de Futebol, consagrando o nome da Asbac em competições no Distrito Federal.

A equipe de Futebol da Asbac, pelas conquistas obtidas nas competições em que participou, foi premiada com viagem cujo roteiro passou por Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Canela, no Rio Grande do Sul, nas quais enfrentou adversários em partidas amistosas de futebol.

E o Campeonato Interno da Asbac terminou com o Decam Campeão e o Demec Vice-Campeão.



Equipe do Decam, campeã de 1979

Mas foi em 23jul80 que "Seu" Noronha, após descobrir uma doença grave e já hospitalizado, emitiu comovente mensagem enviada, através de cartão postal, a seu amigo Luiz Albino, em Brasília:

A Asbac na minha vida

A Asbac foi onde fiz e ainda conservo meu maior relacionamento de amigos. Cresci também como pessoa, participando de grande parte das atividades sociais, culturais e esportivas. Obrigada, Asbac, por fazer parte da minha vida e me deixar muito feliz!

Luiza Setsuko Higashi, Asbac-SPO



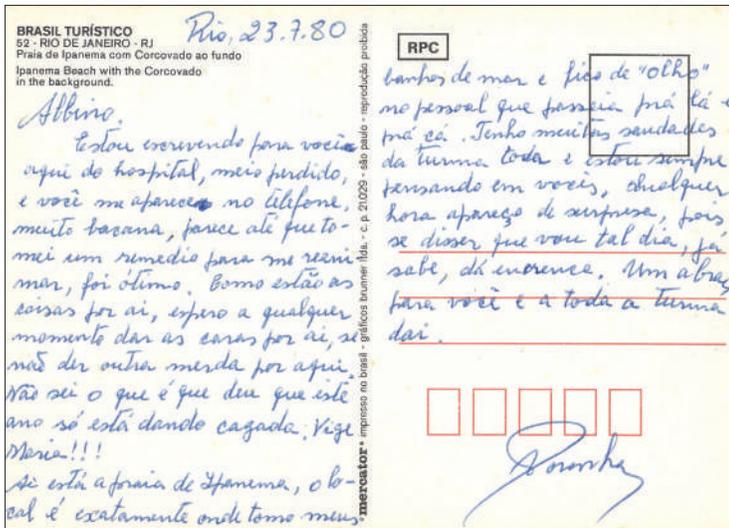
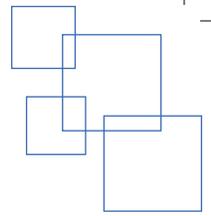
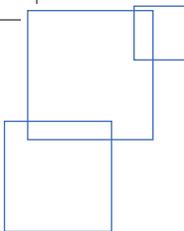


Imagem da Praia de Ipanema, com a emocionante mensagem:

*Albino.

Estou escrevendo para você aqui do hospital, meio perdido, e você me aparece no telefone, muito bacana, parece até que tomei um remédio para me reanimar, foi ótimo. Como estão as coisas por aí, espero a qualquer momento dar as caras por aí, se não der outra merda por aqui. Não sei o que é que deu que este ano só está dando cagada. Vigie Maria!!!
Ai está a praia de Ipanema, o local é exatamente onde tomo meus banhos de mar e fico de "olho" no pessoal que passeia prá lá e prá cá. Tenho muitas saudades da turma toda e estou sempre pensando em vocês. Qualquer hora apareço de surpresa, pois se disser que vou tal dia, já sabe, dá encrenca. Um abraço para você e a toda a turma daí.

Noronha*



O ano de 1980 foi diferente e extremamente marcante.

O espirituoso Germano, Diretor de Esportes da Asbac, juntamente com sua equipe, composta pelos Diretores das modalidades esportivas, dentre eles Euds Pereira Furtado, no Vôlei, e Luiz Albino de Abreu, no Futebol, decidem pelo lançamento de uma Olimpíada a ser disputada exclusivamente entre os Departamentos da Sede do Banco Central, em Brasília. Nos moldes da que havia ocorrido no ano anterior, incluindo todas as regionais, também na capital federal.

A primeira Olimpíada Interna Interdepartamental do Banco Central, composta por três diferentes segmentos: Esportivo, Cultural e Beneficente.

O objetivo era fazer com que todos os Servidores do Banco Central tivessem a oportunidade de conviver, disputar, competir, mas, acima de tudo, manter o inter-relacionamento entre si e entre as áreas de atuação de cada um, fazendo com que essa união de esforços gerasse resultados também para os mais necessitados fora da área de trabalho.

Com isso, a Olimpíada passou a ser o assunto do dia a dia em todos os cantos, tanto nas unidades de trabalho como no ambiente da Asbac. Eram as estratégias sendo tramadas, planejamento definido e o trabalho em equipe sendo aplicado.

Uma conquista gloriosa

Todos os Servidores queriam participar, sempre estavam presentes e acompanhados por todos seus familiares.

Houve um envolvimento intenso e inexplicavelmente mágico.

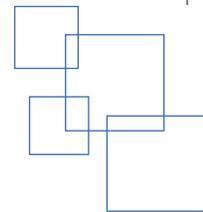
Na parte Esportiva, as inúmeras modalidades faziam com que as pessoas participassem, mesmo nada entendendo daquela modalidade. Muitos se jogavam na piscina para competir, mesmo sem saber nadar. O objetivo não era só ganhar. Era participar. Porque a cada participação a equipe ganhava pontos, que iam se somando e, no final, visualizando ser campeã.

Na Cultural, quem nunca ingressou numa "quadrilha" de Festa de São João, para curtir a cerimônia do casamento caipira e dançar, estava presente fazendo o papel do padre, do noivo ou da noiva.

E foram inúmeras quadrilhas caipiras que se apresentaram, com uma qualidade e com detalhes invejáveis, com noivos, padre e padrinhos, com seus trajes típicos, dando show, na busca de conquistar os pontos necessários para suas equipes.

Abóboras de 50, 60 e 70 kg chegavam de vários lugares, levadas pelos competidores, para somar pontos na modalidade Cultural.

Estampas de embalagens do sabonete Eucalol, já pertencentes ao passado, foram enviados por Osvaldo Carvalho, colega do Ban-



co do Brasil, de Aracajú- SE, via Correio, para a equipe do Demec somar mais alguns pontinhos.

Revistas em quadrinhos, de décadas passadas, também fizeram parte da competição, buscadas na gráfica de origem, localizada no Rio Comprido, Rio de Janeiro.

Mas foi na modalidade "Beneficente" que as equipes se desdobraram para buscar os pontos visando ganhar a competição. No fundo, não foram bem os pontos que buscavam, porque o objetivo maior era arrecadar tudo que fosse possível, para beneficiar os mais necessitados. E aí cada equipe estruturou-se com estratégias próprias, buscando obter os melhores resultados possíveis.

Nas regras da Olimpíada, previa-se que, a cada final de semana, um tipo de material deveria ser entregue junto à Asbac, como material escolar, alimentos, calçados, colchões, cadeiras de rodas, etc., com pontuação agregada a cada unidade de material entregue.

Luiz Albino de Abreu, liderando a equipe composta pelas áreas do Mercado de Capitais, Demec e Defim, manteve, inicialmente, contato com uma fábrica de calçados localizada em São Carlos- SP e adquiriu boa parte da produção daquele mês.

Fez o mesmo com uma fábrica de colchões de Taguatinga- DF, e com uma fábrica de cadeiras de rodas localizada em São Paulo-SP.

Tudo em absoluto sigilo.

Numa sexta-feira, véspera da data prevista para entrega dos colchões, em contato com a dita fábrica, em Taguatinga, soube-se que o material encomendado não estava pronto. Luiz Albino, de imediato, convocou alguns colegas e para a fábrica se dirigiram, e lá viraram a noite, "com a mão na massa", auxiliando no término da fabricação dos colchões. No dia marcado para a entrega, sábado, ingressava na Asbac um caminhão lotado com todo o volume de colchões encomendado.

Na fábrica de cadeiras de rodas, a produção mensal era de 260 unidades. Luiz Albino encomendou a produção mensal.

E para pagar? Lançou campanha junto a todos seus colegas de trabalho, do Demec e Defim, na busca de arrecadar recursos para pagar o valor de todas as encomendas já realizadas. A participação foi maciça.

As cadeiras de rodas foram transportadas de São Paulo para o depósito da Kwikasair, transportadora de conceito nacional na época, que patrocinou o transporte. E lá permaneceram por vários dias, aguardando a data marcada para entrega na Asbac.

No dia pré-definido, todas as equipes já haviam entregado suas cadeiras de rodas, item que possuía, na competição, pontuação diferenciada.

Com os resultados levantados até aquele momento, a Equipe Demec/Defim já havia conquistado o troféu na área de esportes. A

Presi, com uma arrebatedora abóbora de mais de 70 kg, conquistou o troféu da área Cultural.

O desempate estava para ser definido a favor de quem ganhasse a Beneficente. A disputa estava entre as equipes Demec/Defim x Presi, com a vantagem para esta segunda, que já havia entregado suas cadeiras de rodas: 40 unidades.

A coordenadora da Presi, colega Marivone, e sua equipe, já estavam exaltadas, prontas para comemorar a vitória.

Quinze minutos antes de encerrar o horário da competição, para surpresa de todos e um sorriso "amarelo" da Marivone, uma fila de caminhões da Transportadora Kwikasair invadiu, literalmente, os portões da Asbac, lotados de cadeiras de rodas.

Era a equipe do Demec/Defim, que apresentava sua contribuição na modalidade de cadeiras de rodas: nada menos que 260 unidades.

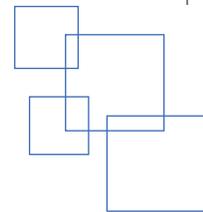
O feito e a final dessa competição foram eletrizantes e inesquecíveis.



Caminhões carregados de cadeiras de rodas



Caixas contendo cadeiras de rodas



Equipe Demec/Defim descarregando caixas com cadeiras



Volume de cadeiras de rodas arrecadadas pela Equipe Demec/Defim

Com o encerramento da competição, foram arrecadadas toneladas de alimentos, milhares de pares de calçados, enorme quantidade de material escolar e mais de 500 unidades de cadeiras de rodas.

A Asbac realizou ampla distribuição entre as entidades e casas beneficentes de todo o Distrito Federal e arredores. As cadeiras de rodas foram enviadas para Prefeituras e entidades localizadas em diversos pontos do Brasil.

E a Olimpíada chegava ao seu final.

A grande campeã foi a equipe do Demec/Defim, cujo somatório de pontos entre as três modalidades: Esportiva- Cultural-Beneficente conseguiu brilhantemente a primeira colocação, cuja premiação foi entregue pela Asbac, com uma grande festa de encerramento.



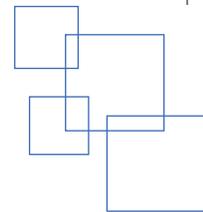
Equipes recebendo suas premiações, destacando-se a grande campeã: Demec/Defim



O líder da equipe campeã, Luiz Albino de Abreu, recebendo o grande troféu



Festa de Confraternização entre Colegas do Demec e Defim



Epílogo e profissão de fé

Mas o maior legado foi a integração entre funcionários de todas as áreas do Banco, independentemente do departamento, cargo ou função exercida, em quaisquer áreas de trabalho.

A Olimpíada proporcionou uma convivência natural, intensa e harmônica entre colegas, esposas e seus filhos, gerando, entre si, grandes e profundas amizades.

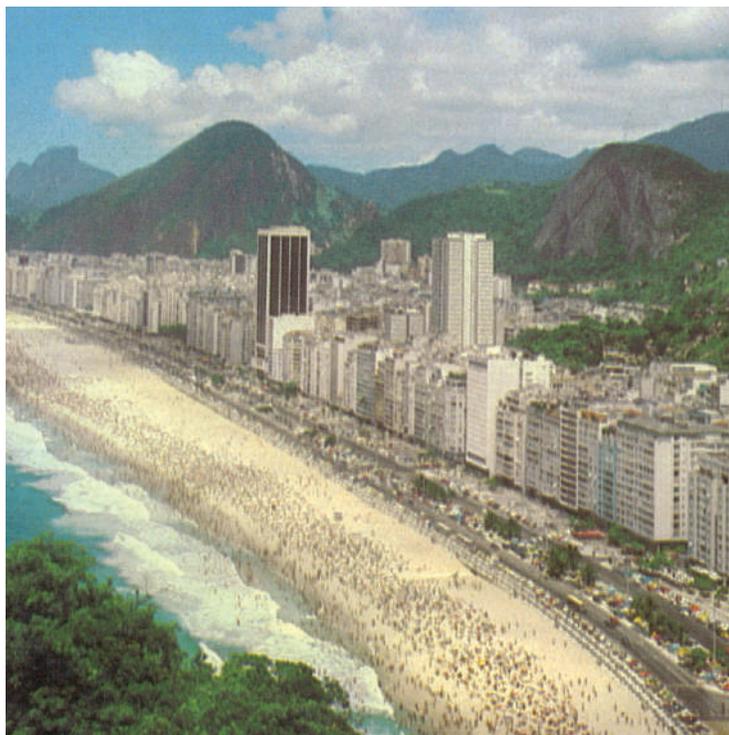
E, no ambiente de trabalho, o espírito não foi diferente.

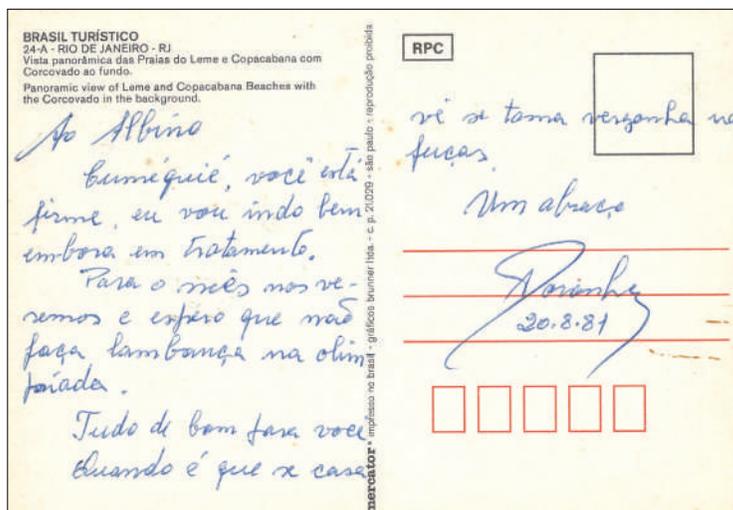
O Banco Central, através do esporte e das atividades promovidas pela Asbac, passou a ser outro Banco Central, onde as pautas de trabalho eram debatidas e definidas com respeito e responsabilidade por seus componentes, porém, sempre em clima de entendimento e, acima de tudo, de muita amizade.

Enquanto isso ...

"Seu" Noronha, mesmo residindo no Rio de Janeiro, não se desligava de suas atuações em Brasília.

Em 1981, enviava mais um, o derradeiro, cartão postal a seu amigo do "peito" Luiz Albino de Abreu:





Conteúdo do Cartão:

"Ao Albino.
Cumêquié, você está firme, eu vou indo bem embora em tratamento.
Para o mês nos veremos e espero que não faça lambança na olimpíada.
Tudo de bom para você. Quando é que se casa vê se toma vergonha nas fuças.
Um abraço.

Noronha. 20.8.81"

E em 1981 foi a despedida dos dois grandes amigos.

Luiz Albino não participou da Olimpíada naquele ano, para frequentar, fora de Brasília, curso de formação pelo Banco Central.

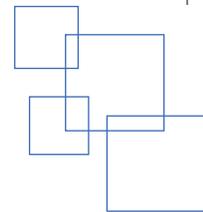
E "Seu" Noronha, na sequência, veio a falecer.

Mas o desafio lançado em 1973, oito anos atrás, para que Luiz Albino de Abreu assumisse a condição de implantar os controles de cadastro e informações da área de mercado de capitais, já havia surtido efeitos importantes.

Com uma divisão devidamente constituída dentro do Demec, a Dicap – Divisão de Cadastro e Informações transformava seus "velhos" arquivos de aço em sistemas computadorizados, através do Cadinf-Cadastro de Instituições Financeiras e Capef-Cadastro de Pessoas Físicas.

Com esses controles devidamente consolidados, Luiz Albino e sua equipe, iniciaram trabalho de "formiguinha" através de contatos com todas as áreas do Banco, Unidades Centrais e Regionais, na busca de sensibilizar seus colegas de trabalho da importância de se consolidar todos os registros cadastrais numa única base.

Com esse trabalho, obviamente, todos os controles seriam enriquecidos com as informações dispersas em muitos setores dentro do Banco Central.



E, a partir dessa base centralizada, as informações devidamente trabalhadas foram sendo descentralizadas para o Banco Central como um todo.

Grande parte do trabalho somente foi implementado porque as portas estavam abertas, graças a amizade de colegas lotados nas inúmeras áreas do Banco Central, formada durante longos anos de convivência no esporte.

E o resultado não poderia ser outro.

Em 1985, com a redemocratização do Brasil, mudanças importantes ocorreram no País.

No Banco Central, liderados pelos saudosos Diretor Iran Siqueira Lima e Chefe do Demec, Antonio Marsillac de Oliveira, a ideia de consolidação desses controles foi levada à consideração da Diretoria, que aprovou a criação do Decad - Departamento de Cadastro e Informações do Banco Central.

Foi a pioneira, primeira e única unidade, dentro do Banco Central, desde sua criação em 1964, criada pela iniciativa e pela força gerada por seus próprios funcionários.

Ao ser criado, o Decad foi composto por colegas dedicados, responsáveis, empenhados e comprometidos, que merecem registro, com a seguinte estrutura organizacional:

Gabinete

Chefe do Departamento: Antonio Marsillac de Oliveira

Chefe Adjunto: Luiz Albino de Abreu

Assessor: Marcial Pereira

Direc – Divisão de Registros Cadastrais

Chefe: José Romero Libório

Coordenadores: João da Silva Medeiros
e Mardônio Walter Sarmento Pereira da Silva

Assistentes: Sérgio Leonardo Lauriano, Augusto José Assumpção Freire, Geraldo Moreira de Melo e Abias Pereira da Silva

Área de Administração: Helvécio Bueno

Auxiliares: Aguinaldo Gomes de Souza, Dorizon Falcão Limeira, José Odon Braz Lima, Maria Izabel Ramos de Alencar Lima, Rosi Freitas da Silva e Waldemiro Gomes da Silva

Contínuos: Alfeu Alves Feitosa e Jorge Rodolfo dos Santos

Divin – Divisão de Informações

Chefe: José Joviniano Melo

Coordenador: Antonio Celso Roma

Assistente: Antonio Gomes dos Santos

Área de Administração: Paulo Amauri de Oliveira Mello

Auxiliares: José Correia Lima, Maria da Conceição Luna Sousa, Antonio Paulo Marques Veras, Armanda Rios Pinheiros Guimarães e Filomena Maria de Carvalho

Continuo: Alexandre Jorge de Freitas

Dicon – Divisão Contábil

Chefe: Jorge de Frias Barbosa

Coordenadores: Arimar Cordeiro Couto e Pedro Ferreira Couto

Assistentes: Maria Helena Petruccio e Ruth dos Santos Martins

Área de Administração: Deocleciano Allan Teixeira

Auxiliares: João Roberto Valiante Guimarães e Valdinar Araújo Silva

Continuo: João Reinaldo Dias da Silva

Dipla – Divisão de Planejamento

Chefe: Pedro Luiz Varejão de Castero

Coordenador: José Ribeiro

Assistente: Antonio Carlos Martins Logato

É a prova de que com trabalho e esporte, unidos, os resultados serão sempre altamente satisfatórios.

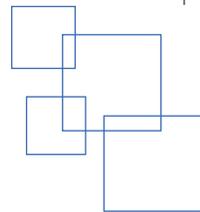
A Asbac na minha vida

Sou sócio-fundador, e desde cedo fui muito ligado a esportes.

Além de futebol, praticava tênis de mesa, com o qual fui campeão em torneio no Rio (89) e vice, nas Olimpíadas de BSB (87). A Asbac foi precursora de tanta coisa, desde Programa de Qualidade até cursos interessantes, como Yoga, dança, além de coral. Meu primeiro imóvel, o esboço do nosso plano de saúde, tudo foi patrocinado pela Associação. Tanta coisa foi feita para nos agregar ainda mais. E isso segue de geração a geração.

Octávio Gravino Filho, Asbac-RJA





Pequenas crônicas de um grande evento esportivo

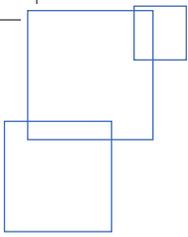
Desclassificado pelo apito

Estava tudo preparado para as finais dos 100 metros. A Asbac não tinha muita tradição em atletismo, mas dentro da modalidade era uma prova sempre considerada nobre e emocionante. Então, a elite dos abnegados cultores das corridas de curta distância do BC, e da Asbac, estava toda lá, reunida no tradicional colégio Elefante Branco, de Brasília.

Eu também estava lá, representando São Paulo. Tinha na minha torcida apenas um gato pingado, o Peninha, o Francisco Paiva, esse sim um corredor com méritos de fundista, e conhecido dos habitués de competições. Melhor que nada. Eu sempre gostava dessas corridas rápidas, de explosão, e já tinha exercitado esse meu "talento" na Usp, defendendo as cores da Escola de Comunicações. Claro que isso não dizia muito, já que essa escola nunca se distinguiu pelas marcas esportivas. Mas fazia marcas em torno dos 11 segundos e meio. Pelo menos na minha memória. E lá fazia meus recordes numa novidade de piso, o tartan, um silicone que produzia mais adesão ao solo.

Bem, tudo preparado, piso de cimento mesmo, os 20 corredores se dividiram em quatro baterias. Fui escalado para a primeira. Todos perfilados, uma apitada. Como assim? Não havia um estampido? Pois alguém esqueceu de fazer a aquisição. Improvisaram um apito. Ocorre que existe uma diferença básica entre os dois métodos. Em questão de frequência e durabilidade, um tiro é um ponto, um flash. Um apito, por sua vez, produz uma "linha", tinha início e fim. Pois como tinha orelhas acuradas, saí no início da apitada. Pronto, vários outros apitaços apontaram que eu tinha queimado a largada. Absurdo total. Ocorre que, já naquela época, quando se queimava a largada, já estava automaticamente desclassificado da prova. Não adiantou reclamar. Não tinha muito poder de lobby, nem representante da Associação paulista para interceder por mim. Fui condenado sem direito a recurso.

Naconecy



Pequenas crônicas de um grande evento esportivo

Os mineiros em Brasília

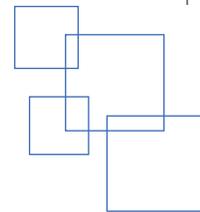
Ônibus cheio, gente cantando, alguns conversando, bebendo... Um motorista desconhecido a bordo e um caminho, desejável para muitos políticos, mas desconfortável e longo para a maioria da delegação da Debho. O destino: Brasília.

E para lá partimos, entre tantos solavancos e poltronas apertadas. Fizemos e nos comportamos da melhor forma possível. Se esse texto começa tenso, tenso era o estado das coisas dentro do veículo durante a viagem. O então ilustre desconhecido ao volante não passava do seu limite de velocidade que, para os passageiros, ficava em torno dos 40 km.

O destino da delegação do Debho, além de tentar chegar a Brasília, era conseguir derrotar as fortes equipes da Asbac. Conseguimos, após 13 horas de paciência e aventuras, chegar ao Planalto. Tenho, porém, que fazer um registro lírico do amanhecer na estrada.

A bordo, o rádio anunciava 5:30 da manhã. O Trio Parada Dura despertava a passarada com a viola sertaneja. Lá fora estava ele, o dia, recriando em suas cores o nascimento de um novo acorde de som, luz e harmonia. Aos olhos do fotógrafo se descortinavam as silhuetas das árvores e o longo horizonte vermelho e róseo. Das sombras surgiam figuras que transcendiam o real. Foi nesse momento que o fotógrafo pensou em descer do veículo e enlaçar mais um parto do criador. Não teve coragem, voltou ao cochilo da poltrona.

Depois dessa breve parada na natureza, volto aos atletas. A delegação chegou a Brasília com vontade de ganhar. O único objetivo

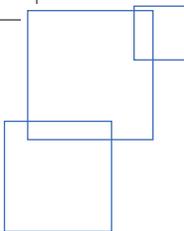


era jogar bem e colher vitórias. Apesar dessa fase de preparação, as equipes de vôlei, salão e tênis só pensavam em vitórias. Os resultados foram satisfatórios, e Brasília pôde sentir a nossa nova filosofia de competir. O futebol de salão enfrentou a equipe campeã da olimpíada interna da Asbac, ganhando de 3 x 2, e venceu, pelo mesmo placar, a seleção principal no domingo. O tênis também brilhou no domingo com a grande atuação da dupla Hernani e Renê, uma das nossas armas para a olimpíada nacional. Já o vôlei (masculino e feminino), apesar de não conseguir vitórias, demonstrou muita garra, espírito coletivo e uma boa renovação. O empenho dos atletas do Debho foi constatado nessa excursão, e prosseguir nesse trabalho de treinamento, que está sendo levado, é fundamental para o futuro das equipes. O esforço do treinador Milton, das equipes de vôlei, e a presença do técnico Paulo, do futebol de salão, na quadra, transmitindo energia e confiança, concorreram para aumentar o desempenho dos atletas.

Os destaques dessa viagem ficaram por conta de dois atletas do futebol de salão. O atacante Zé Luiz, que brilhou os olhos da torcida, demonstrou técnica e garra quando foi preciso. O outro destaque ficou por conta do goleiro Neri ou Trucolino, como é conhecido na Asbac. Uma grande atuação no gol e uma agradável companhia durante a viagem. Trucolino, sem dúvida, foi o goleiro do fantástico nessa excursão.

Agora, de volta à Debho, resta aguardar a continuação dos trabalhos de treinamento, acreditar nos esforços do novo diretor de esportes, já comprovados em Brasília, e preparar as equipes para as competições na olimpíada nacional.

Adalberto Luiz, 1984



Pequenas crônicas de um grande evento esportivo

Uma lambreta pra não esquecer

A final de vôlei masculino da Olimpíada foi um acontecimento épico, de que jamais vou esquecer. O time bicho-papão de Brasília, que abiscoitava quase todo ouro da competição, ia pegar o esquadrão do Rio de Janeiro, tido como coadjuvante. Eu estava na arquibancada e fui assistindo incrédulo àquele espetáculo improvável.

O jogo nem bem começou, e os cariocas foram contabilizando pontos. Pontos atrás de pontos. Os donos da casa pareciam sem reação. Rapidinho, o placar foi apontando 3, 4, 5, 9, 10. A torcida contra os francos favoritos foi ganhando corpo, se insuflando. Foi virando um delírio. E o time carioca embalou. Venceu o primeiro set por 15 a 0. Tudo dava certo para o sexteto desafiante.

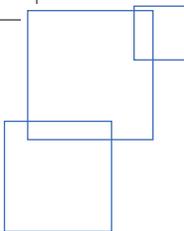
Naquele tempo, havia a vantagem: só o time que sacava podia fazer pontos. Pois começou o segundo set, e o panorama não mudou: só dava Rio de Janeiro. Perdia um rally aqui, outro ali, mas nada que resultasse em ponto. E a contagem foi se distanciando. 5, 6, 7, e novamente o poderoso time de Brasília foi sucumbindo ao embalo dos adversários, sem conseguir esboçar reação. Ao final, um improvável 15x0. Inacreditável para uma final. Delírio total no ginásio. Não havia nem como explicar. Um troféu comemorado como recorde olímpico. De certa maneira, foi isso mesmo. Inesquecível para todas as retinas que puderam testemunhar a competição naquela tarde. Uma fábula para habitar a mitologia asbaqueana.

Octávio Gravino Filho

The background is a solid dark blue color. It features several white-outlined squares of various sizes and orientations. Some squares are partially overlapping, creating a layered effect. The squares are positioned in the upper left, upper right, and lower left areas of the page.

ATIVIDADES

Criação do IFenasbac- Instituto Fenasbac



Criação do IFenasbac põe lenha na chama da sustentabilidade do sistema federativo Asbac

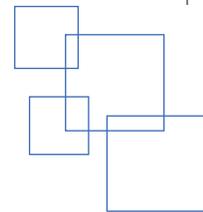
Ideia inovadora da cúpula da Federação lança foco na educação, gestão corporativa, finanças e prospecção de futuro

Em 1º de setembro de 2011, no salão de eventos do Hotel Magna Praia, em Fortaleza-CE, o grupo de dirigentes convocado das Asbacs de todo o país tinha muitos motivos de se imaginar protagonista de um momento histórico.

Ante uma mesa crítica e atenta, os consultores Roberto Horta e Carlos Salomão apresentaram as linhas básicas do que poderia ser o IFenasbac, um instituto concebido dentro do escopo de pensar na sustentabilidade para as Asbacs. O projeto, muito bem realizado e arquitetado para consolidar o processo de modernização institucional iniciado com o Planejamento Estratégico, encantou a todos com suas possibilidades. Numa época de vacas magras para as associações culturais-recreativas-esportivas-sociais, principalmente representava um respiro salvador, uma reinvenção que poderia significar a sobrevivência.

O Instituto Fenasbac de Excelência Profissional foi forjado para promover geração de conhecimento, debate e disseminação de temas próprios da função de banco central e de temas relativos aos contextos econômico e de gestão corporativa, objetivando a excelência profissional. Entre seus propósitos principais está promover cursos, palestras e seminários de reciclagem e qualificação profissional sobre temas econômicos, de gestão corporativa, da área de conhecimento de banco central, além de estimular e apoiar realização de estudos e pesquisas, edição de livros e material técnico, desde que compatíveis com os propósitos maiores do Instituto.

Seu organograma inicial era composto de Diretor Executivo e de duas gerências, que hierarquicamente se reportam ao Conselho Gestor da Fenasbac, e também ao aval do Conselho Fiscal da Federação. A esse diretor foram requeridas expertise e titulação especiais, que incluem mestrado ou doutorado, visão estratégica e de negócio, espírito empreendedor, além de qualidades como liderança, habilidades sociais e de articulação político-administrativa e de comunicação, além de atuação em equipe de trabalho.



Depois da aprovação por unanimidade dos presentes, foi nomeada comissão para delinear o estatuto que iria reger o novo Instituto, a ser composto pelos conselheiros Aparício Secundus Lima, de Brasília, Ruy Jádriel, de Curitiba, e Paulo Stein, de Porto Alegre. A última fase do cronograma de implantação, que coincidia com o início de atividades do IFenasbac, era a de prospecção de parcerias, celebração de convênios, e divulgação de eventos e marketing, imaginados para abril de 2012.

As principais alterações

Refinadas e avalizadas pelo Conselho Gestor da Fenasbac, as alterações constitucionais permitiram que a Federação participasse de empresas destinadas à qualificação profissional, relacionadas com temas de banco central, contexto gerencial, corporativo e econômico, além de decidir sobre seu estatuto e homologar indicação dos gerentes.

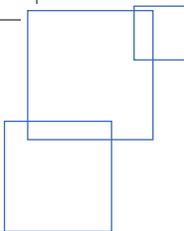
Educação é novo foco

O Comitê Gestor da Fenasbac se reúne habitualmente para tratar de assuntos de economia doméstica, que tangenciam sempre a sobrevivência das Asbacs. Nos anos recentes, o Prêmio Asbac de Qualidade alterou essa toada com o incentivo a iniciativas culturais, sociais e esportivas, que são a essência das associações. Mais proximamente, outras tentativas de reverter o quadro sombrio da perspectiva financeira das Asbacs foram muito louváveis, como a do consórcio de imóveis, ainda que não se conseguisse, até agora, o feedback imaginado. Essa guinada alentadora para o campo da educação foi saudada com efusivos aplausos pelos presentes, senões pontuais à parte.

A diversificação e a atuação proativa de seus primeiros dirigentes, segundo projeções dos consultores encarregados do projeto, quase que imediatamente alçariam o IFenasbac à primeira linha das instituições de aperfeiçoamento profissional do país, com o diferencial, em relação a empresas como IBMEC, FGV, ESAD, ESAF e ENAF, da possibilidade de oferta de um produto exclusivo, ligado à coleção de competências dos BCs em geral, e a vantagem de contar com profissionais do quadro próprio ao BCB, aposentados e na ativa, quando um tema o justifique.

Idealizador defendeu o projeto

A concretização do IFenasbac será, certamente, grande realização do presidente Paulo Stein. Após os consultores, o próprio defendeu com propriedade aspectos aventados pela plateia: afinal, estava em jogo o patrimônio da Federação.



Na mesma reunião, foi tratado o tema da sede do novo Instituto. A equipe que engendrou o empreendimento, assessorada por engenheiros e arquitetos, disse ter avaliado as possibilidades, e decidido por fazer uma reforma no andar ocupado pela Federação no Edifício Casa de São Paulo. Reformulada em previstos seis meses, a nova configuração comporta confortavelmente a sede das duas instituições, incluindo pequeno auditório.

A equipe com direito a voto que avaliou e chancelou a criação do IFenasbac- Instituto Fenasbac, foi formada por Aparício Lima (Brasília), Carlos Filardi (Rio de Janeiro), Clovis Naconecy (São Paulo), Eronides Pituba (Salvador), Joaquim Menezes (Recife), J. Francisco Ribeiro (Fortaleza), Lúcia Reis (Belo Horizonte), Paulo Aragão (Fortaleza), Paulo Stein (Porto Alegre), Reginaldo Bentes (Belém) e Rui Jadiel (Curitiba).

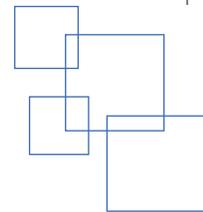
A reinvenção da Federação

O IFenasbac-Instituto FENASBAC de Excelência Profissional – IFenasbac surge num cenário de economia globalizada e bons eflúvios da política econômica do país, que têm trazido aumento da oferta de trabalho nos mais diversos setores de atividade. Parte dessas vagas ofertadas não é preenchida por falta de qualificação dos pretendentes. Assim, favorável para a criação de instituições de aperfeiçoamento profissional e para a oferta de cursos de qualificação dos mais diversos matizes, pois a principal ferramenta do mundo do trabalho atual, em termos locais ou globais, é conhecimento. Diante dessas constatações, e considerando que a quadra de transformação vivida pela Fenasbac enseja a diversificação de seus produtos e a ampliação do raio de ação, sua Diretoria Executiva encomendou estudo no sentido de criar um novo segmento da Instituição, voltado para a promoção de eventos técnicos e culturais direcionados para a sociedade em geral.

O IFenasbac está voltado fundamentalmente para a geração de conhecimento, promoção do debate e disseminação da coleção de competências e saberes próprios do exercício da função de banco central, bem como de temas relativos aos contextos econômico e de gestão corporativa, objetivando a excelência profissional.

Veio consolidar o processo de modernização institucional iniciado com o Planejamento Estratégico, em 2006, e faz parte do conjunto de ações inovadoras de que já são expressão o novo portal na Internet, a atualização da logomarca, o lançamento de novas modalidades de consórcio e o fortalecimento da área de comunicação.

Além disso, é também uma forma de adaptação às novas exigências de clientes e parceiros, a par de ser mais uma garantia a favorecer a perenização de sua presença organizacional. A Fe-



1º Fórum estratégico de gestão de pessoas—Sicoob Gepes. Consultores: Lucila Simão, Rodrigoh Henriques, Emanoelli Falcão e Daniel Florêncio



Café de Troca —Instituto Fenasbac . Consultoras: Lucila Simão e Emanoelli Falcão



Contabilidade para analistas de crédito – Sicoob Uni Goiás.
Consultor: Armando de Santi Filho



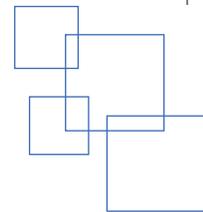
Design de apresentações – Instituto Cooperforte. Consultora: Emmanoelli Falcão



Facilitadores de aprendizagem – Sicoob Universidade. Consultor: Gerson Bonani



Gestão do tempo – Lookindoor. Consultora: Isabel Egler



nasbac não está isenta dessas influências, pois os seus produtos atuais (consórcios, seguro e empréstimo) também passam por momento de reavaliação e confrontação com exigências concorrentes. Para sobreviver, precisava, a exemplo de outras organizações, ser reinventada.

Uma nova empresa

Diante disso, percebe-se que o IFenasbac é uma oportunidade de aproveitar esta convergência: de um lado, a especificidade técnica do Banco Central combinada com ações concretas, já em andamento, no sentido de alcançar a sociedade; de outro, a potencial capacidade do Sistema Federativo Asbac de organizar e promover, junto ao público em geral, eventos que poderão disseminar, entre outros temas, aqueles típicos de banco central.

Foi produzido, então, um suporte normativo e administrativo para que a nova instituição pudesse atuar, também, sem a restrição de se limitar ao seu grupo de associados. A alternativa que se apresentou como natural e mais viável foi a da criação de uma nova empresa, com personalidade jurídica própria, constituída por cotas de responsabilidade limitada, sendo 99% das cotas detidos pela Fenasbac, e o restante, 1%, pelo Presidente da Diretoria Executiva da Federação.

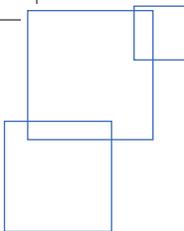
Existem já no mercado instituições congêneres consagradas que, de certa forma, se apresentam como potenciais concorrentes do nascente IFenasbac: IBMEC, FGV, ESAD, ESAF, ENAP, City Business School/IBMEC, Dom Cabral, Instituto Fritz Müller, entre outros. O que diferencia – e de forma marcante – o IFenasbac dessas outras instituições é a possibilidade de oferta de um produto exclusivo, ligado à coleção de competências dos bancos centrais, em geral, com a vantagem de eventualmente se poder contar com profissionais do quadro próprio do Banco Central do Brasil, na ativa ou aposentados, quando justificar o tema.

Tríade gestão corporativa, de pessoas e finanças já insere IFenasbac entre maiores em capacitação

Portfólio de cursos e qualidade de facilitadores têm fidelizado clientela; veja o rol básico de temas

Economia e política monetária

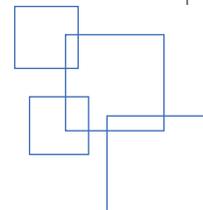
Política Monetária e Regime de Metas de Inflação; Política Monetária e o Juro no Brasil; Política Monetária, Taxa de Câmbio e



Preços; Política Monetária e a Definição da Taxa Selic; Política Monetária e Política Fiscal; O COPOM – Comitê de Política Monetária: Constituição e Funcionamento; Sistema Especial de Liquidação e Custódia (SELIC); Economia e Finança de Empresas; Economia do Setor Público; Economia Financeira e Monetária; Microcrédito; Política Monetária e Regime Cambial; O Poder da Política Monetária no Brasil; Agregados Monetários e de Crédito; Entendendo as Tarifas Bancárias; Liquidez Bancária; Mercado Monetário e Operações de Mercado Aberto; "Real forte" é bom para o Brasil? ; Poupança interna: a arte que o Brasil precisa aprender; Em que circunstância você, cidadão, está, sem saber, agindo como "guardião da moeda"?; Os crimes de responsabilidade sob a fiscalização do Banco Central do Brasil; Crimes Financeiros. Lavagem de Dinheiro. O papel do Banco Central; A Independência do Banco Central, art. 192 da Constituição Federal – por que é tão difícil? ; O perfil do Sistema Financeiro Nacional para as próximas décadas; A Inflação ao alcance de todos. Conheça um pouco melhor para que ela não o engula. O que pode nos acontecer logo, logo (combustíveis, preços em geral etc.); Por que o nosso combustível é caro (aqui dentro)?; Entendendo a Política Monetária (Juros, Depósito Compulsório, Base Monetária etc.). O que é, para quê?, por quê?; Economia para não economistas; Contrato de câmbio; Consórcio: quando é vantajoso; Nas compras: saiba o que está em jogo. Como não ser enganado. Como não ser "roubado". Os tributos embutidos. Os seus direitos de consumidor. Comprando um carro. Comprando um imóvel; Qual é o "melhor negócio do momento"?; Estratégias de Investimento; Aplicações imobiliárias; Como "jogar" na Bolsa de Valores; Para onde vai o tributo que você paga?; Dinheiro falso – como identificá-lo. O que é o "meio circulante"; Finanças domésticas – como viver bem, fazendo economia; As preocupações básicas dos patrões. Compreenda e ajude-o.

Gestão corporativa

Administração da Informação; Estratégias de Negociação; Marketing Gerencial; Criatividade como Fator de Eficácia Organizacional; Métodos de Resolução de Problemas; Mentoriação e Coaching; Gerência Participativa; Planejamento Gerencial; Gestão de conflitos; Motivação e Liderança; Equipes de Trabalho; Planejamento/Administração/Pensamento Estratégicos; Clima e Cultura da Organização – Visão Antropológica; Sobrevivência Organizacional; Análise do poder nas organizações; Gerência do Talento e da Inovação; O Administrador Público; Processo Decisório; Ética nas Organizações; A problemática dos Assédios Moral e Sexual no Trabalho; Sustentabilidade e Responsabilidade Social Corporativa



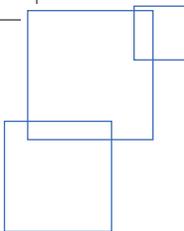
Gestão e análise de crédito corporativo e risco pessoa física — Sicoob Uni Goiás. Consultor Luiz Carlos Mondini



Projeto Sinergia – Shopping Conjunto Nacional de Brasília. Consultora: Lucila Simão



Risco de crédito socioambiental – Sicoob Uni Goiás. Consultor: Roberto Gonzalez



Consolidação e Institucionalização

Atualmente, o IFenasbac palmilha sua terceira etapa de implantação, que é a de consolidação da sua atuação no mercado, quando já se encontra suficientemente conhecido junto ao seu público e capaz de apresentar, de forma planejada e sistemática, uma programação regular de eventos.

Além da programação regular, o Instituto também já é reconhecido pelas suas próprias práticas, baseadas em conceitos modernos de gestão corporativa. Nessa altura, já reúne consistência e maturidade para cogitar formar o próprio núcleo básico de professores, em especial naquelas disciplinas que representam as competências essenciais da Instituição. E conta já com 250 consultores em todo o Brasil.

Em seu último balanço anual, referente a 2017, apresentou faturamento de 945 mil reais, num inédito 57% de incremento em relação ao ano anterior. Além disso, teve vendido 1,2 milhão, numa curva de crescimento notável, com 30% das propostas aprovadas. Os serviços mais solicitados têm se mantido regulares: liderança, com 39%, e formação de facilitadores, com 25% são os mais prevalentes, seguidos de planejamento estratégico, captação e seleção, e recolocação profissional.

Em sua expansão, já incluiu uma nova sede em Porto Alegre, e brevemente pretende implantar outras em São Paulo e Rio de Janeiro.

Histórico do quadro de gestores do Instituto Fenasbac

Em 25nov2011: Constituição do Instituto Fenasbac

Em 1fev2012: Nomeação de Gerson Bonani para o Cargo de Diretor Executivo

Em 2012: Isabel Herminia Egler assume a função de Gerente de Treinamento

Em 20ago2013: Nomeação de Isabel Herminia Egler para o Cargo de Gerente de Treinamento

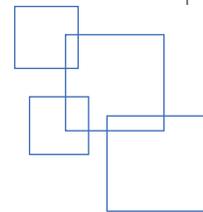
Em 20set2013: nomeada Lucila Simão para o Cargo de Gerente de Negócios

Em 20jan2015: nomeada Lucila Simão para o Cargo de Diretora Executiva

Em 20jan2015: nomeada Emanoelli Falcão da Silva para o Cargo de Gestora de Educação Corporativa

Em 20jan2015: nomeada Isabel Herminia Egler para o Cargo de Gestora de Soluções Corporativas

Em 26out2017: Rodrigo de Azevedo Henriques assumiu o cargo de Gestor de Estratégias Educativas (indicação aprovada Conselho Consultivo em Reunião Extraordinária, na mesma data)



Constituição da atual Diretoria

Diretora Executiva: Lucila Simão

Gestora de Soluções Corporativas: Isabel Herminia Egler

Gestor de Estratégias Educacionais: Rodrigo de Azevedo Henriques

Opinião: adaptar-se para sobreviver

Os tempos são bichudos, e se o caldo em que estamos imersos apenas permite que, mantendo a inércia, tenhamos visão turva do futuro, é hora de mudar. Há momentos em que temos que romper, ir para outro lugar, mudar de ideias, e assumir novos riscos e desafios. Nesse equilíbrio entre integração e mudança é que vamos evoluindo, aprendendo. Cada um faz seu próprio percurso, segue sua receita. É importante ver se estamos acomodados demais, se só nos adaptamos e esquecemos das mudanças possíveis. O IFenasbac surgiu para romper esse marasmo com inteligência, aproveitando a mestria que nos é acessível. Uma chance de ouro para enfrentar e superar novos desafios organizacionais e de sustentabilidade.



Summit HSM – Instituto Fenasbac. Consultores: Lucila Simão e Rodrigoh Henriques



Talk Show – Instituto Fenasbac Porto Alegre.
Palestrantes Lucila Simão, Rodrigoh Henriques e Alê Moesch



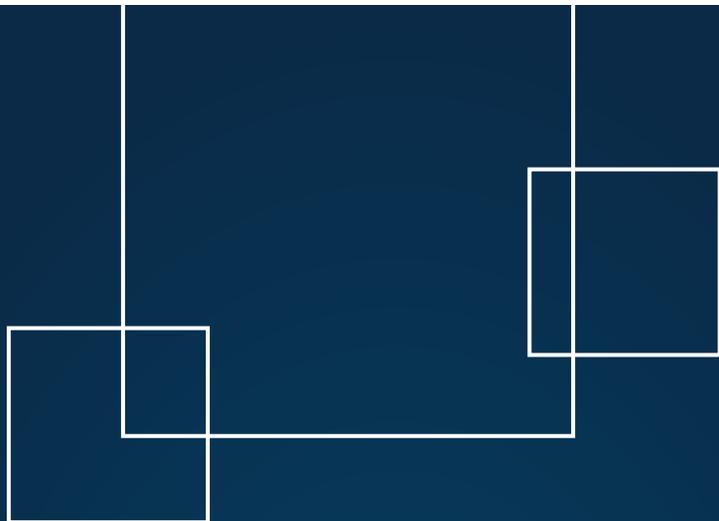
Trabalho em equipe e gestão de conflitos – Aneel . Consultora: Isabel Egler



Treinamento de liderança – Geap. Consultoras: Lucila Simão e Emmanoelli Falcão

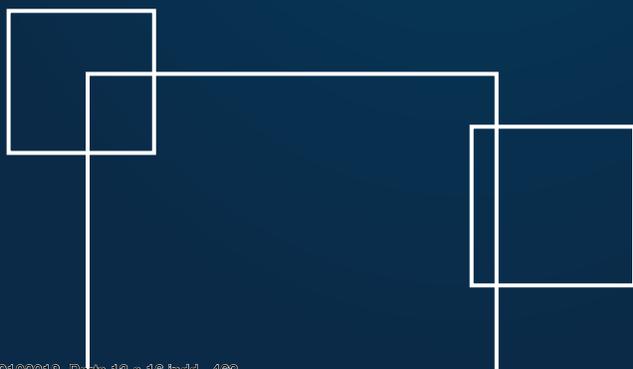


Workshop teoria e ferramentas do projeto de negociação de Harvard – Instituto Fenasbac. Consultor: Pablo Laurino



PERCEPÇÕES

Entrevistas com fundadores, dirigentes e expoentes



“Na Asbac encontrávamos fôlego para seguir em frente, lutar pela valorização”

Abelardo Duarte, Diretor Regional Suplente da Asbac-RJA
Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

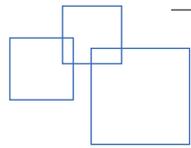
O que ainda une você à instituição?

Desde meu ingresso no Banco Central, em 1978, a Asbac fez parte da minha história. Um dia, doze anos depois, essa vinculação se transformou em desejo. Desejo de também fazer parte da história da Asbac por meio de participação direta na administração. Na época, o Banco Central cedia todos os Diretores eleitos para dedicação integral. Tempos idos. Justamente, no início de nossa administração, ocorreu a cessão apenas do Presidente, no caso a minha amiga Eunice Borges. Não esmorecemos e, mesmo no exercício das funções regulares no Banco, conseguimos entregar à Asbac os compromissos assumidos, o que, se de um lado exigia esforços adicionais para conciliação das tarefas, de outro trazia imenso prazer porque, finalmente, era usuário e administrador. Uma conciliação agradável de interesses.



Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Até pode. No mundo individualista de hoje parece que as relações pessoais se distanciam. Porém, não vejo empresa ou grupos de pessoas que sejam realmente felizes com essa dissociação. Ocupamos praticamente um terço de nossa vida no ambiente de trabalho e dissociar a socialização e o lazer disso é praticamente abdicar de parte da felicidade. Não podemos encarar o trabalho apenas como meio de subsistência. Compreender isto está na essência de nossos instintos primitivos. Está colado à nossa satisfação. Cresci substancialmente quando exerci o cargo de dirigente, diante do conhecimento e convivência entre diversos grupos, por vezes até discordantes, porém sempre com o devido respeito. Foram momentos de intensa alegria que até hoje sustentam minhas emoções.



Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

É instigante conhecer pessoas em sua essência. As relações humanas abrem sua mente, aprofundam horizontes. Observei que grande parte das carências das pessoas ficava escondida. Uma opinião. Uma sugestão. Uma crítica. Perdiam-se no distanciamento da administração. Foi, assim, com grata satisfação que muitos dos eventos realizados traziam o DNA de determinados grupos. Nós apenas viabilizamos. O happy hour musical, o festival do Chopp, várias festas, mudanças no Comary, a reforma do Andaraí, tudo tinha origem nessa convivência.

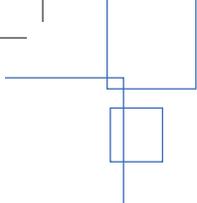
Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Justamente por conta dessa interação com o corpo social, independentemente de suas preferências políticas, conseguimos, sim, realizar eventos importantes. Alguns constantes, como era o caso dos happy hour das quintas feiras no "446"; outros pontuais, como o Festival de Chopp e participações no desfile das escolas de samba; e outros ainda estruturais, como a reforma do Andaraí e de Comary. É um conjunto de lembranças que o prazer em realizar não permitiu esquecimento.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

Claro que comungo, e de forma assertiva. A Asbac começou praticamente como entidade de representação da classe, numa época em que ainda não tínhamos sindicato. Vários anseios do corpo funcional transitaram por ela. Depois virou uma entidade social e recreativa que emprestou alegria aos funcionários do Banco Central que, na época, eram majoritariamente dela associados. Belos tempos de conagraçamento e aqui vão minhas homenagens aos dirigentes da época. Deram base para que, tempos depois, a administração da Eunice Borges, que tive a honra de integrar, encontrasse base suficiente para realizar nossas ideias.



No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

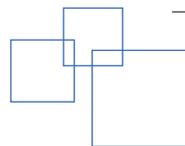
Sim. Meus filhos até hoje relembram as Colônias de Férias, as festas juninas que ajudaram a sedimentar suas próprias personalidades. Infelizmente, o tempo, senhor também de algumas irracionalidades, distanciou alguns amigos de então. Porém, tenho em meus alfarrábios alguns exemplares do jornal que na época publicávamos em que os olhos ainda marejam na felicidade das lembranças.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação continua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Em minha opinião erro estratégico é somente eufemismo para miopia. A Asbac é um braço da administração de pessoal. Nela a mitigação das inquietações que assombram o mundo econômico, em especial aquele vivenciado por funcionários públicos, sempre sujeitos a depreciação de governantes de plantão. Há distorções, claro, mas é covardia jogar nos ombros de toda a categoria as exceções que devem ser combatidas. Na Asbac encontrávamos fôlego para seguir em frente, lutar pela valorização. Sair de determinados eventos com a "alma lavada", para utilizar uma expressão popular. E até auxiliar o processo de depuração. Esse papel não deve ser esquecido.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Sim! Não como crítica ou elogio a uma ou outra geração. Vivemos um mundo diferenciado. Quem pode dizer que esse mundo



é ruim? Ou que o nosso era melhor? Numa comparação histórica, posso sim, dizer que fui muito feliz. Portanto, acumulei vida para lembrar positivamente. Vejo, hoje, que esse mundo de integração está um pouco desintegrado. Hoje as pessoas privilegiam o mundo eletrônico e não as relações pessoais. Certo? Errado? Não me compete julgar. Porém, particularmente prefiro lembrar dos amigos esquecidos no tempo do que me conformar com uma mensagem apagada no WhatsApp.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Aqui entra mais uma vez o conformismo e a acomodação das pessoas. Claro que isto interferiu na interação dos clubes. Porém, no caso específico da Asbac, creio que o fato de que ainda é possível reunir pessoas de, digamos assim, mesmo meio de convivência profissional, há condições de sobrevivência, desde que devidamente estimuladas as percepções de cada um. Acho, por exemplo, inconcebível que ao ingressar no Banco Central não seja apresentado aos novos o real papel da Asbac, inclusive histórico, alijando no mínimo a vontade do pertencimento.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Seria injusto com a história nomear pessoas. Bom mesmo é agradecer a todos os dirigentes que, nesses longos anos, ajudaram a dar vida à Asbac. A todos eles, independentemente de credo ou estilo, as honras de uma Associação cujo nome está gravado em meu coração.

“Na medida em que nos reuníamos, aumentava o grau de satisfação por trabalhar no Banco Central”

Airton Streher Escobar, Diretor Regional Suplente da Asbac-POA
Março de 1980 - Março de 1983

**Qual foi seu envolvimento com a Asbac?
O que ainda une você à instituição?**

Fui Diretor.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Evidentemente que não.

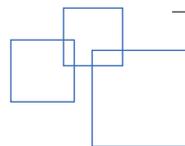


Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Foi o conagraçamento entre os associados, dentre inúmeras outras coisas.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Sim, consegui. Foram muitos os eventos: as festas de Natal foram consideradas por muito tempo, em nossa gestão, como de fundamental interesse junto aos associados. A Asbac dispunha então de recursos inesgotáveis. Adquiríamos presentes que atingiam a todos os associados, tais como: televisores em cores, aparelhos 3 em 1, refrigeradores, microondas, etc. Outro item muito apreciado dizia respeito aos eventos sociais, notadamente aos bailes, onde contratávamos bons conjuntos musicais, bem como artistas de expressão nacional. Outra atração consistia na apresentação de um show deste diretor, como dançarino de tangos. Considerando a realização de múltiplos eventos esportivos de nível nacional, nossa entidade sob nossa direção envidava todos os esforços possíveis, inclusive com a colaboração da administração local do Banco, a qual sempre foi sensível aos nossos pedidos, para a liberação de funcionários atletas. Destacamos, como impar, que durante a Guerra da Malvinas realizamos viagem de excursão a Buenos Aires, tendo a mesma sido de grande impacto frente à situação pela qual



passavam nosso irmãos. Durante o voo esta administração recebeu um voto de louvor a 12 mil metros de altitude pela coragem em realizar tal façanha. Considerando o caráter regional da associação, merecem destaque os inúmeros churrascos programados, regados a bebidas distribuídas de forma gratuita a todos os amigos. Registro também que a parte artística dos eventos ficava à cargo do colega Cesar Pons, declamando "A velha faca", poesia gaúcha muito conhecida nos Pagos. Registro que, por ocasião dos aniversários dos associados, presentes eram ofertados para comemorar a data. Ainda, e por derradeiro, destaco a realização de convênios com óticas, lojas, escolas de idiomas, clínicas odontológicas e afins. Na Páscoa, a Asbac conseguia junto às fabricantes de ovos de chocolate substanciais descontos promocionais, chegando a mais 50% em compras associadas.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

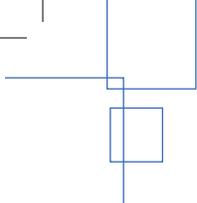
A Asbac, em nossa gestão, desempenhou relevante papel para, pelo menos, três gerações de associados e seus familiares. Sempre comunguei da ideia de ser fundamental a participação da Entidade frente aos servidores. Na medida em que periodicamente nos reuníamos, aumentava o grau de satisfação por trabalhar no Banco Central.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Sim, a participação familiar foi de grande utilidade nos eventos de um modo geral.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Sim, foi de grande importância para a Regional, na medida em que mitigava perdas salariais, gerando conforto dos associados no cumprimento das suas obrigações financeiras. Em menor grau, as atividades recreativas e culturais faziam aflorar as potencialidades individuais criativas. O abandono a que foi relegada a Associação por décadas após nossa gestão foi sim um tremendo erro de estratégia da administração do Banco Central do Brasil.



Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

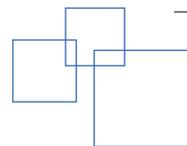
Sim, as diferenças do perfil dos funcionários vêm sendo paulatinamente afetadas, no que respeita ao amor pela Instituição, à busca desenfreada por crescimento pessoal, cursos e afins, gerando conflitos internos de disputa de posições e cargos, isso em minha opinião. O perfil de hoje é completamente diferente daquele por nós vivenciado. A Asbac foi muito importante na união das pessoas, dos funcionários, da administração, pois via em nós colaboradores dedicados e fraternos.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Sim e não. Explico: para aqueles que não residem em condomínios ou não dispõem dessas alternativas de lazer, afigura-se como fundamental a existência da Asbac; já, para os demais, serve como elo de união.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Dentre os que conviveram conosco, destaco os seguintes: Paulo de Tarso Galarça Calovi, César Pons, Lili Matilde Kruger Hans, Sílvia Grimaldi, Paulo Stein.



“Relevante, promovendo o convívio, a Asbac une e melhora o clima organizacional”

Alberto Shigueru Matsumoto, Diretor Regional da Asbac-SPO
Março de 1983- Março de 1986

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Quando tomei posse, frequentava as dependências (bem simples) da Asbac na rua Boa Vista esqui-
na com a Ladeira Porto Geral. Posteriormente, o en-
volvimento foi muito grande, principalmente quando fui
eleito Diretor Regional em SP. Mesmo antes era assíduo
frequentador das atividades, tanto nas dependências no próprio
prédio do BC, no ex-colégio Porto Seguro como na sede de Gua-
rapiranga, quando fui convidado pelo então Diretor Regional, Luiz
Carlos Casemiro, a assumir a Diretoria de Esportes. Após 18 anos
de trabalho em SP, fui convidado para trabalhar em Brasília, onde
fiquei até me aposentar. Lá eu frequentava com maior intensidade
as piscinas, as quadras de tênis e as churrasqueiras, além de even-
tos sociais como bailes, festas juninas, dia da criança, festas de final
de ano, etc. Mesmo morando em Portugal, não deixei de ser asso-
ciado pelo simples fato de retornar a Brasília e SP durante 3 meses
por ano e frequentar esporadicamente. Ficaram mais as amizades
do convívio asbaqueano

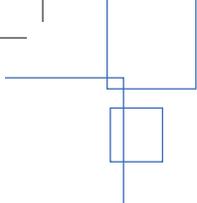


Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

É muito difícil, mas alguns (poucos) associados me diziam não fre-
quentar as atividades e as dependências da Asbac para não ver
as “caras” dos colegas. Esses não se envolviam, exceto naquelas
que não havia socialização, como sorteio de ingressos a teatros e
shows. Frequentavam a biblioteca e tomavam dinheiro empresta-
do, que naquele tempo havia essa modalidade.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

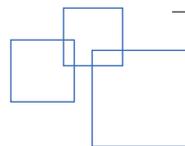
Como sou formado em Administração, sempre enxerguei a Asbac
como uma extensão do Departamento Pessoal, pois integra e so-



ciabiliza os colegas. No trabalho, muitas vezes temos que manter a formalidade, fruto de regulamento e postura exigida pelo empregador. Na Associação é bem diferente, pois você pode estender uma conversa informal e ficar horas em conversa agradável ou mesmo para trocar ideias que durante o expediente seria impossível. O entrosamento familiar também é importante. Muitos mantêm a amizade familiar até hoje, mesmo depois da aposentadoria. Mas fora do ambiente de trabalho você conhece melhor seu colega. Um me chamou muita a atenção: um colega muito admirado pelo seus pares pela competência e sociabilidade, quando jogava futebol nos campeonatos internos se transformava: brigava com os adversários, xingava e acabava sendo expulso. Ele era totalmente o oposto quando trabalhava no banco, um gentleman.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Sem dúvida, sempre media os eventos pela quantidade de associados que aderiam. Não menos importante era a organização para que não houvesse reclamações e piorasse o clima da comunidade. E tinha que ser pensado em tudo, desde atingir a todas idades, gêneros, crianças e até os pais dos associados, e se no dia evento iria chover ou fazer sol. Quanto mais felizes seus entes queridos estivessem por terem participado do evento, naturalmente se refletia no associado. E era medido no dia útil seguinte, com os comentários do pessoal. Havia elogios e críticas. Eu ficava sabendo, pois em todos os departamentos do banco tinha pelo menos um amigo que me trazia os elogios pedindo para repetir ou críticas para serem melhoradas no futuro. E eram muitas as atividades para melhorar o clima da comunidade: festas da criança, dia dos pais, das mães, junina, natalina, campeonatos de jogos de salão, em atividades externas, com outros bancos e empresas, torneios internos, ou simplesmente propiciar que o associado descansasse na piscina ou que tivesse uma boa refeição no restaurante. Uma atividade se destacou no meu tempo, em que havia conagraçamento de toda família do associado. Foi o "undocai", uma espécie de gincana com a expertise japonesa. Esse evento pôde ser realizado graças à união e colaboração de cerca de 40 associados, a grande maioria de ascendência nipônica, que continuam sendo meus amigos. Outra atividade que permanece unindo várias famílias até hoje: com muitos servidores da terra do Sol Nascente, surgiu a ideia de formar um time de futebol somente com os associados de olhos puxados, o Gaijin. Formou-se não apenas 1, mas 4!, em um torneio interno promovido pela Asbac. Mesmo à distância continuo rece-



bendo informações das atividades desse grupo que está unido há mais de 3 décadas. É nessas horas que sinto ter tomado a decisão de morar na Europa.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

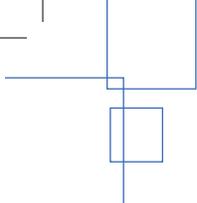
Certamente que comungo. O convívio durante anos com as mesmas pessoas no trabalho pode melhorar se a Asbac unir e melhorar o clima organizacional. Da minha época ainda tem (poucos mas ainda tem) colegas na ativa que trabalharam comigo. Eles relembram para os colegas mais novos momentos marcante do passado. Eu me lembro que tínhamos um jornal semanal chamado DIVUL, onde informávamos as atividades da associação e uma coluna de classificados, que era muito lida pelo funcionários. O banco copiou a ideia e a mantém até hoje.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Sim, foi muito importante e os amigos os mantenho até hoje. Eu e minha família participávamos de inúmeras atividades, seja nos conagraçamentos, nos esportes (minha ex-esposa participava do time de vôlei e da natação e eu do futebol, tênis de campo e de mesa, além do xadrez), dos encontros sociais e da promoção de cultura. Graças às redes sociais mantenho contato com amigos, ex-colegas, que moram bem distantes (moro em Portugal). Certamente a Asbac foi importante no estreitamento dessas amizades.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Sim, a Asbac foi muito importante para o banco pois, como mencionei acima, eu a encaro como uma extensão do Departamento de Pessoal, pois integra, melhora o clima organizacional, favorecendo as atividades laborais. A comunicação dentro do banco é hierárquica, ao contrário da associação, em que se pode conversar com seu gerente ou chefes dos mais diversos níveis e de outros setores. Pode-se trocar ideias do serviço tomando uma cerveja. Muitas empresas, inclusive as multinacionais, dão muita importância a essa integração pois há benefícios para elas, mantendo e investindo nos



seus clubes. Entretanto o banco, por ser um órgão do governo, tem restrições orçamentárias e parte da sociedade encara como despesa e não necessária para suas atividades, infelizmente.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

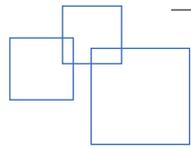
Tenho pouco contato com o funcionalismo da ativa do banco. O que vejo é que os dirigentes da Asbac procuram fazer as atividades visando ao conagraçamento, sociabilização, e integração, com os poucos recursos que possuem. Contudo, desde minha aposentadoria, vejo que o funcionalismo atual, com raras exceções, fica mais no ambiente profissional. Lembro que fiquei na sede de 1999 a 2014, em Brasília (fui cedido por 7 anos para a Telebrás, que era a holding das telecomunicações, proprietária da antiga Telesp, e por 2 anos para a AGU – Advocacia Geral da União, antes da aposentadoria). Embora a Asbac-Sede seja um clube dos mais equipados e instalados, além de ser no centro da cidade, a grande maioria dos servidores não a frequentam, não sendo associados.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Penso que a Asbac teria que buscar outras atividades que não a de lazer que os associados possuem em seus condomínios, que lhes sejam gratificantes e estimulantes.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Uma se destaca em inúmeras atividades da Asbac do passado e penso que de hoje também. Ela ainda está na ativa. Participava e colaborava de quase todas atividades sociais, culturais e esportivas sempre alegre, distribuindo simpatia, sorrisos e gargalhadas. Não conheço uma só pessoa que falasse mal ou lhe criticasse. É a Luiza Setsuko Higashi. Outros dois, que são meus amigos no Facebook e vivem postando fotos do passado, continuam lembrando os bons momentos da associação: Luiz Carlos Casemiro e Aristeu de Campos Filho. Pena que eu não guardei as fotos de minha gestão.



“Futuro das Asbacs regionais seria abrir para a comunidade”



Antônio Carlos Pinho de Lima, Diretor Regional Janeiro de 1992- Janeiro de 1995; Presidente do C. A. Janeiro de 2013- Janeiro de 2016, na Asbac- BHO membro efetivo Conselho Deliberativo Asbac Nacional, Jan95- Jan98

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Fui diretor presidente da Asbac/Dimig no período de 1992/1994 e tive participação em outras diretorias. Ainda tenho vínculo com a instituição porque faço o possível para que se mantenha em atividade, conversando com seus atuais funcionários. Até a presente data tenho utilizado de suas dependências para eventos particulares.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Até existe, mas o correto, na minha opinião, é sempre socializar as pessoas através do lazer, até porque é a melhor maneira de conhecermos uns aos outros.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

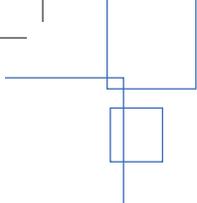
Nossa gestão foi sempre focada em realização de eventos variados. Praticamente tínhamos uma média de dois por mês, com a participação dos associados e familiares.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Com toda a certeza obtinhamos uma melhora no relacionamento entre os colegas. O Sr. Edson Sabino, há época diretor de Fiscalização, ligava de BSB para saber qual o próximo evento do final de semana.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC. Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

Comungo com essa ideia sim. As principais medidas visavam ao conagraamento entre associados e a participação de seus familiares.



No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Muito relevante, uma vez que nossos filhos ficavam, às vezes, sozinhos no clube e todos que ali frequentavam sabiam quem eram seus pais.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação continua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Sempre foi muito importante para o Banco Central, principalmente para a imagem do mesmo. Considero um grande erro o BC deixar a instituição Asbac ser depreciada continuamente.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

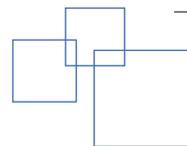
O perfil do funcionalismo de hoje é completamente diferente do daquela época. Nas datas mencionadas na pergunta, fazíamos a apresentação da Associação ao novo funcionário, mostrando tudo aquilo que tínhamos de melhor. Hoje, os funcionários que chegam não são motivados, e a maioria já possui espaço para lazer.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

A minha opinião e o que consigo vislumbrar para a manutenção, pelo menos das Asbacs regionais, seria abrir as portas para as comunidades onde estão localizadas ou, então, criar espaços internos para exploração de lanchonetes, barzinhos, salão de beleza, escolinhas infantis, etc. Aqui em MG o BC nunca deixava a associação fugir de suas finalidades e nós obedecíamos.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Sinceramente não tenho a menor ideia, isto porque já estou afastado do seu quadro diretivo há mais de dez anos.



“Crise? Não há nada que planejar com inteligência, gestão moderna e sensibilidade não melhorem”

Aymoré Jaroslav de Melo Hostensky, associado desde Setembro de 1974

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

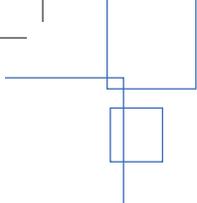
A partir da minha associação, setembro de 1974, indo até meados da década de 80, foi um dos principais e mais saudáveis locais de lazer de minha família e tenho certeza da de outros colegas. Meus filhos, com idade inicial de 7 anos, faziam natação, um deles tênis, outro iniciou no futebol mas parou. Tenho uma filha, hoje com 40 anos de idade, que foi ganhadora de muitas medalhas na natação. Com o tempo, a maioria dos colegas mais antigos foi se afastando, por vários motivos, inclusive pelo fato de diversos terem comprado casas com terrenos grandes e áreas de lazer (isto me foi dito por alguns, não é de minha lavra).

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Muito pelo contrário. O ser humano, antes de tudo é um animal gregário, solidário e social. O trabalho em si é somente um aspecto (embora significativo) das complexas interações humanas, com a coletividade, com grupos menores e consigo próprias. A completude a meu ver somente se concretiza com trabalho, socialização e lazer, este último sob os seus aspectos mais abrangentes. Esta é minha visão pessoal. E mais ainda, esta complementação me parece de vital importância até para afastar muitas das doenças do mundo moderno. De outra sorte, também abre horizontes. Sei de várias pessoas (e tenho alguns amigos de muitos anos), pertencentes ao quadro social da Asbac, as quais, mesmo sem serem servidoras do Banco, frequentam o clube, jogam futebol e, para mim, enriquecem mais ainda nossa complexa malha de relacionamentos.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Nunca fui associado dirigente. Pode ser que você esteja me confundindo com algum outro colega. De qualquer forma, dentre muitos,



podemos citar a forma de eleição democrática, a proximidade da maioria das diretorias aos associados e seus anseios.. Podemos até citar situação recente onde, por demanda dos associados, a Diretoria liberou os frequentadores das churrasqueiras da proibição de trazerem bebidas. A meu ver foi uma medida saudável e salutar, ventilou o aspecto de liberdade de escolha consciente e, no fim, o bar continua lá. Eu mesmo, às vezes, vou à churrasqueira, levo alguma coisa mas sempre efetivo compras no bar pois tenho consciência da importância deles estarem lá, tão próximos, nos servindo e trabalhando mesmo nos fins de semana enquanto desfrutamos de nosso lazer.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Nada a comentar.Não fui dirigente.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC. Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

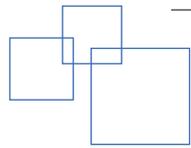
A meu ver, desempenhou e creio ainda desempenhe. Repetindo algumas colocações acima, lá era e ainda é o local onde as pessoas se encontram sem hierarquia, sem ternos e de forma democrática. Muita coisa mudou, tem mudado e mudará, e como todas as vivências humanas, com acertos e erros. No caso da Asbac, vejo mais acertos que erros

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Com certeza absoluta sim.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Sem sombra de dúvidas, importantíssimo para os funcionários e



por tabela para o próprio Bacen. Toda empresa são os funcionários, na realidade, principalmente no atual mundo de dados, avanços galopantes e maleabilidade de dados, são o maior patrimônio de qualquer instituição. A depreciação contínua (caso esteja ocorrendo, não posso valorar aqui e agora), seria um erro, uma falha, um descaso, e o reflexo de uma visão obtusa e até miope. Veja o exemplo de muitas empresas de ponta de tecnologia, onde mais parece estarem as pessoas em áreas de lazer que em ambientes de trabalho. É claro que isto não diz respeito ao Bacen, Instituição séria e com enormes responsabilidades junto à sociedade, mas poderia até ser um norte.



Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

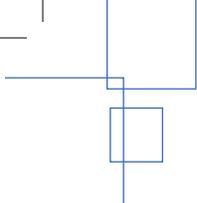
Diferenças são enormes. Idade de ingresso, nível cultural, de socialização etc. Mas de minha parte, consegui manter e ainda mantenho um ótimo relacionamento com vários funcionários mais jovens.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Posso estar enganado, mas não há nada que um bom planejamento, uma inteligência tática e operacional, uma pesquisa séria, uma gestão moderna e a sensibilidade para os anseios das pessoas não consiga melhorar.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Prefiro passar, são muitos. Seria injusto nomear alguns e deixar outros de fora. Posso dizer que são vários associados, alguns, conforme já afirmei, até de fora do quadro funcional do Bacen.



“À Asbac me une a vontade de sempre estar servindo ao bem-estar dos colegas”

Carlos Tadeu Pimenta, Diretor Regional da Asbac-SAL
Março de 1980 - Março de 1983; Diretor Regional Adjunto da Asbac-BSB
Janeiro de 1995- Janeiro de 1998; membro efetivo Conselho Deliberativo
Asbac Nacional, Março de 1986 - Março de 1989

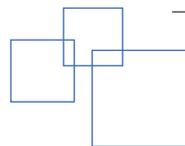
Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Tomei posse no Banco Central em 9 de dezembro de 1977 e foi nessa época que comecei a me integrar com a Asbac. Naquele tempo tínhamos, em Salvador, boas festas. A Diretoria era composta pelos queridíssimos Milton de Melo Sá e Antônio Passos. Em 1979, fui a uma reunião onde estavam presentes alguns candidatos para a diretoria da Asbac Salvador no mandato 1980/83. Para minha surpresa, após a reunião fui indicado para ser candidato a diretor regional, o que culminou com a minha ascensão a diretor regional junto com Jacson Arléo. Até hoje não consigo me desvencilhar da associação. Fui membro do Conselho de Administração da Asbac Nacional e do Conselho Fiscal, também nacional. Em 1988, fui eleito Diretor de Administração da Asbac Nacional, hoje Fenabac, onde cumpri o primeiro mandato e fui reeleito para o próximo mandato, até 1992. Me aposentei em novembro de 2015, e fui convidado a participar da diretoria de Brasília como Gerente Administrativo e Financeiro. O que me une à Asbac é a vontade de sempre estar servindo e contribuindo com o bem-estar dos colegas e seus familiares. A Asbac continua sendo o meu quintal.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Claro que não pode existir trabalho dissociado do meio social e do lazer. Isso porque a cada dia mais necessitamos ter qualidade de vida no trabalho, e a Asbac é o instrumento certo para podermos misturar trabalho e qualidade de vida, tanto para os servidores quanto para seus familiares. É dessa convivência que aumentamos os laços familiares.



Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Em toda minha vida de dirigente vi e presenciei muitas pessoas e alguns colegas me ensinarem coisas que mudaram minha percepção de humanidade e humildade. Em Salvador, tivemos vários grupos musicais, esportivos e sociais que abrilhantavam e agitam toda a sociedade asbaquiana da época. O futebol e o voleibol sempre foram o carro chefe daquela regional. O encontro dos aposentados de Salvador foi a grande conquista da minha gestão como diretor regional, tendo em conta que aquele grupo se reunia fora do clube. Foi quando tive uma conversa com os representantes do grupo e, até hoje, eles se reúnem toda sexta-feira na Asbac Salvador.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Com certeza consegui colaborar com a melhoria da qualidade de vida da comunidade baceniana, uma vez que, com os esforços dos membros de nossa diretoria regional, conseguimos comprar o tão almejado clube de lazer para os servidores da regional de Salvador, aliás, a inauguração deste espaço foi presenciado pela diretoria do Banco Central da época, em 9 de maio de 81, e por todos os dirigentes da Asbac. Também fui eu quem criou o cartão frequência, que levaram os convidados a contribuir para frequentar o clube. Hoje, este frequentador é chamado de Usuário.

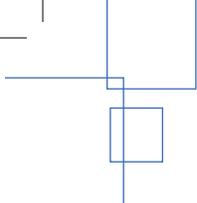
Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

A Asbac foi criada com o propósito inicial de amparar financeiramente os seus associados, inclusive já foi agente do plano de saúde. Ela desempenhou papel relevante em todas as gerações desde a sua criação, em 1966. Hoje a sua participação é menor entre os jovens que ingressam no Banco Central. Entendo que necessitamos criar meios de atrair os jovens para ingressar na Associação.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Quando casei em 1980, era diretor regional de Salvador e isso me deu um balizamento social. Ali fiz vários amigos com os quais parti-



cipava de grandes festas, promovendo o convívio das nossas crianças e de seus pais. A Asbac tornou-se o quintal da nossa casa, pois a maioria de nossos amigos e parentes frequentava o mesmo ambiente. Nesta ocasião, fizemos muitos torneios de futebol, voleibol, tênis de mesa, xadrez e outros.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

A Asbac no passado era tudo isso e por isso tornou-se importante em suas várias missões. O Banco Central, por sua natureza, não pode suprir o papel da Asbac que, por algum tempo, no passado, foi cogitado para ser também representante sindical, o que foi rechaçado pelos associados. O Programa de Qualidade de Vida no Banco Central carece de apoio da Asbac, no que tange às áreas cultural, recreativa e financeira e, por tabela, a Asbac precisa de apoio do BC em sua área social. Após o governo Collor, quando o Banco Central foi impedido de colaborar financeiramente com a Asbac, houve desajustes em algumas unidades regionais, principalmente na de Brasília, por ter uma estrutura maior. Isso, salvo melhor juízo, contribuiu para o povoamento com pessoas que não são do quadro de servidores do banco.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

A primeira diferença é que os servidores de hoje têm visão diferente daqueles que tomaram posse naquelas décadas. O da década de 70 hoje são avós e praticamente não frequentam constantemente a associação, uma vez que conseguiram seus imóveis e seus pares e filhos frequentam outros ambientes, que nem sempre é a Asbac. Os que vieram na década de 80 podemos também incluir, em parte nos anteriores. Porém os que entraram



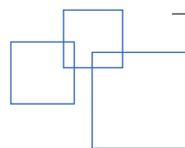
no banco na década de oitenta ainda frequentam a Asbac, mas não com o ímpeto que tinham os frequentadores das duas décadas anteriores, até porque o início da década de 90 foi quando começaram as vacas magras. A partir de 2000, as atratividades da Asbac foram diminuindo para aquela faixa de jovens que vinham com outras mentalidades. Hoje a Asbac precisa ser recriada, principalmente para atender ao associado idoso com seus netos, bem como aqueles jovens que tomaram posse no banco e têm aspectos culturais e sociais diferentes.

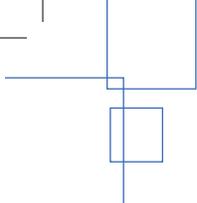
Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Como falei anteriormente, a Asbac tem que se reinventar, principalmente porque a concorrência dos grandes condomínios, onde tem de tudo, não estimula ao associado ou ao candidato a associado a frequentar outros pontos sociais. Além disso, a Associação, que era Nacional, acabou sendo dividida e, com isso, seus tentáculos se enfraqueceram. Só não está pior porque a Fenasbac as socorre com recursos financeiros.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac.

Na minha convivência vi grandes nomes que podem muito bem representar a Asbac como sendo um alicerce para o bem-estar do seu associado. Vou exemplificar alguns sem, contudo, esgotar os nomes: Milton de Melo Sá (Salvador), José Claudio Mendes Pinho, Sérgio Luiz Martins Coelho (Rio de Janeiro), José Garcia Netto (São Paulo), José Henrique Germano (Brasília), Paulo de Tarso Galarça Calovi e Paulo Renato Tavares Stein.





“Deixar deteriorar significado da Asbac é erro estratégico de gestão da associação e do BC”

Dílson Sampaio da Fonseca, membro efetivo Conselho Deliberativo Asbac Nacional, Abril de 1979 - Março de 1983
Março de 1983 - Março de 1986

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Como Chefe do Gabinete da Presidência do Banco Central, eu era o presidente nato do Conselho de Administração da Asbac. Hoje, apenas um seguro de vida e a doce lembrança me ligam à Associação.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Até pode, mas sem socialização e lazer o trabalho murcha.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

A confraternização, até nacionalmente, como ocorreu na Olimpíada de 1981.

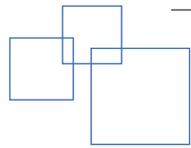
Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Sim. Foi um período de consolidação das sedes regionais. Na sede de Brasília, por exemplo, destacaria os diversos shows de artistas consagrados e as festas juninas e natalinas.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

Concordo. As atividades sociais e recreativas atraíam funcionários e seus parentes, de pelo menos duas gerações.



No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Sim. Minha mulher, eu e os filhos aproveitamos bem os clubes. Lembro que minha mulher e eu participamos até de campeonato de buraco no clube.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação continua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Sim. Deixar que se deteriore o significado da Asbac é erro estratégico da administração, tanto a da associação quanto a do Banco Central.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Bastante diferença. Estamos vivendo uma época de prevalência do individualismo sobre o associativismo.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Em Brasília, acho eu, não tem havido uma verdadeira explosão de condomínios, mas em cidades como o Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Recife e Fortaleza, os clubes pequenos estão sentindo muito a competição com os condomínios.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Bem, a pergunta é sobre o presente, então me limito a nomear uma pessoa que muito fez pela Asbac de Curitiba, que nem sede tem. Falo de Roberto Siqueira, agora aposentado, que se desdobra como dirigente local da associação.

“Orgulho de realizar eventos como a Olimpíada interna em Brasília, com mais de 800 atletas”

Divino Alberto Soares, Diretor Executivo Presidente da Asbac-BSB
Junho de 2003 - Janeiro de 2004

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Desde o momento que foi inaugurada a Sede Brasília – Dezembro de 1977, sou um associado assíduo. Gosto muito de estar no Clube Asbac. Participei de diversas competições: federadas, regionais, nacionais, olimpíadas, com diversas viagens a outros Estados para competição e lazer. Buscamos sempre zelar pelo seu nome e patrimônio. Ao longo desses anos, fizemos parte da Diretoria por diversas vezes. Atualmente, estou no terceiro mandato no Conselho Fiscal, desta vez como suplente. O que me une à Instituição: o prazer de frequentar, jogar meu futebol, seja nas peladas ou campeonatos internos na categoria Cinquentão, onde reencontramos muitos amigos, novos colegas do Banco. A utilização do Parque de Churrasqueiras, onde encontramos uma excelente infraestrutura, para bem estar familiar ou com os amigos.

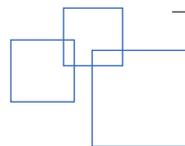
Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

De maneira alguma. Descansa a cabeça! Acredito no bem estar nesse elo trabalho e lazer, onde a descontração, a convivência social e os relacionamentos descontraídos do clube fazem e criam uma condição de abertura para um bom relacionamento entre os colegas.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Primeiro: relacionamento participativo. Buscava criar a confiança necessária à participação do colega associado na frequência ao clube ou nos eventos promovidos; depois: no esporte, atendia e oferecia condições para as equipes de menor porte; e, por último, participava e competia nos eventos individuais.





Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Evidentemente que sim! Realizamos diversos eventos: esportivos (corridas, campeonatos internos: futebol de campo, tênis - diversas categorias) e sociais (Festa Junina, Bailes (dia das mães, anos 60). Como destaque, Jogos Internos do Bacen – Olimpíada – com participação de mais 800 atletas

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC. Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

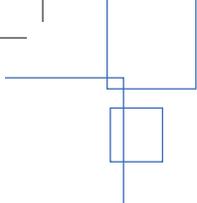
Sim! Quando entrei no BC – março de 1977—era obrigatório ser sócio da Asbac. O clube estava sempre muito cheio de colegas com a respectiva família. Havia a participação do BC em todos eventos, inclusive no final do ano: Festa de Confraternização da Diretoria do BC com os funcionários, sorteios de brindes, prêmios, até veículos ao associado. E também distribuição de brinquedos aos associados dependentes, por faixa etária. Tudo isso facilitava e contribuía com o relacionamento, não só do associado como também com os membros da Diretoria do Banco.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Totalmente. Participava de todos os eventos promovidos e, em consequência, me relacionava com todos aqueles colegas participantes e, ao final, via ampliado o círculo de amizade e relacionamento.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Sim! Em todo os aspectos! Quanto à depreciação, os novos colegas não se interessam em ser sócios e participar da Associação. O término da participação do BC, a partir de 1990, com sua cota financeira e contribuição patronal foi um divisor de águas. Sendo assim, a Asbac-DF teve que abrir a opção para sócios contribuintes, convênios com órgãos e entidades e partir para o arrendamento de suas instalações (bares, restaurantes, academia, escolinhas de futebol, natação, tê-



nis e outros). Cabe aos colegas dirigentes buscar alternativas (com a participação efetiva da Fenabac) para dar continuidade ao funcionamento em alto nível do clube Asbac.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

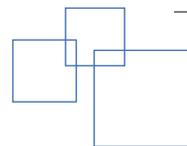
Totalmente diferente daquelas épocas. Hoje, tem-se a necessidade da formação superior para todos os níveis de carreira, em que encontramos colegas com um nível de formação estruturada com pós graduação, mestrado e até doutorado.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Claramente que sim! A Asbac tem um nome estruturado e consolidado. Além da participação e suporte da Fenabac, tem o nome da instituição Banco Central do Brasil, para manter sua atuação marcante como Clube Social.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

São tantas pessoas, que prefiro nomear todos os dirigentes que participam ou participaram ativamente do dia a dia das Asbacs. Mas faço aqui uma homenagem especial a duas pessoas que conheci quando entrei no BC/Asbac, pelo seu companheirismo, dedicação, participação, zelo e amizade com todos: José Henrique Germano e o grande Noronha, Carlos Noronha Gomes da Silva. Para finalizar, gostaria de colocar o nome de Derci Enrique Mendes, que exercia a Presidência, companheiro de Gestão, quando da realização das obras citadas.



“Para sobreviver, clubes pequenos como a maioria das Asbacs passam por perda de identidade”

Fernando Ribeiro Hermida, Diretor Presidente da Asbac-SAL
Julho de 2006 - Janeiro de 2007

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Por ser praticante ativo de futebol, esporte que sempre foi destaque na Asbac Salvador, sempre participei das atividades e da sua vida administrativa, mesmo que sem integrar cargos de Diretoria, mas sempre à disposição para o que fosse necessário discutir. Esse vínculo, complementado pelo exercício como Diretor no período de janeiro de 2007 a dezembro de 2009, só fez solidificar essa união.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

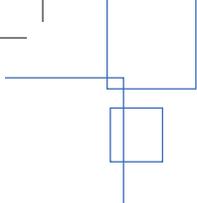
Em minha opinião, o trabalho tende a fluir com mais naturalidade e, em consequência produtividade, quando existe socialização e lazer entre os funcionários. Não surpreende que as organizações tenham a preocupação de inserir atividades laborais que concorrem para a qualidade de vida nas dependências das empresas.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e que chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

No período em que fui dirigente, a Asbac Salvador passava por sérios problemas financeiros, e o clube estava em precárias condições físicas, de modo que foquei minhas energias na sua recuperação, tendo conseguido não só a plena recuperação física, durante o nosso mandato, bem como na parte financeira, deixando quase R\$500 mil aplicados. Na parte social, mantive as atividades usuais, e as comemorações mais tradicionais, festas de S. João, Natal, e a grande festa por ocasião do encerramento dos campeonatos de futebol. O envolvimento dos sócios efetivos foi muito pequeno.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Como disse na questão anterior, o nosso foco foi na recuperação da



instituição, mas mantendo os eventos tradicionais. Para o quadro de sócios efetivos, o maior evento de integração era o chamado "baba do pato", torneio de futebol exclusivo para os funcionários e dependentes, que se realizava ao final do ano, última atividade antes de parar o campo de futebol para recuperação. Eram escolhidos na hora, quatro equipes, que jogavam entre si, ficando o último colocado com a denominação de "Pato". Na ocasião compareciam os familiares, que assistiam aos jogos torcendo e tomando umas cervejinhas, para a confraternização ao final dos jogos, regada a bebidas e jantar.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medida e aspectos?

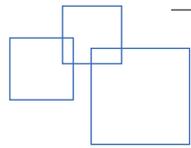
Sim. Antigamente, a despeito da regionalização, eram promovidos torneios de várias modalidades esportivas em nível nacional, e às vezes entre algumas regiões, que concorriam não só para o conagraçamento social, como também promoviam a aproximação de colegas com os quais o contato era apenas por telefone. Àquela época, o dirigente do Clube era dispensado pelo Banco para prestar este serviço e a integração era bem maior. Em Salvador, tínhamos disputas exclusivas de sócios efetivos e dependentes, de xadrez, dominó, futebol, vôlei, gamão, torneios de buraco, etc. que nos colocava em contato com os colegas de outros setores.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Sim. Frequentávamos com assiduidade o clube e a integração com os colegas e seus filhos foi muito grande, permitindo um convívio mais próximo no ambiente de trabalho e nas nossas relações familiares.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar um erro de estratégia?

Cabe aqui, talvez, a identificação das peculiaridades de cada regio-



nal. A manutenção de Clube com a receita exclusiva de associados efetivos, após o governo Collor, que vetou a participação patronal, tornou-se inviável, tendo cada regional, ao seu modo, buscado solucionar a questão. Talvez a preocupação da Administração do Banco para com a Asbac tenha diminuído muito a partir da proibição de repasse de verbas, e em alguns casos, a dificuldade na manutenção de espaço físico no próprio Banco, concorreu para o afastamento.



Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

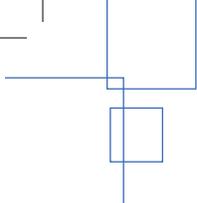
Não sei se isto ocorreu apenas no âmbito do Banco Central mas, a meu ver, noto uma vinculação menos intrínseca do funcionalismo de hoje para com a Instituição. Talvez isto se deva às próprias modificações sociais ocorridas ao longo do tempo.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Não. A meu ver, esses clubes para sobreviver passam por uma perda de identidade. A receita auferida com a contribuição dos sócios efetivos, no caso da Asbac Salvador, é insuficiente para quitar as contas de água e luz, imagine a manutenção e salário e encargos dos seus funcionários. Tem assim que recorrer a outras receitas, que implicam na abertura da frequência e por via de consequência, a perda de identidade, visto que a maioria não é do Banco.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Ao longo do tempo, tivemos sempre colegas abnegados e preocupados em manter esse vínculo, de modo que poderia cometer grande injustiça ao nominar alguns e esquecer outros, que, à sua época e ao seu modo, contribuíram para a manutenção do espírito de parceria, companheirismo e sociabilidade entre os asbaquianos.



“Asbac faz parte da cultura do banco; todos devem fazer esforço para mantê-la viva e atuante”

Henrique Jorge Medeiros Marinho, Diretor Regional
Março de 1986 - Março de 1989; Diretor Regional Adjunto
Março de 1989 - Janeiro de 1992, na Asbac- FOR
Membro efetivo Conselho Deliberativo Asbac Nacional
Março de 1989 - Janeiro de 1992

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

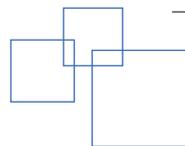
Desde o dia em que tomei posse no Banco Central, em janeiro de 1977, entendi que a Asbac teria um papel fundamental na minha integração com os colegas com quem iria conviver por um longo tempo. No caso específico de Fortaleza, que tinha Sede Social, essa integração foi de imediato, porque muitos assumiram na mesma época e todos gostariam de se conhecer melhor. Desde então meu envolvimento foi crescente até chegar ao ponto de me tornar Diretor Regional da Asbac, administrando o Clube e os outros benefícios que já existiam como empréstimos pessoais, depois consórcios. Mesmo aposentado ainda me mantenho associado, mesmo que não vá mais ao Clube, porque entendo que a Asbac faz parte da minha vida do BC.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

O trabalho, por sua característica em uma grande Instituição, principalmente no BC, por sua cultura departamentalizada, isola muitos dos colegas em suas áreas e nada melhor do que a existência de uma Associação que tem como objetivo máximo a socialização e o lazer. Para mim foi uma experiência muito positiva e guardo grandes lembranças da minha convivência com os colegas, e alguns se transformaram em amigos, com a socialização proporcionada durante muitos anos dessa convivência com muitas pessoas.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Sempre a Asbac procurou proporcionar o melhor possível a seus associados. No começo, com a forte participação do Banco Cen-



tral, inclusive financeiramente com a manutenção das Sedes Sociais, a Asbac foi transformada no elo mais forte com seus servidores e participar da Direção era sempre um orgulho. Primeiro porque era um desafio e segundo porque sua relação com os colegas ficava mais presente.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

No começo, as festas mais importantes patrocinadas pela Asbac Regional eram as comemorações Natalinas, a Festa de São João, Dia das Mães etc. e como nossa Sede é na Praia do Futuro havia praticamente todo final de semana eventos esportivos e sociais, envolvendo servidores e seus filhos. Todos esses eventos tomam muito tempo dos dirigentes, mas foi muito gratificante poder ter dado minha contribuição.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC. Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

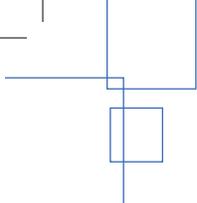
A vida social da Asbac teve importância muito grande na socialização das famílias dos Asbaquianos. Mas, para a geração que chegou ao Banco depois de 1976, foi o principal vínculo de sociabilidade dos novos servidores do Banco, que muitas vezes vinham de outros estados e precisavam desenvolver amizades com as pessoas daqui.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Nos finais de semana, os eventos na Sede Social proporcionavam e integração social, que aprofundou vínculos de amizade para muitos. O interessante é que muitas vezes, nas competições esportivas, havia desentendimentos e, às vezes, até brigas, mas sempre ao retornar ao Banco para suas atividades profissionais o desentendimento desaparecia porque o senso de responsabilidade ao trabalho era o mais importante. Sem a Asbac essa socialização teria sido muito mais difícil.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação continua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Alguns colegas não participavam das promoções sociais por va-



rias razões, mas mesmo assim tornavam-se associados, porque a Asbac também contribuía no aspecto financeiro com seu programa de empréstimos pessoais e depois com Consórcio e outros. A Asbac faz parte da Cultura do banco e todos devem fazer o maior esforço para mantê-la viva e atuante.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

O mundo atualmente está mais complicado, com as pessoas mais reclusas e tendo menos sociabilidade, mas as Asbacs podem continuar a desempenhar um importante papel de sociabilidade dos servidores do BC, juntamente com suas famílias.

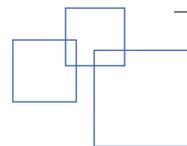
Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Considero que a Asbac foi fundamental para essa socialização das turmas mais antigas, porque a diversão era mais presente nos clubes, o que não acontece com essa nova geração que transita pela tecnologia do Celular e dos Shoppings Centers. Essas mudanças de hábito, juntamente com as alterações de moradias em condomínios fechados, apartamentos, mudaram também a forma do lazer e de se praticar atividades físicas, que muitas vezes são feitas nesses complexos residenciais com instalação de academias e outras modalidades de esportes e lazer. Em Fortaleza, praticamente não se vai mais a clube.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

No âmbito da Asbac, a convivência com outros Dirigentes foi muito positiva, mas vou citar apenas dois representando os demais diretores para não esquecer outros nomes. Na Presidência foi muito gratificante conviver e trabalhar com o Calovi, e daqui de Fortaleza destaco o Paulo Aragão, que tem continuado esse trabalho a nível nacional.





“Nos anos 80s, tínhamos um sentido de corpo e amor à instituição BC, que não observo hoje”

José Amoré de Oliveira Bolina, Diretor Regional Adjunto da Asbac-POA, Janeiro de 1989 - Janeiro 1992

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Desde meu ingresso no Bacen na década de 70 busquei me integrar às atividades esportivas com os colegas. À época, Porto Alegre não tinha sede e a Asbac alugava quadras esportivas para a prática de futebol de salão e voleibol. Estive presente desde as tratativas e aquisição de nossa sede própria e posteriormente como vice-diretor na gestão com o Paulo Stein. Desde então venho sempre participando como colaborador/membro do conselho regional da Asbac. O que me faz pertencer ao quadro associativo é a oportunidade de estar mais próximo dos antigos colegas de trabalho e por ainda acreditar na importância de um quadro associativo em qualquer ambiente laboral.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

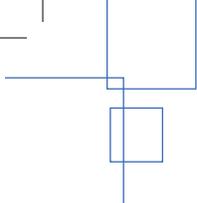
Creio que socialização e lazer caminham de mãos dadas, não podendo haver separação.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Principalmente o fortalecimento do espírito de corpo em relação ao Bacen, fortalecimento da amizade, cooperação, companheirismo e parceria.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Sim, com certeza tive a felicidade de poder contribuir para muitos momentos de conagração dentro das atividades da Asbac. Fui o Papai Noel oficial (rs) de todas as festas de final de ano que perduraram na época de situação econômico/financeira extremamente favorável na Asbac, os filhos menores dos colegas eram agraciados com presentes de muito boa qualidade e variedade e



muitas crianças, hoje adultos, lembram e comentam comigo com saudades do bom velhinho (rs). Também tínhamos um grupo de "assadores" que preparavam as carnes para as várias festas que eram programadas durante o ano.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

Sim, a Asbac desempenhou papel fundamental para boa parte de funcionários do Bacen, quer seja promovendo atividades esportivas (que saudade das olimpíadas regionais e nacional!), atividades sociais (com frequência de quase totalidade dos funcionários do Bacen), promoção de atividades culturais (cinema, teatro, etc.). Éramos felizes e não sabíamos (rs).

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

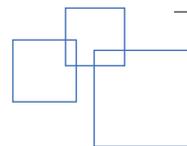
Com certeza absoluta, meus filhos me faziam cobranças semanais tipo "falta muito para irmos para a sede da Asbac?" E isso acontecia com os demais filhos dos colegas.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções de área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação continua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Certamente a Asbac foi de grande importância para o Bacen, na medida que funcionava como uma válvula de escape para muitas angústias e dificuldades internas do banco. As funções mencionadas na sua questão exprimem como era possível relaxar/descontrair frente às barreiras encontradas no trabalho. Creio ter sido um erro estratégico muito grande por parte da diretoria do banco o descaso e esquecimento de nossa Asbac.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Diferença gritante. Quando membro da diretoria da Asbac em Porto Alegre, éramos em torno de 200 funcionários, eu sabia o nome de todos, o nome de muitas das esposas e filhos dos colegas, pois ao assumir o cargo no banco éramos conduzidos e apresentados pelo



chefe do departamento de pessoal a todos os setores do banco. Tínhamos um sentido de corpo e amor à instituição Bacen, coisa que hoje não observo hoje. Havia coleguismo, parceria, cooperação entre todos, conceitos que hoje se apagaram. É lamentável o que esta geração fez e está fazendo. Tenho a sensação que hoje no banco, cada um dos funcionários vive em uma ilha isolada, cuidando de seu mundinho particular e que se dane o mundo.

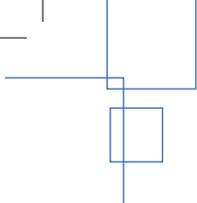
Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

O problema não é o advento de condomínios com todas as facilidades modernas. Na década de 70,80 e 90 tínhamos aqui em Porto Alegre colegas que com piscina em casa e boa estrutura de lazer para os filhos e morando em cidades próximas a POA, distando às vezes 40 km, compareciam praticamente todos os finais de semana na sede da Asbac para o grande churrasco/comida de panela do final de semana. No caso de Porto Alegre, foi uma feliz ideia a parceria com a AABB local. A crescente crise financeira, a redução drástica de verbas das Asbacs, seja pelo reduzido número de associados e redução de participação financeira do banco, realmente inviabilizam qualquer clube pequeno. Os custos de manutenção, reformas, é muito alto. Em Porto Alegre, o associado da Asbac conta com a excelente sede e estrutura da AABB.



Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Sem querer fazer injustiça a muitos colegas que colaboraram e ainda colaboram, em detrimento de suas atividades profissionais, para que a Asbac conseguisse chegar até hoje, quero destacar duas pessoas que no meu entendimento fizeram muito para a família Asbaquiana: Paulo de Tarso Galarça Caloví, que conseguiu a aquisição da sede em Porto Alegre e foi um grande batalhador para o crescimento da Asbac, e atualmente o Paulo Renato Tavares Stein, meu irmão, colega e amigo, que transformou e modernizou as Asbac. Um grande administrador, sério, competente e com muita garra e determinação, tornou e deu às Asbacs maior visibilidade a nível nacional. Creio ser o Instituto e a Fenasbac um grande sonho realizado.



“Servidores, Asbac e BC merecem estudo para otimização de seu relacionamentos”

José Cláudio Mendes da Silva Pinho, membro efetivo Conselho Deliberativo Asbac Nacional, Março de 1986 - Março de 1989, Março de 1989 - Janeiro de 1992

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

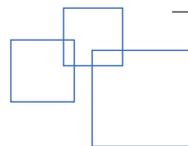
O que ainda une você à instituição?

Depois de quatro mandatos, ou 12 anos, de colaboração direta como conselheiro e presidente do conselho de administração nacional, meu envolvimento com nossa Associação, hoje, é praticamente só emocional. Quando criada, constava dentre seus objetivos sociais, “pugnar” pelos interesses dos “funcionários” junto à superior administração do Bacen. Mesmo com a exclusão deste preceito estatutário, e apesar da continuidade do regime de ditadura, a Associação persistiu atuando como importante instrumento de satisfação de necessidades do funcionalismo, independentemente, da política de RH do Bacen e de sua ação ou inércia, indo além da criação do nosso sindicato próprio, que contou com decisiva contribuição dos dirigentes da Associação àquela época.

Atualmente, afastado de sua administração e distante de suas atividades sociais, culturais, recreativas e esportivas, ainda contribuo para sua sobrevivência financeira, continuo associado, na expectativa de que ela cumpra seu papel histórico e atinja seus novos propósitos junto a aqueles “servidores” que também partilhem desse mesmo espírito associativo.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Não. Dentro ou fora do ambiente de trabalho, a socialização é uma consequência natural da nossa convivência diária, o lazer comum é consequência desta e, no nosso entorno, a Associação, promovendo adicionalmente atividades sociais, recreativas e esportivas, é eterna oportunidade de promoção da união entre nós, assim como o são o departamento de recursos humanos do Bacen e o Sinal.



Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

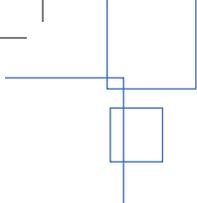
Acima das atividades sociais, culturais, recreativas, esportivas e até assistenciais, como, por exemplo, no caso da ajuda financeira representada pelo PGAFI, o espírito associativo se confundia com os anseios por liberdade comuns a todos naquele período e a Associação integrava e difundia ideias e aspirações também comuns entre nós, que nos aproximaram e promoveram o compartilhamento também de parentes e até de amigos.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Sim. O reconhecimento da Associação como importante braço da política de RH foi perseguido e conseguido junto a algumas distintas administrações do Bacen, com as quais trabalhamos em diferentes momentos. Logramos, assim, a respeitosa e jurídica oficialização de muitos aspectos das relações entre as duas entidades, formalizadas através de contratos e normativos e até da revisão de normativos internos do Bacen. Um exemplo foi a regulamentação da cessão, pelo Bacen à Associação, de servidores eleitos pelos associados para o exercício "exclusivo" de cargos na administração da Asbac. Nos casos da administração nacional e das regionais do Rio, São Paulo e BSB, as cessões passaram a se dar com direito ao recebimento de comissões pagas pelo Bacen, convencido da relevância do papel destes dirigentes diante do quadro de servidores. E foram muitas outras decisões conjuntas igualmente capazes de estabilizar nossas relações, traduzidas em confiança, segurança e profissionalismo na condução dos interesses associativos.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC. Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

Sim, muito relevante. Comungo totalmente, baseado na minha vivência como associado. Na medida em que a Associação foi eficientemente capaz de traduzir nossos interesses e desejos e de, assim, nos assistir e congregar durante um longo período em que não tínhamos tantas facilidades tecnológicas e de comunicação, para nossa aproximação, compartilhamento de ideias e conhecimentos, e para o desenvolvimento e concretização de amizades.



No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

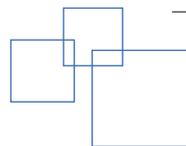
Sim, como já antecipei.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Sim. Foi, como dito acima, muito importante. Tanto para o Bacen como para seus funcionários. Embora não mais seja um dos mantenedores financeiros diretos e tenha implantado medidas próprias para o atendimento de exigências funcionais, às vezes, inclusive, relacionadas aos próprios objetivos da Associação, ainda restam muitos vínculos, de toda ordem, entre as duas entidades. Muitos deles de cunho material, como as instalações ocupadas pela Associação dentro das sedes do Bacen, e, principalmente, como os clubes, de ainda mais custosa manutenção, dentre eles o de BSB, que integra o principal centro de treinamento da Unibacen. Apesar das restrições legais, talvez a retomada de uma vontade política, possa motivar novas (e antigas) relações entre as partes, em benefício de ambas e do ente a elas comum, o servidor.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Sim. A sociedade mudou muito. E nós com ela. O mundo é outro.



Há outras formas de associação. E de nos associarmos. Os servidores, novos e antigos, a Associação e o Bacen merecem um estudo em prol da possível potencialização e otimização do aproveitamento e uso dos diversos aspectos relativos aos relacionamentos entre todos.

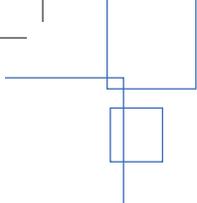
Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?



Não tenho dados conclusivos, mas acredito que a resposta possa vir do estudo acima referido, cuja elaboração pode ser da incumbência conjunta desses interessados diretos aqui nomeados, detentores de pessoal certamente habilitado.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac.

São muitos nomes. Muitas as pessoas em que reconheço representatividade do que melhor se pode praticar de caráter associativo. Desculpo-me por declinar dessa nomeação para evitar esquecimentos eventuais. Afortunadamente, desfrutei do convívio com muitos e não gostaria de ser injusto com alguém. Entre funcionários/servidores e dirigentes do Bacen e da Associação, em todo o país, em diferentes épocas, sobram méritos e dedicação dignos da minha homenagem e gratidão. A todos, o meu reconhecimento.



“Definitivamente, trabalho não se dissocia de socialização e lazer”

José Garcia Netto, Presidente do C. A., Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004
Março de 1983 - Março de 1986; Diretor Regional Suplente,
Jan 1998 - Janeiro de 2001, todos na Asbac- SPA; membro efetivo Conselho
Deliberativo Asbac Nacional, Março de 1983 - Março de 1986
Março de 1986 - Março de 1989

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

O envolvimento foi completo. Fez durante muito tempo (aproximadamente 20 anos) parte integrante do meu cotidiano. Ao lado das minhas obrigações como funcionário do Bacen, conseguia algum tempo para dedicar-me aos assuntos da Asbac; atualmente o que me une à associação são as saudades dos tempos em que lá trabalhei e, sem pieguismo, tenho sonhos recorrentes com a associação. O inconsciente continua ligado.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

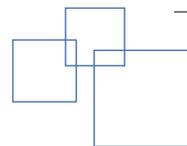
Definitivamente não! E por defender esta concepção, trabalhei no sentido de que o entendimento dessa ideia fosse uma das principais metas do meu trabalho com os associados da Asbac .

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

A troca de experiências com a grande diversidade de crenças, de pensamentos e de ideais do nosso público alvo (funcionários e associados). De outra parte, compreender o que poderia ser realizado para aumentar o grau de satisfação do corpo de associados naquilo que era oferecido pela associação.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Modéstia à parte, creio que sim. A mais importante delas foi a utilização das instalações de Guarapiranga, nos anos 80 e 90, que garantiu aos associados e seus familiares o acesso aos melhores espaços de recreação e de convivência (campos de futebol, quadras



de tênis, piscinas, churrasqueiras, lanchonete, restaurante, parque náutico, etc.). É de justiça realçar que fazia parte de uma equipe de dirigentes voltados para o mesmo desiderato.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC. Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

Definitivamente. Como citei na resposta anterior, o Clube de Campo de Guarapiranga, ao lado de festividades sociais (bailes, comemorações, shows, etc.) eram fatores determinantes no conagraçamento dos associados e funcionários e de suas famílias. As atividades lúdicas proporcionadas pela associação serviam de descanso, tanto mental quanto físico, para os desgastes provenientes do trabalho no banco.



No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

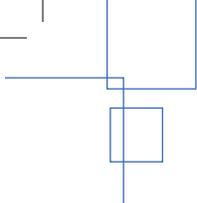
Como toda a certeza foi.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Essa é uma área, diria, controversa e nebulosa! Se olharmos o passado com os olhos do passado, diria que a importância foi notável; no presente, levando em conta as novas mentalidades empresariais, no meu modesto juízo, calcadas na filosofia de que os servidores devam encarar a entidade em que trabalham como mera gestora de seus empregos e, na contramão, a entidade que emprega vê no funcionário apenas um elo na corrente da produtividade, uma associação do formato da nossa Asbac, não merece qualquer atenção. O que, seguindo a pergunta, considero um erro estratégico.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Falando como um "dinossauro" (se é que os dinossauros pudessem falar) e apesar da ressalva da minha convivência restrita com o atual grupo de funcionários, sou tentado a dizer que sim.



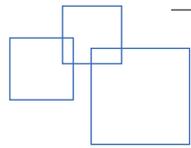
Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise.

Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

A premissa colocada no início da questão é verdadeira. Porém se conseguíssemos, através de um esforço hercúleo, mentalizar os atuais servidores no sentido de revitalizar, ainda que em parte, a associação e aproveitando a inteligência que suponho seja a característica dessa nova fornada de bacenianos, acredito (otimista que sou) no reerguimento da nossa Asbac. Afinal, “fênix” ressurgiu das cinzas!

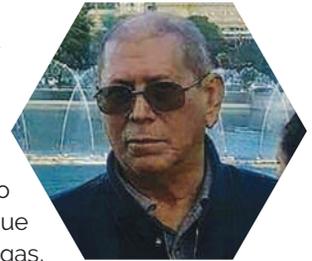
Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Foram muitos, e para não cometer injustiças, ou pecar por omissão, ficarei com duas personalidades que já nos deixaram e que foram responsáveis por impulsionar a Asbac, nos seus primórdios: Rubens Lopes Nazareth e José Costa (“Costinha”).



“Ao promover contatos, Asbac foi e é importante para irmanar e fazer grandes amizades”

Laércio Cubas da Silva, Diretor Regional da Asbac-BEL
Abril de 1977 - Março de 1980; Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004



Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Ao ingressar no BC, o Delegado Regional sr. Conduro acumulava a função de Diretor Regional da Asbac. No intuito de colaborar e liberá-lo da grande quantidade de tarefas que o BC exigia, eu e o Antonio Carmo, com apoio dos colegas, resolvemos participar efetivamente da Asbac promovendo atividades as quais o Delegado não dispunha de tempo para realizar.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Entendemos que as atividades da Asbac, proporcionando contatos extratrabalhos entre funcionários e familiares, foram e são importantes para o conagraçamento não só no trabalho, mas fora dele. Grandes amizades surgiram daí.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Como disse, a integração entre funcionários, familiares e outras instituições – Basa, Bancrevea, Banpará, Exército, Teatros e outros ajudou a solidificar o relacionamento dentro do próprio BC.

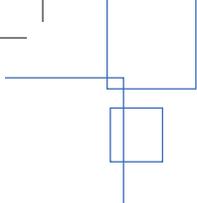
Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

A participação considerável dos funcionários e familiares nos eventos ajudou a consolidar os relacionamentos e colaborações mútuas.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

Considero que a Asbac foi muito importante no conagraçamento, principalmente numa regional pequena, onde as perspectivas de socialização eram pequenas.



No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Sem dúvida. Muitas amizades e relacionamentos se formaram no âmbito da Asbac. Inclusive de casamentos entre funcionários e entre parentes e amigos.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Considero que a atuação da Asbac contribuiu e ainda contribui para o melhor inter-relacionamento dos funcionários, colaborando com a melhoria das condições de satisfação com o BC em áreas em que o BC não atua.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

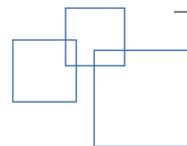
Em razão da diversidade de interesses e acessos ilimitados da internet, observa-se hoje um distanciamento das atividades da Asbac. Acresce-se a maior gama de oportunidades nas atividades sócio culturais fora da Asbac.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Clubes pequenos podem subsistir, mas têm que fazer alterações na forma de agir, procurando ouvir e atender às necessidades atuais.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Todas as pessoas que acreditam que a Asbac tem papel importante e dedicam seus tempos e interesses para atendimento à coletividade procurando o conagraçamento. Não gostaria de citar nomes, pois são muitos e não conseguiria me lembrar de todos. Muitos tiveram e ainda têm relevante papel preenchendo espaços que o BC não atende.



“Oferecimento de lazer, congraçamento e amizade sempre será relevante para formar gerações”

Mário Márcio Damasco, Diretor Adjunto da Asbac-RJA
Março de 1989 - Janeiro de 1992

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

O Sérgio Coelho, quando assumiu a Asbac-Rio, colocou à venda todos os ingressos para o show do Roberto Carlos no Canecão que a Asbac Rio patrocinaria. Não houve convite para ninguém. Isso lhe valeu uma intervenção “branca” de Brasília. Algumas pessoas se juntaram a ele na resistência e foi formado o que foi jocosamente chamado de “Polítiburo”. Eu era um desses. Nas duas administrações seguintes permaneci próximo dos diretores regionais, sem “direito a voto”. A seguir, fui eleito diretor adjunto na administração Sandra Leal. Já há bastante tempo estou completamente afastado.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Não. Claro que não! São intrínsecas a qualquer atividade. No caso do BC essa função da Asbac já foi mais bem compreendida e executada. Hoje os novos funcionários não enxergam a associação dessa forma. Não sei dizer se a culpa é deles ou da própria Asbac.

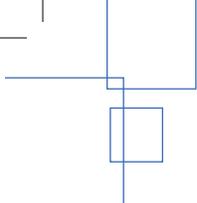
Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Essa pergunta é complicada. Por estar na pele de dirigente, surge naturalmente um biombo de formalidade entre você e o associado. É horrível isso. Mas havia os eventos sociais, esportivos e culturais em que eram exercidos aspectos das relações humanas, como a informalidade e a amizade entre dirigentes e associados, com relativo sucesso.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Sim. Nossa administração conseguiu dar ao Rio de Janeiro uma sede social, grande sonho dos associados da Asbac no Rio de Janeiro.





Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

O oferecimento de lazer, conagraçamento e amizade sempre será relevante para formar gerações. Não sei se foram tantas assim. Funcionários de um mesmo setor formarem um time de futebol para disputar um campeonato, ano após ano, mantêm unida uma mesma geração de funcionários. Filhos de funcionários frequentarem por vários anos seguidos as colônias de férias em Comary também fazem parte da formação de uma geração de amigos que pode ser estender por muitos anos.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

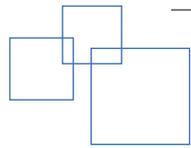
Todas as minhas amizades se fortaleceram e se solidificaram no convívio em atividades da Asbac. Das minhas filhas e esposa, nem tanto.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Quando você fala que a Asbac atuou inclusive como plano de saúde, a gente mede a importância da associação. Não peguei esse tempo. Mas, ela é precursora do PQVT. Tudo – e mais alguma coisa (até cabeleireiros) – que o Programa de Qualidade de Vida oferece hoje, a Asbac-Rio oferecia anos atrás na Av. Presidente Vargas, 446. Também, não sei hoje, através de empréstimos, tirou muita gente do sufoco. Ouço dizer que seu consórcio continua inigualável.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Os antigos funcionários eram asbaqueanos de carteirinha. Os atuais ignoram a associação.



Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Existe a absoluta necessidade de se adaptar ao lugar onde instalado e "abrir" para os moradores das redondezas como sócios-contribuintes com igualdade de direitos. Sem isso, não há remédio. Vai fechar. Não há como se sustentar.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

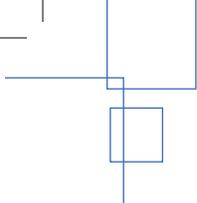
Tem muita gente. Certamente vou cometer injustiças. Mesmo assim, vamos lá (em ordem alfabética): Carlos Alberto Filardi (faz uma excelente administração à frente da Asbac-Rio) ; Claudio José Paes de Oliveira, Eládio da Costa Nery, José Claudio da Silva Pinho, José Valério Pereira, José Vieira de Assumpção, Leon Kohn De Penhas, Luiz Felipe Denucci Martins; Miriam de Oliveira e Paulo de Tarso Galarça Calovi; Roberto Vivas, Sandra de Souza Leal e Sérgio Luiz Martins Coelho. Os dois últimos, pelas circunstâncias, Sérgio, pelo motivo já citado e Sandra porque soube adaptar a Asbac-Rio ao corte de 50% na receita exercido pelo ex- presidente da república, Collor de Mello, foram os melhores diretores regionais de todos os tempos.

A Asbac na minha vida

Gosto muito de estar na biblioteca da Asbac em Belo Horizonte e vou lá quase diariamente. O ambiente repleto de livros, poltronas confortáveis para dar uma passada de olhos nos jornais e a recepção alegre e cordial da Cássia e da Sirleia deixam o espaço acolhedor e ajudam a tornar mais agradável o intervalo de almoço.

Sérgio Alves Perilo, Asbac-BHO





“Enxergar a Asbac apenas como um clube talvez nos leve a perdê-la”

Miriam de Oliveira, membro efetivo Conselho Deliberativo Asbac Nacional,
Março de 1989 - Janeiro de 1992

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Eu me associei à Asbac tão logo tomei posse. Desde o início achei que participar da Associação me permitiria um convívio mais estreito com os colegas do Banco. A Asbac continua tendo a mesma importância, até hoje! Além disso, frequento o clube com as minhas netas, tenho o seguro da Fenabac e o PGAFI já me socorreu muitas vezes.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

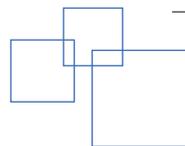
Não! Tal dissociação leva ao sofrimento, de que padecem muitas pessoas, que veem o trabalho como obrigação ou punição, sem enxergar propósito ou prazer. Então, associação e lazer permitem que possamos estabelecer vínculos de amizade, inclusive, com as pessoas com quem trabalhamos mais proximamente, tornando o ambiente mais agradável e o trabalho mais prazeroso.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Fui responsável pela área sociocultural da Asbac-SP, na gestão do Alberto e vice-presidente do Conselho Nacional, de mar89 a dez91, quando o Presidente era o José Claudio. Naquela época, as pessoas que trabalhavam no BC, em geral, davam valor ao aspecto associativo. Nesse sentido, creio que havia uma preocupação com ações que promovessem o convívio saudável entre os colegas. Havia também grande preocupação com o atendimento aos associados, sendo que os dirigentes, em geral, buscavam ter contato direto com o quadro de associados.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Na Asbac-SP, fizemos um concurso nacional de fotografia que contou com grande participação de associados de todas as praças. Se



bem me lembro, o vencedor foi o Adalberto, de Belo Horizonte, de quem mais tarde me tornei amiga (grande amigo que a Asbac me proporcionou). Ainda na Asbac-SP, buscamos dar prosseguimento em ações socioculturais oferecidas na gestão anterior à nossa, que eram bem avaliadas pelo quadro de associados. Fizemos uma festa de confraternização de final de ano, cuja atração foi Cauby Peixoto. Foi um sucesso! Um trabalho de que participei e que considero da maior importância, foram a definição e a adoção de medidas, por ocasião da extinção da cota patronal que era paga pelo Banco. Foi um trabalho conjunto da Diretoria Nacional e do Conselho de Administração, que permitiu que a Asbac se reposionasse frente à perda da contribuição patronal e permanecesse ativa.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC. Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

Miriam – Sim, acredito que sim! Havia muitos eventos socioculturais incentivando o conagraçamento e o convívio amistoso entre os servidores do BC. Os consórcios permitiram a muitos de nós adquirirmos o primeiro carro zero. Participar da Asbac nos dava uma sensação de pertencimento e, principalmente, orgulho de pertencer aos quadros do BC.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Miriam – Nesse sentido, pertencer ao quadro de associados da Asbac foi muito relevante para mim. Também fazer parte do quadro de dirigentes me proporcionou conhecer pessoas de outras praças, as quais certamente não conheceria, não fosse pela Asbac.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Todos os aspectos mencionados foram muito importantes para o BC. O que precisamos buscar é uma forma de a Asbac continuar ou voltar a ser um importante instrumento, para o BC, na gestão de pessoas. O BC tem muitas limitações legais para proporcionar suporte patrimonial/financeiro para a Associação. Precisamos ser criativos e buscar novas formas de trabalhar em conjunto a Asbac e o BC.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

As diferenças são muitas, mas não são em consequência das políticas do BC ou da Asbac. As novas gerações têm outros valores e outras formas de conviver. O sucesso das redes sociais são a prova de que as gerações dos nossos filhos e netos buscam outras maneiras de se associar e de conviver. Muito diferente das gerações dos anos 70, 80 e 90. É preciso inovar também nas ações da Associação. Não me pergunte como, mas precisamos fazê-lo sob pena de perdermos a Asbac.

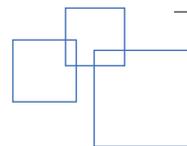
Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Minha ligação com a Asbac nunca se limitou ao clube. Houve tempo em que a Asbac era nosso canal de reivindicação junto ao BC. Temos o seguro, o consórcio, o PGAFI, o Instituto Fenasbac – motivo de orgulho pelo belíssimo trabalho que vem realizando. Como disse, acredito que precisamos descobrir novas formas de trabalhar com os associados e com os servidores que não são associados, para trazê-los para a Associação. Enxergar a Asbac apenas como um clube talvez nos leve a perdê-la.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Responder a essa pergunta é correr um grande risco de esquecer alguém! Mas vamos lá! Calovi, José Garcia Netto, Luiza Higashi, Neusa Sanroman, Jose Claudio Pinho, Ronaldo de Souza, Roberto Vivas, Sandra de Souza Leal, Paulo Stein, Nalva Castro, dentre outros tantos, aos quais peço desculpas por não mencioná-los! Ainda há outros que já fizeram a passagem, como Germano e Américo Drummond.





“Vínculo trabalho-socialização-lazer é importante para realização: ninguém é feliz sozinho”

Odacir Pereira da Silva, Diretor Presidente da Asbac-CWT
Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001; Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Envolvimento de forma sempre efetiva, a fim de colaborar com o espírito de conagraçamento cultural e esportivo que sempre norteou a minha vida social e esportiva. A união continua de forma afetiva e de grande valor, uma vez que uma associação é formada por pessoas e amigos, principalmente, quando se trata, como é o nosso caso, de quadro associativo composto, na sua maioria, por ex-colegas de trabalho e dependentes que sempre estiveram com você e familiares por mais de 30 anos. Não dá mais para se desligar desse vínculo.



Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

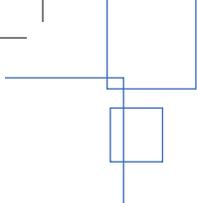
Em minha opinião, esse é um vínculo muito importante para a complementação do aspecto de realização pessoal, já que entende-se que ninguém é feliz sozinho.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Aqueles que se associavam à Asbac e que frequentavam o Clube, mesmo dentro de suas limitações, se tornavam pessoas mais agradáveis e cheias de vida e ideias.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Considero que no período exercido como colaborador da Asbac, não só como Diretor Executivo, como também em outras diretorias, tive a sempre pronta colaboração de meus pares que sempre, sem visar benefícios financeiros, nos ajudaram a obter sucesso nos objetivos colimados e a sensação de dever cumprido. Em função



disso, realizamos inúmeras atividades esportivas, de lazer, cultural e de saúde (vacinações contra enfermidades oportunistas). Destaco como relevante a implantação de Farmácia na sede da Asbac em Curitiba, no prédio do Banco Central, com venda de produtos a preço de custo para os associados e pensionistas da Asbac.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

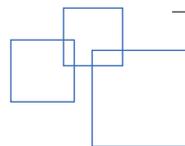
Sem dúvida as Asbacs muito contribuíram na formação de pessoas melhores, não só no aspecto profissional, como também, afetivo e familiar, pois existem muitos exemplos de filhos de associados que se casaram com pessoas frequentadoras de nossas sedes associativas, por serem pessoas do mesmo meio social, educacional, esportivo e cultural.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Quanto à formação de amigos, temos a ressaltar o fato de que, há quase 30 anos, o pessoal que participa das "peladas" de futebol, todas as quartas-feiras e sábados, realizam, após o evento futebolístico, jantar e almoço de confraternização que, invariavelmente, conta com a presença de pessoas da 3ª idade que, mesmo sem praticar futebol, vêm participar desses eventos, provando com isso que mesmo se desligando do Banco o vínculo permanece.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação continua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Sem juízo de valores podemos afirmar que uma Associação ajuda



sobremaneira o bom relacionamento entre os colaboradores de qualquer instituição, pois fortalece o elo de bom relacionamento entre seus pares, o que ajuda na troca de ideias e criação de novos objetivos a serem atingidos.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

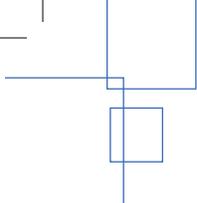
O que se nota hoje é um distanciamento muito grande de mentalidade participativa dos novos funcionários da casa, pois graças aos tempos atuais o jovem é mais individualista e não se importa muito em congraçar-se com os demais companheiros de jornada, não por vontade própria, mas pelo novo método de vida.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Pelo que já mencionei no item anterior, dificilmente os clubes pequenos sobreviverão a fase atual, pela falta de recursos financeiros próprios, pois se os clubes não optarem pela obtenção de recursos subsidiados oferecidos pelo governo federal, tais como Lei de Incentivo ao Esporte, Lei Rouanet e Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), dentre outros, que proporcionam retornos de grande valia para a subsistência dos clubes a custo zero, não terão como sobreviver aos tempos atuais, sem arrecadação condizente.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Pessoas que tenham perfil de liderança, pró-atividade, ética, criatividade, iniciativa, motivação, dinamismo, persistência e relacionamento interpessoal.



“Desde a origem, Asbac é ferramenta de gestão de pessoas; mesmo que BC queira desconhecer”

Olívio Pessoa Lira Lins, Diretor Regional da Asbac-REC
Dezembro de 1986 - Março de 1989; Diretor Regional Adjunto
Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995; membro efetivo Conselho
Deliberativo Asbac Nacional, Março de 1989 - Janeiro de 1992

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Fui Diretor Adjunto em 1985 e eleito Diretor Regional para 1986 e 1987, com a saída de Camilo Brollo. Compartilho do ideal de integrar os servidores— da ativa e aposentados – e suas famílias.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

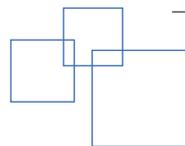
Isso não deve existir. Todos saem perdendo! A instituição é formada por pessoas. E essas pessoas devolvem todo o investimento nesse sentido.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Creio que a Asbac foi criada para funcionar como uma ferramenta complementar de gestão de pessoal. Dentro de uma cultura de individualismo, ela se sobressaía por permitir uma interação humana informal e por incentivar a integração e a cooperação entre o corpo social, contribuindo para maximizar a satisfação individual e coletiva.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Sim. Tenho orgulho e saudade da minha participação na administração da Asbac/Recife. Nesse período, oferecemos uma gama de serviços diversificados, com o objetivo de atender aos mais variados interesses dos associados, como alternativa à falta de uma sede social. Destaco, de memória: convênio com clube (BNB), prá-



tica contínua de esportes (até dez modalidades), excursões turísticas (regionais, nacionais e internacional), viagens de estudo (voltadas para a criançada: unia estudo, lazer e gastronomia), concursos e noites culturais, festas sociais (Natal, São João, Carnaval, Queijos e Vinhos), biblioteca, happy hours, olimpíadas regionais, além dos serviços privativos da Asbac Nacional.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia?

Sim. Mesmo com suas limitações e falhas, a Asbac teve uma boa participação na vida dos associados e familiares, com reflexos institucionais também positivos.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e amigos?

Sim! A Associação oferece a oportunidade dessa prática em várias frentes. Tem uma atuação quase que "invisível", mas de resultados muito concretos. Lembro, por exemplo, de um resultado bizarro: o casamento de filhos de associados que se conheceram nas atividades da Asbac. Rs.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções área cultural, social, financeira, recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

A Asbac é, desde a sua origem, um instrumento complementar da gestão de pessoas do Banco Central. Não há dúvida disso; mesmo que, por alguma razão, a Administração do BC queira desconhecer essa realidade. Sem dúvida, há a necessidade de atualização constante da sua forma de atuação. Mas, deixá-la morrer é um erro de estratégia: um tiro no pé.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Sem dúvida, há diferenças. Mas, elas estão ligadas mais diretamente ao contexto tecnológico e competitivo do Banco Central dos dias atuais. Em essência, os perfis pessoais são os mesmos.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

De fato, as mudanças sociais impõem a necessidade das associações oferecerem mais serviços do que instalações físicas. É a modernidade! Rs.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Seria um injustiça nomeá-las! Porque são muitas e porque elas trabalham por um ideal de vida; são altruístas e não carecem de badalação pública. Mas, se quiserem identificá-las, basta olhar para muitos que estiveram à frente (ou na retaguarda) da Asbac e da Arfab na história.



“A Asbac deveria integrar a política de recursos humanos do BC, suprimindo suas limitações”



Paulo de Tarso Galarça Calovi, Diretor Regional da Asbac-POA
Março de 1980 - Março de 1983; Março de 1983 - Março de 1986
membro efetivo Conselho Deliberativo Asbac Nacional,
Março de 1986 - Março de 1989, Março de 1992 - Janeiro de 1995

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Comecei na Asbac em 1978, como Diretor de Esportes em Porto Alegre, Asbac/Disul, a convite do então Diretor Regional, Cesar Pons Dias da Costa. No mesmo ano tornei-me também Diretor Sociocultural, acumulando com a pasta de Esportes. Em 1979, fui eleito Diretor Regional de Porto Alegre, reeleito em 1982. Em dezembro 1985, numa união da maioria dos Diretores Regionais da época, fui eleito Conselheiro da então Asbac Nacional e, em março de 1986, fui eleito pelo colegiado presidente nacional da Asbac, tornando-me o primeiro presidente não indicado pelo Banco Central. Em 1989, fui reeleito presidente nacional, desta feita pelo voto direto dos associados de todo país. O que me une à Asbac hoje são as boas recordações e o carinho e respeito que sinto pela instituição.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

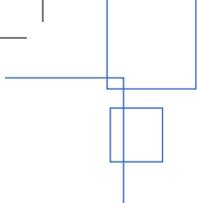
Penso que a socialização e o lazer fazem parte da saúde e higiene no trabalho, devendo integrar a política de recursos humanos de qualquer empresa.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

O esporte sempre teve seu ponto de destaque, por agregar um grande número de pessoas, mas a sociabilidade sempre estava presente.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Poderia destacar muitos pontos, mas a constituição de reserva financeira com o represamento dos recursos das regionais na As-



bac Nacional, no início dos anos 90, tenho absoluta certeza, contribuiu, sobremaneira, para o equilíbrio financeiro da associação após a perda da cota patronal paga pelo Banco Central equivalente a 50% da arrecadação mensal. Considero esta medida mais importante que a criação do Fundo de Assistência às Regionais, destinados a investimento.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

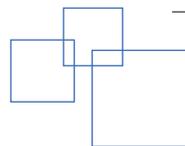
O Programa Geral de Assistência Financeira – PGAFI ajudou muitos colegas na hora do aperto, o consórcio ajudou muita gente a adquirir seu primeiro automóvel ou mesmo melhorar o conforto do atual. Programas destinados a auxiliar na educação de crianças, escolinhas de futebol e natação que, em Salvador, eram referência para os soteropolitanos etc. foram importantes para muitos colegas.

No que toca à formação de amigos, congraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Tenho muitos e caros amigos da minha época de Asbac. Eles foram e são muito importantes para mim e minha família nas boas e nas más horas. Como consequência dessa convivência, acabei sendo compadre de um ex-dirigente da Asbac, o Cesar Pons Dias da Costa, também responsável pelo meu início como dirigente da associação.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

A Asbac foi importantíssima para o Banco Central; prova disso é que durante 20 anos os dirigentes da associação eram em sua maioria indicados pelo Banco, remunerados e comissionados por este. O presidente da Asbac tinha status e recebia todas as vantagens de Chefe de Departamento. O Banco Central deveria hoje olhar melhor para a Asbac. Não me refiro a aportes financeiros do Banco até porque estes estão legalmente impedidos e a Asbac já deu mostras de sua capacidade de andar com as próprias pernas. Estou falando de a Asbac integrar a política de recursos humanos do Banco Central por meio de parcerias e programas voltados a saúde e higiene no trabalho, entre outras. A Asbac poderia suprir muitas das limitações impostas ao Banco Central.



Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

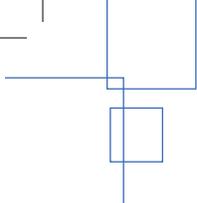
Os perfis são muitos diferentes. As épocas são diferentes. A sociedade mudou. Não estou dizendo que estes ou aqueles são melhores. São tempos diferentes. Antigamente éramos mais associativos, o coletivo era mais importante. Um exemplo disso é que quando entramos no Banco éramos sócios da Asbac compulsoriamente. Nos anos 80, caiu a obrigatoriedade e os pedidos de demissões foram raros. Os poucos casos verificados eram de pessoas cujo cônjuge também era funcionário do Banco. Hoje, são poucos os colegas que ao entrarem no Banco se associam à Asbac.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Não acho que a Asbac seja simplesmente um clube e tampouco pequeno. Somos uma grande associação com um patrimônio considerável. Nossa história é rica. Até "sindicato" já fomos. Temos que nos adaptar aos novos tempos. Temos que valorizar nossos produtos. O PGAFI, o consórcio, a carteira de seguros necessitam ser dinamizados. O pecúlio por morte que todo sócio efetivo possui tem gente que não sabe de sua existência. Os dirigentes têm que ser mais proativos e estarem mais junto do quadro social.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Esta pergunta é extremamente difícil para mim. São muitas as pessoas que contribuíram para a grandeza da Asbac, mas como gosto de correr riscos e sei que vou esquecer-me de alguém, então cito: José Claudio Mendes da Silva Pinho, Claudio José Paes de Oliveira, Ronaldo José de Souza, Sérgio Luis Martins Coelho, Roberto Vivas, Sandra de Souza Leal, Luiz Felipe Denucci Martins, Luiz Carlos Casemiro, José Garcia Netto, Carlos Alberto Toledo Schmidt, Miriam de Oliveira, Neuza Sanroman – a primeira diretora da Asbac Nacional, Derocy Giácomo Cirilo da Silva, Cesar Pons Dias da Costa, Francisco José Schmitz, Antônio Jorge de Melo Viana, Roberto Siqueira Filho, José Pedro Rocha e Cirilo Gomes Neto. Registro também saudosas lembranças do José Henrique Germano, Américo Alvim Drummond e Cairo Luiz de Souza Faria. Não cito pessoas da atual gestão para ser mais isento e evitar conflitos de interesse.



“O grande desafio das atuais gestões: reinventar as funções das Asbacs para muito além dos clubes”

Paulo dos Santos, Presidente do C. A. da Asbac-RJ
Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016; Janeiro de 2016 - Janeiro de 2019

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Hoje, sou presidente do conselho de administração da Asbac-RJ. Mas o que me une à Asbac é muito mais que isso: é o sentimento de pertencimento ao Banco Central, apesar de já ser servidor inativo há algum tempo.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

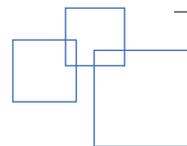
De forma alguma. Afinal, passamos a maior parte de nossas 24 horas no ambiente de trabalho, ou a caminho. Isso sem contar, lógico, as horas de sono, mas que muitas vezes são preenchidas em função de sonhos e/ou pesadelos que levamos do nosso trabalho para casa. Assim, é fundamental que tenhamos ambientes que nos proporcionem socialização com quem convivemos a maior parte de nossos dias. Nesse sentido a Asbac é muito importante, por ser uma forma de organizar as atividades de socialização e de lazer.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Basicamente a convivência entre as pessoas de diversas gerações, de opiniões divergentes, mas que, acima de tudo, sempre se respeitaram. Neste momento em que a polarização nem sempre respeitosa vem assolando nosso País, a Asbac sempre nos ensinou a respeitar e a conviver com o diferente.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Com certeza. E vou citar algo de que me orgulho: todo final de ano, nas festas de confraternização, sinto uma ponta de realização em participar de uma diretoria que consegue criar um ambiente onde vejo todos felizes, ativos ou inativos, com familiares ou sozinhos, todos estão ali para se confraternizar com os amigos. Isso é lindo.



Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

A Asbac desempenha papel relevante para várias gerações de servidores. Não só por criar condições de convivência social e lazer, mas também de políticas de favorecimento a seus servidores, seja através de descontos em atividades culturais, em feiras onde todos podem adquirir produtos, seja em manter espaços para práticas esportivas. Em resumo, numa série de atividades, respeitadas as características regionais de cada Asbac, que procuram acima de tudo o bem estar de seus associados.



No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Foi mais que relevante. Entrei no Banco, em São Paulo, e pude fazer amigos em Guarapiranga. Depois fui para Brasília, onde fiz novos amigos no clube lá existente. E aqui no Rio, onde resido atualmente, a Asbac também me deu novos amigos. E não existe melhor coisa que você fazer amigos. Lembro, em especial, da alegria da minha mãe, de quem sinto muitas saudades hoje, no dia em que ela conheceu a Asbac-DF. Foi uma cena que me emociona até hoje. E estamos falando de 1995....

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Lógico que sim. O Banco Central não seria o que é hoje, se não existisse a Asbac. Pode apostar nisso. E avalio que é um erro de estratégia do Governo Federal deixar que a depreciação contínua da Associação ocorra. E quando me refiro a Governo Federal, não é apenas o atual. Este processo vem se desenrolando há algum tempo. E sinto que as novas gerações têm mais dificuldades em se sentir pertencentes ao Banco Central.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Como disse acima, as gerações a partir dos anos 90 vêm encontrando o lento processo de depreciação da importância da Asbac para o nosso Bacen. São poucos os servidores dos últimos concursos que se filiam à Asbac. Com isso desenvolvem pouco sentimen-

to de pertencimento à casa. Prova disso é que nas gerações mais antigas eram raros os casos de servidores que saiam do Banco antes de sua aposentadoria. Atualmente este fato já acontece com maior frequência. Mas não entendam isso como crítica aos colegas. É apenas uma constatação dos efeitos negativos das restrições que vêm sendo impostas à nossa Asbac, nos últimos anos. Como membro da gestão de uma delas, a grande pergunta é como atrair novos associados, para que as Asbac sobrevivam.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Esse é o grande desafio das atuais gestões: reinventar as funções da Asbacs para muito além dos clubes.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

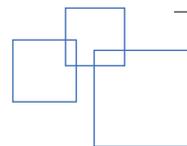
Essa é uma questão difícil de responder. Corre-se o risco de cometer muitas injustiças. Mas queria destacar quatro nomes que muito me orgulham em poder chamar de amigos e que, no depender de cada um deles, nossa Asbac sempre sobreviverá: Paulo Stein, Miriam de Oliveira, Carlos Alberto Filardi e Clovis Naconecy. Sei que, se fosse listar todos, a lista seria interminável: pessoas que contribuíram muito e outras que ainda contribuem. Mas os quatro citados são sempre os primeiros nomes que me vem a cabeça quando falo em Asbac. Me perdoem todos os demais que poderiam e deveriam estar nesta lista.

A Asbac na minha vida

“ Ingressei no BC e na Asbac em 77; por 4 mandatos ajudava os diretores do clube, antes de eleito presidente. Vinha aqui 7 dias por semana; meus 4 filhos foram criados no clube. São 41 anos de convivência. Aposentado, mudei de Brasília, mas sempre que volto passo lá. Ainda sou apaixonado pela Asbac. ”

Derci Henrique Mendes, Asbac-BSB





“Clubes pequenos conseguiriam fugir da crise, desde que se reinventem e busquem estratégias”

Reginaldo Bentes dos Santos, Presidente do C.A., Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995; Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998; Janeiro de 1998 - Janeiro de 1901; Janeiro de 2004 - Janeiro de 2007; Janeiro de 2007 - Janeiro de 2010; Janeiro de 2010 - Janeiro de 2013; Janeiro de 2013 - Janeiro de 2016, todos na Asbac-BEL; membro efetivo Conselho Deliberativo Asbac Nacional, Março de 1989 - Janeiro de 1992, Janeiro de 1992, Janeiro de 1992 - Janeiro de 1995, Janeiro de 1995 - Janeiro de 1998

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Fui empossado no dia 1º de abril de 1977 e, no final de semana seguinte, já era responsável pelo setor de esportes a convite do então Diretor Regional Laércio Cubas da Silva. São quarenta e um anos de participação ativa no âmbito regional e nacional: Diretor Social, Diretor Financeiro, Diretor de Esportes, Representante na Asbac Nacional e Representante no Conselho Gestor. Hoje simples associado, que devido a essa longevidade, quando perguntado, procuro mostrar o “caminho das pedras” para os novos dirigentes.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Não, por entender que os eventos sociais e de lazer criam um ambiente saudável para a satisfação dos servidores.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

O companheirismo em todos os seus aspectos manifestado na organização da “pelada”, da festa junina, das serestas, das festas do final do ano, etc.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

No âmbito regional fui o defensor do projeto de construção de um parque aquático na então sede social e, adicionalmente, pasmem,

consegui aprovar um projeto para construção de uma Sauna, fato que rendeu sonoras gargalhadas do então Conselho Nacional. Nacionalmente sinto orgulho de ter participado do "grupo" que aprovou a compra do imóvel que hoje se presta à Fenasbac/Instituto Fenasbac.



Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

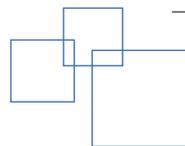
Sim, se considerarmos que nas Asbacs eram desenvolvidas atividades sociais que aproximavam os servidores, familiares e amigos, esses últimos vendo um ambiente saudável almejavam o ingresso no Bacen e, sem medo de errar, posso afirmar que inúmeros são os casos de enlances matrimoniais frutificados no terreno fértil das Regionais.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Sim, porque em nível regional havia atividades sociais e esportivas com o Banco do Brasil, Banco da Amazônia e Banco do Estado do Pará, esses eventos foram ricos de experiências e formação de amizades que perduram até hoje. Nacionalmente, podemos destacar os torneios entre as regionais e as Olimpíadas Nacionais que propiciaram acesso às várias culturas desse Brasil gigante.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação continua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Sim para ambos os quesitos. Com o devido respeito acrescento



mais uma função já exercida pelas Asbacs, a de foro sindical. Entendemos que hoje o Bacen tem limitações orçamentárias para o exercício de uma atuação social e cultural mais acentuada, então porque não viabilizar essas ações via Fenasbac/Asbacs. Aliás, esse foi o escopo inicial da Asbac.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Sem dúvida alguma, seja no aspecto acadêmico, seja no aspecto motivacional, seja no aspecto de formação de amigos. Os servidores ingressos nessas décadas, em sua maioria, vinham para ficar no Bacen, hoje muitos o visualizam como trampolim.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Sim desde que se reinventem. Busquem estratégias para atrair associados e mantê-los. Reconheçam que os anseios dos antigos servidores e seus familiares são diferentes dos novos servidores e seus familiares.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Exemplos não faltam, quem vivencia as Asbacs sabe da existência de um Calovi, Paulo Stein, Salvador em Curitiba, Pituba, Jefferson de Recife, Garcia de São Paulo, o nosso cantor e tocador de Belo Horizonte, Filardi, do Rio, Tadeu da Bahia, Paulo Aragão, Henrique Marinho de Fortaleza. Tinha um colega do rio que era chamado de Careca, ah, o Ronaldo José de Souza.

“O BC – Asbac incluída – me deu tudo que tenho de bom: família, casa, carro e amigos”

Roberto de Carvalho Vivas, Diretor Regional Adjunto da Asbac-RJA
Março de 1989 - Janeiro de 1992



Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Por volta de 1989, fui convidado para participar da diretoria com Sandra de Souza, Carlos Alberto Filardi e Mario Marcio Damasco, tendo assumido a parte administrativa. Alguns anos antes de me aposentar (2009), pedi desligamento da associação e passei a morar na cidade de Rio das Ostras(RJ).

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

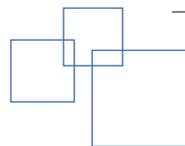
Não. Confraternização, amizade, solidariedade, parceria, etc. são elementos primordiais para o bom desenvolvimento das tarefas bacenianas do dia a dia, que somente são ativadas plenamente em momentos de relaxamento e lazer. Infelizmente, a partir de determinado concurso os novos funcionários não vislumbraram vantagens em participar da associação, talvez pela crise de recursos, talvez pelas características da nova geração, já admiradora das facilidades eletrônicas.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Campeonato de futebol (soçaite, de salão), festas juninas, dia das crianças, colônia de férias, confraternização de natal, etc., são eventos da rotina normal das pessoas entre familiares, vizinhos e amigos, mas que, trazidos para um ambiente com colegas de mesa de trabalho, repercutem favoravelmente na execução das tarefas, fortalecendo os laços de identificação, cumplicidade, parcerias, etc.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Sim, mas apenas como coadjuvante, eis que cuidava da parte administrativa e da organização.



Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

Sim. Concordo plenamente, pelos motivos já citados. Talvez para a geração que jogava bola na rua e nos parques sem preocupação com violência e segurança tenha sido mais fácil aderir às atividades oferecidas pela Asbac. Quer queiramos ou não, o playground fechado, os shoppings, os eletrônicos, etc. colaboraram para o declínio da valorização das atividades com estranhos.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Vou resumir tudo na frase de um amigo falecido, Carlos Rodrigues Euphrasio Junior: "O Banco Central (Asbac incluída) me deu tudo que tenho de bom. Família, casa, carro e amigos."

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

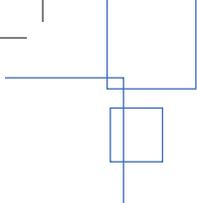
Sim, completamente. Aos idealizadores e administradores iniciais da Asbac devemos ser eternamente gratos. A associação deixou ensinamentos e o PQVT é um exemplo. Ou será que alguém duvida que foi a Asbac a percussora da realização dessas atividades no ambiente do trabalho? Infelizmente, em nosso Brasil as boas ideias são desvalorizadas, sofrem alterações pelos sucessores adversários, que não se importam com as consequências. Foi por aí que perdemos abonos de 5 dias por ano, empréstimo de férias, a contribuição do BC dobrando a contribuição do associado, etc.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Sim. Claramente. E já citei algumas dessas diferenças. Os teóricos dos departamentos do pessoal talvez expliquem tudo nas características da "Geração Y", "Geração Z", etc.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

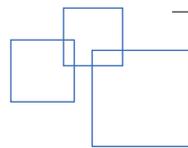
Difícil, claro. Adicione a isso insegurança, violência e o tal "trabalho



em casa", em que os colegas nem vão se ver, muito menos confraternizar numa reunião de trabalho regada com café da manhã frugal ou mesmo uma cervejada na sexta-feira, em que se resolvia problemas do trabalho. A sede Andaraí da Asbac Rio foi um exemplo. Apesar de muito desejada, era pouco usada pelos associados e à época já permitimos a adesão de vizinhos ao clube, numa classe diferenciada de sócio contribuinte.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Minha geração deu brilhantes contribuições para essa lista e tenho receio de esquecer alguém, entre tantos "globais" merecedores, alguns ainda entre nós, conforme os desígnios de Deus. A nível nacional na época de minha participação, destaco José Cláudio da Silva Pinho, Luiz Felipe Denucci Martins, Miriam de Oliveira e Paulo Galarça Calovi. A nível de Asbac RJA, ressalto as cabeças pensantes da Diretoria que tive a honra de colaborar: Sandra de Souza, Carlos Alberto Filardi e Mario Marcio Damasco. Em volta de nós, Sérgio Martins Coelho, Cláudio José Paes de Oliveira, José Valério Silva, Eládio da Costa Nery, Ronaldo de Souza, José Vieira Assumpção.



“Asbac desempenha papel fundamental para a integração dos servidores do BC e suas famílias”

Rosa Maria de Oliveira, Diretora Regional, Março de 1983 - Março de 1986;
Diretora Regional Suplente, Março de 1980 - Março de 1983, na Asbac-BHO

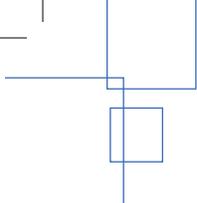
Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Meu envolvimento com a Asbac começa com minha posse no Banco Central, em 1974. Lotada inicialmente em Brasília, frequentei o então pequeno clube na capital federal até 1978, quando fui removida para Belo Horizonte. Na época, o clube da Asbac atual encontrava-se em construção, e não havia as Diretorias Regionais, criadas em 1977. Lembro-me de umas das primeiras alegrias que a Asbac me proporcionou: fui premiada em sorteio, na festa de natal, com uma TV colorida, objeto raro naqueles tempos. Já em Belo Horizonte, envolvi-me mais de perto com a Associação. Trabalhando na fiscalização bancária, conheci o colega Sérgio Leite Costa Reis que, sabendo de minha formação acadêmica jornalística, convidou-me para elaborar um jornal. Procurei os colegas Sandra Ribeiro, também jornalista, e Rogério Jacques, arquiteto. Juntos, criamos o “Janela”. Em 1980, candidatei-me a vice-diretora da Asbac, com a Chapa Mãos à Obra, vencedora nas eleições. No entanto, os planos de campanha não foram seguidos pela Diretoria, que optou por rumos diversos dos divulgados nas eleições. Por isso, renunciei ao cargo. Nas eleições seguintes, candidatei-me novamente, dessa vez para o cargo de Diretora. Na chapa, participaram Júlio César Pereira Lopes, como vice-diretor, e Kátia Pacheco Panisset, como conselheira. Durante a campanha, fizemos uma pesquisa de interesses e em cima do resultado montamos nosso planejamento. Procuramos atender demandas diversas. O objetivo maior era aproximar as pessoas do Banco. Foi um tempo bom, movimentado, de muitas realizações e aprendizado. A equipe toda era muito unida, e havia harmonia com outros diretores regionais, com quem trocávamos experiências e ideias nas reuniões da Asbac em Brasília. O que me une ainda hoje à instituição são os amigos, as relações construídas com pessoas extraordinárias ao longo de minha carreira no Banco Central.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Nunca. Porque o trabalho, para além da palavra, não é aquela he-



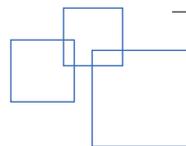
rança do tripalio que as mulheres e os homens nunca tiveram prazer em utilizar para se alimentar. Ao contrário, o trabalho como o que fizemos na Asbac, assim como eu já fizera em sala de aula, deve ser gratificante, na medida em que interagimos e sempre estamos aprendendo. Mesmo naquelas atividades em que pretensamente ensinamos, sempre aprendemos. Então, não existe separação. O trabalho é sempre grande oportunidade de convívio com as pessoas e oportunidade também de criação, de experimentos, até de ousadias às vezes.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Era interessante observar o quanto as pessoas eram diferentes, assim como seus interesses, objetivos e necessidades. Como dirigente associativa, pude perceber isso de forma mais clara do que apenas com o convívio profissional. Na festa dos namorados, havia casados que reclamavam. Os solteiros, por sua vez, não viam com bons olhos a utilização de recursos da associação no dia das mães, dos pais e das crianças. Mas abrindo várias frentes de atividades diferentes, na tentativa de todos agregar, as pessoas foram reagindo e interagindo melhor. Fizemos o Coral Ars Bach, criamos um grupo de teatro, promovemos torneios esportivos, com etapas na capital, no interior e em outras regionais. Foram campeonatos de futebol, vôlei, sinuca, maratonas. Promovemos caminhadas e, claro, festas. Tinha de tudo. No início pareceu um feito improvável, mas a maior parte dos colegas acabou por se envolver.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

A certeza que tenho é de que consegui ebulir a associação e movimentar os colegas. Sempre há descontentes, mas foram três anos festivos de gestão. Promovemos diversos torneios esportivos e eventos culturais: teatro, coral, excursões. Além disso, fizemos muitas confraternizações. Do coquetel de posse, em 8 de abril de 1983, até a festa de despedida, em 9 de março de 1986, tivemos presença maciça dos associados. Promovemos mais de 50 encontros. Comemoramos dias das mães, dos pais, das crianças, dos namorados, festas juninas, Natal infantil, Natal dos adultos. Alguns eventos merecem destaque. Fizeram sucesso os encontros setoriais, confraternizações pequenas entre os servidores e familiares de uma única área. Foram apelidados de Futechurrascos, pois sempre acabavam em uma partida improvisada de futebol. Esses encontros, segundo relatou o Delegado Regional Mauricio Lourenço da Costa, apri-



raram efetivamente o clima interno de trabalho. Criamos também o Projeto Fim de Tarde – um “encontro marcado” com a gente e a arte de Minas Gerais. Acontecia toda última terça-feira do mês, às 18 horas, no hall do Banco Central. Contamos com a presença de conhecidos e premiados escritores e músicos de Minas Gerais. Todas as sextas, promovemos, no clube, a “Sexta Show”, com música ao vivo. Também conseguimos contar com ilustres apresentações. Um dos momentos mais especiais do Bar da Asbac foi o lançamento do disco Coração Brasileiro, de Celso Adolfo. Na ocasião cantaram juntos Celso Adolfo, Rubinho do Vale, Tadeu Franco, Tadeu Martins, Paulinho Pedra Azul, Toninho Camargo do Mambembe, João Carlos Cavalcanti, e Titani, Hudson e Miguel. De toda forma, prefiro ressaltar mais a dimensão coletiva. Tenho muita clareza de que integrei um trabalho participativo. Tenho de destacar que havia um sentido de grupo. Então, acho que a maior contribuição não foram eventos realizados, mas a união de pessoas para além dos pequenos grupos e para além da esfera estritamente profissional.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

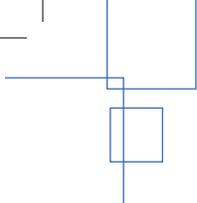
Eu, particularmente, acredito que a Asbac desempenhou e desempenha papel fundamental para a integração dos servidores do Bacen e de suas famílias, e realmente espero que essa também seja a avaliação dos colegas. Afinal, essa é a razão de ser da associação. É também visível e importante a relação entre antigos e novos servidores, o que preserva uma identidade e memória institucional do Bacen. Isso deve ser proporcionado e pode ser observado no bom convívio que permeia os antigos e novos associados da Asbac e suas famílias.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Sem dúvida alguma. Nas muitas amizades que fiz no Bacen, a Asbac teve papel fundamental. Além disso, incontáveis foram os momentos em que pude aprender e desfrutar de boa música, artes cênicas e os mais diversos tipos de eventos.

Até hoje, a Asbac é palco acolhedor de confraternizações, encontros e eventos.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja



depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Para bem servir o público, é necessário cuidar dos próprios servidores. Não consigo imaginar verdadeiro êxito profissional dissociado de uma vida feliz e equilibrada além do trabalho. As relações profissionais e os impactos do trabalho ultrapassam, evidentemente, as horas no órgão público. Assim, é inegável que a Asbac é parte fundamental no processo de aprimorar as relações entre os servidores, com impactos positivos em suas vidas pessoais e sua eficiência e motivação profissionais. Não pode haver trabalho sem perspectiva de sociabilidade e sem uma certa ideia de solidariedade. O papel e grande desafio da Asbac é fazer esse trânsito.

A união entre os servidores e a valorização de seu trabalho são especialmente importantes em um período de sucessivos ataques ao funcionalismo público. Dessa maneira, parece um enorme erro de estratégia o esvaziamento da associação, tanto para os servidores do BACEN como para a população. Uma depreciação da importância da associação significa, em última análise, uma depreciação do próprio serviço público.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

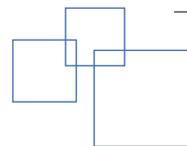
Como me aposentei há algum tempo, naturalmente não tenho tanto contato com os novos servidores. As novas gerações parecem ser progressivamente mais individualistas, mas isso não é uma característica específica dos servidores do Bacen.

A gente tinha uma perspectiva de trabalho mais solidário e mais coletivo, e hoje eu tenho percebido que esses paradigmas estão mudando. Repito, não só no Bacen. Vê-se uma excepcional qualificação e busca constante de aprimoramento, mas quase sempre numa perspectiva mais pessoal do que uma perspectiva, digamos, mais social.

Provavelmente isso tenha relação com o tempo histórico em que vivemos, diverso do atual. Transitamos dos horrores de um regime autoritário para o regime democrático, com grande participação política, engajamento e esperança.

Hoje, vê-se um cenário de perigosa apatia.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia,



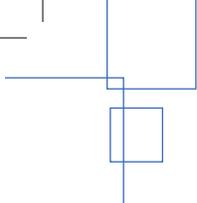
grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Os condomínios com grandes espaços comuns são hoje uma realidade, acredito que muito em razão da situação de precariedade total de nossa segurança. São uma escolha, mas também uma necessidade. Por incrível que pareça, hoje o clube da Asbac em Belo Horizonte é mais frequentado que antes. No caso dos clubes urbanos, não há uma relação prévia de afinidade ou interesse profissional entre os sócios. Muitos deles têm fins lucrativos, aumentando os custos de participação.

A natureza dos clubes associativos é diversa. Não vejo, assim, que estejam fadados ao esvaziamento. Como conversamos, sua função ultrapassa o lazer, encampando interesses corporativos legítimos. É necessidade dos servidores do Bacen manter o bom funcionamento da associação e do clube.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

É difícil nomear pessoas, porque foram tantas as inestimáveis. Destaco as que logo vêm à memória, certamente cometendo o pecado de esquecer de outras, tão ou mais importantes que as que elenco: Sérgio Leite Costa Reis, fundador da biblioteca, idealizador do jornal da Asbac, diretor em mais de uma ocasião, sempre presente; Maurício Lourenço da Costa, Delegado Regional na época em que fui Diretora da Asbac, parceiro em vários eventos e no projeto de reforma do clube da Asbac; José Luiz da Cunha Fernandes, grande incentivador e cronista dos nossos jornais Janela e Janelinha; Luiz Carlos de Lima, nosso guia em várias caminhadas pelas trilhas de Minas Gerais; Consuelo Oliveira Schettini, representante da colônia de Cataguazes, de alegria contagiante, onipresente nos eventos da associação e idealizadora de projetos sociais; José Pedro Rocha e Antônio Ribeiro Xavier, nossos churrasqueiros; Alfredo Condé e Lugão, nossos músicos; Waldemar German, Danilo Fernandes Rocha, Dilma Souza Silva, Antônio Mário Mourão e Jackson Sizenando, nossos poetas; Newton Nery de Santana, polivalente motorista da metade do Banco, churrasqueiro e jogador de futebol; e finalmente o pessoal da Fiscalização Bancária, que estava em todas, e aqui não poderia deixar de estar.



“Antes solidários, servidores se tornaram individualistas, só participam com algo em troca”

Sandra de Sousa Leal, Diretora Regional da Asbac-RJA
Março de 1989 - Janeiro de 1992

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Aconteceu primeiro o envolvimento com as pessoas que participavam da Asbac naquela época. Comecei ajudando nas atividades e depois participando como diretora adjunta. Fui gostando e resolvi me candidatar a Diretora. Os colegas concordaram e me apoiaram. E assim, fui a primeira mulher a dirigir a Asbac no Rio de Janeiro. A ideia de que a Asbac tem a finalidade de congrega os funcionários e suas famílias, prestar serviços e ajuda financeira. Apesar de hoje não utilizar nenhum destes serviços, continuo filiada, por carinho e por achar que a Asbac é importante.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

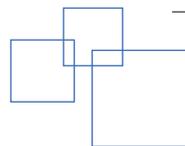
Socialização e lazer são itens fundamentais na nossa vida. Sem os amigos e os prazeres que a vida pode nos proporcionar, seríamos seres vazios e infelizes.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

O que mais foi marcante foi o atendimento social que a gente faz com os colegas. Ouvindo suas histórias, opinando quando pediam, utilizando sua experiência para trazer nova visão sobre os fatos que traziam. Havia uma rotina nestas conversas.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Nesta época os funcionários do Banco Central não podiam ser sindicalizados e havia um movimento efervescente da necessidade de termos uma representação. A nossa Asbac no Rio de Janeiro exerceu importante papel de apoio e participação nestes eventos.



Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

As Asbacs eram canais de atividades sociais, assistenciais e até mesmo comerciais. Tínhamos uma feirinha em que os funcionários podiam pagar suas compras com débito em conta no dia do pagamento. Tínhamos as festas de final de ano com a contratação do Tivoli Park para as crianças e o baile para os adultos. Eram muito apreciados. A colônia de férias fazia muito sucesso.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

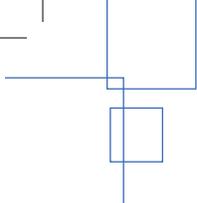
Sim. Fiz muitos amigos e também alguns inimigos. Lembro-me de realizarmos um evento de uma semana esotérica, com palestras sobre astrologia, chakras, meditação e muitos outros assuntos relacionados, que proporcionou muitas amizades. Eram temas quase nunca abordados no Banco Central.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

A Asbac foi muito importante para o Banco Central, que até então não possuía um canal descontraído de relacionamento com os funcionários da instituição. Era um relacionamento muito formal. Participando de suas atividades, as pessoas tiveram a oportunidade de se conhecerem melhor. Deixar a Asbac definhar, não contribuindo para sua continuidade, será retornar a um estágio ruim para todos. Nestes últimos anos vi as Asbacs reduzirem de tamanho, de serviços e de filiados. Teve que abrir mão da exclusividade para aceitar pessoas da comunidade e sobreviver para atender aos que não querem perdê-la.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

Consideravelmente. Nos anos 70 a 90 os funcionários eram solidários, participavam ativamente das atividades. Atendiam às solicitações quando chamados. Presenciei uma colega fazendo uma festa para comemorar 10 anos de Banco Central, com muito orgulho.



Atualmente o que vemos é um individualismo muito acentuado. As pessoas, em sua maioria, só participam se receberem algo em troca.

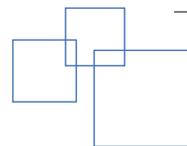
Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

Com certeza. As pessoas compartilham as piscinas dos prédios sem nunca terem cumprimentado seus vizinhos. Apenas usam suas instalações. Uma associação como a Asbac tem condições de formar amigos. Tornar o colega da mesa ao lado parceiro nos esportes, nos passeios promovidos ou até mesmo nos comentários sobre os eventos. Afinal, dividem o espaço de trabalho e o mesclam com lazer.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Paulo Calovi, Miriam de Oliveira, Roberto Siqueira, Paulo Stein são pessoas com que tenho amizade até hoje. Pessoas que sempre foram companheiras e defensoras da Asbac. É claro que existem muitas outras pessoas que até hoje defendem os princípios que criaram a Associação. A experiência de cada um transformou a Asbac e por isto todos que participaram são importantes.





“Éramos apaixonados pela instituição, tínhamos postura diferenciada. Hoje, o perfil é outro”

Selito Antônio Bordin, Diretor Regional da Asbac-BEL
Março de 1989 - Dezembro de 1990



Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

Meu envolvimento com a Asbac foi total durante meu tempo de serviço e continua agora, como aposentado. No primeiro dia de trabalho me foi apresentada a ficha de inscrição para a entidade e imediatamente preenchida. Não havia segunda hipótese.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

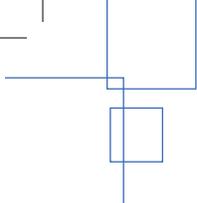
Pode haver, porém, a socialização e o lazer com os colegas é fator importante pois se conhece o colega fora do ambiente de trabalho. Isso melhora o inter-relacionamento.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Melhor conhecimento da pessoa, suas reações, seus posicionamentos sociais, e certas características não perceptíveis no ambiente de trabalho.

Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Certamente que contribuí. No caso de Belém, o clube da Asbac era frequentado por todos. Ali se praticavam esportes, se realizavam festas promovidas pela Asbac e também muitas vezes eram ali realizadas festas particulares dos Associados. As Olimpíadas nacionais e o Programa de festas Regionais, salvo engano com o título: “Minha Terra, Minha Gente”, promoveram grande integração entre colegas de todas as regionais. No caso de Belém, abrimos o clube para a comunidade visando melhorar a arrecadação, e isso também favoreceu a integração dos associados com a vizinhança.



Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC.

Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

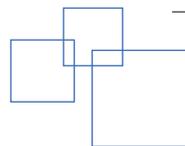
Concordo, pelos mesmos aspectos apresentados na resposta anterior. Além disso, era no clube que conhecíamos o grupo familiar do associado e a integração entre eles.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você e sua família?

Sim. Foi importante para mim, para meus filhos, enfim, a aproximação entre filhos de associados criou novos grupos de amizade e relacionamento.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação contínua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

A Asbac certamente já foi muito mais importante nesses aspectos. Quase todos os funcionários que entravam no Bacen compraram seu primeiro carro pelo consórcio da Asbac. Os convênios com supermercados, farmácias, etc., foram fator importante para muitos colegas cujo orçamento era escasso. Empréstimos a juros reduzidos também permitiram facilidades para muitos associados. Esses fatores hoje já não são tão relevantes. Percebo que muitos novatos não aderem à Asbac. Para os antigos associados, muitas vezes a disponibilidade de um clube, de um consórcio, de um empréstimo



hoje já não é mais primordial. Com isso, cai a frequência ao clube, diminui o interesse pelos serviços que a Asbac presta, etc. Mas isso não deve dispensar a continuidade do clube. Penso que estruturas em locais turísticos, disponibilizadas a baixos custos aos associados, podem ser um dos atrativos que ainda persistem.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

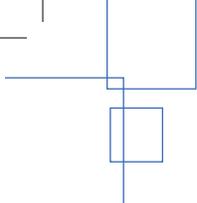
Como aposentado morando no interior do estado de SC, tenho pouco contato com o pessoal do Banco. Mas percebo que éramos mais apaixonados pela instituição, tínhamos uma postura diferenciada em relação a outros órgãos públicos. Éramos celetistas. Hoje são funcionários públicos e, como tal, o perfil é outro.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teriam como fugir desse destino?

A venda do clube da Asbac- Belém é um exemplo de que não há mais como sustentar, exceto em estâncias turísticas, que poderão ainda ter adesão justificável.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Paulo Stein (POA), Calovi (BSB), Altino Almeida, Reginaldo Bentes(BEL), Salvador Oliveira (CWT).



“Associação com socialização e lazer é vital para funcionários e, por consequência, para a empresa”

Wallace Moacyr do Carmello Silva, Diretor Presidente Janeiro de 2001 - Janeiro de 2004; Diretor Regional, Agosto de 1997 - Janeiro de 2008; Março de 1980 - Novembro de 1981; Outubro de 1978 - Março de 1980; Presidente do C. A., Janeiro de 2007- Janeiro de 2010; Janeiro de 1998 - Janeiro de 2001, todos na Asbac-REC; membro efetivo Conselho Deliberativo Asbac Nacional, Março de 1983 - Março de 1986

Qual foi seu envolvimento com a Asbac?

O que ainda une você à instituição?

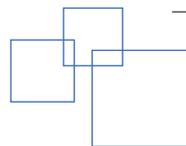
A Asbac para mim, nos anos 78/80 foi um namoro sério. Não bastasse ser um sócio entusiasmado e sempre presente, quis tornar-me gestor da Associação, oportunidade que me proporcionou torná-la mais atraente para os demais associados. Ainda hoje esse sentimento não mudou. Mesmo ela não sendo mais aquela menina exuberante, ainda assim, continuo nutrindo o mesmo carinho. A Asbac sempre será uma referência.

Na sua concepção, pode existir trabalho dissociado de socialização e lazer?

Não. Essas duas vertentes são primordiais para o bom andamento, no trabalho, por parte dos funcionários. Uma Associação que traga em seu bojo tais propósitos tem importância vital para os funcionários e conseqüentemente para a empresa.

Durante o tempo em que foi dirigente, quais os principais aspectos da relação humana que via exercitados e chamavam atenção, em relação aos colegas associados da Asbac?

Havia uma interação efetiva e participativa entre eles. O desejo de uma associação cada vez mais dinâmica era motivo para que estivessem sempre sugerindo novas implementações e, muitas vezes, até se dispondo para ajudar nas realizações.



Considera que conseguiu realizar ou colaborar na realização de eventos importantes, ou melhorar o clima da comunidade associativa, com sua atuação? Pode destacar algum?

Foi muito importante ter dotado a Regional de sua primeira sede Social e Recreativa fora do recinto do Banco. Era de cunho campestre – mas, ao mesmo tempo, muito próxima ao Recife, no Bairro de Dois Irmãos, onde a frequência era maciça. Também consegui a concessão, junto ao Bacen, do Prédio Guarantã, na Avenida Ca-xangá, bem próximo ao centro da cidade, que servia de ponto de encontro dos sócios e seus dependentes. Lá foi instalado um bar-zinho e jogos de salão, inclusive mesas de sinuca. Mais tarde, meu sucessor implementou benfeitorias e inaugurou como sede administrativa e recreativa da Direc.

Na avaliação de muitos, a Asbac desempenhou papel relevante para várias gerações de servidores do BC. Você comunga dessa ideia? Em que medidas e aspectos?

Além do papel de promover o bem estar com as atividades pertinentes e desenvolvidas pela Associação, além dos pais, os filhos dos diversos associados criaram fortes vínculos de amizade entre si que, na maioria, perduram até os dias de hoje. Leve-se, ainda, em consideração que o incentivo à prática esportiva e o gosto pela arte e cultura foi de grande importância.

No que toca à formação de amigos, conagraçamentos, esportividade, sociabilidade, e promoção de cultura, a Associação foi relevante para você a sua família?

Sem dúvidas. Acredito que o mesmo deve ter ocorrido com a grande maioria dos Associados e Dependentes.

Ter uma entidade como a Asbac como auxiliar nas funções da área cultural, social, financeira, recreativa, e também fazendo as vezes de plano de saúde, em sua ótica, foi importante para o Banco Central? Se considera que sim, deixar que haja depreciação continua na importância da Associação pode representar erro de estratégia?

Certamente. Na minha ótica, Asbac era na verdade uma extensão do Bacen. O bem estar de seus associados refletia no corpo funcional: mais entusiasmo no trabalho, camaradagem e maior descontração entre todos.

Nos contatos que ainda tem hoje com o funcionalismo da casa, consegue ver diferenças sensíveis no perfil do servidor do BC de hoje, em relação ao do funcionário dos anos 70, 80 e 90?

No que pese as poucas idas ao Bacen, mesmo assim dá a impressão de haver algumas diferenças. Parece-me não existir um clima de conagraçamento maior, a exemplo do que existia naquele transcurso de tempo, onde o corpo funcional era, na verdade, um todo. Salvo engano, existem maiores ligações apenas entre grupos de mesmos departamentos.

Com a mudança dos hábitos de moradia nas grandes cidades, e os condomínios passando a absorver funções de academia, grande parte dos clubes entrou em crise. Em sua opinião, Clubes pequenos como a Asbac teria como fugir desse destino?

O relacionamento das pessoas de um condomínio é muito diferente do que existe numa associação. Dependendo do que for oferecido pelos clubes e da habilidade do gestor em conhecer as necessidade de seu corpo social e implementar atividades que satisfaçam seus anseios, há grande chance de sobrevivência, acredito.

Que pessoas você consegue nomear que, sob seus parâmetros, melhor representam o espírito de sociabilidade, parceria, companheirismo e associativismo que sempre se pretendeu dar à Asbac?

Prefiro, para não cometer alguma injustiça com outros tantos, não declinar nomes.

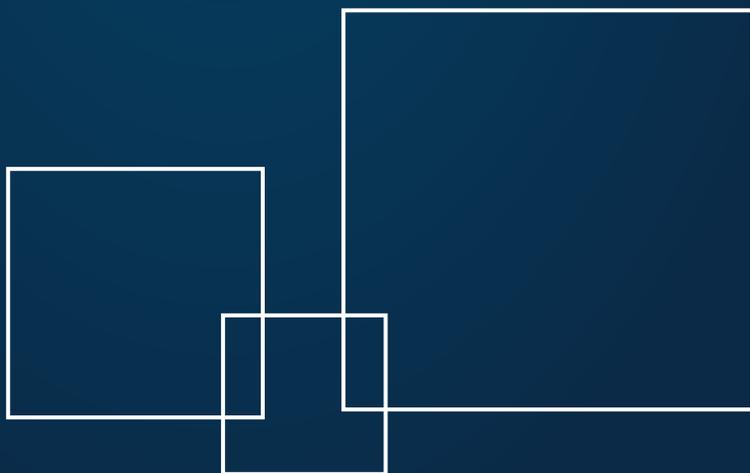




PERSPECTIVAS

O papel do IFenasbac na Federação

por Lucila Simão



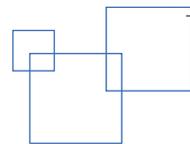
Após ótima apresentação e promissora inserção, Instituto persegue crescimento e consolidação

Executiva fala como ocupa espaço no competitivo mercado de cursos de gestão corporativa, de pessoas e finanças, dos desafios vencidos e do ânimo com que encara os próximos 7 anos

No momento da criação do Instituto Fenasbac, em 25 de novembro de 2011, seus idealizadores sonhavam com a entidade recém-inaugurada gerando conhecimento, oportunizando o debate e disseminando temas próprios da função de Banco Central, dos relativos ao contexto econômico e os de gestão corporativa. Além disso, consoante com esse sonho, também seriam promovidos, pelo Instituto, eventos de treinamento, de seleção e qualificação profissional e realizadas consultorias sobre temas econômicos e de gestão corporativa. E todas essas ações seriam bem-sucedidas, conquistariam o mercado e consolidariam o Instituto Fenasbac como órgão promotor da excelência organizacional.

Durante os últimos sete anos, todos os responsáveis pelo desempenho do Instituto devotaram tempo, energia e muito entusiasmo na busca pela concretização desse sonho.

Inúmeros desafios foram enfrentados, valiosas lições aprendidas e grandes realizações comemoradas. E, hoje, os integrantes da equipe do IFenasbac têm a mais absoluta certeza de que muito foi conquistado e que o sonho acalentado há sete anos deu, com vigor e determinação, seus primeiros passos.



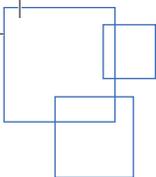
Atualmente o IFenasbac possui uma carteira, em permanente crescimento, de clientes fieis, representando empresas das mais diferentes naturezas e portes, que avaliam muito positivamente os produtos e serviços do Instituto. Conta com grupo de gestores e equipe de colaboradores competentes e engajados. Expandiu a atuação para diversas regiões do país. Sua receita cresce, reforçando a crença de seus dirigentes de que, muito em breve, a autossustentabilidade será alcançada. Tornou-se empresa reconhecida pelo empenho permanente em acompanhar as mais recentes tendências da sua área de atuação e pela criação contínua de produtos inovadores.



E, para os próximos sete anos, quais são as perspectivas do IFenasbac para esse novo ciclo de existência que agora se inicia?

Conscientes de que o sucesso de uma empresa é decorrência natural do desempenho consistente de sua equipe de trabalho, os gestores do IFenasbac definem como uma de suas mais ambiciosas perspectivas a implantação de um sistema de educação corporativa voltado para o desenvolvimento sistemático e contínuo de seus colaboradores. Esta perspectiva é alimentada pela crença de que profissionais altamente qualificados impactam positivamente a empresa, favorecendo a ocorrência de ciclos de inovação e renovação e garantindo a sustentabilidade do negócio.

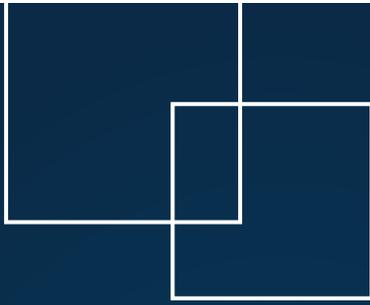
O alcance de níveis crescentes de excelência na execução de seus processos internos viabiliza a concretização dos objetivos de negócio. Nesse sentido, outra relevante perspectiva do Instituto está relacionada ao desenvolvimento, por parte de seus gestores e equipes de trabalho, de práticas estratégicas e operacionais voltadas para a execução de processos que primem pela excelência.



Equipes bem treinadas e inovadoras, comprometidas com a excelência dos processos internos de trabalho e contribuindo para o pleno alcance das metas empresariais, certamente garantirão ao Instituto o reconhecimento e valorização de sua clientela. Como forma de transformar esta perspectiva em realidade, o IFenasbac, por meio da experimentação e consolidação de inovadoras estratégias de marketing e vendas, vem aumentando consideravelmente um grupo de clientes especiais.

Ao se considerar a perspectiva financeira, a principal meta do Instituto é a consolidação da sua autonomia financeira, o que vai representar a garantia da autossustentabilidade. Nesse sentido, uma das principais estratégias do IFenasbac será o fortalecimento contínuo da sua área de vendas, buscando assim incrementar o número de clientes e, conseqüentemente, aumentar gradativa e permanentemente a geração de renda.

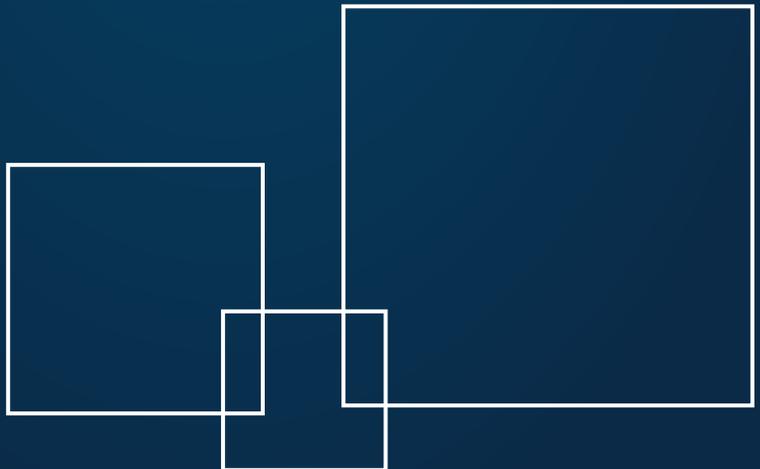
Lucila Simão, Diretora Executiva do IFenasbac



PERSPECTIVAS

O futuro das associações

por Paulo Aragão



Em plena batalha, diversificando para sobreviver

Clubes e associações padecem na concorrência com a nova formatação urbana das edificações e os atrativos dos gadgets e, na busca da sobrevivência, procuram criatividade e investir na diversificação de serviços

O chamado terceiro setor, em que estamos inseridos, compõe-se de grande variedade de instituições resultantes da mobilização social na constituição de clubes e associações, sem contarmos com entes similares, que se destinam a trabalhos diversos visando à sociabilização de grupos, envolvendo aspectos de lazer, esporte, cultura e serviços.

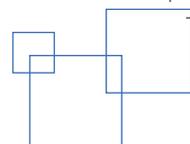
São organizações semelhantes pois, em suas estruturas formais, caracterizam-se por se constituírem em entidades civis sem fins lucrativos, e que seguem orientações específicas ditadas pelo Estado quanto à forma de conduzir suas administrações.

Em boa parte do transcurso do século anterior e até meados da década de 70, os clubes e as associações eram opção das mais glamourosas e elegantes no que diz respeito a atividades de divertimento e de práticas esportivas. Festas suntuosas, ambientes luxuosos e frequentadores pertencentes à alta sociedade. Os tempos modernos trouxeram a diversidade de opções para atender às necessidades lúdicas e atlético-desportivas, gerando assim uma natural dificuldade dos clubes e associações na continuação de suas atividades.

Agregue-se a isso tudo a grande transformação surgida na construção de edifícios residenciais, que passaram a contar com espaços de lazer cada vez mais sofisticados, resultando, mais modernamente, na inclusão de verdadeiros "clubes" nos condomínios habitacionais.

Iniciou-se, aí, uma grande batalha pela sobrevivência de tais entes, batalha essa que perdura até hoje, com grandes baixas, mas com tenaz e heroica resistência dos "sobreviventes".

A função dos clubes é congregar grupos sociais em torno de valores que lhes são inerentes. Sejam eles de elite, da classe média ou de setores menos favorecidos economicamente. Seus componentes têm lá a certeza de estarem juntos a seus pares sociais, e



encontram, também, a segurança do lazer, o que já é, nos dias de hoje, grande atrativo para as famílias.

Nossas Asbacs estão nesse rol guerreiro e têm colecionado significativas vitórias, cada uma dentro de suas características peculiares: grandes ou pequenas; com sede própria ou cedida em comodato, ou até mesmo sem sede – terceirizando o uso de espaço físico e prestando serviços.

A seguir, temos um quadro com a evolução do número de associados de nossas Asbacs, com o total. Podemos constatar que já tivemos mais de sete mil sócios e que, nos dias atuais, estamos dentro da casa dos cinco mil.

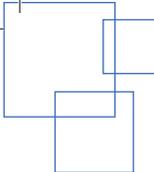
Associados Asbac | Evolução

	Até 31.10.67	Jul 1978	Set 1978	Nov 1990	Dez 2000	Abr 2011	Dez 2012	Dez 2013	Dez 2015	Mar 2017	Abr 2018
RJA	1782	1685	1726	1746	1554	1379	1333	1278	1303	1201	1158
BEL	15	73	85	82	69	57	62	62	65	67	84
FOR	17	97	108	113	159	185	168	159	163	138	178
REC	7	248	256	246	182	171	172	170	167	157	153
SAL	5	168	168	172	157	478	374	484	481	435	472
BHO	57	247	260	279	262	228	255	264	267	258	250
CWT	31	203	210	181	164	166	158	165	164	167	160
SPO	169	944	976	875	810	563	642	570	555	499	500
POA	16	225	230	197	205	188	178	173	173	160	157
BSB	19	3278	3307	3403	3328	3448	3434	3494	3054	2836	2708
Total	2118	7093	7362	7294	6890	6863	6776	6719	6392	5918	5820

Assim, o desafio que se nos impõe é continuar nessa pugna pela sobrevivência, mas sem tirarmos o olhar do bem servir aos associados, seja no proporcionar lazer, seja no prestar serviços.

Pelas palavras do historiador e jornalista Miguel Ângelo de Azevedo, pelo advento da televisão e das festas realizadas em ambientes abertos, onde não se exigiam carteirinhas de sócios nem origens, apenas um quilo de alimento não perecível, os clubes foram perdendo campo. A isso, some-se o surgimento de muitas outras formas de entretenimento, principalmente os de origem eletrônica, como jogos em que tomam parte pessoas, muitas vezes, até de nações diversas. Foi a sentença, inapelável, aos clubes e associações: não tem saída, ou se modernizam ou morrem!

Dessa forma é que nos encontramos atualmente, em plena batalha, tentando sobreviver, ao tempo em que procuramos dar aos associados as melhores atrações e opções de lazer, de prestação de serviços diversos e de assistência financeira. Estamos em per-



manente ebulição no que diz respeito ao planejamento estratégico de nossas ações visando não só bem servir, como também à nossa duração enquanto ente congregador, procurando gerar rendas sem onerar o sócio. Para isso criamos o IFenasbac, que já se apresenta como uma esperança de sustentáculo ao nosso porvir.

Prossigamos, então, com muita disposição, nessa peleja.



**Francisco Paulo Brandão Aragão,
Presidente do Conselho Gestor da Fenasbac**



INVENTÁRIO

Comunicações
& Artes

CAMPEONATO DE PING PONG ASBAC BELÉM

PREMIAÇÕES:

1º – 04 happy hour's na Estação das Docas
+ Medalha de ouro (simbólica)

2º – 03 happy hour's na Estação das Docas
+ Medalha de prata (simbólica).

3º – 02 happy hour's na Estação das Docas
+ medalha de bronze (simbólica).



**INÍCIO DO CAMPEONATO:
12 DE MARÇO**

**LOCAL: ED SEDE DO
BANCO CENTRAL, 13º ANDAR.**



REALIZAÇÃO:



APOIO:

Fenasbac

INSCRIÇÕES: 26 DE FEVEREIRO A 9 DE MARÇO

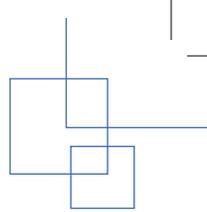
INSCREVA-SE:

NO LOCAL: ED. SEDE,
1º ANDAR (RESTAURANTE)

PELO TELEFONE: RAMAL 2046/
91 3181.2046 / 91 31990751
(FALAR COM ROSI MALHEIROS)

PELO EMAIL:
ASBACBELEM@GMAIL.COM

Cartaz Campeonato de Ping Pong da Asbac-BEL, em mar18. Arte da Fenasbac, por Diego Pimenta



a gente está aqui
como número zero
de janela para
você, trazendo a
nossa sugestão
e a esperança de que
você se manifeste,
neste há espaço para
que você fale. Paga
sua dívida, apresente
seu trabalho.

JANELA

ANO I — Nº 0 — FEVEREIRO/MARÇO DE 1979

Leon Hirschmann
e o Cinema Novo
A Lei da Usura
Bei Voador não Pode
Biblioteca
Dicas e mais dicas

FOTO: Rosa Maria de Oliveira

Número zero do jornal Janela, lançado pela Asbac-BHO, editado por Rosa Maria de Oliveira, em fev./mar 79



- O JANELINHA AGRADECE A TODOS OS SEUS COLABORADORES: Waldemar German, José Luís da Cunha Fernandes, Rogério Jacques, Sandra Ribeiro Carneiro, Itamar José de Oliveira, Zuleica Porto, Celso Adolfo, Antônio Mário Moutão, Vera Lúcia C. Fernandes Moutão, Dalva M. Schroder, Luiz Antônio Vale, Ernesto Carneiro Rodrigues, Francisco Pinheiro, Armando Medeiros de Faria, Adalberto Luiz, Carlos de Victor Rodrigues, Ana Maria Brant, Lúcio César de Faria, André Prado, Maria do Carmo de Freitas Sacco, Wanderley Benjamim de Souza, Sebastião Rocha, Carlos Jorge, Hélio Antônio Pinheiro dos Santos, Paulo Augusto Andrade, Sebastião Márcio Monteiro, Hélio Geraldo de Souza, Marcus Alcântara Veloso, João Antônio Fleury Teixeira, José Reinaldo Pimentel dos Santos, Consuelo Schettini Nascimento, Maria Cristina Viana, Mário Costa dos Santos, Cristina Porto Reis, Válder Cavalcanti de Andrade, Marília Prado Penido, Cleber Finto dos Santos, Luiz Antônio Andrade Gonçalves, Nelmar de Castro Batista, Giovani Pereira, Jackson Sizemando das Chagas Borges, Dúma Souza Silva, Geraldo Faleiro, Paulo Sérgio Sivera, Mafalda Guerra Rocha Ballivan, Gráfica "O Lutador", Roberto Fatorelli Carneiro, José Mendonça, Mucery Gama Júnior, Maristela Carvalho, Luiz Oswaldo Rodrigues - Lor.

Janelinha

Última página do número 20 do Janelinha, da Asbac-BHO, editada por Rosa Maria de Oliveira, com caricaturas dos colegas e colaboradores mais envolvidos com o jornal. Este foi também o último publicado



Capa do jornal Janela nº 6, da Asbac-BHO, de mai80, editado por Rosa Maria de Oliveira, ainda com temática atual

JANELA

ano 2 - número 6 - belo horizonte, maio/1980

Vem aí o concurso de poemas, contos, entrevistas,
reportagens, fotografias...



Pôster publicado no jornal Janela, n.º 9, da Asbac-BHO, editado por Rosa Maria de Oliveira, em 1980

40 ANOS
ASBAC

Dia das Crianças Asbac

DATA: 12.10.17
HORÁRIO: A PARTIR DAS 11H

Food Truck

BRINQUEDOS INFLÁVEIS | SHOW COM PERSONAGENS DA PATRULHA CANINA | GINCANAS DIVERTIDAS |
PINTURA DE ROSTO | BALÃO MANIA | GULOSEIMAS | EXPOSIÇÃO DE PETS COM SHOW DE "AGILITY" |
EXPOSIÇÃO DE CARROS ANTIGOS | FEIRA DE ARTESANATO E OUTROS PRODUTOS | FOOD TRUCKS E MUITO MAIS...

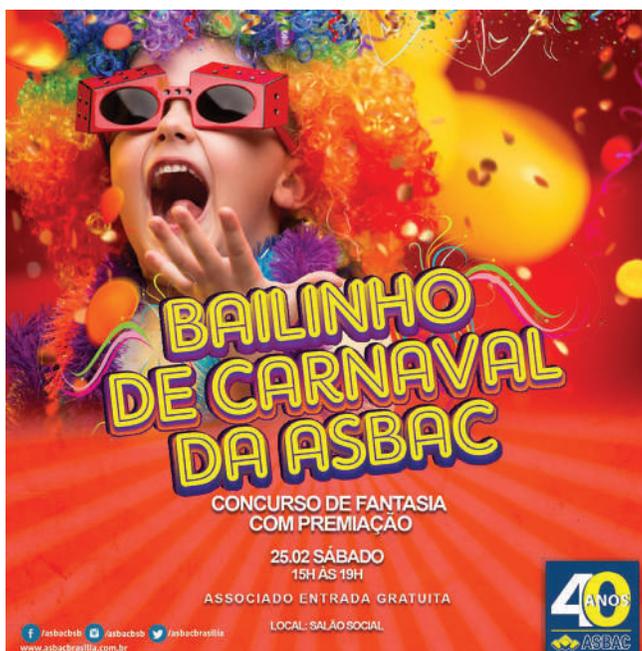
A FESTA É GRATUITA PARA ASSOCIADOS.
CONSULTE CONDIÇÕES PARA ENTRADA DE CONVIDADOS NA SECRETARIA DO CLUBE

Informações: 3212-5419 ou 3212-5420

A Asbac é melhor com você!

[/asbacbsb](#) | (61) - 99986-4851

Cartaz Dia das Crianças, de 2017, feito pela Asbac-BSB.
 Texto de Sabrina Amorim, arte de Geilson Cabral Reis



Cartaz Bailinho de Carnaval da Asbac-BSB, em fev17.
Texto de Hadaya de Aquino, arte de Geilson Cabral Reis

40 ANOS
ASBAC

PÁSCOA DA ASBAC

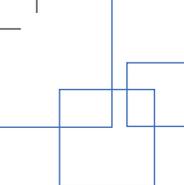
Food Trucks
Brincadeiras
Pintura de Rosto
Caça aos Ovos

16.04
Domingo
11h às 15h

A Asbac é melhor com você!

f /asbacbsb

Cartaz Páscoa Asbac-BSB, para 2018. Texto de Sabrina Amorim, arte de Geilson Cabral Reis



40 ANOS
ASBAC

ABACE

12 MAIO
Sexta. 21h

Baile *das*
Mães

Banda: Satisfaction
Abertura: Tributo a Tim Maia

Valores 1º lote: R\$90,00 para sócios, R\$120,00 para convidados

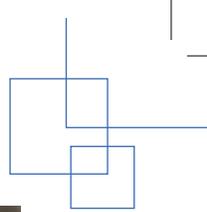
O convite inclui:
Buffet: Coquetel volante, jantar e sobremesa
Bar: água, sucos, cerveja, vinho e espumante
Brinquedoteca

Venda na secretaria do clube, posto Bacen e Abace
à vista ou no cartão de crédito

A Asbac é mais com você!

  /asbacbsb

Cartaz Baile Dia das Mães, da Asbac-BSB, para 12mai18.
Texto de Sabrina Amorim, arte de Geilson Cabral Reis



VÁLIDO PARA RATINGS FIDE E CBX PENSADO
CLASSIFICATÓRIO P/ A FINAL DO
CAMPEONATO GAÚCHO 2015 (20 VAGAS)

Promoção Metr pole Xadrez Clube

De 31 outubro a 2 novembro 2015 na sede da AABB Porto Alegre.

Patrocínio:



Apoio: **AABB**
PORTO ALEGRE

Regulamento e informa es
www.mxc.org.br

Cartaz campeonato Xadrez 2015, da Asbac-POA. Arte de B. A. Comunica o

Festa de Natal

10 de dezembro de 2016 a partir das 21h



Show Especial

RODRIGO SOLTTON

Apresentando

**ELVIS PRESLEY
BY JOHNNY GRACE**

Entretenimento

MÁGICO EDDY

**Welcome Drinks
& Buffet Natalino**



Animação: DJ Hugo
dance music anos 70, 80 e 90

LOCAL: SALÃO PÔR DO SOL • AABB (CEL. MARCOS, 1.000)

Informações e Reservas: Secretaria da ASBAC POA | Fones (51) 3215.7217 e 3215.7234

Ingressos Individuais:

Sócios Asbac e Sinal R\$ 80,00
(tit., cônjuges e filhos)

Sócios Asbac ou Sinal e AABB R\$ 90,00
(tit., cônjuges e filhos)

Pais e demais parentes de associados R\$ 110,00

Não associados funcionários BC R\$ 110,00

Convidados sem vínculo R\$ 150,00

Parcelamento com cheque ou com débito em conta jon e fev de 2016.

Traje Esporte

Promoção Conjunta:



SINALRS

Patrocínio:



Apoio:



Cartaz Festa de Natal 2016, da Asbac-POA, arte de B. A Comunicação

Promoção *Muito* Sou + Sócio 2012

Para novos sócios e sócios em dia com ASBAC e FENASBAC

De 1º de julho a 15 de dezembro de 2012

Sorteio final em 15/dez pela Loteria Federal



1º Prêmio:

Um home theater de até R\$ 1,5 mil**

2º Prêmio:

Um notebook de até R\$ 2,0 mil**

3º Prêmio:

Uma viagem nacional de até R\$ 3,5 mil**

4º Prêmio:

Um refrigerador Frost Free de até R\$ 3,0 mil**

5º Prêmio:

TV 3D LED 46" Sony KJ9-46ex725 Full HD Valor estimado: R\$ 4 mil

Sorteios intermediários nos dias 25/08, 29/09, 27/10 e 24/11.

Veja cartazes de divulgação.

Comece, associe-se já! Quanto antes você participar mais chances você tem de ganhar! São mais de R\$ 30 mil em prêmios!

Retire suas cartelas e troque seus cupons na Secretaria da ASBAC.*

- Cada 100 pontos vale 1 cartela
- Cada ponto = R\$ 1,00
- Associado em dia = 1 cartela
- Associado em dia e em dia juliano = 1 cartela
- Associado em dia e juliano = 100 pontos
- Associado em dia e juliano = 200 pontos

- Trazer um amigo para se associar = 100 pontos
- A cada R\$ 100,00 em débito em folha (folha mensalizada, PGMF, Seguro, Consórcio, cartões e lançamentos) ou conta corrente ou pagamento em dinheiro na ASBAC POA, até o valor de R\$ 100,00 = 100 pontos
- Nova adesão e consórcio ou seguro = 100 pontos
- Aumento de seguro = 100 pontos



*Consulte regulamento completo e demais prêmios no site www.asbacportoalegre.com.br

** Valor estimado



Cartaz promoção Sou + Sócio 2012, da Asbac-POA, arte de BA Comunicação

História dos 35 anos da Asbac **pg.2**

Alguns impressos que fizeram a história da Asbac **pg.3**

Recife ganha de Brasília em jogo de futebol **pg.2**

Entrevista: Alguns pontos de vista sobre uma mesma Asbac **pg.4**

Editorial

Comemoramos no ano de 2001 o trigésimo quinto ano de criação da Asbac. Foram 35 anos de trabalho. Trabalho que deixou e continua deixando marcas que não se apagam, pelo contrário, vão se acumulando na memória dos associados. Não podemos esquecer, nem deixar de enaltecer, o esforço que a Asbac tem feito na área social, através de atividades esportivas, culturais e eventos festivos (São João, Dia da Criança, Confraternização de Fim de Ano...) que possuem o propósito de facilitar a integração e o verdadeiro espírito de amizade do seu corpo social, e por que não dizer dos funcionários do Bacen como um todo?

Sem dúvida tivemos obstáculos, e não foram poucos. Atravessamos crises que para muitos representariam o fim da Entidade. Os dirigentes porém, viram essas crises como desafios a serem vencidos. E o resultado está aí, sucessos e sucessos! A Asbac cada vez mais viva e ativa! Por isso é nosso dever registrar o espírito de abnegação demonstrado pela diretoria executiva e o corpo funcional da nossa Associação, pois sem eles não conseguiríamos chegar onde estamos. Chegamos com simplicidade, mas não com facilidade. E como é difícil fazer as coisas grandes com simplicidade! Daí minha conclusão: o



Foto: Manoel Nunes Vieira Neto

crescimento de nossa Associação não só é viável, mas é o seu destino. Mãos à obra! ■

Quadro atual da Asbac. Da esq. para a dir.: Maria do Socorro Carneiro da Cunha, Joaquim Pinheiro B. de Menezes, Bartolomeu Soares de Melo, Carlos Alberto de Oliveira, Arésio Joaquim dos Santos, Francisco Jefferson Sá, Wallace Moacyr do C. Silva, Raul Ottoni de A. Gouveia, Dilson Lino de Carvalho e Hélio Pequeno de Araújo.

Francisco Jefferson Sá
Presidente do Conselho Administrativo da Asbac/Direc

Expediente

Diretor Presidente
Wallace Moacyr de Carmello Silva

Diretora Administrativa
Maria do Socorro Carneiro da Cunha

Diretora Financeira e Social
Helena Maria Santos Ferreira

Diretor de Patrimônio e Esportes
Maviala Melo de Andrade

Suplente
Roberto Parrini

CONSELHO FISCAL

Presidente
Dilson Lino de Carvalho

Membros Efetivos
Joaquim Pinheiro B. de Menezes
Raul Ottoni de Araújo Gouveia

Membros Suplentes
Neide Lins Silvério
Ricardo Medeiros Valença Jr.
Vilma Lúcia Sabino Rodrigues

Presidente do Conselho de Administração
Francisco Jefferson Sá

Jornalista Responsável
Patrícia Araújo

Tiragem
1000 exemplares

Impressão
Gráfica e Editora Nordeste

Asbac/Direc
Rua da Aurora, 1259, Santo Amaro
50040-090 Recife-PE
pabx: (0xx81) 3413. 4184
pabx/fax: (0xx81) 3222.7061

Calendário

Atividades da Asbac para o Primeiro Trimestre de 2002

Janeiro

11 a 14 - Excursão para o Litoral do Rio Grande do Norte
19 a 22 - Excursão para o Litoral de Alagoas

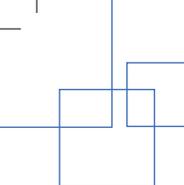
Fevereiro

01 - Oficina de Auto Maquiagem ministrada pela empresa O Boticário
02 - Manhã de Sol
07 - Exposição de produtos de O Boticário

Março

01 - Asbac-okê
02, 15 e 30 - Viagens de Estudo
23 - Excursão para Nova Jerusalém

Neste mês serão realizadas ainda, em parceria com o Bacen, Sessões Pipoca em dias a serem sugeridos pelos associados.




Arraiá da
ASBAC
2017

SEDE COMARY
1 de Julho | De 20h às 00h

FORRÓ PÉ DE SERRA
BANDA SEU QUIXOTE



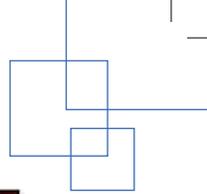
Reservas de hospedagem a partir de 1º de Junho

Convite: R\$35,00
Crianças:
0 até 6 anos: grátis
De 7 à 12 anos: R\$18,00

Reservas no Sócio Cultural
Tel.: (21) 2189-5128




Cartaz Festa Junina 2017, produzido pela Asbac-RJA, arte de George Souza



QUEIJOS & VINHOS

Queijos e Vinhos

**A HARMONIZAÇÃO PERFEITA PARA
UM PASSEIO AINDA MAIS ESPECIAL**

**30 DE JULHO 2016
DE 20H ÀS 24H
SEDE COMARY**

**INFORMAÇÕES E RESERVA:
(21) 2189-5128**

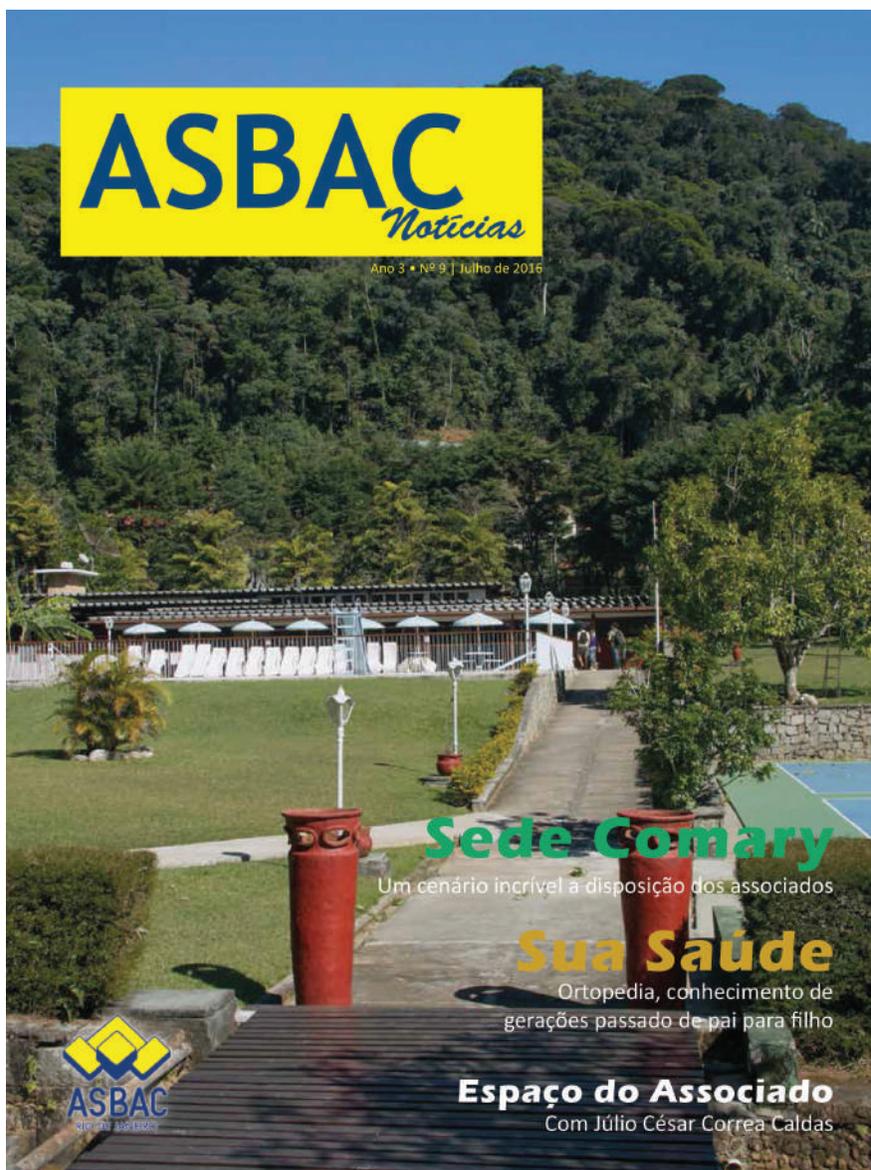
Cartaz Festa de Queijos e Vinhos de jul16, promovida pela Asbac-RJA, arte de George Souza



Cartaz Festa Dia das Mães, em mai17, promovida pela Asbac-RJA, arte de George Souza



Cartaz Festa do Halloween de out17, promovida pela Asbac-RJA, arte de George Souza



Capa da revista Asbac Notícias n°9, de jul16, editado pela Asbac-RJA.
Textos de Priscila Stille e Wanderson Luiz, arte de George Souza

Espelho

UM REFLEXO DA ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO BANCO CENTRAL
ASBAC - RIO - ANO III - Nº 32 - FEVEREIRO/86

Assim se constrói
uma associação

PÁGINA 3

POR DENTRO

CORTE

O Banco Central determinou um corte de 20% na contribuição social para a ASBAC, seguindo orientação da SEST (hoje dirigida a uma política mais realista no estabelecimento de preços e subsídios).

"SERVIÇO"

A parte deste número particularmente, mediante informações transmitidas pelo SEN, relação dos profissionais (redução e descredenciamento pela instituição, cujos nomes não constam ainda no livro de "Credenciais e Credenciamentos" do DIERJ. Veja na seção Serviço.

TRÂNSITO

O Dierjan inventou parte da mão das ruas do Matão e Joaquim Paiva. Com isso muda o itinerário da Associação da Cooperativa dos Funcionários do Banco do Brasil.

INFORMÁTICA

Desde o planejamento ao Programa de Informática, o DIERJ pretende realizar ainda neste semestre o curso de Informática no Processamento de Dados e CMN para mais três turmas, além de outros de Engenharia como NAT-U e REX.

ESPECIALIZAÇÃO

O DUFES colocou à disposição do DIERJ 5 vagas para os interessados nos Cursos de Especialização (em graduação lato sensu), em turmas abertas, previstos para este ano. Requisitos funcionais e outras informações poderão ser obtidas com o Agente de Treinamento na REPLA.

BOICOTE

É evidente o ressentimento dos funcionários do Banco do Brasil com a imprensa — a quem acusam de ter "manipulada pelos ricos para caluniar os funcionários, deturpando os interesses dos banqueiros" — que foi decidido o boicote à venda de assinaturas de jornais e revistas no Banco. Ficou claro que haverá dificuldades de acesso às agências daqueles que trabalham como segundo foi falado. "vedadores da circulação". A resolução foi tomada durante a paralização de uma hora em sinal de protesto localizada no Último da 5) contra as medidas adotadas recentemente pelo Governo com relação à instabilidade.



'Por um quadro social ativo'

Os planos e idéias do diretor eleito José Vieira Assumpção são revelados em entrevista nesta edição. Ele quer pôr um fim na apatia do quadro social da ASBAC.

Páginas 4 e 5

Realidade financeira

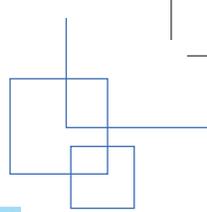
A ASBAC acaba de ser atingida por um corte de 20% da contribuição que o Banco destina a nossa Associação. Fato inédito nestes 20 longos anos de vida. A decisão partiu da SEST e obrigou à uma reformulação do orçamento para 1986. O Rio de Janeiro, por possuir algumas reservas, conseguiu manter os projetos previstos para o ano reduzindo a margem destinada a reserva contingência, e que não deve ser acionada com as demais Regionais que já trabalham com orçamentos apertados. Mas este foi um importante sinal de alerta. E obtive que

precisamos redobrar os cuidados com os custos e aplicar uma política mais realista na determinação dos preços que são cobrados aos associados pelos nossos serviços. Mas o fundamental será lutar para que o Banco lance os programas sociais da Associação não sejam sacrificados em nome de uma contenção de despesas cuja amplitude desconhecemos. Nestes últimos anos tem sido uma constante a corda arrebentada sempre do lado mais fraco. O associado do Rio de Janeiro vem sendo, graças aos recursos que acumulamos ao longo

desses anos, um dos mais de serviços e programas sociais e práticos bastante subutilizados. Apenas com o corte podemos ter algumas possibilidades de melhorias em termos de salários em termos, para não falar das programações de Natal, que abrangem 3000s indivíduos. Outros projetos importantes deverão ser afetados (os salários (contribuições pessoais e patronais) e as despesas sobre o a irrigação, sem controle, os recursos ficam cada vez mais escassos, tornando-se urgente uma revisão dos critérios para estabelecer prioridades de gastos e fixação de subsídios.

Evitar desperdícios e a deterioração do patrimônio são também tarefas de todos. O indispensável, no entanto, será a participação mais ativa do associado na discussão desta nova realidade. E o primeiro round desse debate será travado na questão da construção da sede social, no Andaraí. Mas isto já é outra história. No mais, ficam aqui as nossas despedidas. O agradecimento pelas críticas construtivas e o apoio de tantos amigos. Trabalhar pela ASBAC foi, sem dúvida, uma experiência que valeu a pena.

Jornal Espelho, da Asbac-RJA, n° 32, fev.86. Redação, diagramação: Zingue Comunicação



GUIA DE CREDENCIADOS [MÉDICOS, ODONTÓLOGOS, HOSPITAIS, LABORATÓRIOS E OUTROS] DO PASBC-SP

Salutar

A revista do seu Programa de Saúde, comportamento, hábitos saudáveis e qualidade de vida

ANO 1 | No. 1 | DEZEMBRO DE 2010

REVELAÇÕES E SURPRESAS

POR TRÁS DO

CHECAPE PERIÓDICO

*Preparação pós-carreira
começa a fazer parte das
preocupações bacenianas*

Uso da nicotina cai
radicalmente e já se
projeta erradicação



Luiza Mell
Musa pró-animal
conta como venceu
a anorexia

Capa revista Salutar: revista editada pela Asbac-SPO de 2010 a 2013, contendo divulgação dos credenciados do Pasbc. Arte de Naconecy

UMPORTODOS

[Boletim da Asbac-SP sobre os Jogos da Amizade com Curitiba | 20 e 21 de novembro de 2010 | São Paulo-SP]

DELEGAÇÃO AGUARDADA



[Adiado por uma semana, o evento finalmente teve início em 20 de novembro. Parte da Delegação mostrou interesse em se aventurar, principalmente, pela R. 25 de março e pelo Mercado Municipal. Por aspectos de segurança, foi desaconselhada.]

ENTROSAMENTO SEMANAL



[Time vencedor, de Curitiba, que treina toda quarta-feira na sede, foi formado por Chico, Edson Lopes, Cristian, Arnaldo e Cláudio; Paulo Henrique, César, Salvador e Gilmar; Roberto e Paulo César (Airtón).]

SURPRESA PAULISTA, NO TÊNIS



[Foi uma disputa desigual: apenas uma dupla curitibana se habilitou para formar um quadrangular e disputar troféu no tênis. Na final, prevaleceu a dupla pai e filho, Young Man To e Davi, sobre Joaquim e Clovis.]

Asbac-CWB exercita confraternização, visita e conquista São Paulo

Consagrando o genuíno espírito federativo, a delegação da Asbac de Curitiba fez mais uma visita a um coirmão e, como das vezes anteriores, encantou os anfitriões com simpatia e fairplay.

O encontro, imaginado há seis meses, em reunião da Fenasbac, foi pensado grande: como os atuais dirigentes da Asbac paulista viveriam as antigas olimpíadas que reuniram integrantes de todas as Asbacs, nos anos 80, resolveram plantar a semente do que poderia ser uma reunião semelhante às tão bem sucedidas de décadas anteriores. Diante do clima de descrença quase que generalizada de fazer ressurgir eventos daquele porte, pela própria característica das associações de hoje, os dirigentes das Asbacs menores manifestaram sua avaliação de que não conseguiram dar alento à idéia em suas regionais. A Asbac de Curitiba, no entanto, encampou a iniciativa e tratou de dar asas à imaginação e transformá-la em realidade, arrematando um contingente suficiente para concretizar um "Jogos da Amizade" para ninguém botar defeito.

Faça-se justiça: os Jogos nunca teriam ocorrido se não fosse o poder de aglutinação deste incansável Salvador Soares Oliveira, o executivo que trata sua Asbac com o cuidado de uma propriedade afetiva própria. É evidente o respeito e o elo de amizade que transmite a todos os associados paranaenses, pelo muito que se podia perceber no clima de amistosa cumplicidade entre todos os que se abalaram a vir a São Paulo. Foram quase sete horas de ônibus leito.

A data estratégica inicialmente agendada para o evento, a feriado prolongado de 13 a 15 de novembro, acabou sendo descartada, por culpa de uma greve de motoristas no Paraná. Talvez tenha sido melhor, já que tantos dias de folga têm ocasionado congestionamentos quilométricos nas estradas que ligam São Paulo, além do que aquele fim de semana coincidia com a corrida de Fórmula 1, a data que mais requisa hotéis na capital paulista. Mesmo que o fim de semana destinado às competições também tenham colidido com outro megaevento paulistano, dois shows do ex-beatle Paul McCartney, a delegação curitibana chegou sã e salva a São Paulo, e se instalou confortavelmente no flat Massis, na Rua Antônio Carlos, próximo ao Banco Central, nos Jardins. Mas não aproveitou muito a localização privilegiada. Depois de um pequeno descanso, para repor energias, a delegação se deslocou para o Clube de Campo da Asbac, em Guarapiranga, num percurso que levou quase uma hora.

Os jogos, enfim

16 horas, gramado monumental de Guarapiranga. A faixa amarela afixada no aramado lateral do campo, recepcionando os visitantes, anunciava a importância do porão. O clássico São Paulo X Curitiba estava prestes a começar. Árbitros a postos, bola rolando. Rapidamente São Paulo fez 2 a 0; o jogo parecia um passeio. No segundo tempo, no entanto, os curitibanos empreenderam uma reação espetacular, e viraram para os definitivos 6 a 4, para delírio da superanimado torcida.

UMPORTODOS: informativo da Asbac-SPO publicado sempre que evento especial o justifique, aqui reportando visita da Asbac-CWT a São Paulo, em 2010, arte e Textos de Naconecy

Coeso, adepto do fairplay e da boa mesa, time curitibano foi show de bola

A arte do churrasco, importada de Curitiba

O grupo precioso que privilegiou São Paulo com sua visita tinha tudo para agradar qualquer anfitrião, por mais exigente que fosse. São afáveis, educação inglesa, preocupados em não deixar de passar boa impressão. Mas exageraram nos requintes, nesta visita à terra dos Bandeirantes. Foram, num exagero de linguagem, quase que egoístas no item "querer agradar", deixando pouco para seus recepcionistas. Para começar, convencionaram que iriam patrocinar uma churrasqueira no dia de sua chegada. Iriam, para tanto, importar a carne a ser servida, selecionada de seus melhores fornecedores. Tudo bem. Mas um detalhe deixou claro o nível de exigência dessa elite paranaense: trouxeram um churrasqueiro,

Rodrigo, especialmente para grelhar seus pertences. Requirte supremo para quem se preocupa com mínimos detalhes. Nem é preciso comentar o resultado dessa busca de perfeição: em São Paulo, agora, em termos de degustação de carnes especiais, existe A. C. e D. C.; antes e depois da caravana curitibana. Após esse gesto de supremo deleite, o foto da Asbac paulista tentou incrementar o evento com camisetas especialmente confeccionadas, faixas saudando os visitantes e um cardápio pretensamente marcante para os visitantes, tudo passou quase despercebido. Curitiba é chave demais.

Opinião

Os heróis que tornaram o encontro possível

A Fenabac apoiou olímpicamente com os troféus. Mas o grande dinamismo deste encontro foi o empenho do diretor executivo da Asbac curitibano, Salvador Oliveira, por comandar com mestria sua caravana de esporte e simpatia. Sem seu espírito heróico e congregador, essa reunião ficaria entre as tantas inesquecíveis que nunca saíram do papel. De toda sua tropa, igualmente, alguns esbanjaram alegria, como o treinador do time de futebol, admirador do jogo limpo, e o casal Ivo e Sulamita – ele, ás duplista de tênis; ela, desconcentrada mas letal jogadora de carteadado – todos com invejável espírito de grupo. Pela Asbac paulista, muita gente, entre funcionários e esportistas, compareceu e emprestou brilho ao encontro. Merecem destaque, em especial, o itinerante educador físico e clone de gerente de clube, Nestor Simonetti, que procurou deixar tudo nos trinques, com auxílio de seu braço direito, Klaus Fernandes, e quase conseguiu. E a nunca esquecível Vanessa Ieiri, presente em todos os eventos, auxiliada por Reinara e Carla, registrando tudo com sua máquina e a vontade incansável de ajudar.

Curitiba abiscoitou os troféus mais importantes



Cartaz de divulgação do evento no BC

Teve de tudo, durante os dois dias no Clube de Guarapiranga – inclusive jogos. As taças confeccionadas foram entregues duas vezes ao time de futebol, uma ao técnico, outra ao capitão, que venceram jogos por 6 x 4 e 12 x 0. No tênis, Young pai e filho foram os vencedores paulistas das duplas de campo, por 9 x 5. No carteadado, o jogo de buraco teve empate entre duplas curitibanas. No tênis de mesa não deu para mais ninguém, além do paulistano Vitor Takano. Na sinuca, deu Curitiba. Como incentivo, houve torneio paralelo de tênis, que sagrou vitoriosa a dupla Luiza Higashi-Renato. O troféu mais aplaudido, porém, foi para Salvador, pela chefia gloriosa da delegação curitibana.

RAQUETE NOVA E AFIADA



[Vitor Takano Omomo, filho da associada Marinês, não deu chance ao adversário paranaense. Na melhor tradição nipo-brasileira, impôs superioridade no Ginásio de Guarapiranga, garantindo troféu para SP]

BANQUETE FARTO E AUTO-SERVIÇO



[O chef Jorge, encarregado da alimentação no Clube de Campo, apostou na variedade de ingredientes e temperos para recepcionar os curitibanos. A julgar pelas manifestações dos convidados, acertou em cheio.]

BOAS MÃOS NO CARTEADO



[Sulamita (segunda) e Janine (a quarta), mãe e filha, aliam sorte e simpatia e dividiram o troféu do buraco com Salvador e Neusa]

BALANÇO FINAL, AO VIVO



[Avaliação no final, no restaurante, reuniu Salvador, o capitão de sua equipe de campo, Nestor Simonetti e Clovis Naconey, do C.A. de SP, enaltecendo a iniciativa]

UMPORTODOS é publicação da

Asbac São Paulo [www.asbacsapaulo.com.br]

Texto: Clovis Naconey e Tadeu Florentino
Fotos: Vanessa Ieiri

UMPORTODOS: informativo da Asbac-SPO publicado sempre que evento especial o justifique, aqui reportando visita da Asbac-CWT a São Paulo, em 2010, arte e Textos de Naconey

O SONHO DO IMÓVEL

AGORA VAI ESTAR ACESSÍVEL AO SERVIDOR DO DC

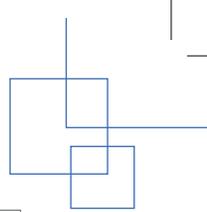
EM CONDIÇÕES SUPERVANTAJOSAS



VEJA COMO NO EVENTO DESTA QUARTA-FEIRA, 4 DE ABRIL
ÀS 16 HORAS NO AUDITÓRIO (21º) | SEGUIDO DE COQUETE!

INICIATIVA ASBAC | PATROCÍNIO 

Cartaz "Sonho do imóvel": divulgação de palestra sobre consórcio imobiliário, na Asbac-SPO, em 2012. arte e texto de Naconecy



**Traga
sua
pessoa!**

(o prato é por nossa*conta)

Almoço comemorativo do DIA DOS APOSENTADOS
27 de outubro de 2011 | Churrascaria Vento Haragano - Rebouças

*  **SINAL** | Inscrições na Asbac (r. 6724) ou no Sinal (3159-0252) | Vagas limitadas

Cartaz "Traga sua pessoa": divulgação do Almoço dos Aposentados, promoção da Asbac-SPO em 2011. arte e texto de Naconecy

TODOSPORUM

[Boletim da Fenasbac sobre o IFenasbac | Instituto Fenasbac

9 de setembro de 2011 | Fortaleza-CE]

Reunião histórica sela e celebra criação do Instituto Fenasbac

Ao encerrar os trabalhos da 39ª Reunião Extraordinária do Conselho Gestor da Fenasbac, ocorrida nos últimos dias 1º e 2 de setembro, no salão de eventos do Hotel Magna Praia, o grupo de dirigentes convocado das Asbacs de todo o país tinha muitos motivos de se imaginar protagonistas de um momento histórico.

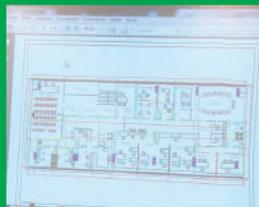
No dia anterior, ante uma mesa crítica e atenta, os consultores Horta e Salomão apresentaram as linhas básicas do que poderia ser o IFenasbac, um instituto concebido dentro do escopo de pensar na sustentabilidade para as Asbacs. O projeto, muito bem realizado e arquitetado para consolidar o processo de modernização institucional iniciado com o Planejamento Estratégico, encantou a todos com suas possibilidades. Numa época de vacas magras para as associações culturais-recreativas-esportivas-sociais, principalmente representa um respiro salvador, uma reinvenção que pode significar a sobrevivência.

O Instituto Fenasbac de Excelência Profissional está sendo forjado para promover geração de conhecimento, debate e disseminação de temas próprios da função banco central e de temas relativos aos contextos econômico e de gestão corporativa, objetivando a excelência profissional. Entre seus propósitos principais está promover cursos, palestras e seminários de reciclagem e qualificação profissional sobre temas econômicos, de gestão corporativa, da área de conhecimento de banco central, além de estimular e apoiar realização de estudos e pesquisas, edição de livros e material técnico, desde que compatíveis com os propósitos maiores do Instituto.

Seu organograma inicial é composto de Diretor Executivo e de duas gerências, que hierarquicamente se reportam ao Conselho Gestor da Fenasbac, e também ao aval do Conselho Fiscal da Federação. A esse diretor se irá requerer expertise e titulação especiais, que incluem mestrado ou doutorado, visão estratégica e de negócios, espírito empreendedor, além de qualidades como liderança, habilidades sociais e de articulação político-administrativa e de comunicação, além de atuação em equipe de trabalho.

Depois da aprovação por unanimidade dos presentes, foi nomeada comissão para delinear o estatuto que vai reger o novo Instituto, a ser composto pelos conselheiros Aparício Secundus, de Brasília, Ruy Jádriel, de Curitiba, e Paulo Stein, de Porto Alegre. A última fase do cronograma de implantação, que vai coincidir com o início de atividades do IFenasbac, é a de prospecção de parcerias, celebração de convênios, e divulgação de eventos e marketing, previstos para abril de 2012.

FENASBAC A SER REPAGINADA



[Exibida nova configuração do andar da Asbac, após reforma prevista para 6 meses]

TRABALHO IMPECÁVEL



[Carlos Salomão e Roberto Horta (no destaque): pontos principais delineados]



2 DE SETEMBRO DE 2011, FORTALEZA-CE | os artífices da aprovação histórica

TODOSPORUM: informativo da Asbac-SPO sobre criação do Instituto Fenasbac, em 2011, arte e texto de Naconecy

Todos os protagonistas do encontro



Aparício Lima –
Bresília



Carlos Filardi – Rio
de Janeiro



Clovis Naconecy –
São Paulo



Eronides Pituba –
Salvador



Joaquim Menezes –
Recife



J. Francisco Ribeiro –
Fortaleza



Lúcia Reis –
Belo Horizonte



Marina Castro –
Dir. Fenasbac



Maysa Vicente –
Fenasbac



Paulo Aragão –
Fortaleza



Paulo Stein –
Porto Alegre



Reginaldo Santos –
Belém



Rui Jodiel –
Curitiba



Vândir Nascimento –
Jurídico Fenasbac

Adequação no Estatuto abre espaço para empresa de alto nível em qualificação profissional

As principais alterações

Refinadas e avaliadas pelo Conselho Gestor da Fenasbac, as alterações permitem que a Federação participe de empresas destinadas à qualificação profissional, relacionadas com temas de banco central, contexto gerencial, corporativo e econômico, além de decidir sobre seu estatuto e homologar indicação dos gerentes.

Opinião

Adaptar-se para sobreviver

Os tempos são bicudos, e se o caldo em que estamos imersos apenas permite que, mantendo a inércia, tenhamos visão turva do futuro, é hora de mudar. Há momentos em que temos que romper, ir para outro lugar, mudar de idéias, e assumir novos riscos e desafios. Nesse equilíbrio entre integração e mudança é que vamos evoluindo, aprendendo. Cada um faz seu próprio percurso, segue sua receita. É importante ver se estamos acomodados demais, se só nos adaptamos e esquecemos das mudanças possíveis. O IFenasbac surgiu para romper esse marasmo com inteligência, aproveitando a expertise que nos é acessível. Uma chance de ouro para enfrentar e superar novos desafios organizacionais e de sustentabilidade.

Educação é novo foco

O Comitê Gestor da Fenasbac se reúne habitualmente para tratar de assuntos de economia doméstica, que tangenciam sempre a sobrevivência das Asbacs. Nos anos recentes, o Prêmio Asbac de Qualidade alterou essa toada com o incentivo a iniciativas culturais, sociais e esportivas, que são a essência das associações. Mais proximamente, outras tentativas de reverter o quadro sombrio da perspectiva financeira das Asbac foram muito louváveis, como a do consórcio de imóveis, ainda que não conseguisse, até agora, o feedback imaginado. Essa guinada alentadora para o campo da educação foi saudada com efusivos aplausos pelos presentes, senões pontuais à parte. A diversificação deve quase que imediatamente alçar o IFenasbac à primeira linha das instituições de aperfeiçoamento profissional do país, com o diferencial, em relação a empresas como IBMEC, FGV, ESAD, ESAF e ENAF, da possibilidade de oferta de um produto exclusivo, ligado à coleção de competências dos BCs em geral, e a vantagem de contar com profissionais do quadro próprio ao BCB, aposentados e na ativa, quando um tema um tema determinado o justifique.

SOB O SOL DA PRAIA DE IRACEMA



[Pelo menos até sábado, praias eram só deslumbre das janelas do hotel. A organização de Maysa Vicente, perfeita, agradou a todos. O sol de 35 graus, refrescado pela brisa, aqueceu o clima de produtividade e boas perspectivas.]

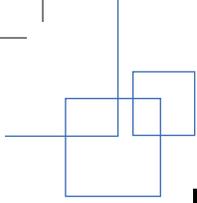
IDEALIZADOR DEFENDEU O PROJETO



[A concretização do IFenasbac será, certamente, grande realização do presidente Paulo Stein. Após os consultores, o próprio defendeu com propriedade aspectos aventados pela platéia afinal, estava em jogo patrimônio da Federação.]

TODOSPORUM é publicação da
 FENASBAC Federação Nacional de
 Associações dos Servidores do Banco
 Central.
 Texto: Clovis Naconecy e Tadeu Florentino
 Fotos: Clovis Naconecy

TODOSPORUM: informativo da Asbac-SPO sobre criação do Instituto Fenasbac, em 2011, arte e texto de Naconecy



TORNEIO ASBAC DE

XADREZ *2011*



**24 DE AGOSTO A
9 DE SETEMBRO | 2011**
Café Kopi Luwak

**INSCRIÇÕES ATÉ 22 AGOSTO NO R. 6114
ABERTAS PARA TODOS SERVIDORES,
TERCEIRIZADOS E ESTAGIÁRIOS**

PARTIDAS DE 15 MINUTOS APENAS NA HORA DO ALMOÇO

Cartaz "Torneio de xadrez": divulgação da atividade, pela Asbac-SPO, em 2011, arte de Naconecy

asbac | sp É NÓS

➤ **Biblioteca | Clube do Vídeo**
O Código da Vinci está entre os livros e DVDs mais procurados. Pág. 2



➤ **Xadrez**
Equipe da Asbac (aqui, no Pinheiros) é destaque no Estadual de Clubes. Pág. 3

Boletim da Associação dos Servidores do Banco Central em São Paulo | Ano 1 | N. 1 | Jan-Fev-Mar 2007

Revitalização vai valorizar sócio

Uma série de ações coordenadas pela nova direção está começando a ser direcionada no sentido de trazer de volta o sentimento de orgulho de pertencer à Asbac. São medidas que incentivam a participação em eventos culturais, esportivos, propõem maior interatividade em atividades cotidianas, realçam o papel de prestadora de serviço da Associação e vão cobrar de todos seus colaboradores atendimento ao associado sempre nota 10. O mote é "Ser sócio sempre faz diferença". Detalhes na página seguinte.



Equipe de 2007 com Maurício Batista, Wander, Maurício Jr., Severino, Márcia, Vantoir, Sâmara, Vanessa e Fábio: afinados em atender mais que bem.

Asbaqueano não toma chuva

Chuvvas de verão já não são tão molhadas assim, em São Paulo. Pelo menos para associados da Asbac. Desde fevereiro, os que se deparam com uma tromba d'água no térreo são surpreendidos com a oferta de um bem-vindo e poderoso guarda-chuva, como é o caso de Paulo de Oliveira (foto ao lado). É a Asbac surpreendendo com atitudes positivas.



Novos dirigentes assumem dispensando personalismo



Realçando o espírito de grupo e rejeitando auto-promoção, os componentes do Conselho de Administração que tomou posse no início de janeiro comemoraram com jantar no Emiliano, restaurante da Oscar Freire.

Fenasbac prestigia posse



Paulo Stein, presidente (conferindo a conta), e o assessor jurídico Wandir Nascimento vieram conhecer os novos diretores e degustaram pratos originais como a "Interpretação de chocolate sob várias formas e texturas".

Denise Stocklos, grátis só para quem é sócio da Asbac.

Detalhes na pág. 2

Esta é Sâmara Paula, que vai estar presente nas mais importantes comunicações gráficas de eventos culturais da Asbac



Capa boletim ÉNós, sobre atividades da Asbac-SPO, editado de 2007- 2009, arte e texto de Naconecy

A ASBAC PRECISA



DE

ADMISTRADORES

Para o triênio 2013/2015

FORMAR CHAPAS PARA CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E CONSELHO FISCAL E
INSCREVÊ-LAS ATÉ 5 DE OUTUBRO DE 2012

REGULAMENTO DISPONÍVEL NA SECRETARIA DA ASBAC (9º ANDAR)

Cartaz sobre as eleições para administração da Asbac-SPO em 2013, arte e texto de Naconecy

Asbac OnLine

Tudo o que pulsa no coração da comunidade asbaqueana de São Paulo

Semana de 2 a 8 de fevereiro de 2009

Cultura



Cinema | novo convênio da Asbac, agora com os cinemas do Shopping Frei Caneca e **Shopping Bourbon**. O esquema é diferente do que já existe com o Espaço Unibanco. O associado tem que buscar seu voucher na secretaria do 9º andar com antecedência, e trocá-lo na bilheteria antes da sessão. Como inicialmente se prevê uma demanda grande, vai ser cobrado R\$5,00 por cada voucher. A sala Imax será incluída, próximamente, no convênio. Outras informações, ligue no ramal 6724.

Teatro | Eri pinta **Johnson** borda: na primeira semana de fevereiro, haverá sorteio de 6 pares de ingressos para a peça, na sessão das 21h de 14 fev.

Esporte

Jogos de Integração | O renovado e sempre bom gerente de esportes da Asbac, **Nestor Simonetti**, já está com sua duracell carregadíssima para movimentar as várias modalidades que os asbaqueanos praticam. "Estamos iniciando um ano com muitas novidades nas áreas de esporte e cultura em nossa Associação. O palco dessas realizações será no Clube de Guarapiranga, um lugar muito agradável, com muito verde, água, uma paisagem belíssima, e bem equipado para os eventos programados para este primeiro semestre. Convidamos e convocamos atletas e não atletas a participarem das atividades.", conclama Simonetti. Quem o conhece sabe que ele faz acontecer.



Aguarde informações no próximo *Asbac OnLine*.

Biblioteca

Informatização | A catalogação do acervo está a pleno vapor, para que você possa inclusive acessar por internet. Enquanto isso, o horário de funcionamento está restrito das 10 às 16 horas.

Clube do DVD

Novos lançamentos | A partir de 9 de fevereiro estarão disponíveis mais 17 lançamentos, entre os quais *O escafandro e a borboleta*. Para se habilitar, contate a Ana Maria (6166), receba o regulamento e escolha sua opção de vantagens.

Sala de Promoções

Luna Bianca (2 a 6 fev) Enxovais de cama, mesa e banho, de excelente qualidade e design. Na semana seguinte (**9 a 13 fev**), estarão expostos óculos, lentes e semi-jóias em geral, da **Joa Ótica** e **AKI Semi Jóias**. Associados têm 20%.

Convênios

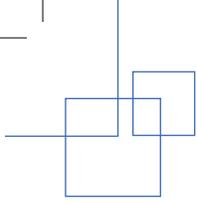
Restaurante | O Petit Bistrô, na Av. Paulista, 2001- sobreloja, é ótima opção para quem quer fazer uma incursão fora dos tradicionais "por quilo", na região. Comida à la carte, com sotaque francês, e refeições completas, por R\$12,00.

Clube de Campo

Tênis | A reforma das duas quadras superiores já foi concluída. A inauguração oficial, com competição interclubes, está agendada para março. Se você é praticante, queremos você no clube, para conferir.

Informativo AsbacONLine, editado a partir de 2009.

Arte e concepção de Naconecy; textos do marketing da Asbac-SPO



Cartaz da Asbac-SPO em solidariedade à população carioca que sofreu com enchente em 2010, arte de Naconecy

PASBC | SP DE BOLSO
 Programa de Assistência à Saúde do Servidor do Banco Central do Brasil

AMBULÂNCIA
 PROMED - SANTA ÂNGELA | 3826-0101, 3666-9444
 Rua Conselheiro Brotero, 672 | Santa Cecília

MATERNIDADE
 HOSPITAL SANTA CATARINA | 3016-4133
 Av. Paulista, 200 | Bela Vista

PRONTO SOCORRO
 HOSPITAL PROF. E. VASCONCELOS | 5080-4000
 Rua Borges Lagoa, 1450 | Vila Clementino

HOSP. BENEFICÊNCIA PORTUGUESA | 3505-1000
 Rua Maestro Cardim, 789 | Paraíso

HOSPITAL DAS CLÍNICAS | 3069-6000
 Av. Dr. Enéas de C. Aguiar, 155 - 4º | Jardim América

HOSPITAL 9 DE JULHO | 3147-9999
 Rua Peixoto Gomide, 625 | Cerqueira César

HOSPITAL SANTA CATARINA | 3016-4133
 Av. Paulista, 200 | Bela Vista

Bons hábitos, exercícios físicos e exames médicos regulares: sua melhor contribuição para sua saúde

PRONTO SOCORRO INFANTIL
 HOSPITAL SANTA CATARINA | 3016-4133
 Av. Paulista, 200 | Bela Vista

PRONTO SOCORRO ODONTOLÓGICO
 CLÍNICA TUTÓIA | 3885-3755, 3885-7500
 Rua Tutóia, 70 | Paraíso

COS - CLÍNICA ODONTOL. SOARES | 5543-4722
 Av. Vereador José Diniz, 3766 | Campo Belo

P. S. PSIQUIÁTRICO E DE DEPENDÊNCIA QUÍMICA
 RECANTO MARIA TEREZA | 4616-0022
 Rod. Raposo Tavares, Km 30,5 Rio/Cotia | Cotia

EM CASO DE FALECIMENTO
 SERVIÇO FUNERÁRIO DA PREF. SP | 3247-7000

OUTRAS INFORMAÇÕES
 PASBC-SP | (11) 3491-6020, 3491-6225
 (Segunda a Sexta-feira, das 9 às 18 horas)

Oferecimento

ASBAC **SINAL**

Curiosidade, entusiasmo e paixão pela vida são aspectos normais da saúde perfeita | Deepak Chopra

www.mec.gov.br/diario

Cartão Pasbc-SP de bolso, para emergências no programa de saúde, feito pela Asbac-SPO, em 2011, arte e texto de Naconecy

Bons Filhos

23 de setembro de 2009
Café Kopi Luwak, 9º andar

Das 15 às 18 horas



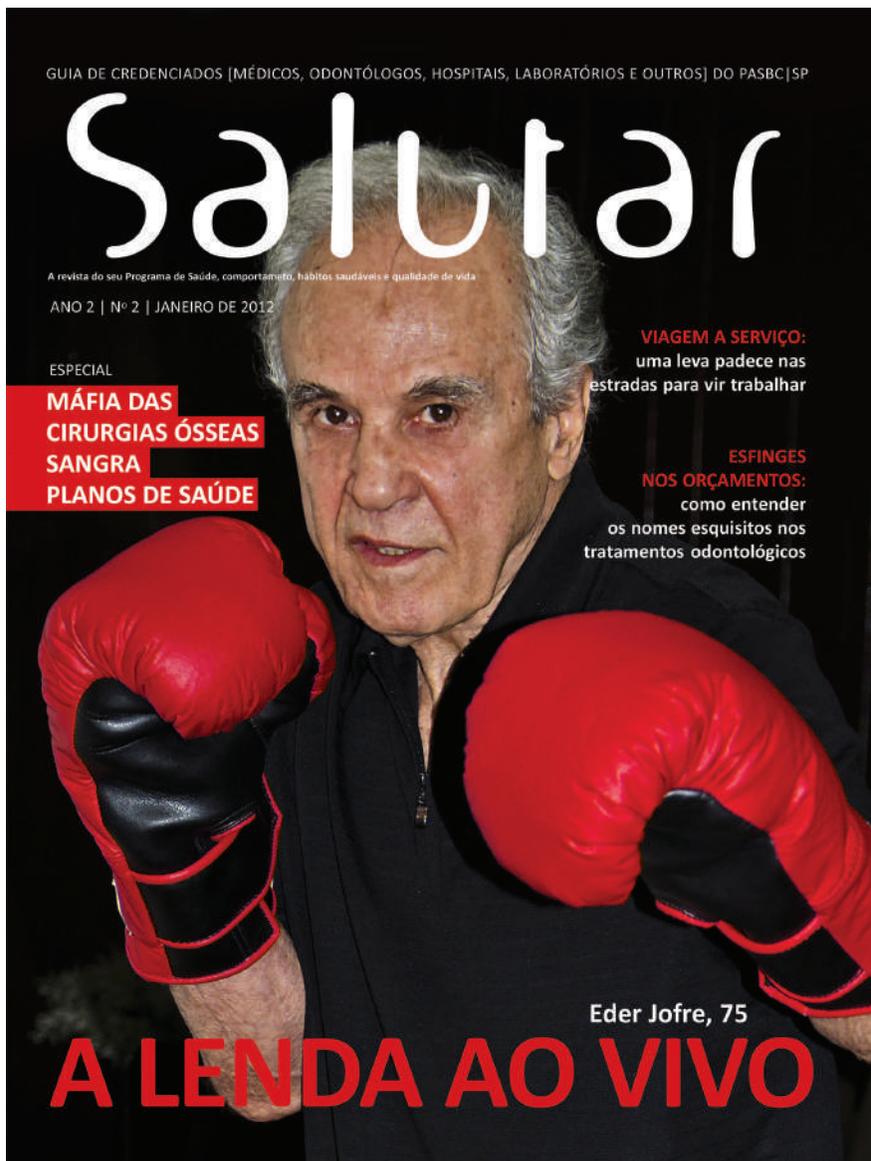
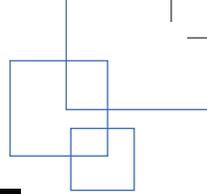
A Asbac vai reanimar seus laços com os colegas aposentados.

Todos os meses terão programações especiais para integrar esse importante segmento que guarda nossa cultura e memória.

O primeiro evento será dia 23 de setembro, no Café Kopi Luwak (9º andar do prédio), das 15 às 18 horas. Convidados associados serão recebidos como merecem: comes & bebes e música de primeira, amigos e carinho.

Anote na agenda. Você não vai querer faltar.

Cartaz "Bons filhos", sobre evento de aproximação com aposentados, da Asbac-SPO, em 2010, arte e texto de Naconecy



GUIA DE CREDENCIADOS [MÉDICOS, ODONTÓLOGOS, HOSPITAIS, LABORATÓRIOS E OUTROS] DO PASBC|SP

Salutar

A revista do seu Programa de Saúde, comportamento, hábitos saudáveis e qualidade de vida

ANO 2 | Nº 2 | JANEIRO DE 2012

ESPECIAL

**MÁFIA DAS
CIRURGIAS ÓSSEAS
SANGRA
PLANOS DE SAÚDE**

VIAGEM A SERVIÇO:
uma leva padece nas
estradas para vir trabalhar

**ESFINGES
NOS ORÇAMENTOS:**
como entender
os nomes esquisitos nos
tratamentos odontológicos

Eder Jofre, 75

A LENDA AO VIVO

Capa revista Salutar nº2, de jan12: revista editada pela Asbac-SPO de 2010 a 2013, contendo divulgação dos credenciados do Pasbc, arte, foto e texto de Naconecy

TODOSPORUM

[Boletim da Fenasbac do Projeto Chega Mais, para novos servidores do BC | 10 e 24 de maio de 2010 | Brasília-DF]

TÉCNICOS ANSIOSOS



[Baixíssimo índice de ausências chamou atenção dos facilitadores e gerentes do BC: aguardando, agora, a chamada final]

ANFITRIÕES EXPERIMENTADOS



[Ricardo Coelho, Nilvanete Costa, Delor Santos e Rolf Stoller: gerentes do BC dizem um pouco das atribuições dos novos técnicos]

APOIO EM KIT ECOLÓGICO



[Informações sobre a carreira no BC, e também sobre convênios, estavam no kit]

Servidores novos conhecem Fenasbac, sindicatos, e sinalizam compromisso

A Fenasbac samou esforços com o Sinal na criação e realização do Projeto Chega Mais, iniciativa pioneira para facilitar o primeiro contato do Banco Central com seus novos servidores. O projeto teve características publicitárias para as duas instituições, principalmente (o SindTec também se apresentou em outra ocasião), mas também representou um braço amigo e facilitador para os novatos em sua estada em Brasília. De fato, foram oferecidas algumas facilidades e benefícios aos participantes da segunda etapa de seleção de técnicos e analistas, como exames laboratoriais e RX para admissão, assistência médica emergencial durante o curso, convênios de descontos com diversos estabelecimentos como hotéis e restaurante, seguro fiança, sala de apoio no local do curso e churrasco de confraternização para as duas turmas:

Esse autêntico investimento na imagem teve início na manhã de 10 de maio, no auditório da Faculdade Fortium. O Presidente da Fenasbac, Paulo Stein, e o Presidente do Sinal, Sérgio Belsito, receberam os 300 candidatos do concurso Bacem para técnico, que, aprovados na 1ª etapa, iniciavam as duas semanas de 2ª fase eliminatória, concluídas em 22 de maio. Os dois representantes, ao darem as boas vindas, fizeram a apresentação institucional da Federação e Sindicato, bem como do Projeto Chega Mais, que procurava dar apoio aos participantes em eventuais necessidades logísticas na estadia na Capital Federal. Ao todo, as apresentações duraram cerca de uma hora e meia, sob interesse generalizado da platéia.

Na oportunidade foi entregue kit contendo a Cartilha do candidato, materiais informativos, uma sacola ecológica e canetas. No domingo, 16 de maio, foi oferecido churrasco de confraternização, no clube da Asbac de Brasília, às margens do belo Lago Paranoá.

Na manhã de 24 de maio, a dose foi repetida, agora para uma platéia maior, de 400 candidatos a analistas. O contingente maior exigiu um local mais adequado; foi escolhido o Centro de Eventos e Convenções Brasil 21 para as duas semanas do curso de formação. Stein e Belsito fizeram nova apresentação para a platéia renovada. No mesmo dia, as presenças do Chefe do DEPEs, José Clóvis Dattoli, ex-dirigente da Asbac Salvador e da Nacional, e do Chefe Adjunto Delor Santos serviu para reforçar a presença da Associação como elo de amizade entre os servidores, já que Dattoli manifestou-se simpaticamente aos calouros, elogiando a ação conjunta Fenasbac/Sinal, num entrosamento que souu de parceria.

O churrasco em 30 de maio serviu como um primeiro subtotal neste primeiro rito de conhecimento entre as instituições e os novos servidores.

Uma primeira boa imagem projetada a partir da receptividade dos novos servidores que, aliada a outras ações conjuntas, vão conseguir a proeza de reenergizar as Asbacs com a ampliação e renovação de seu quadro social, e também fortalecer o Sinal.

Boletim TPU, feito para reportar projeto Chega Mais, que recebeu novos servidores em 2010, arte e texto de Naconecy

Projeto Chega Mais foi boa sacada, mas operação-adesão ainda falta finalizar

A importância da primeira boa impressão

"Você nunca terá uma segunda chance para causar uma boa primeira impressão" é paradigma principal do mundo dos negócios da última década e, no caso da Fenاسبac e do Sinal, é postulado que não se deve contrariar. Para tanto, ambas entidades enviaram seus principais quadros para representá-las junto à turma de novos técnicos e analistas, ainda em curso de formação realizado em Brasília. Ao mesmo tempo que a oportunidade era única, e era imprescindível que representantes dessem as caras num evento desse porte, era preciso não perder a dimensão das apresentações em meio a uma carga de informação do tamanho de 9 horas por

dia durante duas semanas. Ou seja, praticamente tudo o que era preciso falar era o que somos e a que servimos. No mais, ficaríamos, como a maior parte da carga de informação da quinzena, perdidas numa memória volátil. Pelo fato material de divulgação recebida por cada servidor, com 44 páginas, pôde-se ter uma ideia de como, a princípio, as novas vão avaliar a dimensão de cada entidade. São 5 páginas dedicadas aos feitos do Sinal; 2 para a Fenاسبac. O handicap gráfico teve que ser compensado com a fluência, a tarimba e o savoir-faire dos expositores, quesitos em que o presidente Stein é sempre brilhante.

Opinião

A importância do script eficaz na cerimônia de posse

Toda a trabalhadora realizada para aparecer e ter visibilidade durante o curso de formação pode escorregar pelo buraco se não for reforçada com um roteiro minucioso de persuasão para o dia da posse dos novos servidores. É a hora de vamos ver. Quem tem uma perspectiva realista da situação das entidades associativas como a Asbac sabe bem que, perdida essa chance de ouro de reeditar os índices de adesões de sócios dos tempos de ouro, restará dar razão aos pessimistas. Como os atuais dirigentes não dão mostras de baixar a guarda, é preciso trabalhar rápido. Com a aquiescência dos dirigentes do BC das áreas de pessoal, e com a expertise de nossos melhores redatores, teremos que elaborar uma sequência de encaminhamentos que terão que ser seguidos à risca para que os novos servidores tenham a exata noção de que ser associado à Asbac é uma extensão de seu compromisso com a comunidade baceniana. Simples assim. Qualquer bom comerciante sabe o que acontece quando o possível cliente diz que vai pensar e que, depois, volta.

Atolados em informações, novos ficaram com dúvidas

Quase em uníssono, os técnicos que participaram da quinzena de formação consideraram muito interessantes as palestras e apresentações do curso. "Foi muito bom, o material muito bem elaborado. A parte da segurança foi pesada, mas não tinha como ser de outro jeito", disse Arnaldo Chaves. Formada em Publicidade, Andréa Costa e Silva considerou as apresentações da Fenاسبac e do Sinal convidativas. "Fiquei em dúvida se vou poder me associar aos dois sindicatos que se apresentaram; também não entendi bem o papel da Fenاسبac. É uma junção dos sindicatos?". Indagou. Para a candidata a técnica, também ficou faltando uma parte mais substancial de prática, de vivenciar os setores de trabalho. Outro participante do curso, Arnaldo Gallo, viu deficiências apenas na parte de tirar dúvidas da Cesgranrio, que ora não atendia, ora não era organizado. Sobre a Sinal e a Fenاسبac, considerou os expositores respeitosos e claros. "Mas não sei se vou me associar; provavelmente vou".

FENASBAC E SINAL UNIDOS



[Paulo Stein, presidente da Fenاسبac, definiu a missão da Asbac como promover eventos e atividades de natureza social, cultural, recreativa e esportiva; Belsito, do Sinal, disse que o objetivo do sindicato é representar os direitos e reivindicações dos associados]

CONVERGÊNCIA DE PROPÓSITOS



[Paulo Stein, da Fenاسبac, ao lado de Delor Santos e José Clóvis Dattoli, dirigentes do BC, Belsito, do Sinal, e dois representantes sindicais: futuros analistas puderam perceber o clima de entrosamento e harmonia entre os gerentes]

ANALISTAS CONCENTRADOS



[Analistas encheram o auditório da Faculdade Fortium, numa semana tensa: alteração na avaliação requereu concentração de muitos no fim de semana, antes da avaliação final]

TODOS POPUM é publicação da
FENASBAC Federação Nacional de Associações dos Servidores do Banco Central [www.fenasbac.com.br]
 Texto: Clóvis Naconecy e Tadeu Florentino
 Fotos: Maysa Oliveira e Washington Chapas

Boletim TPU, feito para reportar projeto Chega Mais, que recepcionou novos servidores em 2010, arte e texto de Naconecy

5

OUTUBRO

DIVUL

BIBLIOTECA

1979

125

BOLETIM INFORMATIVO DA ASBAC

BAILE DA PRIMAVERA

Dia 20/10 (sábado) na Casa de Portugal, Av. Liberdade, 602

Como o inverno foi embora mais cedo, o Baile da Primavera vem mesmo a calhar. Com Pery Ribeiro, uma orquestra e a enorme pista de danças, vai ser difícil esquentar a cadeira.

As inscrições ainda estão abertas na ASBAC.

Participe,

ABERTURA DA SEMANA DA CRIANÇA

Nessa semana a atividade principal vai ser mesmo a Abertura da Semana da Criança, com a I Mostra de Arte Infantil apresentando trabalhos de pinturas, literatura, escultura, fotografia, etc. Destaque também para as atividades do "Sábado Livre", no dia 13/10. Uma atividade que busca ampliar o espaço de convivência e espírito comunitário, integrando filhos e pais em um ambiente social mais amplo.

Certamente valerá a pena participar. As crianças garantem.

Destaque também para a Festa da Criança, dia 27/10. Acompanhe nas páginas internas toda a programação do evento.

I XAPOC: Os resultados pg.2

TEATRO AMADOR:

OS FANTOCHES

Pg.4



Teatro em promoção especial pg.4

GONZAGUINHA NA ASBAC

A opinião unânime entre os associados que assistiram ao show de Gonzaguinha no último domingo, era a de que o espetáculo agrada em toda a linha, nenhuma opinião discordante. Também pudera, o homem está com a corda toda atualmente, sendo cantado e gravado por uma infinidade de cantoras e cantores famosos. Mas o principal é que este espetáculo poderá ser apreciado com exclusividade pela comunidade asbaqueana no dia 14/10, no Tênis Clube Paulista.

Vale a pena registrar o acontecimento em sua agenda, pois além de gonzaguinha já foi garantida também a presença do conjunto MPB 4.

Tudo isso vai acontecer quando da Festa de Confraternização Natalina da ASBAC. Fique na expectativa.

SAIU A RELAÇÃO DOS CONVÊNIOS PG.3

Divul n° 125, de out79: informativo da Asbac-SPO. Edição de Luiz Carlos Casemiro



Capa jornal Asbac, mai69, editado pela Asbac. Redator-chefe José Alcimar Rocha



ARB - RP
BIB. IOT. CA

*Um novo monumento se erguerá na Capital da República.
Ele terá um porte majestoso. Moderno.
Suas linhas serão arroçadas. Sóbrias como tudo aquilo que irão envolver.*

Dez anos de Banco Central Um Edifício Sede

Falamos do Edifício-Sede do Banco. Sua construção já se encontrará em andamento quando estivermos comemorando os 10 anos desta Casa que — mudada à parte — aguardamos a chegar até aqui cercada de respeito e admiração.

Falamos do prédio onde poderemos, dentro em breve, executar nosso trabalho com aquela ideia de unidade, de interligação de tarefas, de comunhão de propósitos.

De seus amplos compartimentos serão administrados cerca de 6 bilhões de dólares, que constituem as reservas externas do país; e mais de 13 bilhões de cruzeiros, destinados a programas de crédito rural-industrial e operações especiais.

De suas confortáveis instalações serão controlados mais de 6 bilhões de cruzeiros de desconto e crédito selativo; quantia superior a 4 bilhões de cruzeiros, que representam a dívida pública interna do Brasil; e mais de 10 bilhões de cruzeiros, que compõem o meso-circulante.

A esses valores — que expressam a magnitude do papel do Banco na condução da política econômico-financeira do país — irá compatibilizar-se a grandiosidade da obra a que nos estamos referindo.

Com 5 sublocais e 23 pavimentos, o Edifício-Sede do Banco será erguido em projeção especial, adquirida do DNH e localizada na extensão do Setor Bancário Sul (ex-SBS, 201), com uma superfície de 12.000m².

A área projetada é de 24.400m² — com 34.118m² de área útil para local de trabalho e 60.361m² para casas fortes, equipamentos, auditório, biblioteca, Museu de Valores, estacionamento, etc.

Esta obra, de relevante importância para o Governo e o funcionalismo, se tornou realidade quando a Diretoria decidiu colocar um ponto final no problema que o Banco passou a enfrentar principalmente quando transferiu sua sede para Brasília — a dispersão dos serviços por 12 prédios distintos, com uma área útil superior a 25.000m².

Os inconvenientes que isso acarretou até agora seja no aspecto da elevação dos custos operacionais, seja no que se refere às dificuldades de caráter puramente burocrático serviram de estímulo a uma tomada de posição definitiva para a instalação física do Banco em todo o território nacional, a começar de Brasília.

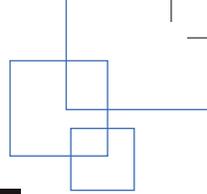
Este empreendimento se fez possível a partir do instante em que a Administração, ciente do que representam os dez anos do Banco Central na história da economia brasileira, resolveu utilizar as providências para materializar, em vidro, concreto e aço, o espírito da Casa e que serviços.

Não poderia ser de outro modo.
O Banco Central precisava estruturar-se — em termos de organização de pessoal e de instalação de serviços —, a fim de compatibilizar sua imagem com o perfil de solidez e grandiosidade que vem traçando para todo o Sistema Financeiro Nacional.

E a imagem do Banco será tão mais humana, quanto mais se deixar envolver pelo jardim tropical e pelo acervo artístico de seu Edifício-Sede; quanto mais se deixar refletir o ar do país que a está construindo nesta década de lutas; quanto mais se deixar ambientar no suor dos que vão concluir esta obra.



Capa jornal Asbac, out-nov74, editado pela Asbac. Redator-chefe José Alcimar Rocha



Fenasbac
Consórcio

Experimente e
conquiste

0% JUROS
MAIS FACILIDADE
NA CONTEMPLAÇÃO



Alcance SEU SONHO. CONTE COM A GENTE.

Fenasbac
CONSÓRCIO

Confira outras vantagens e tabela de preços em nosso site.

 facebook.com/fenasbac  fenasbac.com.br  (61) 3323.1055 | 0800 646 1055 | 99776543   consorcio@fenasbac.com.br

Publicidade da Fenasbac para campanha de consórcio, de 2017, arte de Larissa Rios

Fenasbac[®]
SEGUROS

PRIORIZE

A **SEGURANÇA** DA SUA FAMÍLIA
É VOCÊ QUEM CONSTRÓI.



Confira outras vantagens e tabela de preços em nosso site.

www.fenasbac.com.br

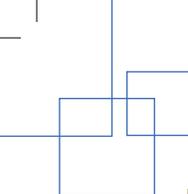
☎ (61) 3323-1055 | 0800 646 1055 | (61) 99977-6543

Banner para campanha de Seguros Fenasbac, realizado pela Fenasbac, em 2017, arte de Larissa Rios

Atitudes **simples** **grandes** impactos



Caneca institucional, realizada em fibra de coco, para a Fenasbac, em 2017, arte de Larissa Rios



ASBAC

ANO IV — MAIO DE 1969 — N.º 32

ACONTECIMENTO IMPORTANTE:

Sede do Banco Central em Brasília

As 17 horas do dia 18 de abril foi assinado em Brasília, no Gabinete do Sr. Secretário de Viagens e Gêneros da Presidência do Distrito Federal, Francisco Superintendente da NORACAP, o escritura de doação ao Banco Central, do lote n.º 20 no terreno Saneamento, nome a quatro dias desta comissão a fim o grupo de 1 (um) sítio em condições adequadas construído para a sede do Banco Central do Brasil no Distrito Federal. Pelo doador assinou o instrumento o Sr. Nelson Jaqueira e pelo Banco Central o Chefe de Departamento Jurídico, Sr. Jaymeira de Souza. Compareceram ao ato, entre outros, os Drs. Cláudio Francisco Monteiro e Nelson Oliveira, Diretores da NORACAP, o Sr. Sérgio César Ribeiro de Sá, Advogado Jurídico do BC em Brasília, Dr. Mário Domínguez C. Brown, Intendente, Drs. José Hígido de Azevedo e José Virgílio de Almeida, Advogados, e Dr. Catelino Ramos, do Banco do Brasil. Na foto que ilustra o presente artigo encontram-se o Sr. Secretário de Viagens e Gêneros, em primeiro plano, a esquerda, e o Sr. Sérgio César Ribeiro de Sá, Intendente do Banco Central.

O DINHEIRO SERÁ FABRICADO NO BRASIL

A inauguração oficial, no dia 14 de abril passado, de um novo edifício no complexo industrial da Casa da Moeda, dedicado à fabricação das moedas brasileiras, marcou a consagração de uma nova política de industrialização entre o Banco Central do Brasil e a indústria autárquica.

Após solene estiveram presentes o Presidente da República, os Ministros da Fazenda, do Planejamento, da Marinha, da Agricultura e da Saúde, além de outras altas autoridades civis e militares.

O Banco Central do Brasil, como não poderia deixar de ser, já que a festa era um pouco sua, também compareceu com uma destacada representação, chefiada pelo Presidente Ernane Galveas, Diretores Ary Burger e Paulo H. Pereira Lima e Celso de Lima e Silva, Gerente do Meio Circulante. Destacaram-se a comparecer os doutores Hélio M. Vianna e Germano B. Lota que se encontravam em Curitiba, participando do Congresso Nacional de Bancos.

Como testemunho dessa época especial de industrialização, foi decretada, pelo Presidente da República, uma placa comemorativa, sobscrita logo à entrada do prédio inaugurado, na qual, junto aos nomes COSTA E SILVA, DÍLFEM NETTO E NELSON BRUM, consta o nome de ERNANE GALVEAS, Presidente do Banco Central do Brasil.

O novo prédio

Continua na página 4

O antigo prédio

Capa do jornal Asbac, de mar69, redação e diagramação de José Alcimar Rocha



FENASBAC EM *Revista*

Impresso
Especial

191/2002 D9888
FENASBAC

...CORREIOS...

ANO III - Nº 6 MAIO DE 2004

Galeria de Ex-Presidentes

Memória viva do Sistema ASBAC

Criada em 1966, a Associação dos Servidores do Banco Central (ASBAC Nacional), teve sua razão social alterada em 1998 para Federação Nacional de Associações dos Servidores do Banco Central - FENASBAC. A Federação, que prima pelo cumprimento dos objetivos que nortearam a sua criação, oferece, permanentemente, aos associados do sistema ASBAC, serviços de qualidade, clareza nas ações e produtos com custos menores. Tudo isto, graças ao trabalho desenvolvido nestes 38 anos de atividades por diversos dirigentes que não pouparam esforços no sentido da melhoria de nossa Entidade. Melhoria esta, visível nos últimos anos.

Diante desta realidade a Fenasbac inaugurou em 15 de abril a Galeria de Ex-Presidentes, visando, principalmente, avivar sua própria história, materializada na pessoa de cada um de seus dirigentes.

Com o lema: "É pela memória que o homem edifica suas tradições e pode usufruir das experiências do passado, de modo a trilhar o presente,

em busca de um futuro mais próspero", os atuais dirigentes da FENASBAC reafirmam aos 31 Ex-Presidentes o quanto eles foram importantes na construção da história do Sistema ASBAC que hoje atende a mais de 10 mil associados.

Um trecho contido na placa de inauguração representa bem a importância da Galeria para a Instituição. "A presente Galeria é não somente um relato histórico da trajetória da Federação, mas também um gesto de reconhecimento àqueles que estiveram à sua frente durante esse caminho de desafios, obstáculos e vitórias".

A Galeria é composta por fotos dos Ex-Presidentes do Conselho Deliberativo (1966 a 1971), do Conselho de Administração (1972 a 1997), do Conselho Gestor (1998 a 2003), do Conselho Fiscal (1989 a 2003) e da Diretoria Executiva (1966 a 2003). As fotos são padronizadas nas cores preto e branco.

Com esta homenagem, a Direção da FENASBAC tenta unir o passado e o presente para escrever mais uma página de sua história. Confira como foi o evento nas páginas 04 e 05.

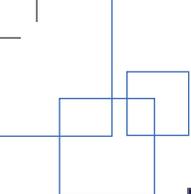
Conselho
Gestor
22ª Reunião
pág. 03

Inauguração
da galeria
págs. 04 e 05

Novas
parcerias
pág. 07

Novos gru-
pos de
consórcio
pág.08

Fenasbac em Revista, n.º6, mai04, redação Evelyne Nunes, diagramação Juliana Furtado



Sinônimo de Benefícios e Qualidade de vida



A FENASBAC tem como objetivo levar aos associados ASBAC momentos de alegria e diversão, promovendo eventos de natureza social, cultural, recreativa e esportiva e assim fortalecendo laços e construindo histórias.

PGAFI
Programa Geral de Assistência Financeira

Realizando Sonhos!

Seguro de Vida em Grupo ou Master

Confiança em quem está há mais de 40 anos com você!

Consórcio de Automóveis e Eletroeletrônicos

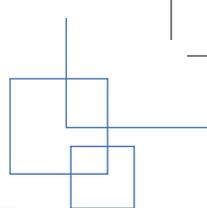
Com a garantia do melhor Custo-Benefício do mercado!

Tel: (61) 3323-1055
Fax: (61) 3226-8189
www.fenasbac.com.br
FENASBAC

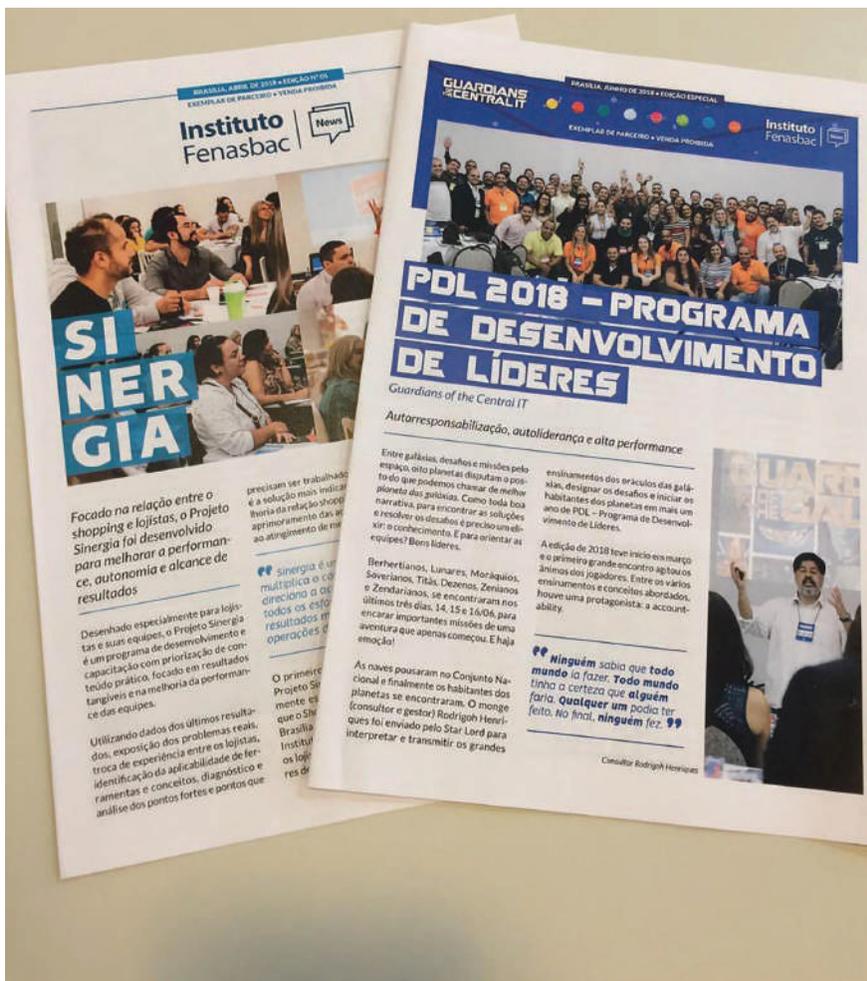
Cartaz institucional Fenasbac, 2011, redação Evelyne Nunes, diagramação Juliana Furtado



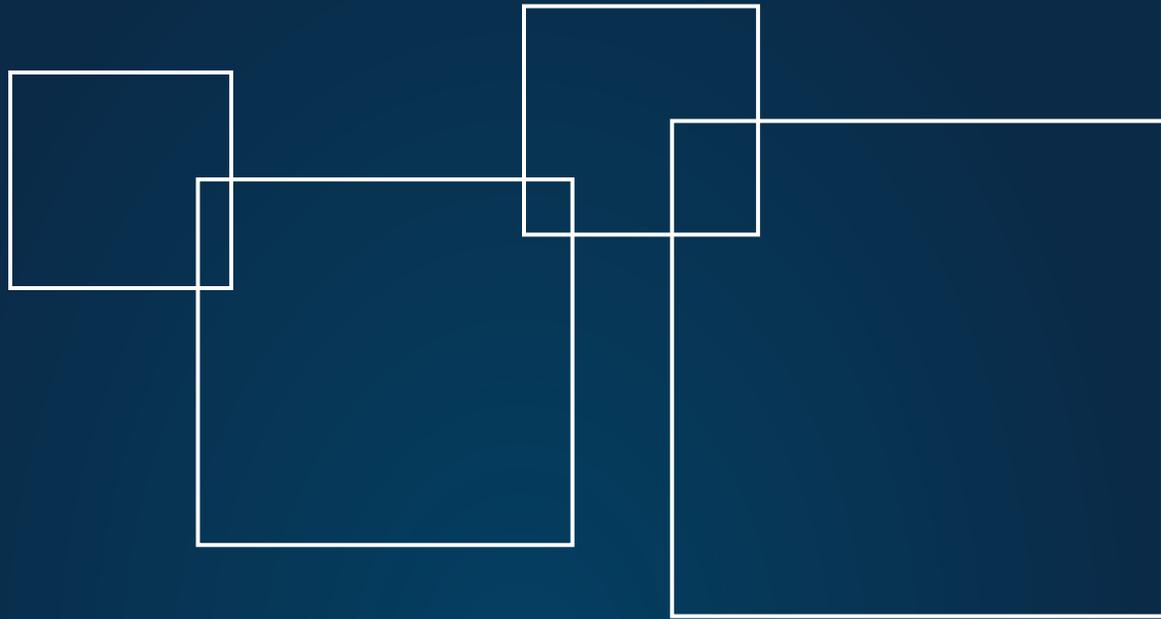
Moleskinis institucionais do IFenasbac, lançado em 2018, arte de Danielle Teixeira



Tótem de produtos IFenasbac, lançado em 2018, arte e Leiaute de Danielle Teixeira

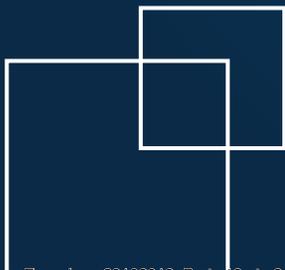


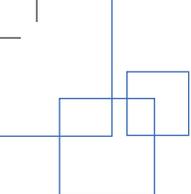
News periódico IFenasbac, lançado em 2018.
Textos de Katharyne Castro, diagramação de Danielle Teixeira



INVENTÁRIO

Quem é quem na Asbac





Nossa gente

Funcionários que marcaram presença nas Asbacs e na Federação, e se tornaram paradigma de bom atendimento. As informações foram prestadas pelos dirigentes de cada regional; as da Federação, pela presidência

Fenasbac

Aos colaboradores de todos os tempos

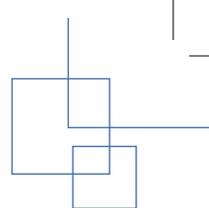
Citar nominalmente colaboradores como destaque em qualquer atuação é um assunto bastante delicado, notadamente em empresas prestadoras de serviços, em que o contato pessoal é quase que obrigatório e diário, exigindo carinho, denodo e dedicação, como é o nosso caso.

Corre-se um sério risco de, mesmo que involuntariamente, esquecer alguém, até porque são inúmeras pessoas que, em mais de cinquenta anos, passaram por nossos quadros. Todos os colaboradores são merecedores de nossa gratidão e reconhecimento pois tendem a sempre fazer o máximo e entregar seu melhor.

Como homenagem simbólica a todos os funcionários que ao longo do tempo emprestaram sua competência e dedicação no atendimento aos associados, temos a lembrança da **Neuza de Oliveira Fuly**, que foi uma das primeiras servidoras admitidas no Rio de Janeiro, em concurso público feito pela Asbac, de lá tendo se transferido para Brasília, onde trabalhou até se aposentar, sempre muito querida e festejada por associados, por colegas de trabalho e chefes.

Num período mais próximo, encontramos ainda na Nacional a colaboradora **Denise Lacerda Nunes**, muito atuante, que teve sua trajetória bastante enaltecida por colegas e superiores. No mesmo matiz, uma copeira que tinha sete filhos, e que, sozinha para criá-los, havia sido caminhoneira, dentre outras atividades incomuns para uma mulher, também marcou a todos com seu bom humor inabalável e um sorriso franco. **Dona Ivone (no registro, Iva-nir Rodrigues de Souza)** permanece na memória da instituição e seu famoso "vai um socozinho aí?", à tarde, lanchinhos elaborados e um histórico "trote" que rendeu ao então Presidente Stein, em retribuição, um perfeito e merecido susto, quando irrompeu do banheiro privativo, em pleno expediente, personificando um horripilante





mendigo, para arrancar inúmeras gargalhadas dos demais colaboradores acostumados com sua criatividade e ousadia, previamente convidados a assistir "à revanche".

Espalhados pelas regionais sempre tivemos e ainda temos colaboradores que marcaram pelo carisma, dedicação e por muito tempo permaneceram e permanecem ainda como os que estão mencionados em seguida. Propositamente deixamos de citar dirigentes, igualmente colaboradores, que têm capítulo específico.

Cada um à sua maneira, com suas qualidades, aptidões e alguns defeitos, fizeram e fazem igualmente a história dessa Associação.

Nosso reconhecimento a todos os colaboradores de ontem e de hoje.

Muito obrigado a todos, sempre!

BEL

Rosiane Malheiros Araújo, a Rosi: inteligente, incansável, sempre atenciosa e simpática com pessoas. Referência na Asbac paraense há 5 anos, foi feita para trabalhar com gente.



BHO

Cassia Regina Barbosa Gomes: jeito tímido, sorriso e fala doce, mas decidida na área que domina: responsável pela Secretaria e pelo andamento da parte administrativa da regional.



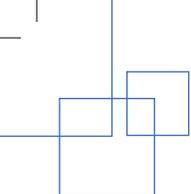
Sirleia Cassia de Oliveira Santos: comunicativa, cheia de ideias e de iniciativa, usa tudo isso para gerenciar o clube da Asbac., além da simpatia.

BSB

Geraldo Maria de Aguiar: conhecido como "o cérebro" da manutenção do clube, conhece toda a rede hidráulica e elétrica dos 160 mil m². Vive para servir a Asbac há 33 anos.



Raimunda Nonata Pereira Soares, a Rai: secretária da Presidência desde que entrou na Asbac, em 91, sempre dedicada e competente. Registra tudo também na memória. Para ela, trabalhar na Asbac é mais que num clube, é estar em casa. "Tenho orgulho de fazer parte da família e dessa história", diz.



CWT

Regiane Maria Menin: casada e mãe de Yago, ela presta bons serviços há 22 anos na Asbac curitibana. Ouve muitas histórias, de casamentos a nascimentos, e nunca se exime de emprestar as orelhas aos aposentados, mesmo que apenas para bater papo.



FOR

César Soares de Araújo, o Cezinha: há 31 anos é o cara da manutenção do clube, onde presta serviço em muitas áreas. Cezinha se vira nos 30, sempre que solicitado. Garantia de manutenção perfeita.



Maria Nilta de Oliveira, a Nilta: eterna faz-tudo da Asbac cearense há 28 anos, vai sempre a fundo em tudo que lhe pedem. Solicita, se desdobra em mil, quando é preciso.

POA

Amélia Sirlei Lemos Fagundes, a Dona Amélia: na labuta de 1988 a 2017, é a funcionária símbolo da regional gaúcha. Sempre muito dedicada com todos, era prestativa para dar apoio à Diretoria em todos os eventos, planos e objetivos.



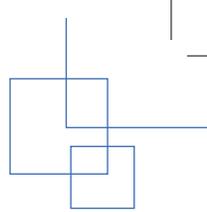
REC

Gleice Kelly Bernadino de Melo: como estagiária, tinha a missão de substituir dois funcionários que juntos tinham 60 anos de experiência. Além das tarefas herdadas, foi incumbida de estreitar laços com associados e cuidar de convênios. Tem se saído bem em tudo.



Hélio Pequeno de Araújo: durante 35 anos, soube conquistar amizades e executar suas atividades com dedicação, esmero e muita competência. Tanto na Asbac, quanto no BC, era referência de simpatia e bom atendimento.





RJA

Ana Maria Duarte: a Aninha vestia o papel de mãezona, acumulava a representação da Fenasbac (durante 34 anos), fazia a ponte entre as necessidades dos associados e a disponibilidade da Associação. E sempre fazia com carinho e atenção.



André Rodrigues da Silva: desde 2003, auxiliar de manutenção. Solícito e sempre bem disposto.

Hilton Cabral de Almeida: gerente geral, conhecido pelo cuidado com todas as tarefas de sua competência.

Jacqueline Maria Oliveira Salgueiro: a decana trabalha na contabilidade, é muito fiel e dedicada à função e à empresa. Considerada a "anjinha da guarda" dos associados mais antigos.



Jorge da Silva: servente desde 1991, na sede Canadá. E nesse caso, antiguidade é elogio.

Josimar de Souza, o "Escadinha": é funcionário com muita identidade com Andaraí, sempre muito educado.



Leda Maria Vintem: a mais antiga de Comary, conhece associados e os trata com o carinho das boas anfitriãs.

Márcio Luís Teixeira: desde 2006, é gerente da sede Canadá, com competência e seriedade.

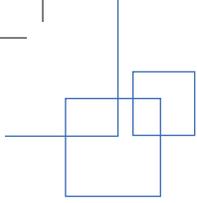


Maria de Fátima Ferreira Belchior: bibliotecária de 83 até 2002, era a melhor indicadora cultural da Associação, no tempo em que comandou a biblioteca.

Marta Maria Ferreira da Silva: chefe do setor sócio Cultural de 68 até 2005, tinha simpatia e habilidades diplomáticas para tratar com os sócios.



Moisés Silva Teixeira: o mais antigo da sede Andaraí. Cordial, solícito e sempre amigável.



Rodrigo da Silva Moraes: ponta firme na gerência geral, trabalha na sede desde 1999 e conquistou a confiança de todos, que admiram sua competência, educação e lhaneza.



Simone de Lima Gregory: capitaneando o RH desde 2002, é sempre correta e simpática, mostrando limites ao pessoal com sabedoria e maturidade.



Vilma Araújo da Silva: chefe de cozinha desde 1999, na sede Comary, é a responsável pelos quitutes sempre tão esperados nos finais de semana.

SAL



Ednilson Alves Santos: pendurou chuteiras no futebol, craque que foi muito tempo, hoje se ocupa do paisagismo diferenciado, cuidando de desenhar e conservar lindos canteiros.



Ezequiel dos Santos: o faz-tudo, mão para toda obra, sempre disponível e bem humorado.



Lenira Teixeira Lima: Lene, como é tratada carinhosamente há dezoito anos, é a alma da secretaria, atendendo a todos com delicadeza.



Joelma dos Santos: solícita, dedicada e incansável, encanta a todos que precisam de seus préstimos.

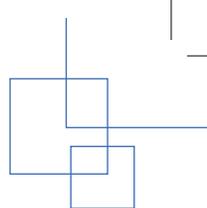
Luiz Carlos de Souza Santana: aposentou-se como garçon, na Associação, servindo e agradando sempre com um sorriso no rosto.

SPO



Chafica Mourad: sempre pronta para auxiliar os colegas com sorriso e palavra amiga, era a primeira a se oferecer para ir às seções nos dois prédios do banco para tarefas que exigiam protocolo. Espontânea, alegre e gordinha, teve que se aposentar por questões de saúde, que vieram a vitimá-la.

Corina Alves da Silva: veio de Brasília como excelente datilógrafa, rápida para escrever as notícias do boletim das sextas-feiras, numa



correria que só quem conheceu tempos pré-internet pode avaliar. Na secretaria, ficava junto à porta da Diretoria para despachar correspondências do tipo "pra já". Ágil, não decepcionava. Aposentada, retornou a Brasília.



Francisco Assis de Vasconcelos Neto: mocinho quando entrou na Asbac, aos poucos aprendeu e aprimorou a habilidade de negociador. A tarefa tomava muito tempo dos diretores, e ele a assumiu como se comprasse para si, pechinchando e pedindo abatimentos. Ficou tão bom que a Fenasbac, que toda semana trazia produtos para vender em SP, ressarcia parte do seu salário. Aposentado, formou grupo musical para animar bailes em salões de festa.

Luci Rosendo Fernando da Silva, a dona Luci: veterana e simpática referência em serviços gerais no clube, elo de várias gerações de frequentadores desde a inauguração do clube, em 1980.



Nestor Brochado Simonetti: começou como educador nos anos 1970, e vestiu a camisa coordenando os esportes e realizando importante papel com a garotada. Até hoje, na segunda etapa de sua parceria, quando desenvolve trabalho de gerentão do clube e supervisor de esportes, é visto como polímata, abnegado pela Associação para a qual sacrifica recursos e tempo, pelo espírito associativo. Nas horas vagas, fabrica móveis em sua marcenaria artesanal.

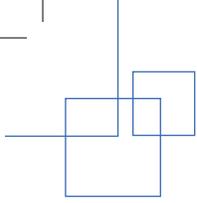
Rosana da Silva Garcia: assumiu a secretaria e cabia a ela a triagem de atendimentos de sócios e clientes, pretendentes a serem recebidos pelos diretores. Na maioria das vezes, ela mesma resolvia os problemas. Depois da Asbac, assumiu a Gerência de Pessoal do Centro Israelita de SP. Atualmente, advoga junto ao fórum de Itatiba- SP.



Sheila Barbosa Marques: discreta, atenciosa e competente, a administradora de empresas amadureceu e hoje conhece e controla grande parte das funções da secretaria paulista.

Vantoir Domiciano Carneiro: o mais longevo funcionário da Asbac paulista, com quase 40 anos de serviços, foi referência de dedicação e empenho. Egresso de Quatã- SP, jogou em todas as posições na associação, de continuo a zelador das contas e da secretaria, quando se aposentou. Por décadas, era quem planejava jogos e campeonatos. Aposentado, assinou carteira no samba.





Zilda Vitorino de Souza Busa: tendo preferido ser gerente da Asbac por 15 anos, em vez de conferente de numerário do BC, para a qual havia sido aprovada em concurso, Zilda era dedicada e simpática. Deixou uma herança que dignifica e valoriza o servidor da Asbac. Hoje faz trabalho voluntário na região da igreja do seu bairro.

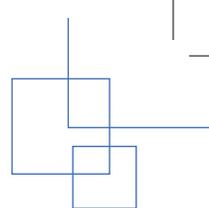


A Asbac na minha vida

Associei-me à Asbac desde o primeiro dia de minhas funções no BC, e trabalhei nas reformas de novas dependências em Guarapiranga. Pratiquei futebol, com sucesso, durante toda vida de servidor. Particpei com minha esposa de quase todos os eventos sociais, nesse tempo. O mais importante, e que fica, é o orgulho de ter pertencido à família asbaqueana e de ter feito grandes amigos para sempre

Fernando Roberto Medeiros, Asbac-SPO





Nossos nacionais

Pequena impressão que ficou da trajetória dos que passaram pela direção da Associação

Aldo Mendes: indicado para o Conselho Deliberativo em 1979, foi chefe de gabinete de dois diretores da área bancária. Dono de humor fino, verve que o tornou conhecido como um dos maiores contadores de piada do Banco. Seu filho foi vice-presidente do BB.

Alfredo Martins de Oliveira: foi chefe do gabinete do presidente Paulo Lira, quando se tornou presidente nato do Conselho Deliberativo da Asbac. Fez bela carreira no Banco. Bom papo, formal, mas sempre animador.

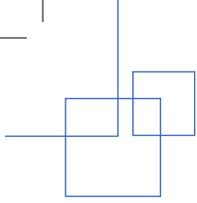
Antenor Araken Caldas Farias: dirigente de SP, era legalista, muito sério e asbaqueano juramentado. Foi Presidente do Conselho de Administração, de out85-fev 86. Jogava vôlei, arriscava no tênis, é corinthiano e foi Diretor de Administração e Chefe de Gabinete do Presidente, no BC. Deixou como herança a acurácia nos processos administrativos e o zelo pelo bem público.

Antônio Marsillac de Oliveira: conselheiro da Asbac Nacional, sergipano e vascaíno, famoso pelas sonoras gargalhadas. Alegre, cheio de ideias, tomava conta das finanças da Associação. No BC, foi Chefe do Departamento de Mercado de Capitais, nos anos 1970.

Aristeu de Campos Filho, paulista, foi Presidente do Conselho Fiscal, de mar89-dez89. Discreto, bem humorado, capacitado, fez bom trabalho e deixou ótima impressão.

Carlos Thadeu de Freitas Gomes, chefe de Gabinete de Presidente do BC, foi indicado à direção da Asbac, para o período de jan85- set 85. Não se sentia muito à vontade na função: chegou a manifestar em reunião que não sentia prazer em ser presidente, estava na função "cumprindo obrigação estatutária".

Dílson Sampaio da Fonseca: presidiu o Conselho de Administração de ago79 a dez 84. Articulado, dono de ideias próprias, gosta de literatura, publicou livro de poesia nos anos 1980.



Dirceu Martins: um dos subchefes de Levy de Campos Moura, no BC, esteve na assembleia de inauguração da Asbac. Foi responsável pela obra na Casa da Moeda. Era monarquista e tinha ligações com a família real do Brasil. Pai de Luiz Felipe Denucci Martins.

Edvaldo de Mendonça Andrade: Chefe do gabinete do segundo Presidente do BC, Rui Leme. Era sergipano, baixinho, muito exigente e severo. Foi Presidente do Conselho Deliberativo da Asbac de jan66-dez67.

Eimar de Andrade Avillez: Chefe de gabinete do Presidente Carlos Brandão, foi Presidente do Conselho de Administração, de abr79-ago79. Sua carreira incluiu o Fundo Monetário Internacional. Compositor, teve a canção "Amigo não tem defeito" incluída no disco de Leny Andrade "Eu quero Ver", de 1990.



Disco de Leny Andrade, com canção de Eimar Avillez

Eunice Borges: foi Diretora da Asbac- RJ, onde funcionou com equipe muito coesa. Foi discreta e deixou boa impressão. Foi Presidente do Conselho de Administração de jan95 a mar96.

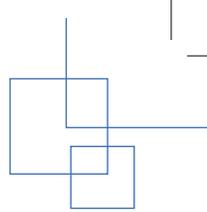
Fernando Vicente Mello Alves: foi do Conselho Deliberativo de 77-79. Considerado muito sociável, construtivo e agregador. Foi assessor de Gabinete quando o futuro presidente Paulo Lira era Diretor.

Flávio Fernando da F. Ferreira, uma das pessoas mais capacitadas na área atuarial que já militou por Brasília. Foi Presidente do Conselho Fiscal, de jan90-dez91.

Francisco Silva Nobre, um dos fundadores da Asbac, e seu primeiro Presidente Executivo, de jan66 a dez67. Sabia expressar autoridade, apreciava o diálogo, e tinha espírito associativo e agregador, como demonstrou nos círculos em que transitou.

Germano de Brito Lyra: no BC, foi Diretor da Área Bancária, quando da primeira gestão do Presidente Galvêas, de 67 a 74. Dono de personalidade forte, era saneador, mas não encontrou muito espaço na diretoria da Asbac.

Jairo Vítor Machado, fez o Colégio Militar, foi subchefe de Gabinete do Presidente do BC. Era irônico, com bom humor e muito sociável. Foi Presidente Executivo da Asbac de jan81- nov81, período de muitos shows em Brasília, que aproveitou.



João Elias Nazaré Cardoso: maranhense, pertenceu ao primeiro Conselho Deliberativo, de 1966. No BC, quando Ruy Leme assumiu, era candidato a chefe de seu gabinete, mas não vingou.

João Ferreira da Silva, numa época de muitas novidades e inaugurações, tinha personalidade discreta, mas era muito operativo. Substituiu Berardinelli na presidência executiva do Conselho Deliberativo, de ago73 a mar75.



José Antônio Berardinelli Vieira, no BC, foi chefe do Gabinete do Presidente Galvêas, e marcou época como primeiro Diretor de Administração. É dele também viabilizar a construção do edifício-sede do BC. Fez o centro de treinamento, implantou o melhor plano de cargos e salários. Era considerado criativo, competente, com muita disposição para o trabalho, e usou dessas qualidades enquanto dirigiu a Associação, de fev72-jul 74.

Jornal da Asbac noticia posse de João Ferreira da Silva

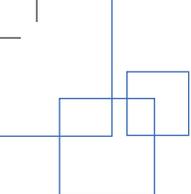
José Cláudio Mendes da Silva Pinho, presidiu o C. A. de mar89-dez91. Saiu com fama de sério, flexível, competente e apaziguador.

José Garcia Netto, paulista, conseguia reunir a seriedade no trato dos assuntos com o bom humor e a facilidade de comunicação que o tornava pessoa sempre muito bem-quista, inclusive nas rodas pós-reuniões. Foi Presidente do Conselho Fiscal, de jan95-dez97; do Conselho Gestor, de jan98-dez99; e Executivo, de jan92-dez94.

José Henrique Germano: administrou a Asbac- BSB de Ago84-Mar85; mas o esporte é que monopolizava sua atenção. Foi dele a idealização das grandes Olimpíadas internas, a primeira para comemorar a inauguração do prédio do BC em Brasília. Na direção da Asbac Nacional, se afinava muito com Jairo Machado.

José Manoel Tavares da Silva tinha enorme facilidade de comunicação, o "português", como era chamado, era muito dinâmico. Carioca e vascaíno, fez carreira na área externa do BC. Considerado pelos pares como gente boa, tinha projeto de aproximar os diretores regionais. Humorado, usava a dose certa em brincadeiras saídas. Foi Presidente Executivo, de mar80-dez80

Lélio Carvalho da Silva, conhecido pelo estilo resiliente, era correto e elegante na condução dos muitos assuntos da época de maior



crescimento da associação (75/78). Foi posteriormente presidente da Centrus. Foi fulminado por um AVC, no final da vida.

Levy de Campos Moura: um dos artífices da fundação da Asbac, era chefe de gabinete do Presidente Dênio Nogueira. Oriundo do Banco da Amazônia, seu bom humor era lendário, assim como as brincadeiras que fazia no trabalho.

Luiz Felipe Denucci Martins, hiperativo, era pessoa bastante empreendedora. Fez o trabalho na Asbac, enquanto foi Presidente Executivo, de dez 82 a dez85, de valorizar os diretores regionais, saindo do núcleo duro dos dirigentes nacionais. Sua marca era o dinamismo: realizou obras de POA, BEL, BHO. Contratou engenheiros, conseguiu costurar parceria com a divisão de engenharia do BC. Realizou curso de desenvolvimento gerencial para dirigentes da Asbac Nacional e Regional. Fez com que os dirigentes regionais se conhecessem melhor, o que possibilitou a formação de chapa que veio a ganhar em 86. Deu impulso à Asbac, e certamente visibilidade muito maior.



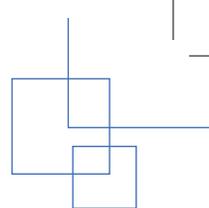
Luiz Felipe Denucci Martins,
quando chefe da Casa da Moeda

Luiz Fernando Cardoso Maciel, indicado por Calovi para presidente do Conselho de Administração, de mar86 a mar89, não chegou a ter o destaque que sua carreira no BC sugeria.

Marcelo Ceylão de Carvalho: foi do Conselho Deliberativo de 83-86. No BC, foi chefe da Firce. Cultiva bom relacionamento com os colegas, e participa há décadas dos almoços do grupo Hebdo, com outros aposentados.

Maurício Ferreira Bacellar, no BC, foi chefe de Gabinete do Presidente Galvêas. Também era cunhado de Paulo Roberto Franco Ferreira, ex-Diretor de Administração do BC. Foi presidente do Conselho Deliberativo de jan68-dez 71.

Maurício Neves Spinolla, auditor do RJ, foi Presidente do Conselho Fiscal de jan92- dez94. Em conjunto com Flavio Ferreira e Aires Ademir Clavel, fez importante e decisivo trabalho na regional de Brasília, que culminou na intervenção de BSB, evitando situação mais delicada para a Asbac como um todo, na época.



Mauro Lúcius Loretti Motta: pertenceu ao Conselho Deliberativo, de 79-81. Era figura de proeminência da Asbac- RJ, ao lado de Noronha, na área de esportes, sua paixão. Apreciava competições a ponto de até apitar jogos. E era cronista brilhante. Faleceu em abr18.

Newmar Duarte de Oliveira foi o Presidente Executivo da Asbac que inaugurou, durante seu mandato, de fev78-mar79, a sede em Brasília. Fala-se bem dele, por fartas qualidades de gerente e arguto observador.

Onofre Bogado Leite, segundo Presidente Executivo da Asbac, de jan68 a jul73. Tinha espírito associativo e era asbaqueano de quatro costados. Depois da Asbac, saiu para criar novas associações, deixando marca de agregador por natureza.



Onofre Bogado, em férias com a esposa



Onofre Bogado, com a esposa e a netinha, em cena familiar

Paulo de Tarso Galarça Calovi, gaúcho que adorava desafios (ou adora: é muito vivo), é considerado um dos mais marcantes e legendários Presidentes da instituição. Inteligente, de estilo direto, seus mandatos duraram de mar 86- dez94. Foi o primeiro a assumir o posto em eleições diretas, e um dos mais longevos.



1

¹ Paulo Calovi, com os famosos suspensórios



Paulo Calovi, chefiando reunião da Asbac, em 1989

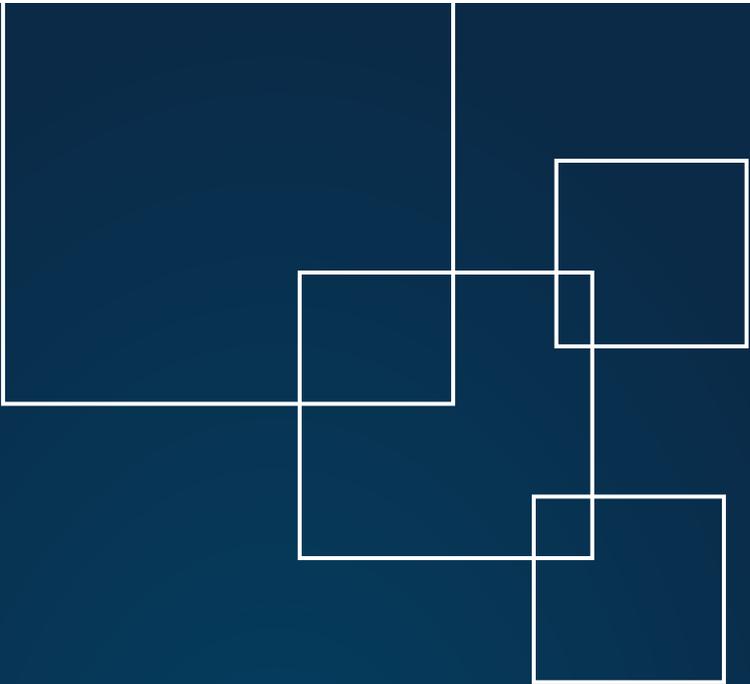
Paulo dos Santos Capella, muita gente gostava de seu jeito tradicionalista de administrar. Foi Presidente Executivo de abr79-fev80.

Roberto Lara Cucino, gerente de uma época muito agitada na Asbac, de bom orçamento, mostrou qualidades, mas não chegou a esquentar muito a cadeira. Seu mandato foi de jan86 a mar86.

Selito Antônio Bordin, é de Belém, trabalhou com diversos administradores nacionais e saiu de seu período – de abr96- dez97 – com reputação de bastante sério e empreendedor. Tratava a coisa pública com zelo e dedicação, e tinha humor. Hoje se diverte fabricando cachaça em SC.

Vlamir Souto Manhães, mesmo não sendo arrojado e brilhante, era visto como correto e batalhador. Seu mandato durou de dez81-dez82. Faleceu precocemente, vitimado num acidente de carro no Túnel Rebouças, no Rio.

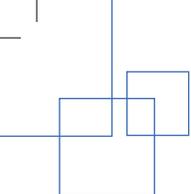
Walter Gomes de Oliveira, pessoa maravilhosa, afável, sabe socializar e ser anfitrião como poucos. E é um dos mais reputados especialistas atuariais do país. É, ainda, presidente do Conselho Fiscal da Fenabac, desde jan98. Antes, foi Diretor de Remo da Asbac-BSB; depois, brilhou como mandatário da Abace.



INVENTÁRIO

Causos e crônicas





5 amigos, cafezinhos e 3 cães no colo

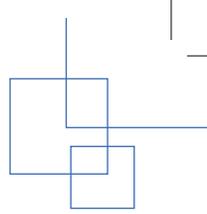
De quando em quando retorno ao passado e me lembro de companheiros com os quais convivi bons momentos. Narro algumas passagens alegres e divertidas. Dedico essas linhas a cinco desses amigos.

O primeiro: José Magri de Mendonça. Por mérito, qualificação e experiência profissional, ele foi requisitado ao Banco do Brasil para trabalhar na Delegacia Regional de São Paulo do Banco Central. Aqui exerceu as funções de Fiscal, Inspetor e Liquidante de instituições financeiras. O querido amigo chegou esparramando simpatia e alegria. Logo conquistou muitas amizades. O grandão, quase calvo, torcedor do São Paulo, católico fervoroso, era pura bondade. Os funcionários contratados tinham nele o fiador de seus aluguéis e de financiamentos de bens.

Como nunca lhes faltou com o aval e, pelo respeito que naturalmente inspirava nessas pessoas humildes, jamais teve de arcar com dívida de velhacos.

Decorridos poucos dias após a sua posse, recebeu um apelido que lhe caiu sob medida. Seu jeito brincalhão, jovial e espirituoso facilitava isso. Olha como foi. Um colega de setor vai à missa na Igreja Nossa Senhora da Salete, em Santana, bairro de nascença e de toda a vida do Mendonça. Suspeitou que o homenzarrão de cabelos pretos somente nos paralamas da cabeça era seu recente companheiro da Inspeção. Vestia por cima do jeans uma espécie de batina branca, folgada, bordada de ramos verdes e amarelos. Auxiliava o padre nos ritos da missa; fazia as leituras sagradas com voz forte e, no final do culto, acompanhava o sacerdote na distribuição das hóstias. O colega, que nem era muito chegado a comunicar, submeteu-se ao ato bento para ver de perto quem era aquele homem. Desconfiança confirmada: era mesmo o Mendonça! Na segunda-feira, batizaram-no com o apelido carinhoso, que pegou: "Monsenhôr". Curiosidade: nesse tempo seu sobrinho, o padre Marcelo Rossi, nem havia iniciado o Seminário.

Segundo e terceiro: Jorge José Padovan e o Maximino de Souza Pessoa. Ambos vieram do Banco do Brasil, e serviam em agências diferentes. No BC, tornaram-se amicíssimos por trabalharem juntos no setor de fiscalização bancária. Ambos, por gozação dos colegas, tinham a fama de pés frios. Assim do tipo: dia ensolarado,



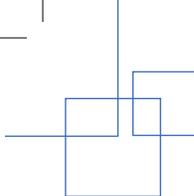
saíam sem portarem guarda-chuvas e, dali a pouco, descia aquele aguaceiro. Se fossem juntos no mesmo ônibus das excursões da Asbac, podia-se esperar, no mínimo, um pneu furado. Eles respondiam às zoadas com risos e amistosos palavões.

O Maximino, pouco antes de se aposentar, comprou uma chácara em Pirassununga. Local aprazível, onde passava os fins de semana acompanhado da esposa e duas filhas gêmeas, Íris e Ísis. O Padovan, morador de Santana, próximo ao tradicional restaurante Chácara Souza, brincava que o Max tinha matriz em São Paulo e filial no interior. Padovan, esposa e dois filhos adolescentes iam amiúde passar fins de semanas na casa do Maximino. Num domingo em que o visitante Padovan completava sessenta anos de idade, a história do pé frio foi lembrada no início da noite. A mulher do Max, que tinha um bolo de pão de ló na geladeira, foi buscá-lo e disse:

– Esse encontro não vai passar em branco! Vamos comemorar! Max, procure uma vela para o Jorge apagar em cima do bolo.

Max responde: – Ah! Não tem disso não aqui em casa, mas já bolei uma solução. Completou: – Padovan você fica aqui perto do bolo e estende a mão no interruptor.





Veja o que está escrito no vidro desta lâmpada: Sessenta velas! Reparou direitinho?

Sessenta velas, amigo! Conto até três e você apaga a luz.

Assim foi feito. Parabéns a vo-cê, nesta data que-ri-da... muitas felicidades...

E que saudades deixaram esses amigos, infelizmente falecidos poucos anos depois deste domingo.

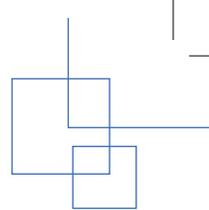
Quarto: Nathanael da Silva Martins. Desembarcou no Banco Central do Brasil em 31.03.1965, em grupo de mais de duzentos funcionários do Banco do Brasil, na chamada mobilização dos serviços de câmbio do Rio e de São Paulo, transferidos daquele Banco ao recém-criado Banco Central, ao qual caberia, doravante, a gestão cambial por ser nova autoridade financeira e monetária do país. A mudança em um fim de semana, além dos servidores requisitados, levou todo aparato material: mesas, cadeiras, arquivos, telex, telefones, armários, etc. Nem a folha de ponto foi esquecida. Aqui em São Paulo, o BC alugou quatro andares de prédio comercial na rua Boa Vista, onde por nove anos funcionaram as divisões do Câmbio e da Firce (Fiscalização e Registro de Capital Estrangeiro).

De 1965 a 1974, o Banco Central ocupou três prédios no centro da cidade de São Paulo. Essa situação improvisada terminou quando adquiriu, junto ao Banco Mercantil de São Paulo, o edifício recém-construído (seria a sede da Finasa, braço daquele banco) na Avenida Paulista, esquina com a Rua Peixoto Gomide, defronte ao Parque Trianon, vizinho do Masp, local privilegiado no coração financeiro do Brasil. A nova sede era moderna, com enormes janelas de aço escovado com duas lâminas de vidros temperados e, entre eles, persianas móveis que isolavam ruído e insolação.

O Nathan, assim chamado pelos amigos, atleta de tênis da AABB, forte, achaparrado, sofria de síndrome de calores por todo o corpo. Não se adaptava à temperatura. Precisava de ar fresco, daquele ventinho relaxante, senão ficava vermelho, igualzinho a morango.

Certo dia, o saudoso colega Roberto Hélio Lins, do Setor de Patrimônio, vai ao Câmbio e vê que a janela próxima à mesa do Nathanael está aberta, sustentada com uma régua grossa. Fora desaparafusada para permitir que o ventinho fresco do Parque Trianon bafejasse nosso amigo.

O fato desencadeou altercação e bate-boca entre os graduados funcionários. Fecharam a janela. Nathan ameaçou pedir retorno ao BB, porém trouxe um atestado médico afirmando de que sofria de hiper-hidrose. Sensibilizados por isso, os funcionários de escol, Rubens Lopes Nazareth e José Eduardo Andrade Gonçalves, chefes de Pessoal e Material, encerraram a demanda. Dirigiram-se ao subsolo onde estavam enfileirados, tal qual o exército zulu, mais de cem ventiladores de pedestais, da marca Silva. Pretos, enormes,



com hélices que mais se pareciam com turbinas dos antigos aviões Electra C da Varig. Esse lote reunido havia sido todo o sistema de refrigeração dos antigos três prédios do BC. Aguardavam lances para leiloá-los. Nazareth apartou um deles e mandou instalá-lo à frente da mesa do Nathanael. Fim da briga.

Assim como o Nathanael, jogava tênis pela AABB-São Paulo o Sylvio José de Campos Portugal, também lotado no Câmbio, o quinto amigo celebrado nesses casos. O continuo Everton dos Santos, que atendia na Divisão chefiada pelo seu Portugal, certa feita envolveu-se numa confusão engraçada e inusitada. No balcão, chega um cliente e pergunta pelo Senhor Portugal. Everton responde: "Portugal não está, serve o Lisboa?". O cliente, bravo: "Não me venha o senhor com gozação por cima de mim! Não me misture o país com sua capital!" Everton, aturdido: "Desculpe-me, mas é que, por coincidência rara e verdadeira, Portugal é o chefe, e o Lisboa (Luiz Carlos Lisboa da Costa) é o subchefe do setor". Risos generalizados.

Do Sylvio Portugal lembro-me de outra passagem. Eu e minha esposa, Eleonora, fomos passar uns dias em Itanhaém na casa de meus compadres Washington Onofre e filhinha Maria Aparecida, doces criaturas. Ele, na época de decidir entre o BC e o BB, preferiu continuar no BB como Operador de Câmbio.

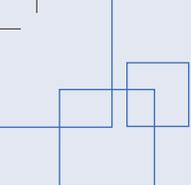
Numa tarde, após irmos à sorveteria na Praia dos Sonhos, centro de Itanhaém, o compadre sugeriu visitarmos o Sylvio Portugal que construíra casa na rua de terra, na lateral do Satélite (Clube de praia de funcionários do BB). O portão da casa, na verdade um vão no muro, tinha vis-à-vis, no outro lado da rua, entrada secundária com acesso ao clube. A três passos estavam as quadras de tênis. Aliás, esse foi o motivo do colega edificar a moradia nesse lugar tão especial, praticante do nobre esporte há longos anos.

Batemos palmas. Não havia campanha. Nem era preciso. O alarido da matilha de cães soava até a praia, distante duas quadras. Portugal abre a porta. Dela escapam dez pequenos Yorkshires em nossa direção. Ouvimos do amigo: "Cuidado com os cães! Nós quatro: "Eles mordem?" Portugal: "Não! O cuidado é para não pisarem neles, a minha mulher ama demais os bichinhos. Na outra geração, prefiro ser o cachorro dela!"

– Oh! "Uóxinton"! Que novidade boa é essa de você trazer o Casemiro e a Eleonora?

Bons papos. Docinhos. Cafezinhos. Histórias dos Bancos. Dois ou três cãezinhos nos colos de cada visitante. Que momentos felizes.

Luiz Carlos Casemiro



37 anos de fidelidade

Em 1978, no meu setor, a discussão era sobre a superioridade de um time de futebol sobre outro. Um dos presentes interveio: "Sou é torcedor do Banco Central que me dá casa e comida. E clube para mim é a Asbac, que me proporciona o lazer". Tomei para mim aquelas palavras. Adoro o Banco Central e fui asbaqueano atuante.

Após receber o convite para escrever sobre os 50 anos da associação, a serem completados em janeiro de 2016, fiz as contas e vi que quando tomei posse no BC, em 3 de janeiro de 78, a associação tinha apenas doze anos. Não era nem adolescente. Hoje, 37 anos mais tarde, é claro que perdeu alguns dos seus encantos, mas aproxima-se dos cinquenta anos viçosa, jovial e guerreira. Vou falar apenas da Asbac-Rio, porque não sei o que ocorreu nas demais.

Participei do grupo apelidado com ironia de "Politiburo", termo russo que designa os membros do gabinete do presidente da república com acesso ao Kremlin. O "Politiburo" assessorou as três diretorias que antecederam à de que participei no triênio 89/90. A primeira delas colocou ônibus gratuitos à disposição dos associados para passarem o dia em Comary enquanto construía as piscinas adulta e infantil e os primeiros 18 apartamentos da sede de Teresópolis e, pela primeira vez, colocou à disposição do quadro social todos os ingressos para o show de Roberto Carlos no Canecão, sem "reserva de mercado" para Diretores do Banco e apaniguados. A segunda diretoria, além da manutenção dos avanços promovidos pela antecessora, construiu outra sede na Avenida Presidente Vargas, 446, com bar, restaurante, salões de jogos, auditório, ginástica, cabeleireiro. A terceira reformou a sede de Comary e ampliou o número de apartamentos da sede Teresópolis e conseguiu, junto à diretoria do BC, o terreno para a construção da sede do Andaraí em regime de comodato, além de estabelecer os parâmetros para a implantação do PSC- Plano de Cargos e Salário dos funcionários da Asbac-Rio.

Da diretoria da qual participei no triênio 89/91, obtivemos vitórias sem o devido reconhecimento: mesmo tendo perdido a cota patronal, o que representou um corte de 50% da receita mensal, equilibráramos as finanças sem realizar cortes de funcionários; informatizamos a associação; demos início às obras da sede do Andaraí, construindo churrasqueiras, piscina, bar, campo de soçaite e vôlei de praia e – por nossa iniciativa – negociamos e assinamos em conjunto com o sindicato dos funcionários da associação o Plano de Cargos e Salários com o sindicato dos funcionários da associação. Mas isso é outra história. É digno de registro que, quando do corte da cota patronal, o



BC havia licitado as obras da construção da sede do Andaraí. A firma vencedora ao saber do ocorrido retirou todo o material que havia estocado (portas, janelas, torneiras, azulejos, etc.). Tivemos, então, que contratar nova firma e comprar novamente todo o material, dessa vez com dinheiro da própria associação. Mas é vital que a atuação política exercida pela Asbac-Rio seja ressaltada e divulgada.

Quando começou a "abertura" política no Brasil, após os vinte anos de ditadura militar, uns dos instrumentos usados para a democratização no Banco Central foi a Associação dos Servidores do Banco Central. No período pré-abertura política, houve a fundação da AFBC, Associação dos Funcionários do Banco Central, de cunho eminentemente político, que objetivou garantir o direito à representatividade dos funcionários junto à diretoria do BC.

Paralelamente a esse movimento, aconteceram movimentações no interior da Asbac, com o mesmo objetivo e "vendas" sob a denominação "Democracia na Asbac". No jornal "Espelho", mantido pela associação, eram frequentes os artigos com apoio à volta do estado de direito. Os dois segmentos, ambos oficiosos, foram as sementes do Sinal. O atual PQVT era a Asbac.

Talvez tenha sido o poeta Carlos Drummond de Andrade o primeiro a registrar que a pessoa pode trocar de roupa, de cônjuge, de endereço, de país, mas não muda de clube. Não transpareço e às vezes, em momentos de baixo astral, até renego, mas continuo fiel à Asbac.

Não vou lamentar se não estiver por aqui no seu centenário. Assistir a ela comemorar 50 anos já valeu a pena.

Mário Márcio Damasco

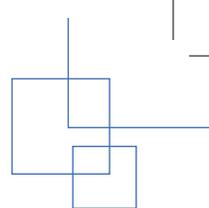
Abalroamento no caráter

O compromisso próximo à avenida Paulista fez com que Eliana, estrategicamente, premeditasse estacionar o carro na ladeira, logo abaixo do Masp. Era para ser rápido, e ela conhecia bem o lugar, perto do Banco Central, lugar de trabalho do marido.

Fez o que tinha que fazer, voltou para o carro, o abriu eletronicamente, colocou o cinto e deu a partida. Enquanto olhava pelo retrovisor externo as boas condições para partir, reparou numa van escura, descendo em grande velocidade. Desembestado, o carrão veio rasante contra os carros estacionados, vruuumm, e raspou a lateral de seu veículo. Assustada, viu seus ocupantes nem se incomodarem em conferir o estrago: continuaram na mesma velocidade, descendo em direção à avenida 9 de julho.

Surpreendida com a atitude do motorista, pegou o carro e foi em direção à van. Mesmo com o trânsito carregado, cerca de 500 metros adiante ela conseguiu emparelhar com o outro veículo, passou e sua frente e parou, obrigando-o a parar também. Machamente, saiu do carro e foi em direção do motorista. Este abriu um tantinho a janela, quando ela pôde perceber que havia quatro pessoas no carro. "Mas você raspou toda lateral do meu carro, e não ia dar nem uma paradinha?", perguntou. O rapaz na direção era loiro, com barba grisalha, e aparentava uns 55 anos. "Desculpa, eu nem percebi", disse em voz baixa. "Fique com meu telefone, eu assumo tudo", completou. E soletrou o número.





Ela voltou para o carro, enquanto eles rapidamente manobram para passar à frente e seguir seu destino. Precavida, tratou de anotar a chapa do carro e, mais

que depressa, assim que voltou ao carro, pegou o celular e digitou o número. A gravação respondeu com um "este telefone não existe". Agora, então, a coisa virou pessoal: estavam tentando trapacear. Pisou no acelerador e, aproveitando a morosidade habitual do trânsito paulistano, um quilômetro depois já emparelhou com a van, novamente, e num descuido do motorista intrometeu seu carro à frente, e parou outra vez impedindo seu avanço. Munindo-se de muita coragem, dirigiu-se novamente à porta do motorista.

Desta vez, ele abriu um pouco mais o vidro. Ela esbravejou: "Poxa, você me passou um telefone que não existe!". O sujeito não tinha onde esconder a cara. Arriscou um: "Talvez a senhora não tenha anotado direito". Percebendo cheiro de má intenção, ela levantou a voz: "Vocês trabalham onde?" Um rapaz sentado no banco de trás, percebendo que o motorista emudecia, resolveu esclarecer, ainda que com uma voz em segundo plano: "Trabalhamos no Banco Central". Dado o fato novo, ela também resolveu se identificar: "Ah, que bom, pois sou esposa do Renato, que é dentista perito do Banco Central".

A cena seguinte foi um olhando para a cara do outro, tomando consciência da enrascada em que tinham se metido. Depois de ter tentado passar uma mentirinha, tiveram que revelar o número correto, que foi prontamente conferido. E seguiu cada um seu caminho.

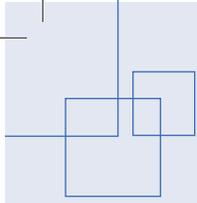
Esses fatos aconteceram num final de tarde tórrido de sexta-feira. Agnaldo, o loiro grisalho, ainda teve todo o final de semana para tentar construir uma versão menos vexaminosa para sua atuação. Até que tentou: tinha certo *know how* de retórica argumentativa, testada em muitos púlpitos evangélicos, já que era pastor nas horas fora de expediente.

Mas foi ao meu encontro, no terceiro andar do prédio do Banco, confiando numa única conversa fiada, a de que minha esposa não tinha ouvido direito quando ele informou seu número. Como tratar um cara de pau dessa laia?

Muitas pessoas são como camaleões que, ao menor sinal de perigo, são capazes de subverter a natureza e camuflar-se de graveto. Esquecem que, no supermercado das boas qualidades dos homo sapiens, as principais *commodities* ainda são moral e caráter. Ainda mais para quem, angelicalmente como Agnaldo, vive também de adubar a fé das pessoas.

Poxa, você me passou um telefone que não existe! Talvez a senhora não tenha anotado direito

Naconecy



Aerofobia

Considero o avião o meio de transporte mais seguro do mundo, principalmente quando está parado no solo. Já passei muitos apuros pelos céus do Brasil e do mundo e muito embora ao longo do tempo tenha aprendido a me controlar durante o voo só me sinto absolutamente seguro quando as portas da aeronave se abrem e sou autorizado a descer.

Minha primeira aventura nos ares aconteceu em 1978, aos 26 anos de idade e só me meti dentro de um Boeing 737 da extinta Vasp porque desejava assistir à final do Campeonato Brasileiro de 1977, que seria disputada num domingo em Belo Horizonte, envolvendo o outrora imbatível São Paulo F C e o Atlético Mineiro.

Como a viagem de ônibus era muito mais longa e cansativa, com o risco de prejudicar a minha segunda-feira de trabalho, optei por perder minha virgindade aérea e a experiência foi ainda mais emocionante porque choveu o dia todo, fazendo com que várias turbulências fossem incluídas no serviço de bordo.

Ao desembarcar em BH tive dois sentimentos: o de alívio por ter chegado são e salvo e o de pavor por saber que ainda haveria o voo de volta a São Paulo.

Mas a vida foi seguindo e, ora a passeio, ora motivado por compromissos profissionais, continuei convivendo "entre tapas e beijos" com as aeronaves.

Em 1980, pouco mais de um mês após nosso casamento, Teresa e eu participamos de excursão a Foz de Iguaçu. No voo de retorno a São Paulo, tão logo o avião decolou senti que o mesmo balançava muito do lado direito (por azar o lado em que estávamos sentados) ao mesmo tempo em que a aeromoça passava apressadamente em direção à cabine do comandante, de onde saiu mais branca do que a folha onde digito este texto. Nada nos foi dito pela tripulação, chegamos ilesos a Congonhas, mas, por via das dúvidas, os passageiros foram discretamente convidados a sair pela porta dos fundos.

Na tentativa de diminuir o meu estresse sempre prefiro as poltronas do corredor, pois olhar pela janela, principalmente na decolagem, aumenta ainda mais a minha sensação de desconforto.

Numa dessas, novamente a caminho de BH (desta vez numa viagem de férias com Teresa), estava eu novamente tenso, segurando-me na cadeira e apelando para todas as enti-

O voo mais longo que fiz ao lado de Teresa foi também o mais tranquilo

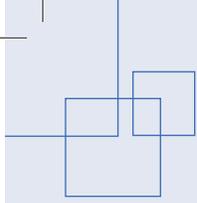


dades espirituais a cada mínima balançada do avião, quando vi a porta da cabine se abrir e flagrei um dos tripulantes (creio que o comandante) lendo tranquilamente um jornal. Pensei comigo: #@*%! eu aqui me borrando e esses caras fazendo palavras cruzadas lá na cabine!

Faço aqui um parêntese para falar da postura de Teresa: permanece o tempo todo impassível, como se nada estivesse acontecendo. Deveria olhar para ela e tentar compartilhar da sua tranquilidade, mas tudo o que consigo é pensar: como é que consegue?

Dai que tempos depois estávamos em nova viagem de férias, desta vez para Florianópolis, por volta de 1992. O voo estava muito tranquilo, sem nenhuma balançadinha sequer, o que foi me deixando com a pulga atrás da orelha; não era possível que aquela viagem iria passar em branco. Até que quase chegando ao nosso destino o comandante nem teve chance de avisar: o avião perdeu bastante altitude rapidamente, provocando uma gritaria geral nos passageiros.

O voo mais longo que fiz ao lado de Teresa foi também o mais tranquilo. Fomos a Portugal em 2008 e o único estresse no trecho Guarulhos/Lisboa foi por termos que ficar mais de dez horas presos naquele bichão de aço sem poder sair para comer um sanduiche na esquina. Mas o momento glorioso da viagem estava reservado para o pouso: o comandante da Tap deve ter pensado "seja o que Deus quiser" e simplesmente largou o avião no solo do Aeroporto Portela de Sacavém.



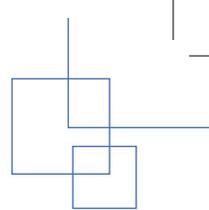
Fizemos uma rápida parada em terra e pouco tempo depois embarcamos noutra aeronave para o trecho final Lisboa/Ilha da Madeira. Outro voo muito calmo até o momento do pouso. Com os cintos de segurança devidamente afivelados conversava animadamente com Teresa quando ouvimos o baque; o comandante conseguiu largar o avião no solo de maneira ainda mais espetacular que seu colega anterior (devia ser padrão da Tap) e ainda se deu ao luxo de abrir o microfone para fazer piadinhas: "sejam todos bem-vindos ao Aeroporto de Santa Cruz; espero que ninguém tenha morrido com o susto". Sua mãe é lembrada até hoje.

Para fechar, por volta de 2011 retornava do Rio de Janeiro para Campinas, ao lado de minha amiga Marina, depois de um curso de reciclagem que ambos fomos fazer na Cidade Maravilhosa. Tudo corria bem a bordo até que resolvi desafiar os deuses do espaço. Cismei de contar à Marina o que havia acontecido no voo para Florianópolis acima descrito e parece que chamei o azar; nem tive tempo de terminar a história e nosso avião caiu milhares de pés em poucos segundos:

- @#%\$#*; desculpe Marina, mas não dava para dizer outra coisa;
- Aristeu, nunca mais viajo de avião com você; seu pé é muito gelado.

Estou com vontade de conhecer a Suécia. Alguém sabe me dizer se a Viação Cometa tem alguma linha de ônibus para Estocolmo?

Aristeu de Campos Filho



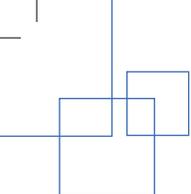
O amado baile que parecia cinema

Pois é, meses antes, a diretoria da Asbac, reunida como fazia em todas as terças-feiras, após o expediente, decidi (fui voto vencido) adquirir a preço de banana veículo sucateado que pudesse ser recuperado para abrilhantar o Baile do Havai. Concordei, desde que o automóvel pudesse ser utilizado em eventos. A Selma Helena, Diretora do Departamento Infanto-juvenil, disse: "Oba! Estou nessa. Na Festa do Natal vou colocar o Papai Noel chegando nesse carro e depois passeando pelo Clube com as crianças menores". A Asbac de São Paulo distribuía brinquedos aos sócios dependentes que tivessem menos de dez anos. Um evento que exigia planejamento de meses de antecedência. Por isso, contava com o esforço da Selma Helena, pessoa dedicada e organizada. Seu marido, Michele Cammarota, colaborava nas tarefas. No Departamento eram feitos estudos para aquisição de presentes apropriados a cada faixa etária. Festa gratuita com música, shows, comes e bebes. Além do restaurante, utilizava-se o ginásio coberto e o arraial montado e decorado com muitos enfeites coloridos. E, partir deste ano, contaria com o Galaxie Landau psicodélico. Tal qual o baile, festas inesquecíveis.

Em todas as solenidades, o clube fervilhava de associados, familiares e convidados. Quem viveu não se esquece dos torneios, Undokais, churrascadas, exposições, Excursões; da Biblioteca, dos concursos de literatura, do Coral, das aulas de flauta ministradas pela cantora Vânia Bastos; do Clube Itapeví que alugávamos aos sábados com exclusividade, enquanto o Clube de Guarapiranga estava em reforma. Os eventos e a participação neles eram gratuitos, exceto quando o luxo era demais. Mesmo assim, os sócios contavam com parte subvencionada de custos.

Depois de aprovada a realização do baile, surgiram ideias criativas propostas pelos diretores, comprovando que todos assistiam ao seriado "Ilha da Fantasia". Veneravam "Tatoo", o baixinho que recebia turistas, trajando vistoso "summer" branco, gravata borboleta preta, numa ilha do Havai.

Carlão e a esposa, Cláudia, cantora profissional, desenharam um croqui de como seria a decoração do baile. Transformaram o clube numa ilha tropical. Os funcionários construíram com tábuas longas uma ponte sobre a piscina. Forraram o local com bambus,



bananeiras e arecas. Providenciaram inclusive grandes vasos com coqueiros, alguns até com frutos.

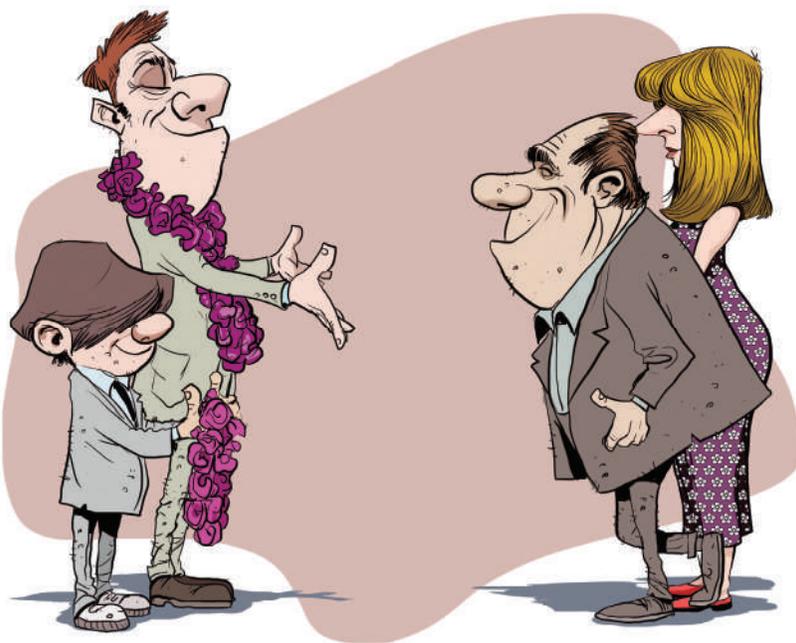
Rosana entrou de supetão na sala, muito assustada. Nem bem fechou a porta, lascou: "Atende o Carlão, prenderam ele e o carro na Ponte das Bandeiras, ele está precisando de ajuda.

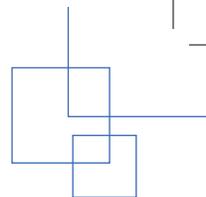
– O que ele falou?

– O policial vai recolher o automóvel, que não tem documentação, e também vai prender o Carlão, que está com a carta vencida. Tudo ilegal.

– Alô Carlão, o que houve?

– Chefe, o negócio é o seguinte: a reforma do Landau ficou pronta. A pintura psicodélica, linda, artista fabuloso. O funileiro cortou o teto e as janelas. Ficou beleza que só vendo. Pedi ao Wasni para sair mais cedo para pegar o bagulhão aqui em Santana e levar para o Clube da Asbac lá em Guarapiranga. Tudo corria bem até que o, ham, esse guarda me pegou aqui na ponte. Pior que ele está nervoso, pois já se formou congestionamento monstro de automóveis. Passam devagarinho, com os motoristas admirando o carrão.





– Continue Carlão.

– Eu expliquei a finalidade do uso do carro e fui sincero, confessei que esse veículo já foi baixado no Detran e não possui documentação, foi adquirido na sucata para servir de transporte de convidados de nosso baile do Havai. Sabe o que ele me falou? “Olha pra mim, tenho cara de quem acredita em Papai Noel?”

– Carlão, vai conversando aí com o policial; vou enviar uma pessoa que se impõe com mais autoridade, que use terno e gravata. Já é quase advogado, está no último ano da PUC. Tenho certeza, o Aristeu vai livrar sua cara e liberar o Landau.

– Chefe, já imaginou o Aristeu, de terno e gravata, dirigindo esta carcaça? Risos. (Carlão era cara de pau, estava calmo, até ria).

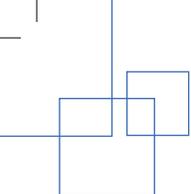
Aristeu com seu porte de metro e oitenta, terno de casimira, gravata de seda, teve recepção calorosa pelo Carlão e respeitosa pelo militar. Auditor do Banco Central adquire um jeito natural de se impor. Porém, somente conseguiu a liberação quando apresentou o prospecto de informações do Baile do Havai, onde estava destacado que os convivas seriam transportados do estacionamento ao salão em veículo semelhante ao do seriado de TV “A Ilha da Fantasia”. De mentirinha, a propaganda ainda afirmava que o carro fora importado de Honolulu. No rodapé: “Se você não pode ir ao Havai, a Asbac traz o Havai para você”.

O guarda falou: “Ok, libero esse auto...carr...esse troço”. Carlão abriu a porta e o militar alertou: “Não, na-não, lembre-se, você não renovou a carteira de habilitação, ele (apontou o Aristeu) dirige”.

O Baile

No caminho ao salão, debaixo de arco de arbustos, estavam duas moças de sarongues ladeando o baixinho Romão, nosso “Tatoo”, servidor do Meio Circulante do Banco, trajado de terno branco. Recebiam os convidados dando-lhes boas-vindas e oferecendo colares havaianos. No salão apartado, foram colocados trezentos cocos verdes. Para abri-los convidamos o vigilante Antônio Sodré, sergipano, afeito a isso desde seus tempos de menino em sua terra, praia de coqueirais a perder de vista. Nas mesas, quantidade exagerada de frutas tropicais.

O carrão trazendo do portão ou do estacionamento os convidados. Estes, quando acomodados no veículo, eram fotografados pelo Sr. Miguel Martins, aposentado do BB, indicado pela coirmã, Associação Atlética Banco do Brasil (SP).



O Conjunto Musical Roda Viva agradou aos dançantes da Regional, bem como aos colegas gaúchos que estavam em São Paulo nesse final de semana, em disputa esportiva do Torneio da Amizade. A propósito, vencemos de três a dois, a despeito da enorme zebra no Xadrez, quando nossa equipe formada pelos grandes-mestres Kodama, Alvarez e Degel foi surrada pelos enxadristas, ainda bagrinhos, de Porto Alegre. Adhemar Dicolla, craque no esporte, não atendeu à nossa convocação.

Temor e, depois, cena hilária, marcaram a noite do baile. O fato ocorreu no vulcão Kilauea, que foi montado ao lado do palco. Réplica de construção trabalhosa com bambus, tubos de PVC, cartolinas pintadas de ocre como se formassem a encosta do cone montanhoso.

Romão foi incumbido de ficar dentro do vulcão enquanto a orquestra tocava músicas de luau havaiano. Cabia a ele manipular a máquina de fumaça obtida com gelo seco. Bonitinho aquele ritmo próprio do paraíso tropical, das ilhas do Oceano Pacífico. Povão nas evoluções dançantes, alguns agarradinhos e jurando amor eterno. A noite propiciava a isso. Vulcão expelindo aquela fumacinha. Romance!

Repentinamente, forte estrondo. Estouros. Luzes e sirenes de emergência ligadas, clarão avermelhado no interior do vulcão. Fumaça volumosa saindo até pelas fendas de sua base. Cheiro desagradável de fio derretido. Olhares apreensivos em direção ao Kilauea no exato momento em que o nosso "Tatoo", em pânico, rompe as cartolinas e dispara para o centro do salão.

Passado o susto. Isolado o fio. Vulcão extinto. O baile foi até quatro da matina. Uma festa para jamais ser esquecida.

O baile até hoje desperta saudades. Colegas antigos quando se encontram comigo, ou com o Aristeu, vice-presidente, comentam fatos da velha Asbac e se lembram dessa memorável data.

Luiz Carlos Casemiro

Aparência é quase tudo

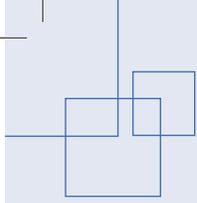
Nem todo mundo nasce com vocação para ser funcionário público. Na minha geração, a gente se preparava para ser engenheiro, médico, advogado. Se muito, alguma coisa relacionada, como arquiteto, dentista. Concurso, já é uma invenção moderna. Uma adaptação às novas condições do mercado de trabalho. Então, quando a expectativa era do velho modelo, e se deparava com a realidade de ter de trabalhar em tarefas administrativas simples e repetitivas, muita gente ficava pelo caminho. Pedia demissão, e ia buscar sua vocação. Voltava atrás e buscava alguma atividade que tivesse a ver com sua natureza.

Mas tinha uma galera obstinada. Que sabia que as atividades que teria que desenvolver nada tinham com seu perfil. Mas envergava as compensações, que eram muitas. Um bom salário, muitos agradados financeiros, ambiente agradável, plano de saúde, atividades esportivas, perspectiva de ascensão. Bem, eu era um desses.

Fui esbarrando em muitos setores diferentes. Nenhum serviço me entusiasmava. Mas procurava enfrentar as tarefas com dignidade. No que me era incumbido, procurava gastar energia e desempenhar com atenção e eficiência. Isso valia para arquivar intermináveis pilhas de pareceres, ou bater carimbo a cada 50 páginas de todos os livros da biblioteca jurídica. Para usar a expressão de um advogado que conheci no início de carreira, para fazer carreira numa instituição como a nossa, devíamos sempre conservar "uma discreta omissão".

Na época em que trabalhei no setor de apoio à fiscalização, já exercitava essa "saudável" filosofia. Subdivisão com boa equipe, contava com alguns muito compenetrados e eficientes, outros nem





tanto. O foco era a análise de recursos contra multas a instituições financeiras que atrasavam na entrega de seus demonstrativos ao BC. Parte pequena deles era constituída de textos bem arrazoados, com argumentos consistentes. Esses eram das maiores empresas, em que a entrega fora de prazo era problema de equipe. E passível de demissão. Os recursos das empresas menores eram quase sempre pífios, e alinhavavam argumentos esquálidos como atraso no transporte, problemas de saúde do contador, entre outras obscenidades. Eu me concentrava nos arquivos, analisava todos os processos chegados, e tomava para mim os semelhantes, com alegações parecidas, bem clichês. E, em retorno, preparava um parecer com análises padronizadas, por atacado, desqualificando os recursos. Uma batelada ao mesmo tempo.

Depois de despachar uma quantidade boa de processos, saía para meu cafezinho, circulava pelo andar, batia papo com amigos. Uma rotina que, depois de certo tempo, percebi que importunava o chefe do setor, Elias Costa. Sujeito com cara de bolacha adornada com vasto bigode e sorriso dissimulado, era do tipo minucioso, pouco afetivo, que se gabava de ser detalhista. Dia daqueles, resolveu fazer uma reunião com a turma, para mostrar que o copo de sua paciência estava cheio. No meio do setor, empoleirados nas escrivaninhas, aguardamos ansiosos a explanação. Depois dos prolegômenos, em que falou da importância do trabalho em grupo, enalteceu a qualidade da equipe. Mas fez uma observação. Disse que eu destoava. Que ele via os demais funcionários todos competentes em seu trabalho, enquanto eu parecia estar passeando, sem comprometimento. Ah, o que é a aparência.

Refutei na hora, e fiz questão de manifestar minha surpresa ante sua alegação. Usando meu melhor sorrisinho matreiro, disse que ele estava redondamente enganado. Na frente de todos, ele bateu pé e disse que eu trabalhava pouco. Me enchi de brios. Duvidei que ele provasse. Invoquei que ele trouxesse o livro de controle. Sim, naquela brochura estavam anotados todos os processos retirados para análise, e a data do despacho. Ele mandou vir. Começou a folheá-lo e, em voz alta, começou a contar o número de processos concluídos naquele mês. "Fátima, 12; Ruoti, 9; Gomide, 8; Selma, 15; Gustavo ... 85". Ele foi perdendo a voz. E a razão.

Claro, como era de seu feitio, ele não pediu desculpas. Mudou de assunto, e seguiu o que seria sua pauta. Depois desse episódio, não mais fez menções desabonadoras a mim, nas reuniões. Tempos depois, não gostando do estilo da chefia, baseado na aparência, forcei uma saia-justa para lhe deixar sem alternativa e permitir que eu mudasse de ares.

Naconecy

O assalto

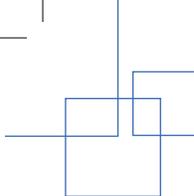


Filmes policiais me perseguem. Naquela segunda feira, até que estava conseguindo escapar, assistindo a uma comédia romântica, mas a noite estava apenas começando, às onze e meia. Minha mulher me acompanhava naquela pré-estreia, e enquanto ainda rolavam os letreiros de créditos, rapidinho já estávamos lá fora. Gostávamos de evitar que a saída com o carro virasse um drama.

A Rua Padre João Manoel, ao lado do Conjunto Nacional, estava apinhada de carros estacionados, mas praticamente vazia de gente. Estranhava apenas dois rapazinhos num orelhão, perto do carro.

Não dei maior importância. Devia. Quando fui abrir a porta para ela, os rapazes se aproximaram. Um mostrou um revólver, e disse que era um assalto.

Percebi que eram novos, eventualmente inexperientes, e tentei estabelecer uma negociação. "Quem sabe vocês levam só o dinheiro, e deixam meus documentos", arrisquei, enquanto abria a carteira e começava a tirar as notas e as deixava nas mãos do parceiro. Tinha apenas trocados; minha mulher, com bolsa e valores mais significativos, quando se deu conta da situação, saiu correndo, em direção à Paulista, uns 100m adiante. Como os garotos permitiram meu diálogo, tentei mais alto. "Vocês podiam deixar o carro ...". Desta vez, eles mostraram mais firmeza, dizendo que eu iria poder



resgatá-lo num local da zona leste. Entraram no carro, e foram em direção à Alameda Santos, paralela da Paulista.

Nesse ponto, começou a aventura. Meu primeiro instinto foi correr até a Paulista, em que poderia encontrar viatura policial. Deparei-me com um vigia de prédio, que me desacorçoou, dizendo que, àquela hora, era uma ficção. Sem a ajuda daqueles que tinham por missão servir e proteger, me voltei na direção do carro, que deveria estar já na esquina. Segundos depois, vejo a cena: um deles na direção, enquanto o outro se esforçava para empurrar o carro, tentando fazê-lo pegar no tranco. E começando a se formar um congestionamento, com os carros atrás.

Bem, nesse ponto vou pedir para a nota de rodapé dar uma subidinha e explicar um detalhe fundamental para o caso. Meu sogro, seu Armando, era inventor e tinha engendrado um dos primeiros mecanismos de cortar combustível em automóveis, daqueles que se podia determinar quantos minutos ou segundos haveria o bloqueio. Pouquíssima gente conhecia. Meu carro era dotado desse dispositivo.

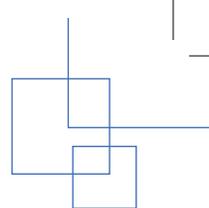
Chegando na esquina, me deparando com meu carro liderando o engarramento, imaginava o que fazer. Afinal, eles estavam armados. Restava a arte primal: gritar. Enchi os pulmões e botei a boca no mundo. "Ladrõõõões, ladrõõõões, eles estão roubando o carro, ladrõõõões".

Não demorou muito, eles abandonaram o carro ali mesmo, e começaram a empreender fuga. Naquele instante, exatamente naquele precioso instante, devia ter entrado no carro, desativado o mecanismo, encontrar minha mulher e ir para casa, feliz por ter me safado numa situação delicada. Mas não. Eu tinha muita formigui-nha no cérebro e adrenalina para queimar, naqueles loucos anos 1980. E uma dose cavalari de insensatez.

Isso resulta que coloquei na cabeça uma informação de um assalto que tinha ouvido naquela semana, em que um assaltante tinha roubado um cara no meio do trânsito e, como não tinha dado certo, só para sacanear, levou as chaves com ela. Processei esse dado e imaginei que "meus" ladrões tinham feito o mesmo. Então, fui atrás deles, também correndo.

Envolto numa aura de super-herói, comecei a proferir desatinos como "agora, eu pego vocês, agora pego!" Eles, a uns 30 m de distância regulamentares, sebo nas canelas. Pensei: eles têm armas, e fogem de mim... Devo ser de aço. Corremos uns 200m, eles foram na direção da Paulista. Até que um motorista de táxi me viu, perguntou o que acontecia. Expliquei rapidinho. Ele disse: "Entra, vamos pegar esses caras". Nada como um maluco solidário.

Atravessamos para a Paulista, ficamos tentando localizá-los entre os arbustos da calçada. 100m depois, era possível vê-los num



Meu primeiro instinto foi correr até a Paulista, em que poderia encontrar viatura policial

passo lento, acreditando que a perseguição tinha acabado. Nesse momento, eu e o motorista improvisamos uma estratégia de guerrilha. Bem kamikaze, mas arrojada. Iríamos até o final daquele quarteirão, eu desembarcava e me dirigiria até eles, que viriam de frente, enquanto o motorista daria marcha ré até o início daquele quarteirão, para cercá-los por trás.

Um plano perfeito, se não houvesse uma arma de fogo envolvida.

Seguimos o combinado. Vocês precisavam ver a cara dos moleques quando me viram pela frente, em plena Paulista, como se tivesse vindo de espaçonave. Assustados, eles mudaram de direção, deram as costas correndo rápido e passando pela Caixa Econômica e, depois, se perdendo da minha vista. Instantes depois, passei pela Caixa e, vendo dois vigias armados à frente, alertei: "Os dois rapazes que passaram aqui agora há pouco são ladrões e estão armados. Se passarem outra vez, fiquem alertas".

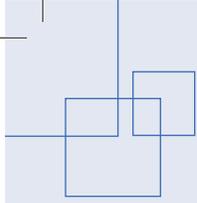
Imagino que não devia acontecer quase nada naquelas madrugadas modorrentas de dias de semana, junto daqueles prédios supervigiados. Então, para eles, era uma chance de mostrar serviço.

Continuei correndo aquela corrida insana até visualizar o motorista, na Peixoto Gomide, parar o carro e sair para fechar passagem para os dois rapazolas. Acuados, eles se voltaram, agora na minha direção, e agora com arma em punho. Naquele momento, me voltou novamente a consciência e a sobriedade e pensei: não sou de ferro, nem super-herói; deixa eles passarem. E me desloquei para o meio da avenida, deixando a rua para eles. Nesse segundo, ouvi um estampido, na minha direção. O rapaz armado tinha detonado o revólver. Não tinha certeza se era de verdade; só tinha ouvido barulho igual no cinema.

Uns dois minutos se passaram, até que retornei para a calçada. Eu e o motorista passamos em frente à Caixa, e interpelamos os guardinhas: "Vocês viram os caras?" Os dois tiraram as armas dos coldres, apontaram para o prédio do lado, e disseram: "Estão todos ali no Banco Central, atrás dos arbustos", se referindo à ornamentação lateral do edifício. Andaram mais uns passos, e os renderam: "Mãos na cabeça, joga as armas para fora, que a casa caiu". Eles jogaram a arma, foram apreendidos e, por uma questão de jurisdição, levados para o "território" da Caixa. Em dez minutos, chegaram duas viaturas.

Passamos ainda umas boas horas daquela noite prestando depoimento na Delegacia da Paranaguá. Um final feliz para uma noite que começou com um romance tranquilo e terminou numa aventura policial treloucada.

Naconecy



Asbac - Recife em excursão

Nós que amamos a Asbac, especialmente aqueles que sempre estiveram à frente erguendo a sua bandeira, procuramos, além de exaltar a entidade, proporcionar aos associados o que de melhor cada um pode oferecer.

Recife nunca foi diferente disso. Em uma de suas gestões, Wallace Carmello, então diretor regional, a pedido dos associados, resolveu planejar uma excursão para a região norte do país.

Inquirindo sócios, verificou que as preferências do pessoal seriam Belém ou Manaus. A primeira, por estar coincidindo com festividades de folclore local, para conhecer o famoso Mercado Ver-o-Peso, além da possibilidade de dar uma espichada até a Ilha de Marajó e comprar vasos marajoaras, feitos pelos indígenas de lá – a mais antiga dentre as artes em cerâmica do Brasil. A outra cidade, em razão da possibilidade de ir ao comércio da zona franca e realizar passeios maravilhosos, a exemplo do encontro dos rios Negro e Solimões; de conhecer os Igarapés e Igarapós, além do artesanato muito peculiar, em sua maioria feito com sementes e escamas de peixe.

Mãos à obra! Partimos para a fase inicial: pesquisar os pontos turísticos mais interessantes a serem visitados naquelas cidades, bem como fazer o levantamento de quais seriam as melhores acomodações.

Pela grandeza e diversidade de nosso país, onde costumes, cultura, linguajar e sotaque são diferentes, o diretor se deparou com um fato que podemos classificar, no mínimo, de pitoresco. Com referência aos hotéis, informaram que um deles, em Belém, era muito bom, situado próximo ao rio e de mata, mas que o único inconveniente seria que às vezes, durante a noite, eram registrados ataques de

Inconveniente seria que às vezes, durante a noite, eram registrados ataques de carapanãs

carapanãs. Mais do que evidente que ele, de pronto, colocou-o de fora das escolhas. Não poderia por em risco os excursionistas, mais ainda porque não sabia quão agressivos seriam aqueles imaginados indígenas. Optou por outro, de qualidade equivalente àquele, mas que certamente deveria ser bem mais seguro.

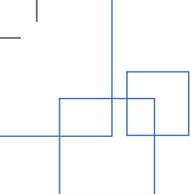
Terminada a etapa das pesquisas essenciais para a realização da viagem, inclusive custos, apresentou aos interessados as alternativas. Naquele momento, todos se manifestaram a favor da ida a Manaus.

Chegando à terra dos grandes rios, na capital amazonense, não lhe saía da cabeça o receio da possibilidade de também existirem indígenas nas proximidades de onde ficariam. Segurança e qualidade dos eventos eram primados por ele. Afinal, era uma cidade no meio da selva...

Após acomodar todos os excursionistas, apressou-se em tomar conhecimento sobre tudo daquela localidade. Em meio às interações com alguns nativos, descobriu, boquiaberto, que carapanã nada mais era do que se chama, em outras regiões, muriçocas e pernilingos: meros mosquitos sugadores de sangue.

Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes





Uma ata para a história

Aviso aos navegantes: sou apenas um amigo do Paulo Aragão, representante cearense da federação das Asbacs. E que caiu de "paraquedas" por aqui para cumprimentar o iluminante e, de quebra, convidá-lo para uma partida de tênis. Mas abraço daqui, papo dali, acabei ficando para quebrar um galho e fazer as vezes de relator nesta reunião dos Conselheiros da Fenasbac. O redator oficial, ao que me consta, teve problema no voo para chegar a tempo.

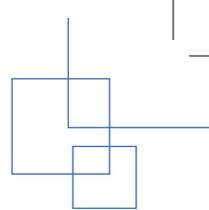
Antecipadamente, peço desculpas pela forma pouco protocolar com que me expressei, já que nunca secretariei reuniões tão pomposas. Pediram-me para, pelo menos, passar minha impressão da tertúlia, e que descrevesse, mesmo informalmente, o máximo de detalhes do encontro, quem disse o quê, para que o escriba oficial possa recuperar o que foi tratado e resolvido, e passe a limpo numa redação estilosa e final, como sei que sempre faz. Acabei, sem querer, testemunha de um acontecimento histórico. Pois é o que descrevo, a partir de agora.

Ata da 39ª Reunião do Conselho Gestor da Fenasbac

Em 1º e 2 de setembro de 2011, às 9 horas, em Fortaleza-CE, reuniram-se os membros gestores da Fenasbac, da lista que segue anexa.

O presidente do Conselho, Paulo Aragão, inicia os trabalhos, constata quórum mínimo e me indica, precariamente, para secretariar a reunião. Passa, em seguida, ao exame dos itens, baseado na pauta encaminhada aos presentes, para apreciação da seguinte lista de assuntos:

- 1.** Leitura e apreciação da ata da reunião anterior; aprovada sem restrições.
- 2.** Proposta da Diretoria Executiva para criação do Instituto Fenasbac, com apresentação pelos consultores Horta e Salomão do projeto executivo e definições pelo Colegiado quanto à constituição, capital social, estrutura, contratações, competências e tudo quanto necessário à implantação e funcionamento.



(É isso mesmo que entendi? A federação que congrega as Asbacs está pretendendo criar uma empresa para ministrar cursos de aperfeiçoamento profissional e gestão corporativa? Que surpresa.) Os dois consultores, Horta e

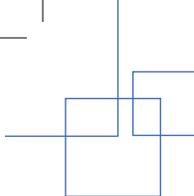
Salomão, dão um show: mostram, muito competentes, o que será o Instituto Fenasbac de Excelência Profissional, numa extensa exposição que inclui a oportunidade do empreendimento, a qualidade da ideia que, vislumbra, pode ser um marco na história da Fenasbac. Até eu, estranho no ninho, fico entusiasmado. Nesta altura, começa o burburinho entre os conselheiros. "Como criar uma instituição com fins lucrativos a partir de uma outra, a Fenasbac, que por definição jurídica, não tem?"; "Como ter certeza de que será uma aventura bem sucedida numa área, a de promoção de cursos, que já consta de pesos pesados na concorrência?"; "Como conseguir inserção num campo em que não temos nenhuma expertise?". Era esse basicamente o teor dos questionamentos. E perguntaram, perguntaram, até dizer chega.

É bom lembrar que, até então, conforme me explicaram, as Asbacs são braços sociais, esportivos, culturais e recreativos do Banco Central. Ou seja, estamos falando de uma monumental virada de mesa.

(Viajando um pouco, desculpe essa minha tergiversação, é uma alteração de rumo do tipo que fez a Jacuzzi, que fabricava aeronaves antes de se mudar para banheiras. Ou da Nintendo, que alterou o foco de baralhos japoneses para videogames. Ou da 3M, que era empresa de mineração e virou ícone na fita adesiva. Será que é a isso mesmo que estou assistindo? Vamos ver mais um pouco.)

Para todas as indagações, os consultores tinham uma boa sacada, e não se embaraçavam com nenhuma abordagem. Parecia terem feito bem a lição de casa. Soava como que dessem uma conformação perfeita a um projeto que, para surpresa generalizada, brotou do nada, e podia, pelo brilho do olhar dos presentes, virar a salvação da lavoura. Os conselheiros se detiveram longamente sobre a estrutura e organização da nova empresa, sua estratégia de marketing e estatuto. A discussão tomou cerca de duas horas da reunião, até que todas as implicações fossem suficientemente esclarecidas e sucumbissem todas as dúvidas. Todos os presentes trataram de abordar um aspecto, tentando se certificar da nova invenção. Estavam os conselheiros frente à maior novidade em décadas, segundo suas expressões. Era visi-

Para todas as indagações, os consultores tinham uma boa sacada e não se embaraçavam com nenhuma abordagem



vel no ar a sensação de testemunha de um grande acontecimento. A votação da matéria foi, previsivelmente, favorável e aclamada por unanimidade.

Numa das pausas para café, em que os conselheiros recuperavam fôlego depois do choque de novidade, podia-se entender, mesmo que rapidamente, o panorama sinistro que cerca associações e clubes. E o porquê do sentimento de alívio. Condomínios, trânsito, distância, essa indigesta mistura tornou-se concorrência funérea para os clubes de classe média. A crise chegou para todo mundo.

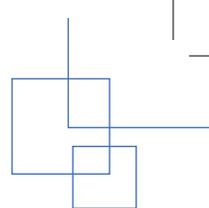
Mas a invenção do Instituto, com o DNA do gaúcho Paulo Stein, tomou conta das discussões até o final daquela tarde, quando foi feita a interrupção para o jantar. Disseram-me que a confraternização, num restaurante chique, naquela noite, foi mais alegre que de costume, com os amigos repercutindo as boas novas com fermentados de uva – aliás, mais uma das especialidades do chapa jurisperito Araújo.

Dia seguinte, mesmo local, 9 da manhã, prosseguiu a reunião. A euforia contagiava o semblante dos presentes. Naquele segundo tempo de reunião, todos exibiam disposição e baterias recarregadas. A sala, no andar térreo do hotel, predominantemente branca, tinha alinhamento de mesas quadrangular, e flipchart ao fundo. Paulo Stein, o Presidente da Diretoria Executiva, se preparava para abrir essa nova etapa de trabalho quando o Conselheiro Aparício irrompe, pede a palavra e, de seu assento, grita em altos brados:

– Quero aqui expressar toda minha indignação com essa proposta espúria que foi feita ontem para desvirtuar a finalidade de nossos esforços, que são o de fortalecer as associações e procurar dar sustentabilidade às Asbacs.

Falou esta frase percutindo repetidamente a mão contra a mesa a cada jato de palavras, para amplificar sua revolta. A mesma plateia que saiu em júbilo coletivo da reunião do dia anterior estava estupefata, não entendendo nada. Esse era o mesmo conselheiro que também tecera loas ontem sobre o IFenasbac? A metralhadora de Aparício prosseguiu:

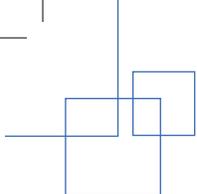
– Não temos o direito de gastar irresponsavelmente os recursos de nossa Associação para nos aventurar numa empreitada dessas, superarriscada, que pode nos levar à bancarrota. Temos deveres com nossos associados, vamos ser julgados por nossos atos. Nós, conselheiros da Asbac, temos que prestar contas a quem votou em nós, e não podemos permitir isso!



Era como se tivéssemos voltado dez casinhas, no ludo da nossa reunião. Não tínhamos aclarado todos os pontos, na rodada de ontem? Teria sido apenas uma ilusão auditiva? Ou nosso conselheiro brasileiro estava tendo um rompante de bipolaridade? Pelo que disseram, não é nem nunca foi sua característica. Bem, a discussão voltou à estaca zero, e demandou muita verborragia, muita reexplicação dos pais da ideia. Cerca de 40 minutos depois, finalmente, foram acalmados os ânimos e restabelecida a serenidade. Aparício deu-se por satisfeito, convencido, a serenidade voltou a dar o tom da discussão, e a reunião voltou aos trilhos.

Decidiu-se, passo seguinte, pela imediata criação do Instituto Fenasbac, sendo aportado o recurso de 500 mil reais da Federação para constituir o capital social da nova instituição. O instituto iria tornar-se uma sociedade de fins lucrativos, com cotas de responsabilidade limitada, sendo 99% de seu capital da Federação e 1% do Presidente de sua Diretoria Executiva, reversível quando da saída do cargo. A estrutura compacta foi a sugerida pelos consultores, tendo um diretor executivo e dois gerentes, um administrativo e outro de negócios de treinamento. A sede do instituto, ficou decidido, será em Brasília, inicialmente junto às instalações da Federação, após reformas de adaptação, no edifício Casa de São Paulo. Foi constituída comissão para elaborar e propor minuta de estatuto.





(Voltando ao incidente do início desse segundo dia, considero que o que poderia a princípio ser contraproducente e retardante para uma reunião – a presença de uma posição violentamente questionadora – é, no fim das contas, interessante e contribui para o consenso. Funciona, na verdade, como um advogado do diabo, forçando que quem detenha argumentos e fatos os explanem de forma esclarecedora e inequívoca, com a mesma virulência. Também acaba sendo, em minha opinião, o triunfo da contribuição da diversidade.)

Mas vamos ao próximo item da pauta.

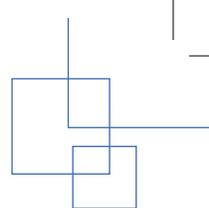
3. Apresentação pela Diretoria Executiva do projeto de adequação do Imóvel da Fenabac para instalação do Instituto, com exame e definições quanto à destinação de verba para as obras de adaptação para as instalações de sua sede no Ed. Casa de São Paulo.

Passado esse incidente, o presidente Paulo Stein deu seguimento à pauta e informou que tem analisado projetos, possibilidades e alternativas de dar maior sustentabilidade a médio e longo prazo para a Federação, o que resultou em diversas ações como nova página na web, nova identidade visual e logomarca, lançamento do consórcio de imóveis e, principalmente, o projeto de criação do Instituto. A preocupação seguinte passou a ser onde instalar a nova instituição. Assim, analisadas as opções, e considerando a premissa de "excelência" para as atividades da nova organização, o potencial público-alvo e a conformação pretendida, passou-se a examinar uma solução alternativa a investir em outro imóvel. Como a Federação possui imóvel próprio, muito bem localizado e com área de quase 500 metros quadrados, passou-se a trabalhar com a perspectiva de adequar as instalações atuais da Fenabac de forma a comportar mais esta empresa.

Tratou-se também de vários detalhes dessa operação, que incluem arquiteto, estudos técnicos, projeto e formação de comissões para acompanhamento. E, também, levando em conta ter que trabalhar apenas à noite e em finais de semana, por tratar-se de condomínio comercial. E que a Fenabac teria que se mudar, provisoriamente, para outro local durante a reforma, por alguns meses.

Ao final dessa explanação, tenho que deixar registrado, fiquei impressionado com a seriedade com que são tomadas as decisões nesta

Passado esse incidente, o presidente Paulo Stein deu seguimento à pauta e informou que tem analisado projetos



Federação. O nível de detalhamento das resoluções, o tratamento dado aos assuntos pelos Conselheiros. Pondo-me momentaneamente na posição de espectador privilegiado, fixando seus rostos ornados por grisalhas cãs, me atendo num detalhe: nenhum deles é remunerado pelo que faz. Na maioria das vezes, pelo que soube, acompanham o dia a dia de suas associações, auxiliam na administração, sacrificam suas vidas particulares. Tanta abnegação nos faz concluir que, neste mundo de interesses monetários, de mobilizações motivadas apenas pelo financeiro, nem tudo está perdido.

Já na fase final da reunião, foram tratados mais alguns assuntos administrativos, todos periféricos, que também acompanhei por dever de amizade e resumi em outras folhas que estou deixando na secretaria. Foram moções para ampliar o pecúlio morte, baixar equipamentos do imobilizado e apreciação do orçamento de 2012. Ainda foi aprovado empréstimo para a regional carioca cobrir dívidas bancárias, e criada nova modalidade de empréstimo pessoal.

Esgotada a pauta, e nada mais havendo a tratar, às 16h15 do dia dois de setembro de 2011 o Presidente do Conselho Gestor agradeceu a presença de todos, encerrando a reunião. E, claro, lavrou-se essa mal traçada Ata, que será aperfeiçoada pelo titular Reginaldo.

Fortaleza- CE, 2 de setembro de 2011

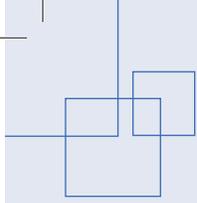
A assinar a conformidade, Reginaldo Bentes dos Santos, Secretário Designado, e Francisco Paulo Brandão Aragão, Presidente do Conselho Gestor.

Anexa: lista dos presentes:

Paulo Aragão- Fortaleza (Presidente do Colegiado), Paulo Stein-Porto Alegre (Presidente da Diretoria Executiva), Aparício Lima- Brasília, Rui Jadiel- Curitiba, Joaquim Pinheiro- Recife, Carlos Filardi- Rio de Janeiro, Lúcia Leme- Belo Horizonte, Eronides Pituba- Salvador, e Clovis Naconecy- São Paulo. Participaram também o Assessor Jurídico, Dr. Vandir Nascimento e Marinalva Castro- Diretora Administrativo Financeira, além dos consultores Roberto Horta e Carlos Salomão. Reginaldo Bentes- Belém, também vice-presidente do Conselho, é o que teve problemas aeródinos.

*Narração fictícia, baseada em fatos reais.

Naconecy



Auge precoce

Seres humanos comuns costumam ter sonhos normais, às vezes bem clichês. Como aquele que trata da sua realização: para atingirmos a completude, antes de morrer, teríamos que ter filho, escrever livro e plantar árvore. Essa pode ser a missão de um homo sapiens normal. Antônio Carlos Feitosa, por sua vez, tinha parâmetros bem mais ambiciosos.

Desde cedo, era do tipo determinado, que levava a sério a profissão, a carreira. Teve uma trajetória sólida no BC paulista. Encarregado de setor, chefe de divisão, Delegado. Depois, com o prestígio do bom trabalho, abiscoitou a chefia da Delegacia paulista. Um *capo di tutti capi*, o chefão poderoso da instituição, na capital financeira do país. Existe até um folclore envolvido nos dias que antecederam sua designação como delegado. Num fim de semana, até que saísse a fumaça branca confirmando seu nome, fincou pé no prédio do BC, para evitar qualquer sobressalto. Mesmo com a notícia do falecimento da sogra, preferiu não se ausentar de seu gabinete, para não dar sopa ao azar. Na toada do "quem foi para Portugal, perdeu o lugar". Deu certo. Sagrou-se delegado. Até hoje não sei se é verdade ou puro mito.

Saiu de lá, apenas, para substituir Altino da Cunha, como mandachuva no Banespa. Na época, como noticiaram os jornais, era preciso um dirigente de perfil baixo para a instituição em intervenção. Ou seja, que não quisesse ser maior que sua função. Ele era discreto, sabia o tamanho do imbróglia.

Naquela instituição tradicional, encontrou panorama desolador. A entidade de 1.390 funcionários dava prejuízo de US\$ 6 milhões por mês. Superou esse enorme desafio, no período em que reinou por lá, entre agosto de 1995 e outubro de 1997.

Nesta época, numa de suas raras visitas ao BC paulista, enquanto degustava um cafezinho, confidenciou a amigos que tinha atingido todos os objetivos a que se impôs, na vida: ter um filho, comprar uma Mercedes, e chegar à presidência de um banco. E que, agora, precisaria buscar novos estímulos para levantar da cama todo dia.

Essa perspectiva de vida baseada nesses três vetores bem que merece uma reflexão. Para um homem de 45 anos, um quarto de século distante do final de sua vida produtiva, na média, triscar o ápice do sucesso tão precocemente faz com que o tempo remanescente se torne enfadonho, de certa maneira. Talvez seja um caso de autoaceitação que vá exigir muitas sessões de análise. Quantos aos filhos, Vinícius de Moraes, em sua infinita sabedoria,



aconselhava não os ter, ao mesmo tempo em que se questionava: "Se não os temos, como saber?"

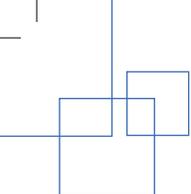
Muitos entendidos consideram que devemos fugir da tentação de termos filhos apenas como modismo, ou objetos de consumo. Mesmo que seja para "completar uma missão". O livro, por seu lado, já se trata de uma realização intelectual, simbologia que nos distingue dos outros sapiens, contribuição que deixariamos à posteridade. É razoável que esteja numa lista de prováveis desejos fundamentais. Também plantar uma árvore poderia, nesse mesmo sentido, ser uma contribuição simbólica à natureza, ato de responsabilidade social, conexão de vida com o planeta em que vivemos.

Mas, agora, sobra a questão: onde fica o Mercedes, nisso tudo? Qual a representatividade desse ícone de status, aperfeiçoamento tecnológico e ostentação, na sociedade contemporânea? Um banco, identicamente, é o maior templo e símbolo da sociedade consumista e do capitalismo. Por outro lado, quantos no mundo chegaram ao topo da cadeia de poder dos maiores bancos do mundo? Muito poucos. Podemos relativizar, mas nunca tirar o mérito de quem foi escolhido para uma missão com tamanha responsabilidade.

Para que ninguém que não sabe o final da história fique aflito, Feitosa acabou assimilando a perda de status. O drama, afinal de contas, virou apenas uma questão retórica. Aposentou-se no BC com seus maiores graus hierárquicos, e hoje passa seu tempo pappeando e dividindo um escritório de advocacia com outros três colegas de profissão, também ex-bacenianos.

Motivo mais que animador para levantar da cama todo santo dia.

Naconecy



Aulas tatuadas na memória e nos hábitos

Nos anos 2000 e 2004, a Asbac de São Paulo ofereceu aulas de ginástica laboral na sua sede, no nono andar do Banco Central, na avenida Paulista.

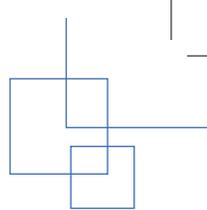
A professora Ângela, que era estudante de educação física e funcionária da Asbac, dona de um sorriso cativante e inesquecível, iniciou as aulas de ginástica laboral com exercícios simples, de meia hora, na hora do almoço.

As aulas começaram com poucos alunos e, com o tempo, foram surgindo novos adeptos, até formar turmas grandes. Vários servidores, antes sedentários, que passavam o dia sentados, na frente do computador e lidando com processos, passaram a ter atividades físicas e sentir imediatos benefícios relacionados à saúde e qualidade de vida. Muitos comentavam que se sentiam com mais disposição, menos dores no corpo e até dormiam melhor.

Ângela tinha uma marca registrada: ao final de cada exercício, dizia: "Sorriam! Pois o sorriso transforma o mundo e as pessoas".

As aulas também se tornaram ponto de encontro, em que servidores faziam amizades, conheciam um pouco mais da vida do outro, davam risadas. Um espaço para socialização, com a possibilidade de interagir com pessoas de outros departamentos que muitas vezes só se conhece de vista, ou diz um breve "oi" no corredor. Os exercícios laborais criaram e reforçaram laços pessoais, mostrando um mundo além dos vínculos profissionais e de trabalho. Tivemos vários encontros para comemorar aniversários e realizar confraternizações de fim de ano. Um momento especial foi quando o grupo de alunos presenteou Â-

Decerto, nunca se esquecerão das pequenas atitudes que transformam as pessoas



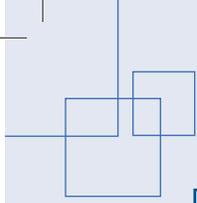
gela na ocasião de seu casamento, um gesto de retribuição para uma pessoa que sempre nos lembrava de sorrir.

Lembro-me do animado grupo formado por Eduardo Ussui, Fabio Fayad, Francisco Assis Figueiredo Ávila, Geni Tanaka, Neusa Uchita, Rosana Morikawa, Yoshio Komoguchi, entre outros...

Com certeza, os alunos de ginástica laboral usufruíram de um ambiente que possibilitou inúmeros benefícios de saúde física e mental, além de muitos momentos que ficarão eternizados nas lembranças. Decerto, nunca se esquecerão das pequenas atitudes que transformam as pessoas.

Alessandra Hirano Fuji





Básico instinto

Se é verdade que um dos impulsos interiores mais evidentes no ser humano são seus instintos, também é certo que eles se apresentam muitas vezes de uma maneira muito espontânea e natural.

Os instintos de Raquel, nome fictício porque nessa altura já é uma senhora e talvez tenha domado essas inclinações e não queira publicidade do fato, sempre foram bem cultivados e dominados. Mas naquela temporada, inopinadamente, afloraram e precisaram da compreensão alheia para se manifestar.

Antes da sorte de poder ter demonstrado competência e ingressar na carreira do BC, ela trabalhou em muitos recantos do país, depois de se formar engenheira agrônoma. Em um deles, chegou a testar seu instinto de sobrevivência, depois que seu carro e o celular tiveram simultâneas avarias numa estrada de quase nenhum fluxo. Em outra oportunidade, participou de uma seleção para trabalhar como vendedora de uma empresa grande de grãos. Com seu currículo e aparência, mesmo que não tivesse tanta experiência, foi aprovada com tranquilidade. Durante a entrevista, ficou sabendo de sua admissão e também que precisaria se mudar para Vera, uma cidadezinha minúscula, no meio do Mato Grosso. Era pequena mas tinha alguma graça, além do fato de ser vizinha de Feliz Natal e de Sorriso, de nomes encantadores.

Era de topar desafios; esse era mais um. Mudou-se para o lugar. Nada como vivenciar o que era morar num lugar pequeno, em que todos praticamente se conheciam. Achou que ia se acostumar muito fácil, mas a experiência não foi assim tão serena. Começou a sentir um tremor no corpo,

Quando o supervisor Cristiano vinha vê-la, a cada mês, para saber como andava o serviço, trocavam ideias e ela revelava um pouco de como era viver ali. Na primeira vez, percebeu que seria bom lhe dar uma folga a mais que apenas o domingo, para que ela pudesse viajar até Cuiabá, a 600 km de distância. Lá havia vida social, e podia lhe preencher o instinto da busca pelo conhecimento. Mais um mês se passou, e em outra reunião ela lhe revelou que era muito competitiva e sentia um pouco ser sufocada pela ausência de outros colegas, na mesma função, na cidadezinha. E, por motivos que ela desconhecia, sentia que ocasionalmente ficava mais agressiva, em situações banais. Ganhou, então, outra folga extra: não precisaria trabalhar nas segundas. Poderia ficar mais um dia em Cuiabá, curtindo o final de semana.

Outros três meses se passaram, e ela teve novo encontro com Cristiano, para lhe contar das novidades. Depois das coisas estritamente profissionais, chamou-o para um canto e lhe fez um pedido inusitado. Precisava de quatro dias de folga, semanalmente. Ele achou muito esquisito, um tanto exagerado e, por minutos ficou pensando em ter que lhe dar uma carta de dispensa, imaginando que ela não sentia mais vontade de se empenhar, ou mesmo trabalhar.

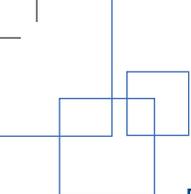
Até que ela trouxe à baila uma razão decisiva.

– Sabe o que é, Cristiano, eu vou ser muito franca com você. Tenho muita necessidade de sexo, se é que você me entende. E aqui, nessa cidade, só tem colegas e clientes. Então, não dá para ficar aqui o tempo todo.

Cristiano se assombrou com o tamanho da sinceridade. Mas nem precisou pensar muito para deferir o pedido. Os instintos estavam, digamos assim, clamando por mais espaço.

Naconecy





Bem entendido

Altino Cunha, que chegou a ser delegado do BC paulista, nesse tempo era chefe da Recri- nada a ver com devotos arrependidos, mas sim a sigla da Divisão de Crédito Rural do BC. Era expansivo até demais. Tinha certeza de que era o dono do pedaço, e isso transparecia em todas suas pequenas atitudes. Não solicitava, mandava. E isso, muitas vezes, pelo que se sabe, ultrapassava a esfera do unicamente profissional.

Assim, não foi nem um pouco estranho quando ele chamou, de seu jeito altissonante, Jonathan Gaudêncio, o secretário na Divisão. Precisava de um favorzinho. Cordato, o funcionário se apresentou. Era bom atender.

Naqueles despersonalizados anos 1980, em que eram moda Gretchen, salões de baile, tênis Rainha e colecionar miniaturas de Coca Cola, também era hábito das pessoas forrarem os vidros do carro com adesivos de países, cidades por onde viajaram mundo afora. A esposa de Altino tinha esse costume.

Pouco antes, o corretor de seguros havia ligado para Altino orientando que, para renovação do seguro, precisava do decalque do chassi do carro.

Altino passa a incumbência a Jonathan.

– Pega aqui a chave e vai até a garagem tirar o decalque do meu carro.

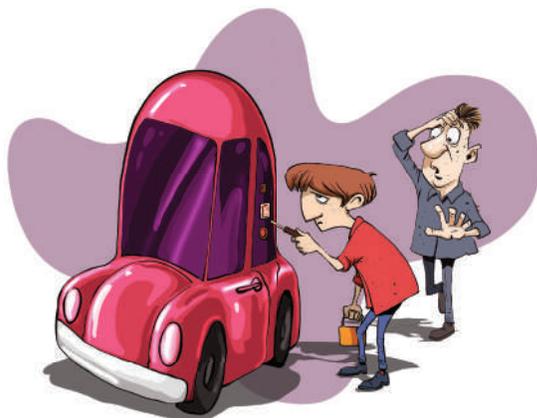
Jonathan fica fora do setor por mais de uma hora. Quando volta, apanha no armário espátula, garrafa de álcool e flanela. Ao passar em frente à sala do Altino, ele estranha a demora toda. Observa seu funcionário carregando todo aquele arsenal, e pergunta:

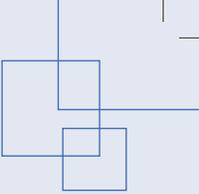
– Aonde você vai com tudo isso?

Jonathan responde:

– Tirei quase todos os decalques. Só faltam uns dois ou três que estão difíceis. Mas pode deixar, eu resolvo.

Rafael Siracusa Neto,
por Naconecy





Bonitinha

Já tinha sido comunicado algumas vezes que Luiza Fleury vinha tentando contato comigo. Ela ligava para a Asbac- SP, periodicamente, para saber quando eu poderia chegar. Dirigente representativo, eu não aparecia muito nos últimos tempos, nas instalações da Paulista. Pela constância dos chamados, podia ser assunto com certa urgência. Pensando bem, talvez nem tanto. Quando tem urgência, a gente solicita o celular. Deixa recado pedindo retorno.

Mas coincidentemente, no dia em que eu realmente passei na Asbac, na hora em que estava entrando no recinto, a funcionária Sheila estava ao telefone. Segundos depois, tampou o bocal, para que não a ouvissem, e me falou: "Gustavo, é a Luiza. Você atende?"

Já conhecia a funcionária aposentada de longa data. Sempre à distância. Sabia que havia sido chefe de setor. Que trabalhara quase o tanto de tempo que eu. Que havia tido relação afetiva estável com outro colega do Banco, considerado muito inteligente. Que ele morreu de complicações derivadas da Aids. E que teve um filho com ele, que lhe trazia algumas preocupações. Não muito mais que isso.

Então, até estranhei a pergunta. "Claro, eu vou até aí".

Peguei o telefone. Nos cumprimentamos. Ela falou sobre o receio de que eu não quisesse atendê-la. "Não entendo ... por que não falaria com você?" Ela começou a desenvolver o assunto. Falou que estava sendo uma batalha o acompanhamento do filho. Que eu poderia bem avaliar a barra. Disse que, por causa de problemas psicológicos, ele exigia acompanhamento especial. E que, por sorte, estava podendo comparecer, estar junto dele. Ponderou, no entanto, que temia pelo futuro. Projetou: o que seria dele na eventualidade de ela faltar? Concordei, fiz um "hum-hum", consentindo. Achei que essa questão devia ser tratada com prioridade, já que, ele sendo maior de idade, e por isso automaticamente sendo excluído do programa de saúde, imaginava que seriam necessários laudos bem específicos para o enquadramento especial. Falei isso baseado na minha experiência pelo setor de saúde. Depois dessas delongas, subitamente, ela voltou ao que me parece ter sido a motivação do telefonema. "Posso fazer uma pergunta muito pessoal a você?", sacou. "Sem dúvida", a encorajei. "Por que é que, naquele dia, você me chamou de bonitinha?"

Se fosse numa peça de Molière, talvez o pano fechasse, os personagens assumissem a farsa com diálogos mais vivos e rápidos. Mas estávamos numa vida como ela é. Numa pequena fração

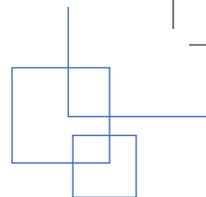
de segundo, fiz uma análise sintática de toda a situação. Nessa abordagem, quem chamou alguém de bonitinha era eu, o sujeito do verbo. Pensei: eu disse? Não acho provável. Sou, às vezes, um pouco afetivo demais. Mas não bebo. Não perco o controle. Não sou de incontinências verbais. Mas nego que ela tenha dito? Que consequências isso poderia ter? Digo que nunca diria isso? Ela poderia se magoar. Ela é provavelmente muito sensível. Mas ela está afirmando. Como eu poderia dizer se, na verdade, não a acho bonitinha. E se, momentaneamente, ela perdeu o controle da sanidade. Sou eu que vou desencadear algum processo de abalo de autoestima? Mas já pensei os três segundos regulamentares. Responda, Gustavo.

"Ah, Luiza, porque você estava com uma energia tão boa, um astral tão pra cima, que resolvi dizer o que eu estava achando. Sabendo de tudo que você estava superando, e ainda assim respondia à vida de uma maneira tão positiva. Foi a forma de me expressar". Ela, talvez, não esperasse que a conversa se encaminhasse para essa direção. Até eu fiquei surpreso com meu improviso instantâneo. Ela prosseguiu: "Mas foi só por isso?" Ratifiquei. "Sim, não podia ter tido outra atitude, se não a de te elogiar, pela garra que você está tendo em levar sua vida adiante."

Ante a tamanho arroubo verbal, com alguma lógica, ela tergi-versou, voltou a falar dos problemas relativos ao plano de saúde, mais um pouco. E nos despedimos. Super cordialmente. Se eu estava quase sendo autuado por direção temerária, soube, a tempo, e com palavras certas, reconduzir o veículo para uma pista segura.

Naconecy





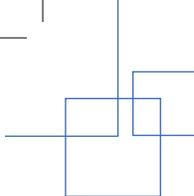
O cacique

No início dos anos 1990, o pequeno departamento de Comunicação Social da sucursal paulista do BC fervilhava de tantos serviços desafiadores. Planos econômicos seguidos, agitação fora do comum na economia e um chefe regional recém-chegado cheio de energia injetavam adrenalina à atmosfera. Produziam-se house organs, ciclos de palestras, e administrava-se o Espaço Cultural – espécie de sala de exposições. E as novidades, quentinhas, eram editadas em informativos ágeis e criativos, que rapidamente chegavam a todos. Além disso, pelo nome receptivo, e ser setor novo no décimo sétimo andar, acabava sendo o preferido das recepcionistas para direcionar assuntos que, na dúvida para onde encaminhar, é para lá mesmo que mandavam.

Naquela mesma época estava localizada, no começo da avenida Paulista, sucursal da Funai, entidade federal da política indigenista no país. Funcionava como albergue, abrigando índios que vinham tratar problemas de saúde. Alguns deles, mais espertos, e inconformados com a sina de povo em extinção, aproveitavam a convalescença para passar o pires pelo centro financeiro do país, tentando levantar algum dinheiro para sua aldeia. Era simples assim: saíam da Funai paramentados com as penas coloridas originais e perambulavam pelos prédios suntuosos enfileirados na avenida. Nas recepções, procuravam algum representante. Foi numa ocasião feito essa que conheci o cacique Emílio.

Como o atendimento inicial do Banco não sabia como lidar com personagens diferentes que apareciam, nem se dava ao trabalho de tentar distinguir a intenção daquele intruso de feições tostadas. Encaminhou, então, aquele visitante de cocar frondoso a toque de caixa para a Comunicação Social. Lá, o veterano índio se apresentou, explicou seu drama, num idioma difícil de entender. A aldeia era pobre, índios passando necessidade, os poucos recursos que chegavam à região de Barra do Garças-MT eram insuficientes para o básico, já que até a caça estava minguando.

Com toda paciência, expliquei-lhe que o Banco Central também era – assim como a Funai – instituição federal, sem recurso para fazer o donativo, e que se alguém pudesse fazer esse ato altruísta seriam empresas privadas. Claro que o velho índio bateu pé, não se deu por vencido. Tomou um cafezinho e esperou algum gesto de generosidade. O que me ocorreu foi tirar xérox de sua identidade, que ele exibia orgulhoso, relatar o fato num sulfite e passar uma listinha pelo andar para conseguir alguma ajuda.



Não foi difícil. Sensíveis, os colegas do andar não se furtaram àquele gesto de solidariedade humana. Juntei 800 e tantos reais. O cacique saiu radiante de felicidade. Mas fama de índio ter memória de elefante não é injustificada.

Três meses depois, eis que o xavante desembarca de novo no pedaço. Reprisa sua história de carências e dificuldades sem fim, e realça as muitas necessidades da tribo. Digo que compreendo, me sensibilizo com seu drama, mas que o Banco Central não tem como canalizar recursos para tribos indígenas, que não faz parte das atribuições dessa repartição federal. A atitude do velho cacique é estacionar no local, fazer-se de desentendido, e aguardar alguma providência. Penso um pouco e resolvo fazer nova vaquinha, pelo andar. Desta vez, como o apelo já não tinha novidade, arrecadei bem menos. De qualquer forma, ele não saiu de mão abanando. Um cafezinho, cacique satisfeito, nos despedimos.

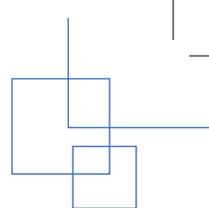
Pouco tempo depois dessa visita, outros três meses passados, voltando de um trabalho externo, adivinhe com quem me deparei na sala de espera do andar? Sim, o mesmo índio Emílio, mais discreto, olhos vivos, com uma urgência de passar adiante sua agonia. Com seu português agora um pouco menos obscuro, ele fez uso para me narrar com mais clareza as mazelas de seu lugar e sua gente. Desta vez, não era dinheiro que ele pedia. Falava de itens da vida urbana moderna como geladeira, fogão, televisor, máquina de lavar. Puxa vida. Matutei, por um momento: estava fora do meu alcance. Como sair dessa?

Anos como integrante de frentes de trabalho, como a que atendia pedidos urgentes nas cartas aflitivas com as exceções do Plano Collor, me fizeram aguçar bastante o senso de criatividade para encontrar soluções. Surgiu na cabeça um programa de sucesso na TV chamado "Porta da Esperança", atração comandada por Silvio Santos, em que pessoas tentavam realizar sonhos complicados. Fiz a conexão mental e imaginei: podia ser uma solução. Por que não?

Fui para uma sala ao lado, discretamente liguei para a telefonista. Descobri o número da emissora, da produção do programa. Com um dos produtores ao telefone, relatei o que tinha na mão. Realcei o apelo jornalístico: era exótico, era inusitado: afinal, não era toda hora que aparecia um índio na televisão. E enumerei os desejos do silvícola. Do outro lado da linha, o produtor pediu um minuto para conversar com seus pares. Suspense. Voltou à ligação e, bem direto, disse: "Interessa".

Tudo bem. Vencida a primeira etapa, lembrei-me de um detalhe do programa: nem todos eram agraciados. Muitos, depois de contar o desejo, as motivações

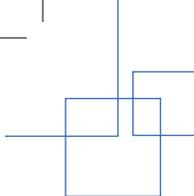
Num telão, exibiram um filme falando da situação indígena no país



do pedido, assistiam desapontados abrir a "porta" e não aparecer ninguém do outro lado. Ou seja, nenhuma viva alma se interessava em atender sua vontade. Tratei de esclarecer logo para o meu interlocutor que, sabendo dessa possibilidade, só me disporia a levar o índio na certeza de que ele receberia o que pleiteava. O cara pediu mais um minuto. Voltou outra vez com um conciso mas sonoro "Ok, topamos".

Na terça-feira seguinte, dia da gravação, o cacique Emilio estava pronto às 10 da manhã, em frente à Funai, paramentado como se fosse para festa. Com cocar todo ornado de penas coloridas emoldurando o rosto, próprio dos caciques, e traje da tribo, sentou no banco do passageiro do meu carro. Com janela aberta e descontração inesperada, chamava muita atenção durante todo o trajeto até a zona norte da Capital. Acenando, interagindo com os passageiros dos carros que passavam ao lado, atração nos congestionamentos. E foi assim durante todo o percurso, que incluía o Vale do Anhangabaú, até chegar aos estúdios na Vila Guilherme.

Depois das identificações, nos separamos. Ele foi se preparar e passar pela maquiagem. Eu, me acomodar na plateia. Chegou a hora. À frente das "colegas de trabalho" o sorridente Silvio Santos fez a apresentação. Num telão, exibiram um filme falando da situação indígena no país, mostrou-se o que parecia ser uma aldeia típica da região amazônica, e os problemas habituais daquela



gente. Em seguida, o apresentador chamou o nosso cacique. Sua aparição deslumbrou o público. No centro do palco, multicolorido com seus ornamentos impressionantes, Emilio chamava para si todos os holofotes. Sério, ele se esforçava para entender o que lhe era perguntado em ritmo alucinante. Minutos depois de um diálogo exíguo, e interatividade meio mambembe, que é concluída com a relação de todos os eletrodomésticos que eram almeçados pela aldeia, é chegada a hora tão esperada. Rufam os tambores. O apresentador fala as palavras mágicas:

– Vamos abrir as portas da esperança!

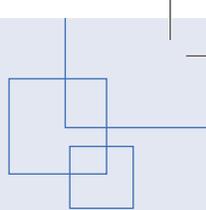
Surge, como num encanto, ao abrir duas portas automáticas, um senhorzinho de terno, que logo se identifica. Era dirigente de uma grande loja de varejo, especializado em aparelhos para casas e escritórios. Articulado, ele faz marketing da empresa e confirma que iria fornecer tudo aquilo de que o velho cacique precisava. E que também se encarregaria da entrega no local da tribo xavante.

Na semana seguinte, ainda curioso, tratei de descobrir um telefone da sucursal da Funai próximo à cidade mato-grossense. Liguei para lá, e confirmei o que podia imaginar: a tribo estava muito feliz com a realização e os feitos do cacique. Para comemorar, se reuniu em festa e dançou por três dias, em agradecimento às conquistas. Como se tivesse vencido uma guerra.

Nota: "Porta da Esperança" foi um quadro do Programa Silvio Santos, programa de auditório dominical exibido pelo SBT entre 1985 e 1997. Apresentado por Silvio Santos, o quadro baseava-se na assistência aos telespectadores, sendo considerado o primeiro programa assistencialista da televisão brasileira, servindo de modelo para outros programas.

O apresentador convidava os telespectadores a enviar uma carta contando suas necessidades (uma ferramenta de trabalho, carro, casa), desejos (viagem, quimono, instrumento musical), ou até mesmo reencontrar alguém desaparecido ou conhecer algum artista famoso.

Naconecy



Cestas básicas para vidas secas

O caminhão rodava na estrada quase deserta, reta. Da boleia panorâmica, a paisagem que se espalhava a perder de vista parecia desafiar todas as promessas recentes de candidatos a cargos políticos. O verde esturricado não era o da esperança. Aqui e ali uma ou outra construção, despojada, dava sinal de viv'alma. Corria o ano de 1998.

No alto, as linhas simples do cruzeiro branco pareciam explicar, pela religiosidade, a forma como enfrentavam o sofrimento e condições de vida subumanas.

Havia mesmo um clima monástico no ar, uma sensação inexplicável e perturbadora. No encadeamento de imagens fortes e vorazes, ora simples e tristes, ora singelas e belas, o mundo por vezes nem era mundo, mas espetáculo. Encandeava.

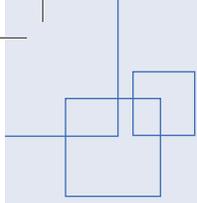
Conceição do Coité, Retirolândia, Valente, a sucessão de cidades ia fazendo revelações. Na entrada de quase todas, resquícios de propagandas de uma eleição que se fora, às vezes cômicas, outras falsas, nunca inteligentes ou criativas. A seriedade passava ao largo e o riso não era verdadeiro. "Um deputado que honra a Bahia", com a boca cheia de dentes, escancarada, esperando a chegada de votos, entronizava-se em gigantesco outdoor, estático como a sua atuação poderia ser prevista. Contrastava com o veículo estacionado em sua vizinhança, uma Rural-Willys azul clara e branca, prontinha para fazer uma viagem aos anos sessenta. Não se podia deixar de pensar que o tempo sequer chegara ali, ainda estava por vir, conformado pelo limite de que o futuro a Deus pertence.

Francisco de Lico teria sido eleito deputado estadual? Era ele mesmo ou mera projeção do pai?

Santa Luz, Queimadas, Cansanção, traziam revelações. A "Layla Confecções", a "Suzy Jackie Boutique", a "Panificadora Well" e o "Miami Magazine" mostravam os estragos produzidos pelas nossas beneméritas redes de televisão.

Pouco a pouco o sol foi se tornando imensa bola avermelhada, até cair no infinito, dando lugar à noite. Eram 19 horas e quatrocentos e dois quilômetros depois, quando encravada em serras surgiu Itiúba, destino final.

Pouco a pouco o sol
foi se tornando imensa
bola avermelhada



Aos poucos, foram aparecendo o casario, a igrejinha, a ponte, a prefeitura. E o povo. O caminhão parou no meio dele, que, noticiado, postara-se à espera.

A mim coubera a tarefa da viagem e distribuição, culminando a campanha organizada pela Asbac, sob o comando de Arlindo Cerqueira, e com a ajuda de Osvaldo Matos, Renato Medrado e Mário Quirino, dentre outros associados.

Profundo cansaço se assomara de mim naquele instante. Medo, espanto e simpatia foram algumas das inúmeras sensações que me chegaram. Preveniram-me que não abrisse o baú do caminhão antes da chegada da polícia, que se deslocara para atender a um banco assaltado na cidade vizinha de Euclides da Cunha. Sabia que as quinhentas cestas seriam mero paliativo.

Preocupava-me imaginar que a multidão excedia os tais quinhentos. E agora? Permaneci com o caminhão fechado até a chegada da proteção policial, que veio mais de duas horas depois, em intervalo onde pude ouvir os mais inusitados comentários:

– Meu senhor, tem muita injustiça na distribuição dessas fichas. Tem gente que é dono até de carro e tã tirando a vez de quem precisa!, protestavam contra o processo organizado pela prefeitura municipal.

– Tenho nove filhos, sai há pouco do hospital, não consegui nenhuma ficha, desabafava outra.

– Seu moço, tem duas pessoas da mesma casa com fichas!, choringava outra.

– Lá em casa tã tudo morrendo de fome. Nem os pintos se criam!, foi uma exclamação ouvida, com pitada de humor negro.

Enfim, chegou o momento da distribuição, polícia a postos. Os sorrisos esboçados nos rostos tristes aliviavam as agruras para a chegada até ali. Deixavam certo conforto, apesar de tudo. Fui fo-

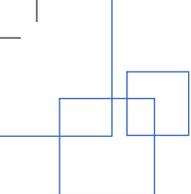
tografando e arquivando na memória fragmentos de um país que desejava ser melhor, mais justo.

Eram 23 horas quando tudo terminou em clima quase festivo. Recebi até convite para uma cervejinha. Agradecido, recusei. Restava-me tomar o caminho do abrigo da noite, o Itiúba Plaza Hotel, com diária a R\$20,00. O profundo cansaço me fez dormir.

A madrugada encontrou-me novamente na estrada, em retorno. Cansação, Queimadas, Santa Luz, Valente, Retirolândia, Conceição do Coité...

Luiz Augusto Feitoza Ferraz





Chiado, pombas e versos

Na sua gestão como prefeito de São Paulo, no o final dos anos 80, Jânio Quadros adotou uma forma inusitada de escrita em pareceres, decisões, etc.: fazia isso em versos, que eram publicados no Diário Oficial do Município.

A moda pegou e os cidadãos passaram a mandar, ao Prefeito, suas reivindicações e reclamações todas com rimas, sempre respondidas na mesma forma.

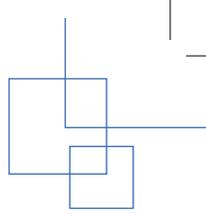
Não deu outra: a servidora Avani de Souza e Silva, do Departamento Regional do BC em São Paulo, inconformada com o que lhe aconteceu ao estacionar a moto na garagem externa do prédio, mandou para a Administração sua poesia, rimada e justa, para que se adotasse solução definitiva contra ocorrências da espécie descrita no texto poetado.

Fui incumbido pela Chefia para responder à reclamação e arrisquei: sugeri que podíamos replicar também em versos, procedimento que não iria ferir nenhuma regra da Instituição e, ainda, poderia amenizar o inconformismo manifestado pela reclamante, ao vê-lo aceito e respondido, no mesmo tom, e com a promessa de resolver o problema apontado.

Meu chefe, na época, Josenildo Fontes dos Santos, concordou com a proposta, leu o texto que eu havia preparado, deu alguns pitacos e encaminhou o assunto ao conhecimento da Chefia do Departamento e da servidora, como era nossa obrigação.

Abaixo, as duas peças que, se não enriqueceram o acervo literário brasileiro, serviram ao menos para mostrar que os problemas, discutidos sem agressão mas de forma espirituosa, podem ter sua solução facilitada.





Reclamação

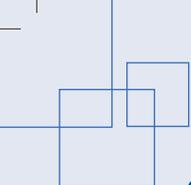
Dia destes cheguei toda empetecada
Roupas, bolsa e sapatos novos em folha
Cabelo arrumado, cara toda maquiada
E os anfitriões da garagem em revoada
Qual não foi meu grande choque
Toda elegante naquela paragem
Meu cabelo vira um coque
De fezes dos pombos da garagem
E assim resolvi protestar
Providências urgentes pedir
Não dá mais para protelar
A garagem das motos vocês têm que cobrir.

Resposta

AS POMBAS

Vai-se uma pomba desperta, vai-se outra, enfim dezenas
Sai o bando em forma certa, à procura de área aberta
De onde jogar suas penas
Em revoada os bichinhos, agora pra mais de cem
Abandonam seus ninhos, voam, por vários caminhos
Em direção ao Bacen
No fato não há poesia, comprova a reclamação
Se no céu tem fantasia, se há balé da ecologia
Sobra sujeira no chão
O nosso estacionamento parece um campo de bombas
As motos, o teto, o cimento, vivem cheios de excremento
Viraram toalete de pombas
Pra resolver a questão, já fomos à Prefeitura
Pedir autorização para a grande solução
Que é erguer a cobertura
Mas não deixaram mudar o projeto original
Não deu jeito de acabar com o risco de se usar
A maquiagem animal
No entanto a reclamante não deve ficar chateada
Pois embora inda distante, não duvidamos um instante
Que vamos vencer a parada
A funcionária nos cobra; retornaremos ao Paço
Temos paciência de sobra, há de sair a tal obra
Venceremos por cansaço!
As motos serão protegidas, acabaremos com a fama
Só não serão defendidas, das aladas expelidas
As melenas dessa dama!

Fernando Roberto Medeiros, com Avani de Souza e Silva



Chiliques inoportunos

Na Copa de 1970, a gente abria as portas da Asbac-SP para os funcionários assistirem aos jogos. Esse acontecimento vinha cheio de novidades. Era a primeira vez que uma competição desse porte era transmitida ao vivo. A notícia de que os jogos seriam exibidos ao vivo pela televisão provocou corrida às lojas de eletrodomésticos, que venderam milhares de televisores. Durante as transmissões dos jogos e boletins, as tevês alcançaram altos níveis de audiência. O jogo contra a Inglaterra, por exemplo, exibido duas semanas antes, teve índices mais altos do que a transmissão da chegada do homem à Lua, ocorrida no ano anterior. Essa Copa foi também o primeiro evento com transmissão direta em cores, mas apenas uns poucos privilegiados, como o presidente Médici, conseguiram acompanhar a transmissão colorida da final.

Para nós, no BC, a final foi vista numa única televisão, numa determinada sala. Abarrotada, diga-se de passagem. E estava escrito que ia ser uma partida eterna. Eu me lembro da presença do Pedro Eduardo Guimarães, meu conterrâneo, do Sérgio Paulo, do José Roberto da Silva, do contínuo da época da Asbac, que se chamava Olívio. Era um funcionário faz tudo, pau para toda obra. Foi muita gente, e foi também um rapaz que depois foi trabalhar em Brasília. Era nordestino e trabalhava no departamento econômico. Ai, houve lá o primeiro gol.

Aos 18 minutos, Tostão cobrou lateral para Rivellino, que cruzou do jeito que dava para a grande área da Itália. Pelé saltou 30 cm mais que o defensor italiano para cabecear no canto esquerdo do goleiro Albertosi. Gol! O país todo vibrou com a seleção "canarinho", apelido criado pelo locutor Geraldo José de Almeida, que se tornaria a "voz da Copa" com seu grito de gol: "Olha lá, olha lá, olha lá, no placar!".

Nesse momento, quando aconteceu o primeiro gol, o rapaz desmaiou. Então, os colegas imediatamente o levaram para o corredor, porque naquela sala estava tudo muito abafado, e no corredor puderam passar álcool nos pulsos, deram álcool para ele cheirar, o abanaram, e tal. Ele se recuperou e voltou para assistir ao jogo. A Itália endureceu a partida e, num erro da defesa brasileira, empatou no final do primeiro tempo. Suspense geral: o jogo ficou tenso. Mas aos 20 minutos do segundo tempo, Gerson fez um drible monumental e chutou de longe com sua canhotinha. Antes que os locutores terminassem de gritar gol, o rapaz desmaiou outra vez. Tudo de novo: alquinho, leque, e não sei o quê, e tal.

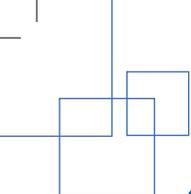


Aos 25 minutos, Gerson fez um lançamento de 50 metros em direção a Pelé. Do jeito que a bola veio, o Rei escorou de cabeça para Jairzinho, livre, tocar com a coxa na bola, e ela entrar mansinha em direção ao gol.

Jogo praticamente liquidado. Quando aconteceu esse terceiro gol, o rapaz desmaiou outra vez. Os dois colegas, o Sérgio Paulo e o José Roberto da Silva, o pegaram pelos pés e pelos braços, puseram ele no corredor e deixaram lá, não fizeram mais nada. Ele teve que se recuperar sozinho.

Então, quando terminou o jogo por 4x1, e o Brasil foi campeão, houve uma passeata dos funcionários que estavam lá. Cada um pegava seu carro, e os que não tinham carro foram a pé, sambando, com a bandeira da Asbac, acenando para todo mundo ali na Avenida São João. O nosso rapaz de desmaios fáceis era o porta-bandeira, em cima do fusca do Sérgio Paulo, movimentando a bandeira cheio de energia. Aí, não teve como conter. Ele ganhou um apelido que pegou: "A revelação da Copa". Mais que Clodoaldo, Rivelino ou Tostão: era ele. Terminou bem, então, foi hilário.

Aquilina Luíza Santos



O cinquentenário

Com porte daqueles jogadores de basquete da NBA – negro, alto, forte, nenhum fio de cabelo e óculos de grau – o herói desta história era um festeiro incorrigível. Para ele, até trombada de trem era motivo de comemoração.

Tinha tantas festas previstas em seu calendário que um dia tomou um susto ao se dar conta de que a próxima seria o seu aniversário de cinquenta anos, ou os "dois quartos do seu centenário", como ele passou a se referir ao seu cinquentenário.

Ciente de que seria o maior acontecimento da sua vida de festeiro, nosso herói alugou as instalações do campo do de futebol da Associação dos Servidores do Banco Central, Asbac, no Centro do Rio, para comemorar.

A programação estava impecável: começaria com uma missa campal. Prosseguiria com um torneio de pelada, entrega das taças e medalhas aos vencedores e, logo após, uma monumental feijoada que, de tão completa, prometia até ambulância de plantão.

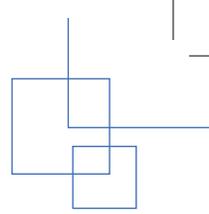
Estavam no programa apresentações, ao vivo, de conjuntos de samba, pagode e funk. Para fechar a noite, ocorreria uma transcendental queima de fogos. Entre uma atividade e outra seriam servidos, de minuto a minuto pelos garçons de um bufê, os mais diversos refrigerantes, sucos, petiscos para todos os gostos, baldes e mais baldes de caipirinha e dezenas de engradados de cerveja no "ponto", ou seja, envolvidas numa leve película de gelo.

Do lado de fora da cozinha foi montada, em um enorme tablado amparado por cavaletes, uma tradicional e succulenta feijoada, especialmente preparada pelo cozinheiro da própria Asbac, especialista no assunto. Em imensos caldeirões estariam feijão com carnes, farofa, couve e arroz branco. Em imensas tigelas, o torresmo, torradas, laranjas descascadas, sobremesas e tudo o mais que se possa pensar.

Assim que o portão foi franqueado, uma multidão entrou nas dependências da associação com algum atropelo e tomando assento nas inúmeras mesas distribuídas pela área de lazer, mas, com um jeitinho daqui e dali todos foram acomodados.

Tudo ia muito bem e, lá pelas três da tarde, quando o almoço estava prestes a ser servido, já tendo inclusive o aniversariante entregue a taça ao campeão do torneio, surgiu a figura de outro personagem importante na história – que chamaremos de "Memória" – que compareceu ao evento apenas para dar um abraço no amigo.

A soma do seu olhar de lince e do seu olfato apurado revelou ao "Memória" onde fumegavam os panelões da feijoada. E quando já



pensava em ir embora, seu fardo de cozinheiro o avisou que deveria dar uma olhada no feijão que estava no fogo. Ao destampar a primeira panela quase caiu para trás. A impressão era de que alguém havia jogado sabão em pó ali dentro. A feijoada espumava! O feijão havia azedado! O panorama era o mesmo nas outras panelas. Não lhe restou alternativa senão avisar ao cozinheiro sobre o terrível e inesperado contratempo. Comprovado o desastre, o "mestre-cuca" entrou em pânico e ficou andando nervosamente em torno de si mesmo.

Ficaram, então, trocando ideias sobre o que poderia ser feito. A única conclusão a que chegaram foi a de que sem comida e pela quantidade de cervejas e caipirinhas já ingeridas, o cenário estava armado para receber uma catástrofe sem precedentes.

Buscando uma solução, aproximaram-se do portão de entrada. Foi aí que, como por encanto, surgiu uma conhecida do cozinheiro a quem o problema foi relatado. A mulher não conversou: destampou as panelas, cheirou o feijão demoradamente, cheirou de novo, enfiou o dedão na comida, provou o caldo, cuspiu o resto fora e decretou:

– “Tem jeito! Pega um bocado de carvão e joga nas panelas. Isso resolve a questão”.

O lado gourmet do “Memória”, ao ouvir tal heresia, ordenou ao cozinheiro que se retirasse do local para não assistir àquela loucura: “Vai eclodir a revolta dos estômagos esfomeados com precedentes apenas na Somália!”

No dia seguinte, o “Memória” retornou à Asbac e perguntou ao cozinheiro: “Como é que acabou aquela feijoada? Deu muita confusão por causa do carvão no feijão?”

– “Que nada! Não sobrou um carço para contar a história! Ficou tão boa que, no final, já à noite, quando o aniversariante saiu daqui carregado em triunfo nos ombros pela multidão, espocou no céu um foguete tão espetacular que conseguiu iluminar o sorriso de felicidade estampado no rosto das pessoas como se fosse dia. Ele ficou em êxtase, e passou a convidar a todos para os três quartos do seu centenário, daqui a vinte e cinco anos. Será que ele chega lá?”

Não chegou.

Mário Márcio Damasco

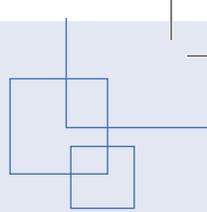


Controle cerrado

Começar a trabalhar no Banco Central, nos anos 1970, equivalia a um ingresso para a batalha de gerações. Como sua primeira forçada de funcionários foi cunhada quase inteira de uma costela do Banco do Brasil – a Sumoc -, seus integrantes eram, também, bem mais velhos. E tinham um padrão de gerenciar que vigorava até então, baseado em autoridade, disciplina e austeridade. Esses conceitos, dependendo de quem era o encarregado de exercer, tinham o poder de transformar um local de trabalho num arremedo de quartel, de tão cheio de regras que era. Ou, em poucos casos, num lugar prazeroso, onde se podia criar um campo propício a desenvolver formações e talentos. E quem começava tinha de aprender a diferença dos dois cenários da forma mais crua possível: na sorte e na prática.

Lembro ter me deparado com esse clima circunspecto no final dos anos 1980, quando fui transferido para o setor de materiais e patrimônio, a Remap, de São Paulo. Jovenzinho, primeiro emprego, observava tudo atento para cumprir bem minha função. Mas per-





cebia que chefe e subchefe, egressos de outras instituições, não permitiam muita abertura ou diálogo. E antes do conteúdo, preocupavam-se com forma e imagem: horário e traje eram fundamentais.

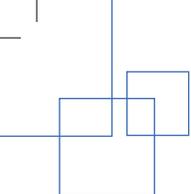
Olegário, o chefe sisudo do pedaço, cumpria com dedicação absoluta esses preceitos. Num dia daqueles triviais, testemunhei seu estilo. Ao meio dia e meia começava o turno de quem fazia seis horas de expediente. Era a hora em que quem cursava faculdade pela manhã chegava. A ala do Masp do prédio, onde se espichava o setor, era grande, não tinha divisórias, e permitia a visão ampla de quem quer que entrasse no interior, de onde quer que se estivesse acomodado.

Lembro ter me deparado
com esse clima circunspecto
no final dos anos 1980

Sentado em minha escrivaninha, recém-chegado a duras penas no horário, vi o colega Jorge Ambra, que cursava Engenharia no Mackenzie, apontar pela porta de entrada 20 minutos atrasado. Era para ser discreto. Passou por entre as mesas, cuidando para que nem os sapatos fizessem ruído. Colocou a pasta que carregava sobre a mesa, mas nem chegou a sentar. A altos brados, sua trajetória foi interrompida por sons que vinham do outro canto do recinto. "Ei, você, pode ir embora. Quase meia hora de atraso. Isso aqui não é a casa da sogra. E acontece todo dia. Pode juntar suas coisas e cair fora. Hoje, você não trabalha mais". Era Olegário, que com o farol dos olhos observava tudo. O rapaz recolheu os pertences, vexado, e saiu de fininho. O chefe, empavonado de razão, estatelou-se em sua escrivaninha. Continuou ruminando a contrariedade em voz alta. Abriu uma das gavetas. De lá, tirou um caderninho, em que revelou controlar o horário de todos. "Para vocês verem: na segunda, chegou às 12h40; na terça, às 12h36, na quarta, às 12h53. Isso não pode ser. Assim, não é possível".

Na época, a situação me balançou um pouco. Não seria possível ser mais civilizado para comunicar uma falta a um subordinado? Tinha que incluir escândalo e humilhação? Bem, o tempo passou, os costumes foram mudando, a razão prevalecendo. Jorge não demorou a abandonar o Banco e seguir o destino de engenheiro. Ficou pelo caminho. Os outros colegas na mesma situação, que assumiram a carreira no BC, não eram nem mais inteligentes nem mais espertos. Mas souberam se adaptar melhor às mudanças.

Naconecy



Convite

Sei que nos vemos todo dia
No ambiente de trabalho
Mas tudo que eu gostaria
E neste momento batalho
É ter a sua companhia
Em um encontro informal
Para um bate-papo legal
Que - permita-me a sugestão -
Ocorrerá no oitavo dia
Do vizinho mês de agosto
E não vá me dar o desgosto
De não ter sua companhia.

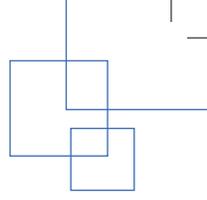
Foi a Asbac a escolhida
Para a partir das dezoito horas
Quando o dia vai embora
E termina a nossa lida
Celebrar união e amizade
Bálsamos pra nossa vida
Já que nunca é mesmo tarde
Para aliviar nossas feridas.

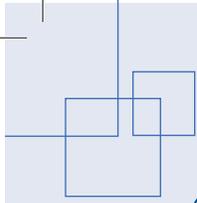
Vai ter cerveja gelada
Para molhar nossa conversa
E uma boa carne assada
Para gente comer sem pressa
Pois quando o povo se reúne
A vida vira logo uma festa.

Já somos conhecidos
Colegas do Banco Central
Mas não estou tão convencido
De que isto é o ideal
Podemos ser até amigos
O que é muito mais legal.

Talvez fora do trabalho
Sem a pressão do dia-a-dia
Sem ter que vigiar instituição
Nem dar satisfação à diretoria
Esqueçamos a afobação
E com a maior descontração
Brindemos mais um fim de dia.

Lenivaldo Gaia

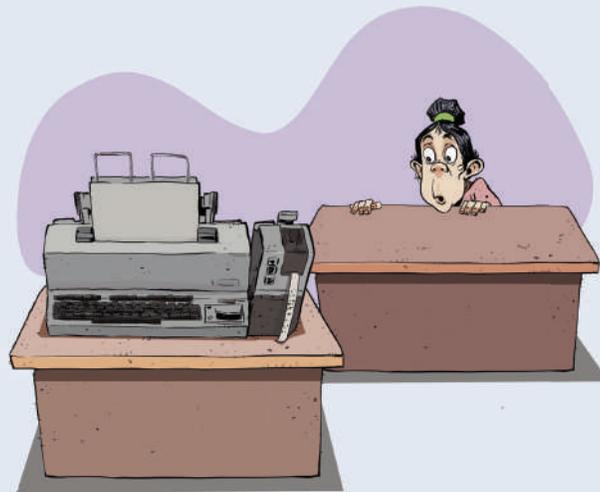




Corra que o diabo está aqui!

Tomei posse no Banco Central do Brasil em dezembro de 1977, em Salvador. Naquela época a Delegacia de Salvador (Desal) se localizava no sétimo andar do prédio do Banco do Brasil, na Cidade Baixa. Primeiramente, fui lotado na Rerad, divisão que cuidava da contabilidade e da compensação de cheques, entre outras atividades. Comecei trabalhando na contabilização das despesas gerais da Delegacia, onde um recibo, por exemplo, continha oito vias carbonadas. Os lançamentos contábeis eram feitos em fichas em uma máquina, cuja programação era realizada em uma barra móvel com códigos estruturados pelo Departamento de Administração Financeira (Deafi). Com o passar do tempo, as partidas contábeis passaram a ser confeccionadas nas máquinas de escrever e eram enviadas por telex para serem processadas em Brasília. Isso era feito por meio de uma fita, com códigos baseados na combinação de cinco furos. O telex era o instrumento de comunicação escrita mais avançado da época. Essa atividade era realizada no pool de telex do Banco do Brasil, localizado no térreo do edifício, todas as tardes ao final do expediente.

Foi num desses dias, quando eu estava entrando naquela sala para transmitir os dados contábeis que já tinha registrado na fita do telex, que fui surpreendido por uma senhora gritando. Ela estava trabalhando na limpeza do local e, para meu espanto, vinha correndo com a vassoura e flanelas nas mãos, falando assusta-



díssima para eu não entrar, pois o "o diabo está se apossando das máquinas nesta sala". "Saia daqui porque o demônio está presente", dizia ela, "até uma máquina está trabalhando sozinha e fazendo o maior barulho".

Então, entrei na sala para ver o que estava acontecendo. Eram os aparelhos de telex, recebendo mensagens de locais remotos do Banco do Brasil.

Voltei para a porta da sala e chamei a senhora, que estava de cabelo em pé. Tentei explicar que aquilo era normal, que as máquinas estavam transmitindo mensagens automaticamente, mas a mulher não quis saber de nada. Foi embora se benzendo e falando que nunca mais voltaria a trabalhar naquele local, pois estava possuído pelo demônio.

Carlos Tadeu Pimenta

Costela gorda em espetinho de bambu

Escolhida para sediar as Olimpíadas das regiões Sudeste e Sul, a Asbac de São Paulo, para ratear as despesas, incumbiu a congênere de Porto Alegre de patrocinar o churrasco de confraternização.

Calovi, Diretor de Porto Alegre — gauchão do Alegrete, bom de papo, palavrão, trova, garfo e copo — telefonou para seu colega de São Paulo, solicitando informações sobre as instalações onde seria assado o churrasco. De origem nipônica, o colega paulista informou que a sede campestre dispunha de churrasqueira, acrescentando já estar providenciando a compra de espetos e carvão.

No embarque, junto com a delegação, seguiram 150 quilos da melhor carne dos pampas (cordeiro mamão, costela, picanha e salchichão) para serem consumidos naquela noite.

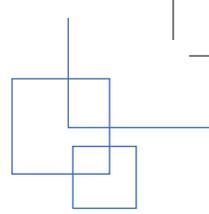
Calovi e sua tropa de choque de assadores, dublê de atletas, pilchados a caráter — bota, bombachas, faixa na cintura, guajaca, facas, camisa branca, e lenço vermelho com nó de maragato e chapéu de boina — foram apresentados pelo anfitrião à churrasqueira que, não fosse de alvenaria, passava por portátil.

Orgulhoso, o Diretor ainda conseguiu mostrar uns duzentos espetinhos de bambu, um saco de carvão e acrescentar que o pãozinho estava a caminho.

– Espetinho de bambu..., pãozinho...!

Colérico, Calovi, dando vazão ao instinto revolucionário separatista que aflorava em ocasiões quetais, desembainhou a maior de suas três facas e, de um só golpe, tal qual Alexandre, cortou ao meio o pacote de espetos, ao mesmo tempo em que, caprichando no vernáculo, esbravejou:





– Japa filho...!

Para remediar, Calovi — já mais calmo, mas nem tanto — começou a perguntar e a dar ordens ao seu colega:

– Aqui tem tijolos? Manda os empregados formarem duas fileiras de uns dez metros de comprimento por meio de altura!
– Manda comprar uns dez sacos de carvão!

– Tem vergalhão, galho grande ou taquara?

Diante da resposta negativa, um gozador sugeriu moer as picanhas para fazer espetinho com o "guisado". Sem se dar conta do mote, um distraído perguntou se não ia demorar muito espetar carne moída.

– Num adianta! Num viu que os espetinhos foram destruídos! Retrucou um terceiro, mais atento ao entrevero.

A solução encontrada por Calovi, depois de algum tempo, foi mandar recolher as grelhas dos bueiros existentes na sede e assentá-las sobre os tijolos enfileirados.

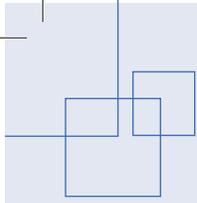
– Num vai lavá, ô meu? Perguntou um curioso.

Sem dar a resposta que lhe veio à mente, o diplomata alegremente explicou, com desdém, que o fogo lava melhor do que água e sabão. Lá pelas tantas, infra-estrutura nos trinques: braseiro como o diabo gosta, carne pegando cor lentamente, cheiro de dar água na boca em vizinho e cerveja gelada, enquanto os auxiliares cuidavam do churrasquear, Calovi, já de dono do pedaço, fazia as honras como mestre de cerimônias, horas contando mentiras, por vezes recitando "A Velha Faca" ou "O Guasca de Fora".

Os felizardos comensais adoraram, assegurando nunca terem comido petisco melhor. Dizem, até, que sumiram várias grelhas de bueiros na cidade.

Naquela noite, entretanto, de olho nas facas presas na guaiaca do maragato, nenhum paulista se atreveu a contar piada de gaúcho.

Roberto Sholl



Cristão até a página dois

Se Deus existe, sabe o quanto me esforço para seguir os princípios religiosos que quase todas as religiões possuem. Aliás, exagero quando digo que me esforço. Já tenho certa idade e, como desde criancinha fui educado levando em conta conceitos de dignidade, amor, compaixão, gratidão, lealdade e fraternidade, eles entram na prática do cotidiano naturalmente, sem pensar a respeito. Mas, mesmo levando em conta essa minha formação cristã, tenho que confessar que às vezes fraquejo.

A história que vou contar a seguir é uma dessas em que, miseravelmente, falhei.

Trabalhava no Banco Central havia poucos anos. Queria ser gente, então aproveitava todas as chances para estudar, crescer como pessoa. E estudo era um dos valores que meus pais tinham me passado, eu não podia fazer feio pra eles nem pra mim. Então, aproveitava o tempo para completar minha segunda faculdade, usando de certa flexibilidade de horário, que era permitida. Chegava duas horas mais cedo, e saía o mesmo tanto para ter tempo de pegar trem, na maioria das vezes, para meu curso em Mogi das Cruzes.

Sabia que a administração tentava coibir que muita gente se utilizasse desse expediente, entendendo que, disseminado, tornaria os funcionários novos ingovernáveis. Mas a gente era um contingente enorme, e eu ia, com discrição e alguma sorte, conseguindo meu intento. Até que um dia soltaram uma nota interna praticamente acabando com os casos especiais, e determinando que as chefias enquadrassem todo mundo na regra geral.

Faltava menos de meio ano para encerrar meu curso, então fui recorrer ao chefe de administração, Araken Farias. Sabia que ele tinha boas referências a meu respeito e, se pudesse, iria me ajudar. Ele me atendeu com toda a deferência. Explicou que era uma norma de todo Banco, e que seria muito difícil achar uma saída. Percebendo minha insistência, e para não se mostrar totalmente intransigente, aventou da possibilidade de um espaço pontual no setor de Câmbio. Passou-me o nome de quem eu deveria procurar.

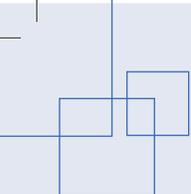
Pois no dia seguinte, cedinho, desembarquei por lá. Falei primeiro com o chefe de divisão, um sujeito franzino, com brylcreem no cabelo e dentadura solta na boca. Ele me ouviu sem olhar para meu rosto, e secamente me repassou para seu subchefe, com



nome de compositor campineiro: Carlos Gomes. Esse, por sua vez, cumpriu sua tarefa, rapidamente mostrou o setor onde eu trabalharia e seus funcionários, e me abandonou lá. Eram três moças que trabalhavam sem parar, nesse serviço. Uma tarefa repetitiva e cheia de minúcias, executada sobre uma máquina semelhante a uma gigantesca de costura. Exigia que se pegasse fichas grandes e multicoloridas, com partidas de câmbio e movimentações. Cada evento exigia que se registrasse, em diferentes fichas coloridas, um mesmo lançamento. Bem, passaram quase uma hora me ensinando a rotina. Depois, me deixaram deslanchar. Quem disse que eu conseguia?

No dia seguinte, muitas dúvidas apareceram. E percebi que atrapalhava tirar atenção delas a toda hora, para minhas questões. O serviço era tanto que se atrasariam. Comecei a me sentir um estorvo. Tentei mais dois dias captar a essência da coisa. Mas vi que aquele ritual todo não seria fácil de assimilar. Resolvi, então, voltar ao compositor campineiro. Quem sabe ele encontrasse algum outro local em que eu pudesse colaborar, acrescentar com outras habilidades. Com a mesma secura de antes, ele não demonstrou nenhuma sensibilidade para tratar da minha falta de capacidade. Não moveu músculo algum para alguma ajuda. Disse apenas que, se não me adaptava àquele serviço, então não teria nada para mim lá.

Vendo o chão ruir a meus pés, procurei viabilizar outra saída. Naquela época, existiam algumas regalias para funcionário autárquico que foram deveras úteis. Havia o abono assiduidade – cinco dias em que se podia faltar sem justificativa, acumuláveis a cada



ano – e havia a licença prêmio, que garantiam 90 dias folga a cada quinquênio trabalhado. Juntei o que tinha e sumi do Banco. Quando reapareci, já estava formado e o panorama era bem outro.

Corta a cena por 30 anos, agora. Todos os personagens dos eventos acima estão envelhecidos. E como o mundo gira e a lusitana roda, a figura que queria se formar se tornou perito odontólogo do programa de saúde. Competia a mim várias funções administrativas, dentro da área da saúde bucal, como credenciar profissionais que quisessem prestar serviços ao PASBC, além de

A história que vou contar a seguir é uma dessas em que, miseravelmente, falhei

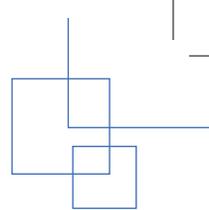
aprovar ou não orçamentos propostos pelos conveniados. Eis que, numa bela manhã, entre tantas outras personagens, o compositor campineiro dá as caras na sala de perícias. Queria saber como era possível ser credenciado do programa. Eu o reconheci, evidentemente, e lhe disse as regras. Que enviasse um currículo e aguardasse que houvesse uma necessidade. Como era para todos. Ele explicou que era para sua filha que gostaria de conseguir o credenciamento. Entendi. Alguns dias depois, ele deixou o currículo comigo.

Passada uma semana, ele reapareceu mais uma vez. Queria saber como andava o pedido. Expliquei-lhe que estava na ordem natural de chegada, e que respeitávamos essa ordem. Reforçou o pedido, comentando como seria bom para ajudar numa carreira um convênio como esse, dando a entender que imaginava, como era ex-funcionário, ter alguma prioridade.

Passou-se mais um mês, quando ele arriscou mais uma visita "casual". Foi até a porta de minha sala, me disse bom dia, e fez uma pergunta que pretendia ser esclarecedora. "Por favor, para ser credenciado do plano, precisa da sua aprovação?". "Precisa", respondi.

Não vou deixar registrado aqui nenhuma sensação de satisfação que eu possa ter tido, de não ajudar, ou não dar nenhuma preferência a um colega antigo de Banco. Não é da minha índole. Senti mais foi pena de ele não ter conseguido me predispor, quando podia, a me sentir compelido a me mover e, de alguma forma, passar por cima da ordem natural das coisas e priorizar seu pedido. Ficaria muito satisfeito, certamente. Às vezes, nas poucas vezes em que penso no assunto, penso que, como cristão, de alguma forma, teria dado uma rateada. Mas a sensação não dura muito, me alivia o fato de, faz muito tempo, eu ser mais agnóstico que qualquer coisa.

Naconecy

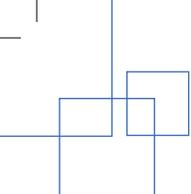


Defendendo a raça

A chuva não dava trégua naquele final de primavera paulistano. A neblina que embaçava a visibilidade dos vidros dos carros fazia com que o tráfego ficasse lento como tartaruga sem pressa. Para tentar compensar aquele transtorno e o tempo desperdiçado, eu já procurava fazer a troca de roupa dentro do carro mesmo, antes de chegar à faculdade. Apenas calça e sapatos, já que camisa e meias já costumava, por questão de facilidade, calçar brancas. Aliás, era uma exigência descabida, nos primeiros anos de faculdade de saúde, isso de usar apenas roupas brancas. Mas é daquelas tradições que se transmitem sem muita sustentação e viram cláusula pétrea. Mas a combinação de dirigir e mudar de roupa ao mesmo tempo, naturalmente, estava fadada a dar merda.

Como deu naquele dia em que uma catarinense estava na ladeira, bem na minha frente, ambos com os carros ligados, aguardando um desafogo no congestionamento. Uma hora em que apareceu uma





brecha à frente, ela desceu um pouco o carro, e eu ia fazer o mesmo. Ocorre que foi bem na hora em que eu, já tendo tirado meu jeans, estava vestindo as calças brancas. Com a perna direita já dentro da calça, a esquerda entrando, tentei colocar o pé no breque, apostando na minha imaginária e legendária destreza. Mas me enganei e apertei a embreagem, até o fundo. O carro, por consequência, se soltou e, crash, se chocou contra o carro da frente.

A motorista freou seu carro, abriu a porta e se dirigiu para o local da colisão. Olhou, examinou bem a extensão dos danos e ficou me esperando, para conversarmos a respeito. Eu estava ainda sem calças, a última coisa que faria seria, francamente, sair do carro. Mas não fui omissos; fiz meu limite: abri um pouco o vidro, tirei um cartão de visitas e, na aproximação da moça, resumi:

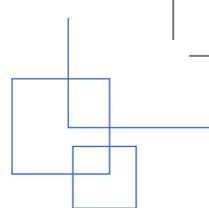
A chuva não dava trégua naquele final de primavera paulistano

"Olha, a culpa foi toda minha. Me desculpe. Aqui está meu cartão, trabalho aqui no Banco Central, a senhora me liga amanhã que a gente faz o acerto."

A moça era loira, olhos claros, bem bonita e não aparentava 30 anos. Nenhuma experiência com esses percalços urbanos. Logo cedinho, me ligou para acertarmos os detalhes. Foi nessa ocasião que lhe disse como costumava funcionar esse procedimento. Ela faria três orçamentos com funilarias diferentes, e eu me responsabilizaria com o menor valor. Achei que entendesse.

Mas estava redondamente equivocado. Meia hora depois, me ligou dizendo que tinha orçado o conserto a X reais. "Ok, faça agora mais dois orçamentos", solicitei. Uma hora depois, voltou a ligar, me relatando já ter outras duas avaliações. Convidei-a, então, para ir ao meu encontro no Banco Central, para fazermos o acerto.

No começo da tarde, ela me apareceu no andar em que trabalhava. Eu a atendi na saletinha que antecedia o chefe de divisão.



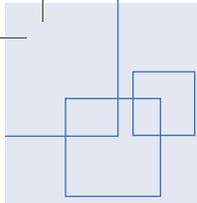
Ela contou o que o sotaque já havia revelado: era catarinense, há pouco tempo em São Paulo. Sentamos, me exibiu os três orçamentos, ressaltando que tinha gostado mais do mais caro. Expliquei que, tudo bem, ela poderia fazer o serviço onde quer que quisesse, mas que eu quitaria apenas o valor do menor orçamento. E que, inclusive, ela poderia fazer muitos outros orçamentos, e encontrar eventualmente valores bem mais em conta. Ela ouviu essa minha exposição e, nesse ponto, enrubesceu. Suas mãos começaram a envolver o rosto, seus olhos começaram a se contrair. Começou a chorar baixinho. Ao mesmo tempo, balbuciou, num tom de chamar atenção de todos por perto: "Os homens sempre querem se aproveitar de mim", e começou a debulhar-se em lágrimas. "Meu marido, meu cunhado, meu pai, todos querem se aproveitar de mim", reforçou.

Fiquei superconstrangido, imaginando que podiam ouvir essa sua fala com outro sentido, mas precisava agir rápido. Tentei tranquilizá-la, "tenha calma", e a convidei para tomar um cafezinho, no mesmo andar. Disse-lhe que, se outros homens tinham agido tão mal com ela, e não foram legais, esse não estava sendo o meu papel. Estava sendo justo, correto, e prova disso é que, desde o primeiro momento assumi o que tinha feito, e disse que iria me redimir. Ela foi perdendo a intensidade, se levantou e me acompanhou. Enquanto andávamos, ela foi amansando, ouvindo minhas justificativas.

Dez minutos depois, já aceitava meus argumentos de que era praxe, costume, esse tipo de trato, no caso de pequenas batidas de automóvel. Ou fez que entendia. Fiz o cheque, despedimo-nos com beijinhos, e saímos amigos.

Coffea arabica, ninguém pode negar, tem insondáveis poderes reanimadores e conciliadores.

Naconecy



A dentadura de Minguinho

Na roça, é triste a estação chuvosa.

A mata chora ao cair da chuva, chia no colmo do sapé do rancho e convida ao sono, a rumorejar monótona.

Arrepios álgidos pelas comas trépidas das gameleiras passam, e as folhas encolhem-se conchegadas umas das outras em sensações de frio.

Os troncos lagrimejam úmidos como se estivessem a carpir saudades dos dias belos de céu azul; ao longe, a emoldurar o horizonte, rendilha-se esfumado o dorso das serranias velado pelo ralo sendal das águas.

Roceiros palestram assando as primeiras espigas de milho verde em redor do braseiro crepitante. Crianças brincam jogando o curre-curre; outras, intrujidas de frio, aquecem-se acoradas, a guardar, com olhares cúpidos o milho que no brasido estala, e a voltar de quando em quando as faces com os olhos lagrimejantes, magoados pela fumaça que se desprende a combustão das espigas verdes.

– Fumaça p'ra lá, Santo Antonio p'ra cá – um dos mais atormentados lamuria a abanar-se e a premer os olhos.

Repete o contrário a invocação, agitando por seu turno o ar, a desfazer com as mãos penachos azuis de fumo que das cinzas se levantam.

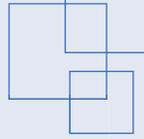
– Curro-curro, Minguinho, - convidou um dos roceiros a outro apresentando-lhe as mãos fechadas, superpostas, e onde ocultava grãos de milho assado.

– Curro-curro – respondeu arrastadamente o interpelado.

– Com quantos?

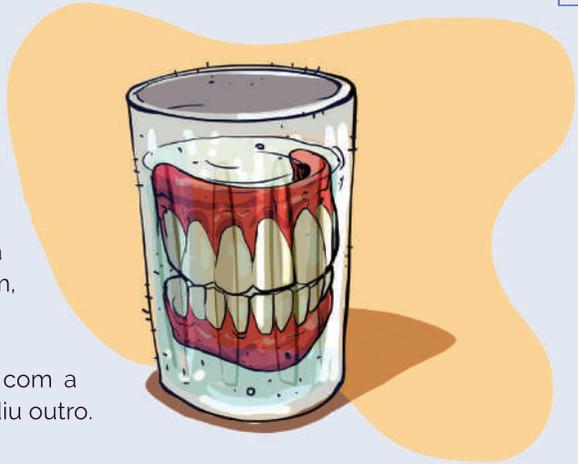
– Com cinco.

– Abra a mão.



- Seis... Ganhei.

Minguinho não sabe jogar o curro-curro - atalhou com riso expressivo e a piscar um olho aos parceiros, um dos da roda. Minguinho é taco para contar casos. Conte-nos um, Minguinho.



- Conte o caso da onça com a preguiça, Minguinho, acudiu outro.

Uái! Minguinho arranjou dentadura! Exclamou um terceiro, atentando no riso deslavado do caboclo envaidecido pelo convite dos companheiros.

Entre os seus passava o interpelado por contador de histórias e de mentiras, lereias ou possocas, como diziam; mentiras, porém, que não feriam, nem alvejavam ninguém; histórias e mentiras que faziam rir, e nas quais quase sempre era ele o herói, pelo menos tomava nelas parte saliente.

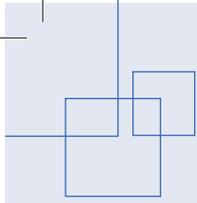
- Pois eu vou contar, principiou Minguinho, um caso verdadeiro como Deus que está no céu, que me sucedeu com esta dentadura que mandei fazer na vila, na semana passada, e que vocês ainda não conhecem.

- Chiu! Quietos, gente! Escutem! Minguinho vai contar um caso!

E atencioso silêncio estabeleceu-se entre os olhares piscados e risos brejeiros, apenas esboçados.

Pois como eu ia dizendo, mandei fazer esta dentadura pelo boticário lá da vila, e acabei de pagar a cuja com aquele selamim de feijão que plantei, e que bati na última nova.

Para ficar bem sossegado a respeito da força dos dentes, perguntei ao boticário se os dentes eram duros mesmo, e se não quebravam à toa. O tal me garantiu que eu podia ficar descansado, que os dentes eram fortes, por sinal que o dono deles, que morreu com quarenta anos, gostava muito em sua vida dela, de chupar cana, e desde criança chupava cada uma, grossa que nem meu braço, e que por isso eu podia até morder pedra com a dentadura que os dentes não se quebravam, não. Inté moedinha dessas do Banco Central é capaz de intortar.



Pus então a dentadura na boca e daí em diante foi um gosto; até dei em engordar.

Mas porém, um dia, numa sexta-feira, fui cortar, num pequeno quartel de cana, umas ditas que eu tinha de ir vender no dia seguinte na vila. Pus o feixe de canas pertico do meu catre, e como já era de noite, lavei os pés e deitei-me cansado dos trabalhos desse dia.

Lembrei-me da dentadura e de medo de engolir a cuja quando estivesse dormindo e pudesse ter algum sonho ruim, tirei a dita da boca, botei-a na beirinha da cama e dormi.

Lá, às tantas da madrugada, acordei meio assombrado com um chii... chii... pertico da minha cabeça.

Escutei: chii... chii... tréco... tréco... Tornei a escutar: chii... chii... treco... treco...

Já bem assombrado, levantei um tiquinho a cabeça, e aquilo a continuar: - Chii... chii... treco... treco... chii... ..

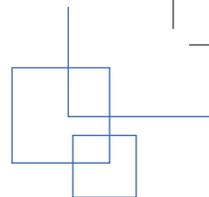
Uai, gentes! Garrei a pensar comigo, que será isto? E dei em suar frio, e cobri a cabeça com o meu cobertor vermelho listrado de preto, e por via das dúvidas fiz o pelo-sinal e rezei uma Ave-Maria; oração muito boa contra assombração.

Depois de ter rezado, criei uma coragenzinha; puxei um tico o cobertor e olhei um pouco p'ra baixo, e então eu ouvi – Chii... chii... tréco... tréco... chii... chii...

– E o que você viu, Minguinho? – Interrogou entre meio risonho e impressionado um dos ouvintes.

– Não era não, nem nada, – terminou muito convencido Minguinho, esguelhando os parceiros atentos. Era o diabo da dentadura que eu tinha posto perto do feixe de canas e que estava chupando as ditas.

José Osório Lourenção



A diferença na dose

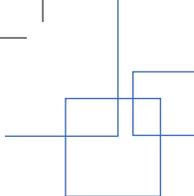
A diferença entre remédio e veneno, dizem químicos e alquimistas, é a dose. Descobrir a dose certa, então, é segredo acessível apenas a empiricos, ou os sensitivos têm vantagem no processo? Francamente, não sei dizer, mas tenho a sensação de que sei de uma cirurgiã-dentista que conhece o caminho das pedras. Ou da gradação. E ela tomou conhecimento pela forma mais dolorosa: seguindo a intuição, e dando a cara a bater.

Sei da história por muitas fontes; então, se não for inteiramente verdadeira, porque já estou suscetível a confusões e esquecimentos, tem lá seus 99%. Isso tem. Mas essa doutora, admirável em pelo menos três belas artes, além de sumidade na odontologia, vivia uma vida tradicional e feliz. Bem sucedida, linda em seus contornos de ascendência árabe, nada a fazia antever que o príncipe encantado, pai de seus dois filhos, um dia chegasse com duas notícias-surpresa. Uma: queria se separar, e duas: passaria a viver com um companheiro.

Ela demorou muito para se recobrar. Porque, primeiro, ele não tinha dado o menor sinal de que o gato havia subido no telhado. Nenhuma pista de que a relação estava passando por crise. Então, era um baque e tanto para uma moça acostumada só ao sucesso. Começou a botar minhoca na cabeça, procurar onde tinha errado. Pensou: se ele tinha pendores femininos, homossexuais, quem sabe estivesse, no cotidiano e em doses homeopáticas, transmitindo esse tipo de influência aos filhos. Talvez ela tivesse que interferir, procurando alguém que fosse de comportamento diametralmente oposto. Talvez um macho alfa, sujeito durão, mais assertivo.

Como ela é encantadora (isso já faz mais de 25 anos, mas ela se mantém deslumbrante), não tardou a passar pela vitrine de seus olhos amendoados um tipo *on demand*, rústico, conforme sua encomenda. Casou-se com o sujeito. Foi nesse momento que a conheci, ainda que tivesse ouvido muito falar a respeito. Havia, com seu talento único de escultora, sido selecionada a expor no nobre Espaço Cultural do BC, na avenida Paulista, vencendo uma peneira de dez artistas entre mais de 120. Dia de planejamento da exposição, ela trouxe o marido novo a tiracolo, para acertar detalhes da mostra. Eu estava lá, junto com a chiquerrima Vera Lúcia Almeida, para auxiliar na tarefa. Não precisava ser especialista para verificar de perto a disfuncionalidade do casal. Duas ou três intervenções inconvenientes, beirando o rude e a grosseria, escancaravam a falta

Não precisava ser especialista para verificar de perto a disfuncionalidade do casal



de finesse da figura. Contradizendo a esposa/artista com indelicadeza, querendo tomar a frente da conversa, quando ele era apenas acessório. Era uma aposta certa de que se tratava de uma união de curta duração.

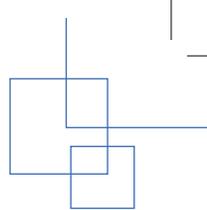
Pois ela expôs suas obras e foi glorioso, com todo o confete e os elogios da crítica e do público de sempre. Soubemos, meses depois, que nosso vaticínio interno havia se confirmado: ela e ele não dividiam mais o mesmo edredon, como empetecam os colunistas sociais.

Mas, a esta altura, vocês vão me perguntar: e onde entra a história da dose? Pois é, no caso dessa especial multiartista, a casualidade bateu à sua porta e abençoou o empirismo involuntário.

Olha como aconteceu: ela, que sempre foi muito rigorosa com seus casos clínicos, tem relação perfeita com o Programa de Saúde do BC. Cuida de seus pacientes com profissionalismo que nunca dá espaço para ausências injustificadas e tratamentos descuidados. Nesses casos, como prevê o regulamento, tratava de notificar o Programa, que por sua vez informava o beneficiário que, se quisesse fazer novo tratamento, teria que arcar com todos os custos. Pois os pais do adolescente Rafael, quando souberam dessa notícia, resolveram dar uma pausa na crise por que passavam. A mãe, funcionária do Banco, pai e filho se encheram de brios e aportaram no consultório da dentista. Pediram desculpas, imploraram que reassumisse o caso, propondo pagar novamente o tratamento, e se comprometendo a sempre acompanhar o filho nas sessões mensais. Ela consentiu, e assim foi feito.

Bem, aqui o roteiro passa a ficar muito previsível. Como o casal estava se separando, o pai é quem assumiu essa função. Todo mês, comparecia ao consultório para levar o filho. Conversa vai, conversa vem, ela percebeu que, além de desimpedido, ele se encaixava perfeitamente na dosimetria masculina que ela procurava. Era gentil, cavalheiro. A relação acabou dando match. Casaram-se, e viveram felizes para sempre, até hoje.

Mas como nem tudo é perfeito, vez por outra a funcionária do BC, quando se reúne com outras colegas nos churrascos de final



de semana, na Asbac, não consegue fugir das saias justas. Sempre quando o comentário se encaminha para palpites sobre odontologia, entre colegas inspetores, é obrigada a ouvir os comentários sempre recheados de superlativos e elogios rasgados, quando o nome da dentista é mencionado. Ela procura ser discreta, quando não tem jeito, menciona que realmente sabe tratar-se de profissional capacitada. "Só tem um detalhe", esclarece para as amigas: "roubou meu marido". E emenda logo um sorriso.

Naconecy



Domingo de trapalhadas

São Paulo, 1986.

Num domingo Teresa e eu convidamos minha cunhada Conceição e seu namorado Carlos Vaseiro e resolvemos fazer um programa diferente: tomar um chá da tarde no Restaurante "As Noviças" que ficava na região de Indianópolis.

Fomos a bordo de um possante Escort 1985, pilotado por mim.

Na volta, sabe-se lá por qual motivo, decidimos parar numa banca de revistas próxima do Jôquei Clube, defronte ao portão principal do Parque do Morumbi.

Descemos os quatro e cada um passou a folhear as publicações de seu interesse.

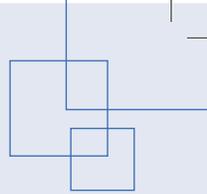
Quando resolvemos embarcar novamente deu-se a tragédia: eu havia trancado o carro com a chave no contato.

Se fosse um modelo mais antigo, daqueles que vinham com quebra-ventos nas janelas dianteiras, o problema seria facilmente resolvido. Bastaria pedir uma faca ou canivete ao jornalista ou a algum transeunte, enfiar pela borracha do quebra-vento, levantar a lingueta, enfiar a mão e movimentar a maçaneta interna destravando a porta.

Porém o possante era moderninho e suas janelas eram inteiriças.

Como sempre muito tranquilo, bolei a solução. Dei algum dinheiro à Conceição e ao Carlos, entreguei-lhes uma cópia das chaves de nossa casa, que felizmente estavam separadas da chave do carro, expliquei-lhes detalhadamente onde e como poderiam encontrar a chave reserva, chamei um taxi e despachei-os para Taboão da Serra.





Teresa e eu ficamos em frente à banca tomando conta do carro enquanto esperávamos a volta dos dois.

Esperei algum tempo, comprei algumas fichas telefônicas na banca e do orelhão liguei para casa.

Percebe-se que o fato aconteceu na Era Paleozoica, muito antes da invenção do telefone celular.

O Carlos e a Conceição disseram-me que haviam revirado a casa sem encontrar a bendita chave reserva. Agradei, dispensei-os e passei ao Plano B.

Lembrei-me de que era sócio do Auto Tour e telefonei pedindo a visita urgente de um chaveiro.

O pedido, efetuado por volta das 20 horas, foi "prontamente" atendido. Às 23 horas, após sucessivos telefonemas e várias fichas de orelhão, estacionou junto à banca uma Variant pintada com o logotipo do Auto Tour e caindo aos pedaços. Dela desceu um misto de motorista, socorrista e chaveiro ainda mais destroçado que o veículo e, a cereja do bolo, completamente embriagado.

Sua primeira reação, assim que conseguiu se equilibrar, foi inspecionar várias vezes o carro em busca do quebra-vento inexistente. Convencido da inexistência, antes de tentar outra solução quase chegou às vias de fato com o jornalista por causa de uma piadinha sobre álcool.

Finalmente, eureka, fez-se a luz na encharcada cabeça.

Encontrou em sua tralha uma chave especial e a duras penas, lutando contra o "delirium tremens", conseguiu encaixá-la num parafuso existente no vidro traseiro direito, retirou-o e assim pode enfiar a mão e alcançar a maçaneta interna, abrindo a porta.

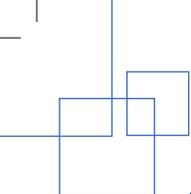
Chegamos em casa após a meia-noite.

Na segunda-feira, logo que cheguei ao trabalho, minha primeira providência foi ligar para o Auto Tour e cancelar meu título de sócio.

Na terça-feira, antes de sair de casa, pedi a Teresa para passar durante o dia na lavanderia, a fim de retirar uma calça azul que eu havia deixado na sexta-feira anterior.

Ao chegar do trabalho Teresa exibiu-me a chave reserva, não sem antes fazer um longo discurso dizendo que "eu deveria prestar mais atenção, blá, blá, blá etc." Acontece que ao deixar a calça na lavanderia eu havia esquecido de inspecionar os bolsos. A chave estava no bolso traseiro e fora encontrada pelo tintureiro que a guardou e entregou sã e salva à minha esposa.

Aristeu de Campos Filho



O dono da Asbac

O presente relato se trata de fato realmente acontecido na Sede Social da Asbac-Curitiba.

A segurança da Sede Social da Asbac sempre foi uma questão presente nas reuniões de Diretoria. Não havia dúvida de que contar com um porteiro na sede social da Asbac-Curitiba era assunto recorrente. Precisava-se um porteiro para pôr ordem no acesso de pessoas, associados ou não, na sede Social.

Corria o ano de 1988 e o então Diretor Presidente, atendendo o clamor dos associados, contratou um porteiro.

O porteiro contratado, rapaz simples, xucro que nem fio de adaga, cumpridor de ordens como nunca visto na querência dos pinhais, pontual e sincero, tomou posto na portaria da Associação.

Era uma sábado, dia da tradicional pelada futebolística que contava com a presença de grande número de associados.

Chegando à Asbac por volta das 16 horas, fui surpreendido pelo porteiro que se pôs em frente de meu carro interrompendo a entrada. Era baixinho, pálido, com um chapéu diferente e me pareceu não dado a muitas palavras.

– Sua carteirinha de sócio!, disse ele.

Estupefato, essa exigência nunca existiu na Asbac, indaguei:

– Que carteirinha cara? Quem é você?

—Sou o porteiro e o senhor pra entrar tem que mostrar a carteirinha de sócio.

—Mas quem foi que deu essa ordem exigindo carteirinha para ter acesso à sede? , perguntei.

De pronto, respondeu o porteiro:

—Foi o dono da Asbac!

Ao que eu respondi:

—Mas o dono da Asbac sou eu!

—Então o senhor pode entrar sem apresentar carteirinha.



Entrei e fui em direção ao campo de futebol.

Logo atrás de mim vinha outro associado, Jorge do Rego Mergulhão, que também foi abordado da mesma forma.

—Sua carteirinha de sócio?

Surpreso, o associado indagou:

– Que carteirinha, quem foi que mandou pedir carteirinha?

O Porteiro, sem hesitação, respondeu:

—Foi o dono da Asbac.

– E quem é o dono da Asbac?, perguntou o associado.

– É aquele que vai naquele carro.

O cara era eu.

O associado, chegando ao futebol, contou o episódio aos demais e, desde então, sou conhecido como “o dono da Asbac”

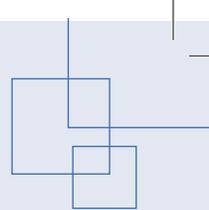
Salvador Soares de Oliveira

O doutor bonitão

Sérgio Ricardo tinha uma clientela enorme, obra e graça de alguma competência mas, essencialmente, por agradar o público feminino. Dentistas veteranos dizem que o melhor termômetro para conferir se um consultório é bem sucedido é conferir a clientela: se predominam mulheres, é que vai de vento em popa. Tem uma justificativa: elas são mais persuasivas, levam maridos, irmãos, namorados, cunhados. Homens, na enorme maioria das vezes, não têm essa influência.

Mas Sérgio Ricardo, ouvimos muitas vezes, era um tipo bonitão que encantava o senso estético da mulherada. Desde o início, em que assumimos a função de perito no PASBC, nos intrigou por perceber que se aproveitava desse encanto para impor um estilo simplificador nos seus tratamentos, nem um pouco conservador na abordagem de seus casos. Não era raro constatar clientes suas com menos de 30 anos exibindo parte considerável dos dentes coberta com coroas metalocerâmicas. Chamava a atenção, estatisticamente, já que nessa faixa essa necessidade era muito pouco provável.





Começamos a ter alguns atritos quando nos deparávamos com seus planos de tratamento que eram invariáveis: enumeravam restaurações de pequeno porte e – tchan-tchan-tchan-tchan – coroas. Não existiam nuances nem meios-termos: eram pequenos reparos ou reparos totais. Tinha ainda uma combinação conveniente com um tratador de canais (endodontista) próximo e, preventivamente, solicitava o tratamento de canal dos dentes a serem preparados. Quando chegavam a nós para perícia prévia, já estavam inapelavelmente mutilados.

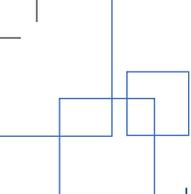
Começamos a interrogá-lo sobre essa necessidade sistemática. Ele sempre alegava que as paredes do dente estavam finas, fracas, débeis, que corriam risco de fratura, e por isso mesmo precisavam da reforma total. Depois de uma série de questionamentos, chegava a responder que até podia fazer um trabalho mais conservador, mas que a responsabilidade seria nossa – não dele. Como não tinha sentido assumir o ônus de tratamentos que nós próprios não tínhamos realizado, acabávamos por autorizar seus orçamentos.

Esclarecíamos que não tencionávamos interferir em seu desempenho profissional, mas que deveria fazer a aplicação de sua filosofia de trabalho, na plenitude, em seus pacientes particulares, procurando adequar os do plano de saúde às normas do programa. Em outras oportunidades, para embasar sua conduta, fazia referências bibliográficas a vários trabalhos que apontavam para os riscos de se conservar dentes com debilidades, que fariam condenar o dente à perda. Como possuía clientela enorme, tínhamos que tratá-lo com dedos. Mas não podíamos compactuar com aquela devastação por atacado.

Em certa ocasião, o convocamos para uma reunião, para podermos mostrar que o programa tinha, sim, uma filosofia, cujas bases se fundamentavam principalmente na prevenção e na preservação. Ele ouviu, fez que entendia, mas argumentou, em tom de confiança, que só consegue tratar de grandes contingentes, como o gerado por nosso convênio, adotando esse sistema reducionista: não podia dar margem a retornos repetidos por causa de dentes tratados. Por isso agia dessa forma, no atacado. Mas reafirmou, tentando preservar sua condição de credenciado, que procuraria se enquadrar.

Essa tentativa não durou muito, e ele acabou se desligando do programa. O tempo é sempre o melhor juiz. Até hoje, recebemos pessoas lamentando terem a boca repleta de coroas, por graça e obra do doutor bonitão.

Naconecy



Um encontro que só o Sebo podia proporcionar

O escritor Ruy Castro revelou em sua crônica do jornal "Folha de São Paulo" que adora frequentar sebos. Vasculhar obras consagradas, desprezadas nos cantos desse tipo de livreria, proporciona-lhe imenso prazer quando se vê à frente de exemplar desejado e que de há muito saíra de linha. Comparo, deve ser a mesma sensação do mineiro quando encontra grande diamante no fundo da bateia, em meio a terra cavoucada. Preciosidades, livro e diamante, que ninguém acreditava pudessem ali estar.

Ruy ama visitar sebos; citou dois que conheceu na Europa, em prédios antigos com dois e três pavimentos, dezenas de salas, recheados de compêndios de todos os tempos. Afirmou que se lhe dessem café da manhã e refeições ali se instalaria por anos, sem sair, pelo deleite de folhear e selecionar livros de seu agrado.

Também aprecio visitar essas livrarias na busca de algo interessante. Passo horas entretido nos livros velhos, alguns ainda em estado de novo. Entrego as chaves do automóvel para minha mulher, ela não tem a paciência como eu de pesquisar essas obras, assim, fico à vontade, solto, sem pressa e nenhum horário para retornar a casa.

Aqui em Águas de São Pedro, a livreria do Lello realiza a "Feira do Livro" duas vezes por ano, em janeiro e julho, nos períodos das férias escolares e das temporadas turísticas. Na última, os sebos estavam em dois pranchões, apartados dos lançamentos. Folheei e me interessei por livro de biografia de um senhor que se mudara para um sítio ao se aposentar na Fábrica de Automóveis da Ford, no ABC Paulista. Título: "Memórias de um Jatobá", autor: Adelino Antônio Pessin.

No momento que espiei o prefácio, percebi que o autor do livro devia ser pessoa de nossa cidade, pois essa apresentação estava assinada pelo Doutor Édison Xavier, médico e político em nossa comarca. O livro custou barato, mas seu valor intrínseco não há dinheiro que pague. O autor descreve sua vivência desde os tempos de criança e juventude em Laranjal Paulista e de sua carreira vitoriosa quando, adulto jovem, mudou-se para Santo André. Ali, de simples ajudante de mecânico na fábrica de automóveis, com o

Seu Adelino informa que a pinga era de ótima qualidade, muito apreciada pelos companheiros

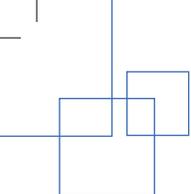


decorrer dos anos, pela sua sabedoria, tornou-se chefe do setor de Engenharia de Projetos.

Na capa do livro, em verde escuro, há o desenho do jatobá riscado de traços pretos. Para mim todos os jatobás são lindos, principalmente quando atingem a maturidade e alcançam até mais de vinte metros. Mantêm-se com folhas verdes o ano todo e põem ao chão os seus frutos de casca dura de cor marrom. Guardam neles, como se fossem amendoins gigantes, quatro ou cinco sementes recobertas de pó amarelo. Chupar essas sementes, sem engasgo, exige muita prática de infância vivida no interior do Estado de São Paulo, onde os jatobazeiros são abundantes. Tente falar a palavra "fofa" com a boca cheia dessa farinha amarela!

Vejo, como se fosse fotografia antiga, Seu Adelino no primeiro encontro com o jatobá na frente da casa, a sede do sítio, paraíso com que tanto sonhara enquanto montava carros na Ford. Possuir um recanto como este, casarão, remanso no riacho, lago com tilápias, jardins, longe da metrópole, era tudo que almejava para a aposentadoria. Dedicou-se a formar o sítio com o plantio de novas árvores. Construiu galinheiros, cultivou hortas, criou vacas leiteiras, montou alambique. Seu Adelino informa que a pinga era de ótima qualidade, muito apreciada pelos companheiros.

Trabalhar na roça do sítio, diz o autor, retemperou sua existência, pois lhe vinham à mente os avós, os pais, como ele mesmo afirmou, uma italianada de fibra, imigrantes para trabalhar na lavoura e que lhe legaram ensinamentos que ora adota no imóvel rural.



Na sombra fresca do jatobá recebia amigos e, nos fins de semana, suas duas filhas e netos. Almoços, churrascos, festas sob a copa dessa árvore. Também sua sesta diária depois do almoço.

Transcorridos anos, idade avançada, problemas com a manutenção da propriedade, decidiu vender o sítio, dividindo a área em diversas chácaras. Mudou-se para Águas de São Pedro.

Pesquisei seu nome na lista telefônica, sim, aqui em Águas ainda existe isso, e liguei para ele com o intuito de comentar seu livro, suas façanhas, sua gente... enfim, parabenizá-lo. Como ele já era idoso à época em que editou sua biografia, torci fosse ele próprio a atender a ligação. Ufa! Atendeu, "Alô, aqui é o Adelino". Emocionou-se, o assunto do jatobá trazia-lhe boas recordações. Com a voz embargada que demorava a sair, passou o telefone para a filha Eliane.

Mencionei o motivo pelo qual ligara para seu pai. Quando ela soube que eu adquirira o "Memórias de um Jatobá" no Lello, aqui em Águas, me disse: "Que ótima notícia, vou também comprar um livro desse, pois o que recebi de papai foi extraviado numa mudança de apartamento lá em São Paulo. Meus amigos do Mackenzie foram auxiliar no transporte e fizeram catação do que poderia ser descartado. Creio que o livro, por desatenção, foi nesse embalo".

Respondi: "Eliane, o livro era o único, só havia um exemplar, ele já tivera dono. É um sebo e possui dedicatória escrita pelo seu pai, vou ler para você: Eliane, você é parte dessas memórias. Obrigado filha".

Ela, admirada e surpreendida: "Como é o destino! Meu livro está a salvo, não sei o que dizer, posso pedir-lhe o favor de você me presenteá-lo?"

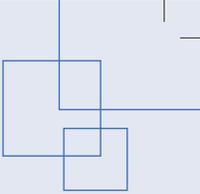
"Sim, você é a dona dele".

Marcamos o encontro.

E foi muito melhor do que a encomenda.

Julgava que duraria uns quinze minutos, ledô engano, saí da casa do Senhor Adelino após duas horas de papo tão descontraído que iniciei a tratá-lo de Dino, como ele é nomeado pela esposa, a dona Irma e, desse jeito, por suas filhas, Eliane e Helena. Rimos, contamos casos, expusemos o passado de nossas vidas. Uma noite marcada por fortes emoções a ponto de a Helena preocupar-se com a saúde do pai. Ao comentarmos que os nossos torrões são cortados pelos trilhos da Sorocabana, ele, que toca violão e tem vozeirão de barítono, cantou a moda, "Boiada Cuiabana", de Raul Torres, meu conterrâneo de Botucatu, canção que possui verso em que a ferrovia é citada. Helena, de olhos marejados, acompanhava no celular a letra da música. Ao se despedir de mim, disse que o acaso lhe proporcionara uma noite inesquecível. Eliane complementou: "Foi uma bênção".

Luiz Carlos Casemiro



Engarrafamento em Comary

Isso mesmo. Parece irreal,mas aconteceu..

Foi nos idos do século 20, quando o grupo hospedado na nossa Sede Comary, enquanto esperava a hora do almoço, iniciou brincadeiras alusivas à data, criando vários títulos e outras coisas mais referentes ao tempo momesco...

Sob o som estridente e desencontrado de uma bateria improvisada cujos instrumentos, pratos, garrafas,talheres, se confrontavam numa desarmonia total, e enchiam nossos corações de alegrias.

Após algumas horas passadas, sem percebermos, o gerente da época, Reginaldo (já falecido), muito conhecido na região, sai sem se fazer notar, retornando em seguida á base, acompanhado de um grupo de batuqueiros improvisados de uma Escola de Samba desconhecida mas bem animada.

Dai recomeçamos as atividades, pós almoço, começando por buscar um nome para nosso "Bloco" improvisado, seguido das eleições dos Rei Momo – o fofo e simpático colega, Sr. Candinho (já falecido) – e para a Rainha de Bateria, coube por direito incontestável à nossa colega e passista de primeira, Maria José Lima, que com sua performance não deu espaço pra ninguém contestar o título merecido.

Por ter sido combinado que os homens se vestiriam de mulheres e as damas de homens, o nome vencedor para o bloco foi "Bloco das Peruas do Comary".

Enquanto a banda almoçava, cada componente foi a seus apartamentos caracterizarem-se como combinado.

Na hora marcada, partimos novamente para os "afinados os tamborins".

Após tudo isso acertado, ficamos ensaiando mais um pouquinho, e partimos para as ruas (detalhe, sem qualquer autorização oficial da Prefeitura). Risos.

Seguimos com intenção de ficar por ali mesmo na nossa rua da Sede... mas qual, quando demos por nós estávamos saindo de nossa área e indo em direção ao Alto, ponto onde se cruza um número consideravel de pessoas por causa de famosa feirinha de artesanato que existe na pracinha.

Seguimos com intenção
de ficar por ali mesmo
na nossa rua da Sede

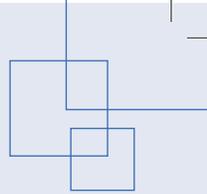
Atrás de nós vinha uma Kombi da Sede, munida de água, cervejas, frutas, para suprir nossas necessidades ao longo da caminhada, enquanto se cantavam todas as marchinhas que surgissem na nossa memória.

Detalhe maior, para quem não conhece o local onde estávamos hospedados. A sede Comary situa-se num espaço tranquilo, sem muito trânsito de carros ou qualquer outro tipo de condução.

De Porta-bandeira, com a bandeira de nossa Asbac afixada numa vara improvisada de bambu, colhida no Horto que temos em frente à sede, seguimos adiante, sem medo de sermos felizes.

À medida que passávamos em frente às residências com nosso barulho, as pessoas vizinhas chegavam aos seus portões e perguntavam de onde vinha esse Bloco. Após esclarecimentos devidos, pediam para se incluírem junto a nós.





Em determinada altura da estrada, voltando os olhos, notamos um "engarramento" como nunca se viu. Gente, carros, motos, etc., acompanhavam com toda alegria possível.

Ao chegarmos no Alto, ponto-base, cansados e felizes, ficamos fazendo piruetas com o passar da hora.

O tempo passou e nem sentimos que já estava começando a escurecer, e aí que caiu a "ficha" para o retorno. O povo que se agregou a nós dispersou, ficando os fortísimos representantes do Bloco: meia dúzia de amigos.

E cadê coragem para voltar tudo, caminhando? Os mais idosos voltaram com a Kombi.

Vendo nossa decepção ao cenário, entra em cena novamente nosso herói - gerente Reginaldo.

Na Avenida Principal, onde brincávamos descontraídos, passa um caminhão recheado de melancias, e ele faz sinal. Falou com o motorista (não sabemos o quê), mas percebemos que se comprometeu a retornar até onde estávamos dentro de 10 minutos. Dito e feito.

Chega o caminhão, todos pulam pra dentro da carroceria, mais mortos que vivos, com a sensação de "dever cumprido".

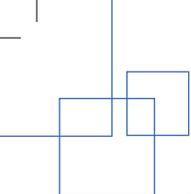
No dia seguinte, não teve outro assunto, senão as aventuras vividas nos dias anteriores, cheias de atividades, realizações, experiências, zoações, etc. Inclusive a sensação de conhecermos, por umas poucas horas, o que é ser pau-de-arara.

Bons Tempos.

P.S.: por uns 5 anos consecutivos repetiu-se a aventura, com o acréscimo de uma figura local e lendária—uma senhorinha com seus 90 anos – que esperava ansiosamente em sua janela o bloco passar e dar a aquela paradinha técnica para que curtisse conosco as alegrias do Rei Momo.

Ôh coisa boa.

Vânia Magnólia Cortezia Que devez



Entrevista de emprego

Ser aceita ali era muito importante para mim. Formada em Economia há quase três anos, sonhava em sair daquela atividade meramente administrativa para uma atividade fim do Banco, em que pudesse aplicar o que aprendera na universidade. Este é normalmente o sonho de todo jovem recém-formado. No meu caso, eu havia sido mais audaciosa. Deixara o emprego anterior, onde as atribuições não eram afinadas com o aprendizado acadêmico. Mas, no momento de me localizarem dentro da estrutura do novo emprego, determinaram que trabalhasse onde havia carência de pessoal. Enganei-me achando que seria fácil sair de lá para realizar o sonho de ser economista. Para me liberarem, exigiram que houvesse substituição, troca com outro colega ou que eu aguardasse a chegada de novos concursados. Depois de muito insistir, consegui a alforria desejada.

Servidora problema, era o que supunha ouvir quando a contragosto o chefe aceitou que eu me candidatasse a trabalhar em outra Unidade.

Mas ainda faltava ser aceita no novo Departamento para o qual consegui a indicação de um colega que lá trabalhava. Diferentemente dos demais, ali o Chefe nomeou um secretário para recepcionar o público da Casa e externo. Quando cheguei ao Gabinete para a entrevista de emprego, deparei-me com ele sentado na cadeira onde esperava encontrar uma secretária, bem vestida e maquiada.

Era um senhor gorducho, bonachão, cabelos ralos, com cerca de cinquenta anos.

– Pois não! Foi logo dizendo.

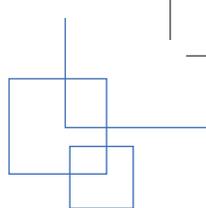
Tenho que ser simpática. Vou oferecer-lhe um drops, pensei.

– Boa tarde! Aceita?

– Minha filha, não adianta ficar tentando me subornar que eu não cedo a agradinhos dessa natureza. Diga logo o que é que a senhora deseja.

Desmontei. Tive vontade de me enfiar embaixo da mesa. Mas engoli o choque e tentei explicar, gaguejando:

– É que, senhor, bem, eu tenho uma entrevista marcada com o Chefe.



Ah, então foi você que ligou ontem com aquela vozinha de gata dengosa? Eu sou o Edy.

– Olá, Edy. Houve algum problema? Ele não vai me atender?

– Bem, meu chefinho está aí. Mas não sei se vou deixar que a atenda.

– Por quê?

Olhou-me da cabeça aos pés, dos pés à cabeça e sentenciou:

– Se você está pensando que vai convencer meu chefinho a aceitá-la por causa desses seus dotes físicos, pode ir tirando o cavalinho da chuva. Ele é um homem sério. Esse seu vestidinho curto, esse decote... sei não! (pausou, encarando-me). Aguarde um pouquinho.

Fiquei ali pensando: que sujeito desagradável! Eu aqui ansiosa, tensa e ele me sacaneando com essas observações. Quando a gente precisa tem que se sujeitar a cada coisa.

Dá vontade de sair correndo... Só não vou porque foi tão difícil chegar até aqui. Espero que esse sujeito não faça minha caveira lá dentro.

Passados uns três minutos, o Edy voltou e disse:

– Agradeça-me! Consegui que você fosse atendida. Pode entrar.

Entrei meio ressabiada, quase pisando em ovos e deparei-me com o chefe rindo. Foi logo esclarecendo:

– Seja bem-vinda! Não se impressione com as bobagens que o Edy lhe disse lá fora. Ele é muito brincalhão.

Suspirei aliviada.

Durante os dez anos seguintes, trabalhando ao lado do Edy, ri muito da sua presença de espírito e das suas brincadeiras e trotes. Ora um, ora outro era alvo das suas armadilhas.

Perto dele, ninguém conseguia ficar sério ou triste por muito tempo.

Sandra Fayad



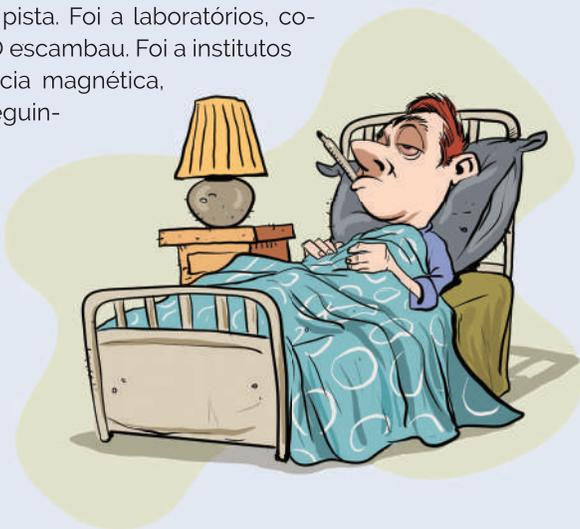
Epifania

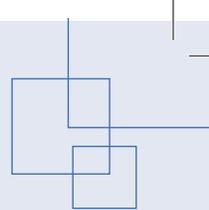
Colegas da fiscalização sempre tiveram o hábito do almoço em família. Esclareçamos: eles sempre se consideram uma família. Trabalham juntos, formam chaves, grupos, tudo coletivo. Nada mais natural. Álvaro Leite Vinheiros Júnior era um desses espécimes agregados. Sempre as refeições eram compartilhadas em grandes mesas. Muito papo, animação, temperando o intervalo de pratos saborosos. Ou vice-versa.

E a região da Paulista é pródiga em restaurantes de variados gêneros e modalidades. Cada dia da semana, uma escolha diferente. Culinária brasileira, italiana, nordestina, japonesa, internacional. Tudo uma delícia, ao redor do prédio.

Nesses dias que estão mais para trivial caprichado, para quem tem emprego numa instituição do porte do BC, todavia, de repente algo aconteceu. A energia de Fradinho, como Álvaro é conhecido, esmaeceu. Acordou desanimado, sem vontade de ir trabalhar, inapetente. Não era o vibrante e alegre colega que todos conhecíamos. Mesmo assim, forçou a natureza. Pegou o carro e embalou em direção ao Banco. Afinal, nunca foi de faltar sem boa justificativa. Imaginou que fosse uma indisposição passageira. Todo mundo passa por isso.

Não foi. Os dias seguintes não apresentaram melhora. Tomou analgésicos, biotônico, medicação para melhorar a disposição. Nada. Marcou médico. Clínico geral. Fez um checkape. O profissional solicitou o arsenal à sua disposição, já que o exame clínico não deu nenhuma pista. Foi a laboratórios, colheu sangue, urina, fezes. O escambau. Foi a institutos de imagens, fez ressonância magnética, tomografia. Na semana seguinte o médico arregalou os olhos para encontrar alguma anomalia. Nada. Prescreveu algum energético, para ver se mostrava uma reação. Mas os dias iam passando, e a baixa energética permanecia. Achou, então, que deveria investi-





gar outras causas, a partir de outras especialidades. Quem sabe alguma insuficiência alimentar? Foi a um gastro. Nada. Problema no fígado? O hepato disse que, nessa área, nada anormal. Talvez fosse o caso de abordagens mais holísticas. Um acupunturista foi requisitado. Espetou Fradinho de alto a baixo. Explorou os locais de encontro de inúmeras terminações nervosas, fibras musculares, tendões, ligamentos. Sem sorte.

O resumo acima em apenas algumas linhas não retrata o tempo em que esses exames foram feitos e os intervalos de suspense entre eles. Sempre caçando uma causa, Depois de uns dois meses nessa baixa de ânimo, Fradinho foi aconselhado a tirar uma licença no trabalho, e procurar tratamento. E é o que ele continuava a fazer. Depois dessas especialidades tradicionais, passou a tentar outras formas de recursos terapêuticos. Reiki, homeopatia, vitaminas. Curandeiras. Se dissessem que um passe podia ser a solução, era lá que ele embarcava. Os dias passavam, os meses voavam. Já estava há quase um ano fora do trabalho. Estava completamente desesperançado. Não via mais saída.

Até que. Dia desses, em que nem mais se pensava sobre o assunto, acompanhou a mulher a uma consulta ginecológica de rotina. Vendo o marido acabrunhado na sala de espera, o médico perguntou à esposa o que sucedia. Ela narrou o périplo. Curioso, depois de consultá-la, pediu para que o marido entrasse no consultório. Mandou tirar a camisa. Fez um acurado exame clínico. Deteve-se no pulmão. Achou um pequeno ponto, um minúsculo nódulo. Pediu uma radiografia específica, que foi tirada na hora. Examinou e sentenciou. "Você vai amanhã cedo para a sala de cirurgia".

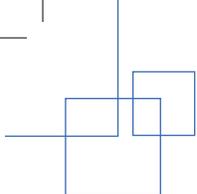
Claro que foi. Retirado o nódulo, miraculosamente o sopro de vida voltou ao corpo de Fradinho. E com esse novo sopro, a rotina que sempre adorou. Mas espera aí: o que era esse nódulo? Pois foi feita a biópsia e se descobriu em seu interior vermes que apenas são encontrados em cães. Como assim?

Assistindo à tevê, na semana seguinte, teve uma epifania. Viu uma matéria sobre a vigilância sanitária na cidade de Santos. Faziam blitzes nos restaurantes, e tinham flagrado numa geladeira de restaurante chinês várias carcaças de cachorros. Subitamente compreendeu a origem de sua enfermidade. Adorava o Kinkon, o chinês mais antigo de São Paulo, na Peixoto Gomide, que visitava religiosamente, toda semana, com os amigos.

Fradinho adorava comida chinesa. Desadorou para sempre.

OS.: o Kinkon fechou, após 40 anos, em 2003.

Naconecy



Escarcéu e picuinhas

No final dos anos 80, havia na regional paulista do BC um setor de apoio à fiscalização, que se chamava Refis-IV. Rumores de que era uma divisão em extinção, por questão de simplificação administrativa, eram cada vez maiores. Os funcionários que lá trabalhavam ficavam fazendo conjecturas sobre o próximo destino, já que a conformação dos setores de fiscalização não comportaria acomodar todo o contingente do setor moribundo.

Num dos cantos, dois técnicos veteranos – Evaldo e Clovis – tocavam uma tarefa bem operacional, complementar, mas essencial ao serviço. Um trabalho cheio de minúcias, cálculos razoavelmente complexos, que eram concluídos numas três horas, pela prática que já detinham. Ou seja, qualquer abordagem racional desse fluxo aconselharia que se mantivesse os dois nessa prática, já que a realizavam a contento, não seria um aprendizado útil para se levar a nenhum outro lugar, e a perspectiva era de encerramento da atividade.

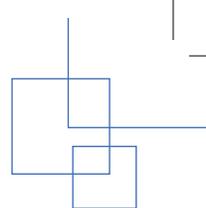
Era o racional. Mas nesse setor, um dos raros no Banco em que coordenador e assistente eram mulheres, tinha Lais. E Lais tinha uma maneira muito particular de entender o processo das coisas.

*Como eu fazia seis horas, e Evaldo
cumpria as oito regulares, o horário
era conveniente para ambos*

Não que fosse pouco inteligente – não era, de forma alguma –; era sagaz, tinha um ar sério, e se impunha por ser verborrágica e assertiva. Mas tinha algum fundamento no

campo da lógica lesado. Usando dessa prerrogativa e da natural excentricidade, resolveu que Evaldo e Clovis, a partir de um dia que ela havia determinado, procurassem aprender um o serviço do outro. Até que, depois da assimilação, eles invertessem as tarefas.

Naturalmente que os dois tentaram porque tentaram demovê-la do propósito. Alegaram tudo o que já relatei acima; não era razoável, só iria trazer transtornos e complicações, não haveria ganho de qualidade, o setor não agregaria nada, e provavelmente não se iria conseguir concluir o serviço dentro do horário normal de expediente. Não adiantou. Quando encasquetava, ninguém demovia a decisão de sua cabeça.

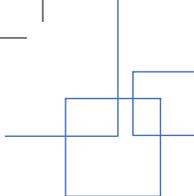


Então, só nos restava cumprir. Passamos uma semana tentando “facilitar” o aprendizado um para o outro. Não era fácil. Então, o que ocorria? No final do expediente, quando percebíamos que o atraso, se persistíssemos em continuar com o serviço trocado, seria inevitável, pegávamos os cadernões originalmente de cada um, destrucávamos, e os concluíamos, minutos antes das 18h30. Esse esquema foi praticado durante uma semana, dez dias, e apenas nós dois sabíamos. Até que um dia ela voltou de suas andanças pelos andares e reuniões mais cedo, e nos flagrou fazendo o serviço do jeito anterior. Hum, ameaçou um escarcéu danado mas, como estávamos no final do expediente, marcou uma reunião com os dois para o dia seguinte, às 14h30.

Como eu fazia seis horas, e Evaldo cumpria as oito regulares, o horário era conveniente para ambos. Chegamos antes e já estávamos prevendo uma bronca danada por quase nada. Mas sabíamos que iríamos ter de aguentar o rojão, como era o estilo dela.

Lais chegou do almoço, passou pelo meio da ala do setor, e disse um “boa tarde” para que ninguém pudesse alegar baixo volume. Minutos depois, quando nos convidou a entrar na sala de reunião, fez-nos perceber que ela tinha trazido um trunfo inesperado: iria, antes de tudo, nos analisar holisticamente, como funcionários. Trouxe um caderno com anotações. Talvez fosse uma tática que, tirada de algum livro de modernas técnicas de gestão, nos colocaria frágeis por todos os flancos.

Abriu a reunião fazendo uma pergunta para Evaldo. Nesse pedaço, para quem não o conhece, é bom apresentar: trata-se de um dos caras mais sarcásticos que o Banco lapidou. Com seu eterno bigode, boca armada de ironia, onicófago, era ótimo como parceiro



e para você ter no seu time de salão. Era honesto em seus princípios e um cara de apenas uma palavra. Eu, este escriba, já tinha um pouco mais de malemolência, o que não era garantia de nenhuma vantagem. Apenas estilo. Mas Laís começou a reunião com uma pergunta de uma dicotomia filosófica: "Evaldo, quando você chega todo dia, e não me cumprimenta, está deixando de me saudar como funcionária ou como pessoa?". Para nossas cabeças binárias, dava para perceber que ela não veio para simplificar. Ainda hoje fico imaginando a extensão dessa indagação. Não lembro direito o que ele explicou, mas certamente tratou de embananar um pouco mais aquela relação.

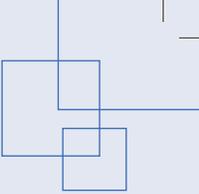
Quando chegou à minha parte, ela enveredou para uma análise mais quantitativa e contábil, digamos assim. Uma abordagem da liquidez das equações funcionais temporais. Foi no âmago do que lhe parecia incomodar, numa sequência de metralhadora: "Clovis, sabe me dizer quantos minutos você chega atrasado, quase todo dia?" Seguiu com: "Quantas vezes você vai ao banheiro, habitualmente?" Depois: "Quantos minutos gasta, nesse procedimento?" Mais: "E cafezinhos, quantos você costuma tomar durante a tarde?" "E quando amigos seus vêm até aqui, quantos minutos você imagina que gasta?" Eu ia dizendo uma estimativa, ela ia rabiscando anotações atrás de anotações. Ao final, chegou a uma conclusão de que, em termos líquidos, eu era servidor dos mais deficitários.

Aprendemos um pouco mais a respeito das idiosincrasias de Laís

Bem, ao final dessas quase duas horas, que naturalmente iriam ser subtraídas de minha dedicação efetiva ao trabalho, quase nada foi concluído, ou levado mais a sério. Aprendemos um pouco mais a respeito das idiosincrasias de Laís; ela confirmou a baixa avaliação que tinha sobre nossas pessoas.

Seguimos as carreiras, e nos encontramos ocasionalmente em outros setores. Quando relembramos, eu e Evaldo, daquelas peripécias, damos boas risadas. Foras essas demonstrações de humor, fora os ocasionais chilikques de chefe, teria sido apenas mais um dia no escritório.

Naconecy



Estigma

Havia seis meses que a cirurgiã-dentista, moça nova e de beleza realçada por amendoados olhos azuis, deixara seu pedido para se credenciar no PASBC. Seu currículo tinha força e peso, a especialidade era interessante, a localização do consultório nem tanto. Na sua região, havia outros conveniados com sua mesma expertise, e isso é o que pegava. Concorria com outros interessados que lhe antecederam no pedido. Por isso mesmo, sempre que ligava perguntando como andava seu processo de credenciamento, se "tinha chance", eu confirmava que sim, mas que não alimentasse esperança a curto prazo. Ela detinha uma qualidade que é admirável quando se tem um objetivo: a pertinácia. Ligava religiosamente uma vez por mês, não permitindo com que o caso esfriasse. Educadamente, respondia que seu pedido estava em compasso de espera, aguardando vaga no quadro para que pudesse seguir adiante e ser efetivado.

Talvez por isso não tivesse me surpreendido quando naquela manhã de segunda-feira ela me ligou perguntando o que sempre perguntava, e arriscando se podia dar uma passada no Banco e entregar um comprovante de atualização de curso, para que fosse adicionado ao currículo. "Sem problemas", disse. Não via objeções: recebo quase que diariamente interessados em incluir o nome no quadro do programa de saúde, sabidamente um dos melhores dentre as autogestões do mercado. Trato a todos os colegas com cordialidade, ética e um cafezinho, servido quente na copa no andar.

Naquela vez, porém, algo tomou rumo diferente. Depois de recebê-la, a ouvi contar de sua atuação recente, descrevendo detalhes de um curso inovador que tinha realizado na área de periodontia. Depois de um papinho de uns cinco minutos, me entregou um envelope do tamanho ofício branco, em que disse estar contido o certificado. Estendeu-se um pouco mais falando que o marido tinha inaugurado um restaurante – "uma experiência incrível" – e que fazia questão de que o conhecesse. Civilizadamente assenti, dizendo que não faltaria oportunidade. A seguir, me estendeu outro envelope branco que segurava, e que imaginei conter eventualmente folder ou até convite para visitar o restaurante mencionado. Se fosse esse o caso, naturalmente, não iria me prevalecer do agrado, apenas faria uma mesura. Sendo assim, agradei e a convidei para um café saideiro. Como faço sempre, depois desse ritual, acompanhei-a até o hall dos elevadores e nos despedimos.

De volta à sala, ordenei os papéis e, em seguida, abri o envelope deixado. Para minha surpresa, havia uma folha branca sem dizeres, dobrada, que ao se desdobrar revelava um maço de dez notas de 100 reais. Como assim? O que será que ela pensou? Ainda hoje me causa engulhos recordar a cena.

Nessa hora, muita coisa passa pela cabeça. Rapidinho, a gente faz, numa fração de segundo, uma sessão de autoanálise. Será que alguma atitude involuntária minha, alguma observação ou conversa desajeitada teria ensejado pensar que um comportamento desse tipo podia ser a solução mágica para sua aceitação, seu credenciamento? Como pôde pensar nisso? Como achou que um ato audacioso desses poderia influenciar meu comportamento? Como ousou pensar tão mal de mim? Como pode imaginar isso de um servidor público? Nesse momento, a indignação vai tomando conta dos sentidos até se transformar em fúria contra aquele mal entendido. Ato contínuo, ligo para a recepção para ver se ainda a intercepto para lhe devolver o envelope. Tarde demais.

Bem, então me dirijo à coordenadora do setor, conto o que aconteceu, e digo minha ideia para o desfecho. Ela concorda. Feito isso, fotografo o envelope, as notas, recoloco-as em outro envelope, do Banco, anexo um bilhete e envio de imediato ao endereço da moça, pelo serviço de motoboy. Para quem está curioso em saber o que escrevi no bilhete, tomo a liberdade de resumir, bem curto: "não funciona assim".

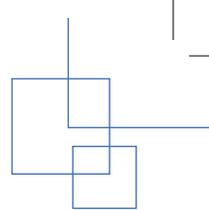
Nos últimos tempos, de tanto assistirem em rede nacional a flagrantes de pessoas recebendo propinas para fazerem suas obrigações, muita gente deve pensar que é uma cultura que vigora endêmica em muitas instituições públicas. Estou prestes a concluir minha carreira no BC, e aprecio deveras alguns conceitos ditos de forma simples. Este, me era ensinado repetidamente pelo amigo José Reinaldo de Lima Lopes, jurista e simplificador das questões de direito: "Ética é você fazer ao outro o que gostaria que fizessem a você; e não fazer o que você não gostaria que fizessem a você."

Ah, quanto à moça, bem, ela deve estar correndo à procura de seu primeiro convênio.

Naconecy

De volta à sala, ordenei os papéis e, em seguida, abri o envelope deixado





O estilo confessa

Comparado à média da população, servidores do BC são privilegiados. Essa verdade absoluta, no entanto, esteve sujeita a flutuações e variações, através dos anos. E, nessas fases, castigavam especialmente os que estavam localizados nas letras mais baixas da hierarquia. Nos anos 1980, os Asas—categoria criada no princípio absurdo de não ter ascensão na carreira – como Eleonor passavam por esse apuro, e tinham que fazer do limão limonada para completar o orçamento.

Usavam de criatividade: traziam alguns pequenos produtos, como artesanato, doces, natura, e outras bugigangas. Ofereciam aos colegas, e assim iam levando, anabolizando um pouquinho o holerite.

A rigor do regulamento, não era legal. Não era uma prática que podia ser feita pelos andares. Havia no regulamento interno alguma norma que vetava comércio no local de trabalho. Era lógico, e tinha coerência. Mas naqueles tempos de vacas magras, esse tipo de prática era tolerado, e realizado em quase todos os andares.

Mas sempre tem um desmancha prazeres. No setor de informática do BC paulista, naqueles anos, havia muita interação nos andares, principalmente nos horários de almoço. É quando a garotada adepta desse pequeno comércio tratava de mostrar seu produto, aproveitando a saída para almoço dos chefes. Trocava-se muito, vendia-se pouco. E se divertia deveras. Até que um dia.

Num desses horários de almoço bem espichados, como faziam os chefes de divisão, o chefe da Informática foi surpreendido com um envelope fechado e anônimo sobre sua mesa. Abriu, dentro tinha uma carta escrita à máquina, com uma denúncia. Dizia mais ou menos assim:

"Prezado Chefe

Salta aos olhos o verdadeiro mercado persa que se forma nesse setor assim que o senhor se ausenta para o almoço. Vende-se de tudo, ao arrepio da lei.

Por gentileza, sugiro fazer a verificação e atentar para o regulamento, que veda terminantemente a prática, com punições que podem levar à demissão.

Atenciosamente."

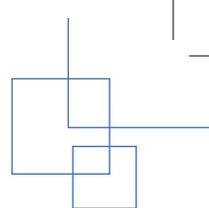


O chefe mandou chamar todos os funcionários à sua sala. Fez o maior sermão. Aquela coisa de que não sabia que aquilo estava acontecendo, mas que, informado por carta anônima, "não permitiria que fizessem tal atividade na sua ausência, nem em lugar algum da divisão, dali por diante".

Saiu todo mundo com a cara inchada pela bronca, e os que vestiram a carapuça mais ainda, por tomarem conhecimento de uma espionagem explícita no setor. Não se conformaram com a existência desse dedo-duro. Rapidinho, tramaram uma reunião de contraofensiva.

Reuniram-se e montaram uma estratégia. O primeiro passo era tirar uma cópia da tal carta.

A que trabalhava mais próxima ao chefe de divisão daria o sinal, quando intuisse que ele se ausentaria por mais que alguns instantes. No meio da tarde, isso aconteceu. Ela deu a senha, Eleonor entrou na sala, procurou dentro de uma pilha de correspondências; lá estava o envelope. Apanhou-o, e repassou para o contínuo que costumava tirar xérox. Em pouco mais de dois minutos, a original



estava de volta a seu lugar, e o grupo se reuniu em outra saleta, para analisar o material copiado.

Muito formal, sem erros de português, escrito numa remington elétrica, pela uniformidade do registro. Para quem estava acostumado a ler as correspondências dos funcionários do setor, havia escapado um detalhe incriminatório.

Estilo, especialistas costumam ironizar, é quando o artista não consegue fazer nada diferente. Nosso delator tinha se entregado numa expressão. Havia apenas um

rapaz que, era sabido, nunca terminava seus textos escritos sem um "por gentileza": Carlos José. Bem, isso era circunstancial. Precisava ser confirmado com outros indícios. A nova diligência já tinha um objetivo. Na divisão, havia três máquinas elétricas que poderiam ter escrito a carta. Quem viveu a época, lembra que as fitas dessas máquinas não admitiam reuso, pois tudo que era digitado ficava impresso nela. Então, era conferir de que máquina tinha sido criado o texto dedurador.

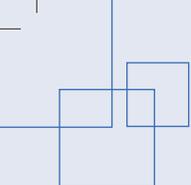
Não deu outra: a máquina de Carlos José tinha sido a usada para a denúncia: era ele, sem dúvida. Se já não tinha a simpatia da maioria do grupo, depois dessa atitude perversa ganhou a repugnância de todos. A "turma da feirinha", como começou a se autointitular, enveredou a pensar, então, na desforra.

Como vingança é prato que se come frio, esperaram a poeira baixar para pôr em prática um plano artiloso. Esperaram a união de alguns fatores. Sabiam que Carlos José era um comilão que adorava pratos japoneses. Aguardaram a primeira festa no setor, o aniversário de uma integrante da "turma". Nessas ocasiões, era tradição, traziam uma infinidade de iguarias e especialidades nipônicas, a origem de muitas delas. Para incrementar o sashimi, feito com peixe cru, costuma-se usar um condimento negro à base de soja, chamado shoyu. Pois acrescentaram um potente e concentrado laxante no tempero, cuidando para que apenas nosso anti-herói se utilizasse do frasco.

Lá pelas tantas, a natureza seguiu seu curso. Meio que discretamente, Carlos José procurou sair do ambiente, com as pernas trançando, na direção do banheiro. Sem que ele imaginasse, o aguardava um último requinte da desforra: a turma tinha tido o cuidado de suprimir todos os rolos de papel higiênico do recinto.

Reuniram-se e montaram uma estratégia. O primeiro passo era tirar uma cópia da tal carta

Naconecy

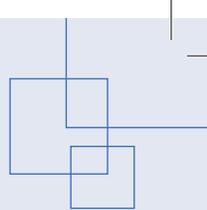


A estranha ao seu lado

Raras vezes o pessoal do Banco Central em São Paulo se envolveu em notícias que não fossem bem encaixadas nas editorias econômicas dos jornais. Lembro de uma vez, quando o Banco tinha sede também num prédio na Peixoto Gomide, e um inspetor aguardou a volta do almoço para se projetar da cobertura e consumir o suicídio. Foi uma comoção. E uma exceção. O amigo Volney, um inspetor de fina estirpe, bom de bola, foi um que deu azar numa noite de inverno, quando esteve no lugar certo, uma farmácia, numa hora errada em que acontecia um assalto. Levou um tiro fatal. Outra exceção. Mas nenhuma ocorrência policial teve mais repercussão que a morte de Tito Augusto, um técnico que trabalhava na Divisão de Recursos Humanos, em fevereiro de 1993.

Rapaz de 34 anos, de bem com a vida, se sentia realizado por passar no concorrido concurso do Banco, e estava muito integrado com





todos os colegas próximos. Era economista, boa alma e grande futuro. Mas, no tempo em que conviveu com a turma do BC, nas pequenas referências que fazia de sua vida particular, deu pequenas pistas de uma tempestade que podia estar se desenhando no horizonte.

Sua família era interiorana de São Paulo, e ele morava em Campinas, numa casa de ótimo tamanho para um casal. Numa situação social, conheceu Elisabeth, uma oficial de justiça com feição e pro-seio, três anos mais nova, que rapidamente lhe contou estar sem residência fixa, na cidade. Coração mole, lembrou de sua edícula, e não viu problema em colocá-la à disposição da moça, durante algum tempo. Ela não pensou duas vezes: levou seus poucos pertences e se instalou na casa, ciente da condição transitória, que fosse por semanas ou até que voltasse a se reerguer financeiramente e encontrasse outro lugar.

Mas, nos dias que se seguiram, seus encontros foram ficando frequentes, e o que parecia apenas atração passageira, foi se tornando relacionamento mais próximo. Passaram para um estágio de namoro. Aos poucos, a moça foi se mostrando insegura e possessiva. Passou a monitorar seus horários de chegada. Os colegas lembram bem que, quando faziam alguma confraternização, ele ficava de olho no relógio, preocupado com o horário. Parecia que tinha se rendido aos controles da parceira. O que não costuma ser bom presságio.

Rapaz de boa formação e senso de responsabilidade, Tito começou a se sentir incomodado. Não precisava se submeter a esse tipo de pressão. Uma sensação de estar acorrentado passou a lhe percorrer o pensamento. Preparou-se mentalmente, então, naquele final de semana, para ter uma conversa séria com a namorada. Imaginou que era a hora certa de seguirem caminhos separados.

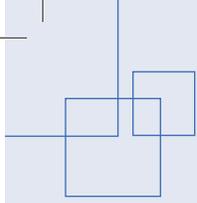
Na segunda feira, o expediente no setor de Pessoal foi bem normal, com aquele ritual de os colegas contarem as novidades do final de semana, enquanto embalavam nas tarefas de expediente. Estranhou-se, no entanto, a ausência de Tito. Nem tanto isso:

ele era corretíssimo, se havia algum contratempo, cuidava de avisar. Não ligou e, no final da manhã tentou-se contato, mas ninguém atendeu. No dia seguinte, situação parecida. Ele não veio, tampouco estava acessível para tranquilizar os colegas. Até que,

no final daquela manhã, considerou-se de bom tom comunicar a polícia, pedindo auxílio para esclarecimento do caso. Poucos momentos depois, veio à tona uma tragédia de contornos mórbidos.

A polícia vasculhou a casa, num bairro popular de Campinas, e encontrou o corpo de Tito queimado, esquartejado e enterrado sob o piso da edícula do imóvel.

Parecia que tinha se rendido aos controles da parceira. O que não costuma ser bom presságio



Segundo a polícia, a oficial de Justiça Maria Elizabeth de Campos Macedo teria matado o economista Tito Augusto Alves de Araújo porque ele estaria querendo terminar o relacionamento com ela.

Ela se evadiu, após o crime, e foi julgada à revelia. Quase dois anos depois, foi encontrada para cumprir a pena.

A qualidade do corpo funcional, classificada de alto nível, sempre serviu de coxim para as ocorrências mais mundanas. Mas numa metrópole desse porte, sempre há, no limite, exposição a loucuras, traumas, violências sem muita explicação.

Ainda hoje a casa conserva as marcas, no cimento do quarto, dos buracos que foram abertos para enterrar e desenterrar os pedaços do corpo da vítima. A família que mora lá não se importa com os antecedentes da casa.

"Temos de ter medo dos vivos. Os mortos já foram", diz Edson Lourenço, 35 anos, analista de produção, morador do local.

Tito recebeu, em dezembro de 93, homenagem da Câmara dos Vereadores de Campinas, com o nome numa rua, no Parque Residencial Vila União.

Naconecy

Fadiga olfativa

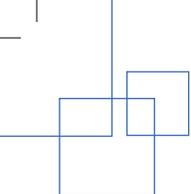
O ser humano consegue detectar mais de 10 mil diferentes cheiros, graças aos 12 milhões de células receptoras olfativas no nariz. Perder essa capacidade é denominado anosmia. Parcial, nos impede de sentir o cheiro de algumas substâncias. Mas quando um desses cheiros é o das axilas – provavelmente o odor mais controverso da história da humanidade – essa incapacidade transitória até que não seria mau negócio.

Mesmo que não esteja inserido no top 10 dos piores cheiros do mundo, que inclui queijo, esgoto, ovos centenários, animais exóticos e cadáver humano em decomposição, o odor exalado pelo sovaco é bem respeitável. Em grandes organizações, é capaz se constituir em item de reunião e até fator para demitir funcionários.

Talvez esses estudos científicos todos possam explicar por que Machado Siqueira, um comissionado servidor do Refis-4, que viajava diariamente de Bragança Paulista a São Paulo, não sentisse o odor que trespassava seu paletó. Depois de vários minutos submetidos aos mesmos estímulos, o que chega ao espessamento epidérmico situado na região etmoidiana do crânio se acostuma e entra em fadiga olfatória. Nos acostumamos com o cheiro.

É possível que esse efeito não fosse tão percebido, em condições normais de temperatura e pressão. Mas, logo cedo, era praxe que todos os funcionários fizessem o rito de chegada, se encontrando na copa para um festivo cafezinho. O recinto da copinha não





tinha ventilação. Os odores eram potencializados. Não era possível ficar insensível. Na surdina, era comentário geral.

Eu era novo no setor. Quando quis saber se ninguém nunca havia tomado nenhuma atitude, me diziam que o assunto já tinha sido abordado inclusive nas reuniões de coordenação. Mas que esbarrava no fato de que ninguém tinha coragem de lhe dizer. "Mas ele tem um grande amigo, o Gomide, por que ele não diz?" Ninguém tinha resposta. "Mas ele é casado, e mora com a mulher" Também ninguém sabia esclarecer.

Sei que o assunto é delicado. Também no Banco Central, no grupo de serviços gerais que ajudava na montagem das exposições da Comunicação Social, esse assunto era recorrente. Havia um funcionário, baixinho, atarracado, pouco cabelo, muito eficiente e simpático, que era pau para toda obra. Mas que também tinha forte odor das axilas. Sempre que surgia um papo de corte de pessoal, ele estava incluído. Apenas por essa qualidade. Ou ausência de. Na terceira ou quarta dispensa, foi incluído.

Pensei: temos que interferir nessa situação. Vamos tentar alterar o quadro. Não podemos assistir às coisas se desenrolarem a nosso contragosto sem fazer uma tentativa. Então, mãos à obra. Na hora do almoço, passei por uma farmácia, e adquiri um bastão de desodorante. Na volta, cuidando para que ninguém estivesse vendo, coloquei-o sobre a mesa de Machado. Durante aquela tarde, sempre que transitava pela frente do corredor que dava vista para sua escrivaninha, observava que o frasco plástico continuava no mesmo lugar. Ele trabalhava mexendo com seus papéis em volta do desodorante. Permaneceu assim até o final do expediente, quando sumiu.

Alvíssaras. As duas semanas que se seguiram foram de um inédito ar perfumado. Na copa, em todos os ambientes, os olfatos silenciosos agradeceram. Aparentemente, problema resolvido. Em matéria de relacionamento, nem tudo está perdido. Às vezes, bastava um toque sutil, amistoso. Uma dica, meio desajeitada talvez, para que a pessoa perceba um problema e caminhe para sua solução.

Mas como nunca é bom comemorar com antecedência... Duas semanas depois daquele evento, a mistura de Nitrogênio, Oxigênio e gás carbônico combinados com gases nobres do pedaço voltou a ser chapiscada por um odor fétido. Provavelmente, significava que o bastão havia exaurido. Pena. Queria exercer um papel incentivador e pedagógico. Não o de fornecedor permanente de cosméticos.

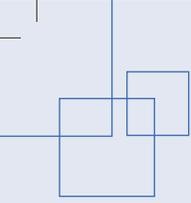
PS: se você está lendo isso, Machado, me perdoe. Só quis ajudar.

Naconecy



Fazendo valer a pena

No poema *Mar Português*, o enorme poeta lusitano Fernando Pessoa burilou a frase: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. Numa interpretação livre, o verso otimista afirma que tudo na vida vale a pena para quem sabe tirar proveito das experiências que vive. Essa constatação me remete a várias fases da vida. As boas, as nem tanto. Recordo-me de uma época boa do Banco Central em São Paulo. Tinha muita autonomia. Estava num setor – a Comunicação Social – que ajudei a esboçar. Nossa equipe era fantástica: Araci Lopes, Marise Contardi, Vera Lúcia Fonseca, Francisco Luiz Cruz, Cláudia Dias, Elisângela Lopes, Tâmar Paiva. Criava, e tinha prazer nisso. Aproveitávamos muito o tempo. Uma das iniciativas que mais nos dava retorno era uma série de palestras intitulada “BC e o Pensamento Crítico”. Tínhamos verba e liberdade para escolher quem vinha dar o recado. Era só gente bala. A nata do pensamento nacional, em várias áreas. Economia, Administração, Psicologia, Língua portuguesa, basicamente. E como era muito interessante esse contato. Encadeávamos vários tipos de atração, num período. Se o palestrante da vez era também autor de livro, contactávamos a editora e oferecíamos uma manhã ou tarde de autógrafos, ao final da apresentação. Todo mundo – autor e plateia – se refestelava. Eu assistia a tudo, e cuidava para que nada fugisse muito ao previsto. Às vezes, não era possível.



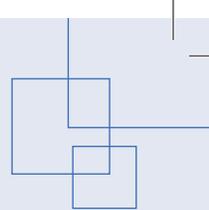
Era prazeroso compartilhar da mostra magistral de conhecimento empírico, e a fórmula do sucesso, do comandante Rolim. E seu mise-en-scène, postado entre duas monumentais pilastras, em forma de aeromoças, uma de cada lado, dividindo a atenção enquanto palestrava. Ele falava mesmo ... sobre o quê? Marta Suplicy, naquele tempo pré-prefeitura, veio magoadinha, porque o trânsito da capital não permitiu que a apanhássemos na hora certa. Cuidadosa da imagem, detestou que lhe pudesse ter sido creditada essa falha. E fez uma palestra mais concisa, ainda que despertasse bastante interesse. Napoleão Mendes de Almeida, o gramático e filólogo que preencheu as páginas do Estadão durante décadas, com lições castiças do idioma, foi original. Pouco afeito às apresentações triviais, escreveu em sua Remington todo o conteúdo de seu tema. E apenas o leu, em sequência, sentado atrás da bancada. Ainda assim, não houve quem não se emocionasse com a performance.

Lembro bem que, no decorrer de mais de uma dezena de ciclos, os temas psicológicos eram os únicos que rivalizavam com os econômicos como os que chamavam maior público. Gikovate, Gaiarsa, Maria Helena Matarazzo, Gaudêncio, Içami Tiba, cada um a

Era prazeroso compartilhar da mostra magistral de conhecimento empírico

seu modo, tinha o poder de encantar e desvendar o âmago da alma humana. A plateia sempre se comovia ante tanta demonstração de sensibilidade, compreensão e facilidade em traduzir em palavras. Era uma hora especial da se-

mana. Um deles, no entanto, descarrilou. Considerado um dos mais importantes e atuantes na área do país, não conseguiu se ater ao tema proposto. E, em determinado momento, se mostrou muito remissivo a suas lembranças de infância, que fez questão de narrar. Soubemos que sua mãe teve câncer. Que o câncer era na genitália.



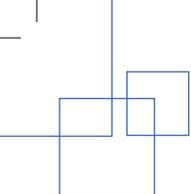
E que a única coisa que amenizava era massagem. Elabore isso na imaginação da plateia, lotada. Era desconcertante. E ponha embaraço nisso. E Goldberg, para surpresa geral, começou a se emocionar como se estivesse regredido à sua infância. “Eu, ali, a massageando, tocando suas partes íntimas, a aliviando da dor ...”, descreveu. Embargou a voz. Falava mais baixo. Os olhos começaram a verter lágrimas. Ele apertou o polegar e o indicativo contra os olhos e, subitamente, se levantou e tomou a direção da porta. Por um instante, ficou a dúvida: foi embora? Felizmente não, dirigiu-se ao toailete. Silêncio no auditório. Cada um dos presentes olhava para seu vizinho, espantado com a situação.

Foram alguns minutos de tensão, mas pareciam horas. Ele voltou, pediu desculpas à plateia, e terminou a palestra

Foram alguns minutos de tensão, mas pareciam horas. Ele voltou, pediu desculpas à plateia, e terminou a palestra. Ficou apenas uma dúvida, para muita gente. Com sua experiência, maturidade, tarimba, o distanciamento dos anos, acrescido do número de vezes que já deve ter contado essa mesma história, não dava para fazer um esforcinho e controlar?

São nessas horas em que, mesmo tendo tudo quase cronometricamente programado e controlado, e que se pensa que nada pode escapar ao roteiro, que a inclusão de personagens humanos melindra as certezas. Mesmo experimentados no ofício, grandes mestres são suscetíveis a emoções que afloram em horas impróprias. Nesse ponto, a gente percebe que, ainda que se trate de surpresa, ela pode ser previsível. Que bom que a vida nos reserva essas gratificações.

Naconecy



A festa do milênio

As festas do Decad são sempre assim: extrapolam fronteiras. Vem gente do Deorf, do Denor, do Deinf, das Gerências Técnicas e dos mais variados recantos do Banco Central. Como se não bastasse, marcam a união do presente com o passado, congregando ativos e aposentados, fraldas e sauros, crianças e outros seres pouco mais experientes. Parece vocação de um departamento que sempre está em contato com clientes, internos ou externos, buscando estreitar aqueles saudáveis laços de convivência. E, para um departamento de cadastro, nada melhor do que deixar registrados momentos marcantes de amizade e confraternização.

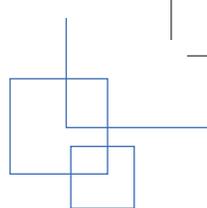
E são também festas animadas: dançantes, cantantes, sorridentes e sem hora pra acabar. Muitas vezes nos reservam surpresas. Algumas previsíveis, como a tradicional palavrinha do Sérgio Lima e as tiradas humoradas do Tadeu. Outras não tão previsíveis, como apresentações de cantadores nordestinos ou cafês da manhã com leite à pururuca.

O fato é que a confraternização do último dia 8 foi tipicamente "decadiana" e não deixou nada a desejar, a não ser um feliz natal e um próspero ano novo para todos. O palco do evento foi a velha e boa Asbac, às margens plácidas do Lago Paranoá. O principal ingrediente não faltou: gente. Gente com estória pra contar, com muita vontade de dançar e se divertir. Gente com disposição para reunir-se com colegas fora da nem sempre tranquila rotina de trabalho. Gente que quer brilhar e ser feliz, como diria Caetano.

Quem pensou que ia ficar só ouvindo CD a noite toda, enganou-se redondamente. Tinha música ao vivo, sim. Um conjunto afinado que tocava tudo: jazz, rock, anos 60, salsa, merengue, lambada, samba, pagode, música clássica, forró, *blues*, música sertaneja, baião e muito mais.

Lógico que não deu tempo para tocar isso tudo. Preferiu-se investir mais no pagode, no samba, nos anos 60, no carnaval e no forró. A novidade ficou por conta da animadíssima roda de samba, que revelou grandes passistas ao ritmo da palma da mão, e do surgimento de uma nova dança que deverá estourar no carnaval da Bahia do próximo ano, uma belíssima criação de Temóteo, o nosso "Coisinha de Jesus". Axé, encontremos logo um nome à altura para batizar a nova levada temoteana!

Na hora do intervalo, abriu-se espaço para a apresentação de um grande sucesso de público: um trio de Minas Gerais, comandado pelo maestro Oromar. Ó trio de Minas Gerais, quem te ouve



não esquece jamais! Ó trio de Minas Gerais! O trem foi bom demais da conta, sô!

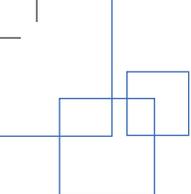
Outro ponto culminante da festa foi o bingo. Algo que poderia ser chato, repetitivo, cansativo, acabou sendo até divertido. Primeiro pela presença de três pessoas cantando os números (e os números acabaram não caindo na cantada de nenhum deles). Eram o Tadeu, a Dulce e o Sérgio Lima, assessorados moralmente pelo Pinheiro. Os fatos que tornaram o bingo inusitado foram:

A) a aula de matemática do Tadeu foi um verdadeiro exercício de raciocínio lógico e colocou a turma para pensar. A pedra 45 era 9×5 . A pedra 21 era 3×7 . No final, todo mundo reviveu aquelas emocionantes aulas de tabuada que nos deixavam maravilhados nos tempos de colégio.

B) Dulce implantou o sistema bingo leilão. Chamava um número e perguntava: "Quem dá mais, quem dá mais?".

C) a velocidade da chamada dos números era tal que todo mundo ficou alucinado e a previsível monotonia não veio. O negócio foi tão rápido que deu tempo de a Carla ganhar uns três a quatro prêmios.





D) Tadeu inovou ao enaltecer a Bahia, coisa que nunca tinha feito antes. Além disso, resolveu dar uma força pro nosso Rei no embaite com Maradona e improvisou ao chamar o número 10 de forma bastante peculiar: "Pelé! Pelé!". Para quem está acostumado com coisas mais fáceis como o tradicional "dois patinhos na lagoa", o bingo tornou-se algo bem mais enigmático.

E) os presentes foram bastante generosos. Teve gente que ganhou um conjunto com seis pentes. Porém, pela quantidade de cabelos que possuía, meio pente teria sido mais que suficiente.

F) no final, o Pinheiro resolveu dar o tiro de misericórdia: "Quem ainda não foi sorteado, venha aqui com o seu número e pegue o prêmio". Como se vê, outra novidade do evento: um bingo onde todo mundo ganha. Ou será quase todo mundo? Parece que o número do Rodrigo não saiu. Foi sabotagem ou risco de mercado?

Para quem queria se divertir, beber e, principalmente, comer, a festa foi prato cheio. O negócio foi tão animado a ponto de chegarem caravanas de pessoas oriundas de outras festas para prestigiar o evento. Só da boate do Deorf, chegaram vários colegas. Alguns vinham de muito distante mesmo: pela aparência, pode apostar que já estavam pra lá de Marraquexe!

E pra finalizar: se o Sérgio Lima, caindo na armadilha do Calovi, teve que discursar e aproveitou o ensejo para agradecer aos funcionários do Decad pela colaboração dispensada durante o ano, só nos resta agora seguir caminho parecido: agradecer à Comissão Organizadora pelo belo evento. Foi realmente de tirar o chapéu (inclusive aquele chapeuzinho vermelho e branco de Papai Noel que alguns estavam usando durante a festa). Passada a ressaca, tenho certeza que a volta à rotina nos será bem mais leve.

Feliz Natal a todos!

Antônio Maria Henri Beyle de Araújo

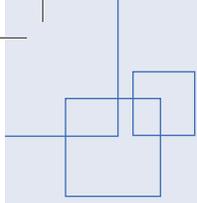


Filho da multa

O título de Departamento Jurídico era muito sugestivo. Muitos funcionários consideravam que, na necessidade, era o local a que poderiam recorrer, para uma assessoria legal num caso particular. Dr. Lourenção, o titular, conta que era comum que colegas fossem até ele procurando uma opinião para solucionar seus imbróglgios. Pacientemente, ouvia a todos. E com tirocinio aguçado e presença de espírito genial, encontrava alguma saída original e plausível. Pois foi o que aconteceu quando a colega Suely Cameirão o procurou, naquele final de manhã. Contou que estava num enorme congestionamento, do bairro do Tatuapé, no sábado à noite. E que, depois de muito tempo praticamente parada, notou que se fez um espaço diante dela. Antes que conseguisse se movimentar, e adiantar o carro, surgiu do nada outro veículo, que tomou sua frente. Não teve dúvida: abriu o vidro da janela e gritou:

– Filho da puuuuta.

Alguns dias depois, recebeu intimação da delegacia. O motorista do outro carro era autoridade de trânsito. Estava sendo enquadrada no artigo 331 do Código Penal. O normativo definia como crime "desacatar funcionário público no exercício da função ou em razão dela". A pena prevista era de seis meses a dois anos de detenção ou multa. Aflita, foi ver o que fazer.



Dr. Lourenção ouviu atentamente o caso. Fez algumas perguntas cirúrgicas:

– Estava escuro? Chovendo? Você estava de vidro fechado ou aberto?

Ela esclareceu que fazia neblina, já era noite, e que seu vidro estava semiaberto.

Ele pensou um tantinho, enrolou alguns fios do bigode e, num lampejo, saiu-se com uma versão definitiva.

– Você não ofendeu o outro motorista. Na verdade, percebeu tratar-se de um representante da autoridade de trânsito. Viu que estava praticando uma manobra temerária, e o interpelou: "Vou levar uma muuuuulta?" Assim, acha muito estranho que o rapaz a tenha interpretado dessa forma, digamos, pouco civilizada.

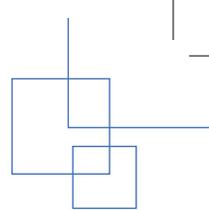
No dia marcado para a audiência, seu representando incorporou o roteiro, e narrou-o com requintes, ressaltando as qualidades da acusada.

– Excelência, note bem de quem se trata. Uma senhora, servidora pública, casada, com filhos e residência conhecida. Não é cabível imaginar que uma cidadã séria, educada, com esses predicados, se dirigisse a uma autoridade com tamanha falta de respeito.

O delegado examinou os elementos à sua frente, colocou as duas mãos em volta do rosto, enquanto dirigia os olhos para o lado, procurando o autor da queixa para, sutilmente, recriminá-lo. Que falta de sensatez, deve ter pensado.

Naturalmente, caso encerrado.

Naconecy



A força da solidariedade

Fazia três ou quatro anos que eu trabalhava no BC e, para minha sorte, já tinha conseguido alguns bons elos de amizade com os advogados do Nujur, o Núcleo Jurídico. Não imaginava que isso iria me salvar a vida. A carreira ainda estava começando. Não tinha chegado ao meu *point of no return*, aquela etapa do percurso em que o avião já ultrapassou metade do caminho, e não pode voltar ao lugar de partida. Assim, ainda jogava minhas fichas num curso universitário. Se não emplacasse como funcionário autárquico, quem sabe?

Naquele final de faculdade, também tinha alguns chegados, mas nenhum como Marino. Magro, espichado, cabelo preto espichado, era filho de um médico de Santa Isabel e fazia muito sucesso com seu SP2, carro esportivo da Volks. Por isso mesmo era de estranhar que seu único irmão fosse funileiro. Mas ele era meu chapa. Vivíamos juntos nos intervalos, e nos muitos trabalhos em conjunto. Então, era até compreensível que, quando soube que eu tinha feito uma colisão razoável na minha Brasília, oferecesse os préstimos de seu irmão para reparar. Fiquei relutante. Amizade e negócios sempre é mistura indigesta. Mas acabei levando o carro até Santa Isabel, perto de Jacareí, onde ele tinha oficina. Já havia feito outra avaliação, não esperava surpresas.

Dez dias se passaram, quando ele me trouxe o carro de volta. Estava impecável. Brilhando. Mas a conta que ele me passou – cruzeiros! – até hoje me aterroriza. Meu carro valia 9 mil; o orçamento que me passou chegou aos 7 mil. Como assim? Ele justificou que o irmão havia trocado todas as peças avariadas, e que comprou novas em concessionária. Daí o preço. Não me conformei. Tentei argumentar pela razoabilidade, a proporção do valor do conserto com o do carro. Disse imaginar que seria mais racional procurar peças usadas, no mercado, em vez de novas. Ele disse que falaria com o irmão. No dia seguinte, ele voltou a bater o pé, confirmou a atitude e o preço. Era isso, e essa era a última palavra. Se era

Disse imaginar que seria mais racional procurar peças usadas, no mercado, em vez de novas



para endurecer, eu também sabia. "Só vou pagar o mesmo valor dos orçamentos que já tinha feito". Para meu espanto, a conversa se dirigiu para um patamar novo. O da ignorância. Dizendo que não aceitava nada menos que o que me apresentou, prometeu que me esperariam, ele e o irmão, na saída do meu trabalho. E que me quebrariam a cara.

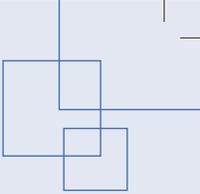
Bem, eu trabalhava no 17º andar, e tinha acesso às janelas frontais do prédio. Se eu não acreditasse na ameaça feita, a visão de ele e o irmão sentados na mureta lateral da entrada do prédio, no final da tarde, era bem eloquente. Eu não iria me expor a tamanho vexame. Tratei de contar para os amigos chegados, os procuradores Lourival e Serrano. Eles se encarregaram de espalhar para outros. Lourenção, Osvaldo, Terra Nova e Álvaro Celso também aderiram. Em conjunto, resolveram que fariam minha escolta, na saída do prédio. Nunca sairia sozinho.

E não sai. No final do expediente, tinha três amigos de cada lado. Para sorte das colunas policiais, na hora em que irrompemos o pátio de entrada do prédio e saímos, não havia mais ninguém à espera. Não houve confronto. Teriam eles se amedrontado? Nunca iremos saber.

Nos dois dias que se seguiram, permaneceu aquela vigília dos dois na mureta, ao final de tarde. E o espetáculo da minha saída, sempre muito bem acompanhado. Para sorte de todos, o desforço físico nunca foi consumado. Talvez eles tenham percebido a minha força coletiva, e a comitiva que os esperava.

O caso foi encerrado quando eu fiz um depósito na conta do ex-amigo, a partir daquele incidente. Nunca mais o vi. Os seis amigos solidários, no entanto, permanecerão para sempre nas minhas memórias afetivas, como exemplos vivos de solidariedade.

Naconecy



Frenesi e preconceito

Se tem situações em que você se sente pequeno, envergonhado pelo comportamento alheio, era bem assim que me sentia no final dos anos 1980, trabalhando na Repes, de São Paulo. Vigorava um medo coletivo causado pela Aids, na época um flagelo sem cura, sem causas determinadas, com formas de transmissão nebulosas, e também sem controle efetivo. Em todo lugar. Tudo era motivo para pavor, medo extremo de contaminação. Temia-se qualquer contato. E, como se sabe, estar magro era possivelmente sinal de doença.

Foi numa temporada dessas que a funcionária Sueli, simpática, extrovertida, rechonchuda, tinha costume de se encontrar com frequência com o marido, também simpático mas com imagem corporal diametralmente oposta. Era magérrimo. Um casal que chamava a atenção pelo contraste.

Tomavam café, batiam um papinho, trivialidades do gênero. Antes de sair, no entanto, ele se utilizava do banheiro do andar. Para quê? Ninguém mais do andar queria se utilizar daquelas instalações, até o final do dia. Um repassava a informação para o outro, num clima insano de histeria. No limite, chamavam o pessoal de limpeza, para desinfetar. Era bem acintoso. Vergonhoso, também. Como era terrível a mistura de desinformação com insensibilidade.

Na época, o rapaz tentou realizar tratamento odontológico. Mas não seguiu em frente

Na época, o rapaz tentou realizar tratamento odontológico. Mas não seguiu em frente. Empurrou com a barriga. Todos os dentistas consultados exigiam que ele fizesse, antes de tudo, um exame anti-HIV. Ele se recusava. "Não preciso, sei que sou saudável", repetia.

Anos mais tarde, consegui meu intento. Mesmo que muitos ainda seguissem esse protocolo, os profissionais mais esclarecidos sabiam orientar e se portavam, afinal de contas, como se todo paciente fosse um possível infectado. Sábia e sensata medida.

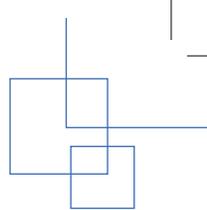
Os dias passam, a vida rola. O casal seguiu unido. Adotaram duas crianças. Feliz e realizada, Sueli agora voltou a se preocupar com a forma. Em meados dos anos 1980, chegou a ficar seis meses internada num famoso Spa de Sorocaba, quando perdeu 70 kg. Era

moda, para quem tinha o problema de sobrepeso. Um ano depois, sem ter alterado os hábitos alimentares, milhões de pacotes de biscoito duchen à frente, tinha readquirido a antiga forma.

Agora, talvez, tinha chegado a hora de retratar do assunto. Voltar a pensar na saúde. De uma forma definitiva, se possível. Fez consulta com especialista. Ele solicitou uma bateria de exames. Ela levou a sério e fez. Apareceu o inimaginável. Ela tinha o HIV. Sensibilizado, o marido também foi realizar os exames. Também padecia do mesmo mal. Para sorte da dupla, e das filhas adotadas, os tempos eram outros. Os coquetéis de remédios são bem eficazes e permitem que se leve uma vida bem próxima do normal.

Naconecy





Futebol do faz de conta

Na antiga redação d'A Gazeta Esportiva, era costume de jornalistas brincarem com uma gincana em que, para vencer, tinha que se relacionar todos os 26 sinônimos de "jogo": altercação, atividade, batalha, certame, combate, competição, concorrência, concurso, confronto, contenda, desafio, digladição, disputa, embate, encontro, espetáculo, luta, páreo, partida, peleja, porfia, prélio, pugna, refrega, rivalidade, rixa. Era uma brincadeira saudável, já que era questão básica de qualidade de escrita evitar repetições, que tornam o texto pobre e monótono. Quem apreciava boas matérias gostava dessas charadas lúdicas.

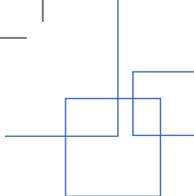
Meus principais amigos estavam tendo iniciação nesse jornal do grupo Folha, enquanto eu, que apreciava escrever e também vibrava com esporte, começava a carreira jornalística num vespertino que também não existe mais, o Popular da Tarde, veículo esportivo editado pelo também finado Diário Popular, de São Paulo. Isso, enquanto não decidia se a carreira no BC é que iria me "dar a camisa", como minha mãe dizia, em seu gauchês, o que significava "prover meu sustento".

Essa redação mambembe
foi escola de uma geração
inteira de jornalistas

Naquela época, metade dos anos 1970, quase tudo era feito na raça. Recursos eram bem escassos, sempre. Para fazer uma ideia, de início todo mundo era obrigado a pagar um pedágio, nesse tipo de redação: fazer cobertura de esportes considerados menores, como vôlei, basquete, handball, corridas, golfe, turfe e outros menos divulgados ainda.

Copidescávamos as matérias, o que quer dizer, no jargão jornalístico, que formatávamos para se adequarem ao espaço que havia, nas páginas. Depois de algumas semanas, se tínhamos mostrado algum talento pra coisa, começávamos a ser escalados para a cobertura futebolística. Que era supercobiçada.

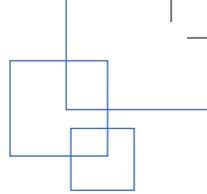
Era uma glória ser um repórter de campo. O Pacaembu, por exemplo, era Wembley para jornalista esportivo, só equiparado ao Maracanã. O primeiro jogo para o qual fui escalado foi um Portuguesa e Flamengo, numa noite de quinta-feira. A Lusa tinha nas suas fileiras Enéas, Dicá, grandes craques da época, além de Basi-



lio, que mais tarde faria aquele gol antológico para corintianos, que valeu o título contra a Ponte Preta. O Mengão trazia o esquadrão campeão da Guanabara do ano, contando com o goleiro Renato, Rodrigues Neto, a categoria de loiro Zanata, e o argentino Doval. No final, 1 a 0 para o time fluminense, gol de anjo, verdadeiro gol de placa, de Fio Maravilha. Fiquei atrás do gol, e no final fiz entrevistas nos vestiários. Voltamos para a redação, escrevi as matérias e fui liberado umas duas da manhã. Feliz da vida.

Nessa época, conseguia a façanha de trabalhar apenas nas noites, enquanto às tardes cumpria expediente no BC. E estudava pelas manhãs. A gente fazia tanta coisa que nem cabia nas 24 horas.

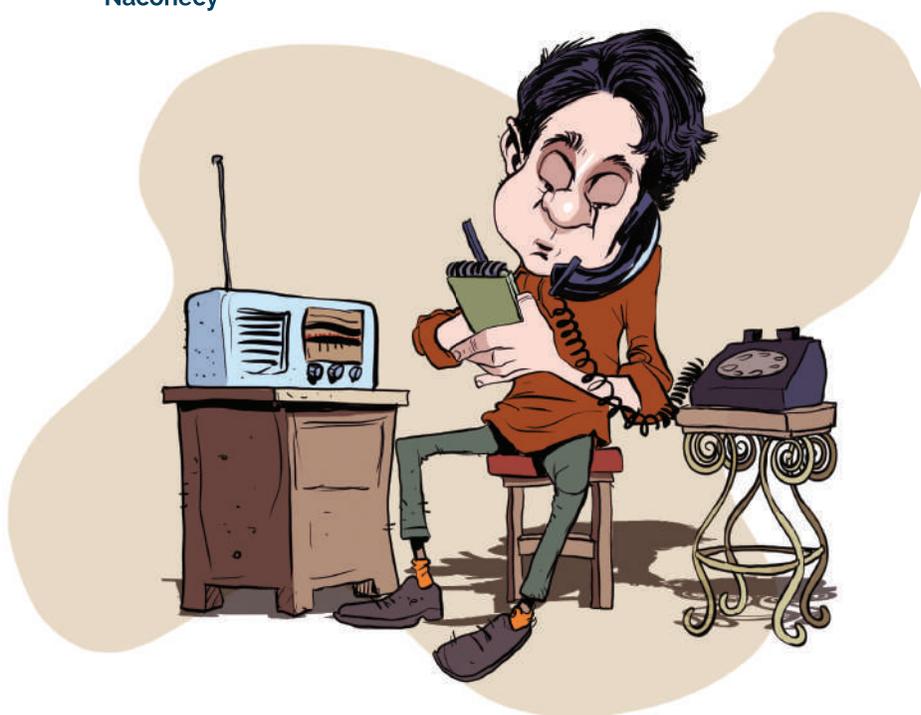
Mas fui aprender mesmo o que era ser criativo quando nas quartas feiras tinha que dar plantão na redação. Naquele tempo, o campeonato brasileiro era enorme, jogos em todos os recantos, e tinha times de todo nordeste e norte. Ao mesmo tempo, os jornais tinham apenas cacife para fazer deslocamentos de seus repórteres, quando muito, e os jogos fossem muito importantes, para o Rio de Janeiro. Do restante, a gente tinha conhecimento por fotos enviadas por teletipos e informações de rádio. No caso do Popular da Tarde, quando todos os jogos já tivessem encerrado, me cabia fazer matérias e comentários de 6 jogos, toda noite. Funcionava assim: entrávamos em contato com a central informativa da rádio Bandeirantes, e seus correspondentes nos passavam a ficha técnica dos jogos. Bem assim: telefone na orelha, copiava a ficha técnica: Moto Clube 3 x 2 Clube do Remo. Gols de Nequinho, ao 19, Roberval, aos 38 do primeiro tempo e aos 17 do segundo, para o Moto; Zique, aos 8 e Alcino, aos 27 do primeiro tempo, para o Remo. A renda foi de tanto, e o público de 3.832 pagantes. Com base nisso, eu tinha que "inventar" uma lauda – umas 35 linhas, de 30 toques, por partida. Do tipo assim: "Para um público pequeno e animado que compareceu ao Castelão, numa quarta-feira chuvosa, Moto Clube e Remo fizeram uma partida agradável e cheio de alternâncias, em São Luís. O time da casa tomou a iniciativa e incomodou o goleiro Negrel, que mostrou logo a que tinha vindo.

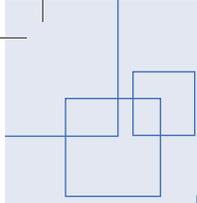


Mas aos 8 minutos, uma combinação de passes profundos encontrou o ponta Chaveirinho deslocado, na pequena área, para finalizar e fazer o primeiro gol!" E jogo que segue. Preenchia o espaço com essa fantasia, e quem comprava o jornal lia, ou eu pensava que lia, não imaginando ser faz de conta. Só não vinha com a tarja "esta é uma obra de ficção; qualquer fato coincidente com a realidade é mera coincidência".

Essa redação mambembe foi escola de uma geração inteira de jornalistas. Era uma vivência entre ficção e realidade, que ainda ia forjar muitos escritores e amantes da fantasia.

Naconecy





Um guerrilheiro na seção

Poder é como luxo: se você experimenta, dificilmente consegue se contentar com menos. Lourival Gomes de Oliveira, procurador concursado entre os dez primeiros, no primeiro concurso específico para o cargo, no BC, era prova viva de quem não sossegava com menos do que já tivera. Delegado da Polícia Federal, em alguma fase do início de carreira considerou que ser advogado do BC era uma carreira com mais futuro. Talvez financeiramente pudesse ter tido alguma razão. Mas salário não é tudo.

Como tinha conhecimentos sólidos sobre direito, passou tranquilo no concurso. E se enturmou rápido com seus novos colegas. Não digo que seria líder, mas era bem um chefe de facção. Seu jeito e sotaque mineiros vestiam bem o carisma de influenciador que não aceitava ordens de cima que não fossem muito bem justificadas. E muitas não eram.

Em pouco tempo, foi-se caracterizando como um iconoclasta, uma voz que não fazia coro com o que pretendia a direção do BC em São Paulo. Fazia uso de táticas de guerrilha, adaptada a corporações. E conseguia adeptos. Vários. Discutia tudo, e não se conformava com facilidade a prazos, encaminhamentos, orientação de pareceres, despachos, nada que não comungasse com sua lógica ortodoxa.

Certa feita, depois de muitas insubordinações, a administração do Banco em SP resolveu fazer uma intervenção na secretaria, para impedir que os processos circulassem sem muito controle interno, ou tivessem acesso a quem não fosse o interessado. Remo-

veu todos os três funcionários da secretaria, tidos como muito amigáveis, e colocou Silvío, comissionado conhecido por ser cumpridor de ordens superiores, com outros três, para ter maior

Fazia uso de táticas de guerrilha, adaptada a corporações. E conseguia adeptos. Vários

controle sobre os procuradores. Sem a amizade e o coleguismo dos antigos ocupantes da secretaria, imaginava a administração, conseguiriam, finalmente, “domar” as feras.

Qual o quê. Em menos de um mês, o novo interventor da secretaria teve que sair em licença saúde, depois de ser praticamente



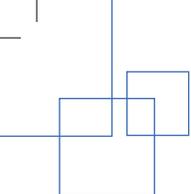
ignorado e desrespeitado por quase todos do grupo de advogados lourivalianos. Tinha tido problemas de pressão, além de ter sido afetado severamente no seu psicológico. Pouco depois, pediu para sair.

Noutro episódio típico de quem não perde a majestade, mesmo tendo experimentado uma hierarquia mais moderada, Lourival foi até a agência do Banco do Brasil, na esquina com a Augusta, para fazer um saque. Era perto das 16 horas, hora de fechamento do expediente. Pegou uma fila, aguardando a vez. Quando ela chegou, inexplicavelmente o caixa lhe disse que não ia poder mais atendê-lo, pois tinha outros compromissos e o correntista tinha pego a fila depois do horário limite. Ele ficou possesso.

Ligou para seus amigos na Polícia Federal. Em menos de dez minutos, cinco viaturas tinham cercado o prédio. O caixa saiu algemado da agência, chorando, e passou a noite na sede da Federal, pelo desacato.

Mas o estilo desse mineiro, como percebíamos no cotidiano, não ia ter muito futuro na capital paulista. Em pouco tempo, ele pediu para ser removido para Belo Horizonte, para ficar perto da família. Lá, cumpriu mais alguns anos num departamento jurídico diminuto, até que seu temperamento inquieto dirigisse as velas de seu destino para outro campo de trabalho. Prestou concurso e foi tomar conta de um cartório, na capital mineira. Lá, com amigos e colegas, pelo que se tem notícia, destila seu humor fino e a inteligência sagaz, que sempre o caracterizou.

Naconecy



Hipoglicemia

Analistas do mercado não consideravam Elmo Camões um presidente do BC dos mais aquinhoados com conhecimentos econômicos, quando foi escolhido por Sarney. Mas seu período à frente da instituição não passou em branco: foram instituídos os bancos múltiplos, que vieram a simplificar o sistema financeiro. Foi, também, o mais idoso a assumir o cargo, aos 61 anos, em 1988. Mas o que menos o tornava bem-vindo a seu gabinete em São Paulo nem eram questões administrativas ou financeiras, mas sim o temperamento bipolar. Tinha uma explicação: era diabético, e quando estava com hipoglicemia, isto é, o nível de açúcar no sangue baixo demais, coisas estranhas aconteciam com seu humor.

Toda sua assessoria ficava em alta tensão, quando ele chegava. Tudo era possível. Dia daqueles, a sempre eficiente Leyla Borges, que secretariou dezenas de presidentes e diretores do BC, já tinha recebido várias ligações procurando o dirigente. Cuidadosa, ela deixou as anotações à espera. Pouco tempo depois, ele desembarcou em seu escritório, no 19º andar da Paulista.

Com a profissional delicadeza de sempre, Leyla deu um toquezinho na porta, abriu a fechadura e foi entrando, para passar os recados. Inesperadamente colérico, ele a recebeu em altos brados:

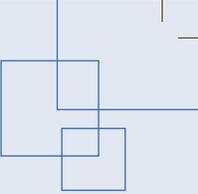
– Saia daqui!!!!, saia daqui!!!! agora!

Ela não perdeu a pose. Nem a viagem:

– Tudo bem, tudo bem, eu saio, mas não vou dizer que sua esposa ligou, e que sua filha também!

**Naconecy, narrado
por Eliana Hadade**





Incompatibilidade à primeira vista

Relacionamento humano não é tão simples como parece. Tanta coisa é envolta nesse encontro mágico que, às vezes, não se tem a percepção exata do que aconteceu para torná-lo, repentinamente, trágico. Outras vezes não se faz a menor ideia, mesmo. Química? Até as matérias mais fluidas são invocadas para tentar elucidar uma incompatibilidade.

Dia desses conversamos com uma credenciada da rede odontológica das mais simpáticas e competentes de nosso quadro sobre o assunto. Ela se lembrou de

um caso bem recente e típico que lhe ocorreu. Assim que a cliente irrompeu pela primeira vez na sala de seu consultório, ela pressentiu que não ia

ser uma relação fácil. "Sabe quando você sente que seu astral não bate com o dela, que algo indizível e abstrato já existe e constitui barreira? Que tudo o que você faz não é do seu agrado, o que você fala é motivo de desconfiança?". Pois é, é assim que a Dra. Maria Edith pinta esse tipo de envolvimento com esses pacientes que ela chama de "incompatíveis por natureza".

Na primeira vez em que a viu, já teve a sensação de clima desagradável. Como não é de desistir ao primeiro desafio, foi desenvolvendo o tratamento, injetando seu sopro de ânimo em papos corriqueiros, que sentia nunca soarem naturais. Mas a cada passo que dava tinha a impressão de que a percepção discrepante era mútua. "Tudo o que falava ela não aceitava sem algum questionamento; as restaurações simples que fazia eram motivo de relatos de sensibilidades fora do comum na sessão seguinte. Parece que tudo o que realizava estava destinado a dar errado".

O sentimento era tão crescente que, a partir da terceira consulta, ficou torcendo para que a cliente encontrasse alguma desculpa para não voltar mais ao consultório. "Chegava a ser torturante consultar a agenda do dia e verificar que seu nome estava lá, estampado por extenso.

À certa altura, a dentista achou por bem nos ligar contando o que acontecia, e previamente alertando para uma possível queixa

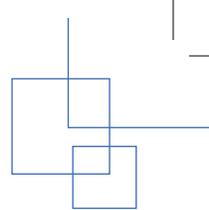
Mas a cada passo que dava tinha a impressão de que a percepção discrepante era mútua



que seria feita sobre seu desempenho profissional, já que a insatisfação era renitente, e aparentemente incontrolável.

Finalmente a cliente um dia telefonou. Mas não deu muita relevância para o que ocorreu. "A dentista definitivamente não acertou comigo; os dentes que restaurou acho que precisavam de tratamento de canal, e ela demorou para decidir", resumiu. Por fim, solicitou-nos a sugestão de outro profissional para dar prosseguimento a seu tratamento. Para alívio de dra. Maria Edith, fornecemos algumas opções. Provando que os segredos do relacionamento são mesmo muito pessoais, soubemos que concluiu sem intercorrências seu tratamento.

Naconecy



Jogo da verdade

Éramos novos no Banco, ambos técnicos básicos, cheios de sonhos na vida, caídos de paraquedas num setor ainda em formação. Em grande parte do tempo, não tínhamos nenhuma tarefa, e preenchíamos as horas jogando conversa fora. Odete era de uma inteligência aguçada, casada, uns 25 anos, formada em sociologia. Eu era mais novo, muito inquieto a ponto de meu superior ter me aconselhado, num bilhete icônico, a "não tomar iniciativas". Os papos eram sempre estimulantes, durante as seis horas em que trabalhávamos. Quebrávamos um pouco o silêncio reinante na secretaria daquele setor de assessoria, composto por um chefe, quase sempre às voltas com outras missões, e mais uma funcionária nipo-descendente, muito caladinha.

Vivíamos os anos 1970, fervilhante de questões relacionais e de costumes. Então, dia daqueles, já com certa intimidade, contei a ela uma história que tinha ouvido sobre um casal formado há pouco tempo. Em meio à tranquilida-

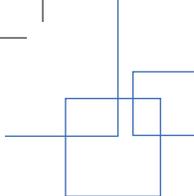
de dos dias normais, depois de momento mais reservado e relaxante, a mulher, sugestionada por um desafio muito em voga naqueles anos de

abertura, chamado de "jogo da verdade", fez uma proposta ao marido: que contassem, um para o outro, toda a sujeira em matéria de comportamento e traições que eventualmente tivessem feito, até então, para que, além de nenhum passar por bobo, num ato de desprendimento mútuo, por reciprocidade, se perdoassem e recomencessem a relação zerada, sem mácula ou problemas desconhecidos dos parceiros. Naquele caso, o marido era quem começaria a confessar, e ele achou que entendeu o espírito da coisa.

Foi a senha para jogar todos os podres na lavanderia. Abriu que tinha transado com colega de trabalho, com funcionária de supermercado, com amiga da prima, e mais algumas raparigas. A mulher queria morrer: tinha criado o clima para a brincadeira, mas esperava realmente que o marido, mesmo prensado contra a parede, dissesse que estava limpo, e que nunca tinha pisado fora do seu quadrado. Não foi nada disso que aconteceu. Ela, decepcionadíssima, largou então do marido infiel.

Bem, depois de contar essa história, me gabei de superexperiente, e atochei que todo homem é um pouco trouxa neste sentido,

Não foi nada disso que aconteceu. Ela, decepcionadíssima, largou então do marido infiel



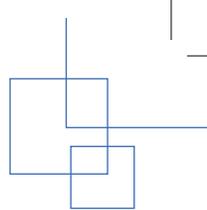
e que esse comportamento hipócrita e no fundo exibicionista era quase sempre o padrão masculino. Ela se encheu de bríos, disse "de jeito nenhum", e que punha a mão no fogo pelo marido. Ironizei que ela seria conhecida, se arriscasse mesmo nesse desafio, como uma servidora maneta. Ela guardou na memória minhas palavras. Disse que iria me fazer engoli-las a seco.

Fim de semana passou. Segundona braba logo estava de volta. Nós, outra vez, compúnhamos o mesmo cenário. Notei que ela estava um tanto diferente. Séria, macambúzia, parecia fugir das conversas. Quase no final do expediente, resolveu se abrir, para mim. Na real, tinha feito o "jogo da verdade" com o marido. E ouviu tudo o que nunca, jamais esperava saber. "Ele teve o desplante de contar que tinha tido casos com a secretária, com uma amiga minha que conheceu em casa, com uma prima e com mais duas ou três mulheres, nos últimos tempos", disse com toda a indignação do mundo. E se você, respeitável leitor, conhece bem a natureza masculina, sabe que, se entregou essa meia dúzia, provavelmente estava sendo muito comedido nas narrativas. Se o cara tem essa vocação, você me entende, certamente não iria se restringir a estes poucos casos. Mas vamos assumir que seja verdade. Ela estava da vida. Queria porque queria largar do marido para sempre. Surpreso com o desenvolvimento da história, investi na de aplacar os ânimos. "Vai com calma, pensa bem, você tem uma relação de vários anos, diz que gosta do rapaz. Deixa o sangue esfriar, conversa com ele sem essa emoção nas veias", aconselhei.

Ela voltou para casa, indócil.

Dia seguinte, quase ao final do expediente, quis voltar ao assunto, remoer as mágoas. Inconformada com a atitude do parceiro, ela começou a falar comigo como se eu fosse grande conhecedor das emoções humanas. Um guru do amor. E, numa reviravolta compreensível para o roteiro, começou a achar que nutria uma afeição muito especial pela minha pessoa. Quem me conhece sabe que estou longe de ser um Gikovate. Então, usando das ferramentas que um protótipo de jornalista tinha às mãos, fui tentando demovê-la da ideia, dizendo que ela estava, na verdade, fazendo uma transferência. Sim, puro psicologismo. Atordoada com tantas emoções inesperadas, ela não conseguia colocar o coração na direção certa da bússola.

Essa conversa terminou no dia seguinte, numa finalização quase rodriguiana. Novamente, final de expediente, mesmo local. Mas ela não queria, e eu também não achava conveniente, conversar no recinto do Banco. Então, saímos para andar um pouco pelo Parque Trianon, que ficava bem em frente ao antigo prédio do BC. Ela voltou ao assunto. Respondi com a consideração que uma colega querida e machucada merecia. Talvez tivéssemos ficado lá, senta-



dos num banco, conversando, uns vinte minutos. Tinha muita gente transitando pelas ruelas, e já tinha anoitecido. Numa hora em que me distraí, fui surpreendido com um vulto junto a mim, que me desferiu soco. Isso mesmo, um sopapo no meio da fuça, que foi reforçado com exclamações do tipo: "Seu safado, eu te pego, safado". Percebi que era o marido da colega. Muito rapidamente, tentando me recobrar, me levantei e imaginei rápido o que fazer: brigar com o rapaz, dar-lhe uma surra, me engalfinhar até que a polícia chegasse, mostrar minha indignação pela injustiça? Hum, não era minha índole. Em poucos segundos, recolhi minhas tropas, e me retirei do recinto.

Nos dias seguintes, um estranhamento. Ela não compareceu ao trabalho. Teria ficado envergonhada com a história? Possível. Teria sido submissa e atendido a exigência do marido para se desligar do trabalho? Provável. Uma semana depois, sem ter nenhuma notícia, fiquei sabendo pelo Departamento de pessoal: ela tinha vindo, discretamente, num dia daqueles, e assinado sua carta de demissão. Quase trágico, mas compreensível.

Naconecy

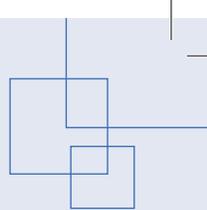


Jornal na represa

Nunca antes na história das Asbacs se viu o casamento de opulência com participação, como nos relaxados anos 1970 e 80. O clube era um *point*, as atividades cheias de interessados, programações culturais, esportivas e sociais bombavam. O diretor regional paulista, extraído da colônia nipônica, Alberto Matsumoto, não queria fazer feio. Além do informativo para sua comunidade, feito em xérox, que era tradicional, pretendia incrementar com outro feito em offset. Esse processo era feito em gráfica, e trazia acabamento impecável. O novo capitão tinha visão e sabia que uma boa divulgação era chave para uma administração. Mas se deparou com um entrave. Não dispunha, entre sua dezena de colaboradores, de nenhum com formação de jornalista. Foi quando soube da minha graduação. Fez-me o convite.

Surpreso, eu disse que topava o desafio. Mas queria carta branca para tocar o projeto. Ele me garantiu que dava. Já existia um arremedo de jornal que havia saído, "mas não gostei do resultado", disse. Selamos o acordo com um aperto de mãos. Fiquei de elaborar um esboço do que seria um jornal dirigido ao público usuário da associação, e mostrar a ele.





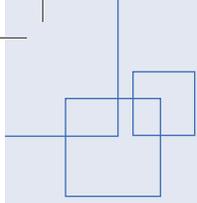
No dia seguinte, Alberto voltou a me ligar. Disse que havia comunicado aos demais diretores, e que eles gostariam de me sabatinar sobre o assunto. Não vi problemas. No fim daquele expediente, estávamos todos na mesma sala. Era cerca de uma dezena, a maioria eu conhecia de vista, apenas. Pela cara sisuda de quase todos, podia imaginar que me convidar não tinha sido ato de comum acordo com todos, ou previamente anunciado. Pois se sentaram e começaram a arguição.

Josemilson Guilherme, um Asa franzino e articulado, era o porta-voz da turma. Era dele também a concepção e autoria da maioria dos textos do jornalzinho que havia sido editado, intitulado "O Vogal". Perguntaram-me primeiro sobre minhas pretensões. Falei de um veículo que atendesse às aspirações da comunidade, que fosse basicamente um prestador de serviço. E que contivesse análises, comentários e impressões sobre atividades culturais, sociais e esportivas que envolvessem associados. Josemilson replicou: "Como assim? E como é que vão ficar as crônicas e contos que já começamos, no primeiro número?" Argumen-

Toda a diretoria havia se demitido, em conjunto, em desagravo pela escolha do jornalista

teí que poderíamos reservar número semestral, ou anual, com as melhores manifestações literárias de diretores e associados, se fosse o caso. Mas que não via espaço num jornal mensal ágil, vivo, interessante para conteúdos frios, sem conexão com acontecimentos. Desconsolidado, ele treplicou: "E o que vou dizer para minha tia? Prometi que minhas crônicas e poesias iam ter continuação. "Você vai dizer a ela que vão ter descontinuidade, e que talvez reapareçam daqui um tempo", tentei contemporizar. Enraivecido com o que considerava ser um comportamento inflexível de minha parte, foi conseguindo sensibilizar os demais componentes da diretoria presentes. O chamado espírito de corpo. Logo, muitos estavam considerando minha atitude antidemocrática, rígida, intransigente. Meus argumentos sobre modernidade, conexão com o que se fazia em instituições contemporâneas, não impressionaram a plateia. Fiz um último apelo à razão, levantando que, se o diretor regional estava contente com a fórmula e o resultado que já tinha, não teria me chamado para alterar. Sem acordo. A reunião acabou, e os que se prontificaram a descer comigo no elevador já faziam questão de olhar para baixo, para não me cumprimentar. Tinham ficado "de mal", virado inimigos.

No dia seguinte, ainda pela manhã, uma notícia ecoou pelo prédio. Toda a diretoria havia se demitido, em conjunto, em desagravo pela escolha do jornalista. Sabendo dos acontecimentos, o diretor Alberto se reuniu com o chefe de administração da Delegacia,

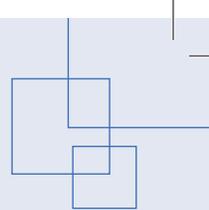


Araken Farias, que tinha todo interesse no bom funcionamento da Asbac, importante braço social dos servidores. Chamando um a um os diretores, o chefe conseguiu com que todos voltassem a seus postos. Mas isso não alterou seus ânimos.

O segundo número de "O Vogal" saiu, e teve ótima repercussão entre os associados. O próprio Araken me chamou para exaltar as qualidades da publicação. "É porreta. Não me lembro de ter visto algo assim tão caprichado e bem feito". Vindo de quem vinha – era tido como dirigente de inteligência rara e enorme cultura – tratava-se de um elogio e tanto.

Mas nem tudo eram flores. Os diretores contrariados passaram a tratar a vingança como prato que se come frio. E a chance apareceu, no número seguinte. A pressão sobre Alberto apertava. Ele resolveu, estrategicamente, pegar umas férias. Na hora da composição do jornal, que era feita numa oficina no bairro da Liberdade, comecei a receber telefonemas de Josemilson. Era ele o substituto. Passou a fazer sua chantagem. Exigia que eu trocasse o logotipo, que incluísse suas poesias. Fez um ultimato. Se eu não cedesse, não distribuiria o jornal pelo prédio. Tentei contato com Alberto. Estrategicamente, ele se colocou incomunicável. "Fui contratado para editar, escrever matérias, reportagens, acompanhar a composição e fazer com que o trabalho chegue até a associação. O que vocês farão com o material, se vão distribuir aos associados, forrar chão de cozinha ou jogar na represa de Guarapiranga, é problema de vocês", respondi. Não imaginava que essas sugestões fossem literalmente acolhidas.

Bem, jornal impresso, foi retirado por funcionário da secretaria da Asbac. Mas nunca foi distribuído. Nos dias seguintes, colocaram uma filipeta no panfleto de divulgação semanal. Falava que "problemas técnicos" haviam impedido a circulação de "O Vogal".



Aconselhei-me com amigos advogados. Encaminhei pedido de esclarecimento à diretoria da Asbac. Como tinha sido contratado para confeccionar o jornal, acompanhar sua edição até o final, e havia testemunhado todo o processo sem nenhuma intercorrência, queria que me esclarecessem quais seriam tais "problemas técnicos". Os ocupantes transitórios da chefia da Asbac não tinham o que responder. E deixaram o rojão para a volta do titular.

Semanas depois, quando voltou, Alberto soube do imbróglio. E queimou fosfato para tramar uma solução, digamos, pouco usual. Conseguiu uma cópia em papel do jornal, já que o fotolito também havia sido descartado. Fez tirarem uma foto dessa cópia, novo fotolito, nova impressão. O novo trabalho, cópia de cópia, era visualmente horroroso. Um rascunho esmaecido. Mas foi pago novamente. E finalmente feita a distribuição, anexando um oitavado com desculpa pelo atraso.

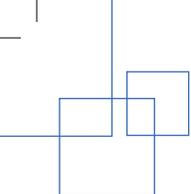
Na semana seguinte, passei pela secretaria para satisfazer uma curiosidade. Qual teria sido a manobra contábil para se pagar o jornal em duplicata? Vantoir, o encarregado, me mostrou os registros: haviam forjado uma compra de 5 mil envelopes, para a Associação.

O ato era indecoroso. Os colegas tinham tomado uma medida administrativa que lesava os recursos que deveriam proteger. O que fazer? Denunciar para a chefia da Delegacia? Exigir punição para a imoralidade? Levar adiante a apuração da sujeira? Bem, eu era um funcionário novo, tinha longa carreira pela frente. Iria, certamente, ter que conviver com aquele mesmo grupo pelos anos seguintes. Certamente, iríamos nos esbarrar em outros setores no futuro.

Quer saber?

Demiti-me do jornal e tomei a decisão: segue o jogo.

Naconecy



As leis de Newton

Festivo e festeiro, Seu Newton sucedeu o primeiro diretor da Asbac na Bahia, Seu Luiz Pereira Barbosa. Na companhia de Antônio Passos Filho, fez uma gestão com marca e estilo, dando um dinamismo cultural até hoje lembrado com saudade. Espetáculos teatrais, shows, viagens por todo o Brasil e até fora, como na Argentina, foram constantes nesse período.

As festas de confraternização de natal ficaram lendárias, pela sofisticação de lugares, cardápios e elegância das mulheres. Era verdadeiro desfile de modas. Os destaques poderiam figurar em qualquer lista de elegância de Ibrahim Sued.

E Seu Newton se esbaldava com o sucesso, sorrindo feliz. Verdadeiro sindicato ambulante, em tempos de ditadura em que a repressão cerceava esse tipo de organização, ele vivia as delícias e agruras de buscar nossos direitos. Respirava isto e continuou a fazê-lo até mesmo quando se aposentou, comparecendo ao trabalho todos os dias.

Alegre, acessível, brincalhão, com senso familiar aguçado, fingia obediência à sua amada Áurea, de índole autoritária, mas encaminhava a vida completamente para suas necessidades e devaneios.

Até o final de sua vida, quase cego, ele comparecia ao Banco, sempre contente e buscando a convivência. Sentia-se tão em casa, gostava tanto das companhias, que certa feita procurou Graça Ledo, Celina e Guto, para que providenciassem uma festa/coquetel, para três dias depois, pois gostaria de celebrar o aniversário de casamento com os amigos do trabalho.

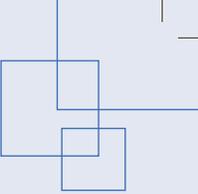
À pergunta que lhe foi feita se D. Áurea viria, ele respondeu:

- Não, ela nem precisa saber!

As leis de Newton eram adoravelmente muito próprias.

Luiz Augusto Feitoza Ferraz





Limite de expressão

Sempre popular e já no segundo mandato, o presidente FHC mantinha rotina de, eventualmente, se encontrar com empresários e dirigentes no 19º andar do prédio do BC, em São Paulo. Além de confortável, tinha salas que comportavam mais de uma dezena de convidados, além de localização muito estratégica e central. Mas, quando era confirmado que vinha, e a estadia envolvia contato com imprensa, sua assessoria fazia um pente fino pelas instalações. Removia qualquer coisa que pudesse ser incômoda, indesejável à imagem da presidência. Isso incluía quadros e pequenas esculturas com nus ou poses lascivas. Eu, como titular da Comunicação Social, muitas vezes acompanhava a varredura.

Com lente de jornalista, também competia a mim, quando achasse de interesse dos demais funcionários do prédio, noticiar acontecimentos que envolvessem autoridades que nos visitavam. Apesar de ser patrocinado pelo BC, nunca fiz o chamado jornalismo chapa branca, que só narrava notícias que falassem bem dos poderosos.

Numa dessas passagens pela delegacia paulistana, numa pequena nota em nosso jornal local, reportei esse cuidado com a boa imagem. Jocosamente, lembro-me de ter feito a menção de terem sido removidos "os pingolins" do ambiente. Para quê? Meu setor era novo e, no organograma da delegacia, era subordinado à Secretaria, cujo titular era Fernando Chalhub.

Ele era uma figura ímpar. Fiel a todos os delegados para quem trabalhou, sempre muito correto, não gostava de correr riscos, nem de dar chances a alguma desaprovação. Quando leu a edição do nosso informativo, Nota Nova, recém impresso, quase teve um piri-paque. Como teria deixado escapar de sua leitura prévia do jornal? Se o pessoal de Brasília lesse, segundo imaginava, certamente iria reprovar e, eventualmente, lhe puxar a orelha pelo problema.

Inquirido do problemão criado, eu sustentava. Dizia que fazia parte do tom leve que imprimia à publicação, que ajudava na leitura de matérias mais pesadas e, muitas vezes, técnicas, de interesse gerencial. Ele não engolia. Queria porque queria me botar um cabresto. E cuidava para que, das publicações seguintes, ele sempre tivesse acesso prévio. Para tanto, ficava sempre dando uma sobrevoada

no setor, para ver se ficava sabendo das datas de fechamento e, discretamente, pegar para ler antes que acontecesse nova "traquinagem".

Tempos depois, quis o destino que, novamente, tivéssemos uma contenda em torno do assunto: a fronteira da liberdade de expressão. Eu havia ido a Brasília entrevistar o primeiro presidente do Banco, Dênio Nogueira (a entrevista integral está neste livro),

para outro projeto. E resolvi aproveitar trechos escolhidos para incluir como matéria de capa no Nota Nova. Numa das perguntas, o fundador da instituição, já septuagenário, se permitiu a soltar a língua. Citando fato durante a presidência de Costa e Silva, qualificou o mandatário como "um gênio da burrice". Chalhub leu, ainda na prova. Nem preciso dizer o que achou. "Não tem cabimento um jornal pago por uma instituição do governo falar mal de um ex-presidente", dizia.

Sob o prisma da lógica aristotélica, tinha alguma razão de ser. Refutei com um: "Espera aí, quem expressou o pensamento foi o Dênio, não fui eu. Temos isso gravado, tudo registrado. E tem apelo jornalístico, o julgamento que uma autoridade tem sobre outra contemporânea. "Chalhub não se deu por vencido. Tomou nas mãos a página de jornal composta com o texto – naquele tempo já se compunha no PageMaker – e se dirigiu sozinho à sala do Delegado.

Explicou seu dilema, mostrando por que achava ter razão. Dez minutos depois, fui chamado.

Teria tido tempo de defender meu ponto de vista. Mas nem foi preciso. Carlos Alberto Ferriani, o delegado, captou a essência e, como já nos conhecia bem, resolveu simplificar. "Fernando, vamos fazer o seguinte: você, a partir de agora, se sinta desobrigado de fazer essa vista prévia no trabalho do Clovis. Deixa de ser sua incumbência, sua função. Está bem, assim?". Chalhub ficou ligeiramente constrangido, mas só um pouco. Parecia tirar um peso dos ombros. Do seu jeito, reconheceu a derrota, enrolou o orgulho entre as pernas, tirou o time de campo e voltou para sua escrivaninha.

Lá, como era sua índole, datilografou um termo de desoneração de serviço, em duas cópias. Voltou ao gabinete do delegado e, formalmente, o fez assinar o que havia decidido. De qualquer tsunami ou destempero jornalístico futuro, ele já estava resguardado. Para encaminhar sua tranquilidade num local bem seguro, cuidou de guardar o documento numa pasta metálica de arquivo, cuja chave só ele detinha.



Naconecy

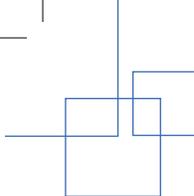
Lindão é meu!

Belém do Pará, a exuberante cidade do portentoso Teatro da Paz, foi palco de um dos mais hilários episódios protagonizados por dois candidatos à direção da Asbac. Corria o tempo em que este cargo recebia benesses de uma comissão que equivalia à de um coordenador do Banco Central. A renhida disputa contou com requintes de marketing político em que figuravam pesquisas de votos, propagandas diversas, apresentação de plataforma, debates e outras tantas manifestações.

Nas proximidades da região do Mercado Ver-O-Peso e da Estação das Docas, que ainda não tinha o sofisticado desenho atual, havia um boteco que o linguajar moderno classificaria de "descolado", de frequência de trupes variadas e sempre muito animado, inclusive por conta de uma antiga "radiola de fichas", que movimentava os frequentadores. Naquele dia, um fã de Fafá de Belém jogou todas suas fichas na popular cantora, para alegria da maioria dos presentes, o que deu ao fato um fundo musical bem interessante.

Em sua estratégia marqueteira, um dos candidatos marcou um *happy hour* para aquele local com os seus supostos correligionários, estendendo e divulgando o convite para todos os eleitores, o que redundou na presença de um de seus ferrenhos opositores. Lá





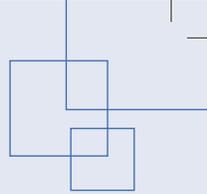
pelas tantas, quando grande parte do grupo já tinha se dispersado, sob efeitos etílicos que os deixavam nas alturas, acalorada discussão se fez presente entre os candidatos, cada uma de posse de pesquisas particularmente encomendadas.

Alto e bom som, um anunciava para o outro, "Pituba é meu", sendo imediatamente retrucado, "não, Pituba é meu!" Assim continuava, para espanto da plateia, o estranho diálogo, que variava de nomes, todos com a posse declarada de ambos. "Arlindo é meu!", "não, Lindão é meu!". A coisa tomou tal proporção que os contendores foram às vias de fato, partindo para a agressão, quando a turma do deixa disso resolveu interferir. O quadro apresentava botões arancados, camisas rasgadas.

Atônitos, os presentes testemunharam o proprietário do estabelecimento, aos gritos, acompanhado de dois fortes vigilantes, pegá-los pelas golas da camisa e anunciar:

– Seus chibungos de uma figa, vão cantar noutra freguesia! Aqui vocês não ficam nem mais um segundo! Nem nunca haverão de entrar. Querem machos? Esses machos são seus? Então vão decidir com os próprios. Aqui não! Meu boteco não é bar gay! Sumam e nunca mais subam sequer na calçada! Seus vi-a-dos!

Luiz Augusto Feitoza Ferraz, a partir de história de Glenir Cordeiro



As mangas de fora

Quando chegou do Rio de Janeiro, veio precedido de uma história triste. A filha tinha nascido com glaucoma, e iria ter que recorrer a cuidados especiais a vida toda. Talvez esse fator tenha atenuado a natural repulsa e o antagonismo paroquiano que se tinha por gente que vinha de fora ocupar cargos comissionados, no BC paulista. Era compreensível que se esperasse que um local fosse prestigiado com a almejada vaga, com adicional de chefia. O rapaz, de cabelos curtos encaracolados e bigodinho de canalha de western, também pela fala mansa recebeu o beneplácito da dúvida.

O setor, batizado de Reban, tinha uma característica única. Havia, na verdade, duas fornadas de serviços a executar. Uma pela manhã, outra à tarde, que era transmitida em torno das 14h00. Ou seja, muitos funcionários – quatro ou cinco – que cumpriam meia jornada, e chegavam ao meio dia e meia, ficavam quase hora e meia socializando, batendo papo. Aguardando com o que se ocupar. O novo chefe, era visível, ficava incomodado com essa história de subalternos "coçando".

Dia seguinte, mesma bat hora, mesmo bat canal, estava ele, a caminho do almoço

Depois de alguns dias ensaiando como iria alterar a situação, ele veio com um artifício. Rabiscou uma correspondência a caneta, e em sua hora de almoço, das 13 às 14h30, passou por minha mesa e a depositou. "Rafael, datilografa isso para mim".

Todos olharam a cena, nenhum problema. Tinha aprendido datilografia para enfrentar o concurso para isso mesmo. Era hora de demonstrar a expertise. Datilografei olímpicamente na minha Remington, e deixei o trabalho na mesa dele.

Dia seguinte, mesma bat hora, mesmo bat canal, estava ele, a caminho do almoço, deixando seus manuscritos sobre minha mesa. Perfeito. Nem precisei usar de toda minha habilidade para transcrever aquelas dez mal traçadas linhas à máquina. Novamente, pus sobre a mesa dele. Quando ele voltou do almoço, todavia, achei por bem fazer um esclarecimento. Fui até sua escrivaninha. "Paulo Eduardo, por favor, não sou especialmente bom em datilografia. Apreciaria muito se você distribuisse mais equitativamente esse tipo de trabalho, está bom?"

Tem horas em que se imagina ter passado um recado com perfeição. Que não há como criaturas de bom senso tergiversarem ou imaginarem um mal-entendido. Estava me sentindo assim, nesse

exato momento. Mas a sequência dos acontecimentos provou que estava redondamente enganado.

Outro dia, mesmo cenário, os demais colegas no ócio criativo bem assim como eu. Eis que o Paulo Eduardo vem com nova cartinha para datilografar. Passa rapidamente pela minha mesa, não fala nada, e a deposita sobre ela.

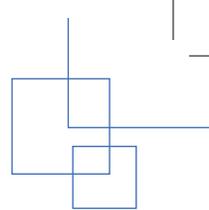
Há momentos de silêncio que dizem tudo. Esse era um desses. Não passei recibo. Fiz o que tinha de ser feito, com esmero. Passei o texto pelo teclado, à perfeição. Deixei o resultado sobre a mesa do chefe. Ato contínuo, fui até a secretaria do chefe de Divisão e pedi um impresso de requerimento. Solicitei para ser removido de setor. Para qualquer outro. Era o que podia fazer. Não iria me permitir ser discriminado injustificadamente, na frente dos colegas, ou me insurgir contra uma solicitação que claramente podia ser feita a mim, mas que se só fosse feita a mim caracterizava alguma experiência de diferenciação pela qual não queria passar.

Pouco depois das 14h40, percebi grande movimentação entre os comissionados do andar. Em seguida, o chefe da Divisão, Delvair, me chamou. Queria saber da motivação do meu pedido. Tentei ser furtivo, disse que eram problemas pessoais. Ele não se satisfaz. Disse que o lugar em que trabalhava, para ele, era sempre como uma família. E que não admitia dissonâncias entre integrantes de uma família. E que eu podia me abrir, que ele iria harmonizar a situação, se fosse possível. Bem, relutei mas acabei contando.

Imediatamente, ele pediu para chamarem o Paulo Eduardo. Tentou extrair dele alguma lógica na atitude. Ele corou, mas não conseguiu inventar nada plausível. Final do episódio: voltei para meu local, e para minha vidinha. Paulo voltou para a sua, onde viveu feliz para sempre. Mas nunca mais teve coragem de me pedir coisa alguma. Algumas vezes, nessas grandes e médias e pequenas corporações, o melhor mesmo é não deixar com que a lei da selva prevaleça. Se você não quiser ser a caça, assum-a a iniciativa.

Naconecy





Memórias afetivas

Tudo bem, sua função era bem espinhosa: recolher pertences de funcionários mortos, e entregá-los aos familiares. Talvez fosse mais indicado que alguma assistente social assumisse o posto. Exigia certa delicadeza no tratamento, fineza na condução do procedimento. Recepcionar a esposa, eventualmente o marido, dizer algumas palavras reconfortantes, mencionar o nome de deus, convidar para um cafezinho. Tudo isso que um profissional graduado no trato com o público sabe de sobejo. Mas o BC em São Paulo não tinha disponibilidade desse funcionário especializado. Então, Amaral, apelido de Antônio Carlos Rosa em homenagem ao craque da copa de 74, servidor na área de serviços gerais, que era pau para toda obra, assumia para si o posto.

Mesmo sem habilidades especiais, dessas refinadas em escola, Amaral tinha facilidade enorme na interação com gente. Para começar, é humilde e fala baixinho, o que são fatores de grande empatia para a média das pessoas. Parece, no mais das vezes, também ser aquela pessoa prestativa, amistosa, que quer ajudar.

Pois Amaral foi posto à prova naquela quarta-feira de cinzas de uma maneira das mais inusitadas, tendo em vista tratar-se do falecimento de grande amigo seu, o Liberato. Para extrema crueldade de quem gostava do morto, e gostaria de se despedir dele quando fosse o caso, ele partiu para outro plano ainda no sábado, ou seja, quando a maior parte dos colegas voltou ao trabalho, ele já jazia havia quatro dias, e as cerimônias fúnebres todas já tinham ocorrido. Para a quarta-feira, só sobravam lamentações. E o encontro de Amaral com a esposa do falecido.

Antes da conclusão, é melhor que eu me delongue sobre um aspecto da personalidade do finado, que era marcante. Não sei ao certo dizer se sua fama era de conhecimento da mulher. Mas em seu setor, seu codinome era Ted, acrônimo de "terror das empregadas domésticas". Não precisa explicar. Sua pegada era ser boa praça, a fala mansa e estar sempre alegre, em seus 50 e tantos anos. Levava tudo numa boa, até que uma enfermeira, com quem teve longo caso, num ataque de ciúme, destruiu seu carro inteiro com porrete. A partir daí, passou a ser mais precavido e seletivo. Mais recentemente, tinha se casado com uma garçoneira que conheceu numa padaria na Freguesia do Ô.

Sua pegada era ser boa praça, a fala mansa e estar sempre alegre, em seus 50 e tantos anos

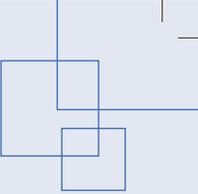


Foi essa parceira de Liberato que Amaral conduziu até sua última escrivaninha, no 6º andar, carregando envelopes e caixas vazias, para retirar seus objetos. Ambos ficaram sentados lado a lado, e Amaral foi acomodando as folhas, canetas, cadernos e muitas anotações nos invólucros. Até que chegou a hora de abrir a última gaveta. Uma caixa, fechada, no interior. Amaral conhecia o conteúdo; Liba era seu grande chapa. Ele retirou a tampa. Centenas de fotos, de Liberato com muitas companheiras, moças sozinhas, todas muito à vontade. Grande constrangimento. Amaral ficou sem o que comentar. O personagem das fotos era seu grande amigo.

Embaraçado com a surpresa da esposa ante tantas memórias afetivas, Amaral esboçou um último e tímido apelo à razão, indagando a ela se desejava levar tudo aquilo. “Me interessa sim”, ela respondeu de pronto. “Vou levar tudo isso”.

Se sua última parceira tinha o benefício da dúvida sobre a libertinagem de Liberato, a caixa – e o super sincero Amaral – trataram de desvanecer.

Naconecy



Memórias de um escriturário sem malícias

Prolegômenos

Ano da graça de 1964, 31 de dezembro, é criado o BCB pela Lei 4.595. Sua instalação se dá a partir de 1965 pelo aproveitamento dos quadros da Sumoc e pela transferência de serviços do Banco do Brasil, além da requisição de funcionários do mesmo BB, que foram transferidos juntamente com as tarefas que passaram a ser de competência da nova Autoridade Monetária.

No da graça de 1966, foi feito o primeiro concurso para funcionários do quadro próprio do BCB, os quais em sua maioria tomaram posse a partir de 1967. Uma exigência do certame estava em que os concursandos deveriam ter concluído o segundo grau, o que representava na época muito mais que a maioria dos cursos superiores reconhecidos pelo MEC, hoje em dia.

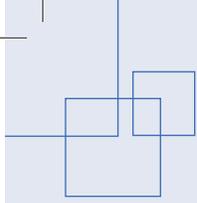
A maior parte dos aprovados era formada por cariocas, já que na Guanabara e no Rio havia sido feita a inscrição para o concurso, e foi o local em que provavelmente se dera a maior divulgação do evento. As vagas seriam preenchidas entre a então sede no Rio de Janeiro e as delegacias regionais, principalmente a de São Paulo, dando-se o direito de escolha àqueles segundo a classificação no concurso. Dessa maneira uma parte significativa dos que tomaram em São Paulo vinha do Rio de

Janeiro. Dá para adivinhar o choque cultural que então ocorreu. Não somente por esta razão, mas também porque os

colegas que haviam sido aproveitados do BB tinham uma formação bastante diversa dos jovens funcionários e pertenciam a gerações distintas, com diferentes visões da vida. Em sua maioria a escola dos antigos servidores tinha sido a do próprio Banco do Brasil, casa onde começaram a carreira e onde já haviam passado boa parte da vida.

Esse texto pretende rememorar alguns fatos relativos àquele momento histórico do ingresso dos aprovados no concurso e as experiências que viveram. Seus nomes não importa saber, figuradamente Antônio, Pedro, Heraldo, Marcos, José, Fabrício, Heloisa, Dora, e tantos outros. Sim, Heloisa e Dora, pois algumas representantes do sexo feminino formaram aquele núcleo primordial de

As historietas aqui contadas
correspondem a momentos na vida
de uma instituição que estava iniciando



funcionários do BCB, tendo encontrado na sua chegada um grande estranhamento dos colegas do BB, os quais eram originados de um verdadeiro *Clube do Bolinha*. Alguns nomes serão verdadeiros. Outros fictícios, de modo a se proteger as fontes.

Uma nota importante está em ressaltar que naquele tempo os primeiros dirigentes do BCB não sabiam ainda muito bem que tipo de órgão era um banco central. A única experiência anterior fora relacionada com a criação da Sumoc, de efeitos muito restritos, dada a estreiteza de sua competência. Funções típicas de bancos centrais eram exercidas pelo Banco do Brasil, as quais foram progressivamente transferidas ao BCB. Mas no início a índole do BCB estava fortemente marcada pela visão de que eram portadores os funcionários do BB que formaram o núcleo mais importante da nova instituição. Não existia ainda uma visão macro do que deveria ser o papel de uma Autoridade Monetária, o que exigiria a congregação de um núcleo de conhecimentos fundado em uma base orgânica adequada. Para chegar a ser um verdadeiro banco central o nosso BCB enfrentou anos de aprendizado até chegar ao ponto de ser reconhecido como um dos melhores modelos desse tipo de instituição financeira em todo o mundo. Disto nós, antigos e atuais funcionários, podemos certamente nos orgulhar.

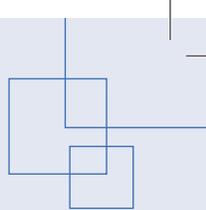
As historietas aqui contadas correspondem a momentos na vida de uma instituição que estava iniciando os seus primeiros passos dentro de circunstâncias históricas especiais. São incontáveis aquelas que podem ser narradas pelos funcionários que viveram aqueles primeiros tempos. Escolhemos algumas, especialmente as que têm um lado jocoso.

Vamos então a elas.

Gustavo toma posse no Vietnã

Julho de 1967. Gustavo estava de férias da faculdade, aproveitando o tempo para colocar os seus assuntos em dia e para descansar da labuta do primeiro semestre do segundo ano do seu curso, que não havia sido nada fácil. Meses antes estava trabalhando em um banco privado quando recebeu a notícia de sua aprovação no concurso do BCB e que deveria aguardar sua chamada para posse. O trabalho que exercia era mecânico, monótono e mal pago. Foi então que pediu demissão para livremente aguardar a sua convocação. Na verdade, meses se passaram e nada de ser chamado e sua cabeça foi esfriando em relação à primeira sensação de ansiedade de que fora tomado.

Um dia chegou um telegrama em sua casa: "Favor comparecer à Rua Líbero Badaró nº 595 para atender a assunto do seu interes-



se". Sem assinatura. Anônimo. Gustavo do jeito que estava tomou um ônibus para dirigir-se ao local indicado na missiva. De férias, havia deixado a barba escura crescer e seguiu em trajes esporte. Em 1967 barba crescida não era coisa que recomendava bem em muitos lugares. Foi o que o nosso herói descobriu somente anos mais tarde. Chegando ao local, o endereço correspondia a um prédio de quatro andares, no qual se entrava por uma porta larga, chegando-se ao *hall* onde havia dois elevadores. Não havia se apercebido de que na parte de cima da porta de entrada havia uma placa com os dizeres *Banco Central do Brasil – Delegacia Regional de São Paulo*.

Ao lado dos elevadores havia duas mesas e atrás delas duas pessoas sentadas em suas cadeiras. Gustavo mostrou o telegrama.

– Recebi este telegrama na minha casa. Não sei do que se trata. Tendo examinado o dito telegrama, um dos dois que ali estavam disse que era para que Gustavo tomasse posse no seu cargo. Ali era o BCB.

– Agora, perguntou ele?

– Agora mesmo. Você está com os seus documentos?

– Estou, mas não pode ser amanhã? Eu não vim preparado.

– Pode sim. O senhor fará tempo integral ou parcial?

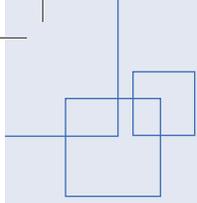
– Tempo parcial, por quê?

– Então sua posse será às 12:30 horas.

Naquele tempo os funcionários do BCB eram bancários e a jornada era de seis horas. Quem desejasse fazia um contrato especial para uma jornada de oito horas. Gustavo não sabia, mas aquela escolha representou o segundo ponto desfavorável na sua posse.

No dia seguinte, Gustavo chegou ao local da Delegacia do BCB, banhado, com a barba feita e de paletó e gravata. Ali estavam os mesmos funcionários da véspera, que quase não o reconheceram. Assinou os documentos de posse e foi enviado para o terceiro andar na seção de fiscalização bancária. Bem que ele notou algum estranhamento com a sua pessoa.

– Será que estou bem vestido?



Sim, estava. Paletó e gravata eram o seu dia-a-dia na faculdade e sua roupa estava em bom estado, combinando bem entre si os elementos de sua indumentária, inclusive a gravata. Os sapatos estavam bem engraxados e as unhas limpas. O que será que havia com ele?

Apresentado rapidamente ao chefe, foi levado para a sua mesa, recebeu a chave de um armário de aço onde guardaria as suas coisas e foi colocado a um subchefe que lhe explicaria o trabalho.

Ah, pensou Gustavo, finalmente um trabalho digno, depois de ter ficado alguns meses no banco anterior conferindo a assinatura dos clientes dos cheques que deveriam ser pagos. Finalmente um serviço que desafiaria toda a sua inteligência e descortino. Estava diante de um grande desafio para a sua nova vida! Certamente, já tendo cursado um ano e meio de direito, seria dado valor aos seus conhecimentos e ele seria indicado para alguma função importante.

– Senhor Gustavo, está vendo aquelas gavetas do arquivo aí em frente?

– Estou, senhor.

– Dentro o senhor encontra pacotes com fichas. Pegue-as e as coloque em ordem alfabética de nome, dia por dia e depois as passe em ordem para o colega da mesa em frente. Tem trabalho aí para o dia inteiro.

Gustavo foi até o armário e abriu uma gaveta. Ali estavam muitos, muitos pacotes de fichas em papel, amarradas com barbante, do tamanho mais ou menos de meia folha de ofício. Eram muitas. Muitas mesmo.

– E depois que eu terminar, perguntou Gustavo?

– Pegue mais na gaveta até terminar. Não se preocupe, amanhã tem mais.

Não, não era possível, deve ter algum engano, pensou Gustavo. Fazer um concurso daqueles para botar fichas em ordem alfabética? Havia tomado posse ao mesmo tempo com outro colega, que recebera a mesma tarefa, mas não teve coragem de fazer algum comentário a respeito. E tinha mais. Naquele banco em que trabalhara anteriormente, em um dado momento ele havia sido transferido para a Contabilidade. Ali ele lidava com fichas contábeis. Fichas e mais fichas. Elas chegavam o dia todo em montes e ele tinha que organizar para que depois pudessem ser feitos os lançamentos correspondentes.

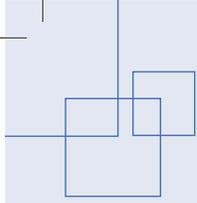
A única coisa boa e que as fichas terminavam de chegar às 17 horas e não havia mais trabalho a fazer naquele dia, sendo a sua jornada até as 19 horas, o chefe o deixava estudar. Mas fichas, Gustavo não aguentava mais vê-las na sua frente. E agora isto.

Gustavo foi para casa bastante desanimado e durante a noite teve um pesadelo. Um mar de fichas vinha sobre ele e o afogava. Acordou gritando socorro, suando frio. Ainda bem que ele morava sozinho porque teria matado de susto quem estivesse por perto.

Gustavo descobriu que trabalhava na seção chamada de "Circular 58", mais conhecida internamente como *Vietnã*. Aquela Circular era uma norma editada pelo BCB que determinava a expedição periódica de listas de emitentes de cheques sem fundo a serem encaminhadas aos bancos, que deveriam fechar as contas correspondentes dentro de um processo de moralização do uso do cheque. Depois de organizadas, as fichas eram copiadas em um papel azul, coberto de uma tinta especial para impressão em mimeógrafos a álcool. Quem lidava com aquilo no fim do dia ficava com as mãos manchadas de tinta que só saíam depois de muito esfregar.

E tome cheques sem fundos! Centenas de fichas chegavam por dia. Emitir cheques sem fundos era um esporte nacional tão forte como o *jogo do bicho*. Aqueles cheques eram conhecidos no mercado. *Boemia* (aqui me tens de regresso); *Elástico* (batia e voltava); *Borboleta* (circulava de dono em dono rapidamente); *Fiel* (retornava para o emitente); etc. Gustavo sabia que não ia faltar trabalho no *Vietnã*.





Um episódio quase eclesástico

Mais um dia na Delegacia Regional de São Paulo.

Da sala da secretaria dava para ouvir que o Delegado, Seu Alves, estava falando com seu Pereira com um tom de reprimenda.

Seu Alves, Benedito de Oliveira Alves, era o Delegado Regional do BCB em São Paulo. Digno representante daquela instituição, onde se encontrava no topo da carreira depois de mais de trinta anos de serviços. Vestia-se com apuro, usando sempre uma camisa branca muito alva, engomada e sempre bem passada, a gravata combinando com o terno, quase sempre cinza ou azul marinho.

Seu Pereira era um contínuo de carreira que trabalhava no gabinete, vindo do BB. Contínuo daquele tempo seria como um *office boy* de hoje. Mas como ele já tinha mais de sessenta naqueles pri-

meiros tempos do BCB, estaria mais para *office old man*. Carreira quer dizer que os contínuos progrediam ao longo dos anos, mudando de nível e consequentemente com aumento de salário. Era uma carreira estanque,

sem possibilidade de progressão para outra, a não ser mediante concurso que, acho, podia ser interno.

Seu Pereira era bem parecido com o Adoniran Barbosa. Vestia um terno de uniforme azul marinho, camisa branca, gravata e sapatos pretos. Ficava sentado na porta do gabinete do delegado, junto com outro colega, até que era chamado para alguma coisa. Levar documentos para outros andares, servir café e água, limpar os cinzeiros depois das reuniões e fumar um cigarrinho de vez em quando no banheiro.

– Seu Pereira, por que o senhor não se aposenta? Isto porque ele já havia passado com folga o tempo de se aposentar com salário integral.

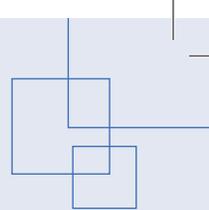
– Seu Gustavo, o senhor não conhece a patroa. Se conhecesse não me perguntava isso. Uma semana em casa e o meu caixão poderia ser encomendado.

Como foi dito acima, um dia se ouviu da Secretaria uma conversa do Pereira com seu Alves, que travavam o seguinte diálogo.

– Seu Pereira, o banheiro não está muito bem limpo. É preciso dar um jeito nisso.

– Seu Alves, se o senhor acha mesmo, só reclamando com o Bispo.

Um dia se ouviu da
Secretaria uma conversa do
Pereira com seu Alves



– Como seu Pereira, eu reclamar com o bispo? Isso é uma impertinência. Como o senhor pode me dizer para reclamar com o bispo?

– Seu Alves, não é com o bispo. É com o Bispo.

Assim se chamava o faxineiro displicente daquele andar.

Conflito temporal de gerações

No tocante aos horários da jornada de trabalho, as regras eram rígidas quanto às faltas e aos atrasos. Não chegar atrasado e não sair antes. E, para obviar inconvenientes, haviam sido estabelecidas algumas facilidades que deveriam servir para evitar muitos aborrecimentos e desculpas esfarrapadas. Eram concedidos cinco dias de abono de faltas por ano, que os funcionários poderiam gastar quando desejassem, desde que não houvesse faltas injustificadas. Cada um poderia chegar até cinco minutos atrasado alguns dias por ano (não me lembro bem quantos), quando era assinado o ponto na presença da cara feia do chefe. Também, alguns dias por ano era permitido chegar atrasado entre cinco e trinta minutos, quando se assinava uma folha suplementar. Pelo que eu me lembro, isso devia ser feito na seção de pessoal. Fora dessas hipóteses, o dia estava perdido.

Claro que para os cariocas, principalmente, voltar do Rio de Janeiro para São Paulo depois de um fim de semana naquela cidade sempre causava alguns desencontros. Isto porque nos primeiros meses de trabalho muitos dos colegas cariocas não haviam ainda montado o seu domicílio por aqui. E eles, até mesmo, achavam que poderiam antecipar sua transferência para a Cidade Maravilhosa antes do prazo mínimo de dois anos que constava do edital do concurso.

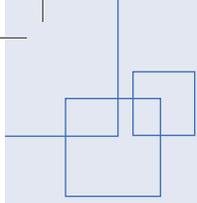
Foi então que um dia ouviu-se a seguinte conversa entre o chefe e seu subordinado.

– Seu Gabriel, isto é intolerável. Em pouco tempo o senhor já assinou três folhas suplementares. Eu em trinta e cinco anos de banco jamais assinei uma delas.

– E, respondeu o funcionário impávido, o senhor chegou atrasado algum dia nesses trinta e cinco anos?

– Claro que não! As veias do pescoço até saltavam fora dos limites do colarinho daquele chefe.

– Então o senhor não podia mesmo assinar uma folha suplementar.



Diálogo fisiológico – O bom bancário

Ouvido de passagem.

Chefe: “Senhor Pedro, o senhor vai muitas vezes ao banheiro e gasta muito tempo lá”.

Funcionário: “Preciso fazer minhas necessidades”.

Chefe: “Tantas vezes assim durante o dia?”

Funcionário: “Meu organismo é assim mesmo”.

Chefe: “E todas as vezes precisa levar o jornal?”

Funcionário: “Gosto de estar bem informado”.

Chefe: “Senhor Pedro, o senhor não é um bom bancário”.

Funcionário: “Por que, chefe?”

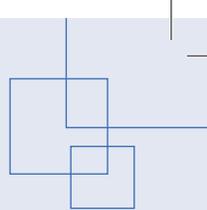
Chefe: “Porque o bom bancário chega ao trabalho lido, cagado e mijado”.

O Segredo do Armário

Gustavo foi transferido do Vietnã para a seção do Crédito Rural, que acabara de ser incorporada pelo BCB, originada do BB. Vieram alguns funcionários daquela seção, mas havia a necessidade de mais gente, tendo sido necessário que os setores já em funcionamento cedessem alguns dos seus integrantes para a nova unidade. Ainda sem saber a razão, Gustavo foi o primeiro a ser disponibilizado. Para ele a mudança certamente seria bem-vinda porque, depois de ter trabalhado no Vietnã, qualquer outro lugar seria certamente um ganho.

Claro, nada de tarefas intelectuais o esperavam. Tratava-se de receber e organizar os borderôs que os bancos enviavam, relativos a empréstimos destinados ao crédito rural, que eram refinanciados pelo BCB. Fichas de novo, essa era a sina de Gustavo. Mas ao menos não ficava com as mãos e roupas sujas no mimeógrafo a álcool. Além disso, a trabalho terminava por volta das 16:30 horas, quando chegavam os últimos borderôs do dia. No princípio precisava ficar à toa, mas depois lhe foi permitido estudar em sua mesa até o final de expediente.

Mas havia um mistério naquela sala. Um dos chefes, encarregado de setor, várias vezes durante o expediente ia até o seu armário,



o abria, mexia em alguma coisa por ali e depois fechava a porta com a sua chave. Os armários faziam uma parede divisória entre a área das mesas de trabalho e a dos banheiros. E Gustavo ficava intrigado com aquelas diversas idas do chefe ao seu armário. Quando este estava lá com a porta aberta, algumas vezes ele ouvia um tlim-tlim bem baixinho, mas não dava para saber o que era.

Um dia, saindo do banheiro, lá estava o seu chefe diante do armário, cuja porta se encontrava entreaberta. Por cima dos ombros do chefe ele viu lá dentro duas garrafas de bebida com um rótulo inconfundível. Mistério resolvido. O chefe bicava de vez em quando uma pinguinha.

Problema insolúvel

Meses depois de sua chegada do Crédito Rural mais uma vez Gustavo foi transferido. Nada acontecera que o recriminasse, mas com a chegada de novos funcionários que faziam tempo integral, fato aliado ao mistério de sua rejeição, ele foi preterido pelos novos colegas. Sem problemas, mais uma fase na sua vida no BCB, passados cerca de dois anos de sua posse.

Estava agora nos Serviços Gerais, a seção de suporte de material para as demais e para a realização de diversas tarefas de apoio. Em pouco tempo dominou o sistema de trabalho que não era muito pesado e ficou de bem com o chefe, que o reconhecia como bom funcionário.

Um dia chegou um colega novo, carioca. O chefe chamou Gustavo e lhe disse que seria ele quem passaria as tarefas para o colega e que deveria registrar se as realizava a contento ou não. *Dedo duro, agora?*

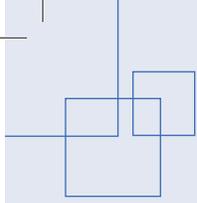
Gustavo logo descobriu que Ricardo, o seu colega, não fazia praticamente nada do que lhe mandavam fazer. E quando fazia alguma coisa demorava mais tempo do que se poderia razoavelmente esperar e sem qualidade. Ricardo ficava um bom tempo olhando para o nada, sempre suspirando.

Quando os dois iam juntos ao almoxarifado buscar alguma coisa, Ricardo se encostava em algum lugar e continuava suspirando. De vez em quando pegava algum item com a cara de quem estava sofrendo muito.

– Mas afinal de contas, Ricardo, qual é o seu problema, lhe perguntou Gustavo um dia.

– Colega, eu tenho um problema muito sério, respondeu Ricardo.

– Qual?, perguntou Gustavo, preocupado com a saúde do colega.



Acontece que eu tenho alergia ao trabalho e isso é insolúvel.

Havia solução sim. Ricardo foi demitido do seu cargo antes mesmo de terminado o estágio probatório e sua alergia não foi o único motivo, segundo notícias que correram pela Delegacia.

Trote bancário

Alguns dos novos colegas que chegavam para tomar posse eram bastante jovens e jamais haviam trabalhado em qualquer outro lugar. Ingênuos, tornaram-se objeto de trotes aplicados pelos veteranos da Delegacia. Vamos a um exemplo.

No setor de Crédito Rural, a soma do valor dos borderôs não batia com o montante total que um banco havia relacionado; havia uma diferença e o calouro não estava sabendo lidar com o problema. Tendo procurado um colega mais antigo, perguntou se podia ajudá-lo naquele caso.

– Claro, colega, tem por aqui uma *máquina de achar diferença*. Precisa ver com quem está. Acho que foi emprestada para o Firce (setor de registro de capitais estrangeiros). Vá até lá e pergunte para o José. Dessa forma o nosso amigo percorria diversas seções da Delegacia, até terminar nos Serviços Gerais com uma requisição de máquina de achar diferença. Não tinha no estoque.

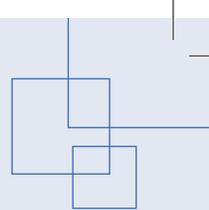
Minibanco na Delegacia Regional de São Paulo

Um dia o Governo Federal fez uma reforma bastante substancial na legislação do Imposto de Renda. Daquela época em diante, todo mundo precisava entregar declaração à Receita Federal. O caos se estabeleceu entre contínuos, faxineiros, vigias e outros servidores menos preparados para elaborarem suas declarações de Imposto de Renda. Conforme o prazo final para a entrega do documento ficava mais perto, mais confusão reinava entre aqueles funcionários, que causavam enorme celeuma durante o serviço.

Naquele tempo Gustavo estava no terceiro ano da Faculdade de Direito e já se encontrava cursando o segundo semestre de Direito Tributário. Um dia foi chamado pelo seu chefe.

– Gustavo, você sabe fazer a declaração de Imposto de Renda? Sim, respondeu ele. Estou dando uma olhada nas instruções da Receita.

– A Receita está dando um curso de treinamento. Se você estiver interessado, podemos enviá-lo em nome do Banco e quando voltar você fará as declarações dos contínuos, vigias e faxineiros. Você



fará isso no horário de trabalho até terminar tudo e poderá cobrar uns cinquenta reais de cada um (na moeda de hoje).

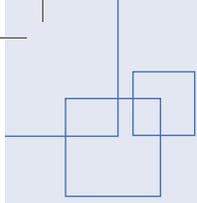
É claro que Gustavo aceitou aquele presente e, como se tratava de muita gente, foi designado junto com ele outro colega de seção que também, por coincidência, era colega na Faculdade.

Depois do treinamento os dois voltaram da Receita e montaram o serviço de atendimento aos colegas. Para isso elaboraram um *check list* com as informações que deveriam ser solicitadas. Entre essas informações, uma pergunta era se o declarante pagava juros para alguém, quem e quanto. As respostas foram uma enorme surpresa. A maior parte dos declarantes informou que devia a outro contínuo, o Joaquim, e a soma das suas dívidas era um valor que o credor jamais poderia ter juntado, a não ser que fosse pessoa muito rica e que estivesse fazendo um trabalho humilde na Delegacia Regional como algum tipo de sacrifício.

A coisa funcionava da seguinte forma. O interessado procurava o Joaquim e falava que precisava de um empréstimo. Digamos que fosse de mil reais. O Joaquim dava os mil reais ao interessado e pegava um cheque pós-datado de mil e duzentos para ser cobrado na época do pagamento do salário do tomador. Coisa entre 15 a 25 dias, na média, o que representava um juro bem módico, como se pode perceber.

Levado o assunto ao chefe, este chamou aquele pequeno agiota para cobrar explicações.

- Joaquim, aqui tem meio mundo devendo para você, como explica isso?
- Eles me pedem dinheiro e eu empresto.
- Cobrando todo esse juro?
- É o risco chefe. Vai que no dia seguinte o devedor é demitido e eu, como fico?
- E de onde vem todo esse dinheiro que você empresta?
- É meu, chefe.
- Seu chefe coisa nenhuma. Tenho certeza de que você está repassando dinheiro de outros colegas e dividindo os juros.
- O dinheiro é meu, chefe.



O Joaquim não abriu o jogo e foi sumariamente demitido, uma vez que ele era empregado de uma empresa terceirizada.

Assim o chefe do Gustavo liquidou um pequeno banco que funcionava irregularmente dentro da delegacia regional do BCB em São Paulo. Nunca se soube quem eram os capitalistas que alimentavam o banco do Joaquim.

E Gustavo faturou um bom dinheirinho naqueles dias, junto com seu colega, para fazer as declarações de todo mundo. E no horário de trabalho. Todos ficaram satisfeitos e voltou a calma às dependências da Delegacia Regional do BCB em São Paulo.

Inspetor Putativo do BCB em São Paulo

Um dia começaram a chegar ao setor de pessoal queixas de que um inspetor estava deixando dívidas penduradas em boates da cidade. Bem que havia um pessoal meio malandro por ali, mas não a esse ponto.

Tendo os credores reclamado inicialmente por telefone, ninguém conhecia o devedor. Chamados para comparecerem à sede da Delegacia, alguns deles trouxeram cartões de visita que o dito inspetor havia deixado nas suas boates. Continuava o mistério, não havia ninguém com aquele nome nos quadros, não somente daquela subunidade regional, mas também em todo o BCB, o que foi apurado depois de uma busca.

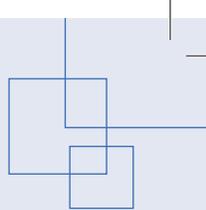
Nos cartões de visita constavam as armas da República, o emblema do BCB, o endereço da Delegacia Regional, um nome, em baixo, "*Inspetor do Banco Central do Brasil em São Paulo*".

O interrogatório revelou que o estelionatário – porque é disso de que se tratava – no momento de pagar a conta em uma boate, alegava que havia esquecido a carteira em casa e que no dia seguinte voltaria ao local para pagar a conta. Sem problemas, diziam os donos, que melhor garantia do que a palavra de um inspetor do BCB? Como dá para adivinhar, caro leitor, nem eu, nem você e nem o tal inspetor jamais voltaram àquelas boates.

Espreme daqui, espreme dali e saiu o *retrato falado* do espertinho. Se não era o mesmo nosso conhecido Ricardo, o preguiçoso, somente poderia ser o seu irmão gêmeo.

Promoção inesperada. Mistério solucionado. Resgate inesperado

Depois de haver passado vários meses nos Serviços Gerais, onde havia ficado benquisto, um dia Gustavo foi chamado pelo seu chefe para uma conversa.



– Gustavo, você já esta aqui há um bom tempo e tem se revelado ótimo funcionário. Não sei se você sabe, mas a sua fama era a pior possível.

– Chefe, sei que muita gente não gosta de mim, mas não sei dizer a razão. E olha que essa rejeição começou logo no primeiro dia em que tomei posse.

– Acontece o seguinte, lembra-se do dia em que veio à delegacia e trouxe o telegrama que lhe havia chegado às mãos? Era eu um dos dois colegas que estavam lá em baixo dando posse aos concursados.

– Lembro, chefe. Mas e daí?

– Você veio em manga de camisa e com uma enorme barba.

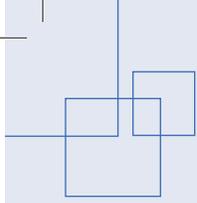
– Me lembro sim. Mas o que isso teve a ver com a maneira pela qual fui mal recebido?

– Enquanto você conversava comigo o Delegado Adjunto passou por nós, vindo do almoço e viu você por ali daquele jeito. Você causou a ele péssima impressão. Mais tarde ele me chamou e mandou perguntar quem você era e o que acontecera. Quando disse que você voltaria no dia seguinte para a posse, ele falou que não era para dar posse coisa nenhuma, que não queria um comunista na delegacia. Eu respondi que isso não poderia ser feito. Não havia lei que impedisse que alguém com barba fosse empossado. Ele então me ordenou que, depois da posse, você fosse encaminhado para a seção da Circular 58 e que ele daria um jeito na situação. Soube que ele telefonou para o chefe de lá e fez a sua caveira. E nem era para apresentar você ao delegado, como praxe com os novos funcionários.

E nem era para apresentar você ao delegado, como praxe com os novos funcionários

– Então está tudo explicado. Mas no dia seguinte eu voltei de barba feita e de terno e gravata.

– Mas o estrago estava feito. Não teve jeito de remendar o prejuízo. Bem, a conversa agora é outra. O secretário do Delegado pediu transferência para Brasília e o auxiliar não quer ficar no gabinete.



Então está sendo agora providenciada uma pessoa para o lugar dele e não foi achado ninguém com o perfil apropriado. Então, passei seu nome para o seu Adacy e ele irá conversar com você. Pode subir que ele está esperando.

Gustavo pegou o elevador para o segundo andar e se apresentou ao Seu Adacy, adjunto técnico do Delegado Regional.

– Senhor Gustavo, disse ele, estamos precisando de alguém aqui para o lugar do secretário. Sua fama não é nada boa, mas o Seu Costa disse que nada do que o senhor é acusado é verdadeiro e que o senhor é excelente funcionário.

Sabia-se que o Seu Adacy era uma pessoa muito franca e que sempre dizia as coisas “*na lata*”, como era uma expressão da gíria da época.

– Seu Adacy, sei mais ou menos do que fui acusado, porque o Seu Costa me contou, mas não tem nada de verdade.

– Bem, você fará aqui um estágio probatório e depois veremos o que acontece.

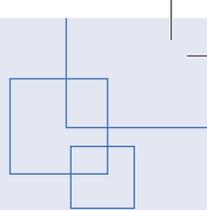
Foi assim que Gustavo limpou a sua barra e trabalhou no Gabinete por alguns anos até que foi nomeado Fiscal em época futura, tendo se tornado reconhecido por suas qualidades e até mesmo se tornou amigo do Seu Adacy e do Seu Alves, o delegado.

O filho era dele

Ele tomou posse e apresentou os documentos da esposa para ser contada como sua dependente para todos os efeitos, inclusive o plano de saúde. Ela morava no Rio de Janeiro. Se chamava Maria. Algum tempo depois, ela aparecia na sede da Delegacia para encontrá-lo quando ele a apresentava como sua esposa. Tempos depois, ainda, ela ficou grávida e fez todo o acompanhamento da gravidez pelo plano de saúde do BCB. Mais tempo ainda e nasceu uma criança.

Um dia se soube da história. A esposa dele era a Maria, mas quem vinha ao Banco e se passava por ela era outra, a Alice, que teve filho como se fosse Maria. Maria continuava no Rio, sem saber que passava por mãe sem ser.

Um doce se alguém adivinhar o nome desse funcionário esperto.



O inspetor Treme-Treme

1977. O grupo SPI teve a sua liquidação decretada pelo BCB. Era pequeno, composto por banco comercial, financeira e distribuidora. E sua constituição era recente.

Gustavo era advogado comissionado do BCB, que ainda não tinha carreira estruturada de procurador e havia sido designado presidente da comissão de inquérito que apuraria as causas da quebra daquele grupo e atribuiria as responsabilidades correspondentes aos administradores.

Tendo feito uma primeira visita à sede do grupo na companhia do relator daquela comissão, e tendo estranhado que tal grupo havia durado tão pouco tempo, indagou de um funcionário se o BCB ali havia feito inspeções regulares e, caso afirmativo, quem as executara. Dessa forma poderia levantar melhor as razões pelas quais o grupo fora liquidado.

O funcionário disse que sim, o banco havia sido inspecionado, mas não se lembrava do nome do inspetor e tinha uma vaga ideia de sua fisionomia. Mas recordava-se de um fato marcante. Enquanto trabalhava, de vez em quando aquele inspetor começava a tremer fortemente e a ter calafrios. Então ele pedia rapidamente que lhe dessem um copo puro de uísque. Tomada a dose, os tremores e calafrios desapareciam até ressurgirem em outra oportunidade.

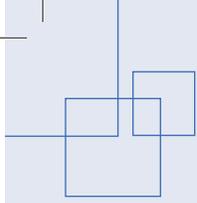
Gustavo não precisou perguntar mais nada. Sabia que se tratava do Inspetor Treme-Treme.

Visita da Rainha da Inglaterra

1968. São Paulo pegava fogo. A Rainha Elizabeth, em visita ao Brasil, passaria por nossa cidade. E, maravilha, seu cortejo incluiria a Rua Libero Badaró e de carro aberto, em uma tarde de dia da semana.

Ao saberem disso, os funcionários do BCB, do BB logo em frente e de toda aquela região ficaram alvoroçados, pois não desejavam perder a oportunidade de ver alguém de uma realeza de verdade, e logo a Rainha da Inglaterra. À medida que os repórteres das rádios locais anunciavam o trajeto do comboio, a rua Libero Badaró ia ficando cada vez mais cheia de gente. Nenhum chefe conseguiu segurar os funcionários nas seções, os quais desceram correndo as escadas do prédio assim que se soube estar próxima a digna rainha.

E assim foi que Gustavo e tantos outros colegas do BCB a viram passar bem pertinho deles no seu carro de luxo, sempre sorridente, virando aquela rua e tomando a avenida São João. Não é toda vez que se tem uma oportunidade dessas.



O Banco do Brasil jamais errava, mesmo errando

Ainda na fase do azar, Gustavo foi protagonista involuntário e de outro episódio negativo para a sua folha corrida.

Ao chegar ao Banco um dia, nem bem botou os pés na sua seção quando lhe foi dito pelo chefe que o adjunto desejava vê-lo imediatamente. Gustavo pegou o elevador e foi atender o chamado. Mal havia entrado e recebeu daquele chefe uma repreensão violenta e humilhante.

– O senhor é mesmo um péssimo funcionário. Com pouco tempo de banco e já passou um cheque sem fundos.

Um cheque sem fundos no seu lugar de trabalho seria mesmo um crime de lesa pátria. E logo ele, que havia trabalhado no Vietnã!

– Sua conta estourou em x reais e eu paguei do meu bolso. Favor me dar o dinheiro agora.

– Mas eu não passei cheque sem fundos, afirmou Gustavo ainda atarantado.

E ele tinha certeza disso, dado que cuidava muito bem da sua conta.

– Passou sim. O Banco do Brasil mandou a informação. Está aqui.

Gustavo pegou a ficha que ele tanto conhecia, com o timbre do BB e viu o seu nome ali colocado.

– E o dinheiro? Esbravejava o chefe.

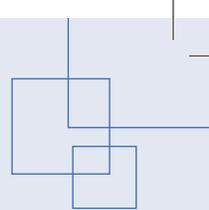
Gustavo pegou sua carteira e passou para as mãos do seu algoz a importância cobrada, que era na verdade bem pouca coisa.

– Eu irei até o Banco do Brasil e provarei que isto não é verdade.

– Vai provar coisa alguma. Quero só ver.

Gustavo tomou o elevador, passou pelo saguão de entrada e dirigiu-se à agência do Banco do Brasil onde tinha conta, logo em frente do prédio em que trabalhava. Ali chegando, pediu para falar com um funcionário do setor, para quem contou que tinha aparecido um cheque em seu nome para cujo pagamento não existiam fundos suficientes.

– Tenho certeza de que não passei cheque sem fundos. Por favor, verifique a minha conta.



Do alto de sua empáfia, aquele zeloso funcionário disse com todas as letras e escandindo cada sílaba:

– O BAN-CO DO BRA-SIL- NÃO E-RRRA!

E tendo assim dito, foi levantar a conta de Gustavo para mostrar que tinha razão. Gustavo ficou olhando de longe, bem apreensivo. O colega pegou uma ficha em cartolina meio amarelada, onde os lançamentos eram feitos por uma máquina especial e a ficou examinando. Olhou a frente, olhou o verso. Olhou a frente de novo. Olhou o verso outra vez e, de lá de onde estava virou-se para Gustavo com uma cara meio desenxabida. Com a ficha na mão, dirigiu-se lentamente na direção de Gustavo.

Acontece que Gustavo havia feito um empréstimo para uma despesa qualquer

– Eh, hum, hum! Assim ruminava aquele colega algumas palavras ininteligíveis.

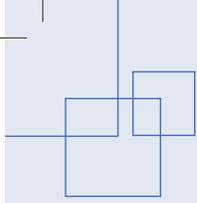
– Parece que houve algum engano aqui na sua ficha, disse ele. Consta que um mesmo débito foi cobrado duas vezes. Vamos fazer o estorno para consertar a situação. Acontece que Gustavo havia feito um empréstimo para uma despesa qualquer e, quando o Banco pagou a “*peladinha*”, ele liquidou a operação antecipadamente, não tendo sido feito disto o registro adequado.

Explicando, a “*peladinha*” era um empréstimo feito pelo Banco no mês de abril de cada ano, por conta do aumento salarial que seria dado no vindouro mês de setembro, como resultado do dissídio coletivo da categoria dos bancários. Chamava-se assim porque seu valor era o do salário base, nela não computado qualquer adicional, como as comissões de cargo, por exemplo.

O alívio de Gustavo foi imenso. Ela já tinha se visto demitido do Banco por justa causa. Posto no olho da rua!

Mal refeito do susto, pediu que fosse escrita uma carta ao Delegado do Banco explicando o acontecido para que pudesse justificar-se. Feito isto, voltou para o gabinete do seu chefe a fim de entregar a referida carta. Tendo explicado o acontecido ao seu Peireira, este entrou no gabinete e de lá voltou dizendo que o chefe não o receberia, e que ele deixasse ali a carta. Não ia aquele adjunto engolir de volta as palavras que dissera para um funcionáriozinho qualquer.

Gustavo finalmente conseguiu dirigir-se para a sua seção, mas o frio na barriga custou muito a passar. E nem se lembrou naquele



dia que o BB e o adjunto, seu chefe, haviam quebrado o seu sigilo bancário, o que era crime.

A perda de um colega

Roberto (nome real) era colega de Gustavo na seção de serviços gerais. Ali era um subchefe, trabalhador e desejoso de fazer boa carreira. Era mais velho do que a maioria dos aprovados no primeiro concurso, tendo vindo da Marinha Mercante, em que trabalhara alguns anos. Cansara daquela vida nômade e se resolvera se estabelecer. Já era pai, não lembrando Gustavo quantos eram seus filhos. Parece que dois.

Era do Rio de Janeiro, talvez não da capital, mas elegera São Paulo como nova moradia e não pretendia voltar para os seus pagos de origem.

Certo dia, uma notícia desagradável. Ele fora hospitalizado com um grave problema de saúde.

Mais desagradável ainda foi logo saber que falecera vítima de um câncer avassalador que tomara seu abdômen.

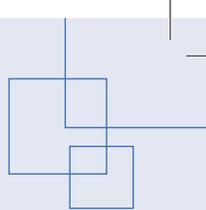
A consternação foi geral. Roberto não era lá muito popular em certos setores da Delegacia, mas ninguém podia discordar da sua dedicação ao trabalho e da competência.

A perda de um colega tão jovem e de forma tão brusca deixou muita gente assustada e Gustavo era um deles, pois receava que uma úlcera duodenal que o acometera pudesse levá-lo ao mesmo fim. Acho que, como Gustavo, muitos colegas do BCB correram atrás dos seus médicos naqueles dias. Mas, como se dizia antigamente, nenhum infausto acontecimento repetiu-se tão cedo.

Vim, vi e não venci

As comunicações no final da década de sessenta eram ainda bem precárias. As ligações interurbanas demoravam bastante, mesmo quando se tratava de uma Autoridade Monetária, como era o BCB. As coisas mudaram para bem melhor não por causa das necessidades do comércio, mas para permitir que os brasileiros pudessem ver os jogos da Copa do Mundo de 70 ao vivo.

Dessa forma, uma maneira rápida e segura de comunicação se dava por meio do uso do telex. Tratava-se de uma máquina com teclado, tal como a tradicional máquina de escrever, dotada de um sistema de perfurar e ler fitas de papel, cujos códigos podiam ser lidos e enviados para outras máquinas similares em qualquer lugar do mundo, com garantia de autenticação, onde se dava sua leitura na escrita original.



As máquinas de telex eram essenciais para as comunicações nas quais era requerido alto grau de segurança, como no setor de câmbio que, junto com o de capitais estrangeiros, vieram por último do BB para o BCB.

Em uma ocasião um diretor do banco necessitava enviar uma mensagem urgente e confidencial e, como já era tarde, o operador do telex havia ido embora. Procura daqui, procura dali, foi encontrado um colega vindo recentemente do BB, que trabalhava precisamente no câmbio. Chamado para operar a máquina, ele começou o seu trabalho, tendo aquele diretor passado a acompanhar a transmissão da mensagem por cima do ombro do rapaz. Foi então que este começou a ter de ouvir palpites do diretor sobre como mexer com o aparelho, já que, segundo o crítico, ele errava aqui, errava ali e errava acolá.

Lá pelas tantas, o funcionário reclamou da interferência indevida, e foi chamado à atenção asperamente. A coisa se deu mais ou menos assim:

– Mais respeito. Eu sou seu diretor e sei do que se trata.

O outro prontamente respondeu:

– O senhor pode ser diretor e saber de alguma coisa no seu pedaço, mas quem sabe aqui de telex sou eu. Não me interrompa mais.

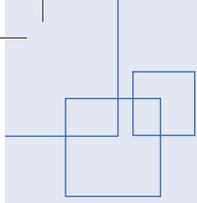
No dia seguinte, nosso herói havia sido devolvido ao órgão de origem.

O mundo é redondo e às vezes uma nova volta é doce como o mel

Tendo Gustavo passado a trabalhar no gabinete do delegado regional, aconteceu em 1º de agosto de 1968 a intervenção federal do governo na Dominium, empresa exportadora de café solúvel, tendo o BCB assumido o encargo considerando as repercussões internacionais do caso. Ele não se lembra porque naquela época o adjunto do delegado que, sabemos, não morria de amores por ele, estava afastado do cargo. Talvez por férias ou licença-prêmio, mas era certeza de que seu substituto se encontrava ali em situação provisória naquele momento.

Se o nosso adjunto não era fã do Gustavo, o delegado, por sua vez, não era fã do seu adjunto, tantos eram os problemas que ele criava, sendo o mínimo sua proverbial falta de educação.

Um dia, o delegado chegou perto da mesa do Gustavo com um documento em mãos e pediu que este o examinasse. Tratava-se de um ofício do presidente do BCB designando o interventor na Dominium e uma relação de funcionários da delegacia que deveriam compor o seu *staff*.



– Seu Gustavo, disse o delegado (era assim que o tratava), nós temos uma máquina de escrever com uma letra igual a esta? Mostrando aquele ofício.

Gustavo examinou o documento e disse que sim. Devia ter sido escrito com uma Facit elétrica, com esferas em vez de teclas, igual à que ele usava. Uma grande novidade naquela época. Era possível usar vários tipos de letras, bastando tirar uma esfera do seu encaixe na máquina e trocar por outra.

– Seu Gustavo, por favor faça um teste de letra e veja se dá para incluir na lista mais um nome sem que se perceba a alteração.

– Pois não, Seu Alves, já vai.

Gustavo experimentou várias esferas e concluiu em favor de uma delas. Depois, pegou o ofício com a designação da equipe da Domínum, colocou-a contra o sol e verificou se havia espaço para acrescentar mais um nome na lista, tendo feito um teste com uma linha nova. Dava na medida. Para finalizar fez outro teste para ver se a fita de tinta de sua máquina estava com o mesmo nível de desgaste daquela que fora usada para escrever o dito ofício. Mais uma vez batia.

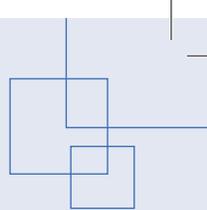
– Tudo certo, Seu Alves, disse Gustavo, sem compreender o que estava acontecendo.

– Então, por favor, com muito cuidado incluía aí o nome completo de fulano e o seu número do Banco.

A espinha de Gustavo se eriçou. Fulano era precisamente o adjunto do delegado que naquele momento estava fora. O mesmo que havia criado caso com ele duas vezes. Então, com todo o cuidado, o nome deste passou a constar daquela lista, tendo Gustavo datilografado cada letra do seu nome bem devagar, com muito cuidado para não errar, depois de ter ajustado milimetricamente o papel na máquina.

Dias depois, quando retornava ao trabalho, o adjunto fulano recebeu a notícia de que havia sido designado para a equipe da Domínum por prazo indeterminado, ainda que sem prejuízo dos seus vencimentos. Por esse motivo, seu cargo estava vago e fora preenchido pelo seu substituto.

O assunto morreu entre o Delegado, o Seu Adacy e Gustavo e, talvez, contando também com o Presidente do Banco. Depois que o adjunto despachado terminou a sua tarefa na Domínum, não tinha mais seu lugar na delegacia e se aposentou.



Como se vê, ainda que o papel de Gustavo tivesse sido o de um sujeito passivo, ele foi muito ativo na realização do trabalho que lhe pediu o delegado.

As saudosas festas de fim de ano da Asbac

Naqueles primeiros anos, o quadro de funcionários do BCB não era muito grande e praticamente todo mundo se conhecia. E, no começo da década de setenta, tinha acontecido um recheio de gente nova vinda do BB, considerada a necessidade de mais funcionários e – não se sabe a razão – a não realização de um segundo concurso para o quadro próprio. Isto somente aconteceu em 1973.

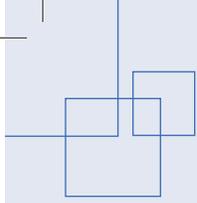
Em vista do motivo acima, muitos funcionários novos eram jovens que haviam casado um ou dois anos antes e naquele momento haviam se tornado pais e mães na mesma época. Foi assim que teve lugar uma festa de fim de ano na colônia de férias de uma associação do BB no litoral sul paulista, que se caracterizou como uma grande creche. Havia nenéns por todos os lados.

Em uma dessas festas foi instalado um moderno gabinete odontológico na sede da Associação, então localizada em um prédio da Rua Boa Vista, esquina da Ladeira Porto Geral. O dentista era um profissional competente e os sócios da Asbac, ao que me lembro, nada pagavam pelos serviços por ele prestados. Quem pagava a conta era o BCB. Mas que os tempos era bons, isto eram. Enfiava-se menos a mão no bolso nos tratamentos de saúde.

Voltando às festas de fim de ano, alguns anos depois, nos habituais sorteios de prêmios Gustavo, com a sua sina proverbial, foi contemplado com um *longplay* da Gretchen que ele logo passou para um cunhado. Se soubesse, tinha guardado com muito cuidado porque hoje deve valer uma nota preta.

Outra festa muito bonita, e dessa vez sem crianças, aconteceu anos mais tarde em um buffet da Avenida Angélica, tendo nela brilhado nada mais nada menos do que o Zimbo Trio, que tocou seus inesquecíveis sucessos. Era tempo de música e não de barulho para os ouvidos.

Certa ocasião a festa aconteceu em um clube que a Asbac havia alugado em Itapeví, que durante algum tempo foi bastante frequentado, muito mais do que aquele que veio a se instalar em Guarapiranga. O dia terminou não muito bem para Gustavo, com forte entorse em um dos pés adquirido em partida de futebol, que causou danos aos ligamentos. Como se vê, esse rapaz não cansava de arranjar problemas e teve de mancar com uma bota de gesso naquele pé durante bom tempo.



Um adjunto mesmo sem sorte

Um pulo no tempo. Estamos em 1977. Lembram-se os leitores do grupo SPI, cuja liquidação havia sido decretada pelo BCB? Ora, os donos daquelas empresas haviam contratado como assessor justamente o inefável ex-adjunto do delegado regional. E lembre-se também que Gustavo era naquele momento o presidente da comissão de inquérito responsável pelas investigações a respeito das razões da débâcle e a atribuição da indenização a cargo dos administradores.

Ora, um embate entre os dois teria de ocorrer a qualquer momento. E isto aconteceu quando os ex-donos daquele grupo pretenderam viajar para Buenos Aires, pretensamente para visitarem parente adoentado. Na verdade, corriam boatos de que pretendiam mesmo era escapar do país com joias e dólares. Como se vê, não é de hoje que eram usadas malas bem recheadas. Aqueles donos eram dois irmãos. Ou mesmo três, falta refrescar a memória. Para que essa viagem pudesse se tornar possível, dependia de autorização expressa de Gustavo.

Parece que nosso adjunto havia prometido que a autorização da viagem estava garantida porque, afinal de contas, ainda tinha força no BCB. Essa força se revelou uma fraqueza porque, tendo sido solicitada por escrito a autorização de que se trata, Gustavo disse um solene não. E ponto final. Naqueles dias não havia STF a quem recorrer.

Gustavo somente cumpriu o seu dever ao não conceder a autorização solicitada. Se se sentiu feliz com a decisão, isto não podemos dizer.

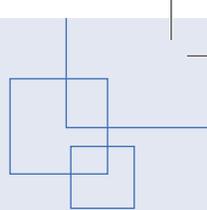
P.S. Logo depois o ex-adjunto assessor veio a ser demitido do seu cargo de consultor. Mera coincidência...

Amostragem sem amostra

Seu Jorge era inspetor de bancos. Tinha vindo do Banco do Brasil na primeira leva. Os relatórios do seu Jorge eram sempre caprichados e os bancos que fiscalizava não apresentavam irregularidades. Homem de sorte ele, que não precisava quebrar a cabeça com bancos-problema.

Um dia, estando seu Jorge de férias, foi designado um substituto para terminar um trabalho começado. Mas uma coisa era o rascunho do relatório pelo qual o banco era uma maravilha de organização e não tinha qualquer pendência de créditos não pagos. Outra muito diferente era a realidade de uma carteira de crédito mais furada do que peneira velha.

O relatório foi refeito, a instituição penalizada e o Seu Jorge chamado para conversar com o chefe da Inspeção.



– Jorge, que história é essa de você ter “*comido uma barriga*” tão grande e deixado passar todos os problemas daquele banco.

– Eu sempre trabalhei direito. O problema é de natureza estatística. Não dá para analisar todas as operações dos bancos, então a gente faz uma amostragem. E nas minhas amostragens não aparecia problema.

O que Seu Jorge não explicou é que, quando pegava uma ficha suja, *passava por cima dela* e pegava outra. Não caiu na amostragem.

Seu Jorge não passou na próxima amostragem e foi para a aposentadoria, já que tinha tempo para isso.

Lugar garantido nos aviões

A sede do BCB era no Rio e no começo da década de setenta mudou progressivamente para Brasília. Alguns diretores eram de São Paulo e outros vinham aqui despachar com regularidade, inclusive o Presidente. Ora, muitas vezes acontecia de ser necessário fazer uma viagem de última hora de São Paulo para o Rio ou para Brasília e quando isto acontecia em um fim de semana ou perto de um feriado, não se achava lugar nos aviões.

Os diretores do Banco não queriam saber de desculpas. As necessidades urgentes da economia exigiam que fosse dado um jeito nessas dificuldades. A questão é que as companhias aéreas não colaboravam e um impasse se estabelecia.

Logo que assumiu seu lugar no gabinete, Gustavo se defrontou com problemas dessa espécie e não havia desculpa para não ter arrumado lugar em aviões para os diretores, mesmo de última hora.

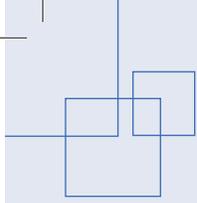
Naquele tempo mandava no Brasil o poderoso BCB e, acima dele, o mais poderoso ainda Ministro da Fazenda, que tinha um chefe de segurança todo poderoso. Dessa forma, quando lugar em avião era um problema, Gustavo havia sido instruído a ligar para o Major Miguel.

– Major, preciso de dois lugares para o Rio.

– Quem vai?

– Os diretores fulano e sicrano.

– Quando eles chegarem ao aeroporto peça para me telefonarem avisando quando sai o primeiro voo e esperem no balcão da companhia.



Mais tarde um pouco.

- Major, é o voo das 15 horas da Vasp.
- Mande eles irem para o portão de embarque e darem o nome.

Lá chegando, os dois passageiros preferenciais eram encaminhados para o avião que estava prestes a sair, ocupavam os seus lugares e, assim, seguiam para o seu destino.

O que não se disse é que, no intervalo desses diálogos, o Major Miguel telefonava para alguém da segurança do aeroporto, indicava o avião alvo. Então dois agentes vestidos de paletó preto e óculos escuros entravam na indigitada aeronave e escolhiam dois passageiros a olho, que eram dele *retirados para averiguações*. Portanto, dois lugares inesperados surgiam.

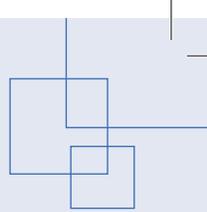
Se tais passageiros conseguiam ou não outro voo ou se localizavam ou não as suas bagagens que haviam sido despachadas na viagem perdida, isso não era problema de Gustavo. Ele não falhara na sua missão, mesmo que somente tivesse descoberto o esquema completo anos mais tarde, quando um dedo-duro o delatou. Ele não sabe dizer se havia solução semelhante em Brasília ou no Rio.

O auxiliar não auxiliou e outras peripécias liquidatórias

1985 – Grande surpresa no mercado. O BCB decretou por atacado intervenção em alguns grupos financeiros de porte relativamente importante no Brasil. Tratava-se dos grupos Comind, Auxiliar, Maisonnave e Sul Brasileiro, se bem me lembro. Os dois primeiros eram instituições tradicionais do Estado de São Paulo. Do segundo participava a indústria de alimentos Cica. Como se pode imaginar, o abalo no mercado foi muito grande, com muita gritaria por parte de todos os prejudicados.

Gustavo era inspetor naquele tempo e tinha experiência em diversas quebras de instituições financeiras. Foi designado como relator para a realização do inquérito administrativo voltado para a apuração das causas da quebra e a imputação da responsabilidade ao controlador e aos ex-administradores.

Os dois grupos de São Paulo eram formados por muitas instituições financeiras, cada uma delas especializada em sua área. Como se percebe, uma quantidade muito grande de funcionários foi designada para cuidar de toda aquela confusão. Somente no Grupo Auxiliar eram contadas treze instituições. Chegado ao banco após ter tido conhecimento de sua nomeação, lá encontrou um bando de colegas completamente perdidos. Muitos deles nem trabalhavam em áreas técnicas e todos, exceto ele, Gustavo, jamais haviam



exercido funções em liquidações extrajudiciais. Havia sido designado um procurador para a presidência de todas as comissões de inquérito do grupo e um funcionário, incluindo Gustavo, como relator para cada instituição liquidanda.

Preocupado com a situação, Gustavo procurou seu chefe e propôs que lhe fosse atribuída a função de Relator Coordenador Geral, supervisionando cada um dos relatores de cada uma das instituições do grupo. Como o problema era maior no banco comercial, a este seria dada atenção especial. A proposta foi aceita e o trabalho iniciado.

Naquele mesmo dia o liquidante informou os membros das comissões de inquérito de que os arquivos do banco estavam em um prédio próximo, que seria esvaziado para o fim da entrega do imóvel de volta ao proprietário, pois era necessário economizar os custos da liquidação. Isso se deu em uma quinta-feira e a mudança seria feita no fim de semana. Tudo o que ali estivesse seria levado para um depósito localizado na periferia. O prédio em questão tinha dez andares, todos recheados de documentos do grupo. Todo o grupo de relatores se dirigiu às pressas para o tal edifício e começou a correr de cima em baixo para verificar o que deveria ser separado do destino geral, com receio de que depois de chegarem os documentos no seu destino, todos misturados em centenas de caixas de papelão, ninguém mais conseguiria achar nada.

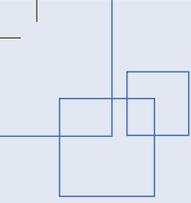
Foi uma canseira. O prazo final para a entrega dos relatórios era de duzentos e quarenta dias

Havia notícias da existência de problemas na agência do banco em Nova York, onde haveria um rombo monumental, o que depois se confirmou na ordem de US\$250 ou US\$ 350 milhões, pelo que se pode agora lembrar. Corrigida essa importância para a atualidade, o furo se revelaria verdadeiramente assombroso.

Foi uma canseira. O prazo final para a entrega dos relatórios era de duzentos e quarenta dias. Contado o prazo da prorrogação, isto tirava trinta para o seu envio aos órgãos superiores do BCB, exame, aprovação e encaminhamento ao Ministério Público, que tomaria em seguida as providências objetivando o ajuizamento das ações judiciais cabíveis.

Em um dos andares foram localizados armários relativos às operações de Nova York. Esses e muitos outros julgados importantes foram lacrados e colocados recados nas suas portas no sentido de que não deveriam ser levados para o depósito antes que os membros das comissões de inquérito pudessem examiná-los com mais calma.

Na segunda-feira logo cedo estava todo mundo correndo o prédio referido, praticamente vazio, no qual vários armários haviam



sido deixados, conforme as instruções feitas. Mas os de Nova York ninguém sabe, ninguém nunca mais viu.

Naquele grupo financeiro haviam sido eleitos cerca de duzentos e cinquenta diretores, cuja responsabilidade era objetiva nos termos da Lei 6.024/1976. Dessa maneira, era necessário levantar em um quadro os dados sobre a data da eleição, da posse, da ata de afastamento de cada diretor e do seu registro na Junta Comercial. Uma colega de nome Marília fez um trabalho primoroso que demorou meses e finalmente se conseguiu chegar ao levantamento de todos os diretores que deveriam ser responsabilizados.

O mesmo havia acontecido com os administradores dos outros grupos alcançados com a liquidação extrajudicial. Dessa forma centenas de administradores, em diversas cidades do Brasil,

É claro que quem pagava a conta, para variar, eram os contribuintes

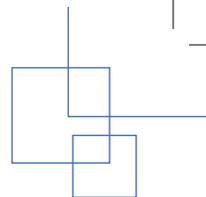
se encontravam com os seus bens indisponíveis e o horizonte era o de que perderiam todo seu patrimônio, exceto o bem de família. Consternação geral. Muitos daqueles diretores não trabalhavam nos setores financeiros dos bancos

em liquidação, mas tão somente em serviços de apoio, como o de transporte, por exemplo. Mas diante da lei todos estavam na mesma situação de responsabilidade.

Correu certo tempo e, para sorte daqueles diretores, houve negociações relacionadas àquelas liquidações e elas foram levantadas. Entre os fatores favoráveis estava a elevada inflação do período que, conforme a legislação vigente, não era compensada por alguma correção monetária. Dessa forma, a simples passagem do tempo elevava os valores do ativo e deixava o passivo na mesma. E aí, a situação daqueles bancos se tornava superavitária.

É claro que quem pagava a conta, para variar, eram os contribuintes. Mas, como em qualquer situação, esses contribuintes já estavam acostumados a pagar tais contas.

Haroldo Malheiros Duclerc Verçosa



Motor rajando

Junho de 1983. Naquele tempo eu trabalhava como Auditor no Banco Central do Brasil e havia sido designado para integrar a equipe que iria fiscalizar as agências bancárias de Valinhos.

Considerando que aquela cidade dista pouco mais de 80 quilômetros da Capital, o grupo se dividiu. Alguns optaram por lá ficarem hospedados durante todo o tempo da missão, ao passo que Garcia e eu resolvemos ir e vir diariamente.

Combinamos de ir a bordo do meu possante Fiat 147-L 1978, placas KQ-7099. Diariamente eu saía bem cedo de Taboão da Serra e apanhava o colega na alça de acesso à Ponte Eusébio Matoso, defronte à loja Tok&Stok. Dalí seguíamos pela Marginal do Rio Pinheiros, Cebolão, Rodovia dos Bandeirantes até o quilômetro 47 e Rodovia Anhanguera até saída 82 em direção ao nosso destino. Chegávamos à cidade por volta das 9 horas, trabalhávamos até as 18 horas e fazíamos o trajeto de volta.

Eu iria inspecionar o hoje extinto Banco Nacional, ao passo que Garcia, que sempre foi chamado de "Inspetor Chapa Branca", iria fiscalizar o hoje também extinto Banespa.

Durante meu trabalho, comentei com o gerente do Nacional sobre meu desejo de trocar de carro, pois o glorioso 147 já estava bem velho e cansado. O Luiz prontificou-se a sair comigo na hora do almoço e visitar a revendedora Forbrasa, em Campinas, que era cliente do banco. O Garcia foi conosco.

Na loja, fomos atendidos pelo vendedor Cosme Damiano Caminha de Lacerda, que com esse nome nunca deve ter tido problemas com homônimos. Ele mostrou um Ford Corcel II 1982 usado, com baixa quilometragem e muito bem conservado. Findou a apresentação com um argumento irrefutável:

– Este carro pertenceu ao Tesoureiro do Padre Melchior, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Portanto já vem abençoado.

Ofereci o possante 147 como parte do pagamento do Corcel. O vendedor chamou o Chefe da Oficina, que assumiu o volante e dirigiu meu carro numa volta pelas redondezas. Ao final, apresentou seu relatório:

– Seu Cosme, infelizmente não podemos aceitar o Fiat. Ele está com o motor rajando.



Olhei para o Garcia e vi em seu semblante uma interrogação igual à minha. Perguntei ao Chefe da Oficina o que significava "motor rajando", e sua explicação deixou-me ainda mais confuso. Felizmente eu dispunha de uma reserva financeira e propus:

– Vamos deixar o Fiat de lado; depois tentarei vendê-lo em São Paulo. Proponho pagar o Corcel em duas vezes: 50% agora e o restante daqui a 30 dias.

– Fechado, disse o Cosme.

E foi assim que comecei a missão com um carro, e terminei-a com outro.

Dias depois, a esposa Teresa disse-me que o irmão Carlão estava interessado em comprar o Fiat. Fui até a casa dele num domingo. Ele examinou o veículo minuciosamente, deu uma volta pelo bairro e sentenciou:

– O único problema é que está com o motor rajando.

– Dou 20% de desconto e não se fala mais nisso.

– Fechado.

Quanto à fiscalização, cada um de nós encerrou a respectiva tarefa e regressou a São Paulo dentro do prazo previsto.

Três décadas e meia depois, antes de começar a escrever esta crônica, digitei no Google a expressão "motor rajando" e fiquei muito feliz em constatar que ninguém sabe exatamente o seu significado.

Aristeu de Campos Filho

Nem tudo

Não só no nome Demóstenes Madureira de Pinho Neto era aristocrático. Herdeiro de família tradicional carioca, graduado em economia pela Puc- RJ e com doutorado em Berkeley, era sempre visto com bons olhos quando foi titular de cargos qualificados no BC, antes de partir para uma atuação arriscada e bem-sucedida na iniciativa privada.

O episódio da mudança do regime cambial, em janeiro de 1999, encontrou-o ocupando a diretoria de Assuntos Internacionais. E o caos financeiro que se seguiu à demissão de Francisco Lopes, em fevereiro, atirou-o à presidência da autarquia por mais de um mês, até a posse de Arminio Fraga. Nesses tempos turbulentos, era bom ser rápido no gatilho.

Investido como diretor, no lufa-lufa daqueles dias, ele percebeu, acompanhando o andamento da bolsa de valores, que estava perdendo milhões em aplicações. Resolveu que tinha que agir de imediato. Chamou a secretária Eliana Hadade a seu gabinete. Precisava fazer uma TED, Transferência Eletrônica Disponível, uma das formas de realizar uma transferência entre contas bancárias de bancos diferentes. Estava tentando processar a operação por telefone, e pediu ajuda para Eliana. Para complicar, o sistema estava falhando, e a atendente do Banco estava demorando a entender os detalhes financeiros. Enquanto isso, a movimentação da bolsa era frenética, de queda contínua de seus papéis. Ele estava sendo tomado pela aflição, a cada segundo. A atendente do Banco, então, ameaça que iria cobrar a TED. Nervoso, ele se exaspera:

– Diz pra ela que, se me cobrarem a TED, vou tirar todas minhas aplicações desse banco!

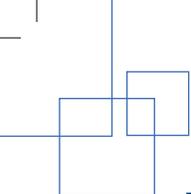
Ao que, imediatamente, rebateu sua secretária:

– O que restou, não é, querido? Só o que restou.

Ato contínuo, os dois caíram numa gargalhada só.

Eliana Hadade, por Naconecy





No limite

Um provérbio caipira, muito utilizado no interior paulista, alerta para "nunca mexer com quem está quieto". Tem mesmo fundo de verdade, e uma infinidade de aplicações. A secretaria do jurídico do Banco era desses lugares tranquilos, sob a batuta de Reiji, o coordenador japonês. Comunicava-se baixinho, dirigia-se a seus colegas sempre com educado estilo zen, e vida que seguia.

Uma calma a que o chefe da divisão Lourenção não estava acostumado. Aliás, certa monotonia no relacionamento parecia incomodá-lo. O tempo mostrou que ele era adepto de um estilo que podia ser chamado de bipolar: normalmente bem humorado, estourava quando contrariado. Dia desses, resolveu se deslocar até a secretaria e buscar assunto com seu comandado. E como quem procura acha, armou uma conversa de cerca-Lourenço, até per-

A "mania" mais grave,
no entanto, era de chegar
sempre atrasado ao trabalho

guntar o que estava acontecendo de diferente. Reiji acalmou-o, dizendo que estava tudo na mais perfeita ordem. Ele não se conformou, insistiu: algo devia estar ocorrendo de incomum. E ele, na sua neura habitual, pressentia estar sendo poupado do problema. Lourenção insistiu. "Me diga, não esconde, tem que ter alguma coisa". Pressionado com a insistência, e para aplacar a ansiedade do chefe, Reiji resolveu mencionar um assunto irrelevante, que nem o incomodava, mas era a única coisa que fugia da regularidade. Os episódios do Boni.

Engenheiro electricista, graduado pela Escola Politécnica da USP, tendo trabalhado anteriormente na renomada Hidroservice, Boni ingressou no BC como analista, cursando, na época, graduação em direito, também na respeitadíssima faculdade de São Francisco, da USP. Com vasta cultura geral e de fácil relacionamento, gostava de contar histórias de décadas passadas. Entretanto, apresentava inúmeros tiques nervosos. Na copa, cuspiam no copinho enquanto tomava cafezinho. No computador, cuspiam no indicador da mão direita, o único dedo que usava para digitar. Os colegas que o substituíam nas ausências se negavam veementemente a usar o mesmo teclado, seboso e úmido.

A "mania" mais grave, no entanto, era de chegar sempre atrasado ao trabalho. Não muito. Uns minutos, mas raramente chegava antes. O coordenador Reiji, que valorizava mais a produtividade, não se importava com isso, mas o chefe de divisão, entendendo ser



imoral, resolveu que não se permitia atrasos nem que fosse de um minuto. E combinaram alerta geral para o assunto a partir de então.

Logo no dia seguinte, Boni chegou um minuto atrasado e foi para casa, queimando um abono – benefício que se adquiria anualmente e se podia usar sem necessidade de justificativa. O coordenador o chamou em sua sala e combinou que horário de entrada seria às 9h30, e não 9h00, horário oficial, desde que se cumprisse a jornada prevista. Não resolveu. Chegou, logo de cara, às 9h31. Então, nova combinação de horário: ficou estipulado que o horário fosse às 10h00. Aconteceu o mesmo. Incrivelmente, ele chegou às 10h02. E, assim, foi alterando de meia em meia hora, até que a entrada ficou determinada para as 12h00. Ai, parou de chegar atrasado. Entretanto, o combinado foi que, ao entrar às 12h00, não sairia para almoçar. Faria apenas meia hora de descanso. Não aguentou uma semana. "Ficar sem almoçar, não dá", disse para todos. Almoçar antes, em casa, também não era viável para ele. Finalmente, testadas todas as possibilidades, ficou estabelecido o horário de 11h00 para a entrada. Mas, não raramente, ele deu meia volta usando o recurso do abono.

Questionado se não ficava incomodado com essa situação, de nunca se dar uma folga no horário e chegar exatamente às 11h00, e não 10h59, correndo o risco de praticamente uma humilhação, disse que ficava muito aflito ao sair de casa. Gostaria de sair uns minutos mais cedo, mas não conseguia. Dizia a seu favor que, ao hall de elevadores chegava em ponto, mas a alegação nunca foi aceita. Em um ano, gastou todos os abonos economizados nos anos anteriores, e foi transferido, incorrigível, para outra seção.

Reiji Shinozaki

Um novato no BC

Café, parafusos. Dinheiro em engradados, caixas, maços e pacotes. Pobres reais e ricos dólares. Ouro. Máquinas para carregar dinheiro, amarrar dinheiro, picar dinheiro. Cofres, gavetas, armários. Um mundo de carimbos. Canais de satélites e computadores da idade da pedra polida. Fama de marajá, saldo no banco desse tamanho.

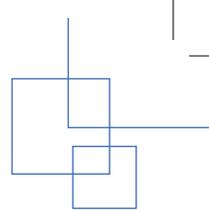
De vários contrastes se faz um Banco Central. Um novato por aqui se sente um pouco perdido. São siglas, processos, procedimentos que devem ser dominados antes que ele possa se mover confortavelmente pelo prédio. Os funcionários antigos fazem o possível para ajudar, mas deve ser cansativo ficar explicando o tempo todo os detalhes mais simples da cadeia burocrática para aquele chato que nem mesa tem de tão novo no setor.

É claro que não dá para perder a esperança. Mas o pique da sexta-feira nem sempre é o mesmo que se tem na segunda. O labirinto de normas e instruções é grande demais para ser dominado por alguém que acabou o Forteb no mês passado, e enquanto espera a chance de definir as políticas econômicas que vão tirar o país do buraco fica contando parafusos e conferindo porcas. E tome cafezinho, porque ninguém é de ferro e cochilar na mesa pega mal.

Claro que tem o lado bom. As festinhas no fim do expediente, a cerveja com os amigos no Xodó ou no Opção, um passeio no clube no final de semana. E a certeza de que, um dia, ah, um dia as rédeas da política econômica estarão nas mãos daquele garoto que, sentado em uma mesa emprestada, toma café e conta parafusos.

Antônio Miguel Pereira Júnior





Papel contact

Me lembro bem que os fatos aconteceram em 1975, quando o esporte mais midiático do mundo era o xadrez. Desde três anos antes, a guerra fria estendia seu campo de batalha para os tabuleiros de xadrez, e os nomes mais populares do mundo eram o do americano Bobby Fischer e os soviéticos Boris Spassky, Garry Kasparov e Anatoly Karpov. Jovem, toda a geração que tinha entrado no Banco Central, no concurso de 73, acompanhava ávida os desafios. Passavam na TV; eram noticiados nas rádios. Cobertura extensiva nos jornais e revistas. Quem não sabia, começou a aprender sobre entradas e aberturas, mate pastor e cheque mate. A febre

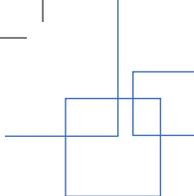
O parceiro captava, abria a gaveta, movimentava a peça, e continuava a olhar para o tabuleiro

do esporte tomou conta dos andares do prédio, também. Eu, funcionário do setor de materiais e patrimônio, assim como uma dezena de outros, já era um aficionado antigo; desde criança já disputava peões e damas com meu pai e irmãos. Dessa forma, não foi difícil me entrosar com os colegas. Não bastavam apenas os campeonatos que eram programados para os finais de expediente. A turma queria mais.

Como a demanda era grande, então havia os tabuleiros pequenos, de plástico, que cada um tinha e trazia. Estrategicamente eram deixados na primeira gaveta das escrivaninhas. E dá-lhe lances. Muitos lances. Desde a manhã, até o final de tarde, havia sempre uma desculpa para desfilas na frente da escrivaninha do colega e, desafiadoramente, decretar: "Cavalo 5 Torre da Dama". O parceiro captava, abria a gaveta, movimentava a peça, e continuava a olhar para o tabuleiro, para encontrar uma boa continuação. Quando decidia o que fazer, se o oponente estivesse num lugar próximo, e era possível cantar a jogada, do seu posto mesmo que anunciava a próxima jogada. Se não, se levantava e se dirigia até o adversário. Claro, tudo isso feito com razoável discrição, e sem atrapalhar o bom andamento dos serviços. Cóff, coff!

Na seção, eram muitos os bons jogadores. Reiji Shinozaki, ponderado e cirúrgico. Miguel Siqueira, impetuoso e inteligente; Cláudio Liseas, ardiloso. Mas havia outros. Tudo transcorria na maior tranquilidade, quando uma mexida no tabuleiro dos comissionamentos do setor quase pôs fim ao paraíso.

Miguel, um técnico como todos, camisa sempre fugindo da calça pelo sobrepeso, padecendo de sudorese, tinha acabado de ser

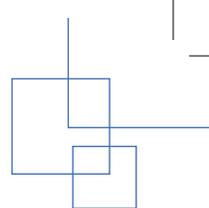


escolhido, por suas qualidades evidentes, subencarregado de setor. O primeiro degrau de uma carreira que iria longe, cheia de responsabilidade. Ocorre que, vestindo a "farda", ganhando a recompensa do cargo e a responsabilidade que trazia junto, o primeiro ato que ele determinou foi proibir os jogos durante o horário de expediente. Bah, baita sacanagem. Foi o que todos os outros colegas também pensaram. Enquanto era como um de nós, aderiu, era parceirão. Bastou ser comissionado que virou a casaca.

A atitude abalou a comunidade enxadrística do andar. Só se comentava sobre o assunto, no prédio. Mas se a criatividade tem uma época mais propícia para florescer, esse tempo é o de crise. Nos dias seguintes, Reiji, o nipônico arquiteto das invenções, mostrou o ar de sua engenhosidade. Criou um tabuleiro em papel contact, e pecinhas, uma a uma, colantes. Em duas dimensões, mesmo, para praticamente nem terem relevo, e poderem ser transportadas dentro de um caderno, se necessário. Provavelmente, seria um bem sucedido inventor, na iniciativa privada. Com certeza não ficou rico, mas que fez um bom dinheirinho, na época, fez.

Não só de nosso andar, como de muitos outros, encomendavam. Assim, o xadrez mais discreto ainda, voltou a ser praticado. Durante semanas, e com o pacto de todos serem absolutamente silenciosos, sem dar na vista, a febre ganhou novos contornos. Até que foi baixada nova lei marcial. Nada de verbalização sobre xadrez. Não se poderia mais passar lances com a boca, para os competidores. Lei da mordança. E agora?

Nas épocas de maior restrição, em que os limites da comunicação estão mais cerceados, costumam ser, paradoxalmente, dos mais férteis em inventividade. Nossa música popular brasileira é, com certeza, desses grandes exemplos. Chico, Ivan Lins, Vandrê eram desses notórios contorcionistas criativos. Pois rapidamente, frente à nova onda de repressão, houve uma reação contrária, de maior engenho: passou-se a difundir a Libras. Isso mesmo, uma ver-



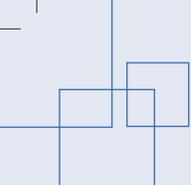
são simplificada da linguagem brasileira de sinais. Uma língua gestual, usada pela maioria dos surdos dos grandes centros brasileiros.

As iniciais das peças, T, C, B, R, D e P, assim como os números, de 1 a 8, todos tinham representações com mãos e dedos. Facilmas de absorver e praticar. Passou a ser, assim, a nova gramática para o desenvolvimento da linguagem enxadrística. Agora, a transmissão de cada lance era feita com a simbologia dos dedos de uma só mão.

E esse tempo durou bastante; o suficiente para que todos pudessem praticar e se deleitar com o esporte, nas breves folgas de seus afazeres. Como se costuma dizer, criatividade é vital para o sucesso da ação empreendedora.

Naconecy





Uma partida de futsal

A partida estava interrompida em seu momento crucial. O placar apontava 2 a 2. O empate era insuficiente para o aguerrido esquadrao da Reban. Precisava dos três pontos, para alçar ao segundo lugar na chave, e se credenciar à semifinal do campeonato de 1988, da Asbac-SP. O cronômetro marcava 1 minuto e 36 segundos de tempo remanescente. Paralisação para atendimento a Reinaldo Avenida, ala direita conhecido por conjugar com mais fluência o verbo ir que o voltar. Quem o conhecia, como eu, sabia que ele era um ator poderoso no assunto valorizar a queda: estava mesmo muito extenuado. Tentava puxar um pouco de fôlego do fundo dos alvéolos.

O frondoso ginásio de Guarapiranga abrigou alguns dos mais inesquecíveis prélios que testemunhei. Lá desfilaram alguns amadores que teriam muita chance, em outras circunstâncias e reviravoltas da vida, de se profissionalizar. Desde os anos 1970, com Alcides e Bira, dois foras de série, mas também Bagatella, Dêlcio,

Ele era a última esperança. Tristes de nós. O banco sinaliza a substituição, ele se coloca na quadra

Oscar, Alberto, Fernando, Lúcio, Douglas, Lourivaldo, Glicério, Canuto, Pedrao Rosas, Pedro Nebesnyj, Watana-be, Gilberto Amado, Eduardo, Conrado, Rafael Siracusa, Válder, Robertão, Shogoro, Serrano, Marco Camargo, Evaldo. Evaldo foi certamente o que mais bri-

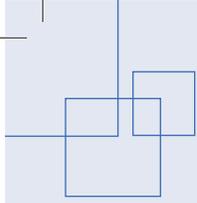
lhou nas quadras da Asbac. Até a nova geração, com Tonello, Rafael e o Ricardo Terranova, também, decisivos e desequilibrantes.

Mais de um minuto de paralisação, é preparado o último trunfo do time da Reban: Francisco Serrano, jogador de fino trato com a bola, daqueles que num lampejo, um lance genial, pode decidir a partida. Mas vejamos, sejamos honestos: ele estava visivelmente acima do peso, não jogava havia meses, fumava feito cano de escape e estava longe de se alimentar como atleta. E nas duas oportunidades que teve durante a partida, deu apenas um pique e teve de sair quase de imediato, procurando um balão de oxigênio. Ele era a última esperança. Tristes de nós. O banco sinaliza a substituição, ele se coloca na quadra.



Participar dos campeonatos na Asbac, para toda uma geração de funcionários do BC, era uma viciante adrenalina. Um ritual que começava muito antes do apito do juiz. Nas cogitações para composição dos times, nos burburinhos de corredor, nos encontros dos elevadores, nas copas, nos comentários nos jornais internos. Os Divul, informativos semanais da Asbac, eram aguardados com enorme expectativa, e tinham sua leitura muito potencializada conforme o espaço que dedicava às narrativas e comentários dos jogos. Quem fez os gols? Foi resultado justo? Nos sábados, então, era realizada a catarse daquela soma de todas as emoções. Desde cedinho, fizesse ou não sol.

A partida, então, fica muito truncada, um time tinha todo o interesse de atacar, o adversário se contentava com o empate. Nenhum time consegue desenvolver uma jogada mais incisiva. Muitos chutes para fora, bloqueios, nada mais significativo. Muito feio de ver. Pura emoção. Até que chegamos aos últimos 20 segundos, com a bola na mão do goleiro Pedro Nebesnyj. Ele vê Rafael no meio, faz o lançamento. Rafael apara a bola, faz uma gingada para a direita, engana o marcador, com seu drible mais característico e passa para o rápido Mauricinho, na ponta esquerda, que de costas se projeta para o centro e dá um toque rápido para Clovis, centralizado, que procura espaço para finalização. A dinâmica do lan-



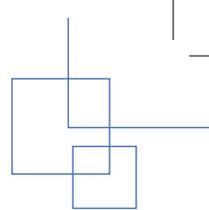
Aquele jogo continuou muitas horas na insônia daquele sábado

ce tem o acompanhamento de Serrano, muito marcado no meio, e seu marcador o agarrando, fazendo com que ele caísse, junto da área. Mas o juiz vê vantagem para o chutador, e Clovis fuzila, quando o cronômetro apontava para 2 segundos. O goleiro Lúcio, demonstrando muita flexibilidade, saltou no canto esquerdo e espalmou a bola para frente, tudo o que era possível. Serrano, deitado na quadra, numa presença de espírito impressionante, gira o corpo tal pião, e mesmo estatelado, estica a perna direita e, num lance de acrobacia incrível, toca para o fundo do gol. É gooooooooool. Sincronizadamente, enquanto a bola passava pela linha, o cronômetro era zerado. Era a apoteose. Uma jogada para guardar nos anais da memória de todos que estavam presentes no ginásio. Pra minha sorte, estava lá, também.

Era por momentos assim que todos se reuniam, como numa seita, num júbilo coletivo. A festa começou na quadra, e teve prosseguimento na lanchonete, coroando uma alegria geral.

Aquele jogo continuou muitas horas na insônia daquele sábado, e anabolizou nosso folclore particular durante muitos anos. Não valia taça, mas representava o triunfo da superação. A celebração da amizade. Ainda jogamos e vencemos os jogos de semifinal e a final, numa temporada brilhante. Mas a aura daquele grupo, com a determinação de campeões, a sinergia de gladiadores da bola (Rafael compareceu ao jogo mesmo tendo sido pai no mesmo dia), que sabiam vencer sem serem os melhores, vai ser muito difícil de reunir novamente.

Naconecy



A parte econômica de uma tragédia

Uma história trágica nos fez repensar algumas rotinas que, muitas vezes, acabam relegadas ao segundo plano. Ao assumir novos pacientes, é sempre sábio exigir para complementação do plano de tratamento uma radiografia panorâmica. Simples, descomplicado, esse documento maravilhoso da imagenologia é baratinho, se considerarmos quão valioso é, e tem o poder de um mapa mundi da anatomia que nos interessa. Estamos convictos que deve ser uma exigência sistemática na finalização das anamneses. De posse desse mapa, minimiza-se o risco de um diagnóstico falho ou negligente. E que pode ter consequências funestas.

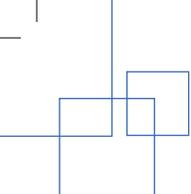
Em setembro de 98, o sr. Maia, advogado de 53 anos que fez carreira em serviços gerais no BC paulista, resolveu dar atenção a uma sensação diferente na região direita da mandíbula. Consultou seu dentista, que numa radiografia periapical (aquela pequena comum de consultório) percebeu uma região radiopaca logo abaixo da raiz de um pré-molar. A escuridão na película, no entanto, era apenas a ponta de um enorme iceberg, que ficava oculto abaixo da imagem aparente no raio X. Fez o que lhe indicaram: um tratamento de canal. Como não sentiu melhora nas semanas seguintes, por sugestão médica procurou um hospital, em que lhe foi solicitada radiografia do maxilar. O exame constatou algo bem mais profundo: lesão tumoral infraóssea com redução de tábua óssea externa. Uma biópsia no final de outubro firmou um diagnóstico anátomo patológico muito raro: tratava-se de um schwannoma maligno – uma degeneração óssea que reagia como granuloma e carcinoma. O tumor na boca, nesta altura, tinha o tamanho de uma bola de gude.

Seguiram-se novas sessões, até que oncologistas decidiram por quimioterapia

Como não sentiu melhora nas semanas seguintes, por sugestão médica procurou um hospital, em que lhe foi solicitada radiografia do maxilar. O exame constatou algo bem mais profundo: lesão tumoral infraóssea com redução de tábua óssea externa. Uma biópsia no final de outubro firmou um diagnóstico anátomo patológico muito raro: tratava-se de um schwannoma maligno – uma degeneração óssea que reagia como granuloma e carcinoma. O tumor na boca, nesta altura, tinha o tamanho de uma bola de gude.

Em novembro do ano seguinte, o sr. Maia notou aumento progressivo do lado direito do maxilar inferior, que todavia era absolutamente indolor. Apesar disso, percebeu que se tratava de algo grave.

Seguiram-se novas sessões em consultas médicas, até que oncologistas decidiram por quimioterapia. Começa um périplo com resultados desagradáveis e esperados: o advogado começa a sentir dificuldade de fonação e mastigação, até que em novembro de 99 é afastado do trabalho. Finalmente, no início de 2000, a junta



médica que o assiste resolve fazer procedimento mais radical. Uma cirurgia para tentar extirpar todo o tumor foi marcada para março. Nesse mês, foi submetido à mandibulectomia total e reconstrução microcirúrgica com retalho de fibula, o nome atual do perônio. Como complemento terapêutico, foi tratado com radioterapia e reabilitação oral. Foi uma fase muito difícil, porque mexe muito com o psicológico da pessoa, sua imagem, as rotinas básicas. O resultado não foi muito animador. Os amigos, familiares e colegas de trabalho tentavam animá-lo e encorajá-lo, e ele reagia bem.

Algum tempo depois, todavia, o quadro foi se configurando mais negro. Novos exames sugeriam metástase cerebral, e classificaram finalmente o caso como Schwannoma de nervo alveolar. Foi outras vezes internado na UTI. Além da deformidade facial, sua função fonatória estava muito prejudicada. A perspectiva permaneceu, como até hoje, sombria.

Revistando seu histórico odontológico nos dez anos que precederam o acontecimento, verificamos que neste período quatro dentistas assistiram o sr. Leal. Para infelicidade dele – ou apenas coincidência – três foram descredenciados pelo programa por problemas de qualidade. Lembramo-nos de uma característica comum entre eles: nunca solicitavam radiografias panorâmicas para diagnóstico. Talvez porque em muitos convênios essa prática é vista como exagerada, e consideram estar colaborando para a economia de recursos, ainda que não seja significativa. Ou não tinham mesmo esse cuidado, e não o valorizavam, sistematicamente.

Procedimentos preventivos como o sugerido habitualmente poderiam ter evitado alguma coisa? Não sabemos se alguém poderia se arrogar de alguma certeza. Alguns processos são agudos, resistentes, muito rápidos, e as terapias nem sempre conseguem resultados satisfatórios. Mas certamente a chance não seria desprezível.

(OS: enquanto estávamos revisando estas linhas, em 23 de setembro de 2004, ficamos infelizmente sabendo da morte do sr. Maia.)

Naconecy



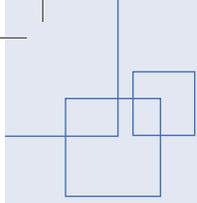


Pé quente, cabeça fria

Por muito tempo, quando se falava em meio circulante em Salvador, a associação com José Carlos Santos Silva, coordenador do serviço, era identificada de imediato. Funcionário dedicado, tinha personalidade que transitava rapidamente de um lado brincalhão para o austero, exigente. Por essa época, o abono-assiduidade era um direito dos funcionários, que contavam com cinco dias anuais para cuidar de interesses pessoais e particulares, desde que em combinação com suas chefias. Tais abonos podiam ser acumulados de ano para ano, como também serem usados em dias alternados.

José Alberto Santos queria usar um desses abonos para usufruir de um final de semana prolongado em Aracaju, onde seria padrinho de um casamento, a partir da próxima quinta-feira, já que a sexta seria feriado.

Ao pleitear o seu intento, teve o impacto de vê-lo indeferido pelo chefe Silva, sob a justificativa de que naquela quinta estava programado recebimento de numerário. A tentativa de convencimento apenas provocou acirramento de ânimos, ameaças, queixas, desconforto e mal estar.

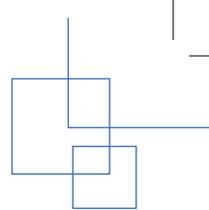


Zé Alberto ficou tão abalado que não teve dúvidas: ao sair do trabalho naquela sexta, passou rapidamente em casa, pegou algumas roupas e tomou a estrada rumo a Caldas do Jorro, estância hidromineral. Esfriaria seus ânimos sob a quentura das águas medicinais, usufruindo do conforto dos procurados banhos.

Ao acordar na manhã seguinte, desceu animado para a degustação do famoso café regional do hotel, entregando-se aos prazeres de frutas regionais, aipim, mingau, mungunzá, canjica, pamonha e muitas outras delícias, quando, de chofre, absorto que estava, deparou-se com a figura de José Carlos Silva chegando ao recinto. Ao chefe ocorrera a mesma ideia de esquecer o dia anterior nas águas cálidas.

Os olhares cruzaram-se. Em átimo de segundo, como em passe de mágica, os espíritos desarmaram-se. Ao mesmo tempo ambos começaram a rir desbragadamente.

Luiz Augusto Feitoza Ferraz



Peças do destino

Mesmo os mais precavidos, desses que jogam sal grosso, não atravessam por baixo de escada nem dispensam fazer figas antes de uma pejeja, estão livres de peças que o destino costuma pregar.

E o destino costuma nos pegar sem avisar num final de manhã tranquilo, num dia de verão, numa cidade de praia sonolenta, como Peruipe-SP. Foi a esse roteiro insólito que Adriana se integrou quando pegou seu carro e, numa quinta-feira, foi para o litoral. Queria evitar o supermercado lotado, como sempre ficava a partir das sextas, e fazer todas as compras, antes do final de semana, antecipando-se à chegada da família, no dia seguinte.

Já era uma rotina para a família curtir a praia no litoral sul, naquela cidade normalmente calma e tranquila, com ondas ótimas para praticar surf. Seu namorado dentista era adepto da modalidade, e era um dos mais entusiasmados com esse costume familiar.

Compras feitas, voltou para casa, distante três quarteirões da praia, bem rapidinho, já que nesses dias a cidade é quase fantasma e sem trânsito. Estacionou bem em frente à garagem. Ao abrir o porta-malas, observou que a rua não tinha viva alma, exceto na casa em frente, com uma senhora numa cadeira de balanço, e um senhor agachado, capinando o jardim. Apanhou uma das caixas de papelão com mantimentos, e começou a levar as compras para dentro de casa.

Adriana cheia de compras nas mãos, congelada pela cena que acabou de ver

Já havia feito duas viagens até a cozinha quando, ao voltar para a rua, notou um moço de bicicleta transitando próximo ao meio fio da calçada, do outro lado da rua. Enquanto apanhava vários sacos plásticos junto ao corpo, viu o rapaz estacionar a bicicleta quase em frente, e se dirigir à casa com o casal. Andando em silêncio, ele sacou um revólver do bolso, foi até o senhor e atirou em sua cabeça. Mais alguns passos, e mais um tiro certeiro na senhora. O atirador se vira, agora se volta em direção à bicicleta. E olha, bem em frente, Adriana cheia de compras nas mãos, congelada pela cena que acabou de ver.

Nos instantes que se seguiram, ela pensou: morri. Era a única pessoa que assistiu ao fato, que pode reconhecer seu rosto, e estava ali, paralisada na sua frente. Com a frieza que acabou de demonstrar, era mais que previsível que, para não deixar testemunha, ele desse mais uns passos para frente e encerrasse o assunto. Ela



petrificou, ficou imobilizada pois, naquela altura, sinceramente, não havia nada o que fazer.

Mas eis que o imponderável da silva surge, do nada, para mudar o curso da história. Inesperadamente, fazendo um ronco barulhento, irrompe um fusquinha antigo, dobrando a esquina, cruzando a rua entre Adriana e o matador. Aquela presença surpreendente, todavia, teve o poder de arrefecer a péssima ideia que estava habitando a cabeça do pistoleiro. Calmamente, ele foi até a bicicleta e tomou seu rumo.

Quando a família recebeu a notícia do que tinha se passado, segundos depois, imediatamente voou para o litoral. O pai e inspetor do BC, Válder Viana de Carvalho, a mãe Enice, os dois irmãos, o noivo dentista e surfista, além dos maiores amigos da família, fizeram uma convenção relâmpago. Analisaram os fatos, os agravantes. Ela poderia ser identificada, era a única testemunha. Esse era o tamanho do perigo. A conclusão foi unânime: Adriana precisava desaparecer, escafeder-se. Ir para o mais longe possível. Quem sabe um curso de língua, num outro lugar do planeta. Na semana seguinte, ela já estava de passaporte na mão, embarcando num avião, rumo à Austrália.

O tempo passou, assim como a poeira dos acontecimentos. A família de Válder nunca mais foi a mesma. Pelos jornais, soube-se apenas que os crimes foram atribuídos a acertos do tráfico de drogas. Um ano depois, o dilema desse baiano competente e muito querido pelos colegas era bem outro. Tratava de acomodar a família num voo de mais de 24 horas para Gold Coast, cidade de praia, na terra dos cangurus, onde a filha Mariana ia se casar com Ox, um surfista australiano.

Naconecy

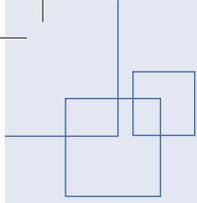
Premonição etilizada

Edvar Vieira era servidor diferenciado. Rodou por vários setores da antiga Delegacia Regional do BC em Recife. Poucos chefes toleravam sua maneira peculiar de ser. Só "estabilizou" no Núcleo de Pesquisas e Estudos Econômicos – Nupec. O chefe era educado, mente aberta, mais próximo do diálogo do que do autoritarismo.

O nosso Edvar era contínuo e adorava serviços de rua. Quando não tinha serviço externo do Setor, telefonava para outras unidades e perguntava se não precisavam de serviços de rua. Chegava a se oferecer para substituir colegas nestas tarefas. Aproveitava as saídas para tomar o que ele chamava de "lapada" ou "branquinha", sinônimo da aguardente pitu. Sim, era alcoólico assumido, mas jamais se embriagava ou, usando seu próprio linguajar, "não saía da linha" ou "perdia o prumo".

Antes de assumir o posto no BC, trabalhou 10 anos em uma funerária preparando cadáveres antes de enviá-los aos velórios. A longa convivência com a morte de terceiros lhe teria tornado apto a prever a proximidade do último suspiro de qualquer vivente. Numa ocasião, atendeu no balcão uma pessoa em visita a um servidor. Após a saída do visitante, comentou em voz alta que o cidadão iria para "baixo da terra" em menos de 30 dias. Na semana seguinte um enfarte fulminante vitimou o cunhado do colega. De outra feita, afirmou que um emissário que mensalmente levava documentos ao BC não chegaria à ceia de natal. Um AVC liquidou o rapaz em no-





vembro. Chegou a propor aposta para acertar o tempo de vida restante de determinadas pessoas. Quando Tancredo Neves adoeceu, em 1984, Edvar garantia que o Presidente recém-eleito não viveria mais 40 dias. Chegou a apostar doses de pitu confiando no prazo. Ganhou por um dia. Durante algum tempo bebeu pitu de graça.

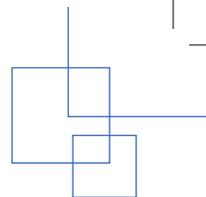
Numa conversa descontraída perguntou a um colega se era parente de um senhor bem alto, de sobrenome igual, morador em determinada rua de um bairro de Recife, falecido há aproximadamente 10 anos. Era o avô do funcionário. Perguntado como se lembrava de um morto década atrás, se ele se vangloriava de ter tratado de mais de 5.000 defuntos. Explicou que, no caso em questão, a família comprara um caixão menor do que o corpo. Não houve como acomodá-lo dentro do esquife. A solução foi serrar as pernas na altura dos joelhos e tirar a diferença colocando a perna ao lado do fêmur.

Diariamente, Edvar passava na Asbac. Lia os jornais, conversava com outros associados e depois datilografava textos misteriosos. Nunca mostrou os escritos, mas dizia que era um catálogo com a data provável da "partida" de todos os servidores da Regional e garantia que alguns estavam muito perto de partir.

Isso eu não sei. Só sei que quem partiu mesmo foi Edvar, em 2011. Não consta ter feito previsão para ele mesmo. Suas anotações nunca foram encontradas.

Isso eu não sei. Só sei
que quem partiu mesmo
foi Edvar, em 2011

Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes



O processo

(Tudo o que vai narrado a seguir aconteceu no BC na década de 1970. Os nomes dos envolvidos foram alterados ou omitidos visando não somente resguardar a privacidade de cada um, mas também evitar problemas judiciais para este aposentado cronista)

São Paulo, 1974.

Naqueles tempos era comum submeterem os novatos, de qualquer empresa, a um rito de iniciação. Eram-lhes solicitadas tarefas que os veteranos sabiam impossíveis de serem cumpridas, mas que o principiante, por medo, timidez ou tentativa de se integrar ao novo ambiente, procurava executar a qualquer custo.

São exemplos clássicos: buscar a caixa de papel carbono pautado, o envelope redondo para cartas-circulares, o alicate de puxar saldos ou a máquina de achar diferenças.

O BC também tinha essa cultura e havia uma "quadrilha" de especialistas, integrada por gente dos mais diversos escalões do Órgão, desde continuos até Chefes de Divisão e eventualmente alguns mais graduados.

A peculiaridade é que os trotes eram aplicados sob a forma de um processo fictício, mas que possuía todos os requisitos de uma peça verdadeira (carimbos, informações, pareceres, despachos etc.), fazendo com que o novato [por vezes] passasse meses a fio na suposição de estar sofrendo algum tipo de sanção disciplinar.

Tão logo se apresentava um novo servidor, era crivado de perguntas aparentemente banais e inofensivas, tais como "onde mora", "tem filhos", "qual o seu time favorito", mas que tinham o objetivo de descobrir algum "podre" da vítima que possibilitasse dar início ao trote.

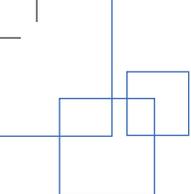
Entretanto, com o Fúlvio estava difícil, pois ele não dava nenhuma pista.

Até que certa manhã ele chegou ao seu setor de trabalho pouco antes das 9 horas, todo esbaforido e comentou:

– Ainda bem que eu tomei um táxi; se tivesse vindo de ônibus fatalmente chegaria atrasado e teria que assinar a folha suplementar.

Foi a senha. Um colega, que fazia parte da "quadrilha", jogou a isca:

– Numa situação como esta você pode pedir reembolso ao Bacen.



- Como é que eu faço?

- Você faz um requerimento e protocola no Funcionalismo.

Estava data a partida para a "via-crúcis" do Fúlvio, que iria durar meses.

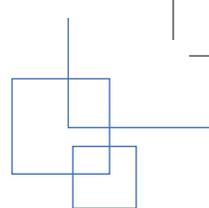
Ajudado pelo colega, ele preparou um requerimento em três vias. Quando pensava em protocolar no Funci, um gentil contínuo ofereceu-se para executar a tarefa, voltando tempos depois com a cópia devidamente carimbada.

Daí se passaram 10 dias sem que ele recebesse qualquer notícia a respeito do reembolso, até ser chamado ao Gabinete do Doutor Jorge Figueiredo de Aguiar, elemento da quadrilha. Lotado em outro setor, fantasiado de terno, gravata e óculos de lentes grossas, ocupava sala reservada na Inspetoria de Bancos, a fim de prestar o seu depoimento sobre o pedido.

Compareceu na hora marcada e foi duramente inquirido pelo Dr. Jorge e seus dois assistentes, que tentaram saber quais eram suas reais intenções ao pedir o reembolso, pois havia suspeitas de que ele pretendia lesar os cofres públicos.

Saiu do gabinete trêmulo, muito mais branco do que era. Abatido!





Dai em diante nunca mais teve tranquilidade, pois a cada dia um colega diferente fazia sua carga de terrorismo, contando casos semelhantes em que o servidor havia sido exonerado a bem do serviço público.

Era tal o seu estado de nervos que um bondoso amigo (que também fazia parte da gangue) sugeriu:

– Faça um requerimento pedindo vistas, assim você poderá acompanhar melhor o andamento e talvez apresentar uma defesa por escrito.

Assim fez e o que viu quase lhe provocou um colapso nervoso. Às folhas 196 constava o seguinte despacho:

"Antes de decidir, encaminhe-se ao Departamento de Pesquisas Econômicas, a fim de que seja apurado o real valor de uma corrida de táxi no percurso supostamente feito pelo servidor".

E às folhas 205:

"Foi designado o servidor Ananias que tomou um táxi e efetuou o mesmo trajeto. Ao final o taxímetro marcava Cr\$ 5,38, equivalente a tão somente 36,7% da importância que o servidor Fúlvio tenta subtrair do Erário."

E finalmente às folhas 238:

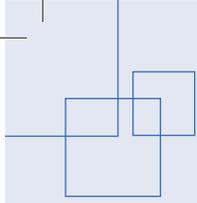
"Estando inequivocamente provada a investida para lesar o Patrimônio Público, encaminhe-se o processo novamente ao Funci para a adoção das medidas disciplinares previstas no MSP-1-7-3-27 "a" e "b".

O processo poderia ter ido ainda mais longe se não fosse o providencial telefonema da esposa do Fúlvio, que ligou muito preocupada para o chefe de seu marido:

O que está acontecendo aí? Faz muito tempo que o Fúlvio não come, nem dorme direito, está sempre nervoso e até perdeu o vigor sexual.

Foi aí que resolveram acabar com a brincadeira. Não sem antes perpetrar o derradeiro requinte de crueldade: fizeram uma coleta para apurar o valor da corrida de taxi, foram à Tesouraria e trocaram em moedas de Cr\$ 0,01, colocaram tudo num pesado saco, chamaram o Fúlvio e contaram a verdade, para gargalhada geral da "quadrilha" e alívio do novato.

Aristeu de Campos Filho



Quando a muamba virou prêmio de consolação

Pierre Noronha, analista do BC e filiado da Asbac, era polivalente. Dava conta das tarefas no Banco e era exímio fornecedor de produtos importados a quem lhe encomendasse. Óculos Ray Ban, Perfumes, whisky, eletrônicos, máquinas fotográficas, toca-fitas, aparelhos de som, fitas virgem, tudo enfim era entregue em poucos dias e com preços médios 30% abaixo dos praticados no mercado legal. Naquela época, antes da globalização, o Paraguai ainda não era entreposto comercial. O baixo valor do Cruzeiro e as altas taxas aduaneiras não compensavam idas a Miami. O melhor era abastecer-se em Manaus graças à zona franca subsidiada. Os aparelhos de videocassete, sonho de consumo de 10 em cada 10 funcionários do Banco, eram novidade e por isso caríssimos. Pierre vislumbrou uma ótima chance de multiplicar seu rendimento: organizou um consórcio informal só com colegas de trabalho. Registre-se que a modalidade ainda não era regulamentada.

A ideia foi tão bem aceita que 40 colegas aderiram de imediato

A ideia foi tão bem aceita que 40 colegas aderiram de imediato, sendo que 15 pagaram à vista para receber o sonhado bem de imediato. Era uma demanda que o nosso personagem não tinha como atender em prazo tão curto. Como não era homem de desistir e não querendo arranhar a credibilidade, concebeu engenhoso plano: uma excursão a Manaus. Pessoalmente, negociou com companhias de aviação e hotéis, organizou pacote para trinta lugares. Fechou o contrato via Asbac-Recife e, de quebra, ganhou 3 passagens e 3 hospedagens de bonificação.

Nas semanas que antecederam a viagem, conversou com cada turista e pediu as cotas daqueles que iam apenas conhecer a Amazônia, não se interessavam por compras.

A viagem foi estrondoso sucesso. Todos associados ficaram contentes. Pierre mais ainda, pois levou esposa e cunhada a custo zero e custeou as despesas para os dois filhos. Sua bagagem retornou acrescida de 15 aparelhos de videocassete, 5 máquinas fotográficas Olympus trip 35 (coqueluche na época), 50 fitas para vídeo e 100 para toca fita, tudo para atender encomendas pagas.



O tour foi organizado com o ponto de concentração na Sede da Regional do BC. Um ônibus fretado levaria os viajantes para o aeroporto. No retorno, uma sexta-feira à noite, a operação se repetiria. O coletivo recolheria passageiros e bagagens no aeroporto e os levaria até a Delegacia Regional, onde os colegas pegariam seus carros.

Para facilitar a vida, o dinâmico Pierre conversou com o chefe da segurança e deixou toda "muamba" na portaria do edifício. Na segunda, era só distribuir com os colegas que haviam pago pelos desejados produtos.

Para azar do nosso associado, na madrugada daquele dia, o banco foi invadido pela quadrilha na primeira tentativa de assalto àquela dependência. O roubo foi frustrado porque os ladrões não conseguiram abrir a caixa forte. Não levaram dinheiro do BC, mas carregaram tudo de valor que encontraram na portaria. Pierre Noronha amargou tremendo prejuízo. Levou 3 anos para ressarcir todos os "clientes".

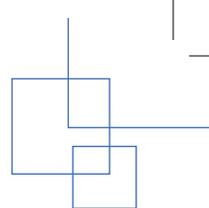
Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes

Questão de valores



Seres humanos comuns costumam ter sonhos normais, às vezes bem clichês. Falo aqui daqueles grandes objetivos, a que a gente se propõe e cobra. Como aquele que trata da realização: para atingirmos a completude, antes da morte, teríamos que ter filho, escrever livro e plantar árvore. Essa pode ser a missão de um sapiens normal. Antonio Carlos Feitosa, no entanto, tinha parâmetros diferentes.

Desde cedo, era do tipo focado, que levava a sério a profissão, a carreira. Teve uma trajetória sólida no BC paulista. Encarregado de setor, chefe de divisão, Delegado. Depois, com o prestígio do bom trabalho, conquistou a chefia da Delegacia paulista. Um *capo di tutti capi*, o chefão poderoso da instituição, na capital financeira do país. Existe até um folclore envolvido nos dias que antecederam sua designação como delegado, que exemplifica bem essa sua fixação nas metas. Num fim de semana, até que saísse a fumaça branca confirmando seu nome, pela direção de Brasília, fincou pé no prédio do BC, para evitar qualquer sobressalto. Mesmo com a notícia do falecimento da sogra, preferiu não se ausentar de seu gabinete.



para não dar sopa ao azar. Deu certo. Sagrou-se delegado. Saiu de lá, apenas, para substituir a Altino da Cunha, como mandachuva no Banespa. Na época, noticiaram os jornais, era preciso um dirigente de perfil baixo. Ou seja, que não quisesse ser maior que sua função. Ele era discreto, sabia o tamanho do imbróglio. Encontrou um panorama desolador, na entidade de 1.390 funcionários. Davam um prejuízo de US\$ 6 milhões por mês. Superou esse enorme desafio, entre agosto de 1995 e outubro de 1997.

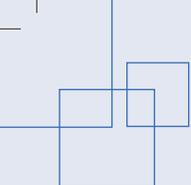
Nesta época, numa de suas raras visitas ao BC paulista, num cafezinho, confidenciou a amigo muito chegado que tinha atingido todos os objetivos a que se impôs na vida. Tinha tido um filho, comprou um Mercedes, e chegara à presidência de um banco. E que, agora, puxa, precisaria buscar novos estímulos para levantar da cama todo dia.

Essa perspectiva de vida merece uma reflexão. Quantos aos filhos, Vinicius de Moraes, em sua infinita sabedoria de poeta e sábio, aconselhava não os ter, ao mesmo tempo em que se questionava: "Se não os temos, como saber?". Muitos analistas consideram que devemos fugir da tentação de termos filhos apenas como modismo, ou objetos de consumo. Mesmo que seja para "completar uma missão". Um livro é uma realização intelectual, uma simbologia que nos distingue dos outros vertebrados, uma contribuição aos nossos contemporâneos. É razoável que esteja numa lista de desejos fundamentais. Também plantar uma árvore é um ato de responsabilidade social, uma conexão de vida com o planeta em que vivemos. Mas, um Mercedes? Qual a simbologia envolvida? Por estar associado subjetivamente a atributos considerados viris, como velocidade e potência – ideia amplamente reforçada pela propaganda—, o carro se presta melhor a ser alvo de um processo de identificação masculina. E onde há identificação, há projeção da própria personalidade. Não por acaso, o homem tende a revestir o carro de significados simbólicos, a ponto de humanizá-lo como se fosse uma garota a ser cuidada ou uma mulher a ser amada. Dentro desse universo, um Mercedes tem, reconhecidamente, um capítulo à parte. É o apogeu de um símbolo. Ou seja, se tivesse que sonhar tendo essas identificações, esse era um máximo.

Superou esse enorme desafio, entre agosto de 1995 e outubro de 1997

Advogado que já era. Feitosa superou esse dilema existencial, se reinventou e hoje é, depois de aposentado do BC, como atestam seus amigos, um feliz sócio em empresa com outros três colegas de profissão, também ex-bacenianos.

Naconecy



Sacudindo o prédio

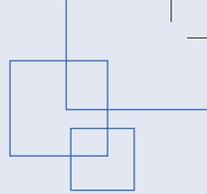
Como em todas as grandes corporações públicas e privadas, o espaço dedicado à mão de obra feminina vem adquirindo grandeza equivalente à sua representatividade em tamanho, na sociedade. Competentes e determinadas, e ainda acumulando tarefas caseiras, as mulheres rompem com eficiência cada dia mais barreiras em todos ramos de atividade. Esse panorama, como se sabe, já foi muito diferente. Tem sido trabalho de formiguinha.

Nos anos 1970, por exemplo, mulheres eram pouco mais de 22% do quadro do BC, em São Paulo. Ainda assim, faziam muito barulho entre os mais de 1200 trabalhadores do prédio. Aquilina Luiza, Bely, Cida Medeiros, Marlene Altomare e Ivete Lippi, entre outras, eram pioneiras em galgar postos gerenciais altos, mas coube a Ivete avançar mais longe. Mais que uma vitória da obstinação, foi um caso de estar no lugar certo, na hora certa.

Depois de longa passagem pela chefia da contabilidade, Ivete aceitou o desafio de montar um setor de planejamento, no BC paulista. Quem viu nela potencial para ser a transmissora da ideia do PBQP- o programa de qualidade e produtividade, foram os olhos do delegado Alberto Furuguem, a quem competia coordenar as ações em todo o Banco. Com liberdade, escolheu componentes de formações variadas, e pensamentos complementarmente opostos. "A diversidade é a parte mais benéfica do jogo", costumava dizer. Estávamos no início dos anos 1990, e era uma questão de modernismo gerencial que empresas aderissem a planos de qualidade no trabalho. Ela mergulhou na tendência, com a equipe. Nessa imersão, virou ativista do assunto.

Programas de Qualidade mexiam com mudanças culturais, e estas só ocorrem com engajamento consistente, no longo prazo. E envolvem mudança de comportamento dos indivíduos, bem como das estruturas de relacionamento humano que o compõem, o que não é tarefa fácil. Na época, vendia-se que estes programas constituíam das mais eficazes formas de obtenção do comprometimento das pessoas, uma vez que favoreciam o envolvimento dos empregados nas decisões que influenciam suas áreas de trabalho na empresa.

Com uma série de prós, os programas de qualidade às vezes apresentavam dificuldades, explícitas ou veladas, para serem implantados. Como envolviam custos para a empresa e tinham por alvo principal empregados e não a organização, muitas vezes encontram diversas formas de resistência. O caso do BC em São Pau-



lo seguia o figurino: o estrato que mais se opunha à sua implantação era a média gerência, sendo o medo da perda de poder o principal motivo.

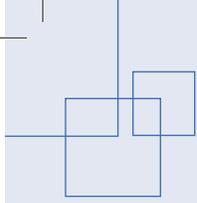
Com formação em Análise Transacional, Ivete balançava o prédio com suas "viagens" arrojadas. Numa dessas dinâmicas, muitos lembram, ela reunia um grupo enorme e exercitava elucubrações gerenciais utilizando-se de música do então poeta consagrado Chico Buarque. Quase sempre conquistava apoio para suas ações comportamentais de envolvimento.

Como essas dinâmicas, também, orientavam em direção à melhoria na eficácia da organização, nem precisou do sorriso cheio de dentes e a simpatia natural que sempre lhe cultivava devotos para estar em evidência. Foi nesse caldo de cultura que a chegada de um inesperado delegado novo, Luiz Felipe Denucci Martins, de Brasília, veio a catapultá-la para o centro do poder.

Superarticulado, Denucci chegou logo esboçando uma administração peripatética, aeróbica, que não deixava ninguém estático e não escondia que seus pilares gerenciais eram investir em treinamento, comunicação e planejamento.

Dessa forma, muito naturalmente, quando Skupien, antigo ocupante do cargo, se aposentou, chamou-a em seu gabinete e lhe comunicou sua escolha para Delegada Adjunta. E reforçou: "Não estou perguntando se é da sua vontade". Esse incensamento e a posterior





confirmação, junto aos componentes da coordenação do prédio, teve efeito imediato. Todo o cardinalato de poder da delegacia, que esperava pela nomeação da linha natural de sucessão, se colocou de pé atrás. De alguma forma, era uma reversão de expectativas.

Se formos avaliar o estilo Denucci de administração, não conseguiríamos ser fieis à realidade sem utilizar o termo "urgente". Viajava todo fim de semana ao Rio, mas madrugava, nas segundas. E agitava a todos com suas interações nos auditórios, nas seções, suas exposições do que pretendia implantar, reformar. Os acontecimentos do cenário econômico, com a implantação do Real, potencializavam a sensação de emergência. Formou, com Ivete, uma dupla que compunha um contraponto saudável, que varreu o marasmo das antigas estruturas.

Um ano depois, quando saiu, convidado para ser superintendente da Susep, Denucci levou Ivete a tiracolo. Foi ser sua fiel escudeira na empresa que regulamenta os seguros privados, na sucursal paulista e, também por lá, germinar a "qualidade".

Para os servidores paulistas, ficou a imagem alegre de quem ocupou, e sustentou, espaço de desbravadora dos mais significativos. Com garra, muita personalidade, e faro impressionante para a cultura – é sua a iniciativa de ressuscitar o Coral da Asbac paulista – foi, nada menos, que uma das mais marcantes personalidades femininas a pontificar na autarquia.

E, de quebra, a primeira mulher delegada no BC.

Naconecy

Seranus

Lenivaldo Gaia, o novo procurador geral do Banco Central em Salvador, chegara com ímpetos de movimentação. Ele entendia que um grupo que convive oito horas diárias precisa estabelecer laços, conversar, trocar experiências e conhecimentos em alto nível. Mexeu com Deus e o mundo para pôr em prática o seu projeto que denominou de Seranus. Uma vez por mês reuniria os interessados em final de tarde para uma tertúlia poética e literária.

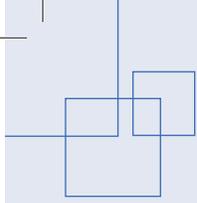
Institucionalmente, além do apoio das chefias locais, marcou um tento quando conseguiu o patrocínio da Asbac. E, assim, aquelas animadas reuniões tiveram sequência, ora homenageando o colega Dalton Carneiro, que tem relevante papel social no trabalho educativo com o Circo Picolino, e que trouxe uma magnífica trupe para apresentação; ora o poeta de renome nacional, nosso colega Luís Antônio Cajazeira Ramos, membro da Academia de Letras da Bahia, com memorável sessão, dentre muitos outros.

Houve outras sessões bem pungentes, motivadas por despedidas de colegas que se aposentavam, como Neusinha e Antônio Eduardo, assim como colaborações inesquecíveis. Tatiana Galvão está neste rol, assim como a voz dos colegas Kleber e Aurélio, sempre prontos a provocar deleite em nossas reuniões.

Pessoalmente, também tive o meu momento de glória, pois fui escolhido como homenageado em uma das sessões. Dentre alguns textos meus que foram declamados, entremeados pelos vozeirões cantantes dos amigos, fiquei com a comprovação de que tudo aquilo era antecedido por trabalho meticuloso de garimpo de preciosidades.

Luiz Augusto Feitoza Ferraz





Sete chances

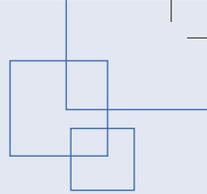
A criação do Código de Defesa, há 28 anos, fez com que os consumidores do país ficassem muito mais alertas quanto a direitos e deveres, e nos desrespeitos às relações de consumo. Profissionais que desafinam nesta área vivem flertando com o encerramento de seus negócios, e o processo, com a divulgação nas mídias eletrônicas, costuma ser rápido. Isso vale tanto para o comércio, que fica na berlinda mais claramente, mas também na prestação de serviço. Assim, quem quer se estabelecer deve seguir o lema dos escoteiros: alertas, sempre.

Foi então com muita surpresa que me deparei com o atendimento de uma clínica ortopédica credenciada do Pasbc, nos anos 1990. Tive um problema de dor numa articulação, liguei para alguns especialistas e, com o que dispunha de consulta mais rápida, no dia seguinte, agendei. Tive o cuidado de confirmar o horário: 10h45. Salientei que precisaria ser atendido pontualmente no horário, já que tinha outro compromisso importante antes do almoço. A atendente confirmou que sempre atendiam no horário.

Mas ao que assisti, no dia seguinte, quando procurei pelo médico, foi um show de horrores. Pelo visto, nunca tinham ouvido falar do tal Código. Numa avaliação rápida, contabilizei que perdeu a clínica, no mínimo, sete chances para me encantar, como apregoam os melhores manuais de regras de consumo.

Vamos conferir:

- 1.** Se, quando liguei perguntando se atendiam no horário, e marquei consulta, fossem sinceros e dissessem a verdade. Todo profissional é passível de pequenos deslizes em horários.
- 2.** Se, quando cheguei para a consulta, com 10 minutos de antecedência, e perguntei se o horário estava sendo seguido, tivessem sido verdadeiros;
- 3.** Se, depois de 15 minutos de atraso, quando interpelei as secretárias, me dissessem que estava acontecendo algo fora do comum;
- 4.** Se, com meia hora de atraso, as secretárias não tivessem relatado como justificativa um simplório "o doutor está atendendo outro médico". Eu seria menos porque não era doutor?



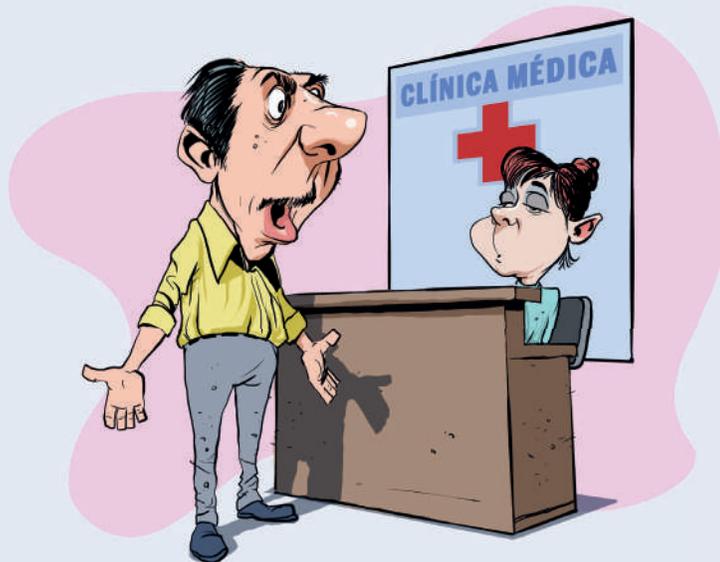
5. se, quando fui apanhar meus documentos de volta, desistindo da consulta, as secretárias tivessem dado alguma justificativa mais plausível, ou mostrassem algum apego pelo novo paciente, tentando alegar algum argumento ou propondo uma outra consulta em outro horário;

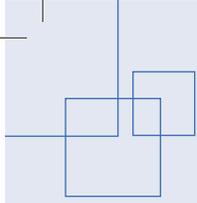
6. se, em casos como este, eu tivesse sido isentado de pagar o estacionamento do prédio, que apenas tive de custear porque estava aguardando consulta;

7. se, quando liguei, já de volta ao BC, para o setor de Atendimento ao Cliente, reclamando, e narrando minha aventura, tivessem dado algum retorno.

Como eu era dirigente do Pasbc, chocado com o atendimento, fiz encaminhar correspondência à clínica, narrando o ocorrido e pedindo explicações. Pela resposta enviada, dias depois, vimos que o Código do Consumidor era tratado ali como a Pedra de Roseta, sem nenhum Champollion disponível para decifrá-la.

Basicamente, quando se dignaram a rabiscar uma resposta, procuraram se desculpar com os clichês de praxe, "lamentamos muito o ocorrido", "não representa o padrão de excelência que praticamos", além de outros blá-blá-blás. Estava claro que não entenderam nada. Mas não se bastaram nisso. Acrescentaram uma medida insólita, para deixar claro como eram broncos e proativos: demitiram uma das atendentes, que disseram ter identificado que me atendeu.





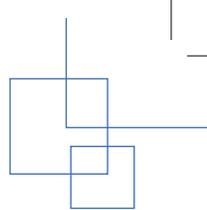
Como nunca cheguei a mencionar nome de nenhuma atendente, e fui atendido por três, simultaneamente, fico na dúvida: como é que escolheram a vítima? Ademais, nenhuma foi deseducada ou ríspida: apenas não tinham sido adestradas pela clínica. Não sabiam como tratar, a não ser que a clientela se portasse sempre como um bando de cordeiros que nunca se queixasse de nada. Caberia à clínica ensinar como deveria ser o estilo, as normas da casa, e a forma do atendimento. Nunca pareceu que se incomodassem com esses detalhes.

Nos dias seguintes,
o fecho da história me
deixou mais desconcertado

Nos dias seguintes, o fecho da história me deixou mais desconcertado. Achei que não teriam tido esse desprazer de demitir alguém, mas fui conferir. Como curiosidade mata, liguei para a clínica solicitando falar com uma secretária, mas que não sabia o nome, sem me identificar. Mencionaram o nome de uma; disse que não. Disseram outro nome; afirmei que achava que sim. A atendente, então, lamentou, dizendo que a citada, desde o dia anterior, não mais pertencia aos quadros da empresa.

Uma finalização com chave de ouro para quem se mostrou, desde o início, ainda confundir a era do consumo como idade da pedra.

Naconecy



Seu Durval e Dona Zezé

Seu Durval levava a vidinha mais familiar que se possa imaginar, sempre ao lado da esposa e filhos, quando não se encontrava no trabalho. Apaixonado por sua Zezé, quando designado para funções no interior da Bahia ou Sergipe mergulhava em sentimentos conflitantes de agruras e delícias. Naqueles, por conta do afastamento dos seus; nestes, pelo seu lado permissivo, primo legítimo do famoso Vadinho de Dona Flor e seus dois maridos. Um rabo de saia com pernas torneadas o deixava em polvorosa.

E foi assim que o anúncio da festa de natal da Asbac daquele ano veio deixá-lo profundamente entristecido. Mirava-o, absorto, retorcia-o, lia novamente e seu olhar não se conformava com a decisão de Dona Zezé em não comparecer à festa. Logo aquela, cujo mote seria "libere mais amor neste natal" e que teria como motivação "além da ideia de nascimento, a sugestão de renovação, crescimento e renascimento", complementada pelo pensamento de que "a liberação do amor sugere doação, ausência de egoísmo, vontade de contribuir para um mundo mais humano, sensível e melhor". A grande festa de confraternização fora enriquecida com aquela campanha de doações de alimentos, roupas e brinquedos, para que posteriormente se distribuíssem a setores carentes.

Seu Durval era tão diferente das pessoas que normalmente se hospedavam ali!

E agora, Seu Durval? Qual o motivo de tanta tristeza?

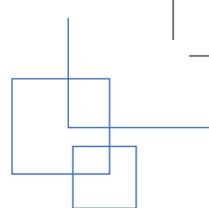
Pois bem, o fato ocorrera, quando de sua última viagem de inspeção a Jequié. Hóspede da pensão de Dona Zezé, que carregava o mesmo apelido de sua amada e virtuosa esposa, a simpatia de seu Durval logo chamou a atenção da lustrosa morena Teodora, de olhar de mormaço e andar requebrado, tal qual a Gabriela do famoso escritor. Em seus vinte e poucos anos, nascida na roça, Teodora era uma espécie de faz tudo na pensão. E adorava o horário das refeições, pois servia e ficava por ali, a prestar atenção nas conversas daquele povo que vinha de outras terras.

Seu Durval era tão diferente das pessoas que normalmente se hospedavam ali! Falava de um jeito bonito, meio cantante, chamava a atenção e comentava sobre tantas coisas com os circundan-



tes que, depois do segundo dia de hospedagem, já estava íntimo de todos! Conversava sobre viagens, promovidas por uma tal de Asbac, até para lugares distantes, onde se falavam outras línguas. Além do mais, tinha um andar pontilhado e roupas elegantes, que deixavam a morena em sofreguidão. Seus olhares começaram a se cruzar mais fortemente, ela com aquele langor derretido, apesar de seu romance com Ximbinho, aprendiz de mecânico na oficina de Neném de Seu Amaro. Porém, andava desconfiada de escapadelas do namorado, moço muito ciumento, que ultimamente andava dando umas sumidas.

Teodora estava carente e Seu Durval deixava-a afoqueada. Além dos olhares, ele não perdia chances de dar umas roçadas de mãos, quando ela vinha tirar ou colocar pratos e xícaras. Foi nesse puxa e encolhe, apesar da aliança dele que, sabedora de seu retorno a Salvador no dia seguinte, tomou uma ousadia e tascou-lhe um bilhetezinho no bolso da camisa, com os singelos dizeres: quando Dona Zezé for dormir, venha para meu quarto!



O que aconteceu entre os dois, nunca se soube ao certo, pois eles jamais confessaram.

Mas, o grande desfecho veio a se dar em Salvador.

Simplesmente, já em casa, sua Zezé resolveu vasculhar as reentrâncias dos bolsos de suas vestes e deu de cara com aquele bilhetezinho inocente que a deixou tresvariada: quando Dona Zezé for dormir, venha para o meu quarto.

Como desgraça pouca é bobagem, ela pensou que a autoria fosse de sua própria secretária, a desenxabida e seca Erotides, que em seus ciúmes aparentava ter cara de sonsa. Não contou duas. Furibunda, gritou "E-ro-ti-des... E soletrou alto e bom som: - R, U, A ...rua! Em minha casa você não fica mais nem um segundo, sua vagabunda! Vá tirar ousadia com outros machos!"

Atônita, a pobrezinha sequer teve o direito de saber o porquê do "vagabunda". Abrir a boca não lhe foi permitido e tudo o que teve a fazer foi arrumar suas tralhas e bater em retirada.

Mais atordoada ainda ficou quando foi procurada pelo bondoso Seu Durval e ele lhe explicou que teria o seu salário garantido até quando arranjasse um novo emprego. Continuou sem entender mesmo um mês depois, já devidamente empregada em outra freguesia, quando permaneceu por três meses com salário duplicado.

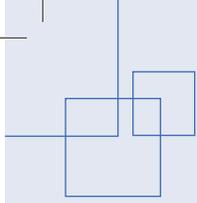
Que "vagabunda abençoada", pensou desconfiando, pois assumira um pacto de não fazer perguntas e nem tentar entender e explicar nada para a ex-patroa.

Quanto à nossa querida e ciumenta Dona Zezé, crente que havia resolvido seu problema e que seu marido fora apenas uma vítima da sanha erótica de Erotides, terminou anunciando que seu coração fora arrefecido pela campanha da Asbac. Iria à festa, sim, levando uma profusão de alimentos, roupas e brinquedos.

Como, quando e onde, ela deixaria de desfilas sua beleza e elegância, rodopiando alegremente nos salões festivos com o seu "pé de valsa", Durval, arrancando suspiros de admiração e inveja dos circundantes? Jamais!

Este gosto, como ela disse, soletrando, N - I - N - G - U - É - M - teria!

Luiz Augusto Feitoza Ferraz



Simancol

Faz parte da minha rotina diária de aposentado a ingestão de diversos medicamentos de uso contínuo, que me livram de problemas com a pressão arterial, o colesterol, o diabetes e o coração.

Mas há um remédio que eu tomo diariamente, logo ao acordar e que não me foi prescrito por nenhum médico, mas pela experiência de vida. Ainda em jejum, engulo dois comprimidos de Simancol, que fazem com que eu pense dez vezes antes de dizer ou cometer alguma besteira.

Penso que todos deveriam fazer o mesmo. O Simancol não tem contraindicações, podendo ser ingerido por pessoas de quaisquer idades ou tamanhos, independentemente de tipo sanguíneo, etnia, sexo, qualificação profissional, crença religiosa, filiação partidária ou paixão por time de futebol.

A seguir relato alguns casos em que a falta de uso do Simancol ocasionou situações embaraçosas para algumas pessoas.

Sou pai tardio. Meu filho Guilherme nasceu quando eu já havia vivido 44 anos e possuía muitos cabelos brancos. Hoje ele tem exatamente 1/3 da minha idade, pois tenho 66 e ele apenas 22.

Assim que me aposentei eu passei a levá-lo diariamente ao Colégio São Bento de Vinhedo, onde ele estava matriculado no Curso Fundamental. Sempre ao passar pela cancela na portaria do condomínio um segurança enxerido dizia para meu filho:

– Guilherme, cuide bem desse vovô, ele vale ouro.

Pensei várias vezes em reclamar ao Síndico, mas o uso diário do remédio me fazia levar o comentário na esportiva.

À tarde, na saída da escola, muitas vezes eu ia com meu filho à Padaria JF para tomar um pequeno lanche. Nem bem nos ajeitávamos junto ao balcão, a atendente, muito antes de anotar nossos pedidos, lançava a infalível pergunta:

– Seu neto?

A ouvir a resposta de que se tratava de meu filho a moça ficava toda atrapalhada, não sabia se anotava o pedido ou se passava no RH, enquanto Guilhermino e eu dávamos boas gargalhadas.

Mas o caso mais marcante aconteceu quando ainda morávamos em Taboão da Serra.

Num domingo à tarde fomos a uma exposição de calçados, bolsas e outros acessórios femininos, que se realizava no Cemur (Centro Municipal de Recreação).

Teresa, minha esposa, entrou para examinar as mercadorias, e enquanto isso fiquei em pé próximo da portaria, segurando nos braços o Guilhermeinho, que tinha poucos meses de vida.

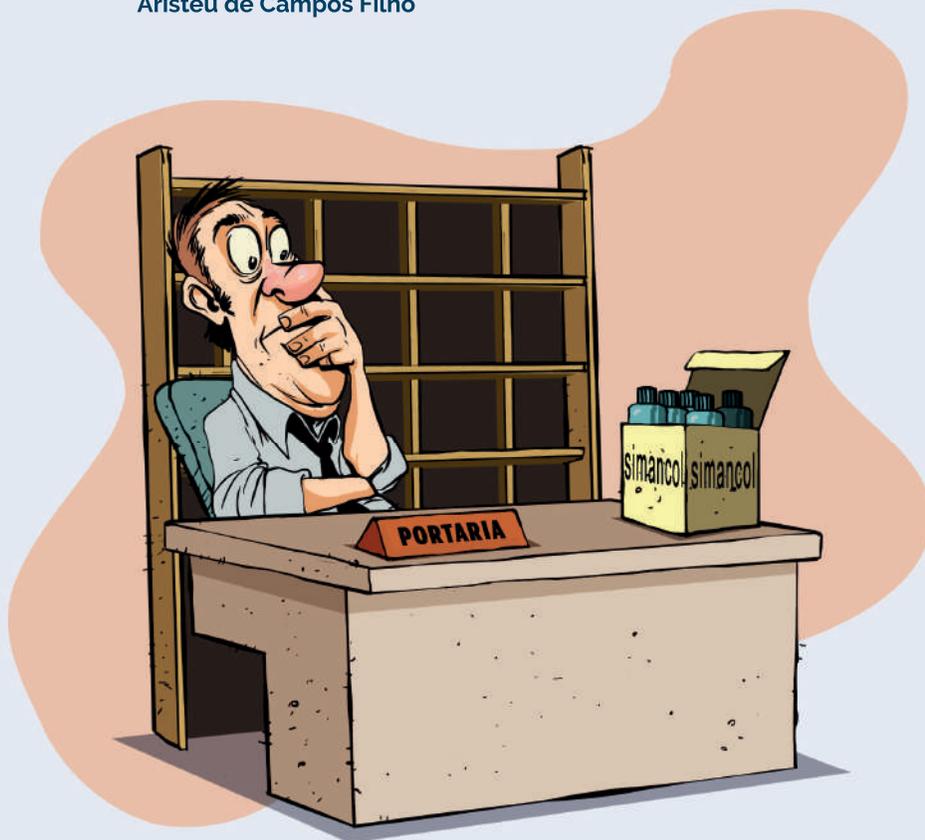
De repente chegou junto a nós um segurança que mais parecia um guarda-roupa de solteiro, que jamais havia visto que, com a sutileza própria de um paquiderme, perguntou-me:

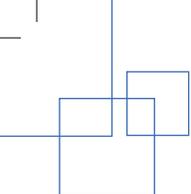
– É seu netinho?

Respondi negativamente, esclareci que o pequeno garoto era meu filho. O segurança não se perturbou, arrematando na tentativa de consertar a mancada:

– Poxa, parabéns, o senhor não é fraco hein!

Aristeu de Campos Filho





À sombra das chuteiras imortais

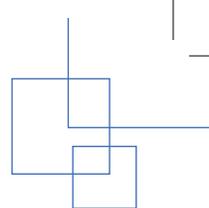


São Paulo, 1982.

Em primeiro lugar gostaríamos de pedir licença ao inesquecível escritor e teatrólogo brasileiro Nelson Rodrigues, de quem tomamos emprestado o título de sua prestigiada coluna esportiva, publicada durante décadas na imprensa carioca. Esperamos não estar molestando o seu sono eterno ao usar o título para narrar peripécias de uma turma que num sábado de outono dedicou seus melhores esforços no afã de maltratar a bola.

Na época fazíamos parte da Diretoria da Asbac (Associação dos Servidores do Banco Central), cujas atividades esportivas eram desenvolvidas nos finais de semana no Clube de Campo localizado às margens da Represa de Guarapiranga.

Certo dia, como parte da festa de encerramento do Campeonato Interno de Futebol, alguém que não devia estar no seu melhor juízo teve a infeliz ideia de propor que uma seleção formada por integrantes da Diretoria enfrentasse a equipe campeã daquela competição. O Casemiro, que era o Diretor Regional, sempre foi sensato e ponderado, mas possuía em sua equipe alguns "doidos" como o Carlão e o Aristeu, que o convenceram a aceitar a maluquice.



O Gaijin FC foi o campeão do torneio. O time era formado por pessoas que trabalhavam em diversos setores do Banco Central ou eram maridos e filhos de algumas servidoras. Para jogar na equipe, o único pré-requisito era ter os olhos puxados. A partida contra a Seleção da Diretoria serviria de pretexto para a entrega do troféu ao Gaijin, bem como das medalhas aos seus jogadores. Após o jogo, como de praxe, seria servido um churrasco regado a cerveja.

Fizemos uma reunião extraordinária da Diretoria para escalar a seleção. O Garcia, exímio jogador de basquetebol, prontificou-se a ficar no gol, devido a sua habilidade com as mãos: o César, professor de Educação Física, era o único que estava em boa forma; o Caserta (Administrador do Clube), quando jovem havia sido ponta-direita da Cruzada Paulista FC do Ipiranga, mas agora tinha mais de 50 anos de idade e fumava dois maços de Continental diariamente; Carlão e Aristeu formariam uma zaga de peso (literalmente), pois juntos somavam 180 quilos; o Casemiro, que é alto e naquela época era bem magro, jogaria como centroavante, fixo na grande área adversária à espera das bolas aéreas, pois era maior que todo o time adversário. Para injetar sangue novo, requisitamos os funcionários Vantoir, Barbosa, Fernando Magrão e Edson. O Alberto e o Jorginho tinham "dupla cidadania", pois devido aos sobrenomes Matsumoto e Niyama jogavam no Gaijin, ao mesmo tempo em que integravam a Diretoria. Vai daí que no intuito de equilibrar a disputa foram convencidos a jogar pela seleção. O Sildácio, que jogava no EC Pinga na Área, foi convidado a reforçar o nosso time e trouxe seu colega Bira.

O Casemiro, que era o Diretor Regional, sempre foi sensato e ponderado

O Gilberto Amado (bom zagueiro) era da Diretoria, mas estava viajando pelo Interior a serviço do Bacen e não retornaria a tempo.

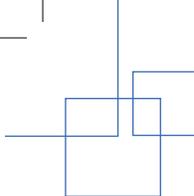
O Sildácio morava perto do Clube e chegou cedo. Trouxe de casa uma lata de cal e uma brocha e marcou o gramado.

O Alberto não pôde jogar, pois na véspera sentiu a panturrilha direita durante partida de pebolim.

Desta forma, sob os aplausos e orações de esposas e filhos, envergando um uniforme totalmente branco, a Seleção adentrou o gramado com: Garcia, Fernando Magrão, Carlão, Aristeu e Cesar; Sildácio, Vantoir e Barbosa; Caserta, Casemiro e Jorginho. Bira e Edson ficaram na reserva.

O uniforme do Garcia lembrava muito os *goalkeepers* europeus da década de 1940: camisa gola rolê com reforços nos cotovelos, bermudão com cinto, joelheiras e boné.

O Gaijin, cuja torcida nipo-brasileira era muito maior que a nossa, entrou em campo vestindo camisas com listras verticais brancas e pretas, calções pretos e meias vermelhas, com: Sadao, Yas-



suo, Mikio, Shogoro e Eigi; Takeshi, Takashi e Tadashi; Tossi, Takao e Yasuda.

O árbitro, contratado pela Diretoria, mas que se revelou imparcial (dentro do possível) foi o Edegar (amigo do Aristeu), que trabalhava como corretor de seguros e nas horas vagas era bandeirinha na 3ª Divisão do Campeonato Paulista.

Devido o inexistente preparo físico da Seleção, foi combinado que a partida teria dois tempos de 30 minutos, com intervalo de 20 (ou mais se fosse necessário).

A saída foi dada às 10 horas e a Seleção, como se esperava, não foi páreo para a bem entrosada equipe do Gaijin, que facilmente chegou aos 3 X 0 e passou a tocar a bola despreocupadamente. Não conseguimos chutar ao gol adversário, apesar da estatura do Sadao, que media 1,68m.

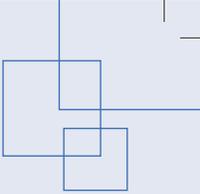
No intervalo, Garcia queixou-se de dores no joelho e o Jorginho, que era levantador da equipe de voleibol (mas que era ainda mais baixo que o Sadao) foi para o gol, entrando Edson em seu lugar. O Bira estava louco para entrar e o Casemiro não se aguentava em pé, mas invocou as prerrogativas do cargo de Diretor Regional e recusou-se a deixar o gramado, o que motivou o César a sair a fim de que o Bira pudesse jogar um pouco.

O Gaijin voltou bastante alterado para o segundo tempo, mas tudo permaneceu igual. Quando o placar marcava 5 X 0, o Casemiro, que estava sozinho nas proximidades da área do Gaijin e com o Ki-Chute desamarrado, pisou no cadarço e caiu, esfolando o joelho e sujando o uniforme. O Edegar imediatamente apitou pênalti e o Casemiro, citando o Estatuto da Associação, pegou a bola e se dirigiu à marca da cal. (Muito) embaixo das traves o Sadao gritava: "chuta na esquerda, que eu vou fingir que pulo e vocês fazem o gol de honra".

O Edegar mandou voltar a cobrança quatro vezes até o Casemiro conseguir colocar a bola na rede.

Nessa altura já era quase meio-dia, o outono parecia verão e um forte cheiro de churrasco pairava no ar. O Edegar, que estava com fome e louco para tomar uma geladinha, encerrou a partida 15 minutos antes da hora prevista, para felicidade geral.

Aristeu de Campos Filho e Luiz Carlos Casemiro



O tamanho da encrência

Como a Asbac sempre foi encarada como extensão do Banco, com funcionários e atendimento de alto nível, a troca de bastão entre os sucessivos dirigentes sempre transcorreu com tranquilidade. A única exceção em São Paulo ocorreu em 2004, por ocasião da substituição da dupla Nogueira-Garcia pelo grupo que era carinhosamente chamado de "meninas", formada por Cristiana Kunika, Mitê Hassunuma, Elaine Leone e Maria de Fátima Cavalcante, acrescida do inspetor Carlos Alberto Revredo.

O caso foi rumoroso e, de muitas formas, constituiu um rito de passagem da era romântica das administrações da associação para a fase árida, em termos de orçamento e poder de investimento.

Para entender o cenário, com a retirada da participação do BC na contribuição mensal, a partir de 1990, as Asbacs começaram a enfrentar dificuldades. Num contexto mais amplo, já no final daquela década o índice de novos associados vinha desidratando, vítima dos grandes condomínios que incluíam academias, e das dificuldades de logística e acesso enfrentadas nas grandes cidades.

Durante seu mandato, a dupla José Nogueira Cândido e José Garcia Netto ainda tinha poder de fogo para alguns voos que podiam ser interessantes, sob o ponto de vista dos associados. Os dois seguiram a tendência iniciada pelo dirigente anterior, Dérvio Carmelino, optando por investir em colônias de férias. Desperdiçaram a tacada, fazendo algumas escolhas que se mostraram vulneráveis e deixaram muitas dúvidas sobre sua correção.

A Comissão de Inquérito criada a pedido da Fenabac, em setembro de 2005, respeitando o direito de defesa das partes, apresentou, seis meses depois, conclusões tenebrosas sobre as atuações administrativas dos representantes. Basicamente, eram acusados de cometer diversas irregularidades com relação à Colônia de Férias de Indaiá. Algumas delas: ligações clandestinas de água e energia – os chamados gatos—, cessão a terceiro sem observar regras estatutárias, planejamento de obra sem acompanhamento, pagamentos irregulares, relação promíscua com construtor contra-

A Comissão de Inquérito
apresentou conclusões
tenebrosas sobre as atuações

tado, uso de material inferior ao contratado, permitir ao construtor uso indevido do nome da Asbac. O que veio a resultar em vários prejuízos, agravados por sonegação de informações e descumprimento de orientações do Conselho Fiscal.

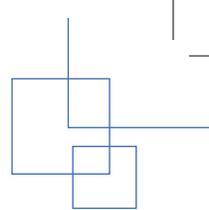
A Comissão, formada por Otílio Loureiro, Marco de Camargo e Nelson Maeda, depois de proceder a investigações, ouvir testemunhas e acusados, concluiu que houve negligência e má-gestão dos recursos, e propôs, diante da extrema gravidade dos fatos apurados, aplicação da penalidade de exclusão a Nogueira e Garcia, sem prejuízo da adoção das medidas judiciais pertinentes, nos âmbitos civil e criminal.

Os dois dirigentes não se conformaram com a sentença, e recorreram. Garcia conseguiu reverter a expulsão do quadro associativo, em 22set06, por 23 votos a seu favor, 11 contra e 3 abstenções. Os associados entenderam que, na confiança, o dirigente que mais representava a Associação no Conselho de Administração, em Brasília, assinava atas acreditando na boa fê de seu colega executivo. Já Nogueira, em 9out do mesmo ano, viu confirmada sua exclusão por diferença de um voto. Era uma sessão pública; faltaram-lhe os amigos. Mas já era de se prever esse desfecho. Nas eleições realizadas no final do ano, ambos já não eram muito populares: ficaram em 7° e 8° entre 15 candidatos, mesmo tendo sido "situação" nos últimos seis anos.

Ficou a lição de que as boas contas fazem bons amigos. E que, mesmo estando à frente de uma corporação de colegas com predisposição positiva para tudo, é sempre bom estarmos cientes do conteúdo e dos limites das encrencas em que nos metemos.

Naconecy





A tristeza do ex-avô

Que as redes sociais vieram revolucionar o jeito que as pessoas se relacionam, é fora de dúvida. Mas que tinham sido responsáveis diretas pela destituição do Tito Lívio como avô – e disso ele se ressentia muito, a ponto de afogar a mágoa em litros de cerveja – ah, isso era muito verdade.

Colega de banco fazia quase 25 anos, costumava ser sempre muito alegre, daqueles que adoravam contar histórias cheias de piadinhas e duplo sentido. Por isso, era de notar seu jeito jururu naquelas semanas. Pros que chegavam mais perto, e demonstravam interesse em conhecer as razões de sua súbita mudança de humor, dizia que estava que nem o programa do Ratinho: dependendo de um exame de DNA. Ninguém entendia, mas respeitava seu laconismo.

Até que o estado de mágoa virou tragédia. De vô exultante, que não cabia em si, tinha se tornado um nada. O pessoal seu amigo, naquela sexta-feira, esperou ele estar três doses acima para, apelando para o sentimento de companheirismo, apertá-lo para conhecer a verdade. Premido por tanta plateia, naquele *happy hour*, ele não aguentou e extravasou. Era mesmo uma história singular.

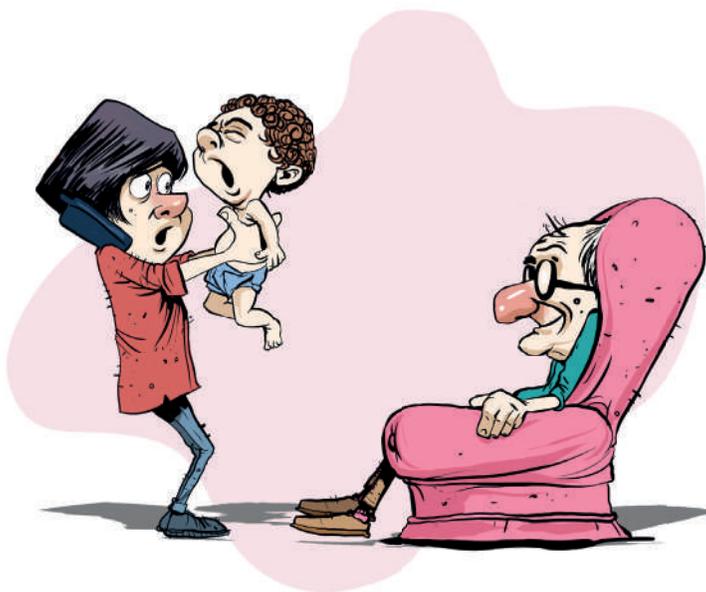
Contou-nos que sua filha mais nova, Érica, um ano e meio atrás, havia saído com amigos para uma balada. Dançou e se esbaldou a noite toda. Ou, como vamos ver em seguida, quase a noite toda. Conheceu alguns rapazes. Com um, teve uma aproximação maior. Vocês sabem bem o que estou dizendo.

Bem, a vida seguiu seu curso. Dois meses depois, ela comprou um teste na farmácia e se certificou que estava grávida. Que situação. Nem conhecia muito o rapaz. Era daqueles momentos em que se deixa levar pela empolgação. Bem, a família é religiosa, a última coisa que se cogitava era um aborto. Depois de um rápido conselho que reuniu a família mais chegada, Érica tomou coragem e ligou para o rapaz.

Surpreendentemente, o rapaz aceitou muito bem a notícia. Disse que o neném seria muito bem recebido, que estava feliz e que, se ela consentisse, gostaria de dar assistência durante toda sua gestação.

O clima na casa, então, rapidamente tomou outros contornos. Foram meses muito legais, para ela, o futuro papai, e os quatro novos avós. Todos se conheceram, e foram acompanhando passo a passo a evolução do rebento. Não se falava em casamento, já que em

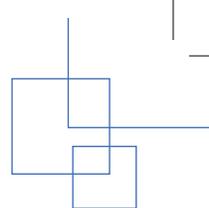
Era daqueles momentos em que se deixa levar pela empolgação



essência foi uma paixão momentânea, e eles na verdade nem chegaram a se conhecer mais profundamente. Fora isso, foram tempos de total harmonia, aguardando o filho.

Quando nasceu, Thomas foi cercado de todo mimo possível. Seu quartinho tinha sido projetado por grife; as roupinhas foram importadas da França, numa viagem do pai. Todos seus pequenos progressos foram registrados em quadros e fotos, que ressaltavam os traços tanto do pai quanto da mãe.

No semianiversário de seis meses do pequeno Thomas, todavia, Érica achou que era hora de fazer um pequeno ensaio com a criança e – por que não? – exibi-lo no Facebook. Perfeito. Assim foi feito. Todo faceiro, o loirinho aparecia em poses típicas, com roupinhas, andando em casa e num gramado, à luz do sol.



Não se passaram muitos dias depois da postagem, quando ela recebeu uma ligação. O rapaz do outro lado a questionava muito misteriosamente, depois de se apresentar.

– Quem é esse nenê que está na sua página do Facebook?

Ela, reconhecendo tratar-se de um rapaz, médico, com quem já tinha tido algum envolvimento no passado, explicou que era seu filho, com um amigo. O rapaz foi muito assertivo.

– Eu vou te enviar umas fotos minhas, de quando eu tinha uma idade semelhante. Elas são praticamente idênticas à do menino. São iguais às minhas feições, de quando eu era bem novinho. Então, se você me disser que não tem jeito de ser meu filho, vou exigir exame de DNA, para a gente esclarecer.

Essa não estava no programa. Pensando melhor, dentro do campo das probabilidades, ela avaliou que o médico realmente poderia ser o pai da criança. Foi feito, então, exame para a confirmação. Dias depois, foi recolhido material para se fazer o exame genético. Mais alguns dias de terrível suspense, e a confirmação. O pai verdadeiro era o médico.

A situação tão fora do comum foi resolvida em cartório. O menino, sob comoção total do ex-pai e sua família, incluindo meu amigo, soube que Thomas iria ter mantido seu prenome. E que, num primeiro momento, seria consentido aos primeiros “pai” e “avós” um contato.

Mas foi um baque para Tito Lívio. Depois de ouvir a narrativa, rapidamente solicitamos mais algumas cervejas para, ao menos momentaneamente, mergulharmos na mágoa do amigo e nos afo-garmos na mesma *vibe*.

Naconecy

Trajetória

O espaço

No mesmo carpete os pés iam e viam.
Nas paredes as sombras se sobrepunham.
Com os corpos aquecíamos corredores frios.
Ansiedades atrás das divisórias se escondiam.

O tempo

Por vezes lento demais, por vezes muito veloz.
Calendários rabiscados: férias, feriados, aniversários,
momentos de amor atados a tantos nós...
Dias serenos ou tensos ao gosto de mandatários.

O novo

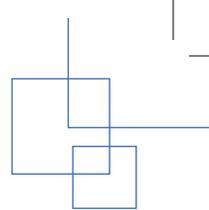
Espaço vertical que tende ao infinito,
paredes, ansiedade, divisórias demolidas,
tempo que dispensa calendário sobre a mesa,
preferências definidas pelos prazeres da vida.

O agora

Criatividade que incomoda, fervilha, acontece.
Conhecimento aplicado a valiosos projetos,
Amor sensual que dispensa formalidades,
portas abertas para lúdicos retrospectos.

Sandra Fayad





O troco

Muita gente é abençoada com amigos. Eu não posso reclamar. Sempre cultivei ótimas amizades no BC e na Asbac que, seguindo o conselho do Fernando Brant, guardo debaixo de sete chaves, dentro do coração. Almoçar com alguns deles, especiais, certamente era dos climaxes do dia. Simples, mas um ritual. Durou anos, quase década. Sempre um prazer maior que o gustativo, ou sensorial. Tantas conversas, impressões sobre a vida, fatos cotidianos, eventos no Banco. Coisas muito particulares. Sempre chegávamos à mesma conclusão: era formidável ter amigos assim. Talvez eu tenha sido o que mais aproveitava. Cuidava para que meus convivas tivessem cultura e sensibilidade privilegiadas. E generosidade muito própria dos amigos sinceros. Eles tinham. Para começar, não éramos de variar tanto.

Luiz Tadeu Florentino, o mais natureba, adorava o Cheiro Verde, premiado vegetariano da Peixoto Gomide. Tem uma personalidade esotérica, astrológica, musical. Tudo para ele tem mais lógica quando a Lua está na sétima casa e Júpiter se alinha com Marte. Ou inspira num sambinha que ele compôs ainda adolescente, mas lembra do refrão, que quer contar numa viagem de elevador de alguns segundos. Já José Reinaldo de Lima Lopes é de uma cultura flamejante. Fala sete línguas, é titular da São Francisco, professor emérito. Considerado dos papas da "história do Direito", e um dos autores do Código de Defesa do Consumidor. E proprietário de uma inteligência iluminada. Tanto ele quanto eu apreciávamos comidas mais variadas, casuais.

Como aquele dia, que tinha nascido para ser igual a todos os outros, mas não

Acabávamos, quando era nossa vez de optar (sim, éramos democráticos, pois) por escolher o simples Tempero D'Casa, na Augusta. Ah, faltou me descrever, pra quem ainda não conhece. Eu, por minha vez, me basto na minha insignificância. Mas aproveitava deveras o tempo juntos, fruía cada momento.

Como aquele dia, que tinha nascido para ser igual a todos os outros, mas não. Fomos a um rodizio gigantesco no Conjunto Nacional, como não era costume. Preferíamos locais de menor porte. A refeição foi normal, recheada de um gostoso bate papo. Terminada a sobremesa, descemos um piso. Na fila de pagamento, nos dividimos em dois guichês. Estava atrás de José Reinaldo, quando ouvi seu diálogo com a moça da cobrança. "Catorze e oitenta", ela disse

ao conferir o boleto. Ele entregou uma nota de 20 reais. Ela lhe passou o troco de 5 reais. Imediatamente, olhou para o cliente seguinte e proclamou: "O próximo!".

José Reinaldo não se moveu do lugar. Não deu espaço ao cliente seguinte. Pacientemente, aguardava ser completado o troco. Rispidamente, a moça voltou novamente o rosto para ele e, insolente, lhe tascou: "O senhor deseja alguma coisa?". "Meu troco, oras, os vinte centavos que faltaram", ele respondeu. Passando dos limites, ela quis tripudiar: "Ah, os vinte centavos? Olhou para a gaveta, apanhou duas moedas, e colocou-a sobre a tábua do guichê com algum acinte. José Reinaldo as apanhou. Juntou-se a nós, ali perto. "Vamos falar com o gerente", apontou com o dedo para outro guichê, localizado na outra extremidade do salão. Percebemos que estava indignado. Céleres, fomos os três, de paletó, na direção do responsável.

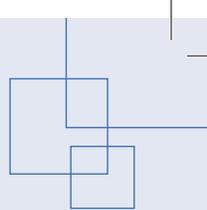
"Eu exijo que o senhor chame a moça do caixa à esquerda para me pedir desculpa pela sua grosseria em não me dar o troco correto. Se não, nunca mais voltamos a este restaurante". O gerente entendeu a gravidade da situação. Olhou para a moça que, de longe, ainda tentou postergar o encontro acenando com a palma da mão. Ante a insistência do gerente, ela largou o posto e foi vindo em nossa direção.

Engraçado, não sei se é realismo fantástico ou minha memória que anda falhando. Quando relembro da cena, vejo que a moça foi diminuindo de tamanho até se encontrar conosco. Quando finalmente chegou, calculo, não tinha mais de um metro de altura. Quando emparelhou com a gente, ouviu. "Olha, gostaria que você pedisse desculpa para nosso cliente, que disse que foi muito mal tratado por você, quando estava pagando a refeição. Isso não pode acontecer". A mocinha, ainda, tentou balbuciar um "Acho que ele entendeu mal", mas quase não foi ouvida, de tão baixo o som. Viu, então, que não colava a alegação, e resolveu inflar os pulmões para pedir desculpas.

Não sei se a moça tirou da experiência algum aprendizado; muita gente não se corrige com facilidade. Quanto ao José Reinaldo, tenho certeza, nunca vai adquirir úlceras por pequenos dissabores do cotidiano que pode tirar a limpo. Não só ele: ninguém merece.



Naconecy



Uso externo

Parecia que já tinha dormido um século: o filme da TV estava correndo à sua frente. Desligou e voltou a dormir. Dormiu por mais um dia todo o sono a que tinha direito.

De manhã, após a corrida, enfiado num jogging colorido, lá estava em frente ao espelho, nu em pelo, raspando aquela barba que não parava de crescer. Dentes escovados, desodorante até onde não precisava, um banho de colônia importada – o enésimo litro – , cantarolava os últimos sucessos, feliz da vida. Vestiu a cueca importada, colocou tudo no lugar de sempre. Roupa da moda, paletó impecável, camisa e gravata idem. O café da manhã engolido com todo o cuidado, seguido de mil vitaminas. Tudo em ordem e rua.

No FM do carro bem tratado, doses pequenas do noticiário e horóscopo: preocupava-se muito com isso, pois queria ficar a par de todos os acontecimentos, seguindo à risca, por outro lado, as recomendações do horóscopo, como se fossem ordens celestiais.

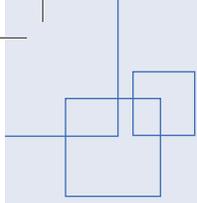
O trânsito terrível de sempre, xingamentos, risadas, paqueras, arrancos, freadas repentinas, tudo por detrás daqueles óculos escuros “irresistíveis”... O metrô já fazia parte de seu segundo lance de trajeto para o centro da cidade. Estacionou o carro— com todo o carinho – era cedo e as vagas ainda sobravam. Tudo no lugar, conferido no espelho retrovisor.

Num pulo, já na calçada, iniciou o desfile compassado para o acesso subterrâneo. Adorava as estações do metrô, coloridas, bem cuidadas, asseadas e musicais. Sentia-se muito bem, como sempre. Assoviava baixinho e não perdia um lance sequer dos movimentos dos outros à sua volta.

Ares de muitos compromissos para aquele dia. Seus olhares e sua postura de artista faziam com que se sentisse como um ser extraterreno ...

Mesmo que toda essa encenação não desse em nada – e normalmente não dava mesmo –, adorava fazê-la. Saltou do carro, ele e a eterna pose, ganhou a rua em passadas homeopaticamente bem dosadas, atingiu o bloco de vidro em que trabalhava. Admirava aquele prédio, a sua imponência majestosa, o saguão de mármore e seus mil elevadores. Cumprimentos de quem está de bem com o mundo – e estava sempre –, animadíssimo, dentes à mostra.

No sanitário, a verificação dos pontos-chave após o tradicional xixi: cabelo, bigode, dentes, nó da gravata, camisa para dentro da calça puxada pela braguilha, cinto, sapato impecável, algumas pu-



xadas nas meias, documentos para o mesmo lado (o da espada), lenço com monograma no bolso direito, tudo ok.

Paletó displicentemente desabotoado, musiquinha no assobio baixo e de pouco bico, e novamente ganhava a sala.

Trabalho sacal, aquele que executava com admirável dedicação e presteza. Navegava diariamente num mar de papeis, processos e pareceres cuidadosamente arrumados na mesa último tipo, colorida em tons de bege, marrom, areia e café. Admirava francamente – e trazia isso estampado na cara – e a cada instante, a sua mesa, o copo de madeira com vários lápis e canetas, seu isqueiro prateado, a cadeira giratória de desenho europeu, a sala, os quadros, e até o tapete e a planta desidratada. E a si mesmo. E sorria, como cúmplice de si mesmo.

Os telefones tocavam e ele, com voz decididamente clara e inócua, como um professor de dicção recém-nascido do banho, atendia, informava, tomava notas na agenda aberta, enfim, eram mil tópicos para aquele dia.

Homem importante, bastante ocupado. Surpreendentemente atendia ligações para ele mesmo e pedia para aguardar "um rápido minuto", que o Dr. estava despachando com o Presidente, etc., etc... Em seguida, com a maior seriedade, atendia. Agora era ele mesmo. Para os do outro lado do fio, abraços fortes ou beijos, segundo o sexo.

Mascarado e metódico, até o dinheiro retirado para as despesas tinha de ser novo, em notas variadas, cuidadosamente arrumadas na carteira de couro de búfalo texano marcado com suas iniciais. Só assim servia.

Na hora do almoço, no sanitário, para as arrumações de praxe, e rua. Cervejinha em copo gelado, tudo medido e pensado. Nas andanças, após a refeição honestíssima, uma rápida passada pela livraria preferida, com os olhos nos best-sellers, uma parada na banca do jornalista onde encontrava os amigos, o "alô" premeditado e fingidamente displicente. Assim, como quem não quer nada de importante, ficava sabendo das últimas notícias de Brasília, as promoções e fofocas. Para atingir a fila do elevador, movimentos rápidos ao colocar, apresentar e retirar o crachá que detestava usar.

Aos sorrisos, um rápido papo sobre uma peça de teatro "in". O relato do último jantar após o balé do Municipal, a campanha eleitoral, trivialidades mais que inúteis. Brevíssimo até logo e lá estava ele na sua sala de trabalho, magnífica, imponente, um palco para todas suas demonstrações. Era hora de trabalho e, pela sua cara, havia muito a se fazer ...

Informações, processos, telefonemas, telex, curtas interrupções para atender pessoas, clientes, muito papo, muito mesmo.

O lanche servido pelo garçom impecavelmente vestido de branco (e que cumpria à risca seus menores desejos de quem-sabe-das-coisas): uma papaia descascada, com gelo picado, borras de açúcar, guardanapo, suco de laranja, tudo isso num fulgurante tecnicolor; uma rapidíssima escovadela nos dentes – afinal um bonito sorriso era importantíssimo –, e ao cabo de muitas papagaiadas entremeadas de trabalho, breves momentos de dedicação, a hora de sair.

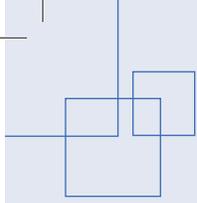
Passos firmes e cadenciados, a longa caminhada até o subterrâneo e respectiva plataforma. Desfilava como se mil e uma câmeras e holofotes o estivessem disputando. Cantarolava baixinho o jazz da última sessão assistida no "66".

Com a chegada do trem, num lugar-chave, óbvio destaque para a sacação global costumeira. Às mulheres, sacadas fulminantes e um ar de superioridade, de astro de primeira grandeza, ao mesmo tempo bucólico e soberbo. Ocasionalmente um aceno, uma levisíssima conversa sobre coisa nenhuma, vulgaridades.

Na rua, como se fosse vivo, à sua espera, o carro; seguem-se poses, lances e relances, e o espetáculo à parte de retirada do paletó, suas dobras, e finalmente, rumo ao clube.

No vestiário dos "atletas", no armário privativo, uma roupa de jogador-tenista, super na moda, branca debruada de azul; uma ocasião sem igual: o balé durante a troca; seu companheiro de quadra – uma outra figura –, já à sua espera, impaciente, de raquete na mão. Terminado o jogo – verdadeiramente um caso à parte – uma chuveirada, terno no corpo. Aquele já nosso conhecido "até".



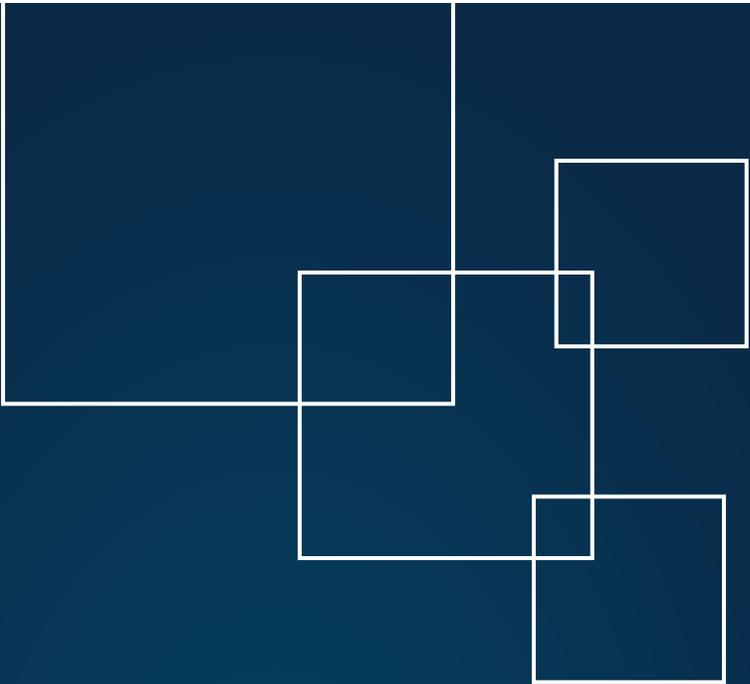


Já em casa, um jantarzinho excelente, uma demorada ida ao WC (imagino aí um rei no trono), um banheiro caprichado, muito sabão, shampoo importado, mil cuidados, e cama. Um filme na TV, violentamente recomendado pelos amigos ou por ela mesma (a TV) nas propagandas de véspera.

Parecia que já tinha dormido um século: o filme da TV estava correndo à sua frente. Desligou e voltou a dormir. Dormiu por mais um dia, todo o sono a que tinha direito...

Eta vida...

Grijalva Fonseca Filho

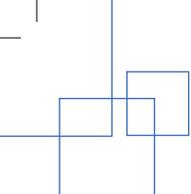


INVENTÁRIO



Tipos Inesquecíveis

Com traços de personalidade que os distinguem dos humanos mortais comuns, alguns personagens que habitam nosso ambiente certamente sabem como quebrar a monotonia do meio-termo e, adicionalmente, enriquecer a existência e o folclore de colegas e amigos. Nesse segmento, fazemos uma pequena homenagem a onze dessas pessoas incomuns que acabaram marcando nossas carreiras e vidas, deixando mais que a impressão, a certeza de que a vida é experiência fascinante de ser vivida.



A história de uma figura belemense

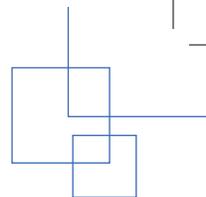
Carlos Manoel Pacheco de Lima

Na década de 80, fui designado para uma intervenção na regional da Asbac, em Belém. Lá conheci pessoalmente a figura do Pacheco. Ele era o diretor regional de Belém fazia um ano e dez meses, entre 1986 e 1987. A situação financeira e administrativa da regional era um caos. Quando lá cheguei, procurei ver a real situação econômico-financeira da entidade local, ocasião em que foram levantados todos os compromissos com terceiros, estoque de mercadorias e conciliação de saldos bancários.

Para minha surpresa, quando fui averiguar a conciliação bancária, observei que o controle do saldo era feito no canhoto do talão, sem contar com os cheques emitidos ou recebimentos da cantina existente.

Todo o dinheiro arrecadado era guardado em uma gaveta da secretaria, junto com os comprovantes de compras em mercados da cidade, onde a Asbac tinha convênio para fornecimento de alimentos em consignação.

Para deixar a contabilidade cercada de alta confiabilidade, foi comprado um cofre para a guarda dos documentos importantes. Aliás, este cofre foi motivo de uma grande piada, tendo em conta



que o segredo do mesmo foi guardado dentro dele que, segundo o diretor da época, era o lugar mais seguro. Mas ele esqueceu rapidinho a numeração do segredo, e teve que me ligar para que lhe revelasse o código correto.

Esse mesmo diretor, quando da olimpíada de 1984, foi flagrado com pseudo-atletas da regional, que sem precisar de nenhum aperto revelavam não conhecer nada de nenhum esporte. Na verdade, eram mulheres trazidas para práticas libidinosas.

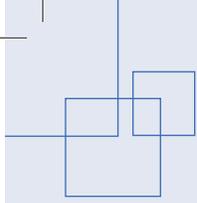
Outro fato interessante a respeito do estilo Pacheco. Lá na regional existia uma kombi que era utilizada para compra de mantimentos e materiais diversos, além de transportar associados para a sede de Ananindeua. Quando faltava refrigerante na cantina, localizada no prédio do Bacen, o carro era deslocado para ir à sede somente para buscar um engradado de refrigerante. Lembrando que a sede era distante uns 20 quilômetros. Questionado sobre o custo de ir buscar um engrado de refrigerante naquela distância, ele me deixou claro seu domínio sobre a lógica cartesiana. O então diretor me disse que a mercadoria já estava comprada e que o combustível do automóvel também já tinha sido pago. Pode isso, Arnaldo?

Esse mesmo diretor, quando da olimpíada de 1984, foi flagrado com pseudo-atletas da regional

Depois de alguns dias do término da intervenção, fiquei sabendo que foram escondidos muitos débitos e que a regional estava novamente em dificuldade. O que me irritou profundamente.

Aquele dirigente fez tanta besteira que pediu transferência para a Regional do Bacen em Fortaleza. Lá colecionou mais besteira e foi posto para fora do banco. Não deixou saudade.

Carlos Tadeu Pimenta

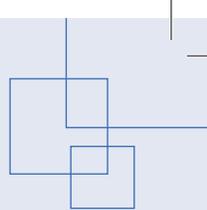


A voz que vem do coração

Dalton Gonçalves Ferreira

Foi muito engraçado como tudo começou. Aproximadamente um ano e meio, atrás, estava a Rerex aguardando o desfecho da escolha de um novo Chefe de Divisão. Como sempre, os funcionários permaneciam atentos, mas longe do processo de sucessão, esperando o momento em que a fumacinha branca aparecesse na chaminé do Departamento e anunciasse: "temos um novo Chefe". Pois é. O setor promovia um funcionário ao cargo de Chefe de Departamento Regional e recebia em troca um sujeito desajeitado, paulistano com certeza, mas com um coração, para a nossa alegria, bem mineiro. E não era só o coração, mas também o comportamento, o cheiro de mato trazido pelas lembranças de Cataguazes. Esse sim, era um mineiro como a gente, de corpo e alma, descobrimos mais tarde.

Tive o mérito de acompanhá-lo durante todo esse tempo e sentir de perto sua sensibilidade para com as pessoas e para com as plantas. Também pude ver o seu jeito de lidar com envelopes usados, a forma mineira de falar dos políticos, como não torcer para o Flamengo, torcendo, e ainda como criticar Fernanda Montenegro em *As lágrimas de Petra Von Kant*. Aliás, foi imperdoável essa crítica à grande Fernanda e somente mais tarde ele pôde



resgatar o meu perdão ao elogiar Piaf, na poderosa interpretação de Bibi Ferreira.

Mas chega a hora de se aposentar e então, o próprio tempo pede uma pausa. Às vezes, a rua nos provoca medo, o temor do que virá. Apesar disso, somos empurrados pela dinâmica do mundo e temos que sair para a vida lá fora. Serão estas as preocupações de um aposentado? Se isso aconteceu com o Dalton, nosso Dalton Gonçalves Ferreira, ele escondeu até o fim.

Fica na memória o grande companheiro. Fica no coração a lembrança do colega de trabalho. Ficou a sua experiência no trato humano. A história do banco está sendo escrita por homens e não por máquinas programadas para fazer um determinado serviço. Os homens passam e as amizades permanecem. As instituições ficam e também os registros de que por ali conviveram seres humanos. Uns com más e outros com boas ações.

Chegou o tempo do Dalton se aposentar e ele partiu. Perdemos um chefe, mas continuamos com o amigo. Às vezes, é desneces-

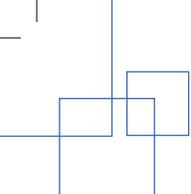
Aproximadamente um ano e meio atrás, estava a Rerex aguardando o desfecho da escolha de um novo Chefe de Divisão

sário escrever certas coisas, mas é mister registrar os fatos do Banco em relação aos funcionários. É preciso que a passagem das pessoas boas seja gravada em nossa memória. Este ritual de reter na

memória já foi realizado por mim e também por Wander, pelo Saulo, a Tóia, o Paulo Márcio, a Goretti e todos os outros, tenho certeza.

E com a certeza de que o homem é um ser loucamente emocional, não me despeço. Peço-lhe para ficar por perto, nas vizinhanças do nosso grupo. Ok? Combinado?

Adalberto Luiz da Silva



Um sedutor incorrigível

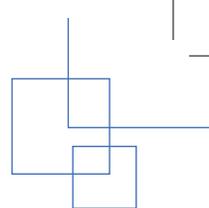
Francisco Carlos Serrano

De alguma forma me consola imaginar que, quando subir de plano, o dr. Francisco Carlos Serrano vai ser estudado. Espero que esse acontecimento ocorra muitos anos depois que eu tenha ido embora porque, parafraseando B.B. King, em relação a Eric Clapton, detestaria viver num mundo sem sua presença. O "parceiro", como nos chamamos, é uma figura de qualidades superlativas. E consegue agregar tudo num mesmo ser, sempre arrebatado e intenso. A ciência precisa nos desvendar como consegue, num projeto sapiens de pouco mais de 1,70 m, articular todas suas capacidades cognitivas, afetivas e, além disso, ser sempre um encantador de corações.

Quando o conheci, já era um apaixonado pela vida, e um mestre da interação com pessoas. Digo sempre que, se eu chegar no início de uma festa sem conhecer ninguém, talvez ao final tenha um relacionamento interesseiro com o garçon. Por sua vez, Serrano teria interagido com os 100 presentes; com 60, teria combinado atividades para as próximas semanas, de 30, teria se tornado amigo próximo, e com 10 vai sair dessa festa para outros destinos – juntos.

Era fabuloso como advogado, mas conhecendo-o bem desconfiamos que seria sucesso maior ainda em atividades que exigissem inteligência numérica. Fazia cálculos mirabolantes, como combinar milhares de cartões de loteria e metragens quadradas de terrenos, em fração de segundo. Mas não fazia feio como procurador do BC, com seu estilo casual e o rabo de cavalo personalíssimo. Muitas vezes, em reuniões com toda cúpula jurídica, que incluía a chefia de Brasília, ele

Quando o conheci, já era um apaixonado pela vida, e um mestre da interação com pessoas.



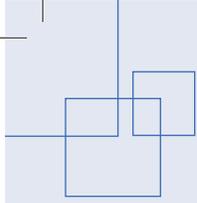
chegava atrasado. Dois minutos depois, pedia a palavra, traduzia o teor dos assuntos e propunha alguma ideia brilhante, de tão elementar. Sua ótima formação de base, que sempre estofava seus arroubos, causava ira em alguns dos colegas mais tradicionais e certinhos.

Na vida particular, teve dois filhos maravilhosos, com a eterna Dora Lúcia. Foi com ela que inaugurou o estilo de abrir espaço na relação, até o conforto essencial. Era baseado na instituição de uma licença para compartilhar e beber com amigos, num dia da semana. Se a relação não esquentasse, os dias de licença viravam dois. Até que o esquema era ampliado e a relação entrava num plano poético. Nas próximas relações, como em time que está ganhando não se mexe, voltou a repetir a tática, sempre com relativo êxito. Até que tentou introduzi-la com sua atual parceira. Deu mal: quando sugeriu sair para beber com os amigos, ela rebateu de sem pulo: "Fumo, bebo e proseio: tou nessa". Corintianos fanáticos, estão juntos até hoje.

Incomoda saber que, sábio e intuitivo que é, não tenha conseguido por fim ao seu comportamento kamikaze em relação ao fumo. Mesmo tendo consciência de que sua mãe e o irmão, muito precocemente, tenham padecido das funestas consequências do hábito. Já teve muitos avisos fisiológicos do problema; fez angioplastia, colocou stent coronário, safena.

Sempre menciono a perda que vai representar para os amigos, no dia em que se for. Brincalhão, ele mantém o hábito indomável, de risco. Se alimenta sempre com seu iglu de arroz, batata frita, ovo e bife com muxiba e gordura, no mesmo restaurante Sujinho, da Frei Caneca. No último evento hospitalar, estava saindo para o encontro com esse prato feito quando, no saguão do prédio, sentiu uma pontada. Tomou a direção contrária, e foi ao hospital 9 de julho. Internado, recebeu mais um remendo no coração. Quando conversei com ele, brinquei que o criador lhe tinha dado, por engano, mais um cartão amarelo. "Eram por campeonatos diferentes", disparou, sorrindo.

Naconecy



A atenção que sempre cativava

Graça Ledo

Graça Ledo foi a paraense carioca mais baiana que já apareceu no BC de Salvador.

Bonita, elegante e festeira, era a primeira pessoa em quem se pensava, quando algum evento precisava ser organizado, no trabalho, fora dele ou na Asbac, da qual foi diretora atuante.

Voltou para o Rio de Janeiro depois que se aposentou, mas deixou uma lacuna social imensa. Tornou-se nas terras cariocas uma espécie de embaixatriz dos baianos, orientando-os, sempre que lá fizessem pouso.

Uma de suas características fortes era não deixar que problemas pessoais influenciassem seu humor no trabalho, onde se apresentava sempre leve e sorridente.

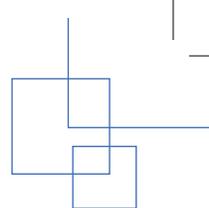
Trabalhou no "atendimento ao público" e uma observação interessante era que não somente muitos faziam questão de ser atendidos por ela, como pareciam não querer que seus problemas fossem resolvidos de imediato, apenas para terem seus atendimentos repetidos muitas vezes. Decorridos cinco anos de sua aposentadoria, até hoje muitos perguntam por ela quando vão ao banco.

Certa feita teve que salvar sua colega Rita, que não conseguia dissuadir um senhor que, tendo seus problemas resolvidos, queria porque queria agraciá-la com o dinheiro da passagem do ônibus, para casa. Ora, Rita não somente era a proprietária de um carrão último modelo, como estava com dificuldades para explicar a recusa.

Maria da Graça não somente tomou para si a explicação com seu jeito seguro e elegante, como passou a ter dificuldades também porque a oferta se lhe estendeu. Não abrindo mão da recusa, conseguiu convencer e fazer com que o senhor saísse satisfeito.

Hoje, quando retorna à Bahia, é de lei: um almoço ou jantar em grupo tem que lhe ser oferecido.

Luiz Augusto Feitoza Ferraz



Um mágico da auto-adaptação

João Couto Machado, Seu Couto

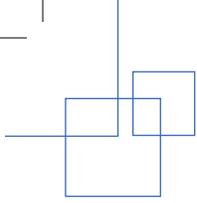
Não era apenas a maneira original que usava para se chegar às pessoas, aquela de anotar suas características e referências mais marcantes num caderninho, logo após as conhecer, que tornava Seu Couto uma figura ímpar, entre todos os funcionários egres- sos do Banco do Brasil, nos anos 1970. Com essas informações, ele sempre construía uma proximidade simpática e atenciosa que lhe fazia ganhar muitos pontos na relação. Fazia parte de seu charme. Mas ele tinha uma história bem especial, que era o verdadeiro triunfo do empirismo.

Católico fervoroso, e de família humilde, gramou muito para poder estudar e ganhar seu espaço. Sempre na base do mérito. Antes de ingressar em seu primeiro curso superior, aconselhou-se de amigos para ver em qual teria mais chance de sucesso. Sopraram- -lhe Odontologia. Era uma carreira com muita carência de profis- sionais no país, nos anos 1960. Diferenciada, trazia reconhecimento. Graduou-se e montou consultório.

Sua simpatia e competência logo lhe presentearam com uma clientela imensa. A empatia, todavia, pela clientela mais pobre, não deixava a consciência cobrar muito pelos tratamentos. Rapidamen- te, percebeu que seu futuro não seria tranquilo. Precisaria batalhar por cada orçamento. Bonzinho, tolerante, sua clientela passou a ser predominantemente carente. Sentindo-se limitado, resolveu partir para outro ofício.

Foi aos chegados contar o problema. Os amigos deram pitacos. Advocacia certamente era uma área muito promissora. Todas as causas tinham bom valor. Iria poder deslanchar, finalmente. Como era competente, cursou nada menos que a São Francisco. Forma- do, montou um escritório e, finalmente, passou a exercer o direito. Como de hábito, não teve muita dificuldade em angariar clientela. As causas, no entanto, não tinham valor estratosférico como propalado. As miudezas cíveis é que apareciam. Pequenas causas, indenizações, se- parações, causas trabalhistas. Nova-

Sua simpatia e competência logo lhe presentearam com uma clientela imensa

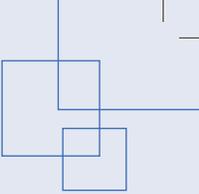


mente, um impasse. Sua natureza versus a necessidade de batalhar pelo sustento. A advocacia foi derrotada. Nessa altura, novamente os amigos o ajudaram a buscar a melhor solução.

Como tinha uma índole que lhe dificultava a abordagem financeira com as pessoas, os amigos mais chegados tiraram uma conclusão óbvia. Concurso. Se fizesse um dos bons, nunca mais haveria de brigar pelo salário. O santo dinheirinho estaria à sua disposição, todo final de mês, sem nenhum dilema moral, sem precisar se sensibilizar pelo outro lado e sentir o drama de quem lhe tem de pagar. Qual era o melhor, na época? Banco do Brasil, claro. Fechado.

Com esse roteiro cheio de reviravoltas, seu Couto se inscreveu no concurso, prestou e passou. Depois, tomou posse e passou a viver no melhor dos mundos. Alguns anos de carreira após, a oportunidade de optar pelo recém-nascido Banco Central completou com chave de ouro o roteiro improvável de um cara sensível.

Naconecy



Perspicaz amigo de todas as horas

José Osório Lourenção

Se tem algo em que o dr. José Osório Lourenção era unanimidade, certamente era não despertar indiferença. Ou o amavam – a maioria, em que me incluo – ou fugiam da figura como o diabo da cruz. E, convenhamos, ele fez por onde cultivar esses sentimentos tão antagônicos.

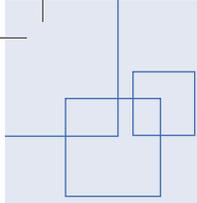
Desde que ingressou no Banco, nos anos 1970, foi muito autêntico. Natural que tenha sido o procurador-chefe mais longo do Jurídico. Era confiável, não dizia nem escrevia uma palavra além do necessário. Gostava de contar o caso do advogado que, tendo escrito um recurso muito extenso, ao final se desculpa com o juiz por não ter tido tempo de ser breve.

Não se tem notícia de que tivesse feito tantos amigos, em quase 40 anos de labuta. Talvez se possa creditar isso ao comportamento irascível. Mas aliava cultura muito estratificada com maturidade e personalidade forte, que o tornaram o maior e mais acessado consultor para todo tipo de assunto.

Se você se deparava com um caso com a vizinhança, era a ele que você recorria. Se inopinadamente entrou numa enrascada no trânsito, ia querer um facho de luz, com o Dr. Lourenção. Se o problema era no Banco, com algum chefe ou subordinado que não estava sendo razoável, ele tinha um toque sempre ponderado, que no final parecia óbvio de tão sensato. Era muito generoso com seu tempo.

Mas era um apaixonado pelas causas que o sensibilizavam. Estava no grupo que impulsionou a Asbac, em seus primórdios. Sei que ainda é um agregador. E defendia seu ponto de vista com unhas e dentes. Em poucas vezes perdeu a linha. Numa, gritou com uma procuradora, foi deselegante. Chamado a Brasília, fez as pazes com a colega ainda no avião. Para ele, quem tinham que se digladiar eram as ideias, não as pessoas. Tudo bem; nem sempre seguia essa máxima.

Para saber um pouco sobre seus valores, bastava, como eu, inquiri-lo sobre como se devia prestar contas, numa sociedade envolvida com amigos. "Aos amigos, as boas contas", dizia, evocan-



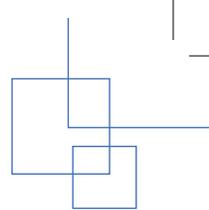
do a sabedoria do avô. "Para qualquer pessoa, qualquer estranho, deve-se fazer esclarecimentos minuciosos sobre valores. Para os amigos, a prestação de contas deve ser mais detalhada ainda. De modo a jamais permitir que haja nenhuma dúvida na relação."

Quis determinar quando iria fechar seu ciclo, e se aposentar. Gostava do lugar, ficava bem como chefe, era importante já tinha certo apego ao cargo. Brasília tinha outra ideia. Enviaram seu substituto como num cavalo de Troia, para ser seu subordinado. Depois, a tropa da sede veio confraternizar, com toda a equipe, num final de ano. Ele compareceu, sem saber que, na verdade, presenciava a cerimônia da troca da sua chefia. Era ele que estava sendo destituído.

Desde que ingressou
no Banco, nos anos 1970,
foi muito autêntico

Ele se retirou dias depois, magoado. Não iria convalidar tamanha deslealdade. Até então, ele julgava que os colegas eram, além de parceiros profissionais, amigos. Superestimou a hipocrisia natural que sempre habita ambientes competitivos.

Naconecy



O proseio sustancioso do mestre

Dr. José Varani

Por quantos anos eu viva, vou sempre me lembrar com reverência do dr. Varani. Avesso a socializações, sempre lendo e absorvendo o que tivesse à mão, principalmente seu Estadão, era um homem solidamente culto e generoso. Mas selecionava bem a quem direcionar essa qualidade.

Meu primeiro contato com ele não foi exatamente amistoso. Depois de se apresentar a mim – era meu chefe imediato – foi fuçar o arquivo suspenso do setor. Estava voltando de férias. Encontrou correspondências atrasadas. Dezenas de extratos, algumas contas. Ficou encolerizado. Pegou os óculos pelas hastes e os espatifou contra a parede. “Filhos da puta!” Saiu porta afora e não voltou mais naquele dia.

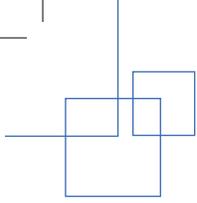
Nos dias seguintes, ao me ver com o furor da juventude tentando por alguma ordem na aparente bagunça das escrivatinhas, durante alguns dias, ficou incomodado. Apanhou um papel de recado. Deixou-o sobre a minha mesa. Em letras garrafais, sentenciou: “Não tomar iniciativas”. Entendi o espírito. Como imaginar que ninguém antes pensou sobre aquele material amontoado em aparente anarquia? A racionalistas, desequilibrava. Nunca segui seu conselho. “Se obedece pero no se cumple”, era um mantra muito propalado na época, que ele gostava de fazer repercutir.

Depois que nos aclimatamos, ele aceitou que seus três pupilos mais fieis, que ele batizava de “os belezas”, viessem quase que diariamente passar uma horinha discutindo tudo. Principalmente, sorvendo sua cultura inesgotável. Sua lógica cartesiana, uma sabedoria infinita. Os sortudos éramos eu, Moretzsohn e Hashimoto. Aquelas tardes eram riquíssimas.

Ele já tinha certa idade. Além de nosso consultor para todas as horas, assessorava com pitadas de presença de espírito o chefe da Divisão, dr. George Coelho de Souza. Uma vez, depois de horas en-

calacrado num assunto em tese, se rendeu e veio pedir um conselho ao Dr. Varani, que é como o chamávamos. Rapidamente, ele desvendou a charada: “diga que

Os sortudos éramos eu,
Moretzsohn e Hashimoto.
Aquelas tardes eram riquíssimas

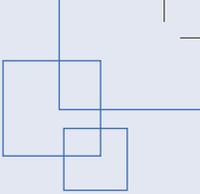


só damos pareceres sobre casos concretos, não sobre hipóteses". Conselho seguido, assunto liquidado.

Humano, às vezes a língua travava, como quando ele falava da "interpetração" dos fatos, em vez de "interpretação". Quando instado a responder o trivial "como vai, dr. Varani?", sempre vinha com um impassível "Vive-se". Figuras fascinantes têm o poder de, com o tempo, se misturarem aos mitos.

Sua vida tinha episódios intrigantes, como a que ele teria mostrado uma espada, ameaçadoramente, durante uma cerimônia, a um presidente do Brasil. E que, por causa disso, nunca pôde tirar passaporte e visitar seu filho, pianista famoso, nos Estados Unidos. Uma grande mágoa. Teria também sido um dos pioneiros da fabricação de bicicleta, no país, quando fez fortuna. Se tudo fosse verdade, sua vida dava um filme. Mas a vida era uma viagem desapontadora, na sua avaliação niilista. Comparava com um pau de sebo com uma nota falsa, na ponta. Sua morte também é um enigma. Cansado do enfadonho da vida, e das ciladas que a velhice reservava, teria se suicidado, em 1988, com um cachecol. Vai saber.

Naconecy



Um sabe-tudo que era o rei da simpatia

Lício Ivan

"Não existe ninguém como Lício Ivan!" – a frase pode parecer bombástica, tangenciar título de filme ou então referendar-se como frase de efeito de teor elogioso. Quem conhece o personagem de perto, porém, sabe que ela é até pequena para defini-lo, um tanto e quanto lugar-comum.

E isto é tudo que Lício Ivan não é.

Conheço-o há quarenta e um anos. E não sei se já conheci alguém com tantas qualidades reconhecidas por todos os que o rodeiam.

Inteligente, culto, trabalhador, prestativo, solidário, amigo, o difícil é encontrar-lhe um defeito.

Se você fala de economia, ele sabe; política, também; música, é um ás; mecânica, ele brinca; gastronomia, dá bons palpites; literatura, é um danado; cinema, discute como um crítico; português, matemática, geografia e história, idem.

Tudo isso ele deixa às ordens de quem precisar, embalado em muita simpatia e leveza.

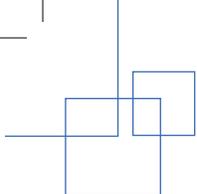
Se tivesse cobrado consultoria aos colegas, hoje seria um homem rico. Era comum vê-lo assediado nos mais diversos assuntos, de aplicações financeiras a imposto de renda, de compra de moradia ou carro até conselhos sentimentais. E era de chefões a contínuos; com todos tinha a mesma paciência, sem jamais alterar-se ou irritar-se.

Contando assim, para quem não o conhece, parece até invenção.

Mas... perguntem a dez pessoas que conviveram com ele no trabalho: quem foi o funcionário mais querido em Salvador nos últimos quarenta anos? A resposta será unânime.

Não é nem como aquela famosa propaganda de sabonete: nove, entre dez estrelas de cinema, preferem... no caso dele, serão dez mesmos. Entre dez. Porque ele é dez!

Luiz Augusto Feitoza Ferraz



O estrategista que antevia jogadas

Maurício Lourenço da Costa

Em Belo Horizonte, já é tradição o encontro dos aposentados toda quarta-feira, na Asbac, para um truco, um churrasco regado a cerveja gelada e um bom bate-papo. No último encontro, veio à baila um nome conhecido de todos. Foram muitas as histórias e lembranças do ex-Delegado Regional Maurício Lourenço da Costa. Os auditores Hélio Geraldo de Souza, José Avelino Maia, Nelson de Melo Silva e José Raymundo Nardy foram tirando da bagagem as lembranças de um tempo que de forma alguma vai ser esquecido.

Maurício, mestre da estratégia, lembrava um exímio jogador de xadrez. Ao se decidir por uma jogada, vislumbrava, de longe, muitas outras. Era sua postura diante dos impasses que aconteciam.

Certa feita, o Diretor do Colégio Loyola exigiu a presença de Maurício para comunicar-lhe que, infelizmente, seu filho não poderia mais continuar no Colégio – estava sendo literalmente expulso em razão de indisciplina. Maurício, então, perguntou ao padre sua formação acadêmica e há quanto tempo ele dirigia o Colégio. O padre desfiou todo um rosário de sua impressionante trajetória como educador, além de teólogo. Maurício disse que era advogado, trabalhava no Banco Central e analisava processos referentes a importação e exportação, no setor de Comércio Exterior. A conversa tomou um novo rumo. Disse ao padre: “o senhor, com toda essa experiência em educação, me diz que não dá conta do meu filho. Eu compreendo. Mas imagine eu, que não entendo nada disso, como é que eu vou dar conta?” A criança continuou no Colégio.

Assim que assumiu o cargo de Delegado, movimentou a Regional. Os funcionários, em geral, estavam acomodados em seus reductos onde já haviam se acostumado com as rotinas de trabalho. Logo se defrontaram com muitas mudanças. Reuniões, rodízios, prazos para apresentação de pareceres... Foi também instituída ainda a avaliação cruzada. Cada dois funcionários se avaliavam mutu-

Assim que assumiu o cargo de Delegado, movimentou a Regional



amente. Isso mexeu com todos os funcionários. Uns gostando da novidade, outros nem tanto. João Gomes acabou sendo apelidado de João Rodizio. Houve até quem cogitou se aposentar.

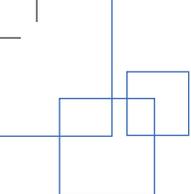
Lúcio Marzagão, renomado psiquiatra, participou de várias reuniões com os Chefes de Divisão e Coordenadores, no início do processo de mudanças. Posteriormente foram editados dois livretos sobre a importância e didática dessas reuniões.

Em uma das reuniões, Maurício resolveu abordar o tema de como lidar com funcionários que se diferenciavam pelo nível de inteligência um tanto acima da curva. Na pauta, constou a proposta de forma inusitada: "como tratar os bem-dotados". A secretária que datilografava a pauta se entusiasmou querendo saber quem seriam os bem-dotados. E o item acabou saindo da pauta.

Sua gestão foi bem-sucedida. Houve várias intervenções. O Credireal e o BEMGE foram saneados e vendidos. A Minas Caixa foi encerrada e, seus funcionários, absorvidos pelo Estado. Com isso, o governo federal parou de injetar dinheiro nesses bancos.

Bastante concentrador, Maurício estava sempre por dentro de tudo. Criou uma imagem de Delegacia dinâmica. A Delegacia de Belo Horizonte foi destaque no país e sediou reuniões com os Delegados de todas as Regionais. Maurício foi também interventor na Regional de Belém.

Durante meu mandato como Diretora, quando fiz o lançamento de um LP de Celso Adolfo, cerca de 30 artistas se apresentaram no palco da Asbac, para um público de aproximadamente 300



pessoas. Entre elas, funcionários do Banco, mas não a maioria. Ai chegou o Maurício. Pensei comigo – agora eu vou me dar mal por trazer tanta gente de fora para a Asbac. Mas, para minha surpresa, Maurício se entusiasmou com o potencial do evento, que elogiou. Em seguida me disse: “já vi que você é boa para juntar gente. Agora quero ver você juntar o pessoal do Banco.”

Depois de umas tantas horas de conversa, elaboramos o Projeto Fim de Tarde, que passou a ocorrer mensalmente no hall do Banco Central, com o lançamento de livro e apresentação de show. Foi tarjado como enorme sucesso na promoção da cultura e agregação dos colegas.

Quanto a Maurício, é inclassificável. Tudo que pretenda defini-lo de modo sumário ficará aquém da realidade. Coincidiam nele inteligência, criatividade, o dom da oratória e inequívoca competência.

Rosa Maria de Oliveira

Reserva de última hora

Paulo Tavares Pereira

Quando solteiro ele tinha uma máxima de resultados infalíveis: "ataco dez, ganho uma. Tô sempre no lucro". Depois que casou, passou a ser um marido fidelíssimo. Ótimo funcionário de carreira, era um parecerista espetacular, difícil de se encontrar igual. Chegou a chefe de divisão. Corajoso, largou tudo e foi fazer meio expediente.

Contudo, em termos esportivos era um problema. Achava-se o máximo. Não reconhecia ninguém, em nenhum esporte, como superior a ele.

E foi assim que se inscreveu no time da antiga Divisão Regional do Mercado de Capitais para disputar o Torneio Início do campeonato daquele ano da Asbac-Rio.

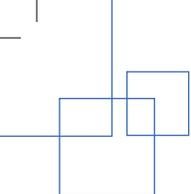
O Campo de Canadá "fervia" de tanta gente. Rapidamente ele foi ao vestiário e colocou a camisa e o calção do time. Minutos antes do jogo do seu time jogar, o técnico do seu time ainda não tinha decidido a escalação. Nervoso, ele o rodeava. Finalmente, o treinador desembulhou um papelzinho e leu em voz alta: "Paulo, você vai começar... no banco..."

Irado, pediu para ver o regulamento e descobriu que até o primeiro jogo do Torneio Início ainda era possível trocar de time. Perambulou entre os componentes das outras equipes, pesquisou daqui e dali e arranhou novo time para jogar. Cancelou a sua primeira inscrição e alistou-se por um novo grupo.

Até que chegou a vez do seu novo time jogar. Fez aquecimento dentro do campo. Bateu bola antes do jogo. Deu umas corridinhas para esquentar e preparar-se para começar jogando.

De repente, chega um atrasado. Era o craque do time. O técnico pegou o papelzinho onde estava anotada a escalação, chama todos os membros do time para a lateral do campo, olha-o e diz: "Paulo, você vai começar... no banco..."

Mário Márcio Damasco



O intermediário oportunista

Rui Hage

Simpático, sempre com um sorriso nos lábios, desde que entrou para o BC, todo dia, pelo menos uma vez, comparece a agência do Banco do Brasil para ver como vão os rendimentos de suas aplicações. Não se importa quando é perguntado se a sua esposa não liga por ele ser tão pão-duro. Responde, na bucha: "Ela é mais pão-duro do que eu!"

Numa véspera de Natal, foi acompanhar sua esposa nas compras no shopping. Como ela entrava em todas as lojas, ele, já cansado, resolveu apreciar a performance de Papai Noel.

Suas observações o levaram a notar que uma das crianças, apesar dos esforços da mãe, não deixava que lhe tirassem foto de jeito nenhum.

Foi então que teve a ideia: aproximou-se do encosto da cadeira do Papai Noel e fez a proposta de modo a não ser visto e: "Se eu fizer que com que aquele garoto tire a foto, 'o senhor' cobra a metade do preço?" O "bom velhinho" topou no ato.

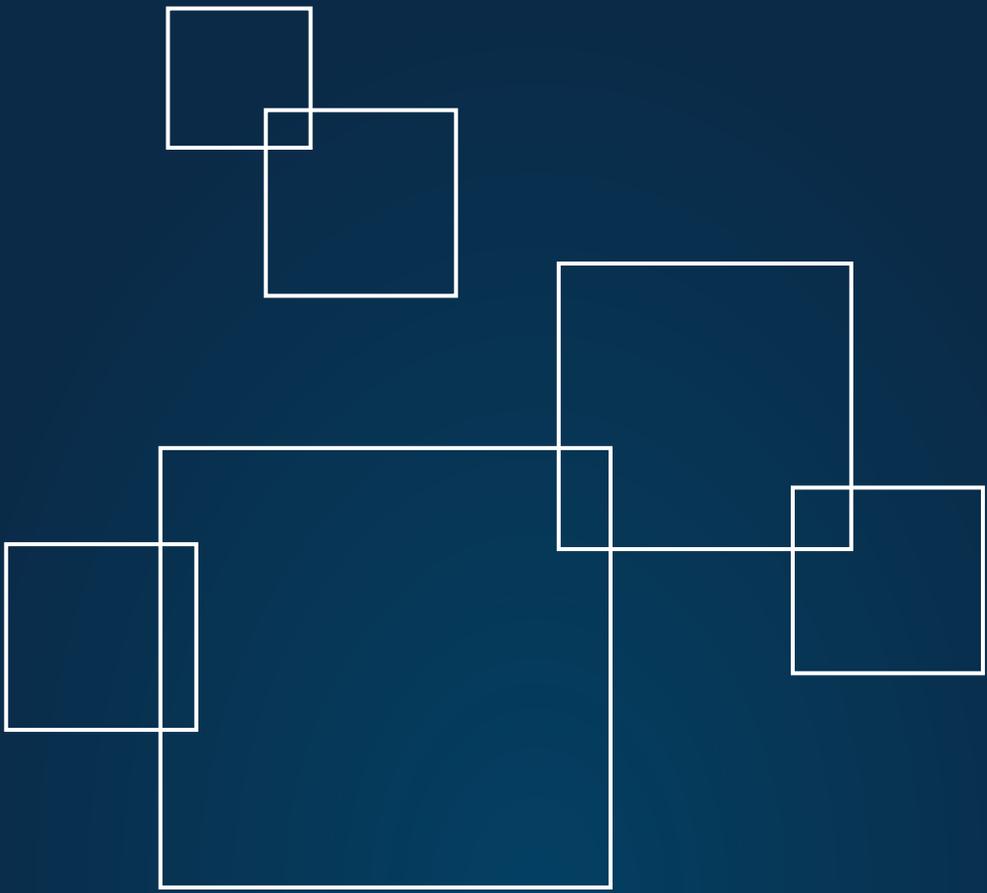
O coleguinha pediu licença à mãe e chamou o garoto para conversar. Não sei qual foi o teor da conversa. O que sei é que o garoto resolveu tirar a foto e a mãe foi comunicada que o Papai Noel lhe cobraria apenas R\$25,00.

Quando a mãe e o garoto se prepararam para ir embora, o coleguinha se aproximou da dupla dizendo: "A senhora não ia gastar R\$50,00? Depois da minha intervenção não pagou apenas R\$25,00? A senhora é justa o bastante para reconhecer que me-reço os outros R\$25,00 que a senhora iria pagar pelo meu trabalho, não é?"

A mãe o fuzilou com o olhar, mas olhou a foto do filho com o Papai Noel e resolveu pagar.

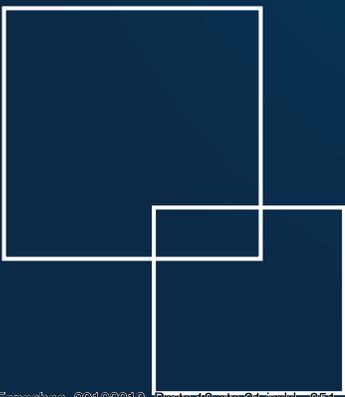
O garoto, então, deixou escapar porque resolveu tirar a foto: "mãe vou andar na pista de kart com os cinco reais que aquele moço me deu...tá?"

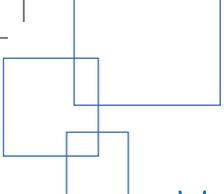
Mário Márcio Damasco



COMEMORAÇÕES

Os 50 anos





Manifestação do Presidente da Diretoria Executiva da Fenasbac, Paulo Renato Stein

Boa noite.

Quero cumprimentar a todos e saudar nossa seleta plateia. Prezados amigos, sejam muito bem-vindos.

É um privilégio poder recebê-los e partilhar de mais um especial momento na história da Fenasbac.

As comemorações a que nos referimos são os 50 anos do Sistema Federativo Asbac, hoje composto pela Fenasbac, suas 10 Asbacs filiadas e o Instituto Fenasbac.

Em dezembro último tivemos neste mesmo local um momento de comemorações, no qual registramos o reconhecimento e agradecimento ao Banco Central e seus atuais dirigentes que hoje personificam aqueles colegas idealistas que criaram nossa associação.

Neste momento de reflexão histórica, rememoramos que naquele já longínquo dia 4 de janeiro de 1966, na sede do então Banco do Estado da Guanabara, o Banco Central do Brasil, sob a presidência do Dr. Dênio Chagas Nogueira, criou a Associação dos Servidores do Banco Central, uma e inicialmente destinada a suprir necessidades financeiras dos servidores da nova autarquia, recebidos da Sumoc e BB, como uma espécie de "caixa de assistência financeira". Após a abertura da Assembleia Geral, o Presidente Dênio delegou seu comando para Francisco da Silva Nobre que, ao final, foi aclamado como primeiro Executivo da novel instituição.

Em mensagem endereçada ao funcionalismo, estampada na capa do 1º Jornal Asbac em abril de 1966, e já constante em nossa última Revista, o Presidente Dênio Nogueira assim se manifestou:

"Coube-me a honra de vos dirigir a palavra nesta oportunidade tão significativa para o BCB. E é com imenso prazer que o faço, pois estamos comemorando dois eventos de magna importância para o funcionalismo: o primeiro aniversário do BC e a oficialização da Associação dos Servidores do BC, através das recentes decisões da Diretoria e do Conselho Monetário Nacional.

Quanto ao primeiro – integrante que sois do seu quadro de servidores, conheceis o suficiente para tornar supérfluas as minhas palavras. Está ele ligado aos destinos econômico-financeiros do País, para satisfação nossa e, em pouco tempo, já se firmou no cenário nacional.

O outro, porém, – a Associação – necessita de um voto de confiança. Constitui ela a concretização de uma ideia que, paradoxalmente, ultrapassou seu próprio

engenh: - o entusiasmo dos que lutaram por torná-la em realidade superou todas as expectativas. A esses idealistas devemos nós a Asbac, um novo órgão destinado a assistir, congragar e congraçar todos os servidores do Banco Central, como verdadeiro baluarte de nossa causa comum.

Neste momento, sinto-me grato pela oportunidade de haver contribuído para a criação da Asbac, cuja consolidação depende principalmente do entusiasmo e da colaboração de todos, para que se constitua, dentro em breve, em motivo de justo orgulho para todos nós", concluiu ele.

Agradeço ao Nobel primeiro Presidente do BCB, Dênio Chagas Nogueira pela criação de nossa Associação, e dizer aos distintos amigos aqui presentes que, já decorridos mais de 50 anos, o que era desejo tornou-se realidade.

Ao longo do tempo tal instituição ficou conhecida como Asbac Nacional, tendo administrado por longo período a área de saúde para o Banco, hoje PASBC, sendo cogitada também para atuar na área de previdência, ideia que deu origem então à criação da Centrus.

O Banco Central do Brasil proveu as Asbacs com recursos financeiros, liberação de dirigentes e até cedeu imóveis para sua instalação em clubes de lazer e treinamento. Como é atualmente, na época eram dez representações, então denominadas diretorias regionais.

Com o passar dos anos e olhos sempre atentos ao futuro, ajustes foram necessários e uma grande reestruturação ocorreu em 1997, quando, após estudos de um grupo de trabalho conjunto BC/Asbac, uma AGE homologou transformar a Nacional da Asbac numa Federação, desde 4 de janeiro de 1998, mantendo nesta a administração centralizada dos programas nacionais existentes: Seguro de Vida, Consórcios e os Empréstimos Pessoais. Sim, aqueles que foram fonte de inspiração inicial para criar a Associação, além de também respondermos ao BCB, quanto aos imóveis por ele cedidos para funcionamento dos clubes em cada regional.

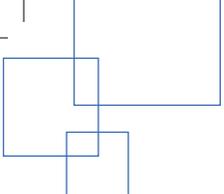
Como homenagem justa e merecida, o Presidente do BCB tornou-se então o Presidente de Honra da Fenasbac.

A Asbac na minha vida

O início de minha caminhada pelo BC foi cheio de surpresas, e uma das mais agradáveis foi a convivência na Asbac. Muito além de um clube, foi a oportunidade de conhecer pessoas que se revelaram eternos amigos. Quantos campeonatos, torcidas, churrascos; tudo regado com muito companheirismo e alegria!

Araci Lopes, Asbac-BSB





Com esta reforma, as dez diretorias regionais das Asbacs foram extintas, sendo criadas dez Asbacs independentes, com total autonomia e filiadas à Federação.

Mais proximamente, em 25 de novembro de 2011 a Federação criou, em Brasília, o Instituto Fenasbac para atuar em gestão corporativa nas áreas de finanças, economia, administração e RH. Hoje já está operando uma representação regional em Porto Alegre.

Com o advento do Jubileu de Ouro do BCB em 2015, a Fenasbac se associou ao Banco, participando das comemorações e patrocinando com exclusividade o Prêmio BC de Economia e Finanças, agora em sua segunda edição.

Assim, mesmo com os ajustes estruturais ao longo do tempo, permanece sólido e em constante crescimento o patrimônio cultural idealizado por aqueles 17 colegas fundadores, trazido até os dias atuais por todos os demais que ajudaram a escrever esta bela história de 50 anos que, tenham certeza, está apenas começando.

Por isto o momento é de comemorar e agradecer, reconhecendo que, com iniciativa, persistência, foco, parcerias estratégicas, sinergia e principalmente interação com o BC, estamos crescendo e construindo novos horizontes a cada dia, capazes de superar todos os desafios que se apresentarem hoje, amanhã e sempre.

Muito obrigado.

Prêmio Fenasbac 50 anos

Cerimônia no Restaurante Francisco Asbac, 27 de abril de 2017, 20 horas

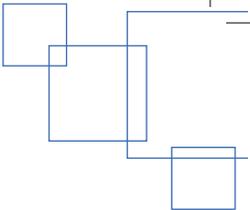
Roteiro de locução

Mestre de Cerimônia: Leticia

Abertura

MC: Senhoras e senhores, boa noite! Em nome da Federação Nacional de Associações dos Servidores do Banco Central – Fenasbac, agradecemos a presença de todos que prestigiam este evento.

O prêmio Fenasbac 50 anos é homenagem às instituições, personalidades, parceiros comerciais, associações regionais, pessoas físicas e jurídicas que colaboraram com as conquistas e desafios vividos pelo sistema federativo Asbac, integrado pela Fenasbac, por suas dez Asbacs filiadas e pelo Instituto Fenasbac, durante toda sua trajetória.



MC: Convidamos o presidente da diretoria executiva da Federação Nacional de Associações dos Servidores do Banco Central – Fenasbac, Paulo Stein, para suas palavras de saudação.

Pronunciamento Fenasbac

MC: Agradecemos as palavras do presidente Paulo Stein, e pedimos que permaneça neste dispositivo.

Entrega dos troféus às instituições

MC: o troféu que simboliza o Prêmio Fenasbac 50 anos é um trabalho de criação da agência B&A Comunicação, e a obra especialmente destinada a nosso cinquentenário, que os agraciados de hoje irão receber, criada pela designer gaúcha Débora Strapasson Pizzolati, foi por ela assim definida:

"Este troféu traz a essência do ser em constante evolução. Sua sólida base representa a raiz capaz de sustentar esse crescimento, onde estão concentrados seus princípios e valores. Em torno destes elementos, surge o movimento que nos impulsiona e desafia a novas e crescentes conquistas, refletindo o brilho dourado de grandes realizações".

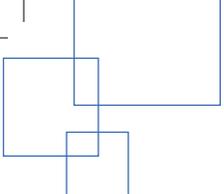
MC: Faremos agora a entrega dos troféus em homenagem aos parceiros institucionais do sistema federativo.

MC: Convidamos para compor o dispositivo, e participar deste ato, a diretora executiva do Instituto Fenasbac, Lucila Simão.

MC: Convidamos igualmente para compor o dispositivo, e participar deste ato, o presidente do Conselho Gestor da Fenasbac, Francisco Paulo Brandão Aragão.

MC: Grandes empresas, organizações e instituições constroem sua atuação em competências, processos e parcerias estratégicas. Buscam crescimento, benefícios recíprocos e sucesso. Alguns de nossos parceiros estratégicos estão aqui hoje representados. Vamos, então, homenageá-los!

MC: Iniciamos esta premiação por uma empresa que atua na área jurídica e contábil, acompanha nossos passos há mais de 18 anos, desde a constituição da Federação. Com muita competência e



qualidade, nos orgulha termos a assessoria contábil e de pessoal nas mãos de excelentes profissionais, sempre atentos às exigências legais, trabalhistas, tributárias e contábeis, valendo registrar a total regularidade fiscal e contábil de nossa Fenasnac em todo esse período.

MC: Para receber a homenagem em nome da Juridicon Soluções Contábeis, convidamos seu sócio-majoritário sr. Daniel Grapeggia.

(Aragão entrega)

MC: De igual forma, a assessoria e consultoria em assuntos de seguros de vida, principal produto desta federação, é muito importante, e podermos contar com este competente parceiro há cerca de 20 anos, é motivo de muito orgulho para nós.

MC: Para receber a homenagem em nome da Executiva Corretora de Seguros, atualmente Mendonça Mahon Corretora de Seguros, convidamos seu diretor executivo, senhor José Luiz de Mendonça Mahon.

(Paulo Stein entrega)

MC: Guardiã de nossas finanças, atendendo o mesmo público-alvo e fiel a seus princípios de excelência e parceria, com forte atuação social e desenvolvimentista, sempre disponível para trocar experiências e colaborar com a Fenabac.

MC: Para receber a homenagem em nome da Cooperforte, convidamos seu presidente, senhor José Valdir Ribeiro dos Reis.

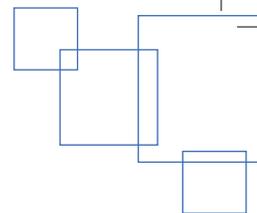
(Lucila entrega)

Entrega dos troféus a personalidades

MC: Sabemos que pessoas são as grandes responsáveis pela interação das organizações e sucesso nas parcerias.

Na instituição Banco Central do Brasil encontramos todos os motivos para destacar esta certificação, o que fizemos em dezembro passado, aqui mesmo neste ambiente.

De igual forma, nas pessoas que iremos premiar, queremos homenagear todos aqueles dirigentes e funcionários que nos brindaram com sua dedicação e competência ao longo destes 50 anos.



MC: Passaremos então a homenagear tais personalidades.

MC: Consultor, educador, colega de Banco Central, parceiro desde os tempos do início de nossas preocupações com o planejamento estratégico, coordenador dos seminários de planejamento conhecidos como Simples, Siga e Crescer, integrante do grupo idealizador do Instituto Fenasbac e tantas outras iniciativas.

MC: Para receber nossa homenagem convidamos o senhor Roberto Alvarenga Horta Barbosa.

(Aragão entrega)

MC: Também consultor, professor, colega de Banco Central, parceiro nos projetos de planejamento estratégico, participante ativo igualmente na criação do Instituto Fenasbac e outras iniciativas.

MC: Para receber a homenagem convidamos o senhor Carlos Roberto Salomão.

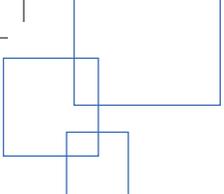
(Paulo entrega)

MC: Por falar em Instituto, não se pode deixar de reconhecer, na competência de sua atuação, o motivo do sucesso na concretização daquela vontade manifestada pelo conselho na criação do braço de educação corporativa da federação. Homem de iniciativa e qualificação habilidade, soube em pouco tempo montar toda a estrutura inicial para operar a empresa que hoje conhecemos como Instituto Fenasbac, agregando amigos que se transformam em colaboradores de primeira hora e hoje constroem o futuro da instituição.

MC: para receber nossa homenagem convidamos o senhor Gerson Bonani.

(Paulo entrega)

MC: Esta especial senhorinha, de uma certa idade que é melhor não declinar, assim como o homenageado anterior e dele parceira no Banco e em outras oportunidades e instituições, traçou os passos iniciais do Instituto. Tudo que constrói ou bota sua mão tem um tanto de carinho, muita dedicação, esmero, refinamento e grande qualidade. Entrega? Sim. Entrega! E normalmente muito mais do que se esperava. Continua atuante em nosso dia a dia, pulsando faiceira ao lado de uma legião de jovens qualificados que atuam junto



ao novo marketing da casa. Se formos listar todas as façanhas, esta solenidade não termina mais.

MC: vem pra cá receber nosso carinho e homenagem Isabel Herminia Egler.

(Lucila entrega)

MC: Profissional qualificada, competente, inquieta e aplicada. Ingressou na instituição com o propósito de ampliar nossa área de atuação, implantar os sistemas de RH e trazer inovação nos projetos de treinamento. A próxima parada? Será com certeza em alguma cidade onde há Sicoob. Meio de transporte? A kombi IFenasbac.

MC: Para receber sua homenagem, venha aqui Emanoelli Falcão – Manú.

(Aragão entrega)

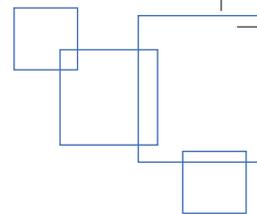
MC: Todo trabalho iniciado deve ser continuado e, quando bem feito, aumenta em muito a responsabilidade de quem o assume. Dona de grande capacidade de integração de equipes, entusiasta das atividades de desenvolvimento pessoal e corporativo, acha tempo e disponibilidade para qualquer novo desafio, arrebatadora seguidores em suas iniciativas, carismática, persuasiva, competente, vibrante, energia de sobra, sorriso fácil, empreendedora. Essa é nossa atual comandante no Instituto.

MC: E ela, como sempre, já está aqui conosco. Receba então nossa homenagem, Lucila Cepeda Simão.

(Paulo entrega)

MC: Zelosa, dedicada, leal, essa colega está conosco desde há muito tempo. Vai fechar 30 anos... de FGTS! Lógico que entrou menininha na Asbac e hoje, uma senhora, digamos, “madura” já fez carreira e tem a responsabilidade de zelar pela correção de procedimentos, dar suporte às áreas operacionais, inclusive recursos financeiros. Fala mansa, personalidade dócil, normalmente busca harmonizar os ambientes por onde transita.

MC: Para receber nossa homenagem, convidamos a diretora de administração e finanças da Fenasbac, sra. Marinalva Corrêa de Castro – Nalva.



(Aragão entrega)

MC: esse colega, egresso do Banco, trouxe consigo qualidade, experiência e retidão de princípios. É organizado, aplicado, rígido nas negociações e dono de um coração enorme. Correção é com ele mesmo. Acompanha o dia a dia da Federação desde sua criação.

MC: convidamos para receber a homenagem o diretor de operações da Fenasbac, senhor Jamil Antonio Helou.

(Lucila entrega)

MC: nosso homenageado participou de todas as gestões da Fenasbac e no apoio de todas Asbacs. Grangeou o respeito e admiração de todos com quem se relacionou, que o têm, em primeiro lugar, como um amigo, e depois, um grande conselheiro e profissional. Grande escudeiro da administração, ninguém se arrisca a alguma decisão sem antes consultá-lo. Já atuou em dantescas lides e sua interação com a instituição é tão intensa que, ao se manifestar nas reuniões do colegiado, invariavelmente conclui: -- voto a favor, ou voto contra. Como ele "ainda" não é conselheiro, todos se olham, sorriem e admitem: valeu, doutor. Já sabemos como votar, neste caso. Competência, probidade, lisura, lealdade e bondade. São poucos estes atributos para defini-lo. Quem o conhece, sabe. O executivo Paulo admite que ama esse homem. Todos já sabem quem é ele.

MC: Para receber nosso carinho e homenagem, convidamos agora o assessor jurídico da Fenasbac, doutor Vandir Aparecido Nascimento.

(Paulo entrega)

MC: Outro nome lembrado. Um colega com atuação marcante na área associativa, ex-dirigente de associações co-irmãs, conselheiro em outras instituições, desportista, jovem de espírito e com uma vitalidade invejável, ainda encontra tempo para ajudar na administração da federação, liderando os colegas Benito Lima Vasconcelos e José Augusto Alves Barros, hoje ausentes mas também homenageados. Este decano tem nosso maior apreço e distinta consideração.

MC: Honrados, convidamos para receber a homenagem o presidente do conselho fiscal da Federação e do Instituto Fenasbac, senhor Walter Gomes de Oliveira.

(Aragão entrega)

MC: esse homenageado, também com passagem pelo Banco Central, já atuou e atua em muitas frentes. Leciona no Brasil e no exterior, participa de bancas examinadoras acadêmicas, foi dirigente em outras organizações, encontrou tempo para se pós doutorar, escreveu livros, atua na advocacia. Certamente já plantou árvores e tem filhos, então está realizado. É possível, mas ainda inquieto, mostra-se disponível para acompanhar os passos desta federação.

MC: convidamos para receber nossa homenagem o presidente do Conselho Gestor da Fenasbac, senhor doutor Francisco Paulo Brandão Aragão.

(Paulo e Lucila entregam)

Foto oficial

MC: neste momento convidamos todos os homenageados a virem à frente para a foto oficial do evento.

Encerramento

MC: está encerrada esta cerimônia.

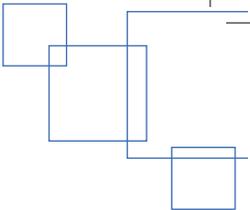
Em nome da Fenasbac e do Instituto Fenasbac, agradecemos a presença de todos e desejamos que desfrutem do jantar que se seguirá. Uma ótima noite!

A Asbac na minha vida

Meu pai era funcionário do BC e eu, dependente, fui associado até os 24 anos. Depois disso, virei contribuinte. Em 2000, fiz concurso e também vim para o BC, tornando-me sócio efetivo. Tenho muitas histórias vividas dentro da Asbac, pois cresci junto com a Associação. A mais importante é ter conhecido minha esposa, Ana Lúcia, nas piscinas do clube: era a professora de natação. Hoje casado e pai de dois filhos, Daniela e João Felipe, temos encontro marcado todo final de semana com a Asbac Brasília. É extensão da nossa casa.

Cláudio Baruzzi, Asbac-BSB





Prêmio Fenasbac 50 Anos - 27 de abril de 2017

Cerimônia celebra reconhecimento

Em clima de comemoração, em 15 de dez 2016, as homenagens foram feitas à diretoria do BC e principais parceiros da Federação e do Instituto Fenasbac

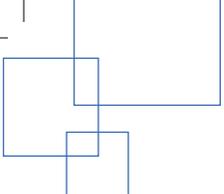
A solenidade em comemoração ao Jubileu de Ouro da Federação Nacional de Associações do Banco Central- Fenasbac, foi marcada pelo sentimento de gratidão. Durante o almoço, no restaurante Dom Francisco, na sede da Asbac em Brasília, todos os convidados tinham algo em comum: fazem parte da história de sucesso do sistema federativo.

As homenagens foram feitas à diretoria do Banco Central e aos principais parceiros da Federação e do Instituto Fenasbac. O troféu, assinado pela designer gaúcha Débora Strapasson Pizzolatti, representa a essência do ser em constante evolução. O presidente Executivo da Federação, Paulo Stein, e a diretora executiva do Instituto Fenasbac, Lucila Simão, premiaram os homenageados e representantes das instituições parceiras.

Em sua fala, Paulo Stein destacou a importância da data. "Mesmo com os ajustes estruturais ao longo do tempo, permanece sólido e em constante crescimento o patrimônio cultural idealizado por aqueles 17 colegas fundadores, trazido até os dias atuais por todos os demais que ajudaram a escrever esta bela história de 50 anos que, tenho certeza, está apenas começando. (...) este é o momento de comemorar e agradecer!"

O Banco Central foi homenageado e seu presidente, Ilan Goldfajn, também presidente de honra da Fenasbac, foi representado pelo secretário executivo Edson Feltrin, que agradeceu as homenagens e destacou a importância do Jubileu de Ouro. "As Asbacs e a Federação vêm ao longo do tempo desenvolvendo um papel importante no relacionamento com o funcionalismo do BC. Eu espero que a rede continue exercendo as atividades que tanto contribuíram com os valores organizacionais."

Há 50 anos, a Federação oferece serviços diferenciados, segurança e credibilidade. Desde sua criação cuidar e zelar pela qualidade de vida dos servidores e associados é uma missão cumprida, com orgulho, todos os dias. O evento proporcionou um momento de reconhecimento, encontros e troca. Todos os homenageados



possuem uma importante participação junto à missão da Fenasbac e do Instituto.

Além das homenagens ao Banco Central e seu corpo diretivo, a Fenasbac fez questão de homenagear instituições parcerias que colaboraram com a construção dessa trajetória.

Personalidades Homenageadas

- **Ilan Goldfajn** (Presidente, Banco Central do Brasil)
- **Luiz Edson Feltrin** (Diretor de Administração, Banco Central do Brasil)
- **Carlos Viana de Carvalho** (Diretor de Política Econômica, Banco Central do Brasil)
- **Isaac Sidney Menezes Ferreira** (Diretor de Relações Institucionais e Cidadania, Banco Central do Brasil)
- **Antônio Carlos Mendes de Oliveira** (Chefe de Departamento de Infraestrutura e Gestão Patrimonial – Banco Central do Brasil)
- **Carolina de Assis Barros** (Chefe de Departamento de Comunicação – Banco Central do Brasil)
- **Danilo Trademar Acosta** (Chefe Adjunto do Departamento de Gestão de Pessoas – representando Nivanete Costa, Depes, Banco Central do Brasil)
- **Juliana Mozachi Sandri** (Chefe da UniBC)

Instituições Homenageadas

- **Banco Central do Brasil** (Márcio Barreira de Ayrosa Moreira, Secretário Executivo)
- **Centrus** (Altamir Lopes, Presidente)
- **Abace** (Cairo Túlio Cordeiro, Presidente)
- **Sinal** (Daro Marcos Piffer, Presidente)
- **AAFBC** (Fernando Ribeiro, Vice-Presidente do Conselho Deliberativo)
- **Sicoob Confederação** (Francisco Reposse Júnior, Diretor Operacional)
- **Sicoob Universidade** (Tatiana Rodrigues, Superintendente Educacional)
- **Sicredi** (Cidmar Luis Stoffer, Diretor Executivo - Cartões, Consórcios e Seguros)
- **Liberty Seguros Brasília** (Danilo Cardoso Lima, Gerente Comercial)
- **Icatu Seguros/Regional DF e Centro-Oeste** (Thales Amaral, Diretor Executivo Comercial)
- **STJ-TuLan** (Solange da Costa Rossi, Secretária de Gestão de Pessoas)
- **Unicorreios** (Marcelo Carlos da Silva, Chefe, Universidade Corporativa dos Correios)



Altamir Lopes, presidente da Centrus, Lucila Simão, Diretora Executiva do Instituto Fenasbac, Paulo Stein, presidente da Fenasbac



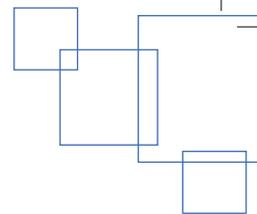
Antônio Carlos Oliveira, Chefe de Departamento de Infraestrutura e Gestão Patrimonial do BC



Danilo Lima, Gerente Comercial da Liberty Seguros de Brasília, Lucila Simão, Diretora Executiva do IFenasbac, Paulo Stein, Presidente da Fenasbac



Lucila Simão, Diretora Executiva do IFenasbac, Isaac Ferreira, Diretor de Relações Institucionais e Cidadania- BC



Concurso Nacional de Fotografia

Olhar sensível e timing predominam entre vencedores

Concurso foi promovido para difundir e valorizar a fotografia como forma de registro da cultura e expressão artística

O tema focalizou aspectos culturais do povo brasileiro, desde os trajes, costumes, até culinária e dança. Os cinco primeiros colocados foram premiados com troféu. Quando associados Asbac, receberam também premiação financeira.

Os integrantes da Comissão Julgadora se reuniram no clube-sede da filiada gaúcha para avaliar as fotos recebidas das diversas representações regionais. Após decisão dos jurados, foram abertos os envelopes contendo a identificação dos participantes do concurso que apontaram os seguintes vencedores:

- 1º lugar:** Maria Máximo Feitosa, de Recife;
- 2º lugar:** José Adilson Rocha da Rosa, de Porto Alegre;
- 3º lugar:** Janine Neutzling da Rosa, de Porto Alegre;
- 4º lugar:** Roberto Nociti Maciel, de Brasília;
- 5º lugar:** José Adilson Rocha da Rosa, de Porto Alegre.

Por serem associados, quatro dos cinco contemplados receberam premiação financeira no montante superior a R\$ 7 mil.

Além destes, o júri conferiu Menção Honrosa a Patrícia Grígio Siqueira, de São Paulo e Luiz Soares de Andrade Filho, de Brasília.

A grande vencedora do concurso, Maria Máximo, conta que ficou muito feliz pela premiação como forma de reconhecimento de seu trabalho. A fotografia dela foi feita na Festa do Divino Espírito Santo, em Alcântara, Maranhão. "A foto expressa a alma e estado de pobreza, mas uma alma espontânea e aberta de enfrentar a vida com alegria e prazer", explica Maria. A servidora aposentada e associada Asbac desde 1979 ainda ressalta sua torcida para que a Fenasbac continue incentivando os talentos do Banco Central. "Convido os colegas servidores para que participem de ações como essa, porque o BC está repleto de talentos", completa Maria.

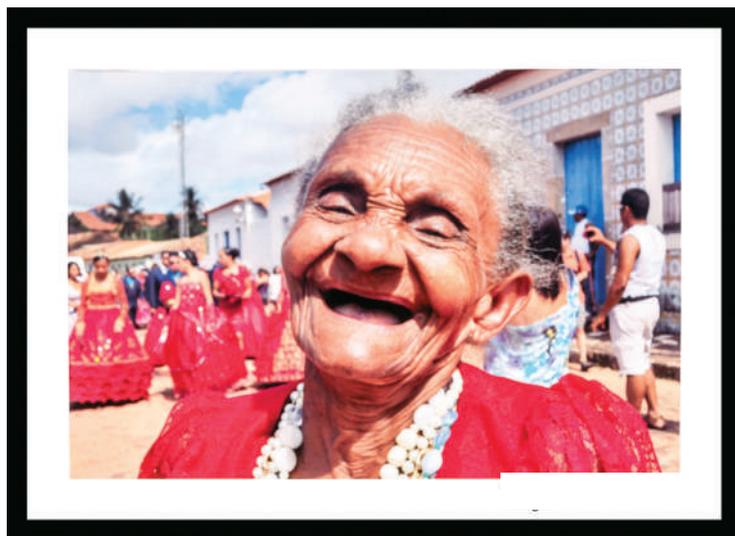
Em entrevista, o fotógrafo do Banco Central que foi classificado em 4º lugar, Roberto Nociti, revela a surpresa em receber o resultado. "Eu não esperava ganhar, acreditava que a concorrência seria grande, afinal outros estados do Brasil têm uma riqueza cultural tão

vasta". Nociti ressalta ainda a organização do Concurso e a temática estabelecida: "uma iniciativa deste tamanho, de caráter nacional, foi bem estruturada, impecável e parabenizo a Fenabac pela qualidade da ação. Explorar a cultura e o povo brasileiro foi uma proposta com valor muito significativo".

O júri foi composto por Clara Figueira, artista plástica e integrante do Grupo de Artes da AABB Porto Alegre; Hidalgo Adams, artista plástico e escultor, autor da obra Glacial, com a qual a Fenabac homenageou o Banco Central do Brasil nas comemorações de seu cinquentenário; João Miguel Lanita, tecnólogo em fotografia, fotógrafo e professor de fotografia; Antônio Carlos Grandini Dias, fotógrafo amador e servidor aposentado do Banco Central, premiado em diversos concursos e participante de várias exposições de fotografias; e Manoel José Pereira Dias, Presidente Executivo da Asbac Porto Alegre e servidor aposentado do Banco Central.

As fotografias premiadas foram expostas inicialmente no Banco Central em Porto Alegre, em conjunto à Mostra de trabalhos dos componentes do Júri, de 18 a 29 de julho de 2017. Em seguida, percorreu outras regionais que manifestaram interesse.

A Fenabac registra seu especial agradecimento pela participação de todos que enviaram fotos, enaltecendo a inestimável colaboração dos jurados que qualificaram o certame nacional, bem como a coordenação e realização da Asbac Porto Alegre.



Maria Máximo Feitosa, 1º lugar

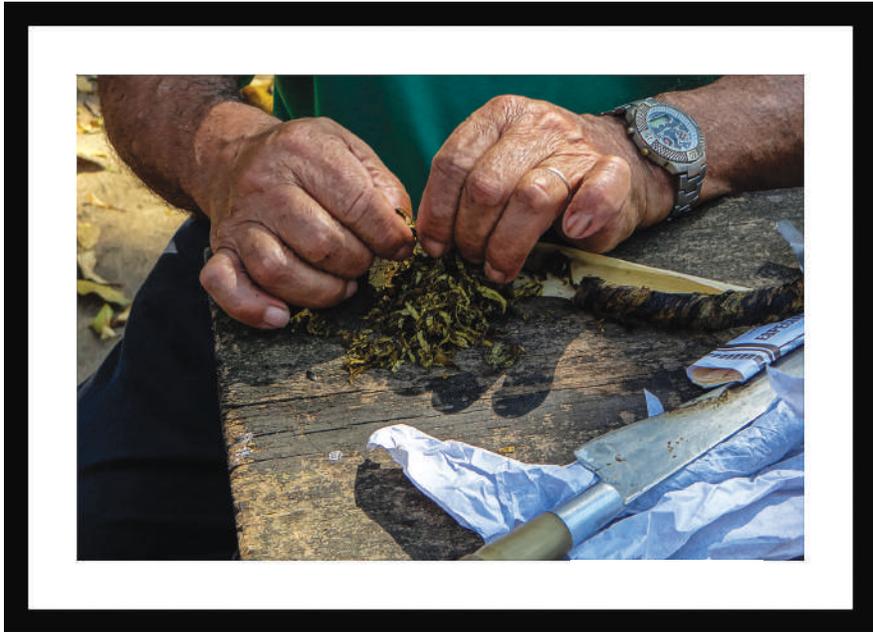
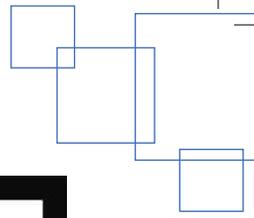


Foto de José Adilson Rosa, 2º lugar



Foto de Janine Neutzling, 3º lugar



Foto de Roberto Maciel, 4º lugar



Foto de José Adilson Rosa, 5º lugar

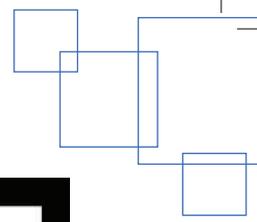
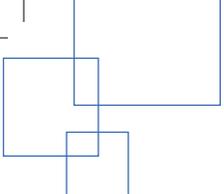


Foto de Luiz Andrade Filho, menção honrosa



Foto de Patrícia Grégio, menção honrosa



Prêmio BC de Economia e Finanças

Evento se insere entre os maiores de Economia

Segunda edição do concurso, que teve como tema a estabilidade financeira, o consolida como referência na área

Para aperfeiçoar, valorizar e estimular a pesquisa na área da ciência econômica, a Fenasbac – Federação de Associações dos Servidores do Banco Central uniu forças com o Banco Central para promover uma das principais premiações acadêmicas focadas na economia. O prêmio, que teve sua primeira edição em 2015/16, celebra parceria voltada para trabalhos acadêmicos inéditos de autoria individual ou coletiva, e objetivo de reconhecer e estimular a produção de pesquisas de qualidade e com aplicabilidade.

Paulo Stein falou do orgulho da Fenasbac, que comemora seu Jubileu de Ouro, em patrocinar o prêmio. Da criação das Associações em 1966, pelo Banco Central, à formação da Federação em 1998, a parceria entre BC e a Fenasbac completa 50 anos. "É motivo de satisfação o convite para nossa participação no incentivo do Prêmio Banco Central de Economia e Finanças, num claro reconhecimento desse elo institucional" disse Stein.

O presidente do Conselho Gestor da Fenasbac, Paulo Aragão, que participou da primeira comissão julgadora e elogiou a qualidade das monografias. "Foram trabalhos inscritos de alto teor e valor científico, em termos acadêmicos e metodológicos".

O resultado oficial da segunda edição do Prêmio Banco Central de Economia e Finanças já foi publicado pelo BC. Os vencedores levaram o mérito com pesquisas que seguiam o tema escolhido para este ano: Estabilidade Financeira.

Além de fomentar estudos acerca das relações entre indivíduos e organizações no ponto de vista de produção, troca, consumo de mercadorias, investimentos, negociações e serviços de bem em geral, esses estudos são de extrema importância para que seja possível prever comportamentos, decisões, estratégias e propor soluções.

A premiação tem o patrocínio da Fenasbac, com valores de R\$ 20 mil para o 1º colocado, R\$ 10 mil ao 2º e R\$ 5 mil ao 3º. O regulamento do Prêmio está disponível na página online do Banco Central. Além da premiação em dinheiro, os três primeiros colocados também receberam certificado e suas monografias foram publicadas eletronicamente.

A Asbac na minha vida

Para minha família, a Asbac sempre cumpriu seu papel de integração entre os colegas e seus familiares, seja nos esportes, festas e até concursos de beleza juvenis, que minhas filhas tiveram o prazer de participar

Gustavo Saboia de Melo, Asbac-POA



Classificação

1º colocado

Samer Fathi Shousha

"International Reserves, Credit Constraints, and Systemic Sudden Stops"

"Reservas internacionais, restrições de crédito e paradas repentinas sistêmicas"

2º colocado

Thiago Christiano Silva, Solange Maria Guerra,

Michel Alexandre da Silva e Benjamin Miranda Tabak

"Measuring Systemic Risk under Monetary Policy Shocks: a network approach"

"Medição do risco sistêmico sob choques de política monetária: Uma abordagem de rede"

3º colocado

Jorge Luis Ponce Moreno, Carlos Eduardo Serafin

Frache Derregibus e Javier García-Cicco

"Countercyclical Prudential Tools in An Estimated DSGE Model"

"Ferramentas prudenciais anticíclicas em um modelo DSGE estimado"

A solenidade de entrega dos prêmios ocorreu em 9 de agosto de 2017, por ocasião do "XII Seminário sobre Riscos, Estabilidade Financeira e Economia Bancária do Banco Central do Brasil", em São Paulo.

Primeiros vencedores

A primeira edição do Prêmio BC de Economia e finanças teve solenidade de entrega dos prêmios por ocasião do "XI Seminário sobre Riscos, Estabilidade Financeira e Economia Bancária do Banco Central do Brasil", em 12 de agosto de 2016.

Para participação na cerimônia de premiação, foram fornecidas diárias e passagens, em território nacional, ao autor ou ao representante do grupo autor de trabalho premiado, desde que não residentes na cidade de São Paulo/SP. Foram estes os agraciados:

1º colocado

Bruno Silva Martins e Marco Antônio César Bonomo

"The impact of Government-driven loans in the Monetary Transmission Mechanism: what can we learn from firm level data?"

2º colocado

Fábio Martins Serrano e Márcio Issao Nakane

"Impacto regional da política monetária no Brasil: uma abordagem Bayesiana"

3º colocado

Éderson Luiz Schumanski

"Asymmetric Price and Wage Rigidity in Brazil: Estimation of a DSGE Model via Particle Filter"

4º colocado, com concessão de menção honrosa

João Barata Ribeiro Blanco Barroso

"Quantitative Easing and United States Investor Portfolio Rebalancing Towards Foreign Assets"

Além dos certificados, os vencedores receberam incentivos financeiros nos valores de: **1º lugar: R\$ 20.000,00**; **2º lugar: R\$ 10.000,00**; **3º lugar: R\$ 5.000,00**, além de terem os trabalhos publicados em formato eletrônico.



Paulo Stein, Presidente da Fenasbac, premia Fábio Martins, 2º lugar em 2016



Paulo Stein, Presidente da Fenasbac, premia Éderson Luiz, 3º lugar em 2016



Paulo Stein, Presidente da Fenasbac, ao lado dos vencedores em 2017, e Carlos Viana, Diretor de Política Econômica do BC



Paulo Aragão, Presidente do C.A.da Federação, Paulo Stein, Presidente da Fenasbac, Júlio Leite Cardoso, Presidente do Conselho Fiscal da Asbac- BSB, Antônio Gustavo do Vale, ex- Diretor de Liquidações e Desestatização do BC, e Lucila Simão, Diretora Executiva do IFenasbac, durante a cerimônia de 2017

Comentários, observações, refinamentos e correções,
escrever para fenasbac@fenasbac.com.br